

ESCRITOS ESPIRITUAIS DE SÃO JOÃO BOSCO

coordenação de **JOSEPH AUBRY**

**EDITORIAL DOM BOSCO
SÃO PAULO**



Escritos Espirituais de São João Bosco

**Introdução, escolha dos textos e notas
por Joseph Aubry, salesiano**

EDITORA SALESIANA DOM BOSCO

Título do original italiano:

GIOVANNI BOSCO — SCRITTI SPIRITUALI

Tradução do P. Fausto Santa Catarina sdb

Em memória
do meu irmão salesiano
Pietro Conconi

*Aos meus irmãos e irmãs
mais jovens
da Família salesiana*

Siglas e abreviações

- Arquivo = designa sempre o Arquivo Central Salesiano (Roma, Casa Geral).
- Epist.* I, 48 = E. Ceria, *Epistolario di S. Giovanni Bosco*, SEI, Torino, vol. I, p. 48. Foram publicados 4 volumes, 1955-1959.
- MB* VII, 126 = *Memorie Biografiche del Venerabile Don Giovanni Bosco*, Torino, vol. VII, p. 126. Foram publicados 19 volumes, aos cuidados de G. B. Lemoyne (vols. I-IX, 1898-1917), A. Amadei (vol. X, 1939) e E. Ceria (vols. XI-XIX, 1930-1939).
- MO* = *S. Giovanni Bosco, Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*, ed. E. Ceria, SEI, Torino 1946.
- P. Stella, *Don Bosco nella storia* II, 324 = P. Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, PAS-Verlag, vol. II, Zürich 1969, p. 324
Cf. a *Nota bibliografica*, p. 52

Dados biográficos

- 1815 Nascimento de João Bosco nos Becchi (Asti), 16 de agosto.
- 1835 Entrada no seminário maior de Chieri.
- 1841 Ordenação sacerdotal em Turim, 5 de junho. — Estudante no *Convitto Ecclesiastico* de Turim, onde escolhe o P. José Cafasso como confessor.

A) *Primeira etapa das obras juvenis*

- 1841 Início da obra em favor dos jovens aprendizes abandonados, 8 de dezembro.
- 1844 Biografia do clérigo L. Comollo, primeira publicação de Dom Bosco.
- 1845 *Storia Ecclesiastica* para uso das escolas.
- 1846 Dom Bosco estabiliza sua obra no Oratório S. Francisco de Sales no bairro de Valdocco. — Grave enfermidade. — Sua mãe vem para ajudá-lo em Valdocco. (Início do pontificado de Pio IX).
- 1847 “Casa anexa” ao Oratório: pensionato para aprendizes e estudantes — *Storia Sacra* para uso das escolas.

B) *Defesa da fé da classe popular*

- 1848 Reformas constitucionais no Piemonte em sentido liberal (*Statuto*). Propaganda valdense (Supressão dos conventos em 1855).
- 1850 Início dos cursos secundários para internos em Valdocco em favor dos futuros sacerdotes.
- 1852 Inauguração da Igreja de S. Francisco de Sales em Valdocco.
- 1853 Fundação das *Lecture Cattoliche* mensais. — Primeiras escolas profissionais.

- 1854 Domingos Sávio entra no Oratório (29 de out.). Morrerá em Mondonio a 9 de março de 1857. — *Il Galantuomo*, almanaque nacional.
- 1856 *Storia d'Italia* narrada à juventude. — Morte de Mamãe Margarida, 25 de nov.
- 1857 Miguel Magone entra no Oratório. Nele morrerá a 21 de janeiro de 1859.

C) *Fundação das duas Sociedades salesianas*

- 1858 Primeira viagem a Roma para apresentar a Pio IX o primeiro projeto da Sociedade salesiana.
- 1859 Fundação (de forma privada) da Sociedade salesiana, 18 de dezembro.
- 1860 Morte do P. Cafasso, confessor e conselheiro de Dom Bosco, 23 de junho. — Ordenação do P. Rua, 29 de julho.
- 1862 Votos públicos dos 22 primeiros Salesianos, 14 de maio. — Abertura das oficinas de tipografia e impressão.
- 1863-64 Primeiros colégios salesianos fora de Turim: Mirabello e Lanzo.
- 1864 Decreto de louvor da Sociedade salesiana, 23 de julho — Primeiro encontro com Maria Domingas Mazzarello em Mornese, 8 de outubro.
- 1868 Consagração da igreja de Maria Auxiliadora em Turim-Valdocco, 9 de junho (iniciada em 1864).
- 1869 Decreto de aprovação da Sociedade salesiana, 1.º de março. — Início da *Biblioteca della gioventù italiana*.
- 1870 Dom Bosco defende em Roma a infalibilidade do Papa. — Fundação do colégio de Alassio.
- 1871 Fundação das obras de Sampierdarena e de Varazze. — Grave doença de Dom Bosco em Varazze (dezembro).
- 1871-74 Dom Bosco mediador entre a Santa Sé e o novo Reino da Itália para a nomeação dos bispos.
- 1872 Fundação do Instituto das *Filhas de Maria Auxiliadora* em Mornese, 5 de agosto. Madre Mazzarello havia sido eleita primeira superiora a 29 de janeiro.
- 1874 Aprovação das *Constituições* salesianas, 3 de abril.
- 1875 Fundação da *Obra de Maria Auxiliadora* para as vocações eclesiásticas adultas (Filhos de Maria).

D) *Expansão mundial*

- 1875 Fundação da primeira obra fora da Itália, em Nice, França, a 9 de novembro. — Partida dos *primeiros missionários salesianos* para a Argentina, a 11 de novembro.

- 1876 Fundação dos *Cooperadores salesianos* (Breve de Pio IX, 9 de maio. Primeiro Regulamento, julho).
- 1877 Fundação do *Bollettino Salesiano*, setembro primeiro título: *Il Bibliofilo Cattolico*. — Primeiro Capítulo geral da sociedade salesiana. — Partida das primeiras Filhas de Maria Auxiliadora para a Argentina. — Os Salesianos entram no Uruguai.
- 1878 Morte de Pio IX. — Fundação de duas obras na França (Marselha, La Navarre).
- 1879 Início da missão da Patagônia. — Primeira obra na Sicília (Randazzo).
- 1879-82 Clímax das dificuldades com o arcebispo Dom Gastaldi.
- 1880 Dom Bosco recebe de Leão XIII o encargo de continuar a construção da igreja do Sagrado Coração em Roma.
- 1881 Fundação da primeira obra salesiana na Espanha, em Utrera (Sevilha). — Obras salesianas em Florença e em Faenza. — Morte de Madre Mazzarello, 14 de maio.
- 1882 Consagração da igreja de S. João Evangelista em Turim.
- 1883 Viagem triunfal a Paris. — Os Salesianos entram no Brasil (Niterói, RJ).
- 1884 Fundação de uma nova obra na Espanha (Barcelona) e de duas novas na França (Lille, Paris). — Comunicação dos privilégios à Sociedade salesiana, 28 de julho. — Dom Cagliero, primeiro bispo salesiano (consagrado a 7 de dezembro).
- 1885 A pedido de Leão XIII, Dom Bosco escolhe o P. Rua para sucessor.
- 1886 Viagem à Espanha. — Início da missão da Terra do Fogo.
- 1887 Última viagem a Roma. Consagração da igreja do Sagrado Coração (maio) e fundação do internato anexo. — Os Salesianos entram na Inglaterra (Londres) e no Chile (Concepción). — Última missa de Dom Bosco, 11 de dezembro.
- 1888 Morte de Dom Bosco em Valdocco, 31 de janeiro. — Três dias antes, os Salesianos haviam entrado no Equador.
- 1929 Beatificação de Dom Bosco, 2 de junho.
- 1934 Canonização de Dom Bosco, 1.º de abril (Páscoa).
- 1951 Canonização de Madre Maria Domingas Mazzarello, 24 de junho.
- 1954 Canonização de Domingos Sávio, 12 de junho.
- 1972 Beatificação do P. Miguel Rua, 29 de outubro.

Cronologia dos principais escritos de Dom Bosco citados nesta antologia

- 1846 *Esercizio di divozione alla misericordia di Dio*
- 1847 *Il Giovane Provveduto per la pratica dei suoi doveri*
- 1856 *La Chiave del Paradiso in mano al cattolico che pratica i doveri di buon cristiano*
- 1858 *Il mese di maggio consacrato a Maria SS. Immacolata*
- 1858-74 *Diversos esboços e redações das Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales*
- 1859 *Vita del giovanetto Savio Domenico*
- 1861 *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele*
- 1863 *Ricordi confidenziali a Don Rua*
- 1864 *Il Pastorello delle Alpi, ovvero del giovane Besucco Francesco*
- 1868 *Panegirico di san Filippo Neri*
- 1873 *Dom Bosco começa a escrever as Memorie dell'Oratorio*
- 1875 *Introduzione alle Costituzioni. — Ricordi ai missionari*
- 1876 *Cooperatori Salesiani (Regulamento) (precedido, em 1874-75, por Associati alla Congregazione di S. Francesco di Sales)*
- 1878 *(Deliberazioni del Capitolo Generale della Pia Società Salesiana tenuto a Lanzo nel sett. 1877)*
- 1884 *Dom Bosco começa a escrever o seu "Testamento espiritual".*

N. B. Os trechos escolhidos foram numerados a fim de facilitar as referências.

INTRODUÇÃO

I. Um mestre espiritual

É Dom Bosco um "escritor espiritual"? Certamente não. "Mestre espiritual"? Certamente sim.

Nas duas afirmações deparam-se a um tempo a razão de ser e a dificuldade desta obra.

Dom Bosco mestre espiritual

Começamos pela segunda afirmação: Dom Bosco é um dos tantos mestres espirituais que Deus se dignou conceder à sua Igreja. Para a imaginação popular, Dom Bosco é o padre dinâmico que consagrou sua vida aos jovens mais pobres e fundou para eles a Sociedade salesiana. Para o cristão um pouco mais bem informado, é o fundador das Filhas de Maria Auxiliadora e dos Cooperadores Salesianos, o autor de um método de educação particularmente eficaz, um dos padres do século XIX que viveu na forma mais dolorosa mas também mais positiva o drama da unidade italiana, enfim, um dos maiores servidores da Igreja no campo missionário. Mas para quem entrou em contato direto e pessoal com ele, lendo-lhe a vida e os escritos, apresenta-se como um homem providencial que abriu na Igreja uma corrente carismática, um mestre capaz de inspirar a grande número de cristãos, de qualquer estado e condição, um estilo original de vida cristã e de santidade.

E também de santidade oficialmente reconhecida pela Igreja. Santa Maria Domingas Mazzarello, São Domingos Sávio, o Bem-aventurado Miguel Rua e outros dezesseis discípulos seus, cuja causa foi introduzida em Roma (sem contar a centena de vítimas da perseguição espanhola), dizem claramente que seguir a Dom Bosco pode levar bem longe no caminho da perfeição cristã⁽¹⁾. Disseram-no expressamente os papas, sobretudo por ocasião das etapas de uma ou outra causa. Pio XII, por exemplo, no decreto *de tuto* para a beatificação de Madre Mazzarello, fala de S. João Bosco "o sapientíssimo doutor sob cujo magistério foi ela conduzida ao cume mais elevado da perfeição cristã e

(1) Damos a lista das causas introduzidas. *Dois bispos*: Dom Luís Versiglia (1873-1930), nascido em Oiva Gessi (Pavia), vigário apostólico de Shiu Chow, China, trucidado; e Dom Luís Olivares (1873-1943), nascido em Corbetta (Milão), pároco em Roma, posteriormente bispo de Sutri e Ncpi. *Um prefeito apostólico*: Mons. Vicente Cimatti (1879-1965), nascido em Faença, prefeito apostólico de Miazaki, Japão. *Um Reitor-Mor*: P. Filipe Rinaldi (1856-1931), nascido em Lu Monferrato, terceiro sucessor de Dom Bosco a partir de 1922. *Seis sacerdotes*: o Venerável P. André Beltrami (1870-1897), nascido em Omegna (lago d'Orta), recebido na congregação por Dom Bosco em 1887, falecido em Turim-Valsalice; P. Augusto Czartoryski (1858-1893), príncipe polonês que encontrou Dom Bosco em Paris em 1883, e recebeu de suas mãos a batina a 24 de nov. de 1887; P. Luís Variara (1875-1926), de Monferrato, missionário entre os leprosos de Agua de Dios, Colômbia, fundador das "Filhas dos Sagrados Corações"; P. Calisto Caravario (1903-1930), de Cuornè, assassinado juntamente com Dom Versiglia, na China; P. Luís Mertens (1864-1920), nascido em Bruxelas, pároco em Liège; e P. Rodolfo Komórck (1890-1949), polonês, em terras brasileiras. *Um coadjutor*: Simão Srugli (1877-1943), libanês, nascido em Nazaré, falecido em Beitgemal. *Dois irmãs salesianas*: Ir. Teresa Valsè-Pantellini (1878-1907), nascida em Milão, falecida em Turim; e Madre Madalena Morano (1847-1908), nascida em Chicri, inspetora na Sicília. *Dois Cooperadoras*: Dona Dorotéia Chopitea (1816-1891), insigne benfeitora de Barcelona; e Alexandrina da Costa (1904-1955), de Balazar, Portugal. *Dois alunos salesianos*: o Venerável Zeferino Namuncurá (1886-1916), filho do último cacique do pampa argentino, falecido como estudante em Roma; e Laura Vicuña (1891-1904), nascida em Santiago, Chile, falecida em Junín, Argentina. Por fim 97 vítimas da revolução espanhola (1936-1939), sacerdotes, clérigos, Filhas de Maria Auxiliadora, aspirantes e Cooperadores, mortos em três grupos nas regiões de Barcelona-Valença, Sevilha, e Madri-Bilbao. Entre eles, o P. José Calasanz, inspetor. Cf. Don L. Castano, *Santità salesiana. Profili dei Santi e Servi di Dio della tripla Famiglia di San Giovanni Bosco*, SEI, Torino 1966, p. 424.

religiosa" (2). O mesmo pontífice dirá mais tarde aos Cooperadores: "À vossa vida interior bem proveu a sabedoria do santo da ação, legando-vos, como também à sua dúplice família dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora, *uma regra de vida espiritual*, destinada a formar em vós, embora sem vida comum, a religiosidade interna e externa de quem faz próprio, no seu mundo familiar e social, o trabalho... da perfeição cristã" (3). É um fato. Dom Bosco tem numerosa posteridade (4).

Mas, Dom Bosco, pessoalmente, que pensava a respeito? Não devemos esperar que, na sua humildade, se apresentasse como "mestre e doutor". Desejava entretanto divulgar de fato um "método de vida cristã". Exigia com insistência que, no conjunto da sua família (Salesianos, Irmãs salesianas, Cooperadores, jovens das suas casas), um mesmo "espírito" dirigisse almas, corações, procedimento exterior. Para tanto reivindicava, com persistente firmeza, a autonomia, a liberdade de ação, a possibilidade de fazer chegar por toda a parte suas diretrizes, ao ponto de haver quem o acusasse de tendência a excessiva centralização. Tinha convicções não somente pedagógicas mas também espirituais; e o temperamento inato de chefe, como ainda o fascínio que exercia graças à abundante riqueza dos seus dons, levaram-no a gravar poderosamente sua marca nas

(2) "... sapientissimum ei largiendo doctorem, sanctum Joannem Bosco, sub cuius magisterio ad christianae et religiosae perfectionis culmen fuit adducta" (*Acta Apostolicae Sedis*, 30 [agosto de 1938], p. 272).

(3) Discurso do dia 12 de setembro de 1952. *Acta Apost. Sedis*, 44 (outubro de 1952), p. 778. Citamos também as palavras dirigidas por Pio XI dia 16 de novembro de 1929 a um grupo de guias alpinos aos quais presenteara com uma medalha de Dom Bosco: "Não é sem motivo que queremos que conserveis esta singela lembrança. Pois Dom Bosco foi um grande guia espiritual. Que ele vele sobre vós e vos proteja nas horas da mais dura escalada: que vos faça subir os mais elevados cumes espirituais com o mesmo bom êxito com que conquistais o cimo das montanhas" ("*L'Osservatore Romano*", 17 de novembro de 1929).

(4) A liturgia da sua festa (31 de janeiro), na redação anterior, não reccou aplicar a ele o que S. Paulo lembra a propósito de Abraão em Rom 4,18: "Esperando, contra toda a esperança, Abraão teve fê, e tornou-se pai de muitas nações, segundo o que lhe fora dito: assim será a tua descendência".

diversas categorias de discípulos. Estes por outra parte estavam de todo dispostos a recebê-la: basta pensar de modo particular no fato — certamente raro entre os fundadores — que ele mesmo plasmou os primeiros colaboradores, que mal saíam da adolescência, escolhendo-os nas fileiras dos seus meninos; e pôde modelar, durante quarenta e três anos, o seu primeiro sucessor, Miguel Rua ⁽⁵⁾.

Existe, pois, uma espiritualidade “salesiana de Dom Bosco” que, inspirando-se embora na de São Francisco de Sales, não é apenas simples prolongamento dela.

Mas não é um autor espiritual

Permite-nos essa afirmação afrontar o outro aspecto do problema: Dom Bosco é um mestre espiritual, não é, todavia, um “autor espiritual”. Não escreveu nada que se possa comparar ao *Tratado do amor de Deus* nem à *Introdução à vida devota*. Nem é possível encontrar em seus escritos páginas análogas às do *Conto de um peregrino* ou da *História de uma alma*. Dom Bosco nada tem de teólogo especulativo, e é avesso à introspecção espiritual.

Inteligência extremamente viva, Dom Bosco é sempre o campônio piemontês, mais sensível à experiência que às idéias. Desde o seminário, suas preferências voltam-se sempre para as ciências positivas: a Sagrada Escritura e a história da Igreja. Quando empunha a pena — um dos apostolados principais de sua longa vida — não é nunca para escrever tratados, mas para “falar” aos seus jovens, à gente do povo, aos seus Salesianos ou aos seus Cooperadores, e para propor-lhes uma doutrina simples, conselhos práticos, exemplos

(5) O próprio Dom Bosco notou a importância de tal homogeneidade: “Todas as outras Congregações foram, em seus inícios, ajudadas por pessoas doutas... que se associavam ao fundador. Não assim conosco: são todos alunos de Dom Bosco. Isso custou-me um trabalho muito cansativo e contínuo de cerca de trinta anos, com a vantagem, porém, que, educados todos por Dom Bosco, têm de Dom Bosco os mesmos métodos e sistemas” (conversa com o P. Barberis, crônica do próprio P. Barberis, 17 de maio de 1876; cf. MB XIII, 221).

concretos, que têm toda a aparência de serem “ordinários”, mas que não deixam de trazer o sinal de suas mais profundas convicções e vivas exortações. Sua doutrina espiritual mostra-se como envolta na bonomia de escritor popular, e seus diversos elementos espalham-se em dúzias de opúsculos, sem nenhuma pretensão especulativa ou literária. E quando tenta uma sistematização de princípios, parece perder a inspiração, e os manuscritos se enchem de incontáveis retoques.

O lugar por excelência da sua doutrina é precisamente a sua vida, é a sua experiência espiritual, extremamente rica, de um dos maiores carismáticos da Igreja. Mesmo aqui, porém, não estamos muito bem servidos. Quase nada revelou da sua vida mais profunda. E isso, quer por causa do seu temperamento (experimenta, sem a preocupação de análise posterior), quer em virtude de natural reserva (receia desviar a atenção para o instrumento em prejuízo dAquele que o usa), e talvez também por falta de meios de interpretação e expressão (não lhe é muito familiar a literatura mística, e tampouco se mostra disposto a acrescê-la).

Possuímos não obstante elementos autobiográficos de relevante interesse, e mais ainda, notável número de cartas nas quais deixa transparecer suas propensões espirituais. Mas, como já notamos, é preciso colher a doutrina no invólucro de uma narração concreta ou através de anotações sempre muito rápidas.

Tais reflexões ajudarão a compreender o caráter desta antologia. Os textos escolhidos são numerosos, e na maioria das vezes muito breves. Nada que se compare à narrativa ordenada de Agostinho nas suas *Confissões* ou às efusões espirituais de um Padre de Foucauld nas suas *Meditações*. Dom Bosco não teve tempo para sentar-se longas horas à escurinha a fim de redigir pensamentos longamente amadurecidos. Ditadas por preocupações pastorais imediatas e sugeridas por circunstâncias a seu ver favoráveis (e isso por bem quarenta anos), as páginas espirituais que nos deixou pertencem aos mais variados gêneros literários. A leitura lucra assim em facilidade e interesse.

Justamente por isso é Dom Bosco um dos mestres espirituais mais acessíveis.

II. As obras escritas que oferecem um conteúdo espiritual

É preciso distinguir imediatamente com clareza as obras que o próprio Dom Bosco publicou, e as obras manuscritas, publicadas ou não depois de sua morte.

As obras publicadas por Dom Bosco

Muito escreveu Dom Bosco e muito publicou. A divulgação de livros populares, já o notamos, foi uma de suas principais atividades pastorais, particularmente mediante a publicação mensal das *Letture Cattoliche* a partir de 1853. Um catálogo completo e criticamente seguro das suas obras não existe ainda infelizmente. Enquanto aguardamos a publicação ⁽⁶⁾, servimo-nos de algumas listas suficientemente válidas. A melhor é a que o P. Francis Desramaut colocou no fim de sua obra: *Don Bosco e la vita spirituale* (LDC, Turim 1970), às páginas 280-296 ⁽⁷⁾. Podemos dizer, sem medo de engano, que Dom Bosco escreveu pelo menos uma centena de obras, com a média de cem páginas cada uma.

Podem-se comodamente distribuir em quatro grupos ou categorias, correspondentes mais ou menos a quatro gêneros literários ⁽⁸⁾. Vamos apontá-los rapidamente, para que o leitor possa desde já tomar conhecimento, de modo sumário, de que categoria de obras foram escolhidos os trechos aqui publicados.

1. *As obras escolares.* — Para os alunos das escolas noturnas e das escolas públicas, Dom Bosco escreveu (além de um livro de aritmética, *Il sistema metrico decimale, 1846?*), três

(6) P. Pedro Stella, professor de história na Universidade Pontifícia Salesiana de Roma e autor de diversas obras sobre Dom Bosco, está para publicá-lo nos Estudos históricos do "Centro Studi Don Bosco": *Gli scritti a stampa di San Giovanni Bosco*. Cf. p. 24, nota 9.

(7) A lista dos escritos impressos de Dom Bosco foi feita pela primeira vez em P. Ricaldone, *Don Bosco educatore*, vol. II, Colle Don Bosco (Asti) 1952, pp. 631-650 (153 números e 16 números "prováveis"); mas contém, além de perto de vinte erros, muitas lacunas e algumas atribuições erradas. Inspirou a lista publicada por P. Braido, *San Giovanni Bosco. Scritti sul sistema preventivo nell'educazione della gioventù*, La Scuola, Brescia 1965, pp. XV-XXV (105 números aos quais se devem acrescentar os 17 fascículos das *Letture Cattoliche* sobre a vida dos papas). O P. Desramaut distingue, com inteligente prudência, três séries: as publicações assinadas e reconhecidas por Dom Bosco (83 números, n. 5-87), as anônimas apresentadas ou ao menos revistas por ele (26 números), as de origem imperfeitamente determinada (muitas vezes anônimas), mas muitas vezes atribuídas a Dom Bosco (38 números). Ao todo, 147 números.

livros de história: *Storia Ecclesiastica* (1845), *Storia Sacra* (1847) e *Storia d'Italia* (1855). São páginas de um educador que narra com clareza e põe em evidência episódios e personagens capazes de alimentar o sentido religioso e moral dos leitores.

2. *Biografias e contos*. — No gênero biográfico é que Dom Bosco se sentia mais à vontade. Cultivou-o em três formas. Em consonância com a sua *Storia Ecclesiastica*, publicou vidas de santos personagens de outrora, na maioria canonizados: S. Martinho (1855), S. Pancrácio, S. Pedro (1856), S. Paulo (1857), os papas dos três primeiros séculos (1857-1864), a bem-aventurada Catarina de Raconigi (1862), etc., compilações sem grande valor crítico, psicológico ou literário.

Dom Bosco é muito mais ele mesmo nas biografias edificantes de contemporâneos, ligadas de modo especial aos ambientes colegiais e eclesiásticos: *Vite* ou *Cenni storici* do seu colega Luís Comollo (seu primeiro livro, 1844) e dos seus queridos alunos Domingos Sávio (1859), Miguel Magone (1861) e Francisco Besucco (1864), do seu amigo e confessor José Cafasso (1860), de Angelina "a orfãzinha dos Apeninos" (1869). No frágil enredo biográfico apoiado em poucos dados cronológicos, coloca episódios classificados de conformidade com o esquema das virtudes no estudo da moral: vê-se como é possível nesses trabalhos encontrar interessantes elementos de doutrina espiritual.

Por fim, ao lado dessas biografias, deixou-nos diversos contos que lhe apraz chamar de "amenos", cujo fundo é dado como histórico. A *Conversione di un Valdese* (1854), *Pietro ossia la forza della buona educazione* (1855), a *Novella amena di un vecchio soldato di Napoleone I* (1862), *Valentino o la vocazione impedita* (1866), etc., e mesmo *La Casa della fortuna, rappresentazione drammatica* (1865) são histórias agradavelmente edificantes, mas de conteúdo um tanto frágil.

3. *Trabalhos de apologética, doutrina e devoção*. — O proselitismo protestante e a propaganda anticlerical, que entre 1850 e 1860 assumiram grande vulto, levaram Dom Bosco não à polémica direta, mas à defesa da religião católica, em publicações populares em que se misturaram, em doses diversas, apologética e exposição doutrinal: *Avvisi ai cattolici* (1850), *Il Cattolico istruito nella sua Religione* (1853), *Una disputa tra un avvocato e un ministro protestante* (1853), etc. Outros acontecimentos, como o jubileu ou o concílio Vaticano I, proporcionaram-lhe ocasião para exaltar a Igreja: *Il Giubileo* (1854), *Porta teco, cristiano* (1858), *I Concili Generali* (1869), *La Chiesa Cattolica e la sua Gerarchia* (1869), etc.

A maioria das obras marianas de Dom Bosco compreendia artigos doutriniais, juntamente com relações de milagres ou de

(8) Sobre Dom Bosco autor, cf. P. Stella, *Don Bosco nella storia*, I, cap. X, *Don Bosco scrittore ed editore*, pp. 229-248. Distingue seis categorias de obras: *Opere scolastiche, Scritti ameni e azioni sceniche, Scritti agiografici, Scritti biografici e racconti a fondo storico, Operette di istruzione religiosa e di preghiera, Scritti relativi all'Oratorio e all'Opera salesiana*. Juntamos as categorias 2, 3 e 4.

graças e elementos devocionais: são típicas *Il mese di maggio* (1858), *Nove giorni consacrati all'Augusta Madre del Salvatore sotto il titolo di Maria Ausiliatrice* (1870), *l'Apparizione della B. Vergine sulla Montagna di La Salette* (1871), etc.

Já nos primeiros anos de sacerdócio concebera e publicara uma espécie de livro de oração que fosse ao mesmo tempo livro de reflexão e diretório espiritual. Duas obras desse tipo, uma para os jovens, outra para os adultos, tiveram na Itália extraordinária difusão: *Il giovane provveduto per la pratica dei suoi doveri* (1847, progressivamente enriquecido até à 118.ª edição em 1888), *La Chiave del Paradiso in mano al cattolico che pratica i doveri di buon cristiano* (1856, cerca de 50 edições).

4. *Escritos relativos à obra salesiana: regulamentos e relatórios* — O espírito do fundador encontra-se claramente nos *Regulamentos* do Oratório e das casas (1877), em que são numerosas as considerações ascéticas, no dos *Cooperadores salesianos* (1876), e, sobretudo, nas *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales* (publicadas a partir de 1867), com a *Introdução* publicada pela primeira vez na edição italiana de 1875. Não deixam de conter elementos espirituais ou pedagógicos os relatórios impressos para o governo italiano ou para a S. Sé, nem as descrições de acontecimentos nas casas (o famoso tratado sobre o *Sistema preventivo na educação da juventude* saiu pela primeira vez no fascículo *Inaugurazione del Patronato di S. Pietro in Nizza a Mare*, 1877).

Vê-se como todos esses escritos, exceto os da primeira série, podem oferecer, naturalmente em medidas diversas, textos válidos sobre a vida espiritual que Dom Bosco propunha aos jovens, aos adultos, aos seus religiosos¹⁹. Os textos mais significativos, porém, havemos de encontrá-los alhures.

(9) Em 1929, ano da beatificação de Dom Bosco, programou-se uma edição oficial comentada de seus escritos: "*Don Bosco*". *Opere e scritti editi e inediti nuovamente pubblicati e riveduti secondo le edizioni originali e manoscritti superstiti*, aos cuidados da Pia Sociedade Salesiana, SEI, Turim. O primeiro e, até hoje, o único a pôr mãos à obra foi o P. Alberto Caviglia (falecido em 1943). É uma edição boa do ponto de vista crítico, embora não perfeita, e enriquecida de abundante comentário. Saíram seis volumes (os primeiros em duas partes): Vol. I, parte I e II; *Storia Sacra, Storia Ecclesiastica* (1929); Vol. II, parte I e II: *Le Vite dei Papi* (1932); Vol. III, *La Storia d'Italia* (1935); Vol. IV, *La Vita di Domenico Savio*, e o estudo *Savio Domenico e Don Bosco* (1943); Vol. V, *Il primo libro di Don Bosco: Cenni sulla vita di Luigi Comollo*, e *Il "Magone Michele", una classica esperienza educativa* (1965); Vol. VI, *La vita di Besucco Francesco*, texto e estudo (1965). O texto destes dois volumes póstumos foi redigido entre 1938 e 1943. O "Centro Studi Don Bosco" de Roma iniciou, em 1976, a publicação, em impressão anastática, de todas as *Opere edite* de Dom Bosco: 1.ª série, *Libri e opuscoli*, 37 volumes; 2.ª e 3.ª série, *Circolari, programmi...*, *Articoli del "Bollettino Salesiano"*, 4 volumes, 1976-77.

Os documentos manuscritos deixados por Dom Bosco

Em todos os textos acima mencionados, o pensamento pessoal de Dom Bosco não é na realidade preponderante, e suas escolhas de índole espiritual aparecem apenas de modo muito sumário. Sabe-se que não compôs do princípio ao fim todos esses livros e opúsculos. Conforme o costume de então, serviu-se generosamente da documentação que possuía e que procurava manter em dia. O P. Stella observa a propósito: "O momento crítico de Dom Bosco está na escolha dos autores (...). Quer autores dignos de crédito, tidos como autorizados pelos doutos, favoráveis à Igreja, ao papado, zelosos e melhor ainda santos (...). A elaboração das fontes é quase sempre mínima"⁽¹⁰⁾. Apóstolo popular, não se julgou obrigado a longas pesquisas: interessava-lhe lembrar, em linguagem límpida, as verdades essenciais e as orientações morais de maior relevo, de acordo com a necessidade e a ocasião favorável do momento. A escolha dos temas é, pois, nele, mais significativa do que os particulares do desenvolvimento.

Sempre ocupado e totalmente despretenhoso, não tinha escrúpulo em fazer-se ajudar por colaboradores em que houvesse descoberto alguma aptidão literária. O P. Bonetti e o P. Lemoyne sobretudo, mas também o P. Rua e o P. Berto foram aproveitados. O autor principal revia pessoalmente o que lhe apresentavam e assumia a paternidade.

Dessas observações conclui-se que podemos encontrar o *Dom Bosco mais autêntico* nos escritos em que lhe foi difícil ou impossível servir-se de inspiradores diretos ou fontes já bastante elaboradas. No conjunto dos escritos acima enumerados, devemos dar preferência a duas séries: às biografias dos contemporâneos (e particularmente dos jovens por ele educados) e aos documentos diretamente "salesianos".

E mais ainda, deveremos dar especial atenção a outras fontes: escritos que Dom Bosco jamais publicou, mas que brotaram do mais profundo de sua alma e de sua experiência, escritos duplamente "pessoais" pelo pensamento mais original e pelo estilo mais vigoroso⁽¹¹⁾.

(10) P. Stella, *Don Bosco nella storia*, I, pp. 238 e 241.

(11) Os documentos manuscritos de Dom Bosco foram recolhidos na medida do possível no *Archivio Centrale Salesiano* da Casa Geral em Roma, na seguinte disposição: 131 *Lettere di Don Bosco* (131.01 cartas autógrafas; 131.21 fotocópia de cartas autógrafas; 131.22 cópia de cartas das quais falta o original); 132 *Manoscritti di Don Bosco non destinati alla pubblicazione* (avisos, bilhetes, contratos, poesias, pregações e conferências, programas, sonhos, cadernetas, testamentos...); 133 *Manoscritti destinati alla pubblicazione*. Os manuscritos que interessam às *Constituições* ou aos regulamentos da Sociedade salesiana constituem um grupo à parte: 022 e 023; e também os que se referem aos primeiros Capítulos gerais: 04. Boa parte de tais documentos foi publicada ou ao menos aproveitada nas *Memorie Biografiche di Don Bosco*, principal-

Em primeiro lugar, sua *correspondência*. Possuímos mais de três mil cartas. O P. Eugênio Ceria publicou 2845, em quatro volumes: *Epistolario* (SEI, Turim 1955-1959). As pesquisas realizadas depois de 1959 permitiriam acrescentar hoje mais um quinto. A mais antiga data de 1835, quando João Bosco tinha vinte anos^(11 bis); a última publicada é de 15 de dezembro de 1887, escrita quarenta e cinco dias antes da morte. *Essas cartas são sem sombra de dúvida o documento que melhor traça o retrato vivo de Dom Bosco: a sua vida, a sua irrefreável atividade, as múltiplas relações, mas também seu caráter, seu coração, seu pensamento. Escreve sem inibição. Colhemos ao vivo suas preocupações e reações espirituais, e ao mesmo tempo ele se transforma em guia da maioria dos seus correspondentes. Embora não sejam numerosas as cartas propriamente de direção, e sejam sempre muito breves, o sentido de Deus e das almas acha-se sempre presente, ao ponto de as mesmas cartas de negócio serem ricas de toques espirituais. É o tesouro que podemos largamente explorar.*

Dois outros documentos "particulares" são dignos da mais viva atenção. Exortado por Pio XI, Dom Bosco escreveu entre 1873 e 1878, somente para seus filhos salesianos, as *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*⁽¹²⁾: é uma espécie de autobiografia até os quarenta anos, em que explica a origem da sua vocação e da sua obra apostólica. Também aqui, a pena corre sem hesitação, e ainda que o coração se abra com discrição, diz quanto basta para revelar certas profundidades espirituais. Por longo tempo manuscritas, as *Memorie* foram publicadas em 1946 pelo P. E. Ceria: *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales* (SEI, Turim).

Outro documento precioso é o chamado *Testamento espiritual*: modesta caderneta em que, de 1884 a 1886, a intervalos irregulares, Dom Bosco escreveu algumas lembranças, e sobretudo uma longa série de importantes recomendações sobre alguns problemas referentes à Sociedade Salesiana. Nesse contexto, os elementos espirituais que aí se encontram adquirem valor especial. A parte mais importante do *Testamento* foi publicada pelo P. E. Ceria no volume XVII das *Memorie Biografiche*, pp. 257-273.

O que Dom Bosco disse, mas não escreveu

Nossa messe é, pois, abundante. E poderia ser ainda maior se não se tratasse aqui apenas de "textos" espirituais. Na

mente nos apêndices documentários dos volumes do P. Amadei e do P. Ceria (vol. X e seguintes).

(11bis) Talvez não seja autêntica. A primeira de fato seria de 1845.

(12) Arquivo 132.11: autógrafo, três grandes cadernos, 180 páginas; e uma cópia do secretário P. Berto, revista e anotada por Dom Bosco.

realidade, sabemos muito mais de Dom Bosco e de sua doutrina espiritual do que o que ele escreveu: desde 1858, seus discípulos mais próximos e mais queridos tomaram abundantes notas de quanto viam e ouviam. E até, em março de 1861, organizaram uma "comissão das fontes", encarregada de recolher e registrar os fatos e as palavras mais marcantes de Dom Bosco a fim de transmiti-los aos pósteros. Não obstante haver a comissão funcionado irregularmente, possuímos, sobre os últimos trinta anos da vida de Dom Bosco, uma documentação enorme, recolhida por secretários animados de grande boa vontade e que foram também testemunhas diretas. Nos seus cadernos ou canhenhos, crônicas ou anais, P. João Bonetti, P. Domingos Ruffino, P. Miguel Rua, P. Francisco Provera, Pedro Enria, P. Júlio Barberis, clérigo Carlos Viglietti para os últimos quatro anos, e, fora de série, o incansável escritor, relator e pesquisador P. João Batista Lemoyne, colecionaram dia após dia fatos, episódios e palavras de Dom Bosco: discursos, pregações, boas noites, relatos de sonhos, conferências aos Salesianos, aos diretores, aos Cooperadores, conversas familiares, breves avisos e conselhos⁽¹³⁾. Mais tarde, numerosas testemunhas depuseram também nos processos canônicos de Turim e de Roma preparatórios à beatificação de Dom Bosco.

Todo esse material confluiu para duas importantes séries de documentos recolhidos pelo P. Lemoyne:

— *Documenti per scrivere la storia di D. Giovanni Bosco, dell'Oratorio di S. Francesco di Sales e della Congregazione Salesiana*: provas tipográficas em colunas, recolhidas em 45 registros não datados, mas provavelmente compilados entre 1885 e 1900⁽¹⁴⁾.

— *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, S. Benigno Canavese e Turim, 19 volumes, escritos por J. B. Lemoyne (vols. I-IX, 1898-1917), A. Amadei (vol. X, 1939), E. Ceria (vols. XI-XIX, 1930-1939); *Indice analitico* de E. Foglio (vol. XX, 1948). Os 19 volumes têm um total de 16.000 páginas.

É natural que documentação tão rica apresente elementos autênticos e significativos para o conhecimento da doutrina espiritual de Dom Bosco, e é por conseguinte mais do que normal tenha sido utilizada pelos autores de "estudos" especiais sobre esta doutrina. Mas foi empregada também, nem sempre de maneira crítica, por compiladores de "textos" de Dom Bosco⁽¹⁵⁾. *De nossa parte, nesta antologia, citaremos apenas*

(13) Cadernos e canhenhos encontram-se no Arquivo sob o número 110.

(14) Arquivo 110.

(15) Por exemplo D. G. Lucato, *Parla Don Bosco*, SEI, Turim 1943, pp. 494; P. L. Terrone, *Lo spirito di S. Giovanni Bosco*, 2.^a ed., SEI, Turim 1956, pp. 501; P. D. Bertetto, *La pratica della vita cristiana secondo San Giovanni Bosco, La pratica della vita religiosa secondo San Giovanni Bosco*, dois volumes, LDC, Turim 1961; P. Rodolfo Fierro,

textos explícitos do próprio Dom Bosco, publicados ou manuscritos, que ofereçam suficientes garantias de autenticidade (algumas raras exceções serão vez por vez justificadas). E escolheremos em cada caso a edição que apresenta maior interesse.

III. As fontes da doutrina espiritual de Dom Bosco

Sobre o problema das fontes de Dom Bosco como mestre espiritual, pouco temos a dizer, porque ele é, ao mesmo tempo, muito dependente e muito independente. Muito dependente no que diz respeito aos temas teológicos fundamentais e suas expressões literárias: já antes notamos que, para escrever suas obras e opúsculos de caráter hagiográfico, apologético e doutrinal, não tinha escrúpulo de servir-se dos autores mais acreditados e seguros. Seus verdadeiros "autores" foram os modernos da Contra-Reforma e do humanismo anti-jansenista, isto é, os autores que preponderavam na Itália de 1800: no primeiro grupo, os jesuítas italianos e de modo particular Paulo Segneri (1624-1694), S. Filipe Neri (1515-1595) muito admirado, S. Francisco de Sales (1567-1622) escolhido como patrono, o autor do *Combate espiritual* (1589), S. Carlos Borromeo (1538-1584) e S. Vicente de Paulo (1581-1660); no segundo grupo, o bem-aventurado Sebastião Valfré, filipino (1629-1710) e S. Afonso de Ligório (1697-1787), a fonte espiritual de que mais se serviu e que apontou aos Salesianos como autor oficial de moral e de ascética religiosa. Mas Dom Bosco, que aceitava o bem onde quer que o encontrasse, inspirou-se também em autores contemporâneos: "humildes anônimos, como o autor da *Guia angelica*, escritores político-religiosos um pouco inquietantes, como o abade de Barruel e Joseph de Maistre, ou neo-humanistas mais simpáticos, como o oratoriano Antônio Cesari (1760-1828), e ainda, filósofos, teólogos e escritores espirituais de renome, como

Biografía y Escritos de San Juan Bosco, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1967, pp. 938. Esses autores, servindo-se abundantemente das *Memorie Biografiche*, citam como "escritos" de Dom Bosco muitos documentos que na realidade são relações de seus filhos.

Antônio Rosmini, João Perrone, Mons. de Ségur e José Frassinetti” (16).

Faz-se necessário um esclarecimento. Em que medida Dom Bosco, fundador dos “Salesianos” se inspirou em S. Francisco de Sales? Encontraremos mais adiante os textos em que ele próprio apresenta as razões da escolha desse santo como modelo e patrono. Não parece haver lido muito as grandes obras do doutor do amor de Deus. Citou-o algumas vezes. Expressiu sua total concordância com a doutrina da *Introdução à vida devota*. E foi sobretudo atraído por duas expressões da sua figura moral: de um lado, a *energia apostólica*, o zelo pelas almas, pela defesa da verdade, pela fidelidade à Igreja católica; de outro, a *doçura evangélica* na maneira de exercer o zelo: “caridade, doçura, boas maneiras, grande calma, extraordinária mansidão”, como precisa o próprio Dom Bosco.

É todavia com plena liberdade, que Dom Bosco se inspira nesses modelos e autores, sem se amarrar absolutamente a nenhum deles, mesmo a S. Francisco de Sales, tanto assim que, ele próprio, dá uma contribuição original à “escola” italiana da Restauração católica. Sua espontaneidade é muito viva, a riqueza dos seus dons muito complexa, para limitar-se a “seguir” simplesmente um autor ou um modelo. Ele inventa, de um modo inteiramente pessoal. Dependente, como dizíamos, no que diz respeito à expressão dos princípios gerais da vida cristã na sua época e ambiente, torna-se depois independente no modo concreto de aplicá-los, no “estilo de vida” que ele vive e de que quer tornar participantes os seus discípulos próximos ou distantes, e mesmo qualquer cristão, jovem ou adulto, que se sinta de alguma maneira predisposto a segui-lo. As fontes mais vivas e verdadeiras da sua doutrina espiritual e do caminho à santidade que ele propõe são o seu

(16) F. Desramaut, *Don Bosco e la vita spirituale*, LDC, Turim 1970, p. 39. Cf. as páginas 33-40 intituladas: *Le fonti di Don Bosco*, e a conclusão pp. 220-229. Por outra parte, o segundo volume do P. P. Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica. Mentalità religiosa e spiritualità*, procura justamente mostrar como Dom Bosco se inseriu na corrente religiosa do seu século, salvaguardando sua originalidade; cf. sobretudo as pp. 237-244 sobre a escolha e o uso das fontes.

carisma pessoal e a sua longa experiência, polarizados ambos pela sua missão de apóstolo. Sua mística é uma mística de serviço a Deus, sua espiritualidade, uma espiritualidade do homem de ação. Procuramos aqui apontar rapidamente os traços mais salientes, distinguindo as convicções doutrinárias e o comportamento prático.

IV. As convicções doutrinárias

Escreve o P. P. Stela no começo do segundo volume do seu *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*: "Quem percorre a vida de Dom Bosco seguindo-lhe os esquemas mentais e explorando-lhe as pistas do pensamento descobre como matriz a idéia da salvação redentora na Igreja católica, depositária única dos meios salvíficos; observa que a situação da juventude desorientada, pobre e abandonada, desperta nele a exigência educativa para promover sua inserção no mundo e na Igreja com métodos de doçura e caridade, mas com certa tensão, que provém da ânsia pela salvação eterna dos jovens" (p. 13). Esse texto parece-me exprimir em síntese as três maiores convicções doutrinárias sobre as quais Dom Bosco construiu sua santidade e o tipo de santidade que propôs aos demais: grandeza da salvação, dignidade dos fracos, urgência da caridade ativa.

Deus Pai dá a todos os homens uma prodigiosa vocação

A percepção mais viva e profunda de Dom Bosco foi, sem dúvida, a realidade da *salvação* oferecida a todos os homens. Dom Bosco é alguém que acreditou deveras na redenção universal: com uma visão excepcionalmente aguda, colocava todos os seres na perspectiva do plano de Deus. Habituará-se a exprimir essa idéia de uma maneira simples (Dom Bosco é assim: diz coisas profundíssimas com palavras comuns), mas sua percepção do mistério era vivíssima. Quando dizia: *As almas, salvar as almas, trabalhar pela glória de Deus*, punha concretamente em causa o mistério de Cristo

redentor em toda a sua riqueza: todo homem é uma liberdade capaz de amor, de um amor ao qual *Deus Pai* chama gratuitamente mediante seu Filho: *Considerai com que amor nos amou o Pai, para que sejamos filhos de Deus. E nós o somos de fato!* (1 Jo 8,1). Deus quer a nossa felicidade total, terrestre e celeste, íntima e exterior, presente e futura. O mais pequenino, o mais humilde é um nosso *irmão pelo qual Cristo morreu* (1 Cor 8,11); é chamado à liberdade dos filhos de Deus, a um diálogo de amor com o próprio Deus e à alegria das núpcias eternas. Prodigiosa vocação de todos os homens!

Mas para realizá-la, deve entrar na "área de salvação", a *Igreja*, visivelmente organizada e ativa para reunir e educar os filhos de Deus. Além disso, a bondade imensa do Pai oferece-lhes a ajuda de uma mãe, *Maria*, a poderosa auxiliadora da Igreja e de todos os seus membros.

Quem estiver mais desprevenido diante da sua vocação merece ser mais ajudado

A precedente percepção era *contrastada* em Dom Bosco por outra: no mundo, debaixo dos nossos olhos, torna-se impossível ou quase, a realização, antes o conhecimento, de tão grande vocação. Devem inserir-se e agir no mundo como homens. Devem crer e agir na Igreja como filhos de Deus. Mas, como fazê-lo? Diante da salvação são ignorantes, desprevenidos, fracos em meio a perigos imensos, quais ovelhinhas tresmalhadas ou em perigo de perder-se dia a dia.

Ante esse fato, o coração de Dom Bosco comoveu-se, e fez uma opção: *Assim é a vontade de vosso Pai celeste, que não se perca um só destes pequeninos* (Mt 18,14). *Quem possuir bens deste mundo e vir o seu irmão sofrer necessidade, mas lhe fechar o seu coração, como está nele o amor de Deus?* (1 Jo 3,17). Sem nenhuma hesitação, Dom Bosco voltou-se para os menos favorecidos, os mais fracos, para os que tinham maior necessidade de serem salvos, e, concretamente, para estas três categorias de "pobres": a juventude

abandonada e periclitante, a classe popular então ignorante e desprezada e os pagãos carentes do evangelho.

Leremos mais adiante o texto das *Memorie dell'Oratorio* onde ele narra como, numa hora decisiva da sua vida, foi colocado na alternativa de "escolher" entre as comportadas orfãzinhas da marquesa de Barolo e os turbulentos rapazes das ruas de Turim. Pela classe baixa e pelos operários, com os quais, filho de camponeses, simpatiza espontaneamente, gastou grande parte das suas energias em obras de promoção cultural, social e religiosa. Quanto aos pagãos, as *Memorie Biografiche* nos referem que, se pensava em mandar seus filhos a evangelizar a Patagônia e a Terra do Fogo, era "porque tais povos haviam sido até então os mais abandonados" (III, 363). Há em Dom Bosco, e em quem o acompanha, uma reação imediata que promana do coração de Deus Pai e de Cristo Salvador: sofrer com o sofrimento alheio, *procurar o terreno em que a caridade se possa desenvolver mais amplamente*, dar aos menos favorecidos a possibilidade de realizar sua grande vocação de homens e de filhos de Deus.

É coisa divina ajudar o irmão a realizar sua vocação

Uma terceira percepção, muito viva, sustentou Dom Bosco na realização da sua missão: a da *responsabilidade* que Deus deixa ao apóstolo, à sua liberdade, à sua generosidade. Deus poderia fazer tudo, realizar ele próprio o plano da salvação. É verdade incontável que a sua graça tem sempre um papel primeiro e fundamental. Mas Deus Pai se encontra no extremo oposto do paternalismo: promove até em cada um a sua liberdade, e chama colaboradores aos quais confia uma parte *autêntica* da sua obra de salvação. Dom Bosco acreditou com todas as suas forças (e o salesiano também) na nobreza das causas segundas, na infinita dignidade do trabalho pelo Reino de Deus, na responsabilidade de todo intermediário humano, na influência real de todo esforço do apóstolo, mas também nos efeitos terríveis de qualquer negligência sua. A felici-

dade dos outros, de modo especial dos desfavorecidos da fortuna, encontra-se em parte em nossas mãos: como seria possível não tentar tudo, não sacrificar tudo para proporcionar-lha?

Tanto mais que isso interessa à glória de Deus e à revelação da *sua* caridade. Surpreende ver como Dom Bosco atribui uma origem divina à compaixão efetiva para com o pobre. Se ele acredita tão fortemente na nossa capacidade de servir *com eficácia* os nossos irmãos, deve-se ao fato de que ele crê, com a mesma força, que então Deus nos anima com sua caridade. Ajudar os outros a realizar a sua vocação de homens e de filhos de Deus é obra divina: *Nisto temos conhecido o amor: Ele deu sua vida por nós. Também nós outros devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos* (1 Jo 3,16). Não há nada maior no mundo do que trabalhar pela salvação dos próprios irmãos: "Nenhum sacrifício é tão agradável a Deus quanto o zelo pela salvação das almas", diz Dom Bosco no seu panegírico de S. Filipe Neri. Afirma dezenas de vezes: *Das coisas divinas a mais divina é cooperar com Deus para salvar as almas*, e infinitas outras: *Salvando uma alma, predestinaste a tua* (lembramos apenas que, para Dom Bosco, "salvar uma alma" inclui de maneira realista o serviço total à pessoa, dando-lhe pão e roupa, caso tivesse necessidade).

Ora, todos os que crêem são chamados a essa obra maravilhosa, cada um conforme as possibilidades. Esse modo de falar, emprega-o Dom Bosco não somente com os seus religiosos, mas também com os seus colaboradores leigos, os seus meninos, os leitores das *Letture Cattoliche*. Na medida em que um filho de Deus se torna consciente da própria fé, torna-se sensível ao serviço ativo para com os irmãos e encontra ocasiões e modos de prestá-lo. É a sua maneira de participar na missão salvífica da Igreja.

Numa palavra, Dom Bosco crê não apenas na redenção, mas na solidariedade da redenção. Em concreto, uma pessoa se salva salvando os outros, encontra a sua felicidade trabalhando na dos outros. Diz Dom Bosco ao seu discípulo: "Se recebeste, é para dar. Se

és rico, é para amar (e somos todos ricos de algum bem, os próprios pobres têm riquezas preciosas a oferecer). Acumular não somente é pecar, é também cooperar na obra da morte. Receber e dar é o próprio movimento da vida”.

Tais, pois, as convicções fundamentais do discípulo de Dom Bosco. Do amor de Deus Pai, recebe cada um a sua vocação pessoal, ao mesmo tempo concreta e imensa, até à vida eterna. Os mais desprevenidos merecem mais amor e ajuda. Participar na salvação deles, na Igreja, é obra grande e meritória, tão cheia de responsabilidade quão divinamente bela.

V. As atitudes práticas

As atitudes mais típicas podem-se reduzir a três: o realismo do construtor do Reino, a doçura do bom pastor, a humildade do servidor de Deus.

O realismo do construtor

Deus procura operários para o seu Reino. A reação de Dom Bosco, ao sentir-se chamado, não é a de Jeremias: *Ah! Senhor Javé, eu nem sei falar!* mas a de Isaías: *Eis-me aqui, enviai-me!* ⁽¹⁷⁾ *Dai-me almas, Senhor, e ficai com o resto:* seu mote é ao mesmo tempo um pedido a Deus, um projeto fundamental, e a afirmação de um desapego de tudo o que possa impedir o serviço de Deus. Se a misericórdia e o apostolado são realidades tão urgentes para a felicidade dos irmãos, tão úteis para a glória de Deus, e tão exaltantes para quem se sente chamado, é preciso então empregar nesse serviço todas as próprias capacidades e forças, com ardor e alegria. A característica de Dom Bosco e do seu discípulo é o *zelo*, essa espécie de fogo que anima a ação e a leva sempre mais para a frente.

A *ascese salesiana* encontra aqui sua raiz mais evidente. Dom Bosco jamais pregou a mortificação por si mesma. Exige-a como condição para a disponibili-

(17) Jer 1,6; Is 6,8.

dade ao serviço de Deus e do próximo. *Trabalho e temperança!*, repete aos seus discípulos, exatamente como dizia a Deus: "Dai-me almas e ficai com o resto". Trata-se de tornar-se "forte e robusto" para poder dar-se por inteiro, aceitar todas as fadigas e riscos, sem jamais desperdiçar um minuto de tempo: "Oh! quantas coisas de uma vez, preocupado em ser santamente vida, ficarei aqui de boa vontade. Trabalho o mais depressa possível, porque vejo que o tempo urge... e não se pode fazer nem a metade do que se quereria" (18).

Dom Bosco revela, na sua espiritualidade, seu temperamento de campônio piemontês, equilibrado, concreto, realista e realizador, capaz de atender a dez coisas de uma vez, preocupado em ser santamente eficiente: *Meus filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas por atos e em verdade* (1 Jo 3,18). O coração um tanto inclinado à ternura desconfia, não do sentimento, mas do sentimentalismo. O espírito agudo e penetrante desconfia, não da inteligência, mas do intelectualismo. O homem eloquente não desconfia da palavra, mas do verbalismo. Ajam os pequenos e os pobres não têm tempo de esperar a solução perfeita de todos os nossos problemas teóricos. E as forças do mal agem. Façamos o que podemos fazer hoje, com meios disponíveis hoje. Amanhã, faremos melhor e mais.

Assim pôde Dom Bosco ser *audaz*, não nos princípios e teorias, mas na ação. Reconheceu-o ele próprio: "Respeito a todos, dizia, mas não temo ninguém" (19), e estas palavras impressionantes: "Nas coisas que redundam em vantagem da juventude periclitante ou servem para ganhar almas para Deus, *corro para a frente até à temeridade*" (20). Santa temeridade, a do amor autêntico! Que, porém, não excluía a prudência. Fundava-se na profunda convicção de corresponder à vontade de Deus e na aceitação das fadigas e sacrifícios: "Ajuda-te

(18) Diálogo típico com o P. Júlio Barberis a 21 de janeiro de 1876, que lembra o *Non recuso laborem* de S. Martinho: MB XII, 38-39.

(19) MB V, 661 (num diálogo com o ministro valdense Bert).

(20) Numa carta ao Sr. C. Vespignani que citamos nos textos (11 de abril de 1877), *Epist.* III, 166.

que o Céu te ajudará!”⁽²¹⁾. Associava-se à coragem do lutador à maneira de S. Paulo, “como bom soldado de Cristo Jesus”, defensor da Igreja, pai que vê os filhos em perigo.

É mister ainda falar do *construtor*. A imagem do lutador não vale aqui senão para indicar a energia corajosa de quem, operário do Reino em construção, encontra obstáculos, mas não desanima. Dom Bosco propõe uma espiritualidade essencialmente dinâmica e realizadora: é preciso construir a si próprios, ajudar a todos a se construírem, participar na construção de uma sociedade sadia e forte e de uma Igreja irradiante, dizer com toda a verdade, com os lábios e com as mãos: *Pai nosso, venha o vosso Reino!*

A ternura do bom pastor

A força na ação realizadora associa-se, em Dom Bosco, e não é um paradoxo, à delicadeza nas relações pessoais, porque não quer ser senão um repetidor da Caridade divina salvadora, uma testemunha do Pai das misericórdias, um enviado de Cristo bom Pastor, um imitador de S. Francisco de Sales.

Dom Bosco, como Cristo, *comoveu-se* ante o sofrimento humano. Se decidiu colocar todas as suas energias a serviço das categorias de “pobres” que lembramos acima, foi porque seu coração era infinitamente carinhoso e sensível: toda a sua obra é uma prova concreta da sua bondade.

Não se pode fazer o bem aos demais assumindo atitudes reservadas e rígidas, esquecendo que os pobres têm necessidade antes de mais nada de serem pessoalmente amados. Dom Bosco era bom nos modos, nos gestos, nas palavras, no sorriso. Vale a pena citar aqui uma página de um salesiano que melhor o conheceu e estudou: “O bom coração manifestava-se não apenas na caridade, mas também nas maneiras. O *amator animarum* era um conquistador de almas, que usava

(21) Podem-se ler com interesse as páginas em que o P. Desramaut descreve em Dom Bosco *a energia no trabalho e a audácia e a prudência*, em *Don Bosco e la vita spirituale*, LDC, Turim, pp. 134.143.

como arma a bondade. Falo da bondade cotidiana, humilde, cordial, amável, ao mesmo tempo paterna, materna, fraterna: não a bondade que há por bem inclinar-se, mas a que vive com e para aquele de quem se aproxima, que põe os outros em seu lugar, e da caridade do pão desce à da pequena satisfação, da boa palavra, do sorriso, da tolerância. Em meio ao seu colossal trabalho tinha sempre algo da própria pessoa, da mente, do coração, para o último chegado, à hora que chegasse e depois de qualquer trabalho. *Queria bem*, eis aí, e nós o sentíamos: e o *carinho* de que fez um dos três fundamentos do seu sistema, é em suma o *querer bem* aos meninos. Bondade desse gênero não se define: quando muito se descreve, como fez S. Paulo lapidando-a como um brilhante, no capítulo treze da Carta aos Coríntios” (22).

Com efeito Dom Bosco não deixou nunca de cantar, para si e para os seus filhos, o hino da caridade de S. Paulo: *A caridade é paciente, é benigna... não se irrita... Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta*. E o que deu, recebeu-o de volta. No rosto dos *Documenti per scrivere la storia di D. Giovanni Bosco*, o P. Lemoyne ousa fazer esta afirmação: “Escrevi a história do nosso amorosíssimo pai P. João Bosco. Não acredito tenha havido no mundo alguém que mais que ele amasse os jovens e fosse por eles amado”.

Mas o P. Caviglia continua: “Era sobretudo bondade serena e alegria da bondade... Dom Bosco era um santo *de bom humor*, e falar com ele enchia-nos de alegria. *A alegria e a serenidade* eram para ele um fator de primeira ordem e uma forma da sua pedagogia... Em sua casa a alegria é o décimo primeiro mandamento”. Repetia aos seus colaboradores o *Niente ti turbi* de S. Teresa.

É importante notar aqui que Dom Bosco não se contentou de praticar ele próprio a mansidão, a paz, a alegria. De maneira muito explícita, fez dela um programa para os seus filhos e para os seus discípulos. E não cessa de promovê-lo, por assim dizer, com as

(22) A. Caviglia, “Don Bosco”. *Profilo storico*, SEI, Turim 1934, p. 91.

próprias pedras das igrejas que construiu. Impressiona o fato que os titulares das quatro igrejas que construiu sejam os sinais mais vivos do amor, acompanhado de mansidão e ajuda válida: Francisco de Sales, João Evangelista, Maria, Auxiliadora dos Cristãos, e o Coração de Cristo ⁽²³⁾.

A espiritualidade de Dom Bosco, dizíamos, é dinâmica. E também *otimista*, de um otimismo humanista e evangélico ao mesmo tempo. Ama a vida, admira o homem, deposita confiança em seus recursos, vale-se das suas potências mais profundas: a razão, a liberdade, o amor. Está convencido de que nos achamos num mundo salvo, de que onde abundou o pecado, superabundou a graça, e de que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus ⁽²⁴⁾.

Neste ponto cumpre notar outra coisa. Aos dois comportamentos que indicamos, o zelo na ação e a doçura nas maneiras, Dom Bosco põe uma condição, *a castidade* (praticada por cada um conforme seu estado e idade). É um fato claríssimo: Dom Bosco teve uma estima extraordinária pela "pureza" tanto dos seus jovens quanto dos seus colaboradores, e bem assim uma repulsa instintiva a toda forma de impureza ou simples imodéstia. A ponto de alguns o terem acusado de estreiteza de ânimo, de rigidez, até de medo obsessivo. Seria entretanto um erro querer julgar fora do contexto e fora de uma perspectiva de conjunto.

Por uma parte, o fato se explica a partir da mentalidade tradicional. A teologia moral e a ascética do seu

(23) Duas dessas igrejas foram construídas em Valdocco (S. Francisco de Sales 1853, e Maria Auxiliadora 1868), a terceira em Turim no bairro de Porta Nuova (S. João Evangelista 1882), a última em Roma, perto da atual estação Termini (Sagrado Coração 1887). Na conferência de 23 de maio de 1884 aos Cooperadores de Turim, Dom Bosco disse: "Ao lado dessa igreja dedicada ao Apóstolo da caridade era necessário também um internato, para que se pudesse dizer: Eis a caridade na prática, eis como se honra o Apóstolo da caridade!" (MB XVII 150): para Dom Bosco não podia existir obra de caridade sem igreja, nem igreja sem obra de caridade. E em Roma, após a missa celebrada entre lágrimas na nova igreja do Sagrado Coração a 16 de maio de 1887, declarou haver visto novamente toda a sua vida e compreendido tudo (cf. MB XVII 340): tudo se iluminava à luz da caridade de Cristo, bom pastor de coração manso e humilde.

(24) Cf. Jo 16,33; Rom 5,20; 8,28.

tempo e ambiente faziam da pureza "a bela virtude", antes "a virtude" por excelência, que parecia bastar para a santidade. Dom Bosco nesse ponto não é absolutamente mais original, nem mais severo que um S. Filipe Neri, um S. Afonso, um cura d'Ars; e deve-se considerar que falava sobretudo para um público de internato. Ao menos quanto a certas insistências concretas, esses santos reformulariam hoje a linguagem.

Mas há em Dom Bosco razões mais específicas. É um educador de jovens, e de jovens particularmente expostos ao mal. Ora, acredita com todas as forças no valor *libertador* da castidade: o adolescente necessita dela para conquistar a sua liberdade, para crescer espiritualmente, para encontrar a verdadeira alegria; e o seu educador dela necessita ainda mais para comunicá-la aos jovens como por irradiação, para permanecer disponível na doação cotidiana de si, para poder amar com ternura sem perigo para si nem para o jovem. Ser casto é exatamente ser capaz de amar *como se deve amar*: sem procura pessoal, sem particularismos ambíguos, com força e delicadeza. Não há admirar, pois, que Dom Bosco tenha sido vigilante e exigente com relação a tudo o que se refere à castidade e à sua maturação.

Talvez seja preciso dizer mais, observar que, entre os próprios educadores e mestres espirituais, Dom Bosco irradia com uma força especial o seu candor virginal. Longas páginas seriam necessárias para explicá-lo, mas não nos podemos deixar de impressionar por um conjunto de *fatos* da sua vida e ensinamentos: a sua integridade pessoal extraordinariamente luminosa, o lugar assumido pela Virgem Maria (tantos 8 de dezembro decisivos!), a santidade de um Domingos Savio, a origem concreta das duas Congregações salesianas (isto é, os Sócios da Imaculada e as Filhas da Imaculada), o papel dado aos sacramentos da penitência e da Eucaristia... A pureza límpida, sem sombra de afetação, é um dos segredos de Dom Bosco e da sua obra. Ela caracteriza o estilo de vida dos seus discípulos, os quais, num mundo que talvez já não a aprecie muito, devem lembrar o seu valor permanente, as suas riquezas de liberdade, alegria, fecundidade: *Bem-aventurados os puros de coração!*

A humildade do servidor

Mas no mais profundo da alma de Dom Bosco e do seu discípulo, há uma atitude mais decisiva ainda, embora menos evidente que o zelo realizador e a mansidão cativante: Dom Bosco se considerou diante de Deus como um humilde servidor. *Essa, provavelmente, a sua experiência espiritual mais profunda*: a consciência viva de não ser outra coisa senão um instrumento gratuitamente escolhido, claramente convidado, largamente enriquecido de dons, continuamente amparado pela graça divina e pelo auxílio de Maria, destinado a não trabalhar nunca para si mesmo, mas tão-somente para a glória do Senhor do Reino.

Diante da vida maravilhosamente fecunda de um apóstolo como Dom Bosco, somos espontaneamente mais sensíveis aos resultados do trabalho apostólico, ao seu *terminus ad quem*, ao passo que ele estava mais atento à sua Fonte, ao Autor e Inspirador da sua "missão", Àquele sem o qual não existe mandato real nem genuíno apostolado. Jamais se lançou a uma iniciativa antes de estar certo de que era vontade de Deus. Dom Bosco, como dissemos, era um contemplador secreto, atraído pela grandeza do plano salvífico de Deus, e é justamente desse grandioso plano que se reconhecia operário humilde e obediente. O P. Stela foi exato ao escrever: "A persuasão de estar sob uma pressão singularíssima do divino domina a vida de Dom Bosco, encontra-se na raiz das suas mais ousadas resoluções... A fé que tinha de ser instrumento do Senhor para uma missão singularíssima foi nele profunda e sólida... Em tudo (o miraculoso em que se encontrava envolvido), sentiu e viu uma garantia do alto. Isso firmava nele a atitude religiosa característica do *Servo* bíblico, do profeta que não se pode esquivar à vontade divina. E não apenas por temor reverencial, mas também na persuasão de quanto Deus Pai é bom para com os seus filhos" (25).

Afirmou-se que em Dom Bosco o sobrenatural tornara-se natural, cotidiano. O que significa que Dom Bosco vivia no pensamento dominante de Deus *ativa-*

(25) P. Stella, *Don Bosco nella storia*, II, p. 32.

mente presente a cada instante da sua vida e em cada um dos seus atos. Acrescenta-se que ele não estava menos persuadido da presença misteriosamente operante de Maria, cooperadora do seu Filho. Os dons extraordinários, as visões e os milagres não eram de longe motivo de complacência pessoal; mas provocavam algumas vezes o temor de responsabilidades muito pesadas, outras a audácia e a esperança quanto ao futuro, sempre a ação de graças e a busca só da glória de Deus. Quando pedia que se rezasse por ele, para que, salvando os outros, pudesse salvar "sua pobre alma", não simulava uma atitude "edificante", mas revelava uma profunda convicção. Entre tantos testemunhos, escolhemos dois muito significativos.

Em Varazze, em fins de dezembro de 1871, convalescente de uma doença que o levara às portas da morte, confidenciava ao enfermeiro Enria: "Quem é Dom Bosco? Um pobre filho de camponeses, que a misericórdia de Deus elevou à dignidade de sacerdote sem nenhum mérito de sua parte. Olha como é grande a bondade do Senhor! Ele se serviu de um simples padre para fazer coisas admiráveis neste mundo; e tudo se fez e se fará no futuro para a maior glória de Deus e da sua Igreja" (26).

Num dos seus manuscritos referentes à aprovação recente das Constituições salesianas, por volta de 1875, lemos: "Deus bondoso costuma muitas vezes servir-se dos instrumentos mais abjetos para promover a sua glória entre os homens, a fim de que a glória não se dê ao homem mas somente a ele, e a ele somente os homens tinham que dar graças pelos benefícios recebidos. Assim fez a mão do Senhor na fundação, no progresso e na propagação da Pia Sociedade Salesiana. Desprovido de meios materiais, pobre de meios morais e científicos, o sac. João Bosco apoiado na ajuda de Deus sentiu-se animado a enfrentar a perversidade dos tempos e as incontáveis dificuldades que a cada momento se apresentavam muito graves, e deu início a uma

(26) MB XI, 266.

obra que tem por fim ajudar a juventude periclitante" (27).

Dom Bosco, em suma, soube manter sua atividade febril no verdadeiro nível sobrenatural, sem ceder às tentações que hoje chamamos de ativismo e horizontalismo. Na verdade, procurou sempre os interesses de Jesus Cristo e não os seus, e, poder-se-ia dizer, como de Inácio de Loiola, foi *estimulado pela glória de Deus*. Não devemos esquecer que o *Da mihi animas* é uma oração dirigida a Deus e que a enunciação completa do fim da obra salesiana é "para a glória de Deus e a salvação das almas", perspectiva bem evidenciada pela liturgia do dia 31 de janeiro: *Salvar as almas e servir a Vós somente* (coleta). Do mais íntimo da alma de Dom Bosco desprende-se poderoso impulso teologal, que equivale a dizer filial e sacerdotal ao mesmo tempo, um vigoroso sentido litúrgico do apostolado. Aplicando a ele o que S. Paulo diz do seu apostolado para com os pagãos, podemos afirmar que foi *ministro de Jesus Cristo entre os jovens, exercendo a função sagrada do evangelho de Deus a fim de que os jovens se tornem uma oferta agradável, santificada pelo Espírito Santo* (28). Atrevemo-nos até a colocar em seus lábios as palavras de Jesus ao seu Pai: *Pai, quero que, onde eu estou, estejam comigo aqueles que me deste, perto de Ti* (29).

Cumpra ainda salientar o fato que Dom Bosco viveu o mistério da sua profunda união com Deus com a mais absoluta *simplicidade*. Era inimigo de toda "demonstração" e de qualquer complicação. Mesmo no terreno da piedade age o senso prático do seu realismo. Na atitude exterior, nas fórmulas de oração, no estilo das celebrações, queria que tudo fosse acessível,

(27) Arquivo 132, *Privilegi* 1, 3. Cf. também as fortes palavras dirigidas aos diretores salesianos a 3 de fevereiro de 1876: "Deus começou e continuará *as suas obras*, nas quais tereis parte... O Senhor se servirá de nós..." (MB XII, 82-83). Era-lhe habitual a imagem do "miserável instrumento": cf. MB VI, 171, 915; VIII, 977; XI, 524-525; XII, 399-400; XV, 175; XVI, 290; XVIII, 587.

(28) Cf. Rom 15, 16. O Vaticano II aplica o texto ao ministério sacerdotal de todos os sacerdotes. *Presbyterorum Ordinis*, 2 d.

(29) Jo 17,24.

desenvolto, estaria para dizer fácil e espontâneo, e por quanto possível revestido de alegria. Insistia no essencial: participação fervorosa e freqüente, mas sempre livre, dos sacramentos da eucaristia e da penitência, e devoção forte e filial a Nossa Senhora.

Para Dom Bosco e para o seu discípulo, Deus é verdadeiramente o *Emanuel*, o Deus-conosco, tão perto e tão simplesmente presente à nossa vida cotidiana que nada exteriormente pareceria mudado. Mas quem o experimenta, ou quem sabe apenas observar, percebe de imediato que tudo se transforma pela fé viva: há na alma uma vibração nova, no coração uma transbordante alegria, no rosto uma paz sorridente, e na ação um ardor generoso que revelam a presença do Mestre e Senhor, o qual é também o Amigo e a Ternura suprema. Nada traduz melhor esse "clima" da piedade salesiana que o texto da carta aos Filipenses escolhido como leitura da missa de 31 de janeiro: *Alegrai-vos sempre no Senhor... Seja conhecida de todos os homens a vossa mansidão. O Senhor está perto. Não vos inquieteis por coisa alguma, mas, em todas as circunstâncias apresentai os vossos pedidos diante de Deus com muita oração e preces e com ação de graças. A paz de Deus, que sobrepuja o entendimento, guarde vossos corações e vossos pensamentos em Cristo Jesus...* (4, 4-7).

Alguém dirá talvez que nesta espiritualidade da ação, da amabilidade e da presença sentida de Deus, não parece haver muito lugar para a ascese. Seria um juízo apressado e superficial. É verdade que a cruz não foi nunca glorificada por si mesma e tarda muito em tomar forma de penitência aflitiva, mas está sempre presente, *necessariamente incluída* em cada um dos comportamentos maiores do salesiano. Na realidade, três formas de renúncia são-lhe de contínuo impostas:

— a renúncia às comodidades, para permanecer disponível a serviço do próximo (e em particular a renúncia à "rotina" para acompanhar os jovens em seus caminhos sempre novos),

— a renúncia à preocupação consigo mesmo, para ser acolhedor, atento e amável com todo aquele que se apresenta,

— a renúncia a qualquer glória pessoal, para permanecer o humilde servidor de Deus e do seu Reino.

Como Francisco de Sales, como Teresa de Lisieux, como todos os santos que se apresentam sorridentes ou carregando rosas, Dom Bosco coloca-se entre os mestres espirituais mais exigentes. Exige o esforço suplementar que permite que tudo se faça com alegria, com aquele tipo de alegria que entrou no mundo mediante o lenho da cruz.

VI. O espírito desta antologia

O que vimos expondo deve ter salientado quanto afirmamos no começo: Dom Bosco não é um autor espiritual, cujo pensamento original se possa estudar em “obras” pacientemente elaboradas; mas um mestre espiritual que ensina antes de tudo com a sua vida, com a obra, com os discípulos que formou. Sua espiritualidade brota da experiência (a sua e a dos primeiros filhos), e, quereria dizer, da ação concluída com bom êxito, muito mais que das longas teorias amadurecidas na escrivania. Precisamente por isso, uma espiritualidade *de vida ativa*.

Trata-se evidentemente de um limite, que tem todavia pelo menos uma vantagem. Ninguém se admirará se dissermos que Dom Bosco, para ser compreendido, deve ser deixado no seu contexto histórico e local: ele é um padre italiano (mais precisamente, piemontês) do século XIX ⁽³⁰⁾. Sua visão teológica é a que precedeu e seguiu imediatamente o Vaticano I. Em muitos pontos ela é fechada e um tanto fraca, tal qual acontece na imensa maioria dos autores e santos do seu tempo. Nós hoje julgamos insuficiente o seu modo de apresentar os mistérios de Cristo e da Igreja, do pecado e da graça, dos sacramentos e dos novíssimos; e as suas diretrizes de vida cristã aparecem-nos muito marcadas pelo moralismo dominante.

(30) Cabe a dois historiadores salesianos, muitas vezes citados neste trabalho, o P. P. Stella e o P. F. Desramaut, o mérito de haver mostrado em suas obras como Dom Bosco se achava solidamente inserido no seu tempo.

Mas é justamente aqui que nos devemos lembrar que Dom Bosco é mais um mestre do que um autor. Nos escritos de caráter doutrinal, segue os esquemas e fórmulas do seu século, ao passo que nos de caráter existencial (as suas *Memorie*, as cartas, as biografias dos seus jovens), toma alguma liberdade, é ele mesmo, inventa, e é rico de intuições válidas para o futuro. É um fato: mais de uma vez, verifica-se certa distância entre os princípios dos escritos teóricos e sua aplicação concreta nos escritos práticos, mais ágeis, mais aderentes à vida ⁽³¹⁾. Sempre ganhamos em dar maior importância aos escritos de Dom Bosco que no-lo mostram quando vive e age.

A nossa escolha, como dissemos, orientou-se para esse gênero de escritos. Entendendo fazer não uma obra erudita, mas uma obra pastoral (evidentemente sobre uma base seriamente histórica), “escolhemos” deliberadamente o que nos pareceu mais capaz de alimentar *hoje* a vida espiritual de quem deseja inspirar-se em Dom Bosco, seja leigo, sacerdote ou religioso. O leitor nos haverá, pois, de desculpar se não apresentamos aqui nem um retrato integral de Dom Bosco, nem uma escolha sintética e ponderada de todas as suas obras ⁽³²⁾, nem alguma obra completa, mas “trechos escolhidos”.

Renunciamos também a traçar uma espécie de história do pensamento espiritual de Dom Bosco, uma genética da sua consciência religiosa. Primeiramente porque os trabalhos hoje existentes ainda não no-lo permitem, e depois porque, se há certa evolução, não nos parece que se tenha realizado de repente, mas antes por um desenvolvimento lento e gradual. Dom Bosco fixou logo seus grandes princípios e perspectivas: enriqueceu-os e escreveu-os baseando-se nas suas experiências, mas sem ter jamais que voltar sobre os próprios passos nem que corrigir-se em pontos importan-

(31) Cf. p. ex. as reflexões do P. Desramaut sobre o “equilíbrio do seu pensamento, em questão de pobreza, ou de “ascese (sexual) a serviço do homem virtuoso”, em *Don Bosco e la vita spirituale*, pp. 170 e 174.

(32) Não citamos, por exemplo, nada das suas três obras históricas para os jovens das escolas e para o povo: *Storia Sacra*, *Storia Ecclesiastica*. *Storia d'Italia*.

tes (33). Esse o motivo pelo qual a ordem cronológica dos seus escritos não nos pareceu decisiva.

Respeitamo-la todavia, mas dentro das *grandes seções*, determinadas pelos *principais gêneros de destinatários* dos seus escritos: os jovens, os adultos (e em particular, os cristãos ativamente empenhados em obras de misericórdia ou de apostolado, por exemplo os seus Cooperadores), os religiosos salesianos e as Irmãs salesianas. O espírito realista que caracteriza a doutrina espiritual de Dom Bosco convidava-nos a dar, como ele, maior atenção às pessoas concretas que aos temas doutrinários. Estamos por outra parte persuadidos que o leitor poderá tirar proveito de todas as seções: a espiritualidade de Dom Bosco é simples e prática, podendo adaptar-se sem esforços extraordinários às diferentes categorias de cristãos. O ensinamento espiritual fundamental é o mesmo para todos e tende a fazer, dos jovens e dos adultos, dos simples batizados e dos batizados consagrados, homens e mulheres, outros tantos servidores de Deus, decididamente empenhados no serviço do próximo. A todos eles, diz como S. Paulo: *Em tudo vos tenho mostrado que assim, trabalhando, convém acudir aos fracos, e lembrar-se das palavras do Senhor Jesus, porquanto ele mesmo disse: É maior felicidade dar que receber!* (34).

Joseph Aubry
Roma, 31 de janeiro de 1975
festa de S. João Bosco

(33) O P. Desramaut observou: "A evolução do seu pensamento, evidente em vários pontos, aconteceu sem grandes choques: na sua vida não se nota nenhuma grave crise" (*Don Bosco e la vita spirituale*, p. 45).

(34) At 20,35. Ao que parece não foi nunca compilada uma antologia dos escritos especificamente *espirituais* de D. Bosco. Existem entretanto antologias dos escritos *pedagógicos*. Conhecemos duas, de caráter diverso, mas excelentes ambas: *Saint Jean Bosco. Textes pédagogiques*, traduits et présentés par Francis Desramaut, salesien, collection "Les Ecrits des Saints", Ed. du Soleil Levant, Namur 1958, pp. 189. S. Giovanni Bosco, *Scritti sul sistema preventivo nell'educazione della gioventù*. Introduzione, presentazione e indici a cura di Pietro Braido, "Collana Pedagogica", La Scuola, Brescia 1965, pp. 668 (cita por inteiro as *Memorie dell'Oratorio*, a *Vita di Magone Michele* por inteiro, e várias cartas).

Nota bibliográfica

Principais estudos sobre Dom Bosco mestre espiritual

1. Giulio Barberis, *Il Vade mecum dei giovani salesiani, ammaestramenti, consigli ed esempi*, 2.^a ed., S. Benigno Canavese 1905, 3 pequenos volumes, pp. 612, 452 e 324. Doutrina do primeiro mestre de noviços salesiano.
2. Paolo Albera, *Don Bosco nostro modello, Don Bosco modello del Sacerdote Salesiano, duas circulares*, 18 de out. de 1920 e 19 de março de 1921, em *Lettere Circolari*, Torino, Direz. gen. Opere Don Bosco, pp. 360-383 e 424-472. Reflexões profundas do segundo sucessor de Dom Bosco.
3. 4. 5. Alberto Caviglia, "*Don Bosco*". *Profilo storico*, SEI, Torino 1920; 2.^a ed. rífusa 1934, pp. 215. Ótimo retrato espiritual. *Savio Domenico e Don Bosco*, SEI, Torino 1943, pp. 610. A espiritualidade de Dom Bosco vista através da sua influência sobre D. Sávio. *Conferenze sullo spirito salesiano*, Torino Crocetta 1949, litografado, pp. 125.
6. Eugenio Cerja, *Don Bosco con Dio*, SEI, Torino 1929; ed. aumentata 1947. Colle Don Bosco, pp. 395. Ótimas observações sobre a vida de união com Deus de Dom Bosco.
7. Ceslao Pera, *I doni dello Spirito Santo nell'anima del beato Giovanni Bosco*, SEI, Torino 1930, pp. 330.
8. A. Portaluppi, *La spiritualità del Beato Don Bosco*, em "La Scuola Cattolica", janeiro 1930.
9. Pierino Scotti, *La dottrina spirituale di Don Bosco*, em "La Scuola Cattolica", abril-junho 1932; SEI, Torino 1939, pp. 261.
10. Giuseppe Vespignani, *Un anno alla scuola di Don Bosco*, SEI, 2.^a ed., Torino 1932, pp. 244.
11. Pierre Cras, *Las spiritualité d'un homme d'action*, em "La vie Spirituelle", março 1938.

12. Giov. Battista Borino, *Don Bosco. Sei scritti e un modo di vederlo*, SEI, Turim 1938, pp. 174.
13. 14. Eugenio Valentini, *La spiritualità di Don Bosco*, 1952. *Spiritualità e umanesimo nella pedagogia di Don Bosco*, Turim 1958. Duas conferências.
15. Henri Bouquier, *Les pas dans les pas de Don Bosco, ou la spiritualité salésienne*, Orat. St. Léon, Marseille 1953, pp. 219.
16. Domenico Bertetto, *S. Giovanni Bosco maestro e guida del sacerdote*, Colle Don Bosco 1954, pp. 444.
17. Guido Favini, *Alle fonti della vita salesiana*, SEI, Torino 1965, pp. 267.
18. *Don Bosco nell'augusta parola dei papi*, a cura dell'Ufficio Stampa salesiano, SEI, Torino 1966, pp. 210. Particularmente preciosas as palavras de Pio XI, que conheceu pessoalmente Dom Bosco.
19. Francis Desramaut, *Don Bosco e la vita spirituale*, LDC, Torino 1970, pp. 319. Tradotto dal francese, ed. 1967.
20. Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, PAS-Verlag, Vol. I, *Vita e Opere*, 1968, pp. 301; Vol. II, *Mentalità religiosa e spiritualità*, Zürich 1969, pp. 585; Vol. III, *Influssi e risonanze*, em preparação. Este autor como o precedente tem a preocupação de mostrar a inserção de Dom Bosco no seu ambiente histórico.
21. J. Aubry, *Lo spirito salesiano. Lineamenti*, ed. Ufficio Naz. Cooperatori, Roma 1972, pp. 171.

Outros elementos interessantes encontram-se:

— nas biografias de Dom Bosco, sobretudo nas de A. Amadei (dois volumes. 2.ª ed. 1940) e de E. Ceria (2.ª ed., 1949);

— nos numerosos estudos sobre a pedagogia di Don Bosco, em particular Pietro Ricaldone, *Don Bosco educatore*, Colle Don Bosco 1951-1952, dois vols.; Pietro Braido, *Il sistema preventivo di Don Bosco*, Torino 1955, Nuova ed., PAS-Verlag, Zürich 1964, pp. 418; Giancarlo Isoardi, *L'azione catechetica di San Giovanni Bosco nella pastorale giovanile*, LDC, Torino 1974, pp. 128.

PRIMEIRA PARTE

UM SERVO ESCOLHIDO E PREPARADO
POR DEUS

“Deus escolheu a Davi, seu servo, e o tomou do aprisco das ovelhas (...) para apascentar seu povo” (Sl 78, 70-71)

MEMÓRIAS DO ORATÓRIO DE S. FRANCISCO DE SALES DE 1815 A 1855

A primeira vez que Dom Bosco foi a Roma, em 1858, o Papa Pio IX, ao ouvir de seus lábios como havia nascido a obra dos Oratórios Festivos para os jovens de Turim, percebeu imediatamente a presença de elementos sobrenaturais, promessa de grande futuro: recomendou a Dom Bosco pusesse por escrito a história exata das origens, para encorajamento e norma dos seus filhos ⁽¹⁾. O fundador, porém, sobrecarregado de serviço, deixou passar nove anos sem cumprir a recomendação.

Voltou a ver o Papa em 1867 e, pedindo desculpas, explicou por que nada fizera ainda. "Pois bem, replicou o Pontífice, deixe qualquer outro trabalho e escreva. Agora não é apenas um conselho, é uma ordem. Não pode compreender perfeitamente o bem que fará aos seus filhos" ⁽²⁾.

Dom Bosco obedeceu, mas não logo, pelas muitas preocupações, viagens e dolorosa doença. Assim que se restabeleceu pôs mãos à obra, e nos momentos livres, entre 1873 e 1875, escreveu a maior parte das Memórias do Oratório de S. Francisco de Sales. Retomou a pena nos anos seguintes, a intervalos... para deixar por fim o trabalho inacabado, sem conclusão.

Reservando essas páginas aos seus filhos, não só não as publicou durante a sua vida, mas proibiu formal-

(1) MB V, 882.

(2) MB VIII, 587.

mente que fossem publicadas após sua morte. Na introdução da edição de 1946, o P. Eugênio Ceria explica por que se julgou oportuno passar por cima da proibição do Santo. Hoje, qualquer pessoa pode ler integralmente as Memórias do Oratório⁽³⁾. A edição se baseia em dois documentos: o manuscrito de Dom Bosco, conservado no Arquivo salesiano de Roma (três grandes cadernos 295 x 204, 180 pp.), e uma cópia dele feita pelo secretário P. Berto (seis cadernos), revista e anotada pelo próprio Dom Bosco, provavelmente com vistas à História do Oratório de S. Francisco de Sales, iniciada, em artigos, em janeiro de 1879, no Bollettino Salesiano⁽⁴⁾.

Apresentando os primeiros quarenta anos da vida de Dom Bosco (1815-1855), as Memórias narram sua preparação e o início do seu apostolado. Não são entretanto uma "autobiografia" no sentido estrito da palavra, nem um escrito de caráter puramente histórico, mas antes "Memórias para servirem à história do Oratório de S. Francisco de Sales", redigidas por um pai que faz confidências aos filhos. Os fatos são verdadeiros, mas coloridos e enriquecidos com o intuito de instruir. E lucram com a interpretação que a maturidade do herói e o desenvolvimento da sua obra (ao escrever Dom Bosco já chegara aos 58-60 anos) tornavam muito natural.

Esse fato, que do ponto de vista rigorosamente histórico⁽⁵⁾ pode criar problemas, constitui uma vantagem preciosíssima do ponto de vista pedagógico e espiritual. O interesse principal dirige-se à atividade religiosa e social de Dom Bosco e às instituições caritativas e educativas em que ela se foi progressivamente exprimindo. Todavia os elementos diretamente espirituais são numerosos e significativos, sobretudo na primeira parte, mais pessoal: admiramos os caminhos da Provi-

(3) San Giovanni Bosco, *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*, SEI, Torino 1946, pp. 260. Introdução (pp. 1-12) e abundantes notas do P. E. Ceria.

(4) Essa História deixa de lado a infância e juventude de Dom Bosco, para começar logo o relato do seu trabalho sacerdotal a partir de 1841.

(5) Dom Bosco incide em diversos erros cronológicos.

dência na escolha e preparação do seu servidor; assistimos ao despertar da consciência intensamente apostólica de João Bosco e às suas primeiras e decisivas opções. Não gostava de falar da sua vida espiritual íntima; ora, não há escrito em que haja mais abundante e profundamente falado de si próprio.

Servimo-nos do texto editado pelo P. Ceria. Mas os títulos que antecedem os trechos são nossos.

1. Introdução. Finalidade das Memórias: mostrar que “foi Deus que conduziu tudo”

Para que servirá este trabalho? Servirá de norma para superar dificuldades futuras, aprendendo as lições do passado; servirá para mostrar como Deus foi conduzindo as coisas no tempo devido; servirá como entretenimento para os meus filhos, ao lerem os fatos vividos pelo pai, e haverão de lê-los mais gostosamente ainda quando, chamado por Deus para prestar contas de meus atos, não estiver mais entre eles. Se encontrardes fatos expostos talvez com muita complacência e quiçá com aparência de vanglória, sabereis perdoar-me. É um pai que se alegra em falar de suas coisas aos seus amados filhos, os quais ficam também satisfeitos ao conhecerem as pequenas aventuras de quem tanto os amou, e que nas coisas pequenas e grandes procurou trabalhar sempre para o bem espiritual e temporal deles.

Exponho estas memórias dividindo-as em décadas ou seja períodos de dez anos, porque em cada um desses espaços se deu um notável e sensível desenvolvimento da nossa instituição.

Quando, meus filhos, lerdes estas memórias depois da minha morte, lembrai-vos de que tivestes um pai afeiçoado, que antes de abandonar o mundo deixou estas memórias como penhor de paterna afeição; e ao lembrar-vos de mim, rezai a Deus pelo eterno descanso de minha alma.

(ed. Ceria, 16)

2. Órfão aos 2 anos o futuro pai dos órfãos

O dia consagrado a Nossa Senhora da Assunção foi o dia do meu nascimento ⁽¹⁾, em 1815, em Murialdo, no município de Castelnuovo d'Asti. O nome de minha mãe era Margarida Occhiena, de Capriglio; Francisco, o de meu pai. Ambos camponeses, que com trabalho e poupança ganhavam honestamente o pão da vida. Meu bom pai, quase só com o seu suor, sustentava minha avó setuagenária, molestada por vários achaques; três meninos, o maior dos quais era Antônio, filho do primeiro matrimônio; José, o segundo; João, o caçula, que sou eu; e ainda dois empregados no campo ⁽²⁾.

Não completara ainda dois anos, quando Deus misericordioso nos feriu com uma grande desgraça. O querido pai, tão cheio de saúde, na flor da idade, tão empenhado em dar educação cristã aos filhos, regressando um dia a casa banhado de suor, desceu imprudentemente à adega subterrânea e fria. Estacando-se a transpiração, manifestou-se à noitinha febre muito alta, prenúncio de violenta pneumonia. Inúteis todos os cuidados. Dentro de poucos dias chegou ao extremo das forças. Munido de todos os confortos da religião, recomendando à minha mãe confiança em Deus, faleceu aos 34 anos de idade, dia 12 de maio de 1817.

Não sei o que se deu comigo na lutuosa ocorrência: lembro-me apenas, e é o primeiro fato da vida que con-

(1) Nasceu na realidade a 16 de agosto. Nota o P. Ceria: "Dom Bosco sempre acreditou haver nascido dia 15 de agosto... Devemos lembrar que no Piemonte se diz muitas vezes, sem preocupações de exatidão, que se deu na "Madonna" de agosto algo acontecido pouco antes ou pouco depois do dia 15. Digamos que João, desde pequeno tenha ouvido repetir em casa que nascera na "Madonna" de agosto, e a conclusão é óbvia" (p. 17). Nossa Senhora assume imediatamente um lugar especial na vida do pai dos órfãos. Sua mãe Margarida, casada três anos antes, tinha então 27 anos.

(2) Às origens camponesas, no ambiente da família dos Becchi, deve João Bosco a aquisição de valores fundamentais para a sua santidade e a missão: o realismo, o sentido do trabalho, extraordinária estima da pobreza, profundo amor à mãe e através dela à Mãe do céu. Antônio, o irmão de criação, era sete anos e meio mais velho, pois nascera dia 3 de fevereiro de 1808. José nascera dia 8 de abril de 1813. *Gianni* é uma forma piemontesa de *Giovanni*.

servo na memória, que todos deixavam o quarto do falecido, e eu queria de todo jeito permanecer. — Vem, João, vem comigo, — repetia angustiada minha mãe. — Se papai não vier, eu também não vou, — respondi. — Pobre filho, replicou minha mãe, vem comigo, não tens mais pai. — E ao pronunciar essas palavras prorrompeu em soluços, tomou-me pela mão e levou-me para fora, enquanto eu chorava porque ela chorava. Naquela idade não podia certamente compreender a extensão da desgraça que era a perda do pai.

Esse fato deixou consternada toda a família. . .

(ed. Ceria, 17-19)

3. Mãe que era serva de Deus

Sua preocupação maior foi instruir os filhos na religião, educá-los na obediência e ocupá-los em coisas compatíveis com a idade ⁽³⁾. Enquanto eu era pequerrucho, ela própria me ensinou as orações; assim que me pude juntar aos irmãos, fazia-me ajoelhar com eles de manhã e à noite, e todos juntos dizíamos as orações em comum, com o terço. Lembro-me de que ela mesma me preparou para a primeira confissão, acompanhou-me à igreja; começou ela própria por confessar-se, recomendou-me ao confessor, e depois ajudou-me a fazer a ação de graças. Continuou a prestar-me essa assistência até que me julgou capaz de sozinho confessar-me bem.

Entretanto eu chegara aos nove anos de idade; minha mãe desejava mandar-me à escola, mas estava muito preocupada com a distância, pois estávamos a

(ed. Ceria, 21-22)

(3) Jamais havemos de exagerar a influência de mamãe Margarida na formação espiritual do seu filho mediante o exemplo e a palavra. A camponesa, cheia de sabedoria cristã, abriu-o ao sentido de Deus, à oração, à prática dos sacramentos, à devoção a Maria. Havemos de vê-la intervir nos momentos decisivos da sua vocação.

Pouco antes de morrer, Dom Bosco pediu ao P. J. B. Lemoyne que publicasse a vida de sua santa mãe, para edificação das mães cristãs. Saiu como fascículo das *Letture Cattoliche* de junho de 1886, com o título: *Cenas morais de família expostas na vida de Margarida Bosco. Narração edificante e amena pelo P. J. B. Lemoyne*. Cf. a introdução escrita pelo P. Ceria para a edição modernizada de 1956.

cinco quilômetros de Castelnuovo. Meu irmão Antônio se opunha à minha ida ao colégio...

4. Aos 9 anos. Um sonho considerado como uma comunicação divina

Nessa idade tive um sonho, que me ficou profundamente impresso na mente por toda a vida ⁽⁴⁾. Não sono parecia-me estar perto de casa, num pátio bastante grande, onde se juntava uma multidão de meninos a brincar. Alguns riam, outros divertiam-se, não poucos blasfemavam. Ao ouvir as blasfêmias lancei-me logo no meio deles, tentando com socos e palavras fazê-los calar. Nesse momento apareceu um homem venerando, já adulto, nobremente vestido ⁽⁵⁾. Um manto branco cobria-lhe o corpo; mas o rosto era tão luminoso que eu não podia fitá-lo. Chamou-me pelo nome e mandou que me colocasse à frente daqueles meninos acrescentando estas palavras: — Não é com pancadas, mas com a mansidão e a caridade que deverás ganhar esses teus amigos. Põe-te imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude.

Confuso e assustado, repliquei que eu era um menino pobre e ignorante, incapaz de lhes falar de religião. Senão quando aqueles meninos parando de brigar,

(4) Sabemos que os sonhos têm um lugar importante na vida de Dom Bosco. A interpretação deles deve levar em conta primeiramente a tradição escrita, nem sempre clara. O sonho dos nove anos, redigido inteiramente pelo santo, é um caso privilegiado. Não se pode negar o caráter sobrenatural de muitos sonhos, sobretudo deste. Escreve o P. Stella: "O sonho dos nove anos condicionou toda a maneira de viver e de pensar de Dom Bosco. E particularmente a maneira de sentir a presença de Deus na vida de cada um e na história do mundo" (*Don Bosco nella storia*, I, 30-31). Sobre os sonhos de Dom Bosco em geral, cf. *MB XVII*, 7-13; E. Ceria, *Don Bosco con Dio*, SEI, Turim 1930, pp. 189-200; P. Stella, *op. cit.*, II, 507-563; "Torna-se evidente que Dom Bosco julgou-se favorecido por ilustrações sobrenaturais" (p. 561).

(5) A primeira fase do sonho realiza-se na presença desse "homem venerando", que pouco depois se definirá como filho daquela que Joãozinho saudava três vezes no Ângelus. Dele recebe a missão ("colocar-me à frente daqueles meninos..., instruí-los...), o método de cumpri-la (mansidão, caridade, amizade), a indicação dos meios para isso (obediência e ciência divina que se deviam receber de uma "mestra").

de gritar e de blasfemar juntaram-se todos ao redor da personagem que falava.

Quase sem saber o que dizer, falei: — Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?

— Justamente porque te parecem impossíveis, debes torná-las possíveis com a obediência e a aquisição da ciência.

— Onde, com que meios posso adquirir a ciência?

— Eu te darei a mestra, sob cuja orientação podes tornar-se sábio, e sem a qual toda sabedoria se torna estultície.

— Mas quem sois vós, que assim falais?

— Sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia.

— Minha mãe diz que não devo estar com gente que não conheço, sem sua licença; por isso disse-me vosso nome.

— Pergunta-o à minha mãe.

Nesse momento vi a seu lado uma mulher de majestosa aparência⁽⁶⁾, vestida de um manto todo resplandecente, como se cada um de seus pontos fosse fulgidíssima estrela. Percebendo-me cada vez mais confuso em minhas perguntas e respostas, acenou para que me aproximasse, e tomando-me com bondade pela mão disse: — Olha. Vi então que todos os meninos haviam fugido, e em lugar deles estava uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e outros animais. — Eis o teu campo, onde debes trabalhar. Torna-te humilde, forte,

(6) Aí está a segunda parte do sonho: desenrola-se na presença do Senhor e de sua Mãe, à qual passou a iniciativa da ação. Deve-se notar a grande bondade de Maria, a designação de *meus filhos* dada aos meninos, a "ordem de missão" novamente recebida: "*Eis onde debes trabalhar . . .deverás fazê-lo*". . . As qualidades necessárias são a humildade do servo e a força do servo responsável e eficaz. O final dá ao sonho um caráter quase bíblico. João será um dia pastor de imenso rebanho de jovens, em nome do Bom Pastor e daquela que num outro sonho chamará de Pastorzinha ou Pastora (cf. E. Ceria, 135). Impressionante sem dúvida o lugar assumido por Maria na vocação de João.

robusto ^(6 bis); e o que agora vês acontecer a esses animais, deves fazê-lo aos meus filhos.

Tornei então a olhar, e em vez de animais ferozes apareceram mansos cordeirinhos, que saltitando e bailando corriam ao redor daquele homem e daquela senhora como a fazer-lhes festa.

Nesse ponto, sempre no sonho, pus-me a chorar, e pedi que falassem de maneira que pudesse compreender, porque não sabia o que tudo aquilo significava. Então ela descansou a mão em minha cabeça dizendo: — A seu tempo tudo compreenderás ⁽⁷⁾.

Após tais palavras, um ruído me acordou; e tudo desapareceu.

Fiquei transtornado. Parecia-me ter as mãos doloridas pelos socos que desferira, e doer-me o rosto pelos tapas recebidos; além disso aquela personagem, a mulher, as coisas ditas e ouvidas de tal modo me encheram a cabeça que naquela noite não pude mais conciliar o sono.

De manhãzinha contei logo o sonho, primeiro aos meus irmãos, que se puseram a rir, depois à minha mãe e à vovó. Cada um dava o seu palpite. O irmão José dizia: “Certamente você vai ser pastor de ovelhas, de cabras e de outros animais”. Minha mãe: “Quem sabe se um dia não serás sacerdote?”. Antônio com seca inflexão da voz: “A não ser que acabes como chefe de bandidos”. Mas a avó que entendia muito de teologia, era de todo analfabeta, deu a sentença definitiva dizendo: “*Não se deve dar crédito a sonhos*”.

(6bis) Lemos na Bíblia que ao dar a Josué a missão de guiar o povo de Israel à terra prometida, Deus lhe diz repetidas vezes. “Sê forte e corajoso (*Confortare et esto robustus*). Não temas. Estarei contigo” (Dt 31,23; Jo 1, 6-7.9).

(7) Sessenta e dois anos mais tarde, em maio de 1887, Dom Bosco celebrava uma primeira missa no novo santuário do S. Coração em Roma, uma de suas últimas realizações: “Por quinze vezes ao menos parou, tomado de forte comoção e derramando lágrimas” (MB XVIII, 340). De volta à sacristia, explicou ao seu secretário P. Viglietti: “Tinha bem viva diante dos olhos a cena do sonho sobre a Congregação quando tinha 10 anos. Via mesmo e ouvia mamãe e os irmãos discutirem sobre o sonho...” (*ibidem*, 341). Nesse dia compreendia realmente tudo.

Eu era do parecer de minha avó; todavia não pude nunca tirar aquele sonho de minha cabeça ⁽⁸⁾. O que vou expor doravante dará a isso algum significado. Mantive-me sempre calado; meus parentes não lhe deram importância. Mas quando, em 1858, fui a Roma para falar com o Papa sobre a congregação salesiana, ele me fez contar pormenorizadamente tudo quanto tivesse ainda só a aparência de sobrenatural. Conteí então pela primeira vez o sonho que tive na idade de nove a dez anos. O Papa mandou-me escrevê-lo no seu sentido literal por menores, e deixá-lo como estímulo aos filhos da Congregação, a qual era o objetivo de minha viagem a Roma.

(ed. Ceria, 22-26)

PRIMEIRA DÉCADA : 1825-1835

5. Aos 11 anos. Primeira Comunhão.

"Deus toma posse do seu coração"

Eu tinha 11 anos quando fui admitido à primeira comunhão. Sabia todo o pequeno catecismo; ordinariamente, porém, ninguém era admitido à comunhão antes dos doze anos. Além disso, como a igreja ficava longe, o pároco não me conhecia, e eu tinha que me contentar com a instrução religiosa de minha boa mãe. Não querendo, porém, que eu me fosse adiantando em anos sem participar desse grande ato da nossa santa religião, empenhou-se ela própria em preparar-me do melhor modo possível. Durante a quaresma mandou-me todos os dias ao catecismo; fui depois examinado, aprovado, e fora marcado o dia em que todos os meninos deviam fazer a páscoa.

(8) Cada um interpreta o sonho de acordo com a própria mentalidade e caráter. Dom Bosco sorri ao lembrar a reação da avó "de todo analfabeta" que resolve a questão como um teólogo abalizado. O "humour" é um aspecto desse relato das *Memorie*: "Servirá de agradável entretenimento para os meus filhos", dizia no começo. Joãozinho não queria dar importância ao sonho, mas isso não lhe será possível. Ao escrever, parece-lhe tão decisivo ao ponto de marcar o início da primeira década dos acontecimentos que o levarão ao cumprimento da missão recebida.

No meio de muita gente era impossível evitar a distração. Minha mãe esforçou-se por seguir-me vários dias; levava-me três vezes à confissão durante a quaresma. — Joãozinho, disse repetidas vezes, Deus prepara um grande presente para ti; mas procura preparar-te bem, confessa-te, não cales nada na confissão. Confessa tudo, arrepende-te de tudo, e promete a Deus ser melhor para o futuro. — Tudo prometi; se depois fui fiel, Deus o sabe. Em casa fazia-me rezar, ler um bom livro, dando-me os conselhos que uma mãe julga oportunos para os filhos.

Naquela manhã não me deixou falar com ninguém, acompanhou-me à sagrada mesa, e fez comigo a preparação e a ação de graças, que o Vigário forâneo, chamado Sismondi, zelosamente fazia com todos em voz alta e alternada. Não quis que nesse dia me ocupasse em nenhum trabalho material, mas que o consagrasse todo à leitura e à oração. Entre muitas coisas minha mãe me repetiu várias vezes estas palavras: — Querido filho, este foi um grande dia para ti. Estou certa que Deus tomou posse, de fato, do teu coração. Promete-lhe que farás o que puderes para te conservares bom até o fim da vida. Comunga muitas vezes, mas não cometas jamais sacrilégio. Dize sempre tudo na confissão; sê sempre obediente, vai de boa vontade ao catecismo e às pregações; mas por amor de Deus foge como da peste dos que têm más conversas.

Gravei e procurei praticar as recomendações de minha piedosa mãe: e parece-me que desde esse dia houve alguma melhora na minha vida, especialmente na obediência e na submissão aos demais, coisa que antes me causava grande repugnância, pois queria fazer sempre minhas observações infantis a quem me mandava ou aconselhava ⁽⁹⁾.

(ed. Ceria, 31-33)

(9) Também aqui se revela decisiva a presença da mãe. Convicta da importância da eucaristia na vida espiritual dos meninos, consegue antecipar a primeira comunhão de João, prepara-o, acompanha-o, conserva-o recolhido no grande dia, faz-lhe compreender a necessidade de ser melhor... Não há dúvida que a mãe contribuiu para dar ao filho a compreensão do papel decisivo dos sacramentos, que será uma das feições da espiritualidade salesiana.

6. Aos 14 anos. Um sacerdote idoso abre-me os caminhos da vida espiritual ⁽¹⁰⁾

Coloquei-me logo nas mãos do P. Calosso, que havia poucos meses assumira a capelania. Abri-me inteiramente com ele. Manifestava-lhe prontamente qualquer palavra, pensamento e ação. O que muito lhe agradou, porque desta sorte podia-me guiar com segurança no espiritual e no temporal.

Fiquei sabendo então o que quer dizer ter a direção estável de um fiel amigo da alma, coisa que até então não tivera. Entre outras coisas proibiu-me uma penitência que costumava fazer, imprópria para a minha idade e condição. Animou-me a freqüentar a confissão e a comunhão, ensinou-me o modo de fazer todos os dias uma breve meditação ou melhor um pouco de leitura espiritual. Nos dias festivos passava com ele todo o tempo que podia. Nos dias de semana, quando possível, ia ajudar-lhe a missa. Desde esse tempo comecei a saborear o que vinha a ser a vida espiritual,

Deve-se notar o fruto "especial" dessa primeira comunhão: João se torna mais obediente. Tinha uma personalidade forte, um caráter independente, dotes naturais de chefe e vanguardeiro, tendência ao orgulho e ao domínio dos outros. Isso tudo, purificado por longo esforço de humildade e obediência, tornar-se-á meio eficaz a serviço do plano de Deus: Deus é recebido como o Senhor a quem se dá o coração para sempre.

(10) Nas suas *Memorie* Dom Bosco nada diz de sua permanência de dois anos na fazenda Moglia em Moncucco (fevereiro de 1827 a novembro de 1829) como pequeno empregado. As razões desse silêncio não são claras; talvez uma delicadeza para com mãe Margarida. De qualquer maneira, como diz o P. Stella: "Não foram anos inúteis, não foram um parêntese. Foram anos em que se arraigou mais profundamente nele o sentido de Deus e da contemplação, na solidão ou no colóquio com Deus durante o trabalho dos campos. Anos que se podem definir de espera recolhida e súplice: espera de Deus e dos homens; anos em que talvez se deve colocar a fase mais contemplativa dos primeiros lustros de vida" (*Don Bosco nella storia*, I, 36).

De volta aos Becchi, encontra, uma tarde de novembro de 1829, o novo capelão de Murialdo, P. Calosso: primeiro sacerdote que entra na sua vida. Durante um ano, o santo ancião (tinha 74 anos) iniciou João no latim e mais ainda na reflexão espiritual. Além disso estabeleceu-se entre ambos uma profunda comunhão de almas, uma afetuosa relação de pai a filho: o próprio estilo da narração desse episódio demonstra quão nova e inesquecível foi a experiência do adolescente de catorze anos, desejoso de abrir-se.

pois antes agia materialmente, qual máquina que trabalha sem saber por quê.

(ed. Ceria, 36)

... No mês de abril passei a viver com o capelão, indo a casa somente para dormir.

Ninguém pode imaginar minha grande satisfação. O P. Calosso tornara-se um idolo para mim. Amava-o mais que a um pai, rezava por ele, servia-o com gosto em tudo. Era uma grande alegria trabalhar para ele, e, diria, fazer tudo o que lhe agradasse. Num só dia com o capelão fazia mais progressos do que numa semana em casa. O homem de Deus se afeiçoara tanto a mim que disse várias vezes: — Não te preocupes com o futuro; enquanto eu tiver vida não te deixarei faltar nada; quando morrer, deixarei tudo bem acertado.

Minhas coisas corriam com inacreditável prosperidade. Eu me dizia plenamente feliz, nada havia que pudesse desejar. Mas uma desgraça trancou o curso de todas as minhas esperanças.

... Após dois dias de agonia o pobre P. Calosso partia para o seio do Criador: morriam com ele todas as minhas esperanças. Rezei sempre e enquanto viver não deixarei nunca de rezar todas as manhãs por esse meu insigne benfeitor.

Vieram os herdeiros do P. Calosso, e lhes entreguei a chave da escrivania e tudo o mais que lhe pertencia ⁽¹²⁾.

(ed. Ceria 36, 40-41)

(11) Parágrafo precioso, onde cada frase é rica de significado. João encontrou o "guia-amigo" em que se apoiar. É esclarecido quanto ao tipo de mortificação a escolher. É encaminhado aos sacramentos. É iniciado na meditação cotidiana. Enfim, aprende a "saborear" a realidade da vida espiritual: amadurecendo a experiência precedente de Moncucco, descobre as maravilhas de ser cristão, adere a Deus, ao encontro com ele na oração, ao seu serviço na vida cotidiana, com a alegria interior da verdadeira "devoção".

(12) Sob a chave que o P. Calosso entregara a João com intuito bem claro, havia 6.000 liras... o necessário para pagar os estudos do futuro sacerdote. Deus submette-o à prova e pede-lhe absoluta confiança.

A morte do P. Calosso foi para mim um desastre irreparável. Eu chorava inconsolável o benfeitor falecido. Desperto, pensava nele; dormindo, sonhava com ele; as coisas chegaram a tal ponto que minha mãe temendo pela minha saúde, mandou-me passar algum tempo com meu avô em Capriglio.

Nesse tempo tive outro sonho, no qual era severamente repreendido, porque havia depositado minha esperança nos homens e não na bondade do Pai celeste ⁽¹³⁾.

Acompanhava-me de contínuo o pensamento de progredir nos estudos. Via diversos bons padres que trabalhavam no sagrado ministério, mas não podia contrair nenhuma familiaridade com eles. Encontrei muitas vezes pelo caminho o pároco com o vice-pároco. Cumprimentava-os de longe, quando mais perto fazia também uma inclinação. Eles, porém, retribuíam com gravidade e cortesia a saudação e continuavam o caminho. Muitas vezes chorando dizia de mim para mim e também a outros: — Se eu fosse padre, não faria assim; me achegaria aos meninos, diria a eles boas palavras, daria bons conselhos. Como seria feliz se pudesse conversar um pouco com o meu pároco. Tinha esta satisfação com o P. Calosso; não a terei jamais?

(ed. Ceria, 43-44)

7. Aos 19 anos. Um santo amigo leva-o ao fervor ⁽¹⁴⁾

Esse ato heróico despertou em mim o desejo de saber-lhe o nome, que era precisamente Luís Comollo, sobrinho do Pároco de Cinzano, de quem se ouviam

(13) Frase bem típica: na consciência de João aprofunda-se o sentimento de que se devia apoiar de maneira absoluta naquele que o chamou a trabalhar em seu campo.

(14) De novembro de 1831 a agosto de 1835, João Bosco estudou no ginásio de Chieri, "cidadezinha na qual explodiu com toda a riqueza a sua personalidade adolescente e jovem. Viveu dos 15 aos 20 anos praticamente sem frustrações, antes, na euforia alimentada pelos bons resultados escolares, pelo prestígio sobre os companheiros que via gravitarem ao redor da sua pessoa" (P. Stella, *Don Bosco nella storia*, I. 42). Durante o ano de humanidades, em abril de 1834, hesita com

tantos elogios. Desde esse tempo tive-o sempre como amigo íntimo, e posso dizer que aprendi dele a viver como cristão. Depositei nele plena confiança, e ele em mim; precisávamos um do outro. Eu de ajuda espiritual, ele de ajuda corporal. Porque, extremamente tímido, Comollo não ousava sequer tentar a defesa contra os insultos dos prepotentes, ao passo que eu, dada a minha coragem e vigor físico, era temido por todos os companheiros, mesmo mais velhos e de maior estatura.

... Bem outras lições me dava Comollo. — Meu caro, disse-me, tua força me espanta; lembra-te, porém, que Deus não te deu tal força para esmagar os colegas ⁽¹⁵⁾. Ele quer que nos amemos, que perdoemos, que façamos o bem a quem nos faz mal.

Admirei a caridade do colega, e pondo-me inteiramente em suas mãos, deixava-me levar para onde e como ele quisesse. De acordo com o amigo Garigliano, íamos juntos confessar-nos, comungar, fazer a meditação, a leitura espiritual, a visita ao SS. Sacramento, ajudar a s. missa. Sabia convidar-nos com tamanha bondade, doçura e cortesia que era impossível excusar-nos.

(ed. Ceria, 60-61)

relação à sua vocação; talvez para melhor domar o temperamento vivo, "sberbo" e "dissipado", pede para entrar nos Frades Menores de Turim. Mas um sonho e o conselho do pároco de Cinzano convencem-no a continuar o seminário (cf. MO 79-81).

O ano de retórica é marcado pelo encontro com Luís Comollo, dois anos mais moço, tímido, pálido, mas todo inflamado de amor de Deus. Depois de P. Calosso, "pai" amadíssimo, Comollo será o "amigo" preciosíssimo que Deus oferece a João para fazê-lo progredir no dom de si mesmo. Sua amizade durará quatro anos e meio, até à morte de Comollo a 2 de abril de 1839, no seminário. E já em 1844 Dom Bosco, jovem sacerdote, escreverá a vida do colega, primeiro escrito "brotado mais do coração que da pena do Santo, quando ainda não completara 30 anos, como afetuoso tributo à memória do amigo mais íntimo e mais caro que teve" (A. Caviglia, *Opere e scritti di Don Bosco*, V, p. 9).

O encontro aconteceu quando, "por ocasião da entrada na escola", Comollo, esbofetado, perdoa seu ofensor.

(15) João servira-se de um companheiro, rodando-lhe o corpo no ar à guisa de uma clava, a fim de debandar os que queriam maltratar Comollo.

8. Aos 20 anos. Programa de vida nova em preparação ao sacerdócio

Tomada a decisão de abraçar o estado eclesiástico e após o exame prescrito, ia-me preparando para aquele dia de grande importância, porque estava persuadido que da escolha do estado depende ordinariamente a salvação eterna ou a eterna perdição. Pedi a vários amigos que rezassem por mim; fiz uma novena, e no dia de S. Miguel (outubro de 1834) ⁽¹⁷⁾ aproximei-me dos santos sacramentos, e em seguida o teólogo Cinzano, pároco e vigário forâneo da minha terra natal, benzeu a batina e vestiu-me de clérigo antes da missa solene.

Quando me mandou tirar as vestes seculares com as palavras: *Exuat te Dominus veterem hominem cum actibus suis*, disse no meu coração: — Oh! quanta coisa velha há a tirar! *Meu Deus, destruí em mim todos os maus hábitos.* — Quando ao entregar-me o colarinho acrescentou: *Induat te Dominus novum hominem, qui secundum Deum creatus est in iustitia et sanctitate veritatis!* senti-me grandemente comovido e acrescentei de mim para mim: — *Sim, meu Deus, fazei que neste momento eu me revista de um novo homem, isto é, que a partir de agora eu comece uma vida nova, toda conforme à divina vontade, que a justiça e a santidade sejam o objeto constante dos meus pensamentos, das minhas palavras e das minhas obras. Assim seja. Ó Maria, sede a minha salvação.*

Terminada a função na igreja, meu pároco quis fazer outra inteiramente profana: levar-me à festa de

(16) O próprio Dom Bosco ajunta nesta segunda década os anos de estudos eclesiásticos (seis anos no seminário de Chieri, 1835-1841, e três anos no Pensionato Eclesiástico de Turim, 1841-1844) e as primeiras e movimentadas etapas de apostolado juvenil, até a transferência definitiva para Valdocco (Páscoa de 1846). Os dois fatos fazem compreender a importância decisiva desse período: apoiado em longa reflexão teológica e nas primeiras experiências apostólicas, escolhe definitivamente o seu tipo de santidade.

(17) Falha aqui a memória de Dom Bosco. Pois era o dia de São Rafael (25 de outubro) de 1838.

S. Miguel que se celebrava em Bardella, povoado de Castelnuovo. Com essa festinha queria manifestar-me benevolência, mas não era coisa oportuna para mim.

(ed. Ceria, 85-86)

... Depois daquele dia devia cuidar de mim mesmo. A vida levada até então devia ser radicalmente reformada. Nos anos passados não havia sido um perverso, mas dissipado, vaidoso, dado a partidas, jogos, saltos, brinquedos e coisas assim, que alegravam momentaneamente, mas não satisfaziam o coração⁽¹⁸⁾.

Para estabelecer um teor de vida estável que não deveria esquecer, escrevi os seguintes propósitos:

1.º No futuro não participarei mais de espetáculos públicos nas feiras, nos mercados: nem assistirei a bailes ou teatros: e na medida do possível não participarei dos almoços que se costumam dar em tais ocasiões.

2.º Não farei mais exhibições de "bussolotti", de prestidigitador, saltimbanco, malabarismo, corda: não tocarei mais violino, não irei mais à caça. Essas coisas todas reputo-as contrárias à gravidade e ao espírito eclesiástico.

3.º Procurarei amar e praticar o retiro, a temperança no comer e no beber: para repouso tomarei apenas as horas estritamente necessárias à saúde.

4.º Como no passado servi o mundo com leituras profanas, procurarei no futuro servir a Deus com leituras religiosas.

5.º Combaterei com todas as forças qualquer, leitura, pensamento, conversa, palavras e obras contrárias à virtude da castidade. Farei ao invés as coisas

(18) O clérigo João Bosco leva muito a sério a "nova" situação de seminarista firmemente orientado para o sacerdócio. Sente o exigente anseio de deixar hábitos e atitudes que lhe parecem incompatíveis com o estado sacerdotal, de rejeitar qualquer condescendência com o mundo que a severa ascética sacerdotal do tempo lhe ensina a fugir. Espiritualmente, os seis anos de seminário se caracterizam por certa tensão de auto-controle e por um esforço ascético acentuado. Isso aparece claramente já nos propósitos da vestidura.

ainda mais pequeninas que possam contribuir para a conservação dessa virtude.

6.º Além das práticas ordinárias de piedade, não deixarei nunca de fazer todos os dias um pouco de meditação e de leitura espiritual.

7.º Contarei todos os dias algum exemplo ou máxima que aproveite à alma do próximo. Assim farei com os companheiros, com os amigos, com os parentes, e quando não puder fazê-lo com outros, fá-lo-ei com minha mãe.

Estas as resoluções tomadas quando vesti a batina⁽¹⁹⁾, e para que me ficassem bem impressas, coloquei-me diante de uma imagem de Nossa Senhora, li-as, e após uma prece fiz à Celeste Benfeitora a promessa formal de observá-las à custa de qualquer sacrifício.

(ed. Ceria, 87-88)

9. A palavra de fé de Mamãe Margarida

A 30 de outubro daquele ano, 1835, devia estar no seminário. O pequeno enxoval estava preparado. Todos os parentes estavam contentes: eu mais que eles. Somente minha mãe mostrava-se preocupada e não desviava os olhos de mim como se quisesse dizer alguma coisa. Na tarde anterior à partida chamou-me e disse estas memoráveis palavras: — Meu Joãozinho, acabas de vestir a batina; sinto toda a consolação que uma mãe pode sentir pela alegria do seu filho. Lembra-te, porém, que não é o hábito que honra o teu estado, mas as virtudes que praticares. Se por desgraça vieses um dia a duvidar de tua vocação, ah! por caridade! não desonres a batina. Deixa-a imediatamente. Prefiro ter como filho um pobre camponês, a um padre negligente nos seus deveres. Quando nasceste eu te consa-

(19) O caráter decidido e generoso do clérigo Bosco manifesta-se nas três normas deste severo programa: renúncia decidida a certo modo de proceder um tanto "leviana" do passado ("nunca mais", 1, 2. 4), disciplina pessoal de mortificação e de recolhimento em Deus (3,4,5,6), zelo pelo bem do próximo (7). O futuro apóstolo concentra as energias e prepara-se para ser um "homem de Deus".

grei a Nossa Senhora; quando começaste os estudos, eu te recomendei a devoção à nossa Mãe: pois agora também recomendo-te que sejas todo dela: ama os companheiros devotos de Maria; e se chegares a ser sacerdote, recomenda e propaga sempre a devoção a Nossa Senhora.

Ao terminar essas palavras minha mãe estava comovida; eu chorava. — Mamãe, respondi, agradeço-lhe todas as suas palavras e tudo o que fez por mim; seus conselhos não foram dados inutilmente, serão por toda a vida o meu tesouro.

De manhã cedo fui a Chieri e na tarde do mesmo dia entrei no seminário.

(ed. Ceria, 89)

10. O pão da alma preferido ao do corpo

As práticas de piedade eram muito bem feitas. Todas as manhãs, missa, meditação, terço, à mesa leitura edificante. Naquele tempo lia-se a *História Eclesiástica* de Bercastel. A confissão era obrigatória cada quinze dias; mas quem quisesse podia confessar-se todos os sábados. Mas só se podia comungar aos domingos ou em algumas solenidades especiais⁽²⁰⁾. Algumas vezes fazia-se durante a semana, mas para isso era necessário desobedecer. Era preciso escolher a hora do café, ir às escondidas à vizinha igreja de S. Filipe, fazer a comunhão, e depois voltar para juntar-se aos colegas na hora em que iam para o estudo ou para a aula. Essa infração do horário era proibida; mas os superiores davam um consentimento tácito, porque sabiam e às vezes viam, e não diziam nada em contrário. Pude dessa maneira receber frequentemente a santa comunhão, que posso chamar com razão o alimento mais eficaz da minha vocação.

(ed. Ceria, 92)

(20) O rigorismo de então não permitia a comunhão sequer nos seminários. A fome do pão eucarístico e a maneira como o clérigo Bosco a satisfaz são assim muito mais significativas.

11. João reencontra o "maravilhoso amigo" ⁽²¹⁾

Meu recreio era muitas vezes interrompido por Comollo. Pegava-me na batina, pedia-me que o acompanhasse, e levava-me à capela para uma visita ao SS. Sacramento pelos agonizantes, o terço ou o ofício de Nossa Senhora em sufrágio das almas do purgatório.

O maravilhoso colega foi a minha sorte. Sabia oportunamente avisar-me, corrigir-me, consolar-me, mas de maneira tão jeitosa e com tamanha caridade, que de certo modo gostava de dar-lhe motivo para desfrutar o prazer da correção. Tratava-o com familiaridade, sentia-me naturalmente levado a imitá-lo, e embora estivesse a mil léguas de sua virtude, se não me deixei arruinar pelos relaxados, e se pude progredir na minha vocação, devo-o a ele. Só numa coisa não tentei imitá-lo: na mortificação. Ver um moço de dezenove anos jejuar rigorosamente toda a quaresma e no tempo determinado pela Igreja; jejuar todos os sábados em honra de Nossa Senhora, renunciar muitas vezes ao café da manhã, almoçar por vezes a pão e água; suportar o desprezo, a injúria, sem dar jamais um sinal de ressentimento; vê-lo exatíssimo nos mínimos deveres de estudo e piedade: tudo isso me confundia e fazia-me ver no colega um amigo ideal ⁽²²⁾, um estímulo ao bem, um modelo de virtude para quem vive no seminário.

... Enquanto Deus conservou em vida esse incomparável companheiro, estive sempre intimamente relacionado com ele. Nas férias procurava-o algumas vezes, e algumas vezes ele me procurava. Frequentes as cartas que trocávamos. Via nele um moço santo; amava-o pelas suas virtudes incomuns; ele me amava porque o ajudava

(21) Comollo, mais jovem, terminou o ginásio quando Bosco já havia entrado no seminário. Os dois amigos se reencontraram, pois, no outono de 1836, na filosofia, e viveram juntos dois anos e meio. Em Comollo, João encontrou alimento para a sua capacidade de admiração e afeto, e estímulo para a intimidade com Deus e o ascetismo. "Deve ter permanecido sempre ao lado do querido amigo, porque o via como uma força de equilíbrio para a sua tendência ao exterior" (P. Stella, *Don Bosco nella storia*, I, 82). Tipicamente salesiana sua recusa de segui-lo nas mortificações especiais.

(22) Dom Bosco escreve *un idolo come amico*.

cionado com ele. Nas férias procurava-o várias vezes, ele me procurava. Frequentes as cartas que trocávamos. Via nele um moço santo; amava-o pelas suas virtudes incomuns; ele me amava porque o ajudava imitá-lo em algo.

(ed. Ceria, 94-95, 101)

12. Duplo encontro: um sacerdote zeloso, um livro sublime

Nesse ano ⁽²³⁾ tive a ventura de conhecer um dos mais zelosos ministros do santuário, que viera ao seminário para pregar os exercícios espirituais. Apareceu na sacristia com ar alegre, com gracejos sempre temperados de pensamentos morais. Quando lhe observei a preparação e a ação de graças da missa, a atitude, o fervor na celebração, percebi de golpe que era um digno sacerdote, como era de fato o T. João Borrelli de Turim ⁽²⁴⁾. Quando então começou a pregar e a causar admiração pela popularidade, vivacidade, clareza e caridade que transparecia de todas as suas palavras, todos repetiam que era um santo.

De fato todos porfiavam em confessar-se com ele, em conversar com ele sobre a vocação e receber alguma recomendação especial. Eu também quis tratar com ele das coisas da alma. Tendo no fim pedido um meio certo para conservar o espírito da vocação no decorrer do ano e especialmente nas férias, disse-me estas memoráveis palavras: — com o recolhimento e com a comunhão freqüente se aperfeiçoa e conserva a vocação e se forma um verdadeiro eclesiástico.

(23) No segundo ano de teologia, isto é, durante o ano escolar 1838-1839.

(24) Era mais comumente chamado *Borel*. "O incomparável sacerdote" (P. Lamoyne) era diretor do Instituto do Refúgio fundado pela marquesa de Barolo. Será o melhor colaborador de Dom Bosco nos tempos difíceis dos inícios do Oratório. Sua memória perpetua-se em Valdocco num medalhão de bronze e numa lápide de mármore no pórtico, precisamente no lugar onde exerceu seu zelo indefesso. Notem-se as atitudes que impressionaram o seminarista Bosco: "ar alegre, os gracejos", a fé eucarística exteriormente visível, o modo "popular" de pregar, a sabedoria na confissão. Coisas essas às quais Dom Bosco sacerdote dará grande importância.

Os exercícios espirituais do T. Borrelli marcaram época no seminário, e vários anos depois ainda se repetiam as santas máximas que pregara em público ou aconselhara em particular.

Quanto aos estudos deixei-me levar por um erro que haveria de produzir graves conseqüências, se um fato providencial não me houvesse advertido. Habitado à leitura dos clássicos em todo o curso secundário, acostumado às figuras enfáticas da mitologia e das fábulas dos pagãos, não sentia gosto nas leituras ascéticas. Cheguei a convencer-me que a boa linguagem e a eloqüência não se conciliam com a religião. As próprias obras dos Santos Padres pareciam-me fruto de engenhos muito acanhados, com exceção dos princípios religiosos, que expunham com vigor e clareza.

No princípio do segundo ano de filosofia ⁽²⁵⁾ fui um dia fazer a visita ao SS. Sacramento e não tendo comigo o livro de orações, pus-me a ler *De imitatione Christi* ⁽²⁶⁾, alguns capítulos sobre o SS. Sacramento. Considerando atentamente a sublimidade dos pensamentos e a maneira clara e ao mesmo tempo ordenada e eloqüente com que se expunham as grandes verdades, comecei a dizer de mim para mim: — O autor deste livro era um homem douto.

— Continuando outras vezes a ler o áureo opúsculo, não demorei em perceber que um só versículo

(25) Portanto no outono de 1836. Tinha 21 anos.

(26) Vítima dos preconceitos do tempo, João se havia persuadido que uma obra doutrinal ou ascética não podia ter grande mérito literário. Descobre na *Imitação de Cristo* "a sublimidade dos pensamentos" aliada ao "modo eloqüente" de exprimi-los. Ficou seduzido. O precioso livro teve certamente sobre a alma de Dom Bosco uma influência que mereceria ser aprofundada. Nele hauriu um amor pessoal mais vivo pela pessoa de Cristo e pelo seu mistério eucarístico. As Constituições salesianas, no primeiro projeto de 1858, começaram assim: "O fim desta sociedade é reunir os seus membros... a fim de se aperfeiçoarem imitando as virtudes do nosso Divino Salvador especialmente a caridade para com os jovens pobres" (Arquivo 022 [2], p. 5). "Quando, como disse a um Salesiano de sua confiança, não podia fazer durante o dia a leitura espiritual, antes de deitar-se, ajoelhado no chão, relia ou recordava calmamente alguns versículos. Algumas vezes trazia-o no bolso e, abrindo-o ao acaso, convidava outros a ler as primeiras linhas de uma página" (E. Cria, p. 110, n. 15).

dele continha tanta doutrina e moralidade, quanta não encontraria nos grossos volumes dos clássicos antigos. A esse livro é que devo o abandono da leitura profana.

(ed. Ceria, 108-110)

13. Últimos meses no seminário (1840-41)

Fui admitido ao subdiaconato⁽²⁷⁾ para a ordenação das quatro temporadas de outono. Agora que conheço as virtudes que se exigem para um passo tão importante, convenço-me de que não me achava bastante preparado; não havendo, porém, quem cuidasse diretamente da minha vocação, aconselhei-me com o P. Cafasso; o qual me disse que fosse para a frente confiando na sua palavra. Nos dez dias de exercícios espirituais feitos na casa da Missão em Turim fiz a confissão geral, para que o confessor pudesse ter uma idéia clara da minha consciência e dar-me conselhos oportunos. Desejava completar meus estudos, mas tremia ao pensamento de comprometer-me por toda a vida; por isso não quis tomar uma resolução definitiva senão após o pleno consentimento do confessor.

A partir de então esmerei-me quanto pude em pôr em prática o conselho do teólogo Borrelli: com o recolhimento e com a comunhão freqüente se conserva e aperfeiçoa a vocação...

No sábado *Sitientes* de 1841 recebi o Diaconato, e nas *têmporas* de verão devia ordenar-me sacerdote. Dia

(27) A 19 de setembro de 1840. Ainda adolescente, João conheceu o P. José Cafasso (escreve sempre Caffasso), de Castelnuovo d'Asti, quatro anos mais velho que ele (cf. MO 42-43). Em 1840 era professor de teologia moral e de sagrada eloquência no Pensionato Eclesiástico de Turim, onde o jovem sacerdote Bosco prosseguirá os estudos, escolhendo-o como diretor espiritual por vinte anos. Algumas intervenções de Cafasso foram decisivas na vida de Dom Bosco.

Tão elevado era o conceito que o clérigo Bosco formara do compromisso sacerdotal que começou novamente a hesitar. Parecia que as numerosas intervenções da Providência fossem suficientes para decidi-lo a ir para a frente com plena confiança. Ele entretanto busca apoio nos representantes visíveis de Deus: em dez linhas encontramos três referências a um "conselho" pedido e posteriormente seguido. Mais uma prova de que Dom Bosco, desde jovem, quis ser apenas um humilde servo enviado por Deus.

de verdadeira consternação para mim seria o dia de deixar definitivamente o Seminário. Os superiores me amavam, e deram-me contínuos sinais de benevolência. Os companheiros estavam muito afeiçoados a mim. Pode-se dizer que eu vivia para eles, eles viviam para mim. Quem precisava fazer a barba ou a coroa, recorria a Bosco. Quem precisava de um barrete de padre, de alguma costura, remendar a roupa, procurava Bosco. Por isso tornou-se dolorosíssima para mim a separação de um lugar onde vivera seis anos, onde recebi educação, ciência, espírito eclesiástico e todos os sinais de bondade e afeto que se possam desejar ⁽²⁸⁾.

(ed. Ceria, 113-114)

14. Aos 26 anos. Novos propósitos para o sacerdócio

Interrompemos aqui o texto das Memórias do Oratório para inserir os propósitos da ordenação sacerdotal de Dom Bosco, não publicados nelas. Encontramo-los num precioso caderninho conservado no Arquivo Salesiano (132) cujo título, Memórias de 1841 a 1884-5-6, parece indicar que Dom Bosco, já velho, teve a intenção de completar as Memorie dell'Oratorio. Na realidade o caderninho contém poucas lembranças históricas, mas abundantes recomendações que publicamos no fim deste volume sob o título Testamento Espiritual. Transcrevemos as páginas 3-6 do documento (cf. Introdução, p. 26).

Comecei os exercícios espirituais na capela da Missão dia 26 de maio, festa de S. Filipe Neri ⁽²⁹⁾, de 1841. A sagrada ordenação sacerdotal foi conferida por D. Luís Fransoni, nosso arcebispo, na residência episcopal dia 5 de junho daquele ano. A primeira missa foi celebrada em S. Francisco de Assis, assistida pelo meu insigne benf(eitor) Diretor P. José Caffasso de

(28) Mais acima Dom Bosco dizia: "O meu coração não estava satisfeito" (MO, 91) porque os superiores permaneciam distantes e nem todos os seminaristas tinham bom espírito. Nesse trecho resume o seu sentimento global ao término dos seis anos (cf. P. Stella, *Don Bosco nella storia*, I, 76-78). O que nos permite duas constatações: o temperamento ativo de Dom Bosco, muito capaz de dar e receber simpatia mesmo em ambientes difíceis, e a prova de que sua severa ascese de seminarista se orientava para o serviço da caridade.

(29) Essa data não escapou a Dom Bosco: São Filipe Neri, o fundador do Oratório de Roma (1515-1595), foi sempre um dos seus modelos e inspiradores.

Castelnuovo d'Asti, no dia 6 de junho dom(ingo) da SS. Trindade.

Conclusão dos exercícios feitos em preparação à celeb(ração) da primeira S. Missa, foi :

O padre não vai sozinho para o céu, nem sozinho para o inferno. Se proceder bem irá para o céu com as almas que com o seu exemplo tiver salvado; se proceder mal, se der escândalo irá para o inferno com as almas condenadas pelos seus maus exemplos.

Propósitos

1.º Jamais darei um passeio sem grave necessidade. Visita a doentes, etc.

2.º Ocuparei escrupulosamente o tempo.

3.º Sempre que se tratar da salvação das almas, estarei pronto a sofrer, agir, humilhar-me em tudo.

4.º A caridade e a doçura de S. Francisco de Sales iluminem todas as minhas ações.

5.º Mostrar-me-ei sempre contente com o alimento que me derem, a menos que seja prejudicial à saúde.

6.º Beberei vinho com água e somente como remédio: isto é, nos dias e na medida que minha saúde exigir.

7.º O trabalho é uma arma poderosa contra os inimigos da alma, por isso darei ao sono apenas cinco horas por noite. Durante o dia e especialmente depois do almoço não repousarei nunca. Farei alguma exceção em caso de doença.

[8.º] Consagrarei todos os dias alguns momentos à meditação e à leitura espiritual. Durante o dia farei uma breve visita ou pelo menos uma oração ao SS. Sacramento. Farei ao menos um quarto de hora de preparação e outro quarto de hora de ação de graças para a SS. Missa.

[9.º] Nunca me deterei a conversar com mulheres a não ser para ouvi-las em confissão ou em alguma necessidade espiritual.

Estas memórias foram escritas em 1841 ⁽³⁰⁾.

1842. *Breviário e confissão* ⁽³¹⁾

Procurarei rezar o Breviário com devoção e preferivelmente na igreja como visita ao SS. Sacramento.

Aproximar-me-ei do sacramento da penitência cada oito dias e procurarei praticar os propósitos que farei em cada confissão.

Quando me chamarem para ouvir as confissões dos fiéis, se houver urgência interromperei o ofício sagrado e farei mais breve a preparação e a ação de graças da S. Missa, afim de prestar-me ao exercício do sagrado ministério.

(1845) Como a maioria das vezes me pedem para falar ou ouvir confissão assim que chego à sacristia, procurarei fazer breve preparação para a S. Missa antes de deixar o quarto.

15. **Junho de 1841. As primeiras missas: recolhimento, agradecimento, alegria**

Celebrei minha primeira missa na igreja de São Francisco de Assis, onde o P. Caffasso presidia as reuniões. Era ansiosamente esperado em meu torrão natal: havia anos não se celebrava lá uma missa nova;

(30) Depara-se-nos novamente a linha dos propósitos da vestidura de 1835, mas a tal ponto amadurecidos que exprimem os dois motes salesianos mais famosos: *Da mihi animas caetera tolle, Trabalho e temperança*. O núcleo se encontra nos propósitos 3 e 4: dedicação total à missão, de conformidade com o espírito salesiano. Mas é acompanhado e protegido pelos outros sete: oração, centralizada na eucaristia (8), e mais seis pontos de ascese impressionante. O zelo sorridente de Dom Bosco floresce nos espinhos da mais autêntica mortificação. Note-se com tom absoluto das fórmulas: *nunca, escrupulosamente, em tudo e sempre, em todas as coisas, sempre...* Dom Bosco não é homem de meias medidas.

(31) No precioso canhenho, após os propósitos de 1841, Dom Bosco escreveu três páginas que o completam. Tratam do breviário e da confissão. Vê-se que a experiência tornara difícil a fidelidade exata ao oitavo propósito: o critério supremo do serviço das almas torna Dom Bosco flexível, sem todavia levá-lo a sacrificar totalmente a preparação à missa, que julgava indispensável.

mas preferi celebrá-la em Turim sem barulho, e posso chamar a esse dia o mais belo da minha vida. No *Memento* daquela memorável missa procurei mencionar devotamente todos os meus professores, benfeitores espirituais e temporais, e de modo especial o pranteado P. Calosso, que lembrei sempre como grande e insigne benfeitor. Segunda-feira fui celebrar na igreja da Consolata, para agradecer à excelsa Virgem Maria os incontáveis favores que me havia alcançado de seu Divino Filho Jesus.

Terça-feira fui a Chieri⁽³²⁾ e celebrei a missa na igreja de S. Domingos, onde vivia ainda meu antigo professor o P. Giusiana, que me aguardava com pater-no afeto. Durante a missa esteve sempre a chorar de comoção. Passei com ele todo aquele dia, que posso chamar dia de paraíso.

Quinta-feira, solenidade de *Corpus Domini*, satisfiz aos meus conterrâneos, cantei missa e officiei na procissão do dia. O pároco convidou meus parentes para o almoço, bem como o clero e as autoridades do povoado. Todos tomaram parte na alegria, pois eu era muito querido de meus concidadãos e todos ficavam satisfeitos com tudo o que pudesse ser bom para mim. Na tarde desse dia voltei à família⁽³³⁾. Mas quando cheguei perto de casa e vi o lugar do sonho dos nove anos, não pude conter as lágrimas e disse: — Quão maravilhosos os desígnios da Divina Providência! Real-

(32) Não menciona a quarta-feira, mas sabemos que celebrou na Catedral de Chieri, no altar de Nossa Senhora das Graças. A alma do neo-sacerdote, consciente de haver sido alvo de tantos dons, expande-se em ação de graças, em primeiro lugar a Deus e à Virgem, depois aos seus instrumentos.

(33) "O P. Lemoine ouviu várias vezes Dom Bosco contar comovido que naquela tarde sua mãe, assim que pôde estar a sós com ele, falou: "Es padre, dizes Missa, doravante estarás mais pertinho de Jesus Cristo. Lembra-te, porém, que começar a dizer Missa é começar a sofrer. Não o perceberás logo, mas aos poucos verás que tua mãe disse a verdade. Todos os dias, tenho certeza, hás de rezar por mim quando ainda em vida e depois de morta; isso me basta. De hoje em diante pensa somente na salvação das almas e não te preocupes absolutamente comigo" (MB I, 521-522). Assim em três momentos solenes da vida (primeira comunhão, vestidura, presbiterato) Mãe Margarida disse ao filho sua palavra cristãmente materna". (E. Ceria, p. 116, n. 75).

mente Deus tirou da terra um pobre menino para colocá-lo entre os principais do seu povo.

(ed. Ceria, 115-116)

16. Novembro de 1841. "Recuse... e venha"

Acabadas as férias ⁽³⁴⁾ ofereciam-me três empregos, para que escolhesse um: professor em casa de um senhor genovês com o salário de mil francos anuais; capelão de Murialdo, onde, pelo grande desejo de me ver com eles, os bons camponeses dobravam o estí-pêndio dos capelães anteriores; vice-pároco na minha terra. Antes de tomar uma resolução definitiva fui a Turim para aconselhar-me com o P. Caffasso, que se tornara desde alguns anos meu guia nas coisas espirituais e temporais. O santo sacerdote ouviu tudo, as ofertas de remuneração, a insistência de parentes e amigos, minha boa vontade de trabalhar. Sem hesitar um instante dirigiu-me estas palavras — O Sr. tem necessidade de estudar a moral e a pregação. Recuse por ora qualquer proposta e venha ao Pensionato. — Segui prazerosamente o sábio conselho e a 3 de novembro de 1841 entrei no referido Pensionato.

O Pensionato Eclesiástico pode chamar-se um complemento dos estudos teológicos, porque nos nossos seminários estuda-se somente a dogmática, a especulativa; de moral estudam-se apenas as proposições controversas. Nele aprende-se a ser padre. Meditação,

(34) As férias de 1841. Durante os primeiros cinco meses de seu sacerdócio, Dom Bosco ajudou o pároco em Castelnuovo: "Pregava todos os domingos, visitava os doentes... Mas minha maior alegria era ensinar o catecismo aos meninos, entreter-me com eles, falar com eles" (p. 117). Chegou a hora de assumir um trabalho fixo. Sua forte tendência à ação e o sucesso facilmente alcançado levavam-no naturalmente a escolher logo um emprego ativo. Mas o "scrvidor" de Deus duvida outra vez de si próprio. Pede novamente conselho. E, coisa surpreendente, o jovem sacerdote, devorado pelo zelo, resolve prolongar os estudos por três anos. Iniciará entrementes o apostolado sob a orientação segura do P. Cafasso. Para o amadurecimento espiritual, doutrinal e pastoral de Dom Bosco, os anos do Pensionato podem considerar-se decisivos. As possíveis deficiências do seminário, são aqui amplamente compensadas. E o caminho a percorrer está finalmente traçado.

leitura, duas conferências por dia, aulas de pregação, vida recolhida, toda comodidade para estudar, leitura de bons autores, eram as coisas a que qualquer um se devia aplicar com solicitude.

(ed. Ceria, 120-121)

... O P. Caffasso, meu guia havia seis anos, foi também meu diretor espiritual, e se fiz alguma coisa bem feita, devo-o ao digno eclesiástico, em cujas mãos coloquei minhas decisões, estudos e atividades.

A primeira coisa que fez foi *levar-me às prisões*, onde pude logo verificar como é grande a malícia e a miséria dos homens. Ver turmas de jovens, de 12 a 18 anos, todos sãos, robustos, e de vivo engenho, mas sem nada fazer, picados pelos insetos, à mingua de pão espiritual e temporal, foi *algo que me horrorizou*. O opróbrio da pátria, a desonra das famílias, o aviltamento aos próprios olhos personificavam-se naqueles infelizes. Qual não foi, porém, minha admiração e surpresa quando percebi que muitos deles saíam com firme propósito de vida melhor e não obstante voltavam logo à prisão, da qual haviam saído poucos dias antes.

Nessas ocasiões descobri que muitos voltavam àquele lugar porque abandonados a si próprios. — Quem sabe, dizia para mim, se tivessem lá fora um amigo que tomasse conta deles, os assistisse e instruisse na religião nos dias festivos, quem sabe não se poderiam manter afastados da ruína ou pelo menos não diminuiria o número dos que retornam ao cárcere? — Comuniquei esse pensamento ao P. Caffasso, e com o seu conselho e com suas luzes pus-me a estudar a maneira de levá-lo a efeito⁽³⁵⁾, deixando o fruto à graça do Senhor, sem a qual são vãos todos os esforços dos homens.

(ed. Ceria, 123)

(35) Evidencia-se aqui o método do servo de Deus para descobrir e fazer sua vontade: estar atento à realidade, captar o que hoje dizemos os sinais dos tempos, pedir conselho a quem os pode dar, e sobretudo apoiar-se na graça divina. O sinal mais decisivo virá do encontro histórico com o órfão Bartolomeu Garelli dia 8 de dezembro de 1841 (narrado nas MO 124-127).

**17. Outubro de 1844. “Não o que eu quero,
mas o que Vós quereis”**

Entretanto a divina Providência ia preparando novidades, mudanças e também tribulações.

Ao fim do triênio de moral devia dedicar-me a um determinado setor do sagrado ministério ⁽³⁶⁾. O velho e alquebrado tio de Comollo, P. José Comollo, vigário de Cinzano, com o parecer do Arcebispo me havia convidado para ecônomo e administrador da paróquia, trabalho que não mais podia fazer em vista da idade e dos achaques. O Teólogo Guala ditou-me ele próprio a carta de agradecimento ao Arcebispo Fransoni, ao passo que me preparava para outra coisa. Um dia o P. Caffasso me chamou e disse: — O senhor terminou os estudos; deve agora trabalhar. A messe é muito grande nestes tempos. A que se sente mais inclinado?

— Ao que lhe aprouver indicar-me.

— Há três trabalhos: vice-pároco em Buttigliera d’Asti, repetidor de moral aqui no Pensionato, diretor do pequeno Hospital ao lado do Refúgio. Que escolhe?

— O que o senhor julgar melhor.

— Não se sente inclinado mais a uma coisa que a outra?

— Minha propensão é cuidar da juventude. O Sr. faça de mim o que quiser: eu vejo no seu conselho a vontade do Senhor.

— Mas neste momento o que é que há no seu coração? em que pensa?

— Neste momento parece-me estar no meio de uma multidão de jovens, que me pedem ajuda.

— Vá então de férias por algumas semanas. Quando voltar lhe direi o que deve fazer.

(36) Põe-se de novo, e desta vez de maneira inadiável, o problema que se apresentara no outono de 1841. E repete-se a reação do apóstolo autêntico, preocupado com não confundir nunca seus desejos, ainda que generosos, com a vontade de Deus. O diálogo entre os dois sacerdotes é um dos pontos culminantes da vida espiritual de Dom Bosco. Não deixará nunca, mais tarde, de recomendar aos jovens que recorram de boa mente e de maneira estável ao sacerdote-guia; mas ele, por primeiro, praticou essa forma da procura da vontade de Deus.

Após as férias o P. Caffasso deixou passar algumas semanas sem me dizer nada; eu também não lhe perguntei.

— Por que não me pergunta o que deve fazer?
— disse-me um dia.

— Porque quero reconhecer a vontade de Deus na sua deliberação e não quero que entre nela a minha vontade.

— Faça a trouxa, e vá com o T. Borrelli; lá será diretor do pequeno Hospital de S. Filomena; trabalhará também na Obra do Refúgio⁽³⁷⁾. Entretanto Deus lhe mostrará o que deve fazer pela juventude.

À primeira vista esse conselho parecia contrariar minhas inclinações, porque dirigir um Hospital, pregar e confessar num instituto de mais de quatrocentas jovens me tomaria o tempo para qualquer outro trabalho. Sem embargo esta era a vontade de Deus, como depois me pude certificar.

18. Por que Oratório “de São Francisco de Sales”

... Era lá o lugar escolhido pela divina Providência para a primeira igreja do Oratório⁽³⁸⁾. Começou a chamar-se de S. Francisco de Sales por duas razões:

(37) A marquesa Julieta Colbert, viúva do Marquês de Barolo, fundara ao lado do chamado Refúgio, na região de Valdocco, um grupo de Institutos. O Refúgio (hoje Instituto) Barolo era um grande educandário para meninas decaídas ou saídas da prisão; o teólogo Borel era o diretor espiritual. Em 1844 a Marquesa construía nas imediações o pequeno hospital S. Filomena, para meninas doentes pobres.

Dom Bosco morou no Refúgio quase dois anos, de outubro de 1844 a julho de 1846; ao sarar de grave doença, passou alguns meses de convalescença nos Bccchi, e de volta a Turim com sua mãe, estabeleceu-se definitivamente em Valdocco a 3 de novembro (cf. *MO* 191-193).

(38) Até esse momento, Dom Bosco reunira sempre seus meninos nos locais emprestados pelo Pensionato Eclesiástico. Começa então o doloroso êxodo que, após ano e meio, o fará entrar na terra prometida do barracão Pinardi, em Valdocco.

A primeira etapa foi o Refúgio: a Marquesa Barolo colocou à disposição de Dcm Bosco duas salas espaçosas, transformadas em “primeira capela do Oratório”. Capela e Oratório tomaram o nome de S. Francisco de Sales. Por sete meses apinharam-se aí os duzentos meninos de Dom Bosco.

1.º Porque a Marquesa Barolo tencionava fundar uma Congregação de sacerdotes sob esse título, e com essa intenção encomendara o quadro do Santo que ainda hoje se pode ver à entrada do local; 2.º porque como tal ministério exige grande calma e mansidão, havíamos-nos colocado sob a proteção desse Santo, para que nos alcançasse de Deus a graça de imitá-lo na sua extraordinária mansidão e na conquista das almas. Outra razão era a de colocar-nos sob sua proteção a fim de que nos ajudasse do céu a imitá-lo no combate aos erros contra a religião, especialmente do protestantismo que começava a insinuar-se insidiosamente nos nossos povoados e sobretudo na cidade de Turim ⁽³⁹⁾.

Por isso no ano de 1844, dia 8 de dezembro, consagrado à Imaculada Conceição de Maria, dia de frio intenso, em meio à muita neve que então caía compacta do céu, foi benta com a autorização do Arcebispo, a suspirada capela, celebrou-se a santa missa, vários meninos confessaram-se e comungaram, e eu celebrei a sagrada função, derramando lágrimas de consolação, porque via estabilizar-se a obra do Oratório, destinada a entreter a juventude mais abandonada e periclitante após haver cumprido os deveres religiosos na igreja.

(ed. Ceria, 140-142)

19. Fim de março de 1846. A escolha definitiva dos pobres

As muitas coisas que se propalavam a respeito de Dom Bosco começavam a inquietar a marquesa Barolo, tanto mais que a municipalidade de Turim se mostrava contrária aos meus projetos ⁽⁴⁰⁾.

(39) No Regulamento de 1847, publicado por volta de 1852, ao expor o escopo da Obra, Dom Bosco dirá: "O Oratório coloca-se sob a proteção de S. Francisco de Sales, pois os que tencionam dedicar-se a um trabalho assim devem tomar este Santo por modelo na caridade e nas boas maneiras, fontes de que derivam os frutos que se esperam da Obra dos Oratórios" (Arquivo 025; MB III, 91). Ressoa aí o quarto propósito tomado na primeira missa.

(40) De fato espalhavam-se comentários: "Com seu bando de rapazes mais ou menos vagabundos Dom Bosco é um perigo público: perturba a boa ordem, pode a cada instante promover uma revolução"

Veio um dia ao meu quarto e começou a falar assim: — Estou muito contente com sua dedicação aos meus institutos. Agradeço-lhe por ter trabalhado tanto em introduzir neles o canto das loas sacras, o canto gregoriano, a música, a aritmética e também o sistema métrico.

— Não é preciso agradecer. Os padres têm que trabalhar porque é um dever deles. Deus pagará tudo, e não se fale mais nisso.

— Queria dizer que sinto bastante que as muitas ocupações lhe tenham prejudicado a saúde. Não é possível que possa continuar a direção das minhas obras e a dos meninos abandonados, tanto mais agora que o número deles cresceu demasiadamente. Quero propor-lhe que faça somente o que é obrigação sua, isto é, a direção do “Ospedaletto”, que não vá mais aos cárceres, ao Cottolengo, e que deixe qualquer preocupação com os meninos. Que acha?

— Senhora marquesa, Deus me ajudou até agora e não deixará de ajudar-me. Não se preocupe com o trabalho. Entre mim, o P. Pacchiotti e o T. Borrelli faremos tudo.

— Mas eu não posso mais tolerar que o Sr. se mate. Tantas e tão variadas ocupações, queira ou não, prejudicam sua saúde e meus institutos. E depois, as vozes que correm acerca da sua saúde mental, a oposição das autoridades locais me obrigam a aconselhá-lo...

(cf em *MO* 157-160 o encontro com o “Vigário da cidade”, marquês Miguel de Cavour, que ameaça proibir qualquer aglomeração de meninos). Por outra parte “esse pobre padre, morto de cansaço, assoberbado por dificuldades, não pára de falar de um futuro maravilhoso: está doente, com fixação, a caminho da loucura” (cf *MO* 160-161). Além do mais não sabe onde reunir os seus jovens: recebeu ordem de abandonar o último lugar alugado para eles, o prado Filippi. Também os amigos aconselham-no a abandonar a obra, ao menos em boa parte. Em tais circunstâncias, é encostado na parede pela marquesa de Barolo. O diálogo que se segue é um ponto culminante na vida apostólica e espiritual de Dom Bosco: na solidão de uma quase agonia, a escolha heróica, o abandono total nas mãos de Deus. E, sem hesitar: “A minha resposta já está pensada... Já pensei...”.

— A que, senhora marquesa?

— Ou a deixar a obra dos meninos, ou a obra do Refúgio. Pense e depois me dê a resposta.

— Minha resposta já está pensada. A senhora tem dinheiro e com felicidade encontrará quantos padres quiser para os seus institutos. Com os pobres meninos não é assim. Se eu me retirar agora, tudo irá por água abaixo; por isso eu continuarei a fazer igualmente o que posso para o Refúgio, deixarei o trabalho regular e me darei de todo ao cuidado dos meninos abandonados.

— Mas como há de viver?

— Deus sempre me ajudou e me ajudará também no futuro.

— Mas sua saúde está definhando, a cabeça está cansada; mergulhará em dívidas; virá procurar-me, e eu protesto desde agora que não lhe darei um tostão sequer para os seus meninos. Aceite meu conselho de mãe. Continuarei a dar-lhe o estipêndio, se quiser aumento o. Vá passar um, três, cinco anos em algum lugar; descanse; quando estiver restabelecido, volte ao Refúgio e será sempre bem-vindo. De outra sorte coloque-me na desagradável necessidade de despedi-lo dos meus institutos. Pense seriamente.

— Já pensei, senhora marquesa. A minha vida está consagrada ao bem da juventude. Agradeço-lhe as ofertas que me faz, mas não posso afastar-me do caminho que a divina Providência me traçou.

— Prefere então os seus vagabundos aos meus Institutos? ⁽⁴¹⁾. Se é assim, está desde já despedido. Vou arranjar hoje mesmo um substituto.

Fiz-lhe ver que uma intimação tão precipitada daria motivo a suposições pouco honrosas para mim e

(41) Que frase! Não pod'e capacitar-se a marquesa de que alguém deite de preferir os "seus" institutos, sobretudo para cuidar de "vagabundos"! Mas o coração de Dom Bosco já escolheu os "pobres meninos", "seus" porque os recebe da mão de Deus e de N. Senhora. Poderia dizer como Jesus: *Pai, eram vossos e os destes a mim... Conservei os que me destes e nenhum deles se perdeu* (Jo 17, 6.12).

para ela: era melhor agir com calma e conservar entre nós a mesma caridade, com a qual deveremos ambos falar um dia no tribunal do Senhor.

— Então, concluiu, dou-lhe três meses para deixar a direção do meu Ospedaletto.

Aceitei a decisão, abandonando-me ao que Deus quisesse dispor a meu respeito.

Entretanto espalhava-se cada vez mais insistente a voz que Dom Bosco ficara louco. Os meus amigos mostravam-se consternados; outros riam; mas todos mantinham-se afastados de mim. O Arcebispo deixava a coisa correr; o P. Caffasso aconselhava a contemporizar, o T. Borelli calava. Assim todos os meus colaboradores me deixaram só, com cerca de quatrocentos meninos. . .

(ed. Ceria, 161-163)

20. Tarde de 5 de abril de 1846. A resposta de Deus

Enquanto tudo isso acontecia, chegara o último domingo, em que me era ainda permitido organizar o Oratório no prado (5 de abril de 1846). Eu calava, mas todos sabiam de minhas dificuldades e espinhos. Na tarde desse dia contemplei a multidão de meninos a brincar, e pensava na messe abundante que se ia preparando para o sagrado ministério, e então, sem colaboradores, minguadas as forças, saúde abalada, sem saber onde no futuro reunir os meus meninos, senti despedaçar-me o coração.

Afastando-me um pouco, pus-me a passear sozinho, e porventura pela primeira vez senti-me comovido até às lágrimas. Caminhando e erguendo os olhos ao céu, exclamei: — Meu Deus, por que não me mostrais o lugar em que desejais que reúna estes meninos? Dai-mo a conhecer ou dizei-me o que devo fazer.

Nem bem terminei esse desabafo, chegou um homem chamado Pancrácio Soave, que disse balbucinando: — É verdade que está procurando um lugar para construir um laboratório?

— Laboratório, não. Oratório.

— Não sei se é a mesma coisa oratório ou laboratório; mas há um lugar, venha ver. É propriedade do Sr. José Pinardi, pessoa honesta. Venha e fará um bom contrato.

(ed. Ceria, 165-166)

... (Feito o contrato) corri logo ao encontro dos meus jovens; reuni-os ao meu redor e pus-me a gritar em voz alta: — Coragem, meus filhos, temos um Oratório mais estável que no passado; teremos igreja, sacristia, salas para as aulas, lugar para recreio. Domingo, domingo, iremos ao novo Oratório, lá na casa Pinardi. — E apontava-lhes o lugar.

Essas palavras foram acolhidas com o mais vivo entusiasmo. Alguns corriam ou saltavam de alegria; alguns ficaram imóveis; outros gritavam e, diria, urravam, berravam. Mas de comoção, como quem experimenta grande alegria e não sabe como exprimi-la, levados por profunda gratidão; e para agradecer a S. Virgem que havia acolhido e atendido as nossas orações que naquela mesma manhã havíamos feito a N. Senhora de Campagna, ajoelhamo-nos pela última vez naquele Prado, e rezamos o Terço, depois do qual cada um voltou para a própria casa. Era assim a última saudação àquele lugar que haviam amado por necessidade, mas que, pela esperança de outro melhor, abandonavam sem mágoa.

No domingo seguinte, solenidade da Páscoa, dia 12 de abril, levaram-se para lá todos os apetrechos da igreja e da recreação, e fomos tomar posse do novo local ⁽⁴²⁾.

(ed. Ceria, 168-169)

(42) Após as horas da agonia, a esfuziante alegria pascal. O barracão do Sr. Pinardi, foi nesse domingo adornado e transformado em pobre capela. Dom Bosco deu-lhe uma bênção simples e nele celebrou a missa. No dia seguinte, em nome do arcebispo, o P. Borel deu-lhe a bênção ritual solene, dedicando-a a São Francisco de Sales (cf. *MO* 172-173, n. 18). Não se pode esquecer que a primeira igreja salesiana, paupérrima, foi inaugurada ao som festivo da *Aleluia* pascal. A alegria salesiana deita raízes na consciência viva dos dons do Senhor.

21. **Julho de 1846. A oração dos pobres a Nossa Senhora** ⁽⁴³⁾

Voltando para a casa, caí sem sentidos e fui transportado para a cama. Bronquite, tosse e inflamação muito violenta. Dentro de oito dias achava-me à beira do túmulo. Havia recebido o SS. Viático, os Santos Óleos. Parece-me que naquele momento estava preparado para morrer; sentia abandonar os meus meninos, mas estava contente por terminar os meus dias após haver dado uma forma estável ao Oratório.

Assim que se espalhou a notícia de que a doença era grave, foi geral e muito sentida a consternação: não podia ser maior. A cada momento turmas de meninos em lágrimas batiam à porta para informar-se da doença. Quanto mais notícias se davam, tanto mais queriam saber. Eu ouvia os diálogos com o criado e ficava comovido. Soube depois até onde a afeição levara meus jovens. Espontaneamente rezavam, jejua-vam, ouviam missas, faziam comunhões. Alternavam-se passando a noite em oração e o dia diante da imagem de N. Senhora da Consolação. Pela manhã acendiam velas, e até noite alta ficavam sempre em número apre-

(43) À página 188 das *MO* lemos: "As muitas ocupações que tinha nos cárceres, no hospital Cottolengo, no Refúgio, no Oratório e nas escolas (dominicais e noturnas do Oratório) obrigavam-me a trabalhar à noite para compilar os opúsculos que me eram absolutamente necessários". Com efeito, às ocupações habituais Dom Bosco acrescentara, havia um ano, a de escritor: para a educação cultural e religiosa dos seus meninos havia composto uma *História Eclesiástica* (1.ª edição em 1845), *O sistema métrico decimal* (1846), *Os seis domingos de São Luís* com um resumo da vida do Santo (1846), e estava a preparar dois livros importantes, que sairiam em 1847: uma *História Sagrada para uso das escolas*, e um livro de formação e oração, *O jovem instruído na prática dos seus deveres*. Resultado dessa atividade febril foi, no início de julho de 1846, uma doença gravíssima que lhe pôs em risco a vida. O servo de Deus declarou-se então pronto a ir para a casa do Seu Senhor. Mas como haveriam os seus meninos de receber a perda do seu salvador? Segue-se então nas *Memorie* uma página comovedora que permite medir o afeto desses pobres meninos para com Dom Bosco e também a sua fé no poder do sacrifício e da oração, particularmente na dirigida a Nossa Senhora, que haviam aprendido a amar.

ciável a rezar e a suplicar à augusta Mãe de Deus que conservasse o pobre Dom Bosco.

Vários fizeram voto de rezar o Rosário inteiro por um mês, por um ano, por toda a vida. Não faltou quem promettesse jejuar a pão e água durante meses, anos e até toda a vida. Sei que alguns ajudantes de pedreiro jejuaram a pão e água semanas inteiras, sem interromper da manhã à tarde seus pesados trabalhos. Antes, sobrando pequenos espaços de tempo livre, iam às pressas passá-los diante do SS. Sacramento.

Deus os ouviu. Era um sábado à noite e acreditava-se seria a última noite da minha vida: assim diziam os médicos que vieram examinar-me; assim estava eu também convencido, sentindo-me totalmente sem forças com perda contínua de sangue. Noite alta senti vontade de dormir. Adormeci, acordei fora de perigo. O doutor Botta e o doutor Caffasso quando pela manhã me visitaram, disseram que fosse agradecer a N. Senhora da Consolata a graça recebida.

Os meus jovens não podiam acreditar se não me vissem; e me viram de fato pouco depois ir com minha bengalhinha ao Oratório, tomado de comoção fácil de imaginar, difícil de escrever; e cantou-se um *Te Deum*. Aclamações sem fim, entusiasmo indescritível.

Uma das primeiras providências foi mudar em coisas possíveis os votos e as promessas que muitos haviam feito sem a devida reflexão, quando me achava em perigo de vida.

A doença acometeu-me no começo de julho de 1846, justamente quando devia deixar o Refúgio e mudar-me para outro lugar.

(ed. Ceria, 190-101)

22. 3 de novembro de 1846. "Eu sou a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a Sua palavra"

Passados alguns meses de convalescença em família, parecia-me poder voltar para meus amados filhos, alguns dos quais vinham ver-me todos os dias e escreviam, encorajando-me a voltar logo para o meio deles.

Mas onde morar, já que fora despedido do Refúgio? Com que meios sustentar uma obra que se tornava dia a dia mais laboriosa e dispendiosa? De que viveria eu e as pessoas que me eram indispensáveis?

Nesse tempo desocuparam-se dois quartos na casa Pinardi, e aluguei-os para mim e para mamãe ⁽⁴⁴⁾ — Mãe, disse-lhe um dia, eu deveria morar em Valdocco; mas em vista das pessoas que estão naquela casa, não posso ter comigo outra pessoa que não a senhora. — Ela compreendeu a força das minhas palavras e replicou imediatamente: — Se achas que essa é a vontade de Deus, estou disposta a partir agora mesmo. — Minha mãe fazia um grande sacrifício; porque em casa, embora não fosse rica, era dona de tudo, amada por todos, e considerada a rainha dos pequenos e dos adultos.

Mandamos antes as coisas de maior necessidade, que junto com as do Refúgio foram enviadas à nova residência. Minha mãe encheu um cesto de roupa e objetos indispensáveis; eu peguei o breviário, um missal com alguns [livros] e cadernos mais necessários. Era toda a nossa fortuna. Partimos a pé dos Becchi rumo a Turim. Fizemos breve parada em Chieri, e na tarde de 3 de novembro de 1846 chegamos a Valdocco.

Ao ver-nos naqueles quartos desprovidos de tudo, minha mãe disse a brincar: — Em casa tinha tanta

(44) Dom Bosco havia alugado o barracão Pinardi, não ainda, porém, a vizinha casa Pinardi. Ora, nessa zona periférica da cidade, havia uma casa de má reputação (cf. *MO* 165, n. 5; p. 172 "casa de imoralidade"). Dom Bosco haverá de mudá-la em casa de lírios. Compreende que entrementes tinha de tomar medidas de segurança.

É uma das razões apresentadas a Mamãe Margarida para que o acompanhe. O filho torna-se agora mestre espiritual de sua mãe. Ao aceitar deixar tudo, a santa mulher repete as mesmas palavras da Virgem na anunciação do Anjo (sabemos que rezava o *Ângelus* três vezes ao dia). Ebola-se desse relato um perfume deliciosamente evangélico. Abnegação de si, adesão a Deus, simplicidade, pobreza, confiança... Não falta sequer a alegria. Nesse clima pôde florescer a obra salesiana: em janeiro de 1850, Dom Bosco comprou a casa Pinardi, berço da Congregação Salesiana.

Após dez anos de serviço materno às centenas de meninos de Valdocco, Mamãe Margarida faleceu a 25 de novembro de 1856, recomendando ao filho que amasse sempre a pobreza e que em tudo procurasse tão-somente a glória de Deus (cf. *MB V*, 560-566).

preocupação para administrar ou mandar; aqui estou muito mais sossegada porque não tenho material de trabalho, nem ninguém a comandar.

Mas como viver, comer, pagar os aluguéis e atender a tantos meninos, que a cada instante pediam pão, calçado, roupas ou camisas, sem o que não podiam ir ao trabalho? Havíamos feito trazer de casa um pouco de vinho, farinha, feijão, trigo e coisas assim. Para enfrentar as primeiras despesas tinha vendido parte do campo e uma vinha. Minha mãe fizera trazer o vestido de noiva, que até então conservara cuidadosamente íntegro. Outros vestidos seus serviram para fazer casulas; com a roupa branca fizeram-se amitos, sangui-nhos, sobrepelizes, alvas e toalhas. Tudo passou pela mão de D. Margarida Gastaldi, que desde então acudia às necessidades do Oratório.

Minha mãe tinha alguns anéis, uma pequena corrente de ouro, que logo vendeu para comprar galões e guarnições para os paramentos sagrados. Uma tarde minha mãe, que estava sempre de bom humor, cantava para mim a sorrir:

*Guai al mondo se ci sente.
Forestieri e siam con niente!*

(ed. Ceria, 192-194)

SEGUNDA PARTE

UMA PROPOSTA DE SANTIDADE JUVENIL

“Pai, Senhor do céu e da terra, eu te dou graças porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos”

(Lc 10,21)

- I. O Jovem Instruído
- II. Vida de Domingos Sávio, Miguel Magone, Francisco Besucco
- III. Cartas a jovens

Pode-se afirmar que Dom Bosco jamais escreveu pelo prazer de escrever, nem pelo prazer de falar de si mesmo. As Memorie dell'Oratorio, como vimos, foram redigidas bem mais tarde, por ordem de Pio IX, para a edificação dos seus filhos religiosos. Antes, porém, a urgência pastoral havia-o feito tomar da pena para o bem dos seus jovens e dos cristãos dos centros populares.

Seu primeiro escrito (1844), uma biografia do amigo, começa com estas palavras: "Como o exemplo das boas ações vale muito mais que qualquer elegante tratado, não será fora de propósito apresentar-lhes um apanhado histórico da vida de quem... etc.". Sabemos ainda que uma das marcas do seu breviário trazia esta frase de S. Máximo de Turim: Validiora sunt exempla quam verba, et plus est opere docere quam voce: "Mais força têm os exemplos que as palavras, e melhor se ensina com fatos do que com palavras"⁽¹⁾. Levavam-no a tal certeza o temperamento realista, seu espírito concreto, a psicologia dos seus jovens pouco interessados em considerações gerais, ávidos entretanto de exemplos práticos. Acrescentamos que o próprio Senhor parecia encorajá-lo a trilhar esse caminho, enviando-lhe a Valdocco jovens de virtude excepcional, bem indicados para serem apresentados como estimulantes modelos aos demais.

Dom Bosco foi mestre espiritual, por designio da Providência, primeiramente, dos seus incontáveis adolescentes e jovens do Oratório e da Casa de Valdocco ⁽²⁾. Guiado pela sua fé, pelos carismas de enviado

(1) Cf. MB XVIII, 808.

(2) O Oratório festivo do domingo; e a "Casa do Oratório" aberta em 1847 para os jovens operários e aprendizes, e em 1850 para os estudantes candidatos ao sacerdócio; os rapazes dos dois grupos eram 36 em 1852, 200 em 1857, cerca de 600 em 1861.

de Deus, pelos sonhos, e intuições de psicólogo, pela capacidade de amor e doação, pelo seu sentido prático, descobre e põe em ação um método de formação cristã e de santidade para os seus jovens. E os resultados são tais que lhe dão a certeza de que o caminho é válido, conforme com o plano de Deus e com o ensinamento da Igreja: entre as pobres paredes da sua escola, no pátio de recreio e na humilde capela de São Francisco de Sales formam-se santos autênticos ⁽³⁾. Sem maiores delongas, em cinco anos (1859-1864), Dom Bosco publica na coleção das *Lecture Cattoliche* três biografias de meninos do seu Oratório, que serão reeditadas ainda durante sua vida ⁽⁴⁾.

Acrescentamos que esse período tem um valor único na experiência e na reflexão de Dom Bosco. É a idade de ouro do Oratório. O P. Stella observa: "O decênio 1853-1863 caracteriza-se por ter em germe ou por levar a completo amadurecimento a maior parte das suas iniciativas: já existe também o primeiro núcleo da Congregação Salesiana. É o período em que ele escreve a maior parte das obras de certo pulso, nas quais é visível também seu trabalho pessoal de compositor, compilador e corretor. É o período áureo da sua atividade direta de educador. . . esteve sempre em contacto com os jovens, no pátio, nos encontros pessoais, no confessional, nas palestras da noite, nas quais quase nunca faltava um colóquio de Dom Bosco com o público presente. É o decênio que produz Domingos Sávio, Magone, Besucco e muitos dos valiosos colaboradores de Dom Bosco: Cagliari, Bonetti, Barberis, Berto, Ceruti. . . Já se sabia então, já se aceitava ou discutia o fato que o Oratório era objeto de particulares favores divinos" ⁽⁵⁾.

(3) Na tarde de 9 de abril de 1863 Dom Bosco podia dizer: "Há na casa alguns jovens e clérigos também que possuem tanta virtude que poderão deixar atrás o próprio São Luís se continuarem no caminho que estão trilhando. Quase todos os dias vejo na casa coisas em que não se acreditaria se lidas nos livros; e no entanto Deus se compraz em realizá-las entre nós" (Crônica do P. Bonetti, caderno *Annali*, III, p. 70, Arquivo 110; cf. MB VII, 414).

(4) Durante a vida de Dom Bosco, a vida de Savio terá seis edições, três a de Magonc, e três também a de Besucco.

(5) P. Stella, *Don Bosco nella storia*, I, 117.

Essas considerações são suficientes para compreender por que e como Dom Bosco exprimiu a substância da sua doutrina espiritual sobretudo mediante a apresentação de exemplos vivos, e de modo especial mediante o exemplo de jovens que ele próprio levava à santidade. Desse ponto de vista, as três vidas de Savio, Magone e Besucco apresentam um interesse excepcional.

*Não se deve todavia subestimar o valor de um dos instrumentos de formação que o próprio Dom Bosco bem depressa colocou nas mãos dos seus rapazes e do qual Savio, Magone e Besucco impregnaram a mente e a vida: o manual *O Jovem Instruído*, redigido e impresso em 1847, vale dizer logo após a instalação definitiva em Valdocco. Pode servir excelentemente de introdução às vidas desses três meninos.*

Como conclusão, veremos que Dom Bosco não se interessava somente pelas almas de elite, mas ocupava-se de todas e de cada uma. Uma outra série de textos nos permitirá dar um último passo na apresentação concreta da santidade juvenil. Por felicidade temos as cartas de Dom Bosco aos seus meninos, cartas individuais e cartas endereçadas a grupos. Evidentemente não se destinavam à publicação: nelas veremos o pastor de almas adaptar-se a cada uma, levá-las a dar o passo justo, oferecer-lhes o alimento que lhes convém. Nada melhor para ilustrar essa convicção de Dom Bosco: todo jovem é pessoalmente chamado à santidade.

I. O JOVEM INSTRUÍDO NA PRÁTICA DOS SEUS DEVERES RELIGIOSOS ⁽¹⁾

Não é apenas um manual de orações e de devoção. Dom Bosco quis apresentar "um método de vida cristã", como diz no prólogo, um vade-mécum do jovem cristão que nele aprende a iluminar a fé e a orientar a conduta, além de rezar e cantar os louvores de Deus. O elemento mais importante para nós é vermos Dom Bosco expor a sua concepção da vida espiritual do jovem cristão.

Para redigi-lo Dom Bosco, segundo o costume de então, serviu-se abundantemente da literatura, anterior e contemporânea, para os jovens, especialmente de Gobinet, reitor do colégio Duplessis em Paris (1613-1690), educador notável, impregnado do espírito de São Francisco de Sales: Instruction de la Jeunesse en la piété chrétienne, tirée de l'Écriture Sainte et des Saints Pères (Paris 1655), traduzido e profusamente difundido no Piemonte; e também do Guida Angelica: pratiche istruzioni per la gioventù, de um sacerdote milanês (Turim 1767), inspirado também em Gobinet e na corrente

(1) 1.ª edição, Paravia, Turim 2847, pequeno formato 8x12,5 cm, pp. 352, com o título "O jovem instruído... nos exercícios". O enorme sucesso do manual, que somente na edição italiana (houve duas francesas) superou o milhão de cópias em vida de Dom Bosco, levou-o a aumentar e melhorar pouco por vez o conteúdo. Em 1851 enriquecia-se com uma parte apologética sobre a Igreja. A partir de 1863 era impresso no Oratório e tinha 430 páginas. A edição de 1885 terá 520 páginas. Citamos aqui a edição de 1863. O título original é "Il giovane provveduto per la pratica dei suoi doveri negli esercizi di cristiana pietà".

jesuíta que punha em relevo a figura do jovem São Luís de Gonzaga.

Servindo-se embora desse material, Dom Bosco deu ao seu manual um cunho profundamente pessoal: a simplicidade e a concretitude do estilo e o seu conceito de santidade juvenil. As linhas essenciais do seu pensamento são as seguintes:

1. Não se pode conceber a vocação humana fora da perspectiva da salvação. Somos todos salvos: o Deus do amor, no seu Filho, nos chama à sua própria vida (= graça).

2. Por conseguinte: Meus filhos, somos feitos para a alegria!, certamente para a alegria eterna, mas também para uma alegria presente, que se oferece agora aos meninos, aos adolescentes, aos jovens: Justamente a alegria de sentir-se filhos de Deus e de amá-lo ativamente. Contrariamente ao que diz o mundo, o jugo do pecado é que é pesado, leve é o do Senhor.

3. Essa alegria invade todo o ser; pode e deve ser vivida no dia a dia de toda a vida. Conserva-se ou recupera-se com a comunhão eucarística e a confissão sincera. A santidade é, pois, possível também para os jovens; é até fácil, está ao alcance da mão.

4. Deus ama os jovens com particular amor. É sumamente importante corresponder a ele quanto antes, desde a juventude. As três maiores virtudes com que se exprime esse dom de si, são: o amor de Deus (ao qual se une estreitamente o amor a Maria), a obediência, isto é, a confiança nos guias providenciais, e a pureza, isto é, a salvaguarda do carácter espiritual do ser, da vida, da alegria ⁽²⁾.

Com a graça de Deus e a própria dedicação, Dom Bosco viu esse programa encarnar-se na vida de centenas dos seus meninos.

Os trechos que apresentamos são tomados da edição de 1863, a última de que temos a certeza de

(2) Cf. P. Stella, *Valori spirituali nel "Giovane Provveduto. di san Giovanni Bosco*, Roma 1960 (extrato de uma tesc de láurea).

haver saído das mãos de Dom Bosco ⁽³⁾. Serão completados com a leitura dos conselhos que Dom Bosco dava aos seus jovens na segunda parte do *Regolamento dell'Oratorio di San Francesco di Sales per gli esterni* e do *Regolamento per le Case della Società di San Francesco di Sales* ⁽⁴⁾.

23. Prólogo. "A juventude". O nosso Deus é o Deus da alegria

Dois os principais ardis de que se vale o demônio para afastar os jovens da virtude. O primeiro é fazê-los acreditar que para servir o Senhor é preciso levar uma vida triste e longe de qualquer divertimento e prazer. Não é assim, queridos jovens. Vou indicar-vos um método de vida cristã que vos torne alegres e contentes e ao mesmo tempo vos dê a conhecer quais os verdadeiros divertimentos e os verdadeiros prazeres, de modo que possais dizer com o santo profeta Davi: sirvamos ao Senhor em santa alegria: *servite Domino in laetitia*. Esse o escopo deste livrinho: ensinar a servir ao Senhor sem perder a alegria.

O outro engano é dar-lhes esperança de uma vida longa e de se converterem mais tarde, na velhice ou na hora da morte. Atenção, meus filhos, porque muitos se deixaram enganar. Quem nos assegura que chegaremos à velhice? Seria preciso firmar um pacto com a morte para que nos espere até lá: porém a vida e a morte estão nas mãos de Deus, que delas pode dispor como Lhe aprouver.

E ainda quando vos concedesse vida dilatada, ouvi o grande aviso que vos dá: o homem segue na velhice e até à morte o caminho que principiou a trilhar em sua adolescência. *Adolescens juxta viam suam etiam cum senuerit non recedet ab ea*. Vale dizer que se agora que somos jovens começamos a viver bem, seremos bons quando entrados em anos, boa será a nossa

(3) Nas edições seguintes intervieram colaboradores de Dom Bosco, P. Bonetti e P. Berto. Entretanto Dom Bosco reserva a si a revisão definitiva.

(4) Podem-se ler em Braidó, S. Giovanni Bosco. *Scritti sul sistema preventivo*, La Scuola, Brescia 1965, pp. 379-390 e 430-452. Textos da edição oficial impressa em 1877.

morte e princípio de uma felicidade eterna. Se pelo contrário deixarmos que os vícios se apoderem de nós durante a mocidade, é muito provável que assim continuemos até à morte, presságio funesto de muito infeliz eternidade. Para que tal não vos aconteça, apresento-vos uma norma de vida breve e fácil, mas suficiente para que venhais a ser a consolação dos vossos pais, honra de vossa pátria, bons cidadãos na terra e depois venturosos habitantes do céu ⁽¹⁾.

Esta pequena obra divide-se em três partes. Na primeira encontrareis o que deveis praticar e o que deveis evitar para viverdes como bons cristãos. Na segunda encontrareis as principais orações do cristão, como se rezam ordinariamente nas igrejas e casas de educação. A última contém o ofício de Nossa Senhora, vésperas do ano e o ofício dos mortos. No fim da terceira parte encontrareis um diálogo sobre os princípios fundamentais da nossa santa religião católica adaptados às necessidades do tempo ⁽²⁾, e também uma série de loas sacras.

(1) Estes primeiros parágrafos nos apresentam os dois temas fundamentais da catequese de Dom Bosco: o "serviço de Deus", em que consiste a vida cristã, é fonte de alegria profunda e contínua; e a juventude compromete todo o futuro: vida adulta, morte, vida eterna. O *Jovem Instruído* ensina, pois, um método de vida cristã que visa a dois escopos: dar alegria, garantir um futuro feliz, perspectivas que estão em profunda sintonia com a psicologia dos adolescentes e dos jovens. Note-se a expressão: "bons cidadãos na terra, venturosos habitantes do céu", que se tornará um dos motivos condutores de Dom Bosco: a educação cristã abrange o homem inteiro em todas as suas funções e cuida do seu bem temporal e eterno.

(2) "O diálogo" não existia na primeira edição de 1847. As "necessidades do tempo" lembram a confusão dos espíritos e o perigo de relativismo religioso provocados pela borrasca anticlerical de 1848, particularmente pelos decretos de 17 de fevereiro e 29 de março de 1848: o rei Carlos Alberto concedia os direitos civis aos valdenses e aos judeus. Os valdenses lançaram-se então a audaciosa propaganda. Na edição do *Jovem Instruído*, em 1851, Dom Bosco, sempre preocupado em atender situações concretas, introduziu uma parte apologética, em forma de diálogo, sobre a verdadeira Igreja e as suas notas (parte diretamente inspirada em opúsculos que imprimira em 1850). Será depois retomada e completada duas vezes. O que nos permite salientar que Dom Bosco, sob a pressão dos acontecimentos, fará a realidade da Igreja entrar cada vez mais na sua perspectiva de santidade, e, com os teólogos do seu tempo, afirmará um tanto apressadamente que a santidade não pode florescer fora da Igreja católica.

Meus caros, eu vos amo de todo o coração, e basta que sejais jovens para que vos ame muito, e posso garantir-vos que podereis encontrar muitos livros escritos por pessoas bem mais doutas e virtuosas do que eu, mas dificilmente encontrareis quem mais do que eu vos ame em Jesus Cristo, e quem mais deseje vossa verdadeira felicidade ⁽³⁾. O Senhor, portanto, esteja sempre convosco e vos conceda a graça de poderdes, com a prática destes poucos conselhos, salvar as vossas almas, e assim aumentar a glória de Deus, finalidade única deste livrinho.

Sede felizes, e o santo temor de Deus seja a vossa riqueza durante toda a vossa vida.

Afeçoadíssimo em J. Cristo
P. João Bosco

(3) Quando se dirige aos jovens Dom Bosco facilmente se comove, e o seu "coração" encontra as expressões mais carinhosas para manifestar-lhes afeto sacerdotalmente paterno. Exprime também esta verdade, para ele evidente: "Amar é querer a felicidade do outro".

DE QUE PRECISA UM JOVEM PARA SE TORNAR VIRTUOSO (4)

24. Art. I. Conhecimento de Deus (5)

Erguei os olhos, queridos filhos, e contemplai tudo quanto existe no céu e na terra. Tempo houve em que o sol, a lua, as estrelas, o ar, a água, o fogo não existiam. Com a sua onipotência Deus os tirou do nada e criou, e por esse motivo se chama Criador.

Este Deus, que sempre existiu e sempre há de existir, depois de ter criado tudo o que há no céu e na terra, deu existência ao homem, a mais perfeita de todas as criaturas visíveis. De modo que os nossos olhos, os pés, a boca, a língua, os ouvidos, as mãos, tudo é dom do Senhor.

O homem se distingue de todos os outros animais especialmente porque é dotado de uma alma que pensa, raciocina e conhece o que é bem e o que é mal. Sendo puro espírito, a alma não pode morrer com o corpo, mas quando o corpo for levado à sepultura, a alma

(4) Esta secção contém seis breves "artigos". Citamos os principais (com seus títulos) pelo interesse pastoral que apresentam. Os temas são mais interessantes que as fórmulas: estas se ressentem evidentemente do estilo religioso da época, aqueles expõem as verdades básicas da vida cristã que Dom Bosco propunha aos seus meninos.

(5) A vida cristã, que é relação com Deus, começa evidentemente com o conhecimento do Interlocutor divino. Ele é inseparavelmente "Criador onipotente" e "Pai amoroso", de modo que todas as realidades criadas são "dons" que nos faz, e o destino preparado para o homem é a vida eterna feliz "com Ele". É então proposta uma espiritualidade da felicidade. Mas também da liberdade, ao ponto que Deus pode ser "constrangido" a não receber quem o rejeita.

começará uma nova vida que não terminará jamais. Se for virtuosa, será para sempre bem-aventurada com Deus no Paraíso, onde gozará de todos os bens por toda a eternidade; se praticar o mal, será punida com terrível castigo no inferno, onde sofrerá para sempre toda a espécie de suplícios.

Por isso convencei-vos, queridos filhos, de que todos fostes criados para o Paraíso, e Deus, pai amoroso, experimenta imenso desgosto quando se vê constrangido a condenar alguém ao inferno.

Oh! quanto o Senhor vos ama e deseja que pratiqueis boas obras para depois vos tornardes participantes da grande felicidade que Ele preparou para todos eternamente no Céu!

25. Art. II. Deus tem um amor especial à juventude

Persuadidos, queridos filhos, de que todos nós fomos criados para o Paraíso, devemos encaminhar todas as nossas ações para esse grande fim. A isso deve animar-nos o prêmio que Deus nos promete e o castigo com que nos ameaça, mas o que mais que tudo nos deve atrair ao seu amor e serviço é o grande amor que Deus nos dedica ⁽⁶⁾. Porque embora ame todos os homens como obra de suas mãos, consagra todavia particular afeto aos jovens, encontrando neles suas delícias: *Deliciae meae esse cum filiis hominum*. Sois assim as delícias e o amor do Deus que vos criou. Ele vos ama porque ainda tendes tempo para praticar mui-

(6) Proposição que merece ser sublinhada, como de resto todo o artigo no seu conjunto. A insistência de Dom Bosco na prática das "virtudes" e na fuga dos "pecados" poderia merecer-lhe a acusação de "moralismo", estreito até. Ao invés, é de fato uma perspectiva de "aliança" que propõe aos meninos: as virtudes são "muito mais" exigência do amor de Deus para conosco e "respostas" do nosso amor com ele. E Dom Bosco insiste nisso sobretudo porque Deus tem "um amor especial aos jovens". A citação da Escritura de Prov 8.31 (a Sabedoria criadora) é evidentemente empregada em sentido acomodaticio. Mais significativa a lembrança da atitude de Jesus segundo o Evangelho. A conclusão é límpida: viver como cristão, é "corresponder" a esse amor, "agradar" a Deus em tudo. Outro não foi o programa de Jesus: *O Pai não me deixou sozinho, porque faço sempre o que é do seu agrado* (Jo 8, 29).

tas obras boas; ama-vos porque estais ainda na idade da simplicidade, humildade e inocência, e em geral não chegastes a ser presa infeliz do inimigo infernal.

Provas de especial benevolência para com os meninos deu-as também o nosso Salvador. Assegura que considera como feito a si mesmo tudo o que se fizer em beneficio dos meninos.

Ameaça terrivelmente os que vos dão escândalos com palavras ou ações. Eis aqui as suas palavras: Se alguém scandalizar a algum destes pequenos que crêem em mim, melhor seria que lhe pusessem ao pescoço uma mó de moinho e o lançassem no mais profundo do mar. Gostava de que os meninos o seguissem, chamava-os para junto de si, abraçava-os e lhes dava sua santa bênção.

Uma vez que o Senhor tanto vos ama na idade em que vos achais, como não deve ser firme o vosso propósito de corresponder a ele, procurando fazer tudo o que fôr de seu agrado, e evitando tudo o que poderia causar-lhe desgosto?

26. Art. IV. A primeira virtude de um jovem é a obediência aos seus pais ⁽⁷⁾

Assim como uma delicada plantinha, conquanto colocada no bom terreno de um jardim, cresce torta e

(7) É quase fora de moda hoje recomendar aos meninos a obediência, sobretudo como "primeira virtude"! Mas, falando assim, Dom Bosco não segue apenas o ensinamento tradicional do seu tempo, baseado numa "moral do dever". Guia-o a experiência e a própria audácia da sua proposta de santidade aos jovens (cf. o final do artigo). Dois argumentos se apresentam. Um natural: um jovem, no período instável da sua evolução, é fraco, volúvel, "delicada plantinha"; tem necessidade de ser "guiado", não somente para não errar e cair, mas sobretudo para encontrar o bom caminho e trilhá-lo com segurança, ou, para empregar outra comparação, crescer harmoniosamente, desenvolver os próprios dotes, produzir frutos abundantes, até à santidade. O outro argumento apela para a fé: o próprio Cristo foi obediente; e obedecer aos guias providenciais é obedecer a Deus.

Acrescentamos dois elementos importantes que permitem não desfigurar essa obediência salesiana: desenvolvendo-se num clima de mútua confiança, de franqueza e afeição, ela supõe nos educadores a vontade do "maior proveito" dos educandos, e deixa-lhes sempre maior espaço à iniciativa pessoal. Isso aparecerá com maior evidência nas vidas de Savio e de Magone.

definha se não for cultivada ou por assim dizer guiada até certo ponto, assim vós, meus queridos filhos, haveis de pender certamente para o lado do mal se não vos deixardes guiar pelos encarregados da vossa educação. Tal guia encontrareis na pessoa dos vossos pais e dos que lhes fazem as vezes, a quem deveis obedecer com toda a exatidão. Honra teu pai e tua mãe e viverás longo tempo sobre a terra, diz o Senhor. Mas em que consiste esta honra? Consiste na obediência, no respeito e na assistência. Na obediência: e por isso quando vos ordenarem qualquer coisa, fazei-a prontamente sem vos mostrardes contrariados, e não sejais daqueles que encolhem os ombros, sacodem a cabeça, e o que é pior respondem com insolência. Estes fazem grande injúria, não só a seus pais, mas ao mesmo Deus, que por meio deles vos manda fazer isto ou aquilo. O nosso Salvador, embora todo-poderoso, quis ensinar-nos a obedecer submetendo-se em tudo a Nossa Senhora e a S. José, no humilde mister de carpinteiro. E para obedecer ao Pai celeste morreu por entre sofrimentos na cruz.

Deveis, do mesmo modo, ter muito respeito a vosso pai e a vossa mãe. Por isso não façais nada sem sua licença, nem vos mostreis impacientes em sua presença, nem deis a conhecer os seus defeitos. São Luís nada fazia sem licença, e na ausência dos pais pedia-a aos seus criados...

Deveis também prestar assistência a vossos pais em tudo o que necessitarem, quer com os serviços domésticos que puderdes fazer, e muito mais ainda, entregando-lhes todo o dinheiro, presentes, qualquer coisa que vos possa vir às mãos, empregando tudo conforme eles aconselharem. É outrossim obrigação escrita para todo jovem cristão rezar de manhã e à noite pelos seus pais, a fim de que Deus lhes conceda todos os bens espirituais e temporais.

Tudo o que vos digo a respeito de vossos pais, entende-se também a respeito de todos os vossos superiores eclesiásticos ou leigos, como ainda de vossos mestres, cujos ensinamentos, conselhos e correções deveis receber com humildade e respeito, porque tudo

o que vos ordenam é para vosso maior bem, e porque a obediência que prestais a vossos superiores é como se a prestásseis a Jesus Cristo e a Maria Santíssima.

Duas coisas vos recomendo de todo o coração. A primeira é que sejais sinceros com os vossos superiores, não encobrendo com mentiras as vossas faltas, e ainda menos negando-as. Dizei sempre a verdade, com franqueza; pois as mentiras nos tornam filhos do demônio, príncipe da mentira, e servem unicamente para, descoberta a verdade, serdes tidos por mentirosos e desacreditados perante vossos superiores e perante vossos companheiros. Em segundo lugar que tomeis por norma de vossa vida e de vossas ações os conselhos e advertências de vossos superiores. Felizes de vós, se assim fizerdes; os vossos dias serão venturosos, todas as vossas ações serão sempre boas e de edificação ao próximo. Concluo, portanto, dizendo-vos: o menino obediente tornar-se-á santo. O desobediente pelo contrário caminha por uma estrada que o levará à perda de todas as virtudes.

27. Art. VI. Leitura e palavra de Deus

Além das orações habituais da manhã e da noite, exorto-vos a que empregueis também algum tempo na leitura de algum livro que trate de coisas espirituais, como a Imitação de Jesus Cristo, a Filotéia de S. Francisco de Sales, a preparação para a morte de S. Afonso, Jesus ao coração do Jovem, vidas de Santos ou outros semelhantes ⁽⁸⁾.

(8) Colocar nas mãos dos jovens livros de "leitura espiritual" próprios para eles foi sempre uma preocupação de Dom Bosco. O *Jovem Instruído* satisfazia em parte a finalidade. O fruto que esperava era o conhecimento reflexo e o "gosto" das coisas de Deus e de uma vida generosa. As obras aqui citadas são interessantes. A *Imitação de Jesus Cristo* tão apreciada por Dom Bosco (cf. acima, trecho das *MO* pág. 69) era oferecida aos mais fervorosos, como atesta o cap. XIX da vida de Domingos Sávio. Seguem-se depois duas obras de que Dom Bosco sempre se serviu: a *Filotéia de S. Francisco de Sales* e a *Preparação para a morte de S. Afonso. Jesus no coração do Jovem* de Zama Mellini era um manual de devoção amplamente difundido então na Itália. Quanto às *vidas dos Santos* ou de cristãos exemplares, Dom Bosco mesmo cuidará de escrever certo número num estilo acessível aos jovens.

A leitura de trechos desses livros será de muito grande proveito para a vossa alma. Teríeis ainda mérito redobrado diante de Deus, se contásseis aos outros o que haveis lido, ou se lesseis para os outros, sobretudo para os que não sabem ler.

Assim como o nosso corpo sem alimento adoce e morre, do mesmo modo acontece com a nossa alma, se a privamos do seu alimento. Nutrição e alimento da nossa alma é a palavra de Deus, isto é, as pregações, a explicação do Evangelho e o catecismo⁽⁹⁾. Fazei, pois, toda a diligência para chegardes a tempo à igreja, e lá prestai toda a atenção e procurai aplicar a vós mesmos o que julgardes apropriado para o vosso estado. Além disso é muito importante que freqüenteis o catecismo. Não alegueis o pretexto de que já o sabeis porque fostes admitidos à sagrada comunhão; porquanto vossa alma, bem como o vosso corpo, também agora necessita de alimento; e se privais vossa alma desse alimento vos expondes ao perigo de graves danos espirituais.

Guardai-vos igualmente do embuste do demônio quando sugere: *Isso cai bem no meu companheiro Pedro, aquilo é para Paulo*. Não, meus caros, o pregador fala a todos e entende aplicar a todos as verdades que expõe. Ademais o que não servir para emendar o passado, servirá para vos preservar de algum pecado no futuro.

Quando ouvirdes algum sermão, procurai conservá-lo na memória durante o dia, e especialmente à noite antes de vos deitardes recolhei-vos um pouco e refleti sobre o que ouvistes. Se assim fizerdes, tirareis grande proveito para a vossa alma.

Recomendo-vos que procureis fazer todo o possível para cumprirdes estes vossos deveres nas vossas próprias paróquias, pois o vosso Pároco foi de modo especial destinado por Deus para cuidar de vossa alma.

(9) No tempo de Dom Bosco, "a palavra de Deus" entendida como o livro da Bíblia não era muito espalhada entre o povo cristão. De qualquer maneira Dom Bosco convida seus jovens a ouvi-la através da sua "explicação". "Nutrição e alimento da alma": a comparação é de ordem vital, como o da planta do artigo IV: trata-se sempre de crescer para a santidade, tanto mais que Dom Bosco preocupa-se em que a palavra ouvida penetre na vida pessoal.

II. DOMINGOS, MIGUEL, FRANCISCO: TRÊS FIGURAS DE SANTOS ADOLESCENTES

Antes de apresentar trechos escolhidos das biografias, convém lançar um rápido olhar sobre essas três figuras para descobrir-lhes as semelhanças e as diferenças, e melhor compreender o caminho espiritual pelo qual o mestre pessoalmente os conduziu.

Notamos em primeiro lugar que se trata de três adolescentes, "jovenzinhos", diz Dom Bosco, e não ainda de "jovens": Sávio morre aos 15 anos, Magone aos 13 e meio, Besucco aos 14. Têm, pois, contemporaneamente a inquietude, a capacidade de reflexão sobre si mesmos, a abertura metafísica, o impulso de forças novas, a tendência à generosidade, que caracterizam a psicologia da adolescência, este "segundo nascimento", como já dizia Rousseau no livro IV do Emile. Dom Bosco acreditava ser essa a idade em que mais eficazmente se pode cuidar da educação da juventude ⁽¹⁾.

Nenhum dos três meninos vem da cidade. Dois vêm do campo, Sávio de Mondonio e Miguel de Carmagnola (a uns trinta km de Turim); o terceiro vem de um pequeno povoado alpestre, Argentera, o último antes da fronteira com a França. Os três são de origem

(1) No primeiro Piano di Regolamento per la Casa annessa all'Oratorio, elaborado em 1852-54, Dom Bosco escreveu: "Para ser aceito: idade de 12 anos completos, e não além de 18. A experiência mostrou que ordinariamente a juventude antes dos doze anos não é capaz de fazer muito bem nem muito mal, e passados os dezoito torna-se muito difícil abandonar hábitos adquiridos para adaptar-se a um novo regulamento de vida" (MB IV, 736).

popular, provenientes de famílias pobres, mas profundamente crentes; os três receberam, não somente dos pais mas do pároco ou de algum sacerdote-professor, os primeiros elementos de uma boa educação cristã. Os alicerces já estão lançados: a Dom Bosco bastará continuar a construção.

De mais a mais, os três ouviram o chamamento do Senhor ao sacerdócio. Nesse ponto, porém, Sávio e Besucco se assemelham, ao passo que Magone é diferente. Antes de ingressarem no Oratório de Dom Bosco, Sávio e Besucco são almas privilegiadas, tanto que Dom Bosco se admira, ao recebê-los, do trabalho que a graça já havia feito neles; vêm ao Oratório precisamente para iniciar os estudos sacerdotais. Magone é um menino sadio e generoso, mas turbulento e de um vigor inquietante; órfão de pai, nem ele próprio sabe o que será do seu futuro: a idéia do sacerdócio brotará nas primeiras semanas de sua estada em Valdocco.

Dom Bosco já se encontra então na plena posse dos seus princípios e do seu método de educação espiritual. Mas é evidente que rejeita a uniformidade e a estandarização, que para nada servem no campo espiritual: respeitará em cada um os dons providenciais e as aspirações pessoais. Guiará cada um pelo próprio caminho. Ajudará um por um a encontrar sua figura original de santidade, sempre atento ao misterioso trabalho da graça e às exigências da liberdade em cada um desses filhos de Deus. E assim, o mesmo mestre, no mesmo ambiente do Oratório, produz três obras-primas muito diferentes, que demonstram todavia evidentes traços de família.

Contribui em grande escala para esse trabalho de personalização o momento e a duração da permanência de cada um deles junto a Dom Bosco. Desse ponto de vista, Domingos é sem dúvida o mais privilegiado. Entrou no Oratório aos 12 anos e meio, morou com Dom Bosco dois anos e meio (exatamente 28 meses, de 29 de outubro de 1854 a 1.º de março de 1857), quando o internato do Oratório não era ainda muito numeroso e Dom Bosco pessoalmente impregnava com seu espírito o grupo dos estudantes, dentre os

quais surgirá logo o núcleo da Congregação Salesiana. Miguel, aos doze anos, toma o lugar de Domingos, entrando no Oratório sete meses após sua morte. Aí estará pouco mais de um ano (*exatamente 15 meses, de outubro de 1857 a 21 de janeiro de 1859*); e nesse meio tempo devem-se considerar três meses e meio de ausência de Dom Bosco (*em Roma de 2 de janeiro a 16 de abril de 1858*). Por fim, quatro anos mais tarde, Francisco, de treze anos e meio, chega a um Oratório lotado (*mais de 600 meninos*): sua permanência será breve: 5 meses (*do dia 2 de agosto de 1863 a 9 de janeiro de 1864*); entretanto sua alma generosa está muito bem preparada para tirar proveito, em tão pouco tempo, de todas as riquezas espirituais do ambiente.

Três figuras raras, mas diversas. Quem mais se se destaca é evidentemente Domingos Sávio, canonizado a 12 de junho de 1954: quem o estudar mais de perto reconhecerá nele uma estupenda maravilha da graça, um grandíssimo santo de 15 anos, “pequeno, antes grande gigante do espirito”, disse Pio XI a 9 de julho de 1933. Miguel Magone é talvez mais imediatamente simpático, porque mais “natural” e produto mais exclusivo da ação de Dom Bosco (*sem Dom Bosco, Sávio e Besucco continuariam meninos de qualidades excepcionais, mas sem Dom Bosco, Magone ter-se-ia perdido*). “É uma figura vertical, aprumada, desembaraçada, vivaz e pronta, alegre e jovial, um tanto valente, que se distingue na multidão só porque não faz nunca o que não se deve fazer, e faz bem o que se deve fazer, como muitos dos melhores” (2). Besucco oferece uma fisionomia de santidade bem diferente: alma simples e límpida “como os alcantilados e virgens picos alpinos donde provinha” (*diz o P. Caviglia*), é, desde a primeira infância, alvo de graças especialíssimas; e caminha para os píncaros com passo regular, sem lutas nem dramas, acelerando o passo nos últimos meses, sob o comando de Dom Bosco.

As três biografias completam-se, pois, com muita felicidade. Pode-se confiar plenamente na sua veraci-

(2) A. Caviglia, *Il “Magone Michele”*, Studio, em Don Bosco, *Opere e scritti*, V, p. 193.

dade histórica. Dom Bosco foi testemunha direta de boa parte dos fatos que narra, e centenas de jovens aí estavam para apoiar-lhes a autenticidade. Para a outra parte, documentou-se com bastante seriedade com os parentes, párocos, professores, colegas dos seus heróis (durante dois anos para Sávio, e quase três para Magone). Recolheu cartas e notas pessoais. Naturalmente, como lhe permitia a mentalidade do tempo, recompôs todo esse material com flexibilidade; enriqueceu-o com reflexões morais e pedagógicas; algumas vezes dramatizou os diálogos. Mas a intenção de edificar não chegou nunca a deformar os fatos; pelo contrário, atém-se firmemente a eles: é realmente a santidade vivida por esses meninos que Dom Bosco quis ressaltar.

O plano seguido em cada biografia é sensivelmente o mesmo. Uma primeira parte narra a vida do jovem até à chegada e internação em Valdocco. Um segundo grupo de capítulos, onde a preocupação didática prevalece sobre a cronológica, descreve suas principais virtudes. Uma terceira parte retoma a ordem histórica dos fatos para narrar os últimos dias, a morte, e algumas vezes a repercussão depois da morte. Para o nosso ponto de vista é então a segunda parte que nos fornecerá os textos mais interessantes.

A unidade de plano deixa não obstante que cada obra siga o seu caminho. A vida de Miguel Magone é a narração mais curta e mais clara (16 capítulos), mais rica no conteúdo histórico e espiritual (27 capítulos) a de Domingos Savio, mais sistemática e minuciosa (34 capítulos) a de Francisco Besucco. Essa terceira biografia difere sensivelmente das outras duas: Dom Bosco pessoalmente intervém muito pouco (serviu-se abundantemente das longas relações do pároco P. Peppino e do diretor escolar de Valdocco P. Ruffino, e fez-se ajudar, para a redação, pelo P. José Bongiovanni); por outro lado transformou mais ou menos o relato numa reflexão sistemática sobre seu método de educação espiritual: as digressões didáticas são maiores, e o estilo um tanto fraco. É a menos popular das três biografias. Mas apresenta o grande interesse de sinte-

tizar mais diretamente o pensamento espiritual de Dom Bosco.

Evidentemente é preciso ler esses textos com senso histórico. Não somos obrigados a admirar em sua materialidade todo o comportamento desses santos jovens: o que conta acima de tudo é o significado espiritual. Dom Bosco teve que pagar tributo aos conceitos espirituais do seu tempo, muitas vezes rígidos, e às fórmulas da sua literatura ascética, freqüentemente muito "piedosas" ou sentimentais (lembre-se o estilo de Santa Teresa de Lisieux). Mas quem busca os verdadeiros valores da santidade haverá de encontrá-los.

Nossa seleção de textos serve-se da edição cientificamente preparada pelo Prof. P. Alberto Caviglia nos volumes IV, V, VI, das Opere e Scritti di Don Bosco, edição sempre acompanhada de um estudo pedagógico e espiritual do mais elevado interesse:

— Vita di Domenico Savio, vol. IV, SEI, Torino 1943, pp. 1-92 (5.^a edizione del 1878; 27 capitoli); introduzione alla lettura pp. IX-XLIII; studio: Savio Domenico e Don Bosco, pp. 1-609).

— Vita di Michele Magone, vol. V, SEI, 1965, pp. 201-252 (4.^a edizione del 1893; 16 capitoli); studio: Il "Magone Michele". Una classica esperienza educativa, pp. 131-200.

— Vita di Besucco Francesco, vol. IV, SEI, 1965, pp. 21-106 (2.^a edizione del 1878; 34 capitoli); introduzioni alle lettura, pp. 7-19; studio: La "Vita di Besucco Francesco" scritta da Don Bosco e il suo contenuto spirituale, pp. 107-262.

N. B. A edição crítica dois últimos volumes editados em 1965, foi preparado pelo P. Caviglia em 1943; os estudos foram publicados em vários números de "Salesianum" em 1948-1949).

**Vida do jovem Domingos Sávio,
aluno do Oratório de São Francisco de Sales,
pelo Sacerdote João Bosco ⁽¹⁾**

Curriculo

A) Na familia

- 1842 2 de abril. Nascimento de Domingos em Riva San Giovanni (Chieri). Seus pais: Carlos e Brígida Gaiato (26 e 22 anos). Batizado no mesmo dia.
- 1843 Por motivo de trabalho, os pais mudam para Murialdo, bem perto da casa de Dom Bosco nos Becchi.
- 1848 Domingos começa a freqüentar a escola do capelão P. Zucca.
- 1849 8 de abril. Páscoa: primeira comunhão aos 7 anos, em Castelnuovo d'Asti.
- 1852 21 de junho. Matriculado nos registros do P. Allora, professor em Castelnuovo.
- 1853 A família muda para Mondônio. Passa a ser aluno do P. Cugliero.
- 13 de abril. Crisma em Castelnuovo, aos 11 anos.

B) O adolescente com Dom Bosco

- 1854 2 de outubro. Primeiro encontro com Dom Bosco nos Becchi.

(1) A primeira edição saiu em janeiro de 1859, na tipografia Paravia, Turim, na coleção das *Letture Cattoliche*, ano VII, fasc. XI, pp. 144 (preço 0,20 liras). A quinta edição "aumentada", edição de que nos servimos, saiu em 1878 da "Tipografia e Livraria Salesiana", pp. 156. Os títulos dos capítulos são de Dom Bosco. Os outros títulos e subtítulos são nossos. Uma edição recente, muito boa, com notas interessantes, é a editada pelo P. E. Ceria, *Il beato Domenico Savio*, SEI, 1950, pp. 247.

29 de outubro. Entra no Oratório de Turim.

Ano escolar 1854-55: 1.º e 2.º curso de latim com o Sr. Bonzanino na cidade.

8 de dezembro. Em Roma, definição do dogma da Imaculada Conceição. Domingos consagra-se a Nossa Senhora.

1855 Março ou abril. Pregação decisiva de Dom Bosco: Domingos quer ser santo.

Ano escolar 1855-56: terceiro ano de latim no Oratório com o professor clérigo Francesia.

1856 Maio-junho. Domingos funda a *Companhia da Imaculada Doença*.

Ano escolar 1856-57: primeiro ano de humanidade, com o P. Picco, na cidade.

1857 1.º de março. Doente, deixa o Oratório.

9 de março. Morre em Mondônio nos braços do pai. Sepultado dia 11 no cemitério de Mondônio.

1859 Janeiro. Dom Bosco publica a *Vita del giovinetto Domenico Savio*.

C) Rumo à canonização

1908 Início do processo diocesano informativo.

1914 11 de fevereiro. Início do processo apostólico.

1933 9 de julho. Decreto sobre a heroicidade das virtudes (Pio XI).

1950 5 de março. Beatificação (Pio XII).

1954 12 de junho. Canonização (Pio XII).

1956 8 de junho. Domingos é proclamado "Patrono celeste dos *Pueri cantores*".

28. Prefácio. Um modelo "maravilhoso"

Caríssimos jovens,

Muitas vezes me pedistes, caríssimos jovens, que escrevesse alguma coisa sobre o vosso colega *Domingos Sávio*; e fiz o que pude para satisfazer vosso pio desejo. Aqui tendes a sua vida, escrita com a brevidade e simplicidade que são do vosso agrado.

Dificuldades da publicação

Duas dificuldades opunham-se à publicação deste opúsculo. A primeira é a crítica a que está sujeito quem escreve coisas das quais há uma multidão de testemunhas vivas. Acredito haver superado essa dificuldade esforçando-me por narrar tão-somente coisas vistas por vós ou por mim. Conservo-as quase todas escritas e assinadas por vossa mão.

Outro obstáculo era ter que falar muitas vezes de mim, pois tendo Domingos vivido perto de três anos nesta casa, devo frequentemente contar fatos de que participei. Penso haver superado a dificuldade atendo-me à função do historiador, que é a de escrever a verdade dos fatos, sem olhar as pessoas. Se entretanto encontrardes algum fato em que fale de mim com certa complacência, levai-o à conta do grande afeto que tinha para com o amigo falecido e que tenho para com todos vós, afeto que me faz abrir-vos o íntimo do meu coração, como faria um pai ao falar aos filhos queridos.

Por que Domingos

Alguém poderá perguntar por que escrevi a vida de *Domingos Sávio* e não a de outros jovens que viveram entre nós com fama de ilibada virtude. É verdade, meus caros, a Divina Providência dignou-se enviar-nos vários modelos de virtude tais como *Gabriel Fascio*, *Luís Rua*, *Camilo Gávio*, *João Massaglia* e outros ⁽²⁾, mas seus feitos não foram tão notáveis e eminentes como os de *Sávio*, cujo teor de vida foi notoriamente maravilhoso. Por outra parte, se Deus me der saúde e graça, tenciono recolher os fatos desses colegas vossos, a fim de poder satisfazer vossos desejos, que também são meus, oferecendo à vossa leitura e meditação o que é compatível com o vosso estado.

(2) Gabriel Fascio morreu em 1851; era aprendiz de mecânica. Tinha perto de 13 anos (Dom Bosco predissera sua morte, cf. *MB* IV, 401). Luís Rua, irmãozinho do futuro sucessor de Dom Bosco, frequentava regularmente o Oratório festivo. Morreu aos 15 anos dia 29 de março de 1851. Gávio e Massaglia eram os melhores amigos de Domingos: deles se falará mais adiante.

Nesta nova edição acrescentei várias notícias que espero haverão de torná-la interessante mesmo para os que leram as edições anteriores.

Um modelo a imitar

Procurai tirar proveito de quanto irei narrando, e dizei no vosso coração o que dizia S. Agostinho: "*Si ille, cur non ego?*". Se um colega meu, da minha idade, no mesmo lugar, exposto aos mesmos se não maiores perigos, teve tempo e capacidade de se manter fiel seguidor de Jesus Cristo, porque não poderei eu fazer a mesma coisa? Lembrai-vos bem que a verdadeira religião não consiste somente em palavras; é preciso passar às obras. Se, pois, encontrardes algo digno de admiração, não vos contenteis em dizer: *Bonito, gostei*. Mas: *Quero esforçar-me em fazer o que na leitura me causa admiração*.

Que Deus vos conceda a vós e a todos os leitores deste opúsculo saúde e graça para aproveitar do que lêem; e a Virgem Santíssima, de quem era tão devoto o jovenzinho *Sávio*, faça com que tenhamos um só coração e uma só alma para amar o nosso Criador, pois somente ele é digno de ser amado sobre todas as coisas, e fielmente servido todos os dias da nossa vida ⁽³⁾.

(ed. Caviglia, 3-4)

29. Aos 7 anos. Primeiro encontro decisivo: Cristo na Eucaristia ⁽⁴⁾

Cap. III. — ... Esse dia ficou-lhe para sempre gravado na memória, e podemos dizer que foi o início,

(3) Nesse prefácio Dom Bosco retrata-se de corpo inteiro: como "historiador" preocupado com a documentação e a verdade dos fatos; como "pai" cheio de amor para com os filhos, amor que transparecerá em todas as páginas; como "pastor" que convida os leitores à imitação concreta.

(4) Costumava-se então admitir os meninos à primeira comunhão aos 11 anos. Devemos agradecer ao capelão de Murialdo, P. Zucca, haver levado em conta a instrução precoce e a fome eucarística de Domingos para admiti-lo aos 7 anos, abrindo-lhe assim o caminho para a santidade.

ou melhor, a continuação duma vida que poderia ser apontada como modelo de vida cristã. Alguns anos mais tarde, ao falar da sua primeira comunhão, transfigurava-se-lhe o rosto de intensa alegria. — Oh! aquele dia foi par mim o maior, o mais belo dia da minha vida. — Escreveu algumas lembranças que conservava cuidadosamente num livro de devoção e lia-as amiúde. Pude havê-las à mão e transcrevo-as aqui na sua simplicidade original. Eram deste teor :

“Propósitos tomados por mim, Domingos Savio, em 1848, quando fiz a primeira comunhão na idade de 7 anos.

“1. Confessar-me-ei freqüentemente e farei a comunhão todas as vezes que o confessor me der licença.

“2. Quero santificar os dias festivos.

“3. Os meus amigos serão Jesus e Maria.

“4. Antes morrer que pecar” (5).

Tais lembranças, por ele muitas vezes repetidas, foram como que a norma de suas ações até o fim da vida (6).

Importância da primeira comunhão

Se entre os leitores deste opúsculo houver alguém que ainda não tenha feito a primeira comunhão, tomarei a liberdade de recomendar-lhe que escolha por modelo Domingos Sávio. Recomendo com todas as veras aos pais e mães de família, e a todos os que exercem qualquer autoridade sobre a juventude, que dêem a

(5) Esta última fórmula provavelmente se inspira no ato de contrição usado na diocese de Turim: “Preferiria morrer a ofender-vos” Mas foi Domingos quem lhe deu seu cunho particular. O verdadeiro sentido se esclarece à luz do propósito anterior: a fuga absoluta do pecado não é senão o absoluto do amor pessoal a Deus e à sua Mãe.

(6) Nesses propósitos, surpreendentes pela profundidade e força num menino de 7 anos, Dom Bosco vê um programa para toda a vida. Com efeito, a 8 de dezembro de 1854, Domingos repetirá os dois últimos na sua consagração a N. Senhora. E no leito de morte repetirá o terceiro, o mais profundo e decisivo. Nem Dom Bosco poderia sugerir a Domingos propósitos tão pertinentes.

maior importância a este ato religioso. Convençei-vos de que a primeira comunhão bem feita assenta um sólido fundamento moral para toda a vida; e seria de estranhar que se encontrasse alguém que tenha cumprido bem este solene dever e não passe a viver bem e virtuosamente. Pelo contrário encontram-se aos milhares jovens levianos e turbulentos que são o desespero de seus pais e educadores; se indagarmos a razão de tudo isso, chegaremos à conclusão de que tal procedimento começou a manifestar-se na pouca ou nenhuma preparação para a primeira comunhão. É melhor adiá-la, antes deixá-la, do que fazê-la mal ⁽⁷⁾.

(ed. Caviglia, 10-12)

30. Aos 12 anos e meio. Segundo encontro decisivo: Dom Bosco ⁽⁸⁾

Capítulo VII. — ... Na primeira segunda-feira de outubro, logo de manhã cedo, vi um menino acompanhado pelo pai que se aproximava para falar-me. O semblante alegre, o ar risonho mas respeitoso chamaram-me a atenção.

— Quem és? — perguntei-lhe. — Onde vens?

— Eu sou — respondeu — Domingos Sávio, de quem lhe falou o P. Cugliero, meu professor, e vimos de Mondônio.

Chamei-o então à parte e, pondo-nos a falar sobre os estudos feitos e sobre a vida que até então levara, criou-se imediatamente um clima de mútua confiança.

(7) A severidade dessa asserção final mostra a que ponto Dom Bosco é impermeável ao laxismo quando fala dos sacramentos e recomenda com insistência sua prática precoce e freqüente: quer que sejam recebidos com o máximo cuidado, graças à responsabilidade conjugada dos educadores e dos próprios jovens.

(8) O encontro não se deu em Turim, mas nos Becchi, aonde todos os anos, em fins de setembro. Dom Bosco levava um grupo de meninos: repouso, vida familiar, celebração fervorosa do Rosário (cf. *MB* V, 348-352). Dom Bosco tinha então 39 anos. Dever-se-ia fazer um estudo sobre os encontros mais típicos de Dom Bosco com os adolescentes: Bartolomeu Garelli, Miguel Rua, Domingos Sávio, Miguel Magone... Conquistas cordiais e espirituais.

Percebi imediatamente que aquele menino estava todo impregnado do espírito de Nosso Senhor e fiquei assombrado com o trabalho que a graça divina já operara em tão tenra idade ⁽⁹⁾.

Depois duma conversa bastante prolongada, antes de eu chamar o pai, disse-me estas textuais palavras: — Então, que lhe parece? Leva-me para Turim, para eu poder estudar?

— Parece-me, na verdade, que a fazenda é boa.

— E para que pode servir esta fazenda?

— Para fazer um lindo vestido e oferecê-lo ao Senhor.

— Então se eu sou a fazenda, o Sr. seja o alfaiate; leve-me, pois, consigo e faça um belo vestido para Nosso Senhor.

— Receio que tua constituição franzina não resista aos estudos.

— Não tenha medo. Deus que até hoje me deu saúde e graça, há de ajudar-me também no futuro.

— Mas quando terminar os estudos de latim, que pretende fazer?

— Se Nosso Senhor me conceder tão grande graça, desejo ardentemente seguir o estado eclesiástico.

— Muito bem: agora quero experimentar se tens capacidade bastante para estudo. Pega este livrinho (era um fascículo das *Lecture Cattolique*), estuda hoje esta página, amanhã voltarás para dizê-las de cor.

Dito isto, deixei-o em liberdade para que fosse brincar com os outros rapazes, e pus-me a falar com o pai. Não se tinham ainda passado oito minutos, quando Domingos entra sorrindo e diz:

(9) Dom Bosco encontra um Domingos que já tem a sua personalidade espiritual. Surpreende-se com o trabalho da graça num menino de 12 anos e meio. . . Dois santos se encontram! a fazenda e o alfaiate. E a maravilhosa frase: "Criou-se imediatamente entre nós um clima de *mútua confiança*". Princípio necessário e bastante para um eficiente trabalho educativo.

— Se quer, digo já de cor a minha lição.

Tomei o livro e, com grande surpresa, vi que não só tinha estudado ao pé da letra a página marcada, mas conhecia perfeitamente o sentido do que nela estava escrito.

— Muito bem, lhe disse eu, antecipaste o estudo da tua lição e eu vou antecipar a resposta. Sim, vou levar-te para Turim e desde hoje estás na lista dos meus caros filhos; começa tu também pedindo a Deus que nos ajude, a mim e a ti, a fazer a sua santa vontade.

Não sabendo como demonstrar sua alegria e gratidão, pegou-me a mão, apertou-a, beijou-a repetidas vezes, dizendo por fim:

— Espero proceder de tal modo que nunca se tenha de queixar do meu comportamento.

(ed. Caviglia, 18-19)

31. Terceiro encontro decisivo: Maria Imaculada ⁽¹⁰⁾

Capítulo VIII. — ... Entre nós também se fazia todo o possível para celebrar, com decoro e proveito espiritual dos nossos rapazes, a grande solenidade.

Sávio era um dos que manifestavam mais ardente desejo de celebrá-la santamente. Escreveu nove pensamentos, ou antes nove atos de virtude que devia praticar, sorteando um para cada dia. Preparou-se e fez com grande satisfação a confissão geral, e aproximou-se da sagrada mesa com o máximo recolhimento.

Na tarde daquele dia, 8 de dezembro, depois das cerimônias da igreja, ouvido o *parecer do seu confessor*, prostrou-se diante do altar de N. Senhora, renovou as

(10) Coincidência providencial: entrando no Oratório dia 29 de outubro de 1854, Domingos começa um mês depois a novena em preparação à festa de 8 de dezembro, que Dom Bosco celebrava sempre com especial esmero, mas assinalada nesse ano por um excepcional acontecimento de Igreja: a definição do dogma da Imaculada Conceição. Domingos ficará profundamente impressionado.

promessas da primeira comunhão, e depois repetiu muitas vezes estas textuais palavras :

— Ó Maria, dou-vos o meu coração; fazei que eu seja sempre vosso. Jesus e Maria, sede sempre meus amigos! Mas, por amor de Deus, fazei-me morrer antes que me aconteça a desgraça de cometer ainda que seja um só pecado ⁽¹¹⁾.

Tomando assim Maria como esteio da sua grande devoção, sua conduta moral tornou-se tão edificante e entretecida de tais atos de virtude que comecei desde então a anotá-los para não me esquecer deles ⁽¹²⁾.

32. Aos 13 anos. “A grande resolução: tornar-se santo”

Capítulo X. — Feita esta breve referência aos estudos de latim, vamos agora falar da sua deliberação de se santificar.

Havia seis meses que Domingos entrara no Oratório, quando um dia se fez lá um sermão sobre o modo fácil de nos tornarmos santos. O pregador deteve-se especialmente a desenvolver três pontos que fizeram funda impressão no espírito de Domingos, a saber: “É vontade de Deus que todos nos santifiquemos; é muito fácil conseguir tal intento; há um grande prêmio preparado no céu para quem se tornar santo”.

(11) “Ouvido o parecer do seu confessor... estas textuais palavras...”: por conseguinte Dom Bosco foi informado com precisão do compromisso de Domingos e também da sua formulação. No pensamento do menino há uma continuidade do passado, mas também a entrada num período novo (a confissão geral significa exatamente uma vontade de renovação): os propósitos 3.º e 4.º da primeira comunhão haviam sido tomados por um menino; são renovados hoje de maneira muito mais consciente por um adolescente. O fervoroso futuro é colocado sob o signo de Maria Imaculada, e o pecado que quer sobretudo evitar é o da impureza (cf. cap. XIII; e uma “boa noite” de Dom Bosco a 28 de novembro de 1976, *MB* XII, 272). Não há dúvida que Domingos fez, adolescente, uma profunda experiência de vida mariana.

(12) A realidade correspondeu à intenção. A consagração a Nossa Senhora abriu de fato para Domingos um período de generosidade inteiramente nova. Dom Bosco percebe, surpreende-se, e começa a tomar nota!

O sermão foi como que uma centelha que lhe abrasou o coração no amor de Deus ⁽¹³⁾. Durante alguns dias nada disse, mas estava menos alegre que de costume. Notaram-no os companheiros como o havia notado eu. Julgando que isso fosse causado por novo incômodo de saúde, perguntei-lhe se padecia de alguma doença.

— Pelo contrário, atalhou, sinto-me muito bem.

— Que queres dizer com isso?

— Quer dizer que sinto um grande desejo e necessidade de me santificar: não pensava que fosse tão fácil; agora sei que posso tornar-me santo, estando alegre; eu quero de fato e sinto mesmo absoluta necessidade de o ser. Diga-me como devo proceder para conseguir isso.

Louvei o seu propósito, mas exortei-o a que não se inquietasse, porque no meio da agitação não se ouve a voz de Deus; era necessário que estivesse constante e moderadamente alegre. Aconselhei-o a ser perseverante no cumprimento dos seus deveres religiosos e escolares, e recomendei-lhe que não deixasse de participar do recreio com os seus companheiros ⁽¹⁴⁾.

Disse-lhe um dia que desejava dar-lhe um presente, mas do seu gosto, e que o escolhesse ele mesmo.

(13) O pregador era Dom Bosco. As idéias expostas são totalmente suas (a primeira inspira-se em I Tess. 4, 3). Preciosa a redação: "centelha que lhe abrasou o coração no amor de Deus", porque ilumina o verdadeiro sentido da expressão: "tornar-me santo". A continuação do texto dirá que Domingos, de início, errou quanto a certas maneiras ou expressões da santidade, nunca, porém, quanto à orientação fundamental: amar a Deus com um amor vivo como o fogo, dar tudo, o mais possível, o mais depressa possível. A psicologia da idade adolescente vem em socorro desta sede de absoluto orientada para Deus: "Eu quero absolutamente". Provoca outrossim a inquietação e o perigo de voltar-se sobre si mesmo, coisa que Dom Bosco se apressará a corrigir.

(14) Oração, trabalho, tudo acompanhado de constante alegria no meio dos companheiros. O parágrafo encerra os requisitos essenciais da espiritualidade proposta pela sabedoria de Dom Bosco aos seus jovens. Obedecendo a ela é que Domingos se tornará, de maneira autêntica e rápida, o santo que queria ser. Note-se o caminho até aqui percorrido: a *obediência* (pondo-se nas mãos de Dom Bosco) e a *pureza* (entrega a Nossa Senhora), *abrem ao adolescente os caminhos do verdadeiro amor*.

— O presente que peço, respondeu prontamente, é que me ajude a fazer-me santo. Quero entregar-me inteiramente a Nosso Senhor, para sempre, pois sinto a necessidade de fazer-me santo, e se não me fizer santo, perco tempo. Deus quer que eu seja santo, devo tornar-me santo.

Noutra ocasião o diretor quis dar um sinal de particular afeto aos seus alunos, e deu-lhes a possibilidade de pedirem por escrito o que quisessem. Podemos facilmente imaginar os pedidos extravagantes e ridículos formulados por quase todos. Domingos, pegando num pedacinho de papel, escreveu apenas estas palavras:

— Peço que me salve a alma e me faça santo.

Um dia explicava-se a etimologia de certas palavras.

— E Domingos — disse ele — que quer dizer?

Resposta:

— *Domingos quer dizer do Senhor.*

— Ah!, exclamou logo, veja se não tenho razão de lhe pedir que me faça santo: até o nome diz que sou do Senhor. Devo, pois, e quero ser todo do Senhor e quero tornar-me santo, e não serei feliz enquanto não não o conseguir ⁽¹⁵⁾.

O ardente desejo que demonstrava de ser santo não procedia da ausência de santidade; manifestava-o porque queria fazer ásperas penitências e passar longas horas em oração; e tais projetos eram-lhe proibidos pelo Diretor, por serem incompatíveis com a sua idade, saúde e ocupações ⁽¹⁶⁾.

(ed. Caviglia, 25-26)

(15) Fórmula surpreendente na boca de um adolescente de 13 anos. Tão surpreendente como a precedente: "Se não me torno santo, perco tempo". "Tornar-me santo" será a meta de todos os seus esforços durante os dois anos que lhe restam de vida. Descobre a vocação à santidade e o sentido da própria existência até em seu próprio nome. Outras descobertas: "Deus me quer santo. . . Devo, posso, quero ser santo".

(16) Para Domingos ser santo era necessariamente renovar as ações heróicas dos grandes penitentes ou as que podia ler nas biografias de Comollo ou de S. Luís Gonzaga. Dom Bosco voltará, no capítulo

33. "Para tornar-se santo, empenhar-se em ganhar almas para Deus"

Capítulo XI. — A primeira coisa que se lhe aconselhou para ser santo foi trabalhar por ganhar almas para Deus, pois não há no mundo coisa mais santa que cooperar para o bem das almas, por cuja salvação Jesus Cristo derramou até à última gota o seu precioso sangue ⁽¹⁷⁾. Domingos compreendeu o alcance desse trabalho, e muitas vezes lhe ouviram dizer:

— Como seria feliz se pudesse ganhar para Deus todos os meus companheiros!

Reparar e corrigir o blasfemo

Aproveitava, pois todas as ocasiões que se apresentavam para dar bons conselhos, e avisar os que com palavras ou ações transgrediam a santa lei de Deus.

O que lhe causava grande horror e grande prejuízo à saúde era a blasfêmia, ou ouvir invocar o santo nome de Deus em vão. Se porventura ao caminhar pela ci-

XV, ao seu desejo de sofrer em união com Jesus crucificado. Proibe-lhe, porém, todas as penitências corporais por julgá-las "incompatíveis com sua idade, saúde e ocupações". Traçar-lhe-á em compensação um novo caminho para seus esforços, bem adaptado à sua situação: o apostolado.

(17) Aí está, sem dúvida alguma, uma das frases mais "importantes" da biografia de Domingos, e um dos princípios centrais da espiritualidade de Dom Bosco. Devemos assinalar cuidadosamente as três afirmações perfeitamente entrelaçadas: — o apostolado é um caminho de santidade; — o apostolado é a coisa mais santa do mundo: Dom Bosco voltará incessantemente e sob várias formas a este pensamento; — a razão das duas afirmações precedentes é o mistério da redenção: as almas a "ganhar" valem o sangue de Jesus Cristo que as salvou.

Dom Bosco transmitiu ao discípulo algo de sua alma apostólica. Domingos se torna um salesiano antes dos salesianos, já vive o "*Da mihi animas*". Durante os dois últimos anos de vida, demonstrará um zelo extraordinário tanto no apostolado individual como no organizado, e, sem o saber, cooperará para o nascimento da Congregação Salesiana. Os Salesianos não poderão esquecer jamais que, na origem da Congregação, Deus quis colocar não somente a santidade do fundador, mas ainda a de um adulescente de 14 anos.

Este rico capítulo XI apresenta quatro aspectos principais do apostolado de Domingos. Outro capítulo apresentará a sua atividade na *Companhia da Imaculada Conceição*.

dade ou por qualquer outra parte lhe sucedesse ouvir semelhantes palavras, baixava penalizado a cabeça, e dizia com todo o respeito e devoção: Louvado seja Jesus Cristo.

. . . Ao voltar uma vez da escola, ouviu um homem de idade avançada proferir uma horrível blasfêmia. Domingos estremeceu; louvou a Deus do íntimo do seu coração e fez uma coisa deveras admirável. Em atitude respeitosa correu para o blasfemo e perguntou-lhe se sabia indicar-lhe a casa do Oratório de S. Francisco de Sales. Perante modos tão corteses desfez-se a cólera daquele homem, que respondeu:

— Não sei, bom menino, sinto muito.

— Ah! Se o senhor não sabe, poderia fazer-me outro favor.

— Da melhor boa vontade. Fale.

Domingos abeirou-se dele quanto pôde, e disse-lhe ao ouvido para que ninguém ouvisse:

— Ficar-lhe-ia muito grato se, nos ímpetos de cólera, não blasfemasse o santo nome de Deus.

— Bravo, disse o outro, como que agradecido e cheio de admiração; muito bem, tens razão: é um vício maldito que quero vencer, custe o que custar.

Espírito missionário

. . . Lia de preferência a vida dos santos que mais se tinham empenhado na salvação das almas. Falava com prazer dos missionários que se sacrificam tanto em longínquas terras pelo bem das almas, e não podendo enviar-lhes auxílios materiais, oferecia a Deus todos os dias algumas orações e uma vez por semana, pelo menos, fazia por eles a sagrada comunhão.

Muitas vezes ouviram-no exclamar:

Quantas almas esperam a nossa ajuda na Inglaterra! Oh! se tivesse força e virtude, iria agora mesmo,

e com a palavra e o exemplo havia de ganhá-las todas para Nosso Senhor ⁽¹⁸⁾.

Catequista no desejo e na ação

Lamentava muitas vezes a sós, e outras com os companheiros, o pouco zelo que muitos têm em instruir as crianças nas verdades da fé.

— Assim que for clérigo, dizia, irei a Mondônio, reunirei todas as crianças num barracão e hei de ensinar-lhes o catecismo, contar-lhes muitos exemplos e contribuir para a sua santificação. Quantos não se descaminham por não terem quem lhes ensine a doutrina cristã ⁽¹⁹⁾.

E o que dizia, confirmava-o em seguida com os fatos, pois se comprazia, tanto quanto permitiam a idade e a instrução, em dar lições de catecismo na igreja do Oratório, e se alguém necessitasse duma aula particular de doutrina, dava-lha a qualquer hora do dia e em qualquer dia da semana, com o único fito de poder falar de coisas espirituais e de lhe fazer conhecer a importância da salvação da alma.

Um dia um companheiro indiscreto tentou interrompê-lo quando estava no recreio a contar um fato.

— Mas que tens tu com isso? — disse-lhe o tal companheiro.

— Que tenho eu com isso? — respondeu. Tenho muito, porque a alma dos meus companheiros foi remida pelo sangue de Jesus Cristo; tenho muito, porque somos todos irmãos, e como tais devemos amar-nos uns aos outros; tenho muito, porque Deus recomenda

(18) Entre 1850 e 1860 notavam-se na Inglaterra sintomas encorajadores de ressurgimento católico (Newman, Manning...); restabelecia-se a hierarquia católica (breve de 29 de set. de 1850). Sempre interessado nos fatos que dizem respeito à Igreja, Dom Bosco falava deles aos seus meninos (cf. Caviglia, *Studio*, pp. 412-417). Outros episódios da vida de Domingos mostram que a conversão da Inglaterra estava-lhe muito a peito.

(19) Domingos assimilou as idéias de Dom Bosco! Quem sabe, ouvira falar do que Dom Bosco, menino, fazia com seus coleguinhas.

que nos ajudemos a salvar-nos uns aos outros; tenho muito, porque se chego a salvar uma alma, asseguro também a salvação da minha ⁽²⁰⁾.

De férias em Mondônio

A solicitude pelo bem das almas não arrefecia no curto espaço das férias, que passava na casa paterna. Toda estampa, medalha, crucifixo, livrinho ou outro objeto que ganhasse na aula ou no catecismo, punha-os de parte para dar quando estivesse em férias. Mais ainda: antes de deixar o Oratório, costumava pedir aos seus superiores alguns desses objetos para despertar a alegria entre os seus amigos de brinquedos.

Mal chegava à povoação, via-se logo rodeado de meninos da sua condição, uns menores, outros maiores, que tinham grande prazer de estarem com ele. Distribuindo na hora conveniente os presentes, fazia-os estar atentos às perguntas que lhes fazia ora sobre catecismo, ora sobre os deveres particulares de cada um.

Com boas maneiras conseguia levar alguns deles ao catecismo, à oração, à missa e a outras práticas religiosas.

... Além de cumprir com a maior exatidão todos os deveres, mesmo os mais insignificantes, tomava conta de dois irmãozinhos ⁽²¹⁾, aos quais ensinava a ler, escrever, decorar o catecismo, fazendo-os rezar de ma-

(20) Domingos proferiu realmente essas palavras? Provavelmente Dom Bosco sintetiza neste ponto com expressões suas o que Domingos costumava dizer nessas ocasiões. As quatro razões fixam com precisão as perspectivas apostólicas do mestre e do discípulo: Convídam ao apostolado: o amor de Cristo redentor, o amor aos próprios irmãos, o amor de Deus Pai, o amor de si mesmo. Em Domingos não eram apenas belas palavras, mas convicções.

(21) No verão de 1855 Domingos tinha duas irmãzinhas, Raimunda de 10 anos e Maria de 8 anos, e dois irmãozinhos, João de 5 anos e Guilherme de 2 e meio (morrerá aos 12 anos). Visitará a mãe quando do nascimento de Catarina a 12 de setembro de 1856 (será o padrinho). Dois outros irmãozinhos haviam morrido logo ao nascerem. E duas outras irmãzinhas nascerão após a sua morte. Uma delas, Teresa (1859), será testemunha nos Processos (cf. M. Molineris, *Nuova vita di Domenico Savio*, Colle Dom Bosco 1974, pp. 24-44).

nhã e à noite. Levava-os à igreja, dava-lhes água benta, mostrava-lhes como deviam fazer o sinal da cruz. Em vez de passar o tempo a divertir-se, aproveitava-o para contar exemplos edificantes aos parentes ou a outros companheiros que o quisessem ouvir. Mesmo em sua terra fazia todos os dias uma visita ao Santíssimo Sacramento; e era para ele verdadeira conquista poder levar consigo algum dos companheiros. Pode-se, pois, dizer que não deixava uma só ocasião de fazer uma boa obra ou de dar um bom conselho para o bem das almas.

O apostolado do sorriso e do serviço

Capítulo XII. — O pensamento de ganhar almas para Deus acompanhava-o por toda a parte. Nos recreios era a alma dos jogos; mas em tudo procurava sempre o seu bem moral ou o dos outros. Observava todos os princípios da boa educação, e nunca interrompia os outros quando falavam. Se os companheiros se calavam, tratava logo de pôr em discussão questões escolares, de história, de aritmética, e tinha sempre à mão mil histórias que tornavam agradável a sua companhia. Se por acaso alguém puxava a conversa para a maledicência, interrompia-o imediatamente e, com um gracejo, uma historieta ou anedota, mudava de assunto, evitando assim que os seus companheiros ofendessem a Deus.

O ar alegre e a índole vivaz tornavam-no querido, mesmo dos companheiros menos piedosos⁽²²⁾, de tal maneira que todos tinham grande prazer em falar com ele, acatando os conselhos que de quando em quando lhes dava.

... É coisa freqüente nos colégios serem postos de lado pelos companheiros os tipos um tanto grosseiros, ignorantes ou ralados por algum desgosto. Sofrem o

(22) Observe-se esse testemunho e o do parágrafo precedente: "era a alma do recreio". Domingos não era absolutamente o "menino bonzinho" como se chegou a pensar, sem vivacidade, sem desenvoltura, mas o colega "vivaz" e simpático, que conseguia tornar agradáveis as manifestações do seu zelo.

peso do abandono, quando mais precisariam do conforto de um amigo.

Eram esses os amigos de Domingos. Aproximava-se deles, distraía-os com a sua conversa, dava-lhes bons conselhos. Aconteceu muitas vezes que tais rapazes prestes a se entregarem ao relaxamento, tornavam ao bom caminho graças às caridosas palavras de Sávio.

Por isso, todos os que caíam doentes queriam Domingos por enfermeiro, e os que experimentavam algum desgosto sentiam-se aliviados abrindo-se com ele. Desta sorte Domingos via diante de si um campo imenso para exercer constantemente a caridade com o próximo e ganhar merecimentos para o céu.

(ed. Caviglia, 26-30 e 32)

Do Capítulo XVI. — . . . Engraxar os sapatos, escovar as roupas dos companheiros, prestar aos doentes os mais humildes serviços, varrer e trabalhar nos mais vis misteres, era para ele agradável passatempo. Costumava dizer: — Cada um faz aquilo que pode. Eu não sou capaz de fazer grandes coisas, mas o que posso, faço-o para maior glória de Deus. Espero que Nosso Senhor na sua infinita bondade fique satisfeito com as minhas miseráveis oferendas.

(ed. Caviglia, 41)

34. Os sacramentos, fontes de força e alegria

Capítulo XIV. — Está comprovado que os melhores sustentáculos da juventude são os sacramentos da confissão e da comunhão. Dai-me um rapazinho que frequente estes sacramentos: vê-lo-eis crescer na mocidade, chegar à virilidade e, se Deus for servido, chegar à mais avançada velhice com um procedimento que servirá de exemplo a todos os que o conhecerem⁽²³⁾.

(23) Dentro da perspectiva da época, Dom Bosco insiste primeiramente sobre a eficácia dos sacramentos no setor da conduta *moral*: fazem progredir na virtude. Mas não basta: percebeu-lhes outrossim a dimensão *mística*: fazem progredir também e sobretudo na comunhão de amor com Deus. Sabe-o Domingos desde a primeira comunhão. Veremos a que alturas o Senhor o conduziu.

Oxalá todos os jovens compreendam essa verdade, para a praticarem, e bem assim todos os que se ocupam da educação da juventude, para a ensinarem.

Antes de vir para o Oratório, Sávio aproximava-se desses dois Sacramentos uma vez por mês, segundo o uso das escolas. Depois frequentou-os com maior assiduidade ⁽²⁴⁾ . . .

Sávio vivia feliz. — Se tenho qualquer mágoa no coração, dizia ele, vou ao meu confessor que me aconselhe o que Deus quer que eu faça, pois Jesus Cristo disse que a voz do confessor é a voz de Deus. Se desejo alcançar alguma coisa importante, então vou receber a sagrada Hóstia na qual se acha o *corpus quod pro nobis traditum est*, isto é, o mesmo corpo, sangue, alma e divindade que Jesus Cristo ofereceu a seu Eterno Pai por nós na cruz. Que mais me falta para ser feliz? Neste mundo, nada. Só me resta gozar no céu dAquele que hoje adoro e contemplo, sobre os altares, com os olhos da fé ⁽²⁵⁾.

Com estes pensamentos Domingos passava dias verdadeiramente felizes. De aí nasciam o contentamento, a alegria celestial que transparecia em todas as suas

(24) Diz Dom Bosco um pouco mais adiante: “Confessava-se, a princípio, *todos os quinze dias*, mais tarde *todos os oito*, comungando com a mesma frequência. O confessor, notando o grande progresso que fazia nas coisas do espírito, aconselhou-o a comungar *três vezes por semana* e, ao cabo de um ano, permitiu-lhe a *comunhão cotidiana*”. Segundo a disciplina ligoriana apoiada por um decreto de Inocêncio XI (12 de fevereiro de 1679), “o uso da comunhão freqüente deixava-se inteiramente à prudência do confessor” (S. Afonso, *Praxis Confessarii*, ed. Gaudé, Roma 1902, parágr. 149). O confessor devia basear seus conselhos no desejo da Eucaristia manifestado pelo penitente e no seu “progresso espiritual graças à comunhão” (*ib* parágr. 155). Dom Bosco orientava-se pelas diretrizes de seu professor, recebidas no *Pensionato* de Turim.

(25) Teresinha de Lisieux dirá a 15 de maio de 1897: “Não vejo muito bem que é que terci a mais, depois da morte, que já não tenha nesta vida. Verei a Deus, é verdade, mas estar com ele, já estou inteiramente aqui na terra” (*Derniers Entretiens avec ses soeurs*, Paris 1971, p. 298). Note-se a insistência sobre a alegria: “Vivia feliz... dias verdadeiramente felizes... contentamento, alegria celestial...”. Dom Bosco parece feliz por poder apresentar tão claro exemplo de sua concepção da vida cristã: o Deus de amor dá inefável alegria a quem de fato adere a ele.

ações. Compreendia muito bem tudo o que fazia, e tinha o teor de vida cristã que deve ter quem deseja fazer a comunhão freqüente. . .

A sua preparação para receber a sagrada Eucaristia era piedosa e edificante. Na noite anterior, antes de se deitar, fazia uma oração preparatória que terminava sempre assim: "Graças e louvores se dêem a todo o momento ao santíssimo e diviníssimo Sacramento". De manhã, fazia uma preparação suficiente; mas a ação de graças não tinha fim. Na maioria das vezes, se ninguém o chamava, esquecia-se do café, do recreio e algumas vezes da aula, permanecendo em oração ou melhor na contemplação da bondade divina que de um modo inefável comunica aos homens os tesouros da sua infinita misericórdia ⁽²⁶⁾.

Era para ele uma verdadeira delícia poder passar algumas horas diante de Jesus Sacramentado. . . Tomava parte, com arroubos de alegria, em todas as iniciativas que se referissem ao Santíssimo Sacramento. . .

(ed. Caviglia, 34-36)

35. A melhor penitência: obedecer e aceitar as provações diárias

Capítulo XV — . . . Foi-lhe então proibida toda e qualquer penitência, fosse de que gênero fosse, ⁽²⁷⁾ sem ter previamente obtido a devida licença; embora constrangido, submeteu-se a essa ordem. Encontrei-o uma vez todo aflito, a exclamar:

— Pobre de mim! Estou deveras atrapalhado. Diz-me o Salvador que devo fazer penitência, do con-

(26) Mostra-se aqui com toda a clareza o aspecto "unitivo" e "contemplativo" da eucaristia na vida de Domingos. É um fenômeno que merece ser estudado: a eucaristia, fonte de vida mística num adolescente. Dom Bosco voltará ao tema no capítulo XX.

(27) Sabemos desde o capítulo X que Domingos procurava penitências dolorosas, para prevenir tentações e unir-se a Cristo sofredor. Dom Bosco, porém impõe suas diretrizes: há para os seus jovens um gênero mais seguro e adequado de mortificações, que continuam sempre uma das leis fundamentais da vida cristã. A página é das mais típicas da sabedoria salesiana.

trário não vou para o céu; e estou proibido de fazê-la: a que paraíso posso então aspirar?

— A penitência que o Senhor quer de ti, disse-lhe, é a obediência. Obedece, e isso bastará ⁽²⁸⁾.

— Não podia permitir-me qualquer outra penitência?

— Sim: são-te permitidas as penitências de sofrer com paciência as injúrias que te fizerem; de suportar com resignação o calor, o frio, o vento, a chuva, o cansaço e todos os incômodos que Nosso Senhor se dignar mandar-te.

— Mas isso sofre-se por necessidade.

— O que sofres por necessidade, oferecido a Deus, pode tornar-se virtude meritória para a tua alma ⁽²⁹⁾.

Ao ouvir esses conselhos, retirou-se contente, resignado e tranqüilo.

(ed. Caviglia, 38)

36. Aos 14 anos. Leva um grupo de amigos a viver o próprio ideal: a Companhia da Imaculada

Capítulo XVII. — Toda a vida de Domingos foi, pode-se dizer, um exercício de devoção para com Maria Santíssima. Não deixava passar a mais pequena ocasião de lhe prestar qualquer homenagem. Em 1854 o Sumo Pontífice definia como dogma de fé a Imaculada Conceição de Maria. Sávio desejava ardentemente tornar vivo e duradouro entre nós o pensamento do augusto título conferido pela Igreja à Rainha do Céu.

(28) É a doutrina de S. Francisco de Sales: "É suficientemente mártir quem bem se mortifica; é maior martírio perseverar a vida inteira na obediência, que morrer instantaneamente atravessado por uma espada" (*Entretiens spirituels*, ed. Ravier, Paris 1969, p. 1155). É o que Dom Bosco dirá aos seus salesianos religiosos.

(29) A aceitação das provações físicas e morais, que não se escolhem, mas nascem das circunstâncias de cada dia, foi sempre um dos pontos fundamentais da ascese salesiana. É a "paciência" sobrenatural que transforma as dificuldades da vida em abandono nas mãos carinhosas de Deus.

— Desejaria fazer alguma coisa em honra de Maria, dizia ele, mas tenho que fazer quanto antes, pois receio que me falte o tempo.

Guiado, pois, pela costumada e engenhosa caridade escolheu alguns dos seus companheiros e convidou-os a organizarem com ele uma companhia, à qual chamaram de *Companhia da Imaculada Conceição* ⁽³⁰⁾.

... De acordo com os amigos compilou um regulamento e depois de muita solicitude lia-o em presença deles diante do altar de Nossa Senhora, no dia 8 de junho de 1856, isto é, nove meses antes da sua morte ⁽³¹⁾. Transcrevo-o de bom grado, porque poderá servir de norma para outros que queiram fazer o mesmo. Eis o seu teor:

“Nós, Domingos Sávio, etc. (seguem-se os nomes dos outros companheiros), para que possamos assegurar, durante a vida e no momento da morte, o patrocínio da Bem-aventurada Virgem Imaculada, e para nos consagrarmos inteiramente ao seu santo serviço, no dia 8 de junho, tendo recebido os Sacramentos da confissão e de comunhão, resolvidos como estamos a professar para com a nossa Mãe devoção constante e filial, pro-

(30) Temos aqui nova prova de que o entusiasmo de Domingos pela santidade partiu efetivamente da sua consagração a Maria a 8 de dezembro de 1854. Mas isso aconteceu *em duas etapas*. Na primeira, Domingos é levado a realizar a própria santidade com sempre crescente generosidade. Na segunda, comunica o seu desejo aos melhores amigos, particularmente a Miguel Rua, então clérigo, e a José Bongiovanni, estudante, ambos de 19 anos de idade: viverão *juntos*, em santa emulação, o que Domingos até então vivera pessoalmente. Não se pode esquecer que o adolescente Domingos, de 14 anos, estimulou à santidade o futuro bem-aventurado Miguel Rua, cinco anos mais velho que ele. No ano seguinte, após a morte de Domingos, Bongiovanni criará outras duas companhias, a do *SS. Sacramento* e a do *Pequeno Clero*.

(31) O ato da fundação oficial teve lugar exatamente dezoito meses após a consagração pessoal de Domingos a Nossa Senhora, e diante do mesmo altar da igreja de São Francisco de Sales. Dom Bosco coloca-o também em relação com a data da sua morte, como a dizer que Domingos, uma vez realizado esse trabalho decisivo, já pode preparar com calma a grande viagem: não lhe “faltou o tempo” para construir a lembrança “viva e duradoura” que queria deixar. Impressiona o lugar ocupado por Maria na ascensão espiritual de Domingos. Dom Bosco afirma com razão: “Sua vida toda pode-se dizer um exercício de devoção a Maria”.

testamos perante o seu altar e com o consentimento do nosso Diretor espiritual, querer imitar, tanto quanto permitirem as nossas forças, a *Luís Comollo* ⁽³²⁾. Por isso obrigamo-nos:

1. A observar rigorosamente o regulamento da casa.

2. A edificar os companheiros admoestando-os caridosamente e incitando-os ao bem com palavras e ainda mais com o bom exemplo.

3. A ocupar devidamente o tempo... " ⁽³³⁾.

37. Maravilhosas amizades entre adolescentes

Capítulo XVIII. — Todos eram amigos de Domingos: quem não o estimava, respeitava-o pelas suas virtudes. Sabia dar-se bem com todos. E era tão firme na virtude, que foi aconselhado a conversar com alguns alunos um tanto rebeldes para tentar ganhá-los para Deus. E ele de tudo se servia para tirar proveito espiritual: do recreio, dos divertimentos e até das conversas indiferentes. Mas os seus amigos particulares eram os que estavam inscritos na companhia da Imaculada Conceição. Durante a semana, como já dissemos, reunia-os ora em conferências espirituais, ora para práticas de piedade cristã. Essas conferências tinham a aprovação dos superiores; mas eram assistidas e organizadas pelos próprios jovens.

... Sávio era dos mais entusiastas e pode dizer-se que nessas conferências fazia de doutor.

(32) *As Memorie dell'Oratorio* fizeram-nos conhecer esse companheiro de colégio e de seminário de Dom Bosco. O P. Caviglia observa com muito acerto que na *Vita* de Comollo (novamente redigida para a segunda edição de janeiro de 1854), Dom Bosco projectara seu ideal de santidade, de modo que, lendo-a, os sócios da Companhia da Imaculada podiam haurir o espírito do próprio Dom Bosco (*Studio*, p. 453).

(33) Seguese um *Plano de vida* em 21 pontos, aprovado e completado por Dom Bosco. Com tal ardor no dever cotidiano e a preocupação da ajuda fraterna, a Companhia fazia crescer o nível de toda a Casa do Oratório e cumpria missão intensamente apostólica. É nesse clima e com os membros da Companhia que nasceu a Congregação Salesiana a 18 de dezembro de 1859.

Poderíamos apontar alguns companheiros de Domingos que tomaram parte nessas conferências e trataram de perto com ele, mas, como ainda vivem, é preferível calar-lhes os nomes. Mencionaremos apenas dois, que já foram chamados por Deus à pátria celeste: Camilo Gavio, de Tortona, e João Massaglia, de Marmorito⁽³⁴⁾.

Com Gavio. Santidade e alegria

... Deves saber que fazemos consistir a santidade em estarmos muito alegres. Unicamente nos comprometemos a evitar o pecado, o grande inimigo que nos rouba a graça de Deus e a paz do coração; procuraremos cumprir com exatidão os nossos deveres e fazer bem as práticas de piedade. Começa desde já como lembrança a tomar nota da frase: *Servite Domino in laetitia*, servi o Senhor em santa alegria⁽³⁵⁾.

Com Massaglia: "Ajudem-nos mutuamente a fazer o bem"

Capítulo XIX. — Foram mais longas e mais íntimas as relações de Sávio com Massaglia, de Marmorito, povoação pouco distante de Mondônio.

Entrara ao mesmo tempo no Oratório; eram de aldeias vizinhas; tinham ambos a mesma vontade de

(34) Haveria que escrever um livro sobre "Dom Bosco e a amizade". Ele próprio teve uma extraordinária experiência de amizade com Comollo e com outros companheiros de estudo. E se recomendava a esses jovens que fugissem às más companhias, era para salientar a importância de freqüentar os melhores. Nessa perspectiva louvava os inestimáveis benefícios da amizade alicerçada no amor a Cristo. É significativo que tenha consagrado ao tema dois capítulos inteiros da vida de Domingos. E foram verdadeiras amizades, em que o coração vibrava com os sentimentos mais delicados, à pura luz da fé.

Falta-nos o espaço para citar por inteiro o famoso diálogo em que Domingos propôs a *Gavio* (que tinha 15 anos) o seu programa de santidade. Citamos todavia a passagem essencial.

(35) *Alegria, trabalho, piedade*: a trilogia da santidade salesiana. Os três elementos são inseparáveis. Havemos de encontrá-los na *Vida* de Magone e sobretudo na de Besucco.

abraçar o estado eclesiástico e desejo intenso de se fazerem santos ⁽³⁶⁾.

... Chegada a Páscoa, fizeram com exemplar cuidado os exercícios espirituais. Terminados estes, Domingos disse ao companheiro:

— Quero que sejamos verdadeiros amigos naquilo que diz respeito à alma. Por isso proponho que, de ora em diante, nos avisemos um ao outro em tudo o que possa servir para o nosso bem espiritual. Se, portanto, notares em mim algum defeito, dize-mo logo, para que me possa emendar: ou então se vires que posso fazer algum bem, não deixes de avisar-me.

— Farei de boa mente tudo o que me pedes, embora não precises; mas tu é que deves fazer muito mais por mim porque, devido à idade, estudo e trabalho, estou exposto a maiores perigos.

— Deixemos de lado os elogios e auxiliemo-nos em fazer bem à nossa alma.

Desde aquele dia Sávio e Massaglia tornaram-se verdadeiros amigos, e esta amizade foi duradoura, porque cimentada na virtude e ambos andavam à porfia em dar bom exemplo e bons conselhos para se auxiliarem mutuamente a fugir do mal e a praticar o bem.

(ed. Caviglia, 46-49)

... Ao perder o amigo, Sávio ficou profundamente sentido, e embora resignado com a vontade de Deus, chorou-o durante muitos dias. Foi esta a primeira vez que vi aquele semblante angélico entristecer-se e chorar de dor. O único conforto que teve foi rezar e pedir que rezassem pelo amigo. Uma ou outra vez ouviram-no exclamar:

(36) Essa amizade durou de fato quase dois anos. João Massaglia nasceu dia 1.º de maio de 1838: tinha, pois, quatro anos mais que Domingos, de quem se pôe em evidência a maturidade psicológica e espiritual. Massaglia vestiu a batina no outono de 1855, mas morreu pouco depois, a 20 de maio de 1856.

— Querido Massaglia, morreste; espero que estejas na companhia de Gavio no paraíso; quando terei eu a ventura de encontrar-vos na imensa felicidade do céu?

Durante todo o tempo que Domingos sobreviveu ao amigo, teve-o sempre presente nas práticas de piedade e costumava dizer que não podia assistir à santa missa ou a qualquer exercício devoto, sem recomendar a Deus a alma daquele que, durante a vida, tanto havia feito pelo seu bem. A perda foi muito dolorosa para o coração terno de Domingos, e sua saúde ficou desde então seriamente comprometida.

(ed. Caviglia, 53)

38. A vida mística e carismática de um adolescente

Capítulo XX. — Até agora narrei coisas que nada contêm de extraordinário, se é que não queremos classificar como extraordinário um procedimento sempre bom que se foi aperfeiçoando constantemente com a inocência da vida, com as obras de penitência e com a prática da piedade. Poderia também chamar-se extraordinária a robustez na sua fé, a firmeza da sua esperança, a inflamada caridade e a perseverança no bem até o último alento. Aqui, porém, quero expor certas graças especiais e alguns fatos fora do comum, que talvez venham a ser alvo de alguma crítica. Por isso julgo bem prevenir o leitor, de que tudo aquilo que vou contar tem plena semelhança com fatos registrados na Bíblia e na vida dos santos; refiro coisas que vi com os meus próprios olhos, e garanto que escrevo escrupulosamente a verdade, confiando inteiramente na ponderação do discreto leitor⁽³⁷⁾: eis os fatos.

(37) Demos toda a atenção a este fato: Dom Bosco, mestre espiritual, conduziu algumas almas pelas vias místicas. Tarefa delicadíssima tratando-se de adolescentes! Ao escrever este capítulo, sabe o risco de suscitar reações de ceticismo. Assim adverte: "Garanto que escrevo escrupulosamente a verdade"... e convida o leitor a refletir. Podemos confiar em Dom Bosco, e refletir deveras na extraordinária complacência de Deus para com um menino de 14 anos: *Pai, Senhor do céu e da terra, eu te dou graças porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequenos. Sim, Pai, bendigo-te porque assim foi do teu agrado.* (Lc 10,21).

Êxtase eucarístico

Muitas vezes ao ir à igreja, especialmente quando fazia a santa comunhão ou estava exposto o SS. Sacramento, Domingos ficava como que arrebatado em êxtase; e a tal ponto que deixa transcorrer muito tempo até, se não o chamassem para cumprir os seus deveres ordinários.

Um dia sucedeu que faltou à refeição da manhã, à aula e ao almoço, e ninguém sabia onde estava; no salão de estudo não estava, na cama também não. Contaram o caso ao Diretor, e este logo imaginou o que de fato acontecia, que estivesse na igreja, como já de outras vezes se dera. Entra na igreja, dirige-se ao coro e lá o encontra firme como uma rocha.

Tinha um pé sobre o outro, uma das mãos sobre a estante do antifonário, a outra sobre o peito, e o rosto voltado para o sacrário. Não movia as pálpebras. Chamado, não respondeu. O Diretor então sacode-o, e então Domingos fita-o e diz :

— Já acabou a missa?

— Olha, respondeu o Diretor, mostrando-lhe o relógio, são duas horas.

Domingos pediu humildemente perdão de haver transgredido o regulamento da casa, e o Diretor mandou-o almoçar, dizendo-lhe :

— Se alguém te perguntar onde estiveste, dize-lhe que estiveste a cumprir uma ordem minha.

Isso para evitar perguntas impertinentes, que os companheiros poderiam fazer.

De outra feita, tendo terminado a minha ação de graças depois da missa, estava para sair da sacristia, quando ouvi no coro uma voz de uma pessoa que estivesse a discutir. Fui ver e encontrei Domingos que falava e depois calava como à espera de uma resposta. Entre outras coisas ouvia claramente estas palavras : — Sim, meu Deus, já vos disse e vo-lo digo de novo : amo-vos e quero amar-vos até à morte. Se virdes que

vos hei-de ofender, enviai-me a morte: sim, antes a morte que o pecado ⁽³⁸⁾.

Perguntei-lhe algumas vezes que fazia quando assim se demorava na igreja, e ele com toda a simplicidade respondia:

— Pobre de mim, vem-me uma distração, e naquele momento perco o fio das orações, e parece-me ver coisas tão belas que as horas fogem sem que eu dê por isso.

... Um dia perguntei a Sávio como tinha podido saber da existência daquele doente. Olhou-me tristemente e pôs-se a chorar. Não lhe fiz mais nenhuma pergunta.

A inocência da sua vida, o amor para com Deus, o desejo das coisas celestes, tinham levado a mente de Domingos a tal estado de santidade, que podia dizer-se estar sempre absorto em Deus.

... Estes êxtases tinha-os no estudo, à ida e à volta da aula, e na própria aula ⁽³⁹⁾.

(ed. Caviglia, 53-55)

(38) É comovente verificar que a vida mística de Domingos é o primeiro resultado do caminho em que se colocou a partir da primeira comunhão. O amor de Jesus, e a correspondente recusa de tudo o que se lhe opõe, apossou-se dele a ponto de atraí-lo cada vez mais a esses misteriosos diálogos. Empregando uma linguagem humana, poderíamos dizer: Deus não receia perder seu tempo com um adolescente tão importante e precioso aos seus olhos como um sábio cônego ou um Presidente da república.

Em continuação Dom Bosco apresenta outro gênero de fatos: Domingos foi agraciado com carismas de revelação, profecia e milagre. Uma noite, leva Dom Bosco a um moribundo desconhecido; prevê a renovação católica da Inglaterra; sabe a respeito da sua morte. No fim do capítulo. Dom Bosco afirma: "Omito muitos outros fatos semelhantes". Os documentos do processo referem também o episódio da viagem a Mondônio para curar a mãe que estava para dar à luz a pequena Catarina (cf. Caviglia, *Studio*, pp. 426-432).

(39) Trata-se provavelmente dos últimos meses da sua vida. No outono de 1856 recomeçara as aulas na cidade com o P. Picco. E Dom Bosco afirma que os meses de maio e junho de 1856 (mês de Maria, fundação da Companhia, doença) haviam marcado uma nova etapa no fervor de Domingos.

39. O último diálogo entre mestre e discípulo

Domingos está doente. A conselho médico, Dom Bosco manda-o restabelecer-se em Mondônio. Domingos entretanto sabe que não haverá mais de voltar. O diálogo seguinte deu-se a 28 de fevereiro de 1857.

Capítulo XXII. — ... Na véspera da partida, não houve meio de o arredar de mim; a cada instante fazia-me uma pergunta. Uma delas:

— Que pode fazer um doente para adquirir merecimentos perante Deus?

— Oferecer muitas vezes a Deus os próprios sofrimentos.

— E que mais poderia ainda fazer?

— Oferecer ao Senhor a própria vida.

— Posso estar certo de que os meus pecados me foram perdoados?

— Asseguro-te em nome de Deus que os teus pecados te foram perdoados.

— Posso ter a certeza de me salvar?

— Sim, pela misericórdia de Deus, que não te há de faltar, podes estar certo de que te salvarás.

— Se o demônio me tentar, que devo dizer-lhe?

— Hás de responder que vendeste a alma a Nosso Senhor, e que Ele a comprou com o seu Sangue; e se o demônio ainda continuar a insistir, sugerindo-te alguma dificuldade, pergunta-lhe o que é que fez pela tua alma. Jesus ao contrário derramou todo o seu sangue para livrá-la do inferno e levá-la ao paraíso.

— Do paraíso poderei ver os meus companheiros do Oratório e os meus pais?

— Sim, do paraíso verás tudo o que passar no Oratório, verás os teus pais e tudo o que lhes disser respeito, e coisas mil vezes mais bonitas.

— Poderei vir fazer-lhes uma visita?

— Poderás vir, contanto que seja para a maior glória de Deus ⁽⁴⁰⁾.

Fazia-me estas e muitíssimas outras perguntas, e parecia uma pessoa que já estivesse no limiar do paraíso, e que antes de entrar quisesse saber tudo o que lá se passava.

(ed. Caviglia, 59)

40. “Com Jesus não se teme a morte”

O médico vai à sua casa para fazer uma sangria

Capítulo XXIV-XXV. — De ordinário a gente nova receia muito as sangrias. Por isso o médico ao começar a operação exortava Domingos a voltar o rosto para o lado e a ter paciência e coragem. Ele pôs-se a rir e disse:

— Que vale uma ligeira picadela em comparação com os pregos que cravaram nas mãos e nos pés do nosso inocentíssimo Salvador?

E com grande tranqüilidade, gracejando e sem dar o menor sinal de inquietação, olhava o sangue a correr das veias durante toda a operação. Feitas algumas sangrias o doente parecia melhorar; garantia-o o médico e os pais acreditaram: mas Domingos não era da mesma opinião ⁽⁴¹⁾.

Persuadido de que é sempre melhor antecipar os Sacramentos do que ficar sem eles, chamou pelo pai:

(40) Lembramos a reflexão de Teresinha de Lisieux a 17 de julho de 1897: “Quero passar o meu céu fazendo o bem sobre a terra” (*Derniers enretiens*, Paris 1971, p. 270). No dia 6 de dezembro de 1876, Dom Bosco viu Domingos em sonho. Domingos falou-lhe demoradamente. Dia 22 de dezembro contou o sonho no Oratório. O Arquivo salesiano conserva um relato autógrafo do próprio Dom Bosco (132/3). Narração do P. Lemoyne nas *MB* XII, 586-595.

(41) Nos derradeiros dias e horas de vida, Domingos recebeu a grande graça da paz e da alegria, unidas à certeza absoluta da morte. Todos alimentam ilusões. Os médicos e os pais. Ele domina a situação e parece conduzir os acontecimentos. O pároco de Mondônio, P. Grassi, o professor P. Cugliero, e o pai Carlos Sávio, impressionados com suas atitudes e palavras, comunicaram-nas depois a Dom Bosco. Diretas e seguras, portanto, as fontes deste capítulo.

— Papai! É bom agora consultarmos o médico do céu. Desejo confessar-me e receber a santa comunhão.

Os pais, já convencidos de que ele ia melhor, ficaram penalizados com o pedido; mas, para lhe serem agradáveis, mandaram chamar o pároco para o vir confessar. Este veio logo confessá-lo, e depois, sempre para lhe fazer a vontade, trouxe-lhe o Santo Viático. Pode-se imaginar com que fervor e recolhimento comungou! Todas as vezes que se aproximava da sagrada mesa, parecia sempre um São Luís.

Agora que julgava tratar-se realmente da última comunhão da sua vida, quem poderia exprimir o fervor, os transportes de amor daquele coração inocente para com o seu amado Jesus?

Recordou então as promessas da primeira comunhão. Disse repetidas vezes: — Sim, sim, ó Jesus, ó Maria, sereis agora os amigos da minha alma. Repito e queria repeti-lo mil vezes: antes a morte que o pecado. — Depois de terminar a ação de graças, disse muito tranqüilo: — Agora sou feliz: é verdade que tenho que fazer a grande viagem da eternidade, mas com Jesus em minha companhia nada tenho a temer, nem mesmo a morte⁽⁴²⁾.

Sua paciência foi sempre exemplar em aceitar os sofrimentos durante a vida: mas na última doença revelou-se verdadeiro modelo de santidade.

(ed. Caviglia, 61-62)

... Deram-lhe a bênção papal. Ele próprio recitou o *Confiteor* e respondeu a todas as orações do sacerdote. Quando lhe disseram que, com essa bênção, o Papa lhe concedia uma indulgência plenária, experimentou

(42) A passagem explica muito bem a vida espiritual de Domingos e a total coerência do seu caminho rumo à santidade: as palavras da última comunhão correspondem às da primeira. *A vida cristã concebida e vivida como uma amizade crescente com Cristo vivo* ("Jesus companheiro e amigo") e com sua Mãe: assim foi a perspectiva de Domingos. O fruto mais belo desse amor de amizade é a alegria e a força de aguardar a morte sorrindo: "Dizei-o a todos". Toda a biografia de Domingos é um hino à alegria causada pelo Deus vivo.

grande consolação. *Deo gratias*, repetia, *et semper Deo gratias*. Em seguida, olhando para o crucifixo, recitou versos que lhe eram muito familiares durante a vida:

*Senhor, a liberdade eu Vo-la dou,
Eis o meu corpo mais os olhos meus,
Tudo Vos dou, pois tudo é Vosso, ó Deus,
Descanso todo no Deus que me criou* (43).

... A morte de Sávio mais pode dizer-se descanso que morte.

... Adormeceu e repousou durante meia hora. Ao acordar, olhou para os pais e disse:

— Papai, chegou a hora.

— Estou aqui, meu filho, que queres?

— Meu querido pai, chegou a hora; pegue no meu *Jovem instruído* e leia-me as orações da boa morte.

Ao ouvir estas palavras a mãe desatou a chorar e saiu do quarto do doente. O pai sentia o coração estalar-lhe de dor e a comoção apertava-lhe a garganta: mas conteve-se e começou a recitar essas orações. Ele repetia, palavra por palavra com atenção e clareza; mas queria, no fim de cada invocação, dizer sozinho: Misericordioso Jesus, tende piedade de mim.

Chegando às palavras: "Quando finalmente comparecer diante de vós e vir pela primeira vez o esplendor imortal da vossa majestade, não a expulsem da vossa presença, mas dignai-vos receber-me no seio amoroso da vossa misericórdia, para que eu cante eternamente os vossos louvores", acrescentou: — Pois bem, é justamente isso que eu quero. Oh, papai querido, cantar eternamente louvores ao Senhor!

(43) Não lograram ainda resultado positivo as pesquisas sobre a origem desses quatro versos. Impressiona todavia a semelhança com a oração que Santo Inácio de Loyola inseriu na quarta semana dos *Exercícios*; "Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, a minha memória, a minha inteligência e toda a minha vontade; tudo quanto tenho e possuo. Fostes vós que mo destes. A Vós, Senhor, tudo entrego. Tudo é vosso. Disponde tudo conforme a vossa vontade. Dai-me o vosso amor e graça, para mim é bastante".

Pareceu, em seguida, concentrar-se um pouco, como quem pensa numa coisa muito importante. Mas, pouco depois, abriu os olhos e disse com voz clara e alegria:

— Adeus, meu querido pai: o padre queria ainda dizer-me alguma coisa, e não consigo lembrar... Oh! que linda coisa estou vendo...

Dizendo isto e a sorrir com um ar de paraíso expirou com as mãos cruzadas sobre o peito, sem fazer o menor movimento.

Vai para o teu Criador, alma fiel; o céu abre-te as portas, os anjos e os santos prepararam uma grande festa; o Jesus a quem tanto amaste te convida e te chama dizendo: Vem, servo bom e fiel, vem, combatestes, vem participar para sempre da alegria que jamais te escapará: *Intra in gaudium Domini tui.*

(ed. Caviglia, 63-65)

41. Conclusão prática: "Jovem, confia no sacerdote, ministro de Cristo e teu amigo!"

Capítulo XXVII. — ... Agora, leitor amigo, queria que chegássemos a uma conclusão útil para mim, para ti e para todos os que lerem este livrinho... Não deixemos de imitar a Domingos na frequência do Sacramento da confissão, que foi o seu sustentáculo na virtude, e guia seguro que o levou a um fim de vida tão glorioso. Aproximemo-nos muitas vezes durante a vida e com as devidas disposições desse banho salutar: mas sempre que o fizemos não nos esqueçamos de pensar nas confissões passadas para vermos se foram bem feitas, e se descobrimos que não foram muito perfeitas procuremos repará-las. Parece-me ser esta a verdadeira maneira de vivermos felizes no meio das misérias da vida e de aguardamos com tranqüilidade a hora da morte⁽⁴⁴⁾. Então, com alegria no semblante,

(44) Dom Bosco termina o seu livro com uma exortação sobre a confissão bem feita. Conclusão que pode parecer pobre para uma biografia cujos horizontes, páginas antes, eram bem dilatados! Mas assim pensa, a respeito, o P. Caviglia: "Nesta síntese, delicadamente espiritual e historicamente verdadeira, Dom Bosco se oculta a si próprio, ou seja

com a paz no coração, iremos ao encontro de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos acolherá com bondade para julgar-nos segundo a sua grande misericórdia e como espero para mim e para ti, ó leitor, levar-nos das tribulações desta vida para a bem-aventurada eternidade, onde o louvaremos e bendiremos por todos os séculos. Assim seja.

(ed. Caviglia, 71-72)

a parte que lhe cabe na educação da santidade do seu angélico aluno. Não podemos permiti-lo. A figura maravilhosa do santo jovem é obra de colaboração; depois da graça de Deus, que se deve sempre subentender, trabalharam nela o menino e o Mestre, em perfeita correspondência e consonância, com total entrega do discípulo e profunda habilidade do Mestre; mais: graças a uma afinidade, que no aluno, feito para aquela escola, espelhou a identidade de espírito do Mestre: Domingos Sávio feito para Dom Bosco e Dom Bosco feito para ele. O Educador de Santos afirma aqui que essa colaboração efetuou-se essencialmente na Confissão, e nós devemos confiar na sua palavra, pois somente ele é competente para o afirmar: mas como foi ele, e somente ele, quem aprimorou aquela alma nos colóquios sagrados e secretos da direção espiritual, não podemos deixar de reconhecer que a santidade de Domingos foi *guiada* e amparada por Dom Bosco, é fruto de sua obra" (*Studio*, p. 589).

Em suma a conclusão mais clara é esta: um adolescente, um jovem, que quer *viver* uma verdadeira vida espiritual e progredir no amor de Deus e dos outros, deve depositar sua confiança num sacerdote. A *direção espiritual existe também para os jovens*. Não consiste certamente em longas e numerosas conversas, mas numa *confiança recíproca radical*, a do pai espiritual que guia e estimula, a do filho que com sinceridade assume pouco a pouco a sua personalidade de crente.

**Esboço biográfico
do jovem Miguel Magone,
aluno do Oratório de São Francisco de Sales
pelo P. João Bosco ⁽¹⁾**

Curriculo

- 1845 19 de setembro. Nascimento de Miguel Magone em Carmagnola.
- 1857 9 de março. Morte de Domingos Sávio.
Outubro. Encontro de Miguel com Dom Bosco na estação de Carmagnola. Entra para o Oratório de Turim. Assiste às aulas dos dois primeiros anos de latim (1.º e 2.º ginasial).
- 1858 Janeiro. Miguel torna-se exemplar.
2 de janeiro — 16 de abril. Viagem de Dom Bosco a Roma.
Maio. Mês de Maria particularmente fervoroso.
Setembro — outubro. Campo de férias nos Becchi.
Outubro. Miguel entra no 3.º ano de latim.
31 de dezembro. Presente a morte iminente.
- 1859 Janeiro. Publicação da vida de Domingos Sávio.
19 de janeiro. Doença mortal de Miguel.
21 de janeiro. Sua morte.
- 1861 Setembro. Primeira edição de sua biografia.

(1) A primeira edição saiu em setembro de 1861 (tipografia Paravia, Turim) na série das *Lecture Cattoliche* IX ano, fascículo VII, p. 96. Servimo-nos do texto escolhido pelo P. Caviglia para a edição de *Opere e Scritti*, uma 4.ª edição (Tip. do Oratório, 1893), que parece reproduzir, porém, a última edição feita em vida de Dom Bosco. Os títulos dos capítulos são de Dom Bosco. Os outros títulos e subtítulos são nossos.

42. Prefácio. Um outro tipo de santidade juvenil

Queridos jovens,

... Na vida de Domingos Sávio podeis observar a a virtude nascida com ele e cultivada até ao heroísmo em todo o curso de sua vida.

Nesta de Miguel vemos um rapazinho que, abandonado a si próprio, corria o risco de enveredar pelo triste caminho do mal, mas a quem o Senhor convidou a segui-lo. Ele escutou o amoroso chamamento, e correspondendo constantemente à graça divina, chegou a atrair a admiração de todos os que o conheceram. Manifestava-se assim quão maravilhosos são os efeitos da graça de Deus para com aqueles que se esforçam por corresponder a ela.

Encontrareis aqui ações a admirar, muitas a imitar, e certos atos de virtude e certos ditos que parecem superiores ao que se poderia esperar na idade de catorze anos. E foi justamente por serem coisas pouco comuns que me pareceram dignas de serem escritas. Entretanto podem os leitores estar certos da veracidade dos fatos, porque eu não fiz mais do que dispor e ordenar em forma histórica quanto havia sucedido debaixo das vistas duma multidão de pessoas ainda vivas, que podem em qualquer ocasião ser interrogadas a respeito de tudo quanto aqui se expõe.

Nesta terceira edição acrescentei alguns fatos que não me eram conhecidos quando da primeira; outros fatos serão mais bem desenvolvidos pelas circunstâncias especiais que posteriormente vim a saber de fontes seguras...

(ed. Caviglia, 201-202)

43. Um bravo rapaz à beira da delinqüência ⁽²⁾

Capítulo II — ... “O jovem Miguel Magone é um pobre órfão de pai; a mãe toda ocupada em ganhar o

(2) Na mesma tarde do seu encontro com Dom Bosco, Miguel fora procurar o seu vice-pároco, P. Ariccio, que no dia seguinte escrevia a

pão para a família, não pode cuidar dele e por isso o rapaz passa todo o dia nas ruas e praças com os garotos que a freqüentam. É bastante inteligente, porém a sua volubilidade e estouvamento fizeram-no várias vezes expulsar da escola; apesar disso, concluiu satisfatoriamente a terceira classe elementar.

“Quanto à moralidade, julgo que tem bom coração e costumes simples; é, porém, difícil de domar. Nas aulas, também na de catecismo, é o maior desordeiro; quando não assiste a elas, tudo está em paz; e quando vai embora, todos sossegam.

“A idade, a pobreza, a índole e o talento, tudo isso o torna digno de toda a caridade e atenção. Nasceu a 19 de setembro de 1845”.

A vista destas informações resolvi recebê-lo no número dos jovens desta casa...

(ed. Caviglia, 205)

44. O primeiro passo da verdadeira conversão: abrir-se ao sacerdote

Capítulo III — *Dificuldades e reforma moral.* Havia já um mês que o nosso Miguel se achava no Oratório. As ocupações considerava-as apenas um meio para passar o tempo; para ele, ser feliz era ter espaço para saltar e divertir-se, sem todavia refletir que a verdadeira alegria deve ter origem na paz do coração e na tranqüilidade da consciência. De repente, porém, essa sede de divertimento começa a diminuir! Mostrava-se um tanto pensativo, não tomava mais parte nos brincos, a não ser quando convidado. O companheiro que cuidava dele apercebeu-se⁽³⁾...

Dom Bosco a carta aqui transcrita. Vê-se por ela quão providencial foi o encontro com Dom Bosco. No primeiro encontro com ele no Oratório, o próprio Miguel diz que é um “tratante” e confessa: “Dois colegas meus já estão na cadeia”.

(3) O ambiente do Oratório em pouco tempo leva o nosso Miguel a uma interioridade que lhe causa inquietude. Dá-se conta de que a alegria dos colegas, que não é menos viva exteriormente que a sua, é todavia de outra natureza e provém de algo muito mais profundo: “a

O amigo foi logo ao seu encalço e disse-lhe: meu caro Magone, por que foges de mim? Conta-me os teus desgostos; quem sabe não te poderei sugerir a maneira de aliviá-los?

— Tens razão, mas eu estou em grandes apuros.

— Por maiores que sejam esses apuros, há meio de saíres deles.

— Mas como poderei sossegar, se me parece ter mil demônios no corpo?

— Não te aflijas; procura o confessor, manifesta-lhe o estado da tua consciência; ele te dará todos os conselhos de que necessitares. É o que sempre fazemos quando temos algo que nos inquieta; por isso é que estamos sempre alegres.

— Está certo, mas... mas... e pôs-se a chorar. Passaram-se ainda alguns dias e a melancolia já passava a tristeza. Os brinquedos eram penosos; o sorriso já não lhe brincava nos lábios; muitas vezes quando os companheiros se achavam todos entretidos no recreio, ele retirava-se para um canto e aí se punha a pensar, a refletir e às vezes até a chorar. Eu estava a par de tudo quanto lhe acontecia, por isso um dia mandei-o chamar e falei-lhe assim:

— Querido Miguel, queria que me fizesses um favor; mas não quero que digas que não.

— Pois fale, respondeu-me com vivacidade; estou disposto a fazer tudo o que ordenar.

— Eu queria que me deixasses um momento senhor do teu coração e me manifestasses o motivo dessa melancolia que de alguns dias para cá te está consumindo.

— Sim, é verdade o que me diz, mas... mas estou desesperado e não sei o que hei-de fazer. Ditas essas

verdadeira alegria parte da paz do coração e da tranqüilidade da consciência". Ela, com efeito, vem de Deus, e se alimenta com a oração e os sacramentos. Miguel, de bom coração e viva inteligência, anseia por *essa felicidade*... Ninguém o força aos atos de piedade. Queria praticá-los, mas o passado cria-lhe obstáculo. Um colega, que Dom Bosco colocou-lhe ao lado ajuda-o então a sair do embrulho, levando-o ao ministro de Cristo. Típica pedagogia espiritual!

palavras, desatou num copioso pranto. Deixei-o desabafar um pouco e depois, em ar de brincadeira, disse-lhe: Como! então tu és o general Miguel Magone, chefe de toda a malta de Carmagnola? Que general! Nem sequer estás em estado de exprimir com palavras as mágoas que tens na alma.

— Bem querería fazê-lo, mas não sei como hei-de principiar; não me sei exprimir.

— Dize-me só uma palavra, o resto direi eu.

— Tenho a consciência atrapalhada.

— Basta; já compreendi tudo. Eu precisava que me disseses isso para te poder dizer o resto. Por ora não quero entrar em matéria de consciência; dar-te-ei unicamente uma norma pela qual te hás de guiar para arranjar tudo. Escuta: se na tua consciência tudo está em ordem quanto ao passado, prepara-te somente para fazer uma boa confissão, expondo tudo quanto aconteceu de errado desde a última vez que te confessaste. Mas se porventura deixaste por temor ou algum outro motivo de confessar alguma coisa, ou sabes que algumas das tuas confissões não ficou bem feita por lhe faltar alguma das condições necessárias, então recomeça a confissão desde o tempo em que tens certeza de ter feito a última confissão, e confessa tudo aquilo que te pesa na consciência, seja lá o que for.

— Aí é que está a dificuldade. Como é que me posso lembrar de tudo o que me aconteceu alguns anos atrás?

— Podes pôr tudo em ordem com a maior facilidade. Basta que digas ao confessor que tens de te recordar de algumas coisas de tua vida passada. Ele então tomará como que o fio de todas as tuas ações, de modo que não terás nada que fazer senão responder sim ou não ao que ele te perguntar, e dizer quantas vezes te aconteceu isto ou aquilo ⁽⁴⁾.

(4) A passagem ilustra à maravilha o grande princípio espiritual de Dom Bosco: um adolescente precisa ser guiado. Se quer progredir, deve abrir-se com os seus educadores e dispor-se a obedecer-lhes (a obediência, "primeira" virtude). Se quiser progredir espiritualmente deverá confiar num sacerdote, abrir-se a ele e aceitar sua direção espiri-

Capítulo VI. — Miguel passou esse dia preparando o exame de consciência. Mas tinha tão grande desejo de pôr em ordem os negócios da sua alma, que não quis ir deitar-se à noite sem se ter confessado. É certo, dizia, que o Senhor me esperou muito tempo, mas é incerto que queira ainda esperar por mim até amanhã. Se portanto posso confessar-me esta noite, não devo adiar mais, e é tempo de romper com o demônio. Confessou-se pois com grande comoção, interrompendo-se muitas vezes para dar livre curso às lágrimas...

(ed. Caviglia, 207-209)

45. **Confiança absoluta no confessor, fidelidade ao guia espiritual**

Capítulo V. — *Uma palavra aos jovens.* As inquietações e angústias do jovem Magone de um lado, e do outro o modo franco e resoluto com que ele pôs em ordem os negócios de sua alma, proporcionam-me a oportunidade de vos sugerir, meus queridos jovens, algumas recomendações que julgo muito úteis para as vossas almas.

Recebei-as como penhor do afeto de um amigo que deseja ardentemente a vossa salvação eterna...

Dom Bosco recomenda com insistência a sinceridade e a integridade da acusação na confissão. Ela se alia à confiança que devemos ter no ministro de Jesus.

Lembraí-vos, meus jovens, que o confessor é um pai, o qual deseja ardentemente fazer-vos o maior bem possível, e afastar de vós todo o gênero de males. Não

tual. De aí a importância capital do sacramento da penitência, que Dom Bosco concebe como sacramento do perdão e da graça de renovação, e também como modo de conhecer intimamente o adolescente, e ainda como momento mais apropriado para o guiar e estimular. Num primeiro tempo, Dom Bosco aconselhava (sem impor, naturalmente) a confissão geral, para que o confessor pudesse avaliar a capacidade do dirigido e para se conseguir a tranquilidade e a paz que derivam da reparação do passado. Evidentemente, tudo isso supõe no sacerdote profundo sentido das coisas de Deus e grande "arte" de acolher e dirigir as almas. Dom Bosco sentiu a necessidade de expor de maneira sistemática essas verdades fundamentais no capítulo V que, à diferença dos outros, tem um caráter exclusivamente didático em relação aos jovens em primeiro lugar e depois aos confessores.

receeis que o confessor perca a estima por vós se vos confessardes de coisas graves, nem tenhais receio de que ele revele aos outros o que dizeis... Pelo contrário, posso garantir-vos que quanto mais sinceros fordes e mais confiança tiverdes nele, tanto mais aumentará a confiança que terá em vós e poderá ainda melhor dar-vos os conselhos e avisos que lhe parecerem mais necessários e oportunos para o bem de vossas almas...

Procurai com freqüência o vosso confessor, rezai por ele, segui os seus conselhos. Depois de haverdes feito a escolha de um confessor que julgardes mais conveniente para as necessidades da vossa alma, não mudeis para outro sem motivo. Enquanto não tiverdes um confessor estável, em quem possais depositar toda a confiança, faltar-vos-á sempre o amigo de vossa alma ⁽⁵⁾. Confiai também nas orações do confessor que todos os dias na santa missa reza pelos seus penitentes, para que Deus lhes permita fazer boas confissões e perseverar no bem: rezai também vós por ele.

Diretrizes para os confessores dos jovens

E se por acaso este meu escrito for lido por alguém que a divina Providência destinou a ouvir a confissão dos jovens, eu quereria, omitindo muitas outras coisas, humildemente rogar-lhe que me permitisse dizer-lhe com todo o respeito ⁽⁶⁾:

1.º Acolhei com carinho todos os penitentes, mas especialmente os jovencinhos. Ajudai-os a manifestarem o que têm na consciência; insisti para que venham confessar-se com freqüência. Este é o meio mais seguro para que se conservem afastados do pecado. Empregai todos os esforços para que ponham em prática os con-

(5) "O amigo da alma... conveniente para as necessidades da alma"; tal a definição que Dom Bosco dá do confessor. Ela supõe todo um clima de confiança, de conhecimento mútuo, de relação pessoal sobrenaturalmente afetiva (o confessor é também "um pai que deseja ardentemente o bem" dos seus filhos). Natureza e graça juntam seus esforços a fim de fazer os encontros sacramentais produzirem os melhores frutos.

(6) As linhas seguintes são uma síntese dos maiores temas de um tratado do confessor salesiano: pastoral da acolhida, da confissão sincera, da freqüência, da eficácia.

selhos que lhes sugeris para evitarem as recaídas. Corrigi-os com bondade, porém não griteis jamais com eles; se gritardes, não virão mais ter convosco, ou então hão de calar o que deu motivo à vossa áspera repressão.

2.º Depois que lhes ganhades a confiança, procurai com prudência indagar se as confissões passadas foram todas bem feitas...

(ed. Caviglia, 211-212)

46. Gritar, saltar... mas também trabalhar com seriedade

Capítulo VII. — *Exatidão nos deveres*. Miguel era de índole fogosa, imaginação ardente, e coração afetuoso, o que naturalmente lhe dava modos vivos e, à primeira vista, podia fazê-lo parecer um menino dispersivo. Mas sabia conter-se no momento exato e ser dono de si mesmo. Quanto ao recreio já se disse que o sabia aproveitar bem. Todos os cantos do amplo pátio desta casa eram percorridos em poucos minutos pelos pés do nosso Magone. Nem havia folguedo em que não primasse. Porém, mal se dava o sinal para o estudo, para a aula, repouso, refeitório, ele imediatamente interrompia tudo e corria a cumprir os seus deveres. Causava maravilha ver um menino que era a alma da recreação, que tudo punha em movimento, como se fosse acionado por um motor, ser o primeiro nos lugares a que o chamava o dever.

... Quanto ao cumprimento do dever, era em tudo exemplar. O superior da casa havia dito que qualquer momento de tempo é um verdadeiro tesouro. Ele então costumava repetir muitas vezes: quem perde um momento de tempo, perde um tesouro ⁽⁷⁾.

Movido por esse pensamento, não deixava escapar um instante sem que fizesse tudo quanto as forças lhe

(7) Dom Bosco "detestava o ócio e ensinava com o exemplo que os nossos dias devem ser empregados para o Senhor. Na porta de seu quarto estava escrito: 'Todo momento de tempo é um tesouro'" (P. Bonetti em *MB VI*, 742). Miguel deixou-se contagiado pelos exemplos e palavras de Dom Bosco. O *Reglamento delle Case* tinha um capítulo sobre o trabalho.

permitted. Tenho aqui comigo as notas de aplicação e de procedimento de cada semana, durante todo o tempo que esteve conosco. Nas primeiras semanas o procedimento foi medíocre, depois bom, em seguida quase ótimo. Depois de três meses começou a ser classificado como ótimo: e assim em tudo, durante todo o tempo que viveu nesta casa.

Na Páscoa desse ano (1858) fez os exercícios espirituais com grande edificação dos companheiros pelos bons exemplos que lhes deu, e com grande consolação de seu coração. Realizou o grande desejo de fazer uma confissão geral, escrevendo depois dela, para seu uso, diversas resoluções que se propunha praticar em toda a sua vida. Entre outras coisas, queria fazer um voto de nunca perder um só momento de tempo. O que não lhe foi permitido. Ao menos, disse ele, seja-me permitido prometer ao Senhor ganhar sempre a nota ótimo de procedimento. Está bem, respondeu-lhe o diretor, contando que a promessa não tenha força de voto.

(ed. Caviglia, 215-216)

47. Abril-maio de 1858. Maria torna-se sua mestra de sabedoria e de pureza

Capítulo VIII. — *Devoção para com Nossa Senhora*. Cumpre dizer que a devoção para com a Santíssima Virgem é o sustentáculo ⁽⁸⁾ de todo o fiel cristão. Mas é, de um modo especial o apoio da juventude. Assim é que o Espírito Santo se exprime em seu nome: *Si quis est parvulus, veniat ad me*. O nosso Miguel conheceu essa importante verdade. Eis o modo providencial como isso aconteceu. Deram-lhe um dia de presente uma imagem da Santíssima Virgem Maria, na qual se acha-

(8) Maria "sustentáculo". Palavra já empregada no caso de Domingos Sávio: "Tomando assim Maria como sustentáculo da sua devoção..." (*Vida*, cap. VIII), e antes ainda no *Giovane Provveduto*, p. 51. Os jovens fracos e instáveis encontram força e segurança na presença íntima de Maria. Mas Dom Bosco nota que Maria, por sua vez, os convida a irem a Ela: é uma "importante verdade". O texto citado é Prov 9,4 na edição da Vulgata, que Dom Bosco traduzia: "Quem for menino venha a mim" (*Giovane Provveduto*, p. 51). O segundo texto é de Sl 34,12.

vam escritas as seguintes palavras: *Venite, filii, audite me, timorem Domini docebo vos*; ou seja, vinde, filhos, escutai-me, eu vos ensinarei o temor de Deus". Principiou a refletir seriamente sobre esse convite; depois escreveu uma carta ao seu diretor na qual lhe dizia como Nossa Senhora lhe tinha feito ouvir a sua voz, convidando-o a ser bom, e ela mesma lhe queria ensinar o modo de temer a Deus, amá-lo e servi-lo ⁽⁹⁾.

Começou portanto a preparar algumas práticas que cumpria em honra daquela que principiou a venerar sob o título de Mãe celeste, mestra divina, piedosa pastora...

Antes de se pôr a estudar ou a escrever no salão de estudo ou na aula, tirava de dentro de um livro uma estampa de Maria, que trazia escrito o seguinte verso:

Virgo parens studiis semper adesto meis.

"Virgem Mãe, ajudai-me sempre nos meus estudos"

Encomendava-se sempre a ela no princípio de todos os exercícios escolares. Costumava dizer: quando encontro alguma dificuldade nos estudos, recorro à minha Mestra divina, e ela me explica tudo. Um dia, em que um dos seus amigos o felicitava pelo bom êxito dos seus estudos: — Não é comigo que te deves congratular, respondeu-lhe, mas sim com Maria Santíssima que me ajudou e inspirou à minha mente muitas coisas que sozinho não poderia saber.

Para ter sempre presente algum objeto que lhe recordasse o patrocínio de Maria durante as suas ocupa-

(9) Esse trecho merece reflexão. Com efeito, a devoção de Miguel para com N. Senhora apresenta dois aspectos característicos. Ela lhe inspira a conservação da pureza, o que não nos surpreende: é um aspecto clássico. Mas, o que é mais curioso: Miguel teve a sensação de que a própria Virgem Santíssima se apresentou a ele para ser sua "mestra", sua "professora", sua "pastora" (e aqui não podemos deixar de pensar no sonho de Dom Bosco, aos nove anos). E escolheu-a como especial protetora dos estudos, "Sede da Sabedoria". Maria tornou-se desta sorte uma presença viva em toda a trama da sua vida. Dom Bosco esclarece mais adiante que Miguel queria lembrar-se do "patrocínio de Maria nas ocupações ordinárias", e finalmente "dar-se todo a Maria". Devoção "vital", sem dúvida.

ções habituais, escrevia em toda a parte que podia: *Sedes Sapientiae, ora pro me*. "Ó Maria, sede da sabedoria, rogai por mim". E também em todos os seus livros, nas capas dos cadernos, sobre a mesa, nos bancos e até na própria cadeira e em qualquer lugar em que pudesse escrever com pena ou lápis, lia-se: *Sedes Sapientiae, ora pro me*.

Um voto mudado em promessa

No mês de maio desse ano de 1858, tomou a resolução de fazer tudo quanto pudesse para honrar a Nossa Senhora. Durante esse mês, foi completa sua mortificação dos olhos, da língua e dos outros sentidos ⁽¹⁰⁾. Queria igualmente privar-se de parte da recreação, jejuar, passar algum tempo da noite em oração; isso, porém, lhe foi proibido, por não ser compatível com a sua idade ⁽¹¹⁾.

Perto do fim do mês, apresentou-se ao seu diretor e disse: Se consente, quero fazer uma coisa muito bonita para honrar a excelsa Mãe de Deus. Sei que S. Luís Gonzaga agradou muito a Maria Santíssima porque desde pequeno lhe consagrou a virtude da castidade. Eu quisera também fazer-lhe este dom, e por isso desejo fazer voto de me fazer sacerdote e de conservar perpétua castidade ⁽¹²⁾.

(10) Esse maio de 1858 marca por certo uma etapa na vida espiritual de Magone. Corresponde ao que, na vida de Domingos Sávio, foi a novena da Imaculada de dezembro de 1854. Tem a mesma idéia de uma "consagração". Para ajudar-lhe o fervor, serviu-lhe o fascículo 62 das *Lecture Cattoliche* escrito por Dom Bosco e editado em abril: *Il mese di maggio consacrato a Maria Immacolata*. Miguel convenceu-se da necessidade da mortificação dos sentidos para defender a sua liberdade espiritual e a sua pureza.

(11) Miguel tem as mesmas reações de Domingos Sávio (cf. *Vida*, cap. X). E Dom Bosco mantém-se fiel ao seu princípio de moderação: as mortificações oportunas são as da vida de cada dia.

(12) No seu manual *Giovane Provveduto*, p. 60, Miguel podia ler que S. Luís, quando tinha apenas dez anos, oferecera essa virtude "com voto à Rainha das virgens"; e o fato era lembrado no *Mese di maggio*, 26.º dia. Ele acrescentava "o voto de me fazer padre", um voto de um gênero bem diverso! Admirável a sabedoria da resposta de Dom Bosco aos dois pontos.

O diretor respondeu que ele não tinha ainda idade para fazer votos dessa importância. — E todavia, interrompeu ele, sinto em mim uma vontade muito grande de me dar todo a Maria Santíssima; e se me consagrar a ela, de certo ela me ajudará a cumprir a minha promessa. — Faze isto, respondeu o diretor: em vez de um voto, limita-te a fazer uma promessa simples de abraçar o estado eclesiástico se porventura ao terminar os cursos de latim se virem em ti sinais certos de seres chamado a esse estado. E em lugar do voto de castidade faze somente uma promessa ao Senhor, que de ora em diante usarás da maior cautela, para nunca fazer nem dizer palavra alguma, nem sequer um gracejo, que possa, embora levemente, ser contrário a essa virtude. Invoca todos os dias Maria Santíssima com alguma oração especial, para que te ajude a manter a promessa.

Contentou-se com essa proposta e prometeu com alegria fazer toda a diligência para pô-la em prática em todas as circunstâncias.

(ed. Caviglia, 217-219)

Um programa de práticas fáceis para conservar a pureza

Capítulo IX. — *Cuidados e práticas para conservar a virtude da pureza.* — Além das práticas já mencionadas, tinha recebido alguns avisos aos quais dava grande importância, e costumava denominá-los pais, guardas, e até mesmo polícias da virtude da pureza. Podemos ver esses avisos na resposta a uma carta que lhe escreveu um colega, perto do fim do mês de Maria. Escrevia ao nosso Miguel pedindo-lhe que lhe dissesse quais as práticas de que se servia para assegurar a conservação da rainha das virtudes, a pureza ⁽¹³⁾.

(13) Pela segunda vez, Dom Bosco nos oferece, nesta *Vida de Magone*, um capítulo diretamente doutrinal: primeiramente sobre a confissão, agora sobre a pureza. É evidente que na carta ao colega Miguel repetia as diretrizes de Dom Bosco. Como já fizemos na *Vida de Sávio*, notamos que, para Dom Bosco, a obediência é a "primeira" virtude do adolescente, e a pureza é "a mais bela, a rainha". Com efeito, são as duas virtudes

Esse companheiro me enviou a carta, da qual extraio o que segue: "Para te poder dar uma resposta completa, são palavras de Magone, quisera falar-te de viva voz e dizer-te diversas coisas que não parece conveniente pôr por escrito. Vou expor aqui somente os principais avisos que me deu meu diretor, e em virtude dos quais ele me assegurava a conservação da mais preciosa das virtudes. Um dia ele me deu um bilhetezinho dizendo: Lê e pratica. Abri o papelzinho, que trazia o seguinte: *Cinco avisos que São Filipe Neri dava aos jovens para conservar a virtude da pureza* (14). Fugir das más companhias. Não nutrir delicadamente o corpo. Evitar a ociosidade. Oração freqüente. Freqüentar os Sacramentos, especialmente o da confissão. O que aqui está resumido, ele me expôs mais difusamente em outras oportunidades, e eu te digo tudo conforme ouvi de sua boca. Disse-me pois :

"1.º Coloca-te com filial confiança sob a proteção de Maria; confia nela, põe nela a tua esperança. Nunca neste mundo jamais se ouviu dizer que aquele que recorreu a Maria com fé, deixasse de ser ouvido. Será ela a tua defesa nos assaltos que o demônio fará à tua alma.

"2.º Quando perceberes que estás tentado, põe-te no mesmo instante a fazer qualquer coisa. Ócio e modestia não podem viver juntos. Por conseguinte, evitando a ociosidade, evitarás também as tentações contra esta virtude.

libertadoras: permitem ao jovem colocar-se nas condições necessárias para amar *verdadeiramente* a Deus e o próximo e para conquistar a *verdadeira* alegria (no capítulo seguinte, Dom Bosco apresenta precisamente a caridade de Miguel para com o próximo). Dom Bosco fala sempre de "conservar" a pureza: para ele, normalmente, um adolescente é puro; trata-se, pois, de conservar a pureza. O que não significa que o adolescente ou o jovem deva permanecer sempre um menino neste ponto. "Conservar" é também um "educar" positivo e progressivo, por certo muito mais necessário hoje que nos tempos de Dom Bosco, mas que exigirá sempre a formação do jovem à coragem da renúncia evangélica.

(14) Já tivemos oportunidade de observar que S. Filipe Neri era um dos inspiradores de Dom Bosco. Suas diretrizes encontravam-se então em diversos opúsculos ascéticos. Dom Bosco tomou-os verossimilmente de Bacci, *Vita di S. Filippo Neri*, Roma 1837, p. 114.

“3.º Beija muitas vezes a medalha ou o Crucifixo, faze o sinal da Cruz com viva fé, dizendo: Jesus, José e Maria, ajudai-me a salvar a minha alma. Estes três nomes são os mais terríveis e formidáveis para o demônio.

“4.º Se porventura continuar o perigo, recorre a Maria com a oração que a Santa Igreja nos propõe, isto é: Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por mim, pecador.

“5.º Além de não nutrir delicadamente o corpo, além da vigilância na guarda dos sentidos, especialmente dos olhos, livra-te também de todo o gênero de más leituras. Mais: se assuntos indiferentes forem perigosos para ti, larga imediatamente a leitura; deves pelo contrário ler com agrado livros bons, preferindo entre eles os que tratam das glórias de Maria e do Santíssimo Sacramento.

“6.º Foge dos maus companheiros: escolhe ao invés companheiros bons, isto é, os que pela boa conduta são elogiados pelos teus superiores. Fala de boa vontade com eles, brinca com eles, mas procura imitá-los nas conversas, no cumprimento dos deveres e especialmente nas práticas de piedade.

“7.º Confissão e Comunhão com a maior frequência que o confessor julgar conveniente; e se as tuas ocupações permitirem, vai muitas vezes visitar a Jesus Sacramento”.

Eram estes os sete conselhos que Magone, em sua carta, denominava os sete guardas de Maria, destinados a fazerem de sentinela à santa virtude da pureza...

Dirá alguém que essas práticas de piedade são demasiado triviais. Mas observo que, assim como o esplendor da virtude de que falamos pode ser escurecido e perder-se ao menor sopro da tentação, assim deve ser tida em grande apreço qualquer coisa, pequenina embora, que possa contribuir para conservá-la. Por esse motivo eu aconselharia com instância que a todos os fiéis cristãos, e especialmente à mocidade, fossem propostas coisas fáceis que não os cansassem nem atemorizassem. Os jejuns, as orações prolongadas e outras

austeridades rigorosas, são o mais das vezes omitidas. ou se praticam com dificuldade e frouxidão. Apeguemo-nos ao que é fácil, mas pratiquemo-lo com perseverança ⁽¹⁵⁾. Foi esse o caminho que conduziu o nosso Miguel a tão maravilhoso grau de perfeição.

(ed. Caviglia, 219-221)

48. Amável bondade de coração para com os companheiros e para com Dom Bosco

Capítulo X. — *Belos gestos de caridade para com o próximo* ⁽¹⁶⁾. — Ao espírito de viva fé, de fervor e de devoção para com Nossa Senhora, Magone juntava a caridade mais industriosa para com os companheiros. Sabia que o exercício dessa virtude é o meio mais eficaz para aumentar em nós o amor de Deus. Essa máxima era por ele habilmente posta em prática todas as ocasiões, mesmo as mais pequenas. Durante a recreação tomava parte nos brinquedos com tamanho entusiasmo que não sabia se estava no céu ou na terra. Mas se via algum companheiro ansioso por se divertir, cedia-lhe imediatamente os brinquedos, contentando-se em continuar de outro modo o recreio. Vi-o várias vezes descer das andas para que um colega se servisse

(15) Máxima áurea, das mais características de Dom Bosco, cujo valor é confirmado pela santidade dos seus jovens. Poderia exprimir-se assim: "Pelas verdades das coisas simples, a passo e passo, até ao cume da santidade". Vale para a pureza, mas também para toda a vida espiritual. É um caminho que tem alguma relação como o "pequeno caminho" de Teresa de Lisieux (no qual há certamente muito mais): "Deus vem às almas santas não tanto nas ações heróicas, que são antes saltos da alma para Deus, quanto na prática de devoções comuns e habituais e no cumprimento de deveres modestos e ocultos, que se tornam heróicos pela longa perseverança e intensidade interior" (P. Caviglia, *Studio*, p. 166).

(16) Observe-se o lugar deste capítulo. É típico notar que, nas grandes linhas, as *Vidas* de Sávio e de Magone, duas figuras por tantos motivos tão diversas, apresentam-se segundo um mesmo esquema (não esquema abstrato, mas histórico, que reflete a seqüência dos fatos): a entrega do sacerdote com a obediência e a entrega a Maria pela pureza conduzem ao amor para com os outros e ao apostolado, provas concretas do amor de Deus. Tudo alimentado com a oração e a vida sacramental.

delas, ajudando-o e ensinando-o com toda a amabilidade, para que o brinquedo fosse mais agradável e ao mesmo tempo isento de perigo ⁽¹⁷⁾.

Acontecia ver um colega aflito? Aproximava-se dele, tomava-o pela mão; acarinhava-o; contava-lhe mil histórias. E se conseguia descobrir o motivo do desgosto, procurava confortá-lo com algum bom conselho e, se fosse o caso, servia de intermediário junto dos superiores ou dos que pudessem aliviá-lo.

Quando podia explicar a algum colega uma coisa difícil, ajudá-lo em algo, levar-lhe água, fazer-lhe a cama, aproveitava todas essas ocasiões com grande prazer. Durante o inverno, um de seus discípulos, que sofria muito de frieiras, não podia brincar, nem cumprir os seus deveres como desejava. Magone escrevia-lhe com toda a boa vontade o tema, copiava-o no papel que devia ser entregue ao professor; mais: ajudava-o a vestir-se, fazia-lhe a cama, e até lhe deu as próprias luvas para que se pudesse resguardar melhor do frio. Que mais podia fazer um rapazinho daquela idade? Com o gênio fogofo que tinha, não raro deixava-se arrebatar por ímpetos involuntários de cólera; mas, bastava que se lhe dissesse: Que fazes, Magone? É essa a vingança do cristão? Isso bastava para acalmá-lo, humilhá-lo ao ponto de ir pedir desculpa ao companheiro, suplicando-lhe que o perdoasse e não se escandalizasse com o seu grosseiro repente.

E se nos primeiros meses em que veio para o Oratório foi preciso repreendê-lo por causa de seus ímpetos de cólera, foi tal depois a boa vontade de se emendar que em pouco tempo soube vencer-se a si mesmo e tornar-se até o pacificador dos próprios companheiros...

(17) As "pequenas ocasiões" para a prática da caridade apresentavam-se mormente durante "as horas de pátio". "Pelo que lemos em *Sávio*, em *Magone*, em *Besucco*, na história interna do Oratório..., o cenário é o pátio: entre o vozerio e a movimentação de um recreio animado, e os poucos momentos entre os jovens e com ele... O pátio é *Dom Bosco entre os jovens*. E a vida do pátio será o campo do apostolado dos seus pequenos santos" (A Caviglia, *Studio*, pp. 172-174).

Ensinava com muito gosto o catecismo; prestava-se de muito bom grado para tratar dos doentes, e sempre que necessário, pedia com insistência que o deixassem passar a noite junto deles...

Um outro de seus companheiros, muito estouvado, tinha sido várias vezes motivo de desgosto para os superiores. Confiaram-no a Miguel, recomendando-lhe que procurasse o meio de chamá-lo ao bom caminho. Miguel pôs mãos à obra. Principiou por se fazer muito seu amigo; tomando-o por companheiro nas recreações, dando-lhe presentes, escrevendo-lhe alguns bilhetes contendo conselhos salutares, conseguindo desse modo contrair com ele relações de íntima amizade...

O companheiro... tornou-se fiel amigo de Magone, passou a imitá-lo no cumprimento exato dos deveres de estado, e é hoje, pela diligência e correção de vida, a consolação de quantos têm que tratar com ele.

(ed. Caviglia, 221-223)

Capítulo XII. — ... Para com os benfeitores era muito sensível. Não fosse o receio de aborrecer o leitor, transcreveria aqui algumas das muitas cartas e bilhetes que me escreveu para manifestar sua gratidão por havê-lo acolhido nesta casa...

Muitas vezes apertava-me afetuosamente a mão, e olhando para mim com os olhos cheios de lágrimas dizia: Não sei como exprimir a minha gratidão pela grande caridade que me fez aceitando-me no Oratório. Procurarei retribuir-lhe com a minha boa conduta e pedirei todos os dias a Deus que o abençoe e a todos os seus trabalhos ⁽¹⁸⁾. Aprazia-se em falar a respeito dos seus professores, dos que o tinham enviado para junto de nós ou de qualquer modo o ajudavam; mas falava sempre com respeito, nunca se envergonhando de mostrar por um lado a sua pobreza, e pelo outro o seu reco-

(18) A passagem mostra o bom coração de Miguel. "O cultivo da santidade dera-lhe uma fineza, uma delicadeza de sentimentos que a educação convencional não dá" (A. Caviglia, *Studio*, p. 179). Dom Bosco narra esses fatos porque sempre apreciou e recomendou a gratidão: era para ele um sinal de riqueza espiritual.

nhecimento. Sinto, disse várias vezes, não ter meios para manifestar, como desejaria, a minha gratidão, mas conheço o bem que me fazem; nunca poderei esquecer meus benfeitores e, enquanto for vivo, pedirei sempre ao Senhor que a todos conceda abundante recompensa.

(ed. Caviglia, 227-228)

49. 21 de janeiro de 1859. A morte: “um sono de alegria que leva à bem-aventurada eternidade”

Retrato de Miguel após um ano de fidelidade à graça

Capítulo XIII. — *Sua preparação para a morte* (19). — Depois das férias de Castelnuovo d’Asti, o nosso Miguel viveu ainda cerca de três meses. Era de estatura baixa, porém são e robusto. De engenho vivo e suficiente para seguir com honra qualquer carreira a que se quisesse dedicar, amava muito o estudo, no qual fazia notáveis progressos. Quanto à piedade, tinha chegado a tal grau, que eu não teria sabido o que lhe havia de acrescentar ou tirar para apresentá-lo como modelo à mocidade. Tinha a índole viva, porém era piedoso, bom e devoto, e tinha em muito apreço as pequenas práticas de religião. Praticava-as com alegria e desembaraço, sem escrúpulos: de sorte que sua piedade, amor ao estudo e afabilidade tornavam-no amado e venerado de todos, ao mesmo tempo que a vivacidade e boas maneiras o tornavam o ídolo da recreação.

Desejaríamos, é claro, que esse modelo de vida cristã permanecesse na terra até à mais avançada velhice, porque faria muito bem à pátria e à religião tanto no estado sacerdotal, para o qual se mostrava

(19) Os quatro capítulos XIII-XVI compõem a última parte da biografia de Miguel. Narram os acontecimentos externos e espirituais dos últimos três meses: fervor especial nas novenas da Imaculada e do Natal de 1858, pressentimento nítido da morte, doença fulminante (congestão pulmonar. ao que parece) que, em três dias, leva-o à morte, mas a uma morte extraordinariamente tranqüila, que Dom Bosco faz questão de contar nos mínimos detalhes. Abre este último período traçando um rápido retrato do que se havia tornado Miguel após um ano de fidelidade à graça, no ambiente do Oratório.

inclinado, quanto no estado laical. Outros, porém, eram os decretos de Deus, que queria colher esta flor do jardim da Igreja militante e chamá-la a si, transplantando-a para a Igreja triunfante do paraíso. O próprio Miguel, sem que soubesse que a morte estava tão próxima, ia-se preparando para ela com uma vida cada vez mais perfeita. . .

(ed. Caviglia, 229)

A última confissão

Na tarde do dia 21 de janeiro, sexta-feira, o mal subitamente se agravou. Chama-se o médico. Miguel é convidado a fazer a última confissão.

Capítulo XIV. — *A doença.* Preparou-se durante alguns minutos e confessou-se: depois, com ar sereno, na minha presença e na de sua mãe, disse sorrindo: Quem sabe se esta minha confissão vai ser um exercício da boa morte ⁽²⁰⁾, ou não vai ser mesmo para a minha morte!

— Que te parece? respondi, desejas sarar, ou ir para o céu?

— O Senhor sabe o que é melhor para mim; eu não desejo fazer senão o que lhe agrada ⁽²¹⁾.

— Mas se o Senhor te deixasse escolher entre sarar ou ir para o céu, que é que escolherias?

— Quem poderia ser tão louco que deixasse de escolher o céu?

— Desejas ir para o céu?

(20) Dom Bosco chamava *exercício da boa morte* o meio dia de retiro que todos os meses proporcionava aos seus meninos. Eram convidados a confessar-se como se devessem morrer.

Nos dias da enfermidade de Miguel, sua mãe estava em Turim, e viera assistir o filho.

(21) Essa reflexão permite-nos aquilatar a qualidade do amor para com Deus a que chegara Miguel. Teresinha de Lisieux no leito de morte, a 27 de maio de 1897, dirá a mesma coisa: "Não prefiro morrer a viver; quer dizer que se devesse escolher, preferiria morrer; mas como é Deus quem escolhe por mim, prefiro o que ele quer. Amo o que ele faz" (*Derniers entretiens*, pp. 214-215).

— Se desejo! Desejo de todo o meu coração, e é o que de tempos para cá estou continuamente pedindo a Deus.

— Quando desejarias ir?

— Iria neste mesmo instante, se for da vontade de Deus.

— Bem; agora digamos todos juntos: em todas as coisas, na vida e na morte, faça-se a santa e adorável vontade do Senhor...

A presença de Maria torna suave a morte

Passado um quarto de hora deixou de repetir as orações que se lhe iam sugerindo, e como não o ouvíamos pronunciar nenhuma palavra, julgamos tivesse sido surpreendido por um repentino desmaio. Porém, daí a poucos minutos, com ar alegre e quase a brincar, fez um sinal para que o ouvissem e disse: No bilhete de domingo havia um erro ⁽²²⁾. Nele estava escrito: *No momento do julgamento estarei sozinho com Deus*, e não é verdade, não estarei sozinho, lá estará também Nossa Senhora para me ajudar; agora nada mais tenho que reçar; podemos ir, à hora que for. A própria Nossa Senhora quer acompanhar-me ao juízo.

(ed. Caviglia, 233-234)

Capítulo XV. — *Últimos momentos e preciosa morte.*

Por volta das dez horas recebe a Unção dos enfermos.

... Respondia a todos os ritos e cerimônias da administração desse augusto Sacramento. Mais, a cada uma das unções queria acrescentar alguma jaculatória.

(22) No domingo, 16 de janeiro, reunira-se a Companhia do SS. Sacramento, da qual Miguel era membro. De acordo com o costume, cada sócio tirava por sorte um bilhete, no qual se encontrava uma máxima para praticar ao longo da semana. No de Miguel estava a frase aqui lembrada, e ele divisara nele "uma intimação enviada pelo Senhor". Completa-a agora delicadamente.

Recordo-me que na unção da boca disse: Ó meu Deus... perdoai-me todos os pecados que cometi com a boca; arrependo-me de todo o meu coração.

Na unção das mãos acrescentou: quantos socos não dei nos meus companheiros com estas mãos; meu Deus, perdoai-me estes pecados, e ajudai os meus companheiros para que sejam melhores do que eu...

... Era algo que enchia de admiração todos os que o viam. O pulso indicava que ele se encontrava no extremo da vida, mas o ar sereno, a jovialidade, o sorriso, a lucidez da mente eram de uma pessoa em perfeita saúde. Não que ele deixasse de sentir algum incômodo, pois a dificuldade de respirar produzida pela ruptura de uma víscera causa aflição e sofrimento geral em todas as faculdades morais e corporais. Mas o nosso Miguel tinha pedido muitas vezes a Deus que o fizesse sofrer todo o seu purgatório em vida para, assim que morresse, ir logo para o céu. Era esse pensamento que fazia com que ele sofresse tudo com alegria; pelo que os incômodos que na ordem natural produziriam aflições e angústias, eram nele motivo de alegria e prazer.

E portanto, por uma graça especial de Nosso Senhor Jesus Cristo ⁽²³⁾, não só parecia insensível à dor mas até mesmo parecia sentir grande consolação nos sofrimentos. Nem era mister sugerir-lhe pensamentos religiosos, pois que ele mesmo, por si, repetia jaculatórias edificantes. Eram dez horas e três quartos quando me chamou pelo nome e disse: Chegou a hora, ajude-me. Fica sossegado, respondi, eu não te hei de abandonar enquanto não estiveres no céu com Nosso Senhor. Mas como me dizes que estás para partir deste mundo, não queres ao menos dizer o último adeus à tua mãe?

(23) Não é difícil acreditar, com Dom Bosco, que a alma de Miguel foi brindada nesses instantes com uma "graça especial de Nosso Senhor Jesus Cristo". Quanto ao diálogo que se segue, assim o define o P. Caviglia: "É um diálogo digno dos Fioretti de S. Francisco; não é por certo freqüente tamanha simplicidade em coisas grandes, tanta familiaridade com as coisas divinas, tanta segurança de se encontrar às portas do Paraíso. A figura espiritual do jovem, que não tem sequer catorze anos, se agiganta e eleva a alturas imprevisíveis... O próprio Dom Bosco, maravilhado, não sabe como classificar esse trânsito senão como 'um sono de alegria'" (*Studio*, p. 189).

— Não, respondeu, não lhe quero causar uma dor tão grande.

— Não me deixas ao menos algum recado para ela?

— Sim, diga a minha mãe que me perdoe todos os desgostos que lhe dei durante a minha vida. Estou arrependido. Diga-lhe que lhe quero muito; que eu morro de boa vontade, que saio deste mundo com Jesus e com Maria, e que vou esperar por ela no Paraíso.

Estas palavras moveram ao pranto todos os assistentes. Todavia, enchendo-me de ânimo e querendo que seus últimos momentos fossem ocupados por bons sentimentos, eu ia-lhe fazendo de vez em quando algumas perguntas.

— Que recados me deixas para os teus companheiros?

— Que procurem fazer sempre confissões bem feitas.

— De todas as coisas que fizeste durante a vida, que é que agora te dá mais consolação?

— O que neste momento me dá maior consolação, é o pouco que fiz em louvor de Maria Santíssima. Sim, essa é que a maior consolação. Ó Maria, Maria, quão felizes são os vossos devotos na hora da morte.

Porém, continuou, tenho uma coisa que me inquieta; quando a minha alma se separar do corpo e eu estiver para entrar no céu, que é que devo dizer? a quem me devo dirigir?

— Se Nossa Senhora quiser ela própria acompanhar-te ao julgamento, deixa que Ela se encarregue de tudo. Porém, antes de te deixar partir para o Paraíso, quero encarregar-te de um recado.

— Diga, farei tudo o que puder para lhe obedecer.

— Quanto estiveres no Paraíso e tiveres visto a excelsa Virgem Maria, saúda-a humilde e respeitosa-mente da minha parte e da parte de todos os que estão nesta casa. Pede-lhe que se digne dar-nos a sua bênção; que nos acolha a todos debaixo da sua piedosa proteção e nos auxilie para que nenhum dos que estão

nesta casa ou a ela forem mandados pela divina Providência venha a perder-se.

— Darei de boa vontade esse recado; e que mais?

— Por ora nada mais, descansa um pouco.

Parecia com efeito que ele queria dormir. Porém, conquanto conservasse a sua calma e fala do costume, o pulso todavia anunciava uma morte iminente. Começou-se, portanto, a ler o *Proficiscere*; quando se chegou à metade da leitura, ele, como que despertando de profundo sono, com a habitual serenidade e o riso nos lábios, disse: Daqui a poucos momentos darei o seu recado; procurarei fazê-lo com exatidão; diga aos meus companheiros que os espero lá no céu. Depois apertou com as mãos o crucifixo, beijou-o três vezes e em seguida proferiu estas últimas palavras: Jesus, José e Maria, em vossas mãos entrego a minha alma. Tendo em seguida entreaberto os lábios como se quisesse sorrir, placidamente expirou.

Essa alma ditosa abandonava o mundo para voar, como piamente esperamos, ao seio de Deus às onze da noite do dia 21 de janeiro de 1859. Contava apenas catorze anos de idade. Não teve agonia alguma: nem sequer manifestou a agitação, pena, aflição ou dor que naturalmente se experimenta por ocasião da terrível separação da alma e do corpo. Não sei que nome dar à morte de Magone, a não ser chamá-la um sono de alegria que transporta a alma das penas desta vida à bem-aventurada eternidade.

Os presentes choravam mais comovidos do que penalizados; porque todos sentiam a perda de um amigo, mas todos lhe invejavam a sorte.

(ed. Caviglia, 235-237)

O pastorzinho dos Alpes
ou
vida do jovem Francisco Besucco
pelo sacerdote João Bosco ⁽¹⁾

Curriculo

- 1850 1.º de março. Nascimento de Francisco Besucco em Argentera, penúltimo de seis irmãos e irmãs. O pároco, P. Francisco Peppino, é o seu padrinho de batismo.
- 1856 Frequenta a escola rural de novembro a março. Por cinco anos.
- 1858 Primeira comunhão aos oito anos e meio. É pastorzinho do rebanho do município.
- 1861 O pároco lhe dá aulas particulares para prepará-lo para a 1.ª série ginasial.
- 1862 Lê com entusiasmo a vida de Domingos Sávio e de Miguel Magone. Deseja entrar no Oratório.
- 1863 2 de agosto. Ingressa no Oratório de Turim, onde há 700 meninos. Cursa a 1.ª série ginasial nos meses de verão, entrando depois na 2.ª.
- 1864 2 de janeiro. Adoece; uma pneumonia abate-o em 7 dias. 9 de janeiro. Morre às 11 da noite.
11 de janeiro. É sepultado no cemitério comum de Turim.

(1) A primeira edição saiu nas *Letture Cattoliche*, ano XII, julho-agosto, fasc. V-VI, Turim, Tipografia do Oratório de São Francisco de Sales, 1864. Servimo-nos do texto escolhido pelo P. Caviglia na edição das *Opere e Scritti*: uma segunda edição revista e aumentada, feita em 1877, cujas provas foram revisadas por Dom Bosco, e que continuou invariável nas edições estereotipadas seguintes. Os títulos dos capítulos são de Dom Bosco. Os outros são nossos. A grande quantidade de textos escolhidos para as duas *vidas* precedentes permite-nos uma escolha menor para esta, também para evitar repetições.

Deixamos de lado os 15 primeiros capítulos da infância de Francisco pela mesma razão apresentada por Dom Bosco no prefácio: "No que se refere ao tempo que o jovem Besucco viveu em sua terra, ative-me às informações dadas pelo seu Pároco, pelo seu professor, pelos pais e pelos amigos. Pode-se dizer que não fiz senão ordenar e transcrever os depoimentos que me foram enviados". Quando Francisco, aos 13 anos, chega ao Oratório, já é sem dúvida menino favorecido pela graça: profundo sentido da oração, coração naturalmente bom e generoso, espírito de trabalho e de mortificação por amor, docilidade aos bons conselhos recebidos, desejo do sacerdócio. Dom Bosco levará tais riquezas a estupenda florescência. E de maneira muito simples: com a observância dos seus princípios educativos.

50. "O grande programa" em três pontos

Capítulo XVII. — *Alegria*. — Na sua humildade Francisco julgava todos os seus companheiros mais virtuosos do que ele, e parecia-lhe que, comparado a eles, era um mau sujeito. E assim poucos dias depois vejo-o diante de mim, um tanto perturbado.

— Que tens, meu caro Besucco? perguntei.

— Estou aqui no meio de tantos companheiros todos eles bons, e eu queria ser bom como eles, mas não sei como fazer, preciso que o senhor me ajude.

— Vou ajudar-te com todos os meios que me forem possíveis. Se queres tornar-te bom põe em prática três coisas apenas e tudo correrá bem.

— Quais são as três coisas?

— Alegria, Estudo, Piedade. Esse é o grande programa. Se o seguires poderás viver feliz e fazer muito bem à tua alma ⁽²⁾.

(2) A vida do aluno Besucco, que estará apenas cinco meses com Dom Bosco, não oferece acontecimentos exteriores notáveis. Dom Bosco aproveita para apresentar esse período de forma didática, seguindo o plano das "três coisas" dentro das quais se contém todo o segredo da formação salesiana profunda: *Alegria* (Cap. XVII), *Estudo* (Cap. XVIII), *Piedade* (Cap. XIX-XXII). Como se vê, o tema "Piedade" é mais desenvolvido, quer por se achar na base dos outros dois pontos, quer porque a experiência espiritual de Besucco é nesse ponto mais rica.

— Alegria... Alegria... Eu sou alegre até demais. Se estar alegre basta para tornar-me bom, vou brincar da manhã à noite. Farei bem?

— Da manhã à noite, não; só nas horas de recreio...

(ed. Caviglia, 53-54)

51. A ventura de um confessor "guia seguro" e médico informado ⁽³⁾

Capítulo XIX. — *A confissão*. — Diga-se o que se quiser acerca dos vários sistemas de educação; mas eu não encontro nenhuma base segura senão na freqüência da confissão e da comunhão; e creio não exagerar afirmando que sem estes dois elementos, desaparece a moralidade. Besucco, como dissemos, foi bem cedo preparado e encaminhado à prática freqüente de ambos os Sacramentos. No Oratório cresceu-lhe a boa vontade e o fervor em praticá-los...

Enquanto louvo grandemente a Besucco por tal comportamento, com todas as veras do coração recomendo a todos, mas sobretudo aos jovens, que escolham logo um confessor estável e que, a não ser em caso de necessidade, não mudem de confessor. Evite-se o defeito de alguns que mudam de confessor todas as vezes que se vão confessar; ou então, tendo que confessar coisas de maior relevo, procuram outro confessor, voltando depois ao anterior. Os que assim fazem não cometem nenhum pecado, mas não terão nunca um guia seguro que lhes conheça bem o estado da consciência. Aconteceria com eles o que acontece com o doente que muda de médico a cada visita. O tal médico dificilmente poderia conhecer a doença do cliente, e ficaria indeciso na receita do remédio oportuno.

(3) Um mês apenas após a sua chegada, Francisco escolhe Dom Bosco como confessor. É um ato de importância decisiva. Sem tardança manifesta o desejo de fazer uma confissão geral, não tanto porque o seu passado tivesse erros a corrigir, como no caso de Magone, mas porque deseja "colocar a (sua) alma nas mãos" de Dom Bosco. Leia-se atentamente este capítulo se se quiser saber o sentido profundo que Dom Bosco dava à expressão "confissão freqüente". Cf. também as notas 4, 5 e 6 na seleção de trechos da biografia de Magone.

Se porventura este livrinho for lido por quem é pela Divina Providência destinado à educação da juventude, eu lhe recomendaria encarecidamente no Senhor três coisas. Em primeiro lugar que inculque com zelo a confissão freqüente, como sustentáculo da idade juvenil tão instável, proporcionando todos os meios que facilitem a assiduidade a este Sacramento. Que em segundo lugar insista na grande utilidade de escolher um confessor estável que não se deve mudar sem necessidade; mas que haja abundância de confessores, para que cada um possa escolher quem lhe parecer mais conveniente ao bem de sua alma. Por outra parte deixe bem claro que quem muda de confessor não faz nenhum mal, e que é preferível mudar mil vezes a calar algum pecado na confissão.

Não deixem nunca de lembrar amiúde o grande segredo da confissão. Digam explicitamente que o confessor está vinculado por um segredo natural, Eclesiástico, Divino e Civil, não podendo, pois, por nenhum motivo, sob pena de qualquer dano, a morte que fosse, manifestar a outras coisas ouvidas na confissão nem delas servir-se para si; antes, não pode sequer pensar nas coisas ouvidas nesse Sacramento; que o confessor não se espanta, nem diminui seu afeto por coisas, por graves que sejam, ouvidas na confissão; pelo contrário, aumenta o seu apreço pelo penitente. O médico ao descobrir toda a gravidade do mal do doente fica muito satisfeito porque então pode indicar o remédio oportuno; o mesmo se dá com o confessor, que é médico da nossa alma, e em nome de Deus cura mediante a absolvição todas as chagas da alma. Estou persuadido de que se tais coisas forem recomendadas e bem explicadas, alcançar-se ão grandes resultados morais entre os jovens, e se conhecerá com os fatos o maravilhoso elemento de formação moral que a religião católica possui no sacramento da Penitência.

(ed. Caviglia, 57-59)

52. Cumpre dar à alma o Pão de que tem fome

Capítulo XX. — *A sagrada Comunhão.* — O segundo sustentáculo da juventude é a sagrada Comunhão.

Felizes os jovens que cedo começam a aproximar-se com freqüência e com as devidas disposições deste Sacramento ⁽⁴⁾. Besucco fora animado e instruído pelos pais e pelo seu Pároco quanto à maneira de comungar muitas vezes e com fruto. Quando ainda em sua terra, costumava fazê-lo todas as semanas; depois, todos os dias festivos, e vez por outra também durante a semana. No Oratório continuou por algum tempo a comungar com a mesma freqüência, depois várias vezes durante a semana, e em algumas novenas também todos os dias.

Ainda que o candor de sua alma e o procedimento exemplar o tornassem digno da Comunhão freqüente, ele todavia não se julgava digno. Cresceram-lhe as apreensões quando uma pessoa que chegou a esta casa disse a Besucco que era melhor comungar mais raramente para poder fazê-lo com mais demorada preparação e maior fervor.

Apresentou-se um dia a um seu superior, e lhe expôs todas as suas inquietudes. O superior procurou tranqüilizá-lo dizendo:

— Não dás amiúde o pão material ao corpo?

(4) Notem-se os três pontos que preocupam Dom Bosco com relação à eucaristia: deve-se receber: 1) cedo, 2) com freqüência, 3) com as devidas disposições. Neste capítulo, Dom Bosco trata tão-somente do segundo ponto, apresentando-nos vigorosa e bela síntese do seu pensamento. A ocasião foi-lhe propiciada por uma perturbação de consciência de Francisco. Entre a corrente rigorista e a corrente afonsiana, então em luta, Dom Bosco escolhe claramente esta, e os sólidos argumentos que aduz são os que assimilou no *Pensionato* de Turim. A primeira parte do diálogo reproduz certamente a troca de idéias entre Dom Bosco ("um seu superior") e Francisco. O final (argumentos históricos, menos ao alcance de um menino) foi, podemos crer, acrescentado com escopo didático.

Sobre o sentido e os frutos da comunhão freqüente, cf. acima as notas 23, 24 e 26 dos extratos da biografia de Domingos Sávio.

Excelente síntese do pensamento de Dom Bosco sobre este tema já se encontrava no *Mese di Maggio* 1858, reflexão do 24.º dia. Outro resumo do seu pensamento sobre a confissão e a comunhão encontra-se nos conselhos dados aos jovens no *Regolamento dell'Oratorio di S. Francesco di Sales per gli eterni*, ed. 1877, nas MB II, 162-164, ou em Braido, *S. Giovanni Bosco. Scritti sul Sistema preventivo*, La Scuola, Brescia 1965, pp. 384-386.

— Sim, certamente.

— Se com tanta freqüência damos o pão material ao corpo que deve viver apenas algum tempo neste mundo, por que não havemos de dar muitas vezes, todos os dias até, o pão espiritual à alma, a Sagrada Comunhão? (*S. Agostinho*).

— Mas acho que não sou suficientemente bom para comungar tão freqüentemente.

— Justamente para poderes melhorar é que deves comungar muitas vezes. Jesus não convidou os santos a alimentarem-se do seu corpo, mas os fracos, os cansados, isto é, os que aborrecem o pecado, mas por serem frágeis estão em grande perigo de recair. Vinde a mim, disse ele, todos os que estais cansados e oprimidos, que eu vos aliviarei.

— Pensei que comungando mais espaçadamente, o faria com mais devoção.

— Não diria assim; o que é certo é que a prática ensina a fazer bem as coisas, e quem faz muitas vezes uma coisa descobre o melhor modo de fazê-la: da mesma forma quem se aproxima com freqüência da Comunhão aprende a comungar bem.

— Mas quem come menos come com maior apetite.

— Quem come muito raramente e passa muitos dias sem alimento ou cai de fraqueza, ou morre de fome, ou então assim que comer corre o risco de sofrer uma indigestão fatal.

— Se a coisa é assim, procurarei no futuro comungar com muita freqüência, porque reconheço que é de fato um poderoso meio para ser bom.

— Faze-o com a freqüência estabelecida pelo teu confessor.

— Ele me disse que fosse comungar sempre que nada me perturbasse a consciência.

— Bem, segue esse conselho. Entretanto quero que saibas que Nosso Senhor Jesus Cristo nos convida a comer seu Corpo e a beber seu Sangue sempre que

nos encontrarmos em necessidade espiritual, e neste mundo padecemos continuamente necessidade. Chega até a dizer: Se não comerdes meu Corpo e não beberdes meu Sangue não tereis a vida em vós. Por isso, no tempo dos Apóstolos, os Cristãos perseveravam na oração e na participação do pão eucarístico. Nos primeiros séculos todos os que iam assistir a santa Missa comungavam. E quem ouvia a Missa todos os dias, comungava todos os dias. Finalmente, a Igreja Católica, representada no Concílio Tridentino, recomenda aos Cristãos que assistam sempre que lhes for possível o santo Sacrifício da Missa, e tem estas belas expressões: O Sacrossanto Concílio deseja sumamente que em todas as Missas os Fiéis que as ouvem façam a Comunhão não só espiritual, mas também sacramental, a fim de que seja neles mais abundante o fruto que provém desse Augustíssimo Sacrifício (*Sess. 22, C. 6*).

Capítulo XXI. — *Veneração ao SS. Sacramento.* Demonstrava o seu grande amor ao SS. Sacramento não somente com a Comunhão freqüente, mas em todas as ocasiões que se lhe apresentavam...

No Oratório... contraiu o hábito muito louvável de fazer todos os dias breve visita ao SS. Sacramento...

(ed. Caviglia, 59-61)

53. **Duas graças particulares: o "gosto" pela oração e pelo sofrimento por amor**

Capítulo XXII. — *Espírito de oração.* — É muito difícil fazer com que os meninos adquiram o gosto pela oração. A idade volúvel faz-lhes parecer tedioso e muito pesado tudo o que exige séria atenção da mente. Feliz, pois, quem desde menino é guiado à oração e nela sente prazer. Estará sempre aberta para ele a fonte das divinas bênçãos.

Besucco estava nesse número. A assistência que lhe prestaram os pais desde os mais tenros anos, o cuidado do mestre e especialmente do Pároco produziram no nosso juvenzinho o fruto almejado...

Nutria especial afeto para com Maria Santíssima. . .
Quis saber o lugar exato em que Domingos Sávio se punha de joelhos para rezar diante do altar de Nossa Senhora. E lá ia rezar com grande recolhimento e consolação de seu coração. Dizia: . . . parece-me que o próprio Sávio está rezando comigo, parece-me que ele responde às minhas orações, e que o seu fervor invade o meu coração. . .

Nas sextas-feiras, quando podia, fazia ou pelo menos lia a *Via Crucis*, que era a sua prática de piedade predileta. A *Via Crucis*, costumava dizer, é para mim uma centelha de fogo que me anima a rezar, me encoraja a suportar qualquer coisa por amor de Deus. . .

À noite, terminadas as orações em comum, ia para o dormitório, e de joelhos sobre a incômoda tampa do seu baú punha-se a rezar por um quarto de hora ou mesmo meia hora. Avisado, porém, que isso incomodava os companheiros que já estavam descansando, abreviou o tempo e procurava deitar-se ao mesmo tempo que os colegas. Todavia, assim que se deitava, juntava as mãos diante do peito e rezava até adormecer. Se acordava durante a noite punha-se logo a rezar pelas almas do purgatório. . .

Numa palavra, se examinarmos o espírito de oração deste juvenzinho podemos dizer que executou ao pé da letra o preceito do Salvador, que mandou rezar sem interrupção, porque passava os dias e as noites em contínua oração.

(ed. Caviglia, 62-64)

Capítulo XXIII. — *Suas penitências*. — Falar de penitência aos juvenzinhos é normalmente assustá-los. Mas quando o amor de Deus se assenhoreia de um coração, não há coisa no mundo, não há sofrimento que o aflija; pelo contrário todo sofrimento se torna consolação⁽⁵⁾. Daqueles corações pequeninos nasce o

(5) É um fato que Francisco procurou o sofrimento. Não que houvesse nele um gosto doentio ou a pretensão de bravuras ascéticas. Suas palavras e o claro testemunho de Dom Bosco nos garantem que esse desejo foi-lhe inspirado *pelo amor*, após uma real contemplação de Jesus Crucificado. A razão tem vista curta, não pode compreender.

nobre pensamento que se sofre por um grande objetivo, e que aos sofrimentos da vida está reservada uma gloriosa recompensa na bem-aventurada eternidade...

Proibido de fazer penitência corporal, obteve licença de fazê-la de outro gênero, isto é, fazer os trabalhos mais humildes da casa... Mas estas pequenas mortificações só por pouco tempo contentaram o nosso Besucco. Ele desejava mortificar-se mais⁽⁶⁾...

(ed. Caviglia, 64-66)

54. Sua última carta. À sua mãe⁽⁷⁾

Muito querida mãe,

Estamos no fim do ano e Deus nos ajudou a passá-lo bem. Posso até dizer que este ano foi para mim uma série contínua de favores celestes. Enquanto desejo à senhora bom fim de ano para os poucos dias

Somente a fé no mistério redentor e no mistério dos chamamentos pessoais de Deus dá uma explicação válida e desperta admiração: Francisco neste ponto aproxima-se dos maiores santos: Luís Gonzaga, Maria Madalena de'Pazzi, Teresa de Lisieux, e do seu modelo mais imediato Domingos Sávio.

(6) Ao ponto de subtrair-se à vigilância de Dom Bosco. No fim do capítulo XXVI. Dom Bosco aplicará a ele uma palavra de S. Paulo: «Em suma, com as palavras e com os fatos, manifestava o que já dizia São Paulo: "Desejo partir para estar com o meu Senhor glorificado". Deus via o grande amor que havia para com Ele naquele pequeno coração, e para que a malícia do mundo não lhe contaminasse a inteligência, quis chamá-lo a si, e permitiu que um excessivo amor à penitência proporcionasse de certo modo a ocasião». Com efeito, numa noite de inverno, Francisco não se cobre, pensando em Jesus na cruz, e contrai uma pneumonia. Dom Bosco desaprova, fala de "desordem" (cap. XXIII), de "imprudência", de penitência "inoportuna" (cap. XXVII)... Naturalmente não se aconselhará a ninguém que imite Francisco nesse ponto. Mas haver desejado sofrer até à morte por amor de Deus é um segredo sublime entre Deus e Francisco.

(7) Dom Bosco pôde servir-se, como documentos, de diversas cartas enviadas por Francisco. No cap. XXV cita seis ao pároco-padrinho, ao pai, a um colega. A última, escrita dia 28 de dezembro de 1863, doze anos antes de morrer, é endereçada à mãe. Já pressentia o fim? Algumas expressões, no final, parecem demonstrá-lo. De qualquer maneira, diz Dom Bosco, tinha "já sua alma com Deus, do qual queria continuamente falar e escrever".

que restam, peço a Nosso Senhor que lhe conceda um bom principio do ano novo, que se prolongue sempre cheio de toda a espécie de bens espirituais e temporais. A Santíssima Virgem Maria lhe alcance do seu filho vida longa e dias felizes.

Recebi hoje uma carta de papai ⁽⁸⁾, pela qual fiquei sabendo que tanto ele como meu irmão gozam de boa saúde, e isso me causou grande consolação. Mando aqui a lista de alguns objetos de que ainda estou precisando.

Minha querida mãe, dei tantos aborrecimentos quando estava em casa, e continuo a dá-los ainda agora; mas procurarei recompensá-la com o meu bom procedimento e com as minhas orações. Peço que procure fazer com que minha irmã Maria possa estudar, porque com a ciência poderá instruir-se melhor na religião.

Adeus, querida mãe, adeus, ofereçamos ao Senhor as nossas ações e os nossos corações, e recomendemos a ele de modo especial a salvação de nossas almas. Seja feita sempre a vontade de Deus.

Apresente meus votos de muitas felicidades a todos de casa, e reze por mim, que sou seu

af.mo filho
Francisco

(ed. Caviglia, 75)

55. Palavras de quem espera entrar no céu

Dom Bosco consagra quatro capitulos (XXVIII-XXXI) à breve doença de Francisco e à sua morte. A razão é simples: são dias e momentos de graça especial, em que Francisco manifesta a intensidade do seu amor, e junta a agudo sofrimento "admirável paciência", antes, maravilhosa alegria; são dias também, cumpre não esquecer, durante os quais Dom Bosco esteve muito perto do seu Francisco: viu e compreendeu. Não podendo citar todas essas páginas, escolhemos as últimas palavras mais significativas de Francisco.

(8) O pai, com o irmão maior, não estavam em Argentera. No outono e no inverno, o pai ia "a vários povoados para ganhar o pão para si e para a família, exercendo seu ofício de amolador" (cap. XXV, p. 70).

“Estás sofrendo muito, não é, Besucco? — É verdade que estou sofrendo um pouco, mas o que é isto em comparação com o que deveria sofrer pelos meus pecados? Devo entretanto assegurar-vos que estou muito contente, que não teria nunca imaginado que se poderia experimentar tamanho prazer em sofrer por amor de Deus”⁽⁹⁾ (Cap. XXVIII, p. 77).

Ao enfermeiro: “O Senhor vos pague por mim, e se for para o céu rezarei de todo o coração por vós para que Deus vos ajude e abençoe”.

Dom Bosco: “Supõe que se trata de escolher entre sarar ou ir para o céu: que havias de escolher? — São duas coisas distintas, viver para o Senhor ou morrer para ir para junto do Senhor. Agrada-me a primeira, mas muito mais a segunda”⁽¹⁰⁾.

Dom Bosco: “E a mim que tens a dizer? — Peço ao senhor, replicou comovido, que me ajude a salvar a minha alma. Há muito que venho pedindo a Deus que me faça morrer nas suas mãos; peço-lhe que faça essa obra de caridade, e me assista até os últimos momentos da minha vida” (Cap. XXVIII, p. 79).

Preparando-se para receber o Viático: “Oh! que bela provisão eu tenho, tendo comigo o pão dos Anjos no caminho que devo empreender!... Sim, Jesus é meu amigo e companheiro, nada tenho a temer; antes tudo tenho a esperar na sua grande misericórdia” (Cap. XXIX, pp. 79-80).

(9) Cf. Teresinha de Lisieux no leito de morte, dia 31 de julho de 1897. “Encontrei a riqueza e a alegria na terra, mas somente no sofrimento... Depois da minha primeira Comunhão... eu tinha um desejo contínuo de sofrer. Não pensei que se pudesse depois mudar em alegria; foi uma graça que só mais tarde me foi concedida” (*Derniers entretiens*, p. 294). “Estou contente em sofrer pois que Deus o quer” (Ib p. 248). Mas já no século 5.º S. Agostinho havia pronunciado a célebre frase: “Onde se ama, não se sofre mais; ou se se sofre, ama-se o sofrimento” (“*Nam in eo quod amatur, aut non laboratur, aut et labor amatur*”. De bono vid., cap. XXI).

(10) Confrontar com a resposta dada por Magone à mesma pergunta: acima, cap. XIV e nota 21. A de Besucco é mais profunda. O P. Caviglia explica: “Dom Bosco poderia comentar com as palavras de São Paulo: ‘Mihi vivere Christus est, et mori lucrum’ (Flp 1,21)” (*Studio*, p. 228).

Dom Bosco: “Tens algum recado para o teu Pároco? — O meu Pároco me fez muito bem; fez quanto pôde para salvar-me; diga-lhe que não esqueci os seus conselhos. Não terei mais a consolação de vê-lo neste mundo, mas espero ir para o Céu e rezar a Nossa Senhora para que o ajude a conservar bons todos os meus companheiros e assim possa um dia vê-lo com todos os seus paroquianos no Paraíso”. Ao dizer tais palavras, a comoção embargou-lhe a voz.

— Terias algum recado para tua Mãe?

— ... Ó meu Deus, abençoi mamãe, dai-lhe coragem para suportar com resignação a notícia da minha morte; e fazei que eu a possa ver com toda a família no Paraíso, no gozo da vossa glória” (Cap. XXIX, pp. 80-81).

Antes de administrar-lhe os Santos Óleos, Dom Bosco perguntou:

— Tens acaso alguma coisa que te pese na consciência?

— Ah! sim, tenho uma coisa que me aflige muito e me rói muito a consciência!

— Que é? Queres dizê-la em confissão? Ou fora dela?

— Tenho uma coisa em que sempre pensei na minha vida; mas não podia imaginar que me havia de causar tanto pesar na hora da morte.

— Que é então o que te causa tanta aflição e pesar?

— Sinto o mais amargo pesar porque em minha vida não amei bastante o Senhor como Ele merece ⁽¹¹⁾.

(11) Este breve diálogo é o ponto mais alto da biografia de Francisco, porque é o cume da sua vida espiritual. E a frase sobre seu “amargo pesar” é a suprema palavra reveladora da sua santidade. Toda a sua vida se ilumina dessa luz (a “coisa em que sempre pensei”). Deus ama tanto os meninos e os adolescentes que o seu Espírito pode inspirar a alguns a procurarem amá-lo como merece *através de tudo*. E a resposta com que Dom Bosco tentou tranquilizar Francisco é também uma das frases mais reveladoras do seu segredo interior. A santidade do filho provoca também a do pai.

— Quanto a isso fica tranqüilo, porque neste mundo nunca poderemos amar o Senhor como ele merece. Devemos fazer aqui o que podemos; mas o lugar onde amaremos a Deus como devemos é a outra vida, é o Paraíso. Lá o veremos como é em si mesmo, lá havemos de conhecer e gozar sua bondade, glória e amor. És bem feliz porque dentro de pouco terás essa inefável ventura! Prepara-te agora para receber os Santos Óleos, o sacramento que cancela as reliquias dos pecados e nos dá também a saúde corporal se for para o bem da alma.

— Quanto à saúde do corpo — replicou — não falemos mais; quanto aos pecados, peço perdão deles e espero que me sejam inteiramente perdoados; antes confio que poderei alcançar também a remissão da pena que deveria sofrer por eles no purgatório (Cap. XXIX, p. 8).

Na unção das mãos: “Ó Deus, cobri com o véu da vossa misericórdia e cancelai pelos méritos das chagas das vossas mãos todos os pecados que cometi por obras durante toda a minha vida”.

Na unção dos pés: “Perdoai, Senhor, os pecados que cometi com estes pés, quando fui aonde não deveria ir, ou não indo aonde me chamava o dever” (Cap. XXX, p. 82).

“Pedi muito à Santíssima Virgem que me fizesse morrer num dia a Ela consagrado, e espero que serei atendido” ⁽¹²⁾ (Cap. XXX, p. 83).

56. “Pai, quero que, onde eu estou, estejam comigo aqueles que me deste, para que vejam a minha glória” (Jo 17,24)

Capítulo XXXI. — *Um fato maravilhoso. Sua preciosa morte* ⁽¹³⁾. — . . . Perto das dez e meia parecia não

(12) Morreu num sábado, dia 9 de janeiro de 1864.

(13) O próprio Dom Bosco teve uma morte bastante humilde (vemos no fim do segundo volume). Mas é um fato que muitos dos seus jovens tiveram morte extraordinariamente bela, e mais de uma vez acompanhada de graças particulares: Fascio, Gavio, Massaglia, Domingos

ter mais que alguns minutos de vida; foi quando retirou as mãos das cobertas tentando erguê-las. Tomei-lhe as mãos e juntei-as para que de novo as descansasse na cama. Ele separou-as e estendeu-as novamente para o alto com ar risonho, conservando os olhos fixos como quem olha um objeto que lhe causa grande consolação. Pensando que talvez quisesse o crucifixo coloquei-o em suas mãos: mas ele o tomou, beijou, e depôs no leito, reerguendo imediatamente as mãos com ímpeto de alegria. Naquele instante o rosto parecia saudável e corado mais que no estado normal de saúde. Parecia que lhe brilhava na face tal beleza, tal esplendor que eclipsou todas as luzes da enfermaria. O rosto despedia tão intensa luz que o sol do meio-dia mais pareceria negra treva. Todos os presentes, dez ao todo, não só ficaram assustados, mas aturdidos, atônitos e em profundo silêncio mantinham o olhar fixo no rosto de Besucco, que irradiava uma claridade semelhante à da luz elétrica, obrigando-os a baixar os olhos. Mas a maravilha geral cresceu de ponto quando o enfermo, levantando um pouco a cabeça e estendendo o mais possível as mãos como quem aperta a mão de pessoa amada, começou com voz jubilosa e sonora a cantar assim:

*Louvai a Maria,
Ó línguas fiéis,
Ressoe nos Céus
A vossa harmonia.*

Fazia em seguida repetidos esforços para erguer o corpo, que de fato se ia elevando, ao passo que estendendo as mãos devotamente unidas, se pôs novamente a cantar:

Sávio, Magone, Saccardi, Provera... É um privilégio de adolescentes e de jovens levados pelo impulso de seu amor generoso? Referimos aqui a morte "luminosa" e "alegre" de Francisco tal como Dom Bosco, testemunha juntamente com outras nove pessoas, ele o afirma, a narrou no capítulo XXXI. Lembramos somente que Teresa de Lisieux, antes de exalar o último respiro, recobrou seu belo semblante e, "com os olhos brilhantes de paz e alegria", teve um êxtase "da duração quase de um Credo" (*Derniers entretiens*, p. 384). A ccisa mais impressionante em Francisco é esse cântico cheio de alegria: entra cantando na felicidade do Mestre.

*Ó Jesus de amor ferido
Nunca houvera-te ofendido,
Ó meu doce e bom Jesus,
Nunca mais te pregue em cruz.*

E sem nenhuma interrupção entoou a loa :

*Perdão, Jesus querido,
Meu Deus, piedade,
Antes a morte
Que tornar a ofender-te.*

Permanecíamos todos em silêncio, e os nossos olhares concentravam-se no doente que parecia transformado num Anjo com os Anjos do Paraíso. Para quebrar o assombro o Diretor disse: — Creio que neste momento o nosso Besucco recebe alguma graça extraordinária do Senhor ou de sua Mãe celeste, da qual foi tão devoto em vida. Quem sabe veio Ela mesma convidar a sua alma para levá-la consigo para o Céu.

O P. Alasonatti, prefeito, exclamou: — Ninguém se assuste. O menino está em comunicação com Deus. — Besucco continuou a cantar, mas as palavras saíam-lhe truncadas e mutiladas, como a responder a amorosas perguntas. Pude colher somente estas: Rei do Céu... Tão lindo... Sou um pobre pecador... Eu vos dou o meu coração... Dai-me o vosso amor... Meu caro e bom Senhor... Deixou-se então reclinar naturalmente na cama. Cessou a luz maravilhosa, seu rosto voltou a ser como dantes; reapareceram as outras luzes e o doente não dava mais sinal de vida. Mas percebendo que não se rezava mais, nem se lhe sugeriam jaculatórias, voltou-se de pronto para mim dizendo: — Ajude-me, rezemos. Jesus, José, Maria, assisti-me nesta minha agonia. Jesus, José, Maria, expire em paz entre vós a minha alma.

Recomendei que se calasse, mas sem dar-se por entendido continuou: — Jesus em minha mente, Jesus na minha boca, Jesus no meu coração; Jesus e Maria eu vos dou a minha alma. — Eram as onze quando quis falar, mas não podendo, disse apenas esta palavra:

O crucifixo. Entendia com esta palavra a bênção do crucifixo com a indulgência plenária em artigo de morte, coisa que havia muitas vezes pedido e que eu prometera.

Dada a bênção, o Prefeito pôs-se a ler o *Proficiscere* enquanto os demais rezavam de joelhos. Às onze e um quarto Besucco fixando em mim os olhos esforçou-se por sorrir à maneira de cumprimento, em seguida levantou os olhos ao céu indicando que estava para partir. Poucos instantes depois sua alma deixava o corpo e voava gloriosa, como com sobejas razões esperamos, para o gozo da glória celeste na companhia dos que com a inocência da vida serviram a Deus neste mundo, e agora dele gozam e eternamente o bendizem.

(ed. Caviglia, 84-85)

III. CARTAS A JOVENS

Nos escritos anteriores, Dom Bosco se dirigia a todos os jovens tomados globalmente, para apresentar-lhes o seu ideal de santidade quer na forma teórica do Jovem Instruído, quer na forma concreta das três biografias. As biografias atestam, porém, até que ponto sua atuação de educador e pai era individualizada. Este é justamente um dos aspectos mais surpreendentes da sua ação, e talvez o seu maior milagre: ser tão desapegado de si e tão zeloso, em meio à multidão dos seus adolescentes, que encontrava tempo, oportunidade e maneira de considerar e tratar cada um como um ser único, redimido por Cristo, com sua vocação particular, como alguém que deve ser ajudado a descobrir a sua personalidade e o designio secreto de Deus a seu respeito.

De tal atitude temos prova tangível nas cartas que escreveu a numerosos meninos, ainda adolescentes, ou jovens na idade em que cada um deve escolher o próprio futuro. Escreviam-lhe com confiança, para pedir conselho, ou apenas para manifestar-lhe afeto; e ele respondia sempre. Os correspondentes podem-se enquadrar em duas categorias: alguns eram os seus "filhos", de Valdocco ou de qualquer de suas casas; outros pertenciam a alguma família nobre onde recrutava seus benfeitores. Todos, aos seus olhos, eram filhos de Deus que deviam ser conduzidos pelo caminho da vida temporal e eterna.

Algumas vezes, sobretudo nos períodos de festa (ano novo, seu onomástico...), quando a abundância

das ocupações o impedia de responder à grande quantidade de cartas recebidas, escrevia uma resposta coletiva aos meninos de uma casa, aos estudantes, aos aprendizes, aos alunos de uma classe... Mesmo então, conhecendo o contexto, respondia de maneira concreta e circunstanciada.

Reaparece na correspondência a doutrina substanciosa do santo educador. Transluz sobretudo a sua santidade concretamente vivida. A preciosidade das cartas está no fato de nos apresentarem um Dom Bosco no ato da caridade, caridade aureolada das virtudes mais tipicamente salesianas: o carinho, a confiança, a alegria que impele sempre para a frente, o estímulo ao esforço, o olhar voltado para Deus e o seu santo serviço... Tudo isso, em estilo vivo, rápido, enérgico.

Apresentamos em ordem cronológica as cartas individuais, depois as coletivas, servindo-nos dos quatro volumes do Epistolario, e vez por outra das notas do editor P. Eugênio Ceria (cf. Introdução, pp. 25-26).

57. "Lembras o contrato que nós dois firmamos?"

A um aluno da 3.ª série ginásial, filho do advogado Roggeri di Sanfront (Epist. I, 138).

Meu caro Zezinho,

Fizeste bem em escrever-me. Fiquei contente. Quando o altarzinho estiver completamente pronto, irei para fazer um sermãozinho como prometi, e então continuaremos a falar da nossa amizade e dos nossos negócios particulares. Lembras o contrato que nós dois estipulamos e firmamos? Seremos amigos, e unirmo-nos para amar a Deus com um só coração e uma só alma.

O gosto que sentes, como me escreves, de entreter-te com as coisas sagradas é bom, e quer dizer que Deus te quer bem, e que tu também deves empenhar-te muito em amá-lo. Quer dizer ainda uma outra coisa⁽¹⁾ que vou dizer só para ti quando chegares a Turim.

(1) A vocação, sem dúvida.

Gostaria muito que saudasses papai e mamãe em meu nome; darás um bom-dia ao Sr. Vigário, e farás uma carícia no teu irmãozinho.

Deus vos conserve a todos em saúde e graça, e se queres ser meu amigo vai rezar uma *Salve* a N. Senhora por mim, que de todo o coração sou o teu

af.mo amigo
P. J. Bosco

Turim, 8 de outubro de 1856

58. “Cobra ânimo. Faze-te rico... da verdadeira riqueza”

A Otávio Pavia, jovem, aprendiz de alfaiate (Epist. I, 183-183).

Meu caro Pavia,

Recebi a carta que me escreveste e agradeço a boa lembrança que conservas de nós. Cobra ânimo; faze-te rico; mas lembra-te de que a primeira riqueza e a única riqueza verdadeira é o santo temor de Deus.

Está atento aos teus deveres, tem confiança nos teus patrões, ama-os e respeita-os.

Trabalhamos para o paraíso.

O Senhor te conserve sempre no caminho da virtude; reza por mim e considera-me todo teu

P. J. Bosco

Turim, 29 de janeiro de 1860

59. “Mesmo como soldado continua corajoso cristão”

Três anos depois, ao mesmo Otávio Pavia, nas manobras do campo de S. Maurizio Canavese. Os colegas a que alude Dom Bosco são provavelmente os que conheceu no Oratório de Valdocco (Epist. I, 275).

Meu caro Pavia,

Tudo muito bem feito. Antes qualquer fadiga e qualquer sofrimento que colaborar com quem ofende a

N. Senhor. Continua na companhia dos bons, evita os depravados que têm conversas más.

Dize aos teus companheiros que muito os amo no Senhor; todas as manhãs hei de recomendar-te e a eles também ao Senhor, para que vos dê saúde e sua santa graça.

Se tu ou algum deles vierdes a Turim, vinde aqui conosco para comer e dormir, e entretanto falaremos também das coisas da alma.

Procura entregar em mãos, se puderes, a carta que junto a esta. É para um jovem de boa vontade; fala com ele e faze-te amigo dele e ficarás contente. Não esquecerei o negócio que me recomendas. Deus te abençoe a ti e aos teus companheiros e considera-me sempre teu de coração

Vosso af.mo amigo
P. J. Bosco

Turim, 15 de julho de 1863.

60. Conselhos a um aluno do Oratório em férias

Da casa de retiro de S. Inácio, Dom Bosco responde uma carta de um aluno do Oratório, Estêvão Rossetti, de Montafia, que será mais tarde reitor do seminário de Asti (Epist. I, 194).

Amadíssimo filho,

A carta que me escreveste causou-me imenso prazer. Mostras nela que compreendeste minhas disposições para contigo. Sim, meu caro, eu te amo de todo o coração, e o meu amor me leva a fazer tudo quanto posso para fazer-te progredir no estudo e na piedade e guiar-te pelo caminho do Céu.

Lembra os muitos conselhos que te dei em várias circunstâncias; conserva-te alegre, mas a tua alegria seja verdadeira, como a que nasce de uma consciência limpa do pecado. Estuda para te tornares muito rico, mas rico de virtudes, porque a maior riqueza é o santo temor de Deus. Foge os maus, sê amigo dos bons; põe-te nas mãos do Sr. teu pároco e segue seus conselhos e tudo irá bem.

Saúdações a teus pais; reza por mim, e enquanto Deus te mantiver longe de mim, peço-lhe que te conserve sempre dele até voltares para cá, ao mesmo tempo que sou com paterno afeto teu

Af.mo
P. J. Bosco

S. Inácio (Lanzo), 25 de julho de 1860.

61. “Faze-te amigo da humildade, da caridade e da castidade”

No mesmo dia, Dom Bosco escrevia um bilhete a outro aluno do ginásio de Valdocco, Domingos Parigi. Atraído pela fama de Dom Bosco, o menino viera sozinho de Chieri para o Oratório em 1859, pedindo que o aceitassem. Foi aceito, fez o ginásio, entrou para o seminário, e morreu em 1899 como pároco de São Francesco al Campo de Turim (cf. MB VI, 297). Dom Bosco gostava de escrever em latim aos estudantes do ginásio, como sinal de apreço pelos seus conhecimentos (Epist. I, 195).

Parigi fili mi,

Si vis progredi in viam mandatorum Dei, perge quemadmodum aliquo abhinc tempore coepisti. Quod si volueris animam tuam pretiosis margaritis exornare, amicitiam constitue cum humilitate, caritate et castitate. Eo sanctor eris, quo strictior erit haec amicitia ⁽¹⁾.
Ora pro me. Vale

Sac. Bosco J.

S. Ignatii, 25 julii 1860.

62. “Grande consolação pelo momento em que estivemos juntos”

A Severino Restagno, estudante em Pinerolo. Um encontro com Dom Bosco deixara-lhe profunda impressão, tanto assim que depois escreveu-lhe várias vezes (cf. MB VI, 762-768). Dom Bosco dissera-lhe algumas palavras ao ouvido, que não puderam ser ouvidas pela mãe que se achava presente. Tais palavras produziram nele um efeito extraordinário. Não quis nunca revelá-las a ninguém, nem sequer à mãe (Epist. I, 198).

(1) Se quiseres progredir no caminho dos preceitos divinos, continua como começaste já há algum tempo. E se quiseres ornar tua alma de pedras preciosas, faze-te amigo da humildade, da caridade e da castidade. Quanto mais estreita for essa amizade, mais santo serás.

Meu caríssimo filho,

Tua carta causou-me prazer. Se experimentaste grande consolação por aquele momento de tempo em que estivemos juntos conversando ligeiramente, que alegria não será para nós quando, com a ajuda de Deus, vivermos sempre felizes no Céu onde havemos de juntar nossas vozes para louvar o nosso Criador por toda a eternidade?

Coragem, pois, meu filho, permanece firme na fé, cresce dia a dia no santo temor de Deus; guarda-te dos maus companheiros como de serpentes venenosas, frequenta os sacramentos da confissão e da comunhão; sé devoto de Maria Santíssima e serás certamente feliz.

Quando te vi pareceu-me divisar um plano da Divina Providência para ti; não o digo por ora: se vieres ver-me outra vez falarei mais claramente e saberás então o motivo de algumas palavras ditas nessa ocasião.

Que o Senhor dê a ti e à tua mãe saúde e graça; reza por mim que sou de coração teu

Af.mo

P. J. Bosco

Turim, 5 de set. de 1860.

63. O marquesinho prepara-se para a primeira comunhão

Aqui está uma das numerosas cartas enviadas por Dom Bosco a alguns membros da família De Maistre, família de muita fé e das mais generosas para com ele. Durante a primeira viagem a Roma, em 1858, jora hóspede do conde Rodolfo, primogênito do célebre autor de Il Papa, Le serate di San Petersburgo, José de Maistre. Esteve posteriormente em contacto com sua numerosa família: cinco filhos, entre eles Emanuel e Eugênio, e seis filhas, entre as quais Maria, esposa do Marquês Fassati di Turim, e mãe de dois filhos aos quais Dom Bosco gostava de escrever: Azélia (que desposará o barão Carlos Ricci des Ferres) e Emanuel. A carta que transcrevemos é dirigida a Emanuel, que então beirava pelos dez anos e passava o verão em Montemagno, lugar de vilegiatura da família Fassati, com um primo, o jovem conde Estanislau Medolago de Bergamo, futuro sociólogo católico. A palavra francesa maman (mamãe) era empregada nas famílias nobres piemontesas (Epist. I, 290).

Caro Emanuel,

Enquanto gozas do campo com o bom Estanislau, venho com *maman* fazer-te uma visita com este bilhete que tenho o dever de escrever-te.

Meu escopo é traçar um belo projeto para ti; escuta, pois. A idade, os estudos que estás fazendo parecem suficientes para seres admitido à primeira comunhão. Eu então queria que a próxima Páscoa fosse para ti o grande dia da tua primeira comunhão. Que achas, querido Emanuel? Experimenta falar com teus pais e ouvir-lhes a opinião. Mas queria que desde agora começassem a preparar-te, sendo de modo especial exemplar no praticar o seguinte :

1.º Obediência exata aos teus pais e aos outros teus superiores sem jamais fazer oposição a qualquer ordem;

2.º Pontualidade no cumprimento dos deveres, especialmente nos de escola, sem que nunca te tenham de repreender para que os cumpras;

3.º Apreciar muito todas as coisas de devoção. Por isso fazer bem o sinal da santa cruz, rezar de joelhos em atitude composta, assistir com exemplaridade às coisas de igreja.

Bem contente ficaria se me respondesses a respeito das propostas que te fiz. Peço-te que saúdes Azélia e Estanislau em meu nome. Conservai-vos todos alegres no Senhor.

Deus vos abençoe a todos; rezai por mim; tu especialmente, caro Emanuel, dá-me satisfação pelo teu bom procedimento, e acredita-me sempre teu

Af.mo amigo
P. J. Bosco

64. À marquesinha: "Sê a consolação de papai e de mamãe"

Muitas vezes a marquesinha Azélia escrevia a Dom Bosco em nome de sua mãe, marquesa Maria Fassati, e Dom Bosco respeitava essa gentil mediação. A marquesa estava preparando

em Montemagno uma festa do Coração de Maria para o dia 8 de setembro. A festa seria precedida de um tríduo de pregação à maneira de exercícios espirituais. Apenas regressou de Lanzo S. Ignazio, Dom Bosco informa que encontrou o companheiro para a pregação. Com Emanuel empregava o tu. Com Azélia, embora muito jovem, não toma essa liberdade (Epist. I, 232).

Caríssima em Jesus e Maria,

Combinamos com o côn. Galletti que iremos a Montemagno para honrar a Maria. Precisamos apenas saber:

1.º Quando começará e quantas pregações.

2.º Se se costuma pregar em italiano ou em piemontês.

Muito lhe agradeço as belas notícias que me dá; sinto não poder escrever muito. Recomendo-lhe que seja de consolação para papai e mamãe, e de exemplo para Emanuel mediante uma conduta verdadeiramente cristã. O inimigo das almas quererá também submetê-la à prova; não tema, obedeça, confie em Jesus Sacramentado e em Maria Imaculada.

A bênção de Deus esteja com a senhora, com papai e mamãe e com o meu amigo Emanuel. Rezem também por mim, que de todos me professo.

Obr.mo servo
P. J. Bosco

Turim, 15 de ag. de 1862.

65. "Os outros estão preocupados. Tenho confiança em ti"

A expulsão dos jesuitas e de outras congregações dedicadas ao ensino havia determinado o fechamento dos colégios piemonteses para nobres, por isso as famílias aristocráticas mandavam os filhos estudar em ambiente cristão na vizinha França. Assim o marquesinho Emanuel Fassati foi enviado aos jesuitas de Mo:igré, perto de Lião, dia 1.º de outubro de 1863 (cf. Epist. I, p. 282). Dom Bosco não deixou de acompanhá-lo com afetuosas palavras de encorajamento (Epist. I, 398).

Caro Emanuel,

Na tua amável carta, que tiveste a gentileza de enviar-me, pedias que rezasse para que a Santíssima Virgem te concedesse boa vontade e energia para estudar. Assim fiz de bom grado e de coração durante todo o mês de Maria. Não sei entretanto se fui atendido. Gostaria muito de saber; ainda que tenha razões para crer que sim. Papai, mamãe e Azélia estão bem; vejo-os muitas vezes às cinco e meia da tarde e nossa conversa gira em grande parte sobre ti. Os outros estão sempre preocupados com receio que não progridas nos estudos e assim se acrescenta novo aborrecimento aos muitos que como sabes tiveram neste ano. Eu os consolo sempre, apoiado na inteligência, boa vontade e promessas de Emanuel. Estarei errado? Acredito que não. Mais dois meses, e depois que bela festa se teus exames forem bem! Portanto, querido Emanuel, continuarei a recomendar-te ao Senhor. Esforça-te: fadiga, diligência, submissão, obediência, tudo isso deve funcionar, para que os exames sejam bons.

Deus te abençoe, querido Emanuel; sê sempre a consolação dos teus pais com o bom procedimento: reza também por mim que sou de coração teu

Af.mo amigo

P. J. Bosco

Turim, 1.º de junho de 1866.

Acrescentamos este trecho, conclusão de uma carta a Emanuel, já mais crescido, aos 14 de setembro de 1868 (Epist. I, 574):

Caríssimo Emanuel,

Estás atravessando a idade mais perigosa, mas a mais bela da vida. Coragem: qualquer sacrifício, por pequeno que seja, feito na juventude proporciona um tesouro de glória no Céu.

66. Em Roma, não esquece o sapateiro Bernardo

Duas cartinhas enviadas por Dom Bosco quando se encontrava em Roma por ocasião do Concílio Vaticano. Tinha tempo

tempo para responder também aos seus aprendizes de Valdocco. Bernardo Musso, sapateiro, foi depois coadjutor salesiano e chefe de oficina em Buenos Aires. As duas cartas estão sem data, mas foram enviadas com outras em fevereiro de 1870. (Epist. II, 78-79).

Meu caríssimo Musso,

Recebi tua carta e entendo o que me queres dizer. Fica sossegado. Eu me preocuparei contigo; de tua parte pensa em ser exemplar no cumprimento dos teus deveres, sobretudo impedindo as más conversas entre os teus colegas. Deus fará o resto.

Saúda o teu chefe e os teus colegas; logo estarei convosco. Rezai por mim que sou de coração

Af.mo em J. C.
P. J. Bosco

Meu caro Bernardo Musso,

Tenho agora necessidade de ser ajudado pelas tuas orações e pelas dos teus companheiros. Procura, pois, entre os teus amigos os que me queiram ajudar e leva-os todos os dias ao altar de Jesus Sacramentado para recomendar-lhe as minhas necessidades. Quando voltar a Turim, me apresentarás os que te acompanharam nas visitas e darei a todos eles uma boa lembrança.

Teu af.mo amigo
P. J. Bosco

67. “Fica sossegado. Sê bom. Quanto ao resto deixa por minha conta”

Mais duas cartinhas, desta vez a um aluno do Oratório, depois estudante no colégio de Lanzo. Agostinho Anzini vinha do Cantão Ticino. Desejava ser salesiano, mas estava em dúvida por motivos de saúde, confiando a Dom Bosco sua indecisão. Os dois bilhetes foram escritos com o intervalo de um mês (Epist. II, 293 e 1104).

Caríssimo Anzini,

Fica sossegado. Quando pudermos conversar, havemos de ajustar as coisas para que corram bem no

tempo e na eternidade. Alegria, oração, sagrada comunhão, são os nossos sustentáculos.

Deus te abençoe e reza por mim que sou em J. C. teu

Af.mo amigo

P. J. Bosco

Turim, 20-7-73

Caríssimo Anzini,

Fica tranqüilo; nos exercícios espirituais arranjaremos tudo. Procura somente tornar-te bom como S. Luís, quanto ao resto deixa por minha conta.

Deus te abençoe. Acredita-me

Af.mo em J. C.

P. J. Bosco

68. “Meu filho, não te assustes com as tentações”

Carta em latim a um estudante tentado, José Quaranta. Foi depois sacerdote salesiano na Argentina (Epist. II, 450).

Fili mi,

Litteris mandans secreta cordis tui optime gessisti. Nonnulla nunc consilia accipe. Noli pertimescere, fili mi, si pulsant tentationes. Casum tantum time. Idest cum post tentationem malum opus sequatur. Preces jaculatoriae frequentes sint in ore tuo. Oscula Sacrarum Numismatum SS. Crucifixi persaepe elice. Usque in praesentem diem de tua conscientia securus esto.

Si diligis me, ora pro me.

Gratia D.N.I. Ch. sit semper nobiscum ⁽¹⁾.

Conservus tuus

Joannes Bosco sacerdos

Taurini, 4 febraio 1875.

(1) Fizeste muito bem em abrir-me por carta o teu coração. Aqui vão alguns conselhos. Não te assustes, meu filho, com as tentações. Receia somente cair; quero dizer a má ação, consequência da tentação. Dize frequentes jaculatórias. Beija muitas vezes imagens do Crucifixo. Até o dia de hoje fica tranqüilo quanto à tua consciência. Se me amas, reza por mim. A graça de N. S. J. C. esteja sempre conosco.

69. “Com a mesma consolação te aceito entre os meus filhos salesianos”

A Pedro Radicati, dos condes de Primeglia, estudante no colégio de Alassio e aspirante à Congregação. Recebeu a batina no outono seguinte junto com o irmão Carlos (Epist. III, 347).

Meu caro Pedro Radicati,

Li com prazer tua carta. Com igual consolação te aceito entre os meus filhos Salesianos. Exigem-se ciência e virtude; mas com a ajuda de Deus conseguirás uma e outra. A seu tempo podes também tornar-te Missionário, mas isso combinaremos juntos.

Deus te abençoe, meu querido filho, e reza por mim que sou sempre em J. C. teu

Af.mo amigo
P. J. Bosco

Turim, 24 de maio de 1878

70. “Chiquinho, Dom Bosco que ser teu pai”

Francisco Bonmartini era filho único da condessa Bonmartini-Mainardi de Pádua, piedosa viúva, zelosa cooperadora e filha espiritual de Dom Bosco (na igreja do S. Coração de Roma, o seu nome está gravado na primeira coluna à direita). Temos dezessete cartas do santo das quais sete endereçadas à condessa, duas ao filho, e oito ao seu virtuoso preceptor P. Túlio de Agostini (MB XV, 667-679). Francisco cursava a quinta série ginásial no seminário de Pádua quando a mãe adoeceu gravemente. “Chiquinho” era muito estimado por Dom Bosco (Epist. IV, 350).

Meu caro Chiquinho,

Escreves-me que são muito graves as notícias de tua Mamãe. Sinto muito. Todos os nossos orfãozinhos, em todas as nossas igrejas se reza incessantemente por ela.

Aconteça o que acontecer, sabes que Dom Bosco prometeu a ti, à Mamãe, ao P. Túlio que seria teu pai sobretudo com relação à tua alma.

Para qualquer coisa não estamos distantes.

Se Mamãe pode compreender, dize-lhe que falaremos das nossas coisas na bem-aventurada eternidade.

Para ti, para o P. Túlio o quarto está preparado.
Maria seja em tudo guia para o Paraíso.

Af.mo amigo
P. João Bosco

Turim, 15 de dezembro de 1885

Citamos agora diversas cartas enviadas coletivamente aos jovens do Oratório ou de outras casas. Lidas e comentadas na "boa-noite", causavam grande impressão aos destinatários. Dom Bosco abria para eles o coração todo carinho, e dava conselhos, fazia advertências, usando mais de uma vez seu dom carismático de ver de longe e de conhecer os estados da alma. Impressiona o fato que, amiudadas vezes, fez questão de escrever longas cartas.

71. "Filhos, sois a minha delícia e a minha consolação"

A primeira que apresentamos foi enviada aos meninos do Oratório de S. Inácio, Lanzo, aonde como de hábito Dom Bosco fora para os exercícios espirituais. O P. Alasonatti era então prefeito da casa (Epist. I, 207).

Meus jovens e filhos caríssimos,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco.

São poucos dias que vivo afastado de vós, ó meus amados filhos, e me parece haverem transcorrido vários meses. Sois deveras a minha delícia e a minha consolação e me faltam uma coisa e outra quando estou longe de vós.

O P. Alasonatti me comunicou que rezastes por mim e vos agradeço; eu também todas as manhãs na santa missa recomendei sempre de modo especial ao Senhor as vossas almas. Devo, porém, dizer-vos, que passei convosco a maior parte do tempo, observando em particular e em geral quanto estais fazendo e pensando. Das coisas em particular, que infelizmente existem e graves, falarei depois a cada um conforme a necessidade assim que chegar a casa. Com relação às coisas em geral estou muito contente e vós também tendes muitos motivos para tanto. Há todavia uma coisa de grande importância a remediar, e é a maneira

muito apressada com que se rezam as orações em comum. Se me quiserdes fazer coisa muito grata e ao mesmo tempo agradável ao Senhor e útil às vossas almas, procurai rezar com calma, destacando bem uma palavra de outra e pronunciando por inteiro as consoantes e as sílabas que compõem as palavras.

Aí está, amados jovens, a coisa que vos proponho e que ardentemente desejaria ver levada a efeito à minha chegada a casa.

De aqui a três dias estarei de novo convosco e com a ajuda do Senhor espero contar muita coisa que vi, li, ouvi.

O Senhor Deus dê a todos vós saúde e graça e nos ajude a formar um só coração e uma só alma para amar e servir a Deus todos os dias da nossa vida e assim seja.

Af.mo amigo em J. C.
P. J. Bosco

De S. Inácio, 23 de julho de 1861.

PS. — Queria ainda escrever uma carta ao P. Turchi, a Rigamonti, a Plácido Perucatti, a Bagnasacco, a Stassano e a Cuniolo; mas me falta o tempo. Direi depois oralmente.

72. “Maria, sede para os nossos estudantes a sede da verdadeira sabedoria”

Ao aproximar-se o tempo de abrir a primeira casa fora de Turim, o colégio de Mirabello, Dom Bosco foi em piedosa peregrinação ao célebre santuário de Oropa nos montes bielenses para recomendar a fundação a N. Senhora. E como muitos estudantes do Oratório haviam regressado à família após a festa dos prêmios, escreveu-lhes de lá esta carta (Epist. I, 277).

Caríssimos filhos estudantes,

Se vós, ó meus queridos filhos, estivésseis neste monte ficaríeis certamente comovidos. Um grande edifício em cujo centro há uma igreja, forma o que comumente se chama Santuário de Oropa. Há aqui um continuo vaivém de pessoas. Alguns agradecem a Nossa

Senhora as graças recebidas, outros imploram que os livre de um mal espiritual ou temporal, outros pedem a Nossa Senhora que os ajude a perseverar no bem, outros ainda a ter uma santa morte. Jovens e velhos, ricos e pobres, camponeses e senhores, cavalheiros, condes, marqueses, artesões, comerciantes, homens, mulheres, vaqueiros, estudantes de todas as condições vemo-los continuamente aproximar-se em grande número dos santos Sacramentos da confissão e da comunhão e em seguida dirigir-se para junto de uma estupenda estátua de Maria SS.ma a fim de implorar-lhe a celeste proteção.

Mas no meio de tanta gente o meu coração sentia um vivo pesar. Por quê? Não via os meus queridos jovens estudantes. Ah! sim, por que não posso ter meus filhos aqui, levá-los todos aos pés de Maria, oferecê-los a Ela, colocá-los todos sob sua celeste proteção, fazer de todos eles um Domingos Sávio, um São Luís?

Para confortar o meu coração fui ao seu prodigioso altar e prometi a Ela que chegando a Turim faria tudo quanto pudesse para inocular nos vossos corações a devoção a Maria, e recomendando-vos a Ela pedi para vós algumas graças especiais. Maria, disse-lhe, abençoai toda a nossa casa, afastai do coração dos nossos jovens até a sombra do pecado; sede guia dos estudantes, sede para eles a sede da verdadeira sabedoria. Somos todos vossos, sempre vossos, e tendê-os como filhos vossos e conservai-os entre os vossos devotos. Creio que a Santa Virgem me atendeu e espero que me haveis de ajudar para que possamos corresponder à voz de Maria, à graça do Senhor.

Que a Santa Virgem me abençoe, abençoe todos os sacerdotes e clérigos e todos os que empregam suas fadigas pela nossa casa, abençoe a todos vós. Ela do céu nos ajude, e faremos todo esforço para merecer-lhe a santa proteção na vida e na morte. Assim seja.

Af.mo amigo em J. C.
P. J. Bosco

Do Santuário de Oropa, 6 de agosto de 1863.

73. Dom Bosco comenta S. Paulo para os seus aprendizes

Desde fins de 73, Dom Bosco encontrava-se em Roma para os últimos acertos relativos à aprovação das Constituições. Quis escrever ao grupo dos aprendizes do Oratório e ao P. Lazzerro, "catequista" deles. A carta é um dos documentos em que mais claramente se manifesta Dom Bosco "salvador" das almas "todas redimidas pelo sangue precioso de J. C.". A Companhia de S. José reunia os aprendizes desejosos de maturidade espiritual (Epist. II, 339-340).

Caríssimo P. Lazzerro e caríssimos aprendizes,

Embora tenha escrito uma carta para todos os meus amados filhos do Oratório, como os aprendizes são a menina dos meus olhos, e como pedi para eles uma bênção especial do Santo Padre, penso vos ser agradável satisfazendo o meu coração com uma carta.

Que eu vos queira muito bem não é preciso que o diga, dei-vos provas evidentes. Que me quereis bem, não preciso que o digais, porque mo haveis constantemente demonstrado. Mas essa afeição recíproca sobre que se funda? Na bolsa? Não na minha, pois a gasto para vós; não na vossa, porque, não vos ofendais, não tendes.

Portanto a minha afeição se funda no desejo que tenho de salvar vossas almas, que foram todas redimidas pelo sangue precioso de J. C., e vós me amais porque procuro guiar-vos pelo caminho da salvação eterna. E assim o bem das nossas almas é que é o fundamento da nossa afeição.

Mas, meus queridos filhos, tem cada um de nós um procedimento que tende à salvação da alma ou antes à sua perdição? Se o nosso Divino Salvador nos chamasse neste momento ao seu divino tribunal para sermos julgados encontrar-nos-ia a todos preparados? Propósitos feitos e não mantidos, escândalos dados e não reparados, conversas que ensinam o mal aos outros, são coisas a respeito das quais devemos temer uma recriminação.

Enquanto, porém, J. C. poderia com razão fazer tais recriminações, estou persuadido de que muitos se

apresentariam com a consciência limpa e com as contas da alma bem em ordem, e isso é a minha consolação.

De qualquer maneira, ó meus caros amigos, tende coragem; não deixarei de rezar por vós, de trabalhar por vós, de preocupar-me convosco, e vós deveis ajudar-me com a vossa boa vontade. Ponde em prática a palavra de S. Paulo que aqui traduzo:

Exorta os jovenzinhos a serem sóbrios, a que nunca se esqueçam que todos devem morrer, e que depois da morte deveremos todos comparecer diante do tribunal de Jesus. Quem não sofre com J. C. na terra não pode ser coroado com Ele de glória no céu. Fugi o pecado como o vosso maior inimigo, e fugi a fonte dos pecados, isto é, as más conversas que são a ruína dos costumes. Dai-vos mútuo bom exemplo nas obras, nas conversas, etc. etc. O P. Lazzero vos dirá o resto.

Entretanto, ó meus caros, recomendo-me à vossa caridade, que rezeis de modo especial por mim, e os da Companhia de S. José, que são os mais fervorosos, façam uma santa comunhão por mim.

A graça de N. S. J. C. esteja sempre conosco, e nos ajude a perseverar no bem até à morte. Amém.

Vosso af.mo amigo
P. J. Bosco

Roma, 20-74.

74. "Caríssimos estudantes, sois donos do meu coração"

Santa emulação! O P. Lazzero havia conseguido de Dom Bosco uma carta exclusivamente para os aprendizes. Então o clérigo João Cinzano, assistente geral dos estudantes do Oratório recorreu a um meio engenhoso a fim de conseguir uma só para os estudantes (Epist. II, 361-362).

Caríssimo Cinzano e caríssimos todos os teus estudantes,

Fizeste uma proposta ótima ao empenhar os teus alunos em presentear-me com duas semanas de ótimo procedimento. Louvável a idéia, muito louvável o bom

resultado. Não falas de ti, mas dizendo que por duas semanas todos ganharam *optime*, acredito que nessa palavra está compreendida também a tua reverenda pessoa, não é verdade?

Agradeço-te e agradeço a todos os estudantes o presente que me destes; eu assim que chegar a casa demonstrarei a minha gratidão. Um copo de vinho puro, um prato, um doce, etc. etc., serão o sinal de satisfação que darei a cada um.

Dentro de pouco estarei novamente convosco, convosco que sois o objeto dos meus pensamentos e das minhas solicitudes, convosco que sois donos do meu coração, e que, como diz S. Paulo, onde quer que eu esteja, sois sempre *gaudium meum et corona mea*.

Sei que rezastes por mim, e vos fico muito grato; contarei depois o fruto das vossas orações.

Mas, meus queridos filhos, *motus in fine velocior*, preciso agora que redobreis as orações e o fervor; e que continueis no vosso bom procedimento. É pouco o que posso fazer por vós, mas muito grande é o prêmio que Deus vos prepara no céu.

Eu também rezarei por vós, abençoo-vos a todos de coração, e vós fazei por mim uma vez a sagrada comunhão com um *Pater* e *Ave* a S. José. A graça de N. S. J. C. esteja sempre convosco. *Amen*.

Tu vero, Cinzane, fili, age viriliter ut coroneris feliciter, perge in exemplum bonorum operum. Argue, obsecra, increpa in omni patientia et doctrina. Spera in Domino: ipse enim dabit tibi velle et posse. Cura ut coniuges Viancino visites, eosque verbis meis saluta, eisque nomine meo omnia fausta precare. Vale in Domino.

Ioannes Bosco sacerdos

Romae, nonis martii MDCCCLXXIV ⁽¹⁾.

(1) Tu, meu filho, comporta-te como homem (de 1 Cor. 16,13) para seres vitoriosamente corcado, continua a dar bom exemplo. Admoesta, corrige, exorta com toda magnanimidade e doutrina (2 Tim 4,2). Espera no Senhor: ele te dará vontade e força. Procura fazer uma visita ao casal Viancino e saúda-os em meu nome, desejando lhes em meu nome todo o bem. Saúdo-te no Senhor. Roma, 7 de março de 1874.

75. Boas-festas de ano novo "aos amados filhos de Mirabello"

Além do Oratório, as casas que tiveram o privilégio de receber cartas "íntimas" de Dom Bosco foram o pequeno seminário de Mirabello (diocese de Casale), aberto a 2 de outubro de 1863 com um diretor de 26 anos, Miguel Rua, e o colégio de Lanzo, aberto em outubro de 1864 sob a direção do P. Ruffino, que logo faleceu e foi substituído pelo P. Lemoyne. As duas casas foram assim como um campo experimental para todas as outras e um viveiro de vocações sacerdotais e salesianas. Dom Bosco tinha para com elas atenções especiais.

Dois meses após a abertura de Mirabello, fizera uma primeira visita (cf. MB VII 575). No fim do ano, escreveu esta carta, na qual se incluíam quinze bilhetes autógrafos, dirigidos pessoalmente aos vários assistentes e jovens (Epist. I, 298-300).

Aos meus amados filhos do pequeno seminário de S. Carlos em Mirabello,

A graça de N. S. J. C. esteja sempre conosco. *Amen.*

Os sinais de afeto filial que vós, filhos muito queridos, me destes quando tive o prazer de fazer-vos uma visita, haviam-me decidido a ir procurar-vos novamente nestes dias de festas e de votos de felicidades. Não podendo fazê-lo pelas ocupações que me prendem, limito-me a escrever-vos uma carta para vos expor algumas preocupações do meu coração paterno.

Em primeiro lugar agradeço-vos tudo quanto fizestes por mim, as saudações que me foram enviadas, as orações elevadas a Deus pelo bem da minha alma; como também vos agradeço o afeto que tendes para com o P. Rua e para com os demais superiores desse seminário. Como estive convosco, indo muitas vezes ver-vos com o espírito, julgo conveniente dizer-vos quanto pude observar em particular (para isso escrevo bilhetes à parte) e em geral.

Com verdadeira satisfação observei maior frequência aos santos sacramentos da confissão e da comunhão, atitude mais devota na igreja, especialmente na oração da noite, maior caridade em suportar as amolações dos companheiros, e em muitos o esforço de progredir no estudo e de combater os vícios e as más tentações. Isso eu observei com grande prazer de minha parte; todavia,

se me permitir, devo dizer-vos muitas coisas que muito me amarguraram o coração.

Observei que alguns vão à igreja sem dar a impressão de entrar num lugar santo; que ouvem a pregação (e não são poucos) continuamente distraídos sem sequer levar consigo qualquer máxima a praticar para o bem da própria alma. Notei que vários começam as orações, e no fim nem sabem se as rezaram e até mesmo nem abrem a boca; encontrei outros que andaram brigando, outros que não se podendo vingar alimentam por muito tempo mau humor e ódio contra os seus rivais.

Há também os que fogem do trabalho, como de enorme pedra que lhes pende sobre a cabeça; mas o que mais me amargurou foram os que procuraram introduzir máximas desonestas e conversas que S. Paulo nem quer que se nomeiem entre os cristãos. Alguns houve, muito poucos, que, devo dizê-lo?, se aproximaram indignamente dos santos sacramentos.

São estas, meus amados filhos, as coisas que notei sobre o andamento do pequeno seminário de Mirabello.

Pensais acaso que escrevo isto para vos repreender? Não; escrevo tão-somente para avisar-vos, e assim os bons se animem a perseverar, os tíbios procurem se aquecer e inflamar de amor de Deus, e quem precisar levante-se do estado em que se encontra. Aqui teria muitas coisas a escrever, mas deixo para fazê-lo na minha próxima visita. Dir-vos-ei então o que Nosso Senhor quer de vós no decorrer deste ano para que mereçais as suas bênçãos.

1.º Fuga do ócio, portanto suma diligência no cumprimento dos próprios deveres escolares e religiosos. O ócio é pai de todos os vícios.

2.º Comunhão freqüente. Que grande verdade estou a dizer-vos agora! A comunhão freqüente é a grande coluna que sustenta o mundo moral e material, para que não caia em ruína.

3.º Devoção e recurso freqüente a Maria Santíssima. Jamais se ouviu dizer no mundo que alguém

tenha recorrido com confiança a essa mãe celeste sem que tenha sido prontamente atendido.

Crede, meus queridos filhos, penso não exagerar afirmando que a comunhão freqüente é uma grande coluna sobre a qual se apóia um polo do mundo; a devoção para com N. Senhora é a outra coluna sobre a qual se apóia o outro polo. Digo, pois, ao P. Rua, aos outros superiores, professores, assistentes, a todos os jovens, que recomendem, pratiquem, puguem, insistam com todo o ardor da caridade de Jesus Cristo, a fim de que não sejam nunca esquecidas essas três lembranças, que eu vos mando para maior glória de Deus, para o bem das vossas almas, tão queridas a Nosso Senhor Jesus Cristo, que vive e reina com o Pai na unidade do Espírito Santo. Assim seja.

Enquanto vos garanto que todos os dias vos hei de recomendar ao Senhor na santa missa, recomendo também minha alma à caridade das vossas orações. Todos os jovens desta casa também se recomendam às vossas orações e vos desejam muitas bênçãos celestes. A Santa Virgem nos conserve a todos como sempre seus. *Amen.*

Vosso af.mo em J. C.
P. J. Bosco

Turim, dia 30 de dezembro de 1863.

76. “Dai-me o vosso coração para que possa oferecê-lo a Jesus”

Um ano depois da carta anterior, Dom Bosco renovava os votos de boas festas aos jovens de Mirabello. Na carta transborda todo o seu amor paterno (Epist. I, 331-332).

Meus queridos filhos de Mirabello,

A bondade e os sinais de afeição filial que me manifestastes quando tive o prazer de fazer-vos uma visita, as cartas, as saudações que alguns me enviaram, e que conservarei como agradável lembrança, estimulavam-me a voltar quanto antes a entreter-me um pouco convosco, ó meus queridos e amados filhos. Não pude

até agora satisfazer esse meu desejo, mas terei de satisfazê-lo em breve. Entretanto para dar largas de alguma maneira aos sentimentos do meu coração desejo escrever-vos uma carta, como mensageira de minha ida até aí.

Mas que adianta uma carta para exprimir as muitas coisas que vos queria dizer? Vou restringir-me ao principal.

Direi então que vos agradeço todos os sinais de benevolência que me destes, e a confiança que tivestes para comigo no lindo dia que passei em Mirabello. As vozes, os vivas, o beijar e apertar a mão, o sorriso cordial, o falarmos da alma, o encorajar-nos reciprocamente para o bem são coisas que me alegraram o coração, e por pouco que pense sinto-me comovido até às lágrimas.

Estou, portanto, muitas vezes entre vós com o meu pensamento e alegro-me ao ver o belo número que com frequência se aproxima da sagrada comunhão; mas se não lhes quisesse muito gostaria de dar um solene pito no Prot Maggiore, no Persigotti, no Cigerza... escaparam-me esses nomes, não quero dizer mais nada.

Direi ainda que sois a pupila dos meus olhos, e que todos os dias me lembro de vós na santa missa, peço que Deus vos conserve em saúde, na sua graça, vos faça progredir na ciência, que sejais a consolação dos vossos pais e a delicia de Dom Bosco que tanto vos ama.

Mas como lembrança, que vos dará Dom Bosco? Três coisas muito importantes: um aviso, um conselho e um meio.

Um aviso. Fugi, ó meus caros, todo pecado de imodéstia; as obras, pensamentos, olhares, desejos, palavras, conversas contrárias ao sexto mandamento, não devem sequer, como diz S. Paulo, ser nomeadas entre vós.

Um conselho. Conservai com o máximo cuidado a bela, a sublime, a rainha das virtudes, a santa virtude da pureza.

Um meio. Meio muito eficaz para prostrar e vencer com segurança o inimigo e conseguir conservar essa virtude é a comunhão freqüente, mas feita com as devidas disposições.

Queria dizer aqui coisas que não cabem numa carta; P. Rua, por favor, faça pelo menos três breves instruções ou considerações sobre cada um dos mencionados argumentos.

Por fim, ó meus caros, dir-vos-ei que vos amo muito, desejo ver-vos e isso acontecerá dentro de pouco tempo. Quero que vós todos me deis o vosso coração, para que todos os dias possa oferecê-lo a Jesus no SS. Sacramento quando digo a santa missa; eu vou ver-vos com um grande desejo de falar a cada um das coisas da vossa alma e a cada um direi três coisas: uma sobre o passado, outra sobre o presente, outra sobre o futuro.

A Santa Virgem nos conserve a todos seus e sempre seus, e a graça de N. S. J. C. esteja sempre conosco. *Amém.*

Vivam os meus queridos filhos de Mirabello.

Af.mo amigo em J. C.
P. J. Bosco

Turim, 30 de dez. de 1864.

P.S. — Coragem, paciência e capacidade de sofrer é o que desejo ao Diretor, ao prefeito, aos professores, aos assistentes, aos serventes, ao querido papai Provera e a toda a sua família, a mamãe Rua, e ao meu amiguinho Meliga, ao Chiestellardo, ao querido Ossella que me escreveu uma bela carta, etc.

77. “Estarei entre vós como pai, amigo e irmão”

A carta não tem data. O contexto coloca-a no começo de julho de 1867 (Dom Bosco foi a Mirabello terça-feira, dia 9). Junto ia também desta vez uma “nota”, isto é, uma lista de de nomes de jovens que deviam ser advertidos pelo diretor (Epist. I, 482-483).

Aos meus queridos filhos de Mirabello,

Atrasei, amados filhos, a visita que havia prometido, mas o que mais me dói é nem mesmo ter podido ir para a festa de S. Luís. Procuo agora o jeito de compensar o atraso com mais longa permanência entre vós. Terça-feira à tarde, se Deus quiser, aí pelas últimas horas, estarei em Mirabello. Mas por que estou avisando? Não basta chegar como de costume? Não, meus caros, não basta. Preciso falar-vos em público para contar-vos algumas coisas, que estou certo serão de vosso agrado; falar-vos em particular de coisas nada agradáveis, mas que é preciso que saibais; falar-vos também ao ouvido para quebrar os chifres do demônio que quer ser mestre e dono de alguns de vós.

Ponho aqui uma observação que numa recente visita pude fazer sobre alguns, os quais devem de modo especial ser avisados; e peço ao vosso Sr. Diretor que queira dizer-lhes em meu nome, que tenho grave necessidade de falar às suas almas, ao seu coração, à sua consciência; mas esta necessidade é somente para fazer-lhes bem à alma.

De resto digo-vos que nas freqüentes visitas que vos fiz, vi coisas que me dão muita consolação, especialmente os que freqüentam exemplarmente a sagrada comunhão e cumprem exemplarmente os seus deveres. Observei também as pequenas negligências de alguns, mas disso não faço caso.

Em meio a isso tudo não vos preocupeis absolutamente. Estarei entre vós como pai, amigo e irmão; basta somente que ponhais por alguns instantes o vosso coração nas minhas mãos, e ficareis contentes. Vós ficareis contentes pela paz e pela graça do Senhor, de que por certo se enriquecerá vossa alma; eu ficarei contente por ter a grande e suspirada consolação de ver-vos todos na amizade de Deus Criador.

Mas isso tudo é para a alma; e para o corpo, nada? Certamente depois de havermos dado à alma o que lhe for necessário, não deixaremos o corpo em jejum. Desde agora recomendo ao Sr. Prefeito que dê as ordens oportunas para passarmos um belo dia, e se o

tempo permitir, darmos também todos juntos um passeio.

A graça de N. S. J. C. esteja sempre convosco; e a Santíssima Virgem vos faça a todos ricos da verdadeira riqueza, que é o santo temor de Deus. *Amen.*

Rezai por mim que sou com todo o coração vosso

Af.mo em J. C.
P. J. Bosco

P.S. — Saudações especiais aos padres, professores, assistentes e à família Provera, especialmente ao querido papai.

78. “Prolongados aplausos a todos os meus queridos filhos de Lanzo”

Não era menor a afeição reciproca entre o pai e os seus filhos de Lanzo. Possuimos uma dezena de cartas a eles enviadas por Dom Bosco. Esta foi enviada depois que o diretor P. Lemoyne e um representante dos jovens haviam tomado parte na festa onomástica de Dom Bosco em Valdocco a 24 de junho de 1866. Construía-se então a igreja de Maria Auxiliadora (Epist. I, 405).

Aos meus queridos filhos de Lanzo,

Não podeis imaginar, filhos caríssimos, quanta alegria me causou a visita do Sr. Diretor P. Lemoyne com o vosso representante Chiariglione, meu bom amigo.

A alegria cresceu de ponto quando pude ler as belas e afetuosas composições que me foram enviadas pelas classes, e outras individuais, dos assistentes, dos mestres e do prefeito. Quis lê-las todas sem suspender nem interromper a leitura a não ser para alguma lágrima de comoção. Quisestes ainda juntar uma oferta em dinheiro para a nova igreja e isso colmou minha satisfação e vossa bondade.

Meus queridos filhos, recebi toda a minha gratidão. Dissestes, é verdade, diversas coisas que não se podem aplicar a mim, eu todavia as recebo como gratos sinais de benevolência do vosso bom coração.

Oh! sede sempre abençoados pelo Senhor! O P. Lemoyne vos dirá muitas coisas de minha parte; ele é o vosso diretor, amai-o, obedecei-lhe e confiai nele como em mim mesmo. Ele trabalha de boa vontade para vós e só deseja o vosso bem. Oh! quantas coisas ele me contou a vosso respeito!

Deixai então que vos diga: Viva o Sr. Diretor P. Lemoyne, vivam todos os outros superiores do colégio, vivam, prolongados aplausos a todos os meus queridos filhos de Lanzo.

Espero rever-vos logo e falaremos de coisas muito importantes.

Entretanto rezai por mim e eu não deixarei de recomendar-vos ao Senhor na santa missa.

A graça de N. S. J. C. esteja sempre convosco e a Santíssima Virgem nos ajude a todos a caminhar pelo caminho do Céu. *Amen.*

Sou com todo o afeto vosso

Amigo af.mo no Senhor
P. J. Bosco

Turim, 25 de junho de 1866.

79. Um programa para o ano: saúde, estudos sérios, bom procedimento

Carta enviada a todos os membros da casa de Lanzo no começo de 1875. Lendo esta carta, somos naturalmente levados a pensar nas que um São Paulo escrevia aos seus queridos gálatas ou filipenses... Tanto mais que o Apóstolo é várias vezes citado (Epist. II, 436-438).

Aos meus caríssimos filhos, Diretor, assistentes, prefeito, catequista, alunos e outros do colégio de Lanzo,

A graça de N. S. J. C. esteja sempre conosco. *Amen.*

Até agora, meus amadíssimos filhos, não pude satisfazer um grande desejo do meu coração que era o de fazer-vos uma visita. Uma série ininterrupta de complicadas ocupações, algum leve incômodo de saúde mo impediram.

Quero todavia dizer-vos uma coisa que vos custará acreditar: várias vezes durante o dia penso em vós e todas as manhãs na santa Missa vos recomendo a todos de modo especial ao Senhor. De vossa parte dais também sinais indubitáveis de que vos lembrais de mim. Oh! com que prazer li vossa mensagem de boas-festas; com que prazer li nome e sobrenome de cada aluno, de cada classe, do primeiro ao último do colégio! Parecia-me encontrar-me entre vós, e no meu coração repeti várias vezes: *Vivam os meus filhos de Lanzo!*

Começo então agradecendo a todos, e de todo o coração, os votos cristãos que me fizestes e peço a Deus que os centuple para vós e para todos os vossos parentes e amigos. Sim! Deus vos conserve a todos por longos anos de vida feliz. Querendo descer a alguns votos particulares eu vos desejo do céu saúde, estudo, moralidade.

Saúde. É um dom precioso do céu, cuidai dela. Guardai-vos das intemperanças, de suar muito, de cansar-vos demais, da passagem repentina do calor para o frio. São essas as fontes ordinárias das doenças.

Estudo. Estais no colégio para adquirir uma bagagem de conhecimentos com os quais podereis mais tarde ganhar o pão da vida. Seja qual for a vossa condição, a vocação, o vosso estado futuro, deveis fazer que, caso venham a faltar todos os vossos bens domésticos e paternos, estejais capacitados a ganhar de outra maneira o honesto sustento. Não se diga nunca que vivemos do suor alheio.

Moralidade. O laço que une saúde e estudo, o alicerce em que se baseiam é a moralidade. Crede, meus queridos filhos, eu vos digo uma grande verdade: se mantiverdes bom procedimento moral, haveis de progredir no estudo, na saúde; sereis amados pelos vossos superiores, pelos vossos companheiros, pelos parentes, pelos amigos, pelos conterrâneos, e, se quiserdes que vos diga, sereis amados e respeitados até pelos maus. Todos porfiarão em ter-vos consigo, em louvar-vos, em fazer-vos favores. Dai-me, porém, indivíduos sem moralidade. Oh! que coisa feia! Serão preguiçosos e não terão outro

nome senão o de asno: falarão mal e serão apontados como escandalosos a evitar. Se são conhecidos no colégio, serão detestados por todos, e no dia feliz em que forem para casa se cantará o *Te Deum*. E em casa? Desprezo geral. A família, a pátria os detestam, ninguém os apóia, todos lhes evitam a companhia. E quanto à alma? Se vivem, são infelizes; em caso de morte, como só semearam o mal, não poderão recolher senão frutos funestos.

Coragem, pois, ó meus caros filhos: preocupai-vos em procurar, estudar, conservar e promover os três grandes tesouros: saúde, estudo e moralidade.

Uma coisa ainda. Ouço a voz que vem de longe e grita: Ó filhos, ó alunos de Lanzo, vinde salvar-nos! São as vozes de tantas almas, que esperam uma mão benéfica que vá arrancá-los da beira da perdição e colocá-los no caminho da salvação. Digo isso porque alguns de vós são chamados à carreira sagrada, à conquista das almas. Coragem; há muitos que vos esperam. Lembrai-vos das palavras de S. Agostinho: *Animam salvasti, animam tuam praedestinasti*.

Finalmente, ó filhos, recomendo-vos o vosso Director. Sei que ele não está muito bem de saúde; rezai por ele, consolai-o com o vosso bom procedimento, querei-lhe bem, tende com ele ilimitada confiança. Tudo isso será para ele de grande conforto, de grande vantagem para vós.

Enquanto vos garanto que todos os dias vos recomendo na santa Missa, recomendo-me também às orações, para que não me suceda a desgraça de pregar para salvar os outros e venha depois a perder a minha pobre alma. *Ne cum aliis praedicaverim, ego reprobus efficiar* ⁽¹⁾.

Af.mo amigo
P. J. Bosco

Turim, vigília da Epifania de 1875

(1) 1 Cor 9,27: . . .para que não suceda que depois de pregar aos outros, eu venha a ser desqualificado.

80. "Roubastes meu pobre coração"

Um ano depois, Dom Bosco manda estes cumprimentos aos filhos de Lanzo. Houve jamais um santo que tenha sido neste ponto sinal e portador do amor de Cristo aos jovens? (Epist. III, 4).

Meus caros amigos Diretor, Mestres, Professores, Alunos,

Deixai que vos diga e ninguém se ofenda, sois todos ladrões; digo e repito, vós me cativastes inteiramente.

Quando fui a Lanzo, me encantastes com a vossa benevolência e carinho, me prendestes as faculdades da mente com a vossa piedade; restava-me ainda este pobre coração, do qual me haveis roubado os afetos por inteiro. Agora a vossa carta assinada por 200 mãos amigas e queridas tomou conta de todo o meu coração, nada lhe restando a não ser um vivo desejo de amar-vos no Senhor, de fazer-vos bem, salvar a alma de todos.

Essa generosa manifestação de afeto convida-me a ir o mais depressa possível visitar-vos de novo, numa visita que espero não demore muito. Nessa ocasião quero mesmo que estejamos alegres de alma e de corpo e que mostremos ao mundo como se pode estar alegres de alma e de corpo sem ofender o Senhor.

Agradeço-vos, pois, de todo o coração tudo o que fizestes por mim; eu não deixarei de lembrar-vos todos os dias na santa Missa, pedindo à Divina Bondade que vos conceda saúde para estudar, fortaleza para combater as tentações e grande graça de viver e morrer na paz do Senhor.

Uma proposta. No dia 15 deste mês, consagrado a S. Maurício, celebrarei a missa segundo a vossa intenção; e vós tereis a caridade de fazer nesse dia a sagrada Comunhão para que eu também possa ir convosco para o Céu.

Deus vos abençoe a todos e crede-me sempre em J. C.

Af.mo amigo
P. J. Bosco

Turim, 3-76.

81. "O paraíso terrestre e o paraíso celeste juntos"

De Lanzo, alunos do ginásio superior com o professor P. Borio haviam-lhe escrito por ocasião do Natal de 1882. Dom Bosco responde. Está velho, aproxima-se dos 70 anos. Mas a afeição não diminuiu, nem o sentido de humor (Epist. IV, 119).

Meu caro P. Borio,

Tua carta e a de vários alunos teus trouxeram-me grande consolação. Pode-se dizer, estou certo, que as expressões deles partem de todos os colegas, e tu agradecerás em meu nome todos os teus queridos alunos. Dirás a eles que os amo a todos em J. C., que todas as manhãs me lembro deles na S. Missa; mas que rezem também por mim, especialmente com algumas fervorosas comunhões.

Quero, porém, propor uma adivinhação prometendo um prêmio e também prêmios a quem der no vinte. Eis a adivinhação: S. S. S. S. S. Quem tiver a chave desses cinco S. e os puser em prática, terá fundada esperança de conquistar o paraíso terrestre neste mundo, e o paraíso celeste no outro ⁽¹⁾.

Cumprimenta de minha parte cordialmente os teus alunos, recomendando a todos que se mantenham muito alegres, mas alegres no Senhor. Tu deves ter um cuidado especial com a tua saúde; saúda o Sr. Diretor, dá uma bênção eficaz à tosse do P. Mellano, e considera-me sempre em J. C.

Teu af.mo amigo
P. J. Bosco

Turim, 16 jan. 83.

82. Aos filhos da América também: "Tornar-vos-eis todos santos?"

Com a partida dos primeiros missionários, dia 11 de novembro de 1875, a paternidade de Dom Bosco alargava-se até aos confins da América Latina. Também lá encontrou filhos muito queridos, que, como os da Itália, lhe escreveram, sobretudo por ocasião do seu onomástico. Respondeu aos meninos do Colégio

(1) Ninguém apresentou a solução. O P. Borio explicou que os cinco S significavam: São Sábio Santo Sacerdote Salesiano.

de S. Nicolas de los Arroyos, na Argentina (cf. Epist. III, 69), e aos do Colégio Pio IX de Villa Colón, perto de Montevidéu no Uruguai, aberto pelo P. Lasagna em dezembro de 1876. Esta última carta foi escrita em Marselha, aonde Dom Bosco acompanhara o arcebispo de Buenos Aires, D. Aneyros, que viera a Roma e Turim e regressava à Argentina (Epist. III, 200-201).

Filhos meus muitos queridos,

Vós, ó queridíssimos filhos, não podeis imaginar a grande consolação que me causou vossa carta por ocasião do meu onomástico. Naquele dia os filhos de Montevidéu, de Buenos Aires, de S. Nicolas formavam um só coração e uma só alma com os da França, de Roma, do Piemonte, da Suíça, de Trento, e todos manifestavam o próprio afeto a um pai que os abençoava, e por todos rezava a Deus para que os conservasse perseverantes no caminho do céu.

Eu portanto vos agradeço a demonstração de grande benevolência que me destes e para demonstrar minha paterna satisfação apresentei-me ao Sumo Pontífice Pio IX; falei-lhe de Villa Colón que ele muito bem se lembra de haver visto ⁽¹⁾. Pedi-lhe uma bênção apostólica especial para vós e para todos os vossos parentes até o terceiro grau com indulgência plenária em artigo de morte.

De muito bom grado, respondeu o bondoso Pontífice; Deus abençoe os jovens alunos de Villa Colón, abençoe os seus pais e os torne a todos fervorosos católicos. Pais e filhos tornem-se *muito ricos, muito ricos*, mas da verdadeira riqueza que é a virtude, o santo temor de Deus.

Dirigiu-se depois a mim e disse: Escrevei a eles e dizei que comuniquem tudo aos seus respectivos pais.

De meu lado, ó caros filhos, tenho um imenso desejo de fazer-vos uma visita. Rezai para que eu possa satisfazer quanto antes este meu desejo; de outra sorte vinde vós ver-me aqui em Turim onde a casa já está preparada para vós.

(1) Em 1823, quando estive no Chile como auditor da delegação apostólica.

Entretanto peço-vos que me escrevais sem pressa :
1.º Sois bons ? 2.º Haveis de escrever-me outras longas cartas? 3.º E vos fareis todos missionários? 4.º Todos santos? Respondei-me e me dareis um presente.

No dia de S. Rosa ⁽²⁾ celebrarei por vós a santa Missa, e vós fareis a sagrada comunhão segundo a minha intenção. Os que não fizeram ainda a primeira comunhão façam a caridade de rezar um *Pater, Ave, Gloria* ao SS. Sacramento.

A graça de N. S. J. C. esteja sempre convosco.
Amen.

Af.mo amigo
P. J. Bosco

Mãrselle, 16 de julho de 1877.

(2) 30 de agosto. A igreja do colégio era dedicada a S. Rosa de Lima.

TERCEIRA PARTE

UMA PROPOSTA DE SANTIDADE CRISTÃ APOSTÓLICA

“A religião pura e sem mácula aos olhos de Deus e nosso Pai é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições, e conservar-se puro da corrupção deste mundo” (Tg 1,27)

- I. A TODOS OS CRISTAOS
- II. AOS COOPERADORES SALESIANOS
- III. CARTAS A AMIGOS, COOPERADORES...

Os jovens foram a primeira preocupação de Dom Bosco. O povo, a segunda.

*As circunstâncias é que mais uma vez lhe provocam o zelo. O período que vai de 1840 a 1860 foi de modo particular um dos mais agitados: as reformas constitucionais de caráter liberal e laicizante, a moda do anticlericalismo, o proselitismo das seitas punham em perigo a fé católica da gente simples e ignorante dos bairros e dos campos. Dom Bosco enfrentou a situação com toda a energia de seu temperamento de lutador. Sua obra mais notável neste campo foi sem dúvida o lançamento das *Letture Cattoliche*, em março de 1853. Sendo ele próprio um dos principais redatores ⁽¹⁾, assumia o papel de educador da fé do povo e de sagaz guia espiritual.*

O seu trabalho abriu-se em três direções: apresentar os temas fundamentais da fé, acrescentando a resposta aos erros e às objeções correntes; propor modelos concretos (úteis para adultos e jovens); apresentar fórmulas de orações para alimentar a devoção pessoal. Na realidade tal literatura vale sobretudo pelo método de exposição: clara, viva, "popular" no melhor sentido da palavra. O conteúdo não apresenta nada de verdadeiramente original: Dom Bosco se inspira nos "seus" autores e expõe a doutrina mais tradicional e os temas

(1) Oitenta e três números das *Letture Cattoliche* foram assinados ou devidamente reconhecidos por Dom Bosco. Reviu, corrigiu e apresentou mais uns sessenta, nos quais um crítico bem avisado poderia descobrir algumas expressões características suas.

espirituais mais correntes para a época. Desta sorte nossa escolha de textos será bastante limitada.

Preferimos insistir sobre um aspecto mais pessoal de Dom Bosco: sua tendência a apresentar a todos a vida cristã como uma vida de caridade ativa (ponto de vista bem pouco comum então). Adultos e jovens, ricos ou pobres, gente do povo ou amigos conhecidos pessoalmente, a todos lembra as verdades fundamentais e os "deveres gerais" do cristão, mas para insistir, logo depois, no exercício prático do amor a Deus e ao próximo. Deus é amor eficaz: o batizado, tornando-se seu filho, é chamado à semelhança divina ativa e à difusão desse amor. É convidado a viver a sua fé nas relações cotidianas, no exercício das virtudes familiares, civis, sociais, na atenção às urgências do momento e do lugar, na preocupação com a salvação dos seus irmãos, no cuidado da unidade da Igreja e da glória de Deus: aí é que encontra sua alegria. Por instinto de apóstolo devorado de zelo e impregnado de realismo, Dom Bosco tende a propor a todos (e a cada um segundo as próprias possibilidades) que partilhem de sua experiência: uma santidade apostólica. Estar circuncidando ou incircunciso de nada vale em Cristo Jesus, mas sim, a Fé que age pela caridade (Gál 5,6).

Essa tendência se torna claramente explícita quando se dirige às diferentes categorias dos seus colaboradores: aos "benfeitores" que não deixa de procurar, aos "cooperadores" sacerdotes e leigos que o vêm ajudar, e mais ainda aos seus discípulos imediatos, salesianos religiosos e irmãs salesianas. Diante de todos exalta o esplendor da doação apostólica. A todos, e sem jamais se cansar, diz que trabalhar pela salvação das almas dos outros (dos jovens sobretudo) é o melhor modo para realizar a salvação da própria. Com todos insiste nas virtudes apostólicas.

Desses argumentos tipicamente salesianos são abundantes os textos. Escolhemos os mais significativos. A título de introdução, apresentamos as citações preferidas pelo santo.

83. Citações e máximas mais frequentes

Dom Bosco tinha um conhecimento profundo da *Sagrada Escritura* e tinha muitos trechos gravados na mente e no coração. É o que se evidencia nas frases bíblicas que lhe ocorrem de contínuo à pena, nas cartas e demais escritos, quase sempre em latim. Menor o conhecimento dos *Padres*, que adquiriu de segunda mão (assim ao menos parece). Escolhemos as citações mais típicas, agrupando-as em quatro séries.

1. *O seu mote*

— *Da mihi animas, caetera tolle*: (Senhor,) dai-me as almas, fícai com o resto.

Dom Bosco escolheu esta frase como mote pessoal desde os primeiros tempos da sua vida sacerdotal. Conservou-a sempre à vista, num letreiro, ainda hoje visível num dos quartos de Valdocco. Explicou o significado a Domingos Sávio, dizendo-lhe que eram "palavras que S. Francisco de Sales costumava repetir" (*Vita*, cap. VIII). Em setembro de 1884, tornou-se também mote da Congregação salesiana⁽¹⁾.

— *Ad maiorem Dei gloriam et ad salutem animarum*: Para a maior glória de Deus e salvação das almas.

É o mote de Santo Inácio de Loyola. Dom Bosco também o fizera seu, citando-o com frequência.

2. *Algumas marcas do breviário*

Quando Dom Bosco morreu, o secretário P. Viglietti encontrou no seu breviário umas vinte marcas com frases escritas em latim (da Bíblia e dos Padres) ou em italiano (três citações de Dante e uma de Sílvio Pellico). Teve-as, pois, sob os olhos por mais de quarenta anos. Eis algumas, às quais acrescentamos a indicação da fonte⁽²⁾:

(1) Cf. MB II, 530; XVII, 365-366. A frase é uma interpretação acomodaticia de *Gênesis* 14,21. Sobre o sentido profundo do mote cf. P. Stella, *Dom Bosco nella storia*, II, 13-15; e as reflexões em *La Famiglia Salesiana riflette sulla vocazione*, LDC, 1973, pp. 159-162.

(2) Autógrafos no Arquivo 132, *Biglietti* 4. Lista completa nas MB XVIII, 806-808 (em latim, com um erro na transcrição de Pellico); e F. Desramaut, *Don Bosco e la vita spirituale* pp. 237-238. O texto bíblico é o da Vulgata; não coincide sempre exatamente com o texto original e se presta a interpretações acomodaticias. O tradutor acomodou-se ao sentido tomado por Dom Bosco.

1. O Senhor é bom, é um refúgio seguro no dia da tribulação (profeta Naum 1,7).

2. Assim eu concluí que nada é melhor para o homem do que alegrar-se e agir bem durante sua vida (Quoheleth 3,12).

3. Honra o Senhor com tua fortuna... (então) os teus celeiros se abarrotarão de trigo e teus lagares transbordarão de vinho (Provérbios 3, 9-10).

4. Meu filho, não negues esmola ao pobre, nem dele desvies os olhos (Sirácida 4,1.5).

5. Se sabes alguma coisa, responde ao teu próximo, senão põe a mão sobre a tua boca, para que te não suceda seres surpreendido a dizer uma palavra indiscreta e fiques humilhado (Sirácida 5,14).

6. Não conserves rancor por nenhuma injustiça causada pelo próximo, nada faças com um procedimento injusto (Sirácida 10,6).

7. Cada um receberá o que mereceu, conforme o bem ou mal que tiver feito enquanto estava no corpo (2 Cor 5,10).

8. Corrige o mal que em ti descobres. Conserva o que é reto, conserta o que é deforme, mantém o que é belo, protege o que é são, sustenta o que é fraco. Lê indefessamente a palavra de Deus, e por meio dela serás capaz de conhecer os perigos a evitar e o caminho a seguir (S. Bernardo, *Ad sac.*).

9. Io ritornai dalla santissima onda
Puro e disposto a salir le stelle (Dante, *Purgat.*).
L'amor che muove il sole e le altre stelle
(Dante, *Parad.*).

10. Ad ogni alta virtù l'Italo creda,
Ogni grazia da Dio l'Italo sperì,
E credendo e sperando ami e proceda
Alla conquista degli eterni veri

(Silvio Pellico, *Gli ang.*).

3. *Página de rosto do Boletim Salesiano*

Na página de rosto de cada número do *Bollettino Salesiano*, Dom Bosco fez imprimir a partir de janeiro de 1878 (ou seja do quinto número), à esquerda e à direita de um retrato de São Francisco de Sales, quatro pensamentos sobre a caridade apostólica em geral, e outros quatro sobre o serviço aos meninos e aos jovens:

1. Devemos ajudar os irmãos a fim de cooperar na difusão da verdade (leve acomodação da frase: Devemos receber a tais homens, para cooperar com eles na verdade (3 Jo 8)).

2. Aplica-te à leitura, à exortação, à instrução (1 Tim 4,13).

3. Das coisas divinas, a mais divina é cooperar com Deus na salvação das almas (S. Dionísio) ⁽³⁾.

4. Um terno amor para com o próximo é um dos maiores e mais excelentes dons que a divina bondade concede aos homens (O Doutor São Francisco de Sales).

5. O que receber em meu nome a um menino como este, é a mim que recebe (Mt 18,5).

6. É preciso cuidar dos meninos, porque deles é o reino dos Céus (S. Justino).

7. Recomendo-vos os meninos e os jovens; provide com grande solicitude à sua educação cristã; fornecei-lhes livros que ensinem a fugir o vício e a praticar a virtude (Pio IX).

8. Redobrai forças e talentos a fim de desviar a infância e a juventude das insídias da corrupção e da incredulidade, e desta sorte preparar uma geração nova (Leão XIII).

(3) É a frase que melhor exprime talvez a extraordinária estima de Dom Bosco pela missão apostólica. A 12 de fevereiro de 1864, numa folha acrescentada a uma carta que enviava a Pio IX a propósito das Constituições salesianas, escrevia: "O escopo desta Sociedade... Não é senão um convite a se unirem em espírito entre si para trabalhar para a maior glória de Deus e salvação das almas, levados a tal pela frase de S. Agostinho: *Divinorum divinissimum est in lucrum animarum operari*" (MB VII, 622). Como se vê, Dom Bosco não tinha muita certeza quanto à fonte da sua citação.

4. Outras citações freqüentes ⁽⁴⁾

— Do Antigo Testamento

Servi o Senhor com alegria (Sl 99,2).

Desgraçado é aquele que rejeita a sabedoria. Sua esperança é vã, seus sofrimentos sem proveito, e as obras inúteis (Sab 3,11).

Ensina à criança o caminho que ela deve seguir; mesmo quando envelhecer, dele não se há de afastar (Prov 22,6).

Um cordel triplicado não se rompe facilmente (Quoheleth 4, 12).

Dou-te esta ordem: abre tua mão ao teu irmão necessitado ou pobre que vive em tua terra (Dt 15,11).

— Dos Evangelhos

Vós sois o sal da terra... (e) a luz do mundo (Mt 5,13-14).

Dai, e dar-se-vos-á (Lc 6,38).

Assim brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem vosso Pai que está nos céus (Mt 5,16).

A messe é grande, mas os operários são poucos. Pedi... (Mt 9,37).

Dai antes em esmola o conteúdo, e todas as coisas vos serão limpas (Lc 11,41).

Fazei-vos amigos com as riquezas injustas, para que, no dia em que estas vos faltarem, eles vos recebam nos tabernáculos eternos (Lc 16,9).

(4) Como prova da importância que Dom Bosco dava às máximas bíblicas para a educação da fé, temos a coleção que fez imprimir no fim do seu livrinho *Maniera facile per imparare la Storia Sacra ad uso del popolo cristiano* (1850), intitulada: *Massime morali ricavate dalla Sacra Scrittura* (27 sentenças, 18 delas do Antigo Testamento). Texto em A. Caviglia, *Opere e Scritti*, I, 81-82. Mais significativo ainda é o fato das máximas escritas em letras garrafais sob os pórticos da casa de Valdocco.

Padecemos com ele, para que também com ele sejamos glorificados (Rom 8,17).

Todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus (Rom 8,28).

A caridade é paciente, a caridade é benigna, . . . a caridade não busca os seus próprios interesses, não se irrita, . . . Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (1 Cor 13,4-7).

O amor de Cristo nos impele (2 Cor 5,14).

Deus ama o que dá com alegria (2 Cor 9,7).

(Em Cristo Jesus vale somente) a Fé que age pela caridade (Gál 5,6).

Enquanto temos tempo, façamos o bem a todos os homens (Gál 6,10).

Ajudai-vos uns aos outros a carregar os vossos fardos, e deste modo cumprireis a lei de Cristo (Gál 6,2).

Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do demônio. . . Muni-vos sobretudo com o escudo da fé, com que possais apagar todos os dardos inflamados do Maligno (Ef 6,11.16).

(Não sejamos como os que) buscam os próprios interesses e não os de Jesus Cristo (Flp 2,21).

Tudo posso naquele que me dá força (Flp 4,13).

Quem não quiser trabalhar, não tem o direito de comer (2 Tes 3,10).

Suporta comigo os trabalhos (aceita tua parte de sofrimento) como bom soldado de Jesus Cristo (2 Tim 2,3).

Não é coroado, se não tiver lutado segundo as regras (2 Tim 2,5).

Prega a Palavra, insiste oportuna e inoportunamente, repreende, ameaça, exorta, mas sempre com paciência e não cesses de instruir. . . (2 Tim 4,2).

Tu, porém, sê vigilante em qualquer ocasião, paciente nos sofrimentos. Faze a obra de um pregador do Evangelho, e consagra-te ao teu ministério (2 Tim 4,5).

Mostra-te em tudo modelo de bom comportamento (1 Tim 4,12).

A fé sem obras é morta (sem valor) (Tg 2,20).

A caridade cobre a multidão dos pecados (1 Pdr 4,8).

I. A TODOS OS CRISTÃOS

84. Deus é Amor misericordioso

EXERCÍCIO DE DEVOÇÃO A MISERICÓRDIA DE DEUS (1846)

A marquesa de Barolo-Colbert empenhava-se em divulgar nas suas comunidades de S. Ana e S. Maria Madalena, e também nas igrejas públicas, uma devoção que lhe era cara: a invocação da misericórdia de Deus, praticada sob a forma de um "exercício devoto" de seis dias de oração e práticas de caridade. Estava, pois, à cata de uma boa pena para propagar a devoção mediante um livrinho sólido e fervoroso. Silvio Pellico, então secretário da marquesa e amigo de Dom Bosco, sugeriu ao amigo que escrevesse a obra.

Dom Bosco aceitou, muito embora houvessem esfriado as relações entre a marquesa e ele pelos motivos já expostos nas Memorie dell'Oratorio⁽¹⁾. Fez imprimir por sua conta, sem nome de autor, por delicadeza para com a marquesa que não queria ser sua devedora, um livrinho de 112 páginas, intitulado: Exercício de devoção à Misericórdia de Deus⁽²⁾.

Esse trabalho de sua juventude (tinha apenas 31 anos) apresenta grande interesse: revela-nos sem dúvida a visão de Deus fundamental de quem devia ainda dedicar quarenta anos de vida ao exercício das "obras de misericórdia" entre os jovens. O pensamento não é por certo de todo original: Dom Bosco

(1) A marquesa, que admirava sinceramente a Dom Bosco, não lhe havia entretanto perdoado a recusa de continuar a trabalhar para a sua obra do *Rifugio* (cf. MB II, 546-553; e acima pp. 79-82).

(2) Pequeno formato 7x10,5. Impresso em Turim Tipografia Eredi Botta, em fins de 1846. Citamos essa edição. Num testamento de 1856, Dom Bosco reconheceu explicitamente essa obra como sua (cf. MB X, 1333).

serviu-se de S. Afonso⁽³⁾ e de outras fontes⁽⁴⁾. Mas era senhora das suas escolhas e do seu estilo. As seis meditações sobre a misericórdia de Deus criador e salvador, escritas todas de um fôlego, sem sombra de polêmica, mostram-se todas cheias de linfa bíblica. Permitem-nos compreender em que Fonte o pai da juventude abandonada hauriu seu amor paciente e de que Deus se fez testemunha e instrumento.

Segundo Dia. — *Trechos da Sagrada Escritura sobre o comportamento de Deus para com os pecadores* (exemplos de Davi, de Madalena...).

... Não nos devemos admirar de que os santos padres apliquem quanto segue ao nosso Divino Salvador, como se andasse a repetir ao homem pecador: *Laboravi clamans, raucae factae sunt fauces meae* (Sl 68). Filho, quase perdi a voz de tanto te chamar. Adverti, pecadores, diz Santa Teresa, que vos está chamando o Senhor que tanto haveis ofendido. Eia, pois! não persistais em desgostar esse pai amoroso e celeste; ele bate no vosso coração e repete à vossa alma: abre-me, alma querida. *Soror mea aperi mihi* (Cânt. 5,2). Não fiquemos, pois, longe dele, escutemos o que nos diz: ingratos, não fujais mais de mim; dizei-me por que fugis? Eu amo o vosso bem e desejo apenas fazer-vos felizes: por que quereis perder-vos? Mas que fazeis, Senhor? por que tanta paciência e tanto amor para com esses rebeldes? Vós, ó meu bom Deus, me respondeis sempre que não quereis a morte do pecador, mas que se converta e viva. *Nolo mortem peccatoris, sed ut convertatur et vivat...* (pp. 62-64).

Terceiro Dia. — *Gestos especiais de misericórdia do Divino Salvador na sua paixão em relação aos pecadores* ⁽⁵⁾.

(3) *Preparação para a morte*, 1758, Consideração XVI: *A misericórdia de Deus*, em três pontos, que inspiram os capítulos 1, 2 e 4 de Dom Bosco.

(4) De modo especial o *Tableau de la Miséricorde divine, tiré de l'Écriture Sainte*, de Nicolas-Sylvestre Bergier, Besançon 1821 (cf. P. Stella, *Don Bosco nella storia*, II, p. 26, n. 35.36).

(5) O pensamento teológico é aqui bastante preciso. Na paixão de Jesus é que realmente se faz a revelação *suprema* da misericórdia de Deus, quando ele oferece o seu perdão e a salvação precisamente aos que o fazem morrer no seu Filho.

Todas as ações do nosso amado Salvador são uma série contínua de gestos da sua generosa bondade divina, especialmente ao não rejeitar nunca ou tratar duramente os maiores pecadores; essa bondade entretanto mostrou-se mais luminosa na sua paixão, e o que é mais, para com pecadores que eram a causa da sua morte. Judas, após haver recebido grandes sinais de especial afeto e confiança, vende-o sacrilegamente aos seus inimigos e à frente de numerosos esbirros procura-o para entregá-lo às suas mãos. Ele não diz senão estas palavras cheias de amor: amigo, a que vieste? *Amice ad quid venisti?* Pedro, transportado de zelo imoderado, corta a orelha de um algoz; Jesus cheio de amor manda que seja recolocada em seu lugar e com um milagre cura-o perfeitamente. Pedro nega-o por três vezes: ele fita-o com um olhar de compaixão, fá-lo recair em si mesmo, e acolhe-o de novo na sua graça. Depois da mais injusta e ímpia sentença é flagelado, coroado de espinhos, cravado com pregos; não diz palavra de queixa, e ainda que pudesse vingar-se terrivelmente de seus juizes e algozes, aceita a sua condenação, cala, sofre e a todos perdoa. Foi então um excesso de amor quando pregado na cruz, atravessado de pregos, blasfemado e insultado de mil maneiras pelos seus inimigos, que faz? Podia com justiça mandar aos raios que os reduzissem a cinzas, ou fazer com que a terra se abrisse debaixo de seus pés, e todos seriam sepultados em seus abismos; não o queria, porém, a bondade de um Deus Salvador. Não faz mais do que erguer o olhar ao Pai celeste: Meu Pai, diz, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem. Palavras adoráveis que não podem ser senão de um Deus! Na cruz é colocado entre dois ladrões; um dos quais voltando-se para ele pede-lhe piedade. De imediato o sofrido Salvador garante-lhe amorosamente que naquele mesmo dia estaria com ele no Paraíso. E na hora extrema da sua vida em meio a violentos espasmos profere as últimas palavras: *Sitio*; as quais, como explica S. Bernardo, dão a conhecer quanta caridade e imensa misericórdia lhe ardiam no coração até o derradeiro suspiro. É possível imaginar maior amor e maior misericórdia? "Que direi de vós, meu Deus? exclama como fora de si pelo estupor o

santo Arcebispo Tomás de Villanova (*serm. de dom. 2 adv.*). Direi com o Apóstolo das gentes que o vosso amor e a vossa misericórdia chegaram ao excesso. Direi que me haveis amado além de toda a medida. Direi que vós, que tudo fazeis com número, peso e medida, superastes todo peso, modo e medida em amar-me: *in diligendo me modum, pondus, atque mensuram excessisti*". Coragem, pois, almas atribuladas, e vós, míseros pecadores, coragem e confiança na bondade desse Deus. Será grande o número dos vossos pecados, sabeí, porém, que a sua misericórdia, se vos arrependerdes, é maior que todos eles. Ele vos diz: a paz esteja convosco, não temais, sou eu que vos falo. Poderiam acaso falhar tão amplas promessas? Nunca jamais; passarão o céu e a terra, voltarão ao nada todos os elementos, mas existirá sempre o Deus que assim fala, não falhará nunca em suas promessas, será sempre bom e misericordioso, e qual terno pai nos acolherá amorosamente toda a vez que a ele retornarmos. . .

. . . Ah! Cheios de confiança acheguemo-nos todos a essa cruz onde morre o próprio autor da vida; enquanto derrama até à última gota o preciosíssimo sangue, enquanto prevê todas as recaídas, desprezos, não cessa de chamar-nos: vinde a mim todos, *venite ad me omnes*.

(pp. 66-73).

Quarto dia. — *O carinho com que Deus acolhe o pecador é o primeiro motivo pelo qual devemos agradecer-lhe.*

. . . Nos três dias que ainda nos restam deste santo exercício ocupar-nos-emos na medida do possível em agradecer à bondade divina a misericórdia e os benefícios que nos concedeu. Embora sejam incontáveis os motivos que nos movem a agradecer a Deus, parece todavia que merece especial ação de graças pelo carinho com que acolhe o pecador⁽⁶⁾, e isso fará com que se

(6) Eis aí onde Dom Bosco deixa sua marca. As suas fontes falavam da misericórdia, ternura, paciência. . . de Deus. Mas ele fala do "carinho com que Deus acolhe. . .". É a primeira vez, pelo que nos consta, que Dom Bosco emprega essa palavra "salesiana". Não é sintomático que o faça para designar a atitude de Deus?

apresente com maior confiança ao seu Senhor ofendido, que amorosamente o chama.

Nem sempre os príncipes da terra se decidem a ouvir os súditos rebeldes que lhes vão pedir perdão, e a despeito dos mais vivos sinais de arrependimento devem pagar com a vida: Deus não age assim conosco. Garante-nos que não desviará jamais de nós o olhar toda vez que a ele voltarmos; não, porque ele próprio nos convida e nos promete acolhida a mais pronta e amorável. *Revertere ad me et suscipiam te*: volta a mim, pecador, e eu te acolherei (Jer 3,11). *Convertimini ad me, et convertar ad vos, ait Dominus*: é só queredes voltar a mim, e eu correrei ao vosso encontro (Zac 1,3). Ah! com que amor, com que ternura Deus abraça o pecador quando a ele volta! Lembremos outra vez a já citada parábola da ovelhinha tresmalhada. O bom Pastor a encontra, coloca-a aos ombros, leva-a para casa e chama os amigos para que se alegrem com ele gritando: alegrai-vos comigo porque encontrei a ovelha que havia perdido. *Congratulamini mihi quia inveni ovem quae perierat*. Foi o que o Redentor inculcou com maior insistência na parábola do filho pródigo, dizendo ser ele o pai que ao ver voltar o filho perdido corre-lhe ao encontro; e antes que ele fale abraça-o, beija-o com ternura, e quase desfalece enternecido pela consolação que experimenta (Lc 15,20). Uma coisa que poderia afastar os pecadores desse retorno é o temor que Deus lhe lance em rosto as ofensas recebidas; coisa que acontece com os homens, os quais esquecem as ofensas por algum tempo, e ao menor choque de novo as recordam. Com o Senhor não é assim: chega a dizer que se o pecador se arrepende, também ele quer esquecer seus pecados como se ele nunca o houvesse ofendido; ouvi suas precisas palavras: se o ímpio fizer penitência conseguirá o perdão, e eu me esquecerei totalmente de todas as suas iniquidades: *si impius egerit poenitentiam vita vivet; omnium iniquitatum ejus non recordabor*. Diz mais ainda (e parece que a misericórdia divina não pode ir mais além) *venite et arguite me, dicit Dominus: si fuerint peccata vestra ut coccinum, quasi nix dealbabuntur* (Is 1,18). E quer dizer, vinde pecadores, e experimentai; estivesse vossa alma enegre-

cida por muitas iniquidades, se eu não vos perdoar, *arguite me*, repreendei-me e tratai-me como infiel. Mas Deus não sabe desprezar um coração contrito e humilhado: antes, o Senhor se gloria quando usa de misericórdia e perdoa os pecadores: *exaltabitur parcens vobis* (Is 30,18); e o que deve mais ainda consolar o pecador é que não terá que chorar muito: à primeira lágrima, assim que diz: arrependo-me, o Senhor se tomará imediatamente de piedade, *statim ut audierit, respondebit tibi*; assim que te arrependeres e pedires perdão, ele imediatamente te perdoará.

Dirão talvez as almas tímidas: é verdade que a misericórdia do Senhor é grande, mas ninguém pode negar que ele é também um juiz justo, o qual nos tratará como merecem as nossas culpas. Muitos pecadores há infelizmente, que assustados com a idéia de encontrar em Deus um juiz severo, não ousam voltar a ele. São assim os juízes deste mundo, os quais tratam os delinquentes conforme a gravidade do crime. Mas, repetimos, Deus não trata assim os pecadores. Usa, sim, alguma vez, da sua justiça, mas isso apenas para corrigir o pecador e fazê-lo regressar ao redil; ele é terrível, mas todo amabilidade para quem volta para ele e todo caridade; *Deus caritas est*. Talvez nos aterrorizam os ultrages feitos ao divino Salvador? Nem isso sequer nos deve aterrorizar: Jesus Cristo é nosso juiz, mas é também nosso amigo, *vos amici mei estis*, são suas palavras. Antes, Jesus Cristo veio para salvar os pecadores. *Veni salvum facere quod perierat...*

(pp. 76-82)

85. Cristo é o nosso modelo vivo

A CHAVE DO PARAÍSO (1856)

Uns 10 anos após o Giovane provveduto, Dom Bosco publicava um manual análogo para os adultos do povo cristão: a um só tempo síntese de doutrina, método de vida, e formulário de orações. Intitulava-se: La Chiave del Paradiso in mano al cattolico che pratica i Doveri del Buon Cristiano. Teve grande difusão: não menos de 44 edições durante a vida do autor.

Também aqui Dom Bosco reuniu os autores mais acreditados, como ele próprio diz no prefácio. Nem tudo, pois, tem o mesmo valor. Citamos as páginas mais significativas, as que colocam o centro da vida cristã na Pessoa do Cristo e na imitação de suas virtudes. Hoje insistiríamos mais em alguns traços da figura de Jesus, aqui apenas esboçados: a sua liberdade à face de qualquer pressão, sua força corajosa, sua fidelidade sem desfalecimento, seu amor preferencial aos pobres e aos pequenos... E isso em conformidade também com a Regra de ouro aqui indicada: fazer viver em si próprio a Jesus Cristo. O texto faz-nos descobrir a qualidade profundamente evangélica da alma de Dom Bosco e da sua espiritualidade.

Citamos a segunda edição, de Turim, Tip. Paravia, 1857, pp. 192 (formato pequeno 7 x 10,5).

Um dia Deus disse a Moisés: Lembra-te bem de executar minhas ordens: e faze tudo de acordo com o modelo que te mostrei na montanha. A mesma coisa diz Deus aos Cristãos. O modelo que todo cristão deve copiar é Jesus Cristo. Ninguém pode gloriar-se de pertencer a Jesus Cristo se não se empenha em imitá-lo. Por isso na vida e nas ações de um Cristão devem-se encontrar a vida e as ações do próprio Jesus Cristo. O Cristão deve rezar, como rezou Jesus Cristo na montanha, com recolhimento, humildade e confiança. O Cristão deve ser acessível como era Jesus Cristo aos pobres, aos ignorantes, às crianças. Não deve ser orgulhoso, pretensioso nem arrogante. Faz-se tudo para todos a fim de ganhar a todos para Jesus Cristo.

O Cristão deve tratar o seu próximo, como Jesus Cristo tratava seus seguidores: por isso suas atitudes devem ser sempre edificantes, caridosas, cheias de gravidade, doçura e simplicidade.

O Cristão deve ser humilde, como foi Jesus Cristo, que de joelhos lavou os pés aos seus Apóstolos, e os lavou também a Judas, não obstante soubesse da perfídia de quem o havia de trair. O verdadeiro Cristão considera-se como o menor de todos, como servo de todos.

O Cristão deve obedecer, como obedeceu Jesus Cristo, que foi submisso a Maria e a São José, e obedeceu ao seu Pai celeste até à morte e morte de cruz.

O verdadeiro Cristão obedece aos seus pais, aos patrões, aos superiores, porque neles reconhece a Deus, do qual fazem as vezes.

O verdadeiro Cristão ao comer e beber deve ser como Jesus Cristo nas bodas de Caná na Galiléia e de Betânia, isto é, sóbrio, temperante, atento às necessidades alheias, e mais preocupado com o alimento espiritual do que com a comida que lhe nutre o corpo.

O bom Cristão deve ser para seus amigos como era Jesus Cristo para S. João e S. Lázaro. Deve amá-los no Senhor e por amor de Deus; confia-lhes cordialmente os segredos do seu coração; e se caírem no mal, porá em ação todo o empenho para fazê-los voltar ao estado de graça.

O verdadeiro Cristão deve sofrer com resignação as privações e a pobreza, como as sofreu Jesus Cristo, que não tinha sequer um lugar onde apoiar a cabeça. Sabe tolerar as contradições e calúnias, como Jesus Cristo tolerou as dos Escribas e dos Fariseus, deixando a Deus o cuidado de justificá-lo ⁽⁷⁾. Sabe tolerar agravos e ultrages, como fez J. C. quando lhe deram uma bofetada, lhe cuspiram o rosto e de mil maneiras o insultaram no Pretório.

O verdadeiro Cristão deve estar pronto para tolerar as penas do espírito, como Jesus Cristo quando foi traiçoadado por um dos seus discípulos, renegado por outro, e abandonado por todos.

O bom Cristão deve estar disposto a acolher com paciência qualquer perseguição, qualquer doença e também a morte, como fez Jesus Cristo, que com a cabeça coroada de pungentes espinhos, com o corpo lacerado pelas pancadas, com pés e mãos cravados de

(7) As palavras "resignação" e "tolerar" tornaram-se ambíguas na nossa linguagem atual. Certa insistência unilateral nas virtudes passivas nos séculos passados pôde refletir-se na imagem que se fazia do Cristo. Na realidade, Jesus resistiu aos escribas e fariseus com toda a força espiritual da verdade, por si mesmo e pelos "pequenos", aos quais os "sábios" do tempo impunham fardos que eles próprios recusavam-se a carregar. Tal resistência valeu-lhe a morte.

pregos, entregou em paz a sua alma nas mãos do seu Pai celeste.

De maneira que o verdadeiro Cristão deve dizer com o Apóstolo S. Paulo: (*sic*) Não sou eu que vivo, mas é Jesus Cristo que vive em mim. Quem seguir a Jesus Cristo conforme o modelo descrito, terá a certeza de ser um dia glorificado com Jesus Cristo no Céu, e de reinar com ele eternamente.

(pp. 20-23)

O MÊS DE MAIO (1858)

Difundida havia mais de um século na Itália, a prática do "Mês de maio" era o melhor meio para impressionar o povo cristão. Dom Bosco não podia deixar de utilizá-lo na sua obra de defesa e educação da fé popular. Em 1858, as Letture Cattoliche publicaram, como número de abril (ano VI, fasc. II), Il Mese di Maggio consacrato a Maria SS. Immacolata ad uso del Popolo — per cura del sacerdote Bosco Giovanni, Tip. Paravia, Torino (in 23.º, pp. 192).

É um dos seus melhores opúsculos, que visa ao mesmo tempo a iluminar os espíritos, comover os corações e levar os leitores à oração, aos sacramentos e à renovação da vida. Com respeito às 33 considerações (de 30 de abril a 1.º de junho), Dom Bosco aceitou o uso da época, que, aos temas especificamente marianos, preferia os temas gerais da vida cristã, mais apreciados pelo povo. O seu Mese di Maggio apresenta-nos, com efeito, uma rápida síntese doutrinal, escrita "com a áurea simplicidade própria do egrégio sacerdote em suas pequenas publicações para a juventude e para o povo", como se exprimia o jornal L'Unità Cattolica⁽⁸⁾.

Também aqui, Dom Bosco consultou os bons autores, particularmente S. Afonso (Preparação para a morte e Glórias de Maria); mas seu cunho pessoal é bastante nítido, sobretudo nos quatro extratos que selecionamos, relativos à devoção mariana (primeiro e último dia), à dignidade do cristão e às exigências da caridade ativa que dela derivam (9.º e 29.º dia). Citamos a quarta edição (1873), a última que Dom Bosco retocou durante a sua vida⁽⁹⁾.

(8) Apresentando a quarta edição, no seu número de 20 de abril de 1873.

(9) Houve ainda outras oito edições (a duodécima em 1885), mas estereotipadas. Sobre as fontes e as características deste opúsculo, cf. P. Stella, *I tempi e gli scritti che prepararono il "Mese di Maggio" di Don Bosco*, em "Salesianum" XX (1958), pp. 648-687, com um Saggio per una edizione critica, pp. 687-694.

86. Maria é a Mãe que nos conduz ao seu Filho

Último Dia de abril. — *Motivos de confiança em Maria*

Acompanha-me, cristão, e considera os inumeráveis motivos que nos devem animar à confiança em Maria e a mostrar-nos constantemente verdadeiros devotos seus. Começarei apontando os três principais, os seguintes: Maria é mais santa que todas as criaturas; Maria é mãe de Deus; Maria é nossa mãe.

1.º Em todo o Velho Testamento Maria é chamada toda bela e sem mancha: é comparada ao sol a brilhar, à lua quando na plenitude da sua luz; às estrelas mais luminosas; a um jardim cheio de flores deliciosas; a uma fonte selada, da qual jorra água límpida; a uma humilde pomba; a um lírio puríssimo. No Evangelho é chamada pelo Anjo Gabriel *cheia de graça*. "Ave, gratia plena". Cheia de graça, ou seja criada e formada na graça, o que quer dizer que Maria desde o primeiro instante da sua existência esteve isenta de mancha original e atual, e sem mancha perseverou até ao último respiro de vida. Cheia de graça, e por isso não houve o mínimo defeito no seu puríssimo coração; nem há virtude alguma que não tenha sido praticada por Maria em grau sublime. A Igreja católica exprime a santidade de Maria definindo que Ela esteve sempre isenta de toda a culpa, e convida-nos a invocá-la com as preciosas palavras: *Regina, sine labe originali concepta, ora pro nobis*. Rainha concebida sem pecado original, rogai por nós que recorreremos a vós.

2.º Isenta de toda mancha de pecado original e atual, adornada de todas as virtudes que possamos imaginar, por Deus enriquecida de graça mais que qualquer outra criatura, todas essas prerrogativas fizeram com que Maria fosse escolhida entre todas as mulheres para ser elevada à dignidade de mãe de Deus. Esse o anúncio que lhe fez o Anjo; que S. Isabel repetiu quando foi visitada pela Virgem santíssima; a saudação que lhe fazem todos os dias os cristãos dizendo: Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós. Ao glorioso nome de Mãe de Deus desfalece o engenho humano, por

isso inclinando a fronte em sinal de profunda veneração, limitamo-nos a dizer que nenhuma criatura pode conseguir maior grau de glória; e, por consequência, nenhuma criatura pode ser mais poderosa junto de Deus que Maria. Que confiança não havemos de ter em tão poderosa protetora?

3.º Mas se o título de Mãe de Deus é glorioso para Maria, é glorioso também e útil para nós, que havendo sido redimidos por Jesus Cristo nos tornamos filhos dEla e irmãos do seu divino filho. Porquanto ao tornar-se mãe de Jesus verdadeiro Deus e verdadeiro homem, tornou-se outrossim nossa mãe ⁽¹⁰⁾. Jesus Cristo na sua grande misericórdia quis chamar-nos seus irmãos, e com esse nome nos constitui a todos filhos adotivos de Maria. O Evangelho confirma o que aqui dizemos. O Divino Salvador estava na cruz e sofria as dores da mais penosa agonia. Sua mãe santíssima e o apóstolo S. João estavam aos seus pés, imersos em profunda dor; abrindo os olhos, e foi talvez a última vez que os abriu na vida mortal, Jesus viu o discípulo predileto e sua querida mãe. Com os lábios moribundos disse a Maria: Mulher, eis, em João, o teu filho. Em seguida disse a João: Eis, em Maria, a tua mãe; *mulier ecce filius tuus; ecce mater tua*. Os Santos Padres reconhecem unânimes nesse fato a vontade do Divino Salvador, que antes de deixar o mundo queria dar-nos Maria como amorosa mãe, e nos constituía a todos filhos dEla.

Além disso Maria é nossa mãe, porque nos regenerou na graça por meio de Jesus Cristo. Porque assim como Eva é chamada mãe dos viventes, do mesmo modo Maria é mãe de todos os fiéis pela graça (*Ricardo de S. Lourenço*). A esse respeito assim se exprime S. Guilherme Abade: Maria é mãe da Cabeça, portanto

(10) O parágrafo 3 é particularmente interessante. Dom Bosco faz derivar a maternidade espiritual de Maria para conosco de dois argumentos complementares. O primeiro parte de Cristo e da sua ação redentora sobre nós: irmãos de Cristo, tornamo-nos necessariamente filhos de Maria. O segundo parte de Maria e da sua ação materna sobre Jesus: gerando Jesus, a Cabeça, gerou-nos espiritualmente como seus membros. Dom Bosco está convencido de que a devoção "final" a Maria, não tem, em si mesma, nada de sentimental; é uma "resposta" à realidade materna de Maria.

é também mãe dos membros, que somos nós: *Nos sumus membra Christi*. Dando Jesus à luz, Maria regenerou-se também espiritualmente. Por isso é com razão que todos a chamam de Mãe, e como tal merece ser honrada (*Guilh. Ab. cant. 4*).

Eis, ó cristãos, a pessoa que proponho à vossa veneração no decorrer deste mês. É a mais santa de todas as criaturas, a mãe de Deus, a nossa mãe, poderosa e bondosa, que ardentemente deseja cumular-nos de favores celestes. Eu, diz ela, eu moro no mais alto dos céus para cumular de graças e bênçãos os meus devotos: *Ego in altissimis habito, ut ditem diligentes me, et thesauros eorum repleam*⁽¹¹⁾...

(pp. 19-23)

... Não somente é o auxílio dos Cristãos, mas também o sustentáculo da Igreja universal. Todos os títulos que lhe damos lembram um favor; todas as solenidades que se celebram na Igreja tiveram origem de algum grande milagre, de alguma graça extraordinária que Maria alcançou para o bem da Igreja universal. Quantos hereges confundidos, quantas heresias extirpadas! A Igreja exprime a sua gratidão dizendo a Maria: Fostes vós, ó grande Virgem, que sozinha debelastes todas as heresias: *Cunctas haereses sola interestimisti in universo mundo*.

(p. 182)

Dia Primeiro de junho. — *Modos de assegurar-nos a proteção de Maria*

Agora que terminamos o mês de Maria, julgo conveniente dar-vos, como encerramento, algumas lembranças úteis para assegurar-nos a proteção dessa nossa grande Mãe na vida e na morte. Sendo nossa mãe, Maria deve por certo abominar os ultrajes que se fazem a Jesus seu Filho. Quem, portanto, deseja gozar de seu patrocínio na vida e na morte, deve abster-se do

(11) Acrescentamos imediatamente um parágrafo extraído do 30.º dia, para demonstrar como, desde 1858, a devoção de Dom Bosco a Maria Imaculada (cf. o título do opúsculo) já estava pronta para se tornar também devoção à Auxiliadora dos cristãos e da Igreja (aspecto do mistério de Maria que ele desenvolverá a partir de 1863).

pecado ⁽¹²⁾. Seria esperança vã acreditarmos contar com a proteção de Maria, ofendendo o seu filho Jesus por ela amado sobre todas as coisas. Por outra parte devemos não só guardar-nos de ofender a Jesus, mas ainda meditar com todas as forças do nosso coração os divinos mistérios da sua paixão, segui-lo na penitência. Maria mesma disse um dia a S. Brígida: Filha, se queres fazer-me uma coisa agradável, ama de coração o meu Filho Jesus.

Maria é refúgio dos pecadores, por isso devemos também nós empenhar-nos em levar almas a Jesus, aumentar os filhos de Maria com santos conselhos, atenções, orações, bons livros e de outras maneiras. Nada interessa tanto a Jesus quanto a salvação das almas; e por conseguinte a Maria, que ama ternamente o seu Filho, não se pode prestar melhor serviço do que ganhando-lhe alguma alma.

Devemos além disso procurar oferecer-lhe em homenagem a vitória sobre alguma paixão. E assim, se alguém, colérico por natureza, prorromper muitas vezes em atos de impaciência, em imprecações e blasfêmias, ou então tiver contraído o hábito de falar de maneira inconveniente ou pouco respeitosa das coisas de religião, convém que refreie a sua língua para prestar obséquio a N. Senhora. Em suma devem todos fugir o mal e fazer o bem por amor de Maria...

(pp. 190-191)

87. Ser filho de Deus significa amar ativamente os irmãos

Nono Dia. — *Dignidade do cristão*

Por dignidade do cristão não entendo as riquezas terrenas ou os dotes corporais, nem mesmo as preciosas

(12) Citamos somente a primeira parte das reflexões desse último dia; a segunda sugere diversas práticas de devoção para com Maria: preparar as suas festas, valorizar o sábado, rezar o Ángelus e o Terço... Vale a pena salientar a ordem adotada: para Dom Bosco, honrar a Maria é, em primeiro lugar, honrá-la pelo esforço de uma vida "cristã", isto é, centrada em Jesus Cristo. As "práticas" não pretendem senão manter a seriedade desse amor. É o que mostram também os trechos seguintes.

qualidades da alma criada à imagem e semelhança do Criador; entendo somente falar da grande dignidade que adquiriste, quando por meio do Batismo foste recebido no seio da santa Madre Igreja. Antes que fosses regenerado nas santas águas batismais eras escravo do demônio, inimigo de Deus e excluído para sempre do Paraíso. No próprio ato em que este augusto Sacramento te abriu a porta da verdadeira Igreja, romperam-se as cadeias com que te mantinha preso o inimigo de tua alma; o Inferno fechou-se para ti, e abriu-se o Paraíso. Naquele momento te tornaste objeto de especial amor por parte de Deus; foram-te infundidas as virtudes da fé, da esperança e da caridade. E assim, tornando-te cristão, pudeste levantar os olhos para o céu e dizer: Deus criador do céu e da terra é também o meu Deus. Ele é meu pai, me ama, e me ordena que o chame com este nome: *Pai nosso, que estais nos céus*. Jesus Salvador me chama de irmão, e como irmão pertença a Ele, aos seus méritos, à sua paixão, à sua morte, à sua glória, à sua dignidade. Os Sacramentos, instituídos por este amável Salvador, foram instituídos para mim. O Paraíso, que o meu Jesus abriu com a sua morte, abriu-o para mim, e para mim o tem preparado.

E para que houvesse quem pensasse por mim, quis dar-me a Deus por pai, a Igreja por mãe, a Divina palavra por guia ⁽¹³⁾.

Toma, pois, ó cristão, conhecimento da tua grande dignidade. *Agnosce, christiane, dignitatem tuam*. Enquanto te convido a te alegrares de coração pelo grande benefício que recebeste ao te tornares cristão, peço-te que penses em tantos homens, resgatados também eles pelo precioso sangue de Jesus Cristo, mas que desgraçadamente vivem imersos ou na idola-

(13) Raras as páginas da obra escrita de Dom Bosco em que a realidade da pessoa cristã esteja tão claramente como aqui fundada no ato batismal e nas novas relações que estabelece com Deus Pai, com Jesus Filho, com a Igreja mãe e com a multidão dos irmãos cristãos. Viver como cristão é "corresponder" ao próprio "ser", com consciência cada vez maior da sua extraordinária grandeza e, pois, das suas exigências.

tria, ou na heresia, fora, portanto, do caminho da salvação. Muitos deles bendiriam a todo o instante o Criador se pudessem ter as graças, os favores, as bênçãos que tu tens. Dize-me: como tens correspondido à grande bondade que Deus usou para contigo?

Achega-te, ó cristão, e delibera com firmeza corresponder melhor à tua dignidade no futuro. Prostremo-nos diante de Deus e de coração digamos assim: Meu Deus, Pai das misericórdias, eu me arrependo de todo o coração de vos haver ofendido, proponho emendar-me para o futuro e fazer tudo o que puder para corresponder à dignidade de cristão a que me elevastes.

Mas como sois vós, ó Maria, Mãe augusta do meu Salvador, o mais belo ornamento do cristianismo, a maior e mais poderosa de todas as criaturas, a vós me dirijo, Virgem clementíssima, e estou certo de receber a graça de Deus, o direito ao Paraíso, de readquirir, numa palavra, minha dignidade perdida, se por mim intercederdes. *Auxilium christianorum, ora pro nobis* ⁽¹⁴⁾.

Vigésimo nono dia. — *Meio eficaz para garantirmos o Paraíso*

Meio muito eficaz, mas bastante descuidado pelos homens para ganharmos o paraíso, é a esmola. Por esmola entendo qualquer obra de misericórdia feita ao próximo por amor de Deus ⁽¹⁵⁾. Deus diz na sagrada escritura, que a esmola alcança o perdão dos pecados, ainda que muito numerosos. *Charitas operit multitudinem peccatorum*. O divino Salvador diz assim no Evangelho: *Quod superest date pauperibus*. Dai ao pobre o que sobra de vossas necessidades. Quem tiver

(14) Lembremos que o texto foi escrito em 1858. O "exemplo" que acompanha cada reflexão doutrinal ou moral é dedicado, nesse dia, à explicação do conteúdo dessa invocação das ladainhas lauretanas.

(15) Dom Bosco entende, pois, a esmola no sentido pleno de *qualquer dom*: ao próximo por amor de Deus (é justamente esse o sentido bíblico e litúrgico da palavra), e não somente dom de dinheiro ou de objetos materiais. Todavia, ao desenvolver o tema, insiste primeiro, longamente, nos dons materiais. Depois, no fim do 2.º ponto, indica diversas outras formas de caridade ativa, provocadas por outras formas de pobreza.

duas roupas dê uma ao necessitado, e quem tiver mais que o necessário, distribua a quem tem fome (Lucas 3). Deus nos garante que considera como feito a si mesmo o que fizermos pelos pobres. Tudo o que fizerdes, diz Jesus Cristo, a um dos meus irmãos mais infelizes, a mim o fareis (Mt 25). Desejais então que Deus vos perdoe os pecados e livre da morte eterna? Fazei esmola. *Eleemosyna ab omni peccato et a morte liberat*. Quereis impedir que vossa alma caia nas trevas do inferno? Fazei esmola. *Eleemosyna non patietur animam ire ad tenebras* (Tob 4). Numa palavra, Deus nos garante que a esmola é meio efficacíssimo para alcançar o perdão dos pecados, fazer-nos encontrar misericórdia aos olhos de Deus e conduzir-nos à vida eterna. *Eleemosyna est quae purgat a peccato, facit invenire misericordiam et vitam aeternam*.

Se, pois, desejas que Deus use de misericórdia para contigo, começa a usá-la para com os pobres. Dirás: Faço o que posso. Mas olha bem que o Senhor diz que debes dar aos pobres todo o supérfluo: *quod superest date pauperibus*. Por isso digo-te que são supérfluas as aquisições e aumentos de riquezas que fazes de ano para ano. Supérfluo o requinte que empregas nos objetos de mesa, almoços, tapetes, roupas, que poderiam servir para quem tem fome, para quem tem sede, e a vestir os nus. Supérfluo o luxo nas viagens, nos teatros, nos bailes e outros divertimentos onde, pode-se dizer, vai terminar o patrimônio dos pobres.

É verdade que alguém anda a dizer que dar o supérfluo aos pobres é simples conselho, não um preceito ⁽¹⁶⁾. Não acredites em quem assim fala. O Salvador disse essas palavras em tom imperativo, e não como conse-

(16) Observe-se que este parágrafo e o seguinte não se encontram na primeira edição. Dom Bosco, pois, julgou bem esclarecer o próprio pensamento e insistir com os que têm posses. Não deixará nunca de sustentar com vigor que “dar o supérfluo aos pobres” é “um preceito” e que não se deve procurar pretextos para subtrair-se a ele. No tom aqui empregado e nos exemplos concretos aduzidos, Dom Bosco usa o tom dos profetas e do evangelho: *Os pobres são os teus irmãos*. Empregá-lo-á também nas conferências aos Cooperadores. Quem quiser conhecer o pensamento da Igreja sobre este ponto havrá de encontrá-lo no Vat. II, *Gaudium et Spes*, n. 69.

lho; antes, para que ninguém se iludisse e não levasse a sério suas palavras e não inventasse pretextos para não fazer bom uso das suas riquezas acrescentou ser mais fácil um cabo ou uma grossa corda passar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no reino dos céus. Não que seja impossível aos ricos a salvação, mas para mostrar como se acham em perigo de perder-se eternamente pelo mau uso das riquezas.

Dirá alguém: devo conservar o decoro do meu estado e nada mais me sobra de supérfluo para fazer esmola. Conserva, sim, o decoro do teu estado, mas não esqueças que os pobres são teus irmãos. As jóias preciosas que inutilmente guardas no cofre; o monte de roupas que acabam roídas pela traça; o luxo imoderado nos móveis, nas viagens, em saraus, nos bailes, em teatros e coisas semelhantes; todas essas despesas são em grande parte supérfluas, mais, parecem incompatíveis com a situação dos teus pobres irmãos, que às vezes sofrem fome, sede, frio. Não parecem compatíveis com o triste fim de tanta gente que com pequena ajuda poderias arrancar da ruína da alma e do corpo.

Dirás: não tenho riquezas. Se não tens riquezas dá o que podes. Não te faltam meios e maneiras para fazer esmola. Não há doentes a visitar, assistir, velar? Não há jovens abandonados a recolher, instruir, hospedar em tua casa, se puderes, ou ao menos levá-los aonde possam aprender a ciência da salvação? Não há pecadores a advertir, indecisos a aconselhar, aflitos a consolar, rixas a acalmar, injúrias a perdoar? Vê com quantos meios podes fazer esmola e merecer a vida eterna! Mais: não podes rezar alguma oração, fazer alguma confissão, comunhão, rezar um terço, ouvir uma missa em sufrágio das almas do purgatório, pela conversão dos pecadores, ou para que os infiéis sejam iluminados e voltem à fé? Não é também uma grande esmola deitar às chamas livros perversos, difundir bons livros e falar na medida do possível a favor da nossa santa Religião Católica?...

88. Programa de cristianismo ativo

ESQUEMA DE PREGAÇÃO

Entre os manuscritos de Dom Bosco, encontramos uma folha com um esquema de pregação (ou conferência aos Cooperadores?). Não tem data, mas é certamente posterior a 1877, porque alude ao Bollettino Salesiano, que começou em setembro desse ano. As notas incisivas resumem bem o ideal de uma vida cristã empenhada de maneira realista, como a concebia Dom Bosco.

Praticar a religião com obras, palavras e bens

1.º Fides sine operibus mortua est ⁽¹⁷⁾. Preceitos da Igreja, do decálogo. Missa, pregação, bênção, confissão, comunhão, abstinência de carne etc.

2.º Com as palavras e com a ciência. Instruir-se bem na Religião, boas leituras, fugir como a peste dos romances e de outras más leituras. Exemplos: Ler e difundir bons livros. Leituras católicas. Boletim Salesiano, Clássicos italianos ⁽¹⁸⁾. Ajudar nos catecismos, mandar meninos (ao catecismo). Em família promover boas conversas, impedir as más. O cristão é sal da terra.

3.º Com os bens. Honora Deum de tua substantia. Se tens muito dá muito, se pouco dá pouco ⁽¹⁹⁾, mas dá o que podes. Exemplos: S. Pudenciana, S. Praxedes, S. Cecília, S. Sabina ⁽²⁰⁾. Quod superest é preceito do

(17) *A fé sem as obras é morta* (carta de Tg 2,20). Texto sempre citado por Dom Bosco.

(18) Em janeiro de 1869, Dom Bosco havia lançado uma *Biblioteca della Gioventù italiana*, que todos os meses apresentava os principais clássicos italianos adaptados aos jovens (cf. MB IX, 426-432). Todo este segundo parágrafo manifesta a importância para Dom Bosco de uma fé sempre iluminada, preservada, alimentada.

(19) Dupla citação da Escritura: *Honra o Senhor com tua fortuna* (Prov 3,9). *Se tens muito, dá muito; se pouco, não hesites em dar esse pouco* (Tob 4,8). Notamos como Dom Bosco faz essa recomendação a todos os cristãos, e não somente aos ricos.

(20) Nesse ponto Dom Bosco procura os seus exemplos em ilustres santas dos primeiros séculos cristãos. O calendário da Igreja de Roma celebra-lhes, com efeito, tanto a generosidade para com os pobres, quanto a virgindade e o martírio.

Salvador. Necessidade de cumpri-lo. Vãs explicações ⁽²¹⁾. Convém cumpri-lo: lucrар o cêntuplo e a vida eterna. Meio para carregarmos conosco os bens: dá-los a Deus nas pessoas dos pobres. Quod uno ex... etc. Exemplo de S. Lourenço ⁽²²⁾.

89. Retrato de apóstolo: confiança somente em Deus, zelo, amabilidade

PANEGÍRICO DE SÃO FILIPE NERI (MAIO DE 1868)

Do pequeno número de pregações escritas pela mão de Dom Bosco, destaca-se um panegirico completo de São Filipe Neri. O incansável e alegre apóstolo da Roma de 1500 (1515-1595), amigo dos jovens e criador também de oradores, foi um dos seus modelos preferidos. Comprazia-se em citar algumas das suas frases típicas. No fim de maio de 1868, foi convidado pelo bispo de Alba Torinese a pregar o panegirico do santo a um auditório de sacerdotes. Quis mostrar em Filipe Neri o apóstolo dos jovens, inteiramente dedicado à salvação deles, confiando somente na força de Deus. Sem querer, descreve sua própria figura de apóstolo, e a do apóstolo salesiano ideal ⁽²¹⁾.

Não entendo apresentar-vos detalhadamente todas as ações e virtudes de Filipe, pois melhor do que eu as tendes lido, meditado e imitado; limitar-me-ei a aludir

(21) Evocação da palavra de Jesus em Lc 11,41 segundo o texto latinc: *Quod superest date in elemosynam. Dai em esmola o supérfluo.* Dom Bosco volta a um dos seus argumentos mais freqüentes. partilhar os próprios bens é uma ordem do Senhor, não um piedoso conselho facultativo.

(22) Início da frase de Jesus em Mt 25,40 (texto latino): *O que fizestes a um só destes meus irmãos mais pequenos, foi a mim mesmo que o fizestes.* O exemplo aqui lembrado é o do diácono romano Lourenço, martirizado dia 10 de agosto de 258; segundo os Atoş do seu martírio, ao pedir-lhe o juiz que mostrasse os presumíveis tesouros da Igreja, Lourenço levou à sua presença os pobres aos quais distribuía alimento e roupa.

(23) Foi justamente essa a impressão dos ouvintes, conforme o P. Lemoyne (MB II, 46-48; XI, 213-221). Conta ainda que Dom Bosco levava consigo o panegirico escrito, mas, procurado por muitas visitas até o último momento, não teve tempo de relê-lo, e assim teve que improvisar a formulação da pregação. O texto chegou-nos em duas formas; um esboço (23 páginas) cheio de correções e uma cópia a limpo Jo P. Berto (13 páginas), na qual o texto anterior é simplificado, e que Dom Bosco corrigiu novamente de próprio punho (Arquivo 132, *Prediche* F 4). Citamos esse último texto (com o P. Lemoyne, MB XI, 215-221). Os subtítulos são nossos.

apenas ao que vem a ser como o eixo ao redor do qual se produziram, por assim dizer, todas as demais virtudes; isto é, o zelo pela salvação das almas! É o zelo recomendado pelo Divino Salvador quando disse: Eu vim lançar fogo à terra, e como gostaria que já estivesse aceso! *Ignem veni mittere et quid volo nisi ut accendatur?* (Lc 12,49). Zelo que fazia o Apóstolo Paulo exclamar que era anátema de Jesus Cristo pelos seus irmãos: Optabam me esse anathema pro fratribus meis (Rom 9,3) ⁽²⁴⁾ . . .

A maior virtude: o zelo que se apóia em Deus

Para abrir caminho no argumento que me propus escutai um episódio curioso. Trata-se de um moço que aos só vinte anos de idade, movido pelo desejo da glória de Deus, abandona os pais, dos quais era filho único, renuncia às pomposas riquezas do pai e de um tio rico que o quer fazer seu herdeiro: e só, sem que ninguém soubesse, sem meios de espécie alguma, apoiado tão-somente na Divina Providência, deixa Florença, vai a Roma. Contemplai-o agora: é caridosamente acolhido por um concidadão (Caccia Galeotto): detém-se num canto do pátio da casa, o olhar voltado para a cidade, absorto em graves pensamentos!

Aproximemo-nos e interroguemo-lo ⁽²⁵⁾ :

— Jovem, quem sois e que olhais com tamanha ansiedade?

— Sou um pobre forasteiro; contemplo esta grande cidade, e um grande pensamento me invade a mente; receio, porém, que seja loucura e temeridade.

— Que pensamento?

(24) Dom Bosco coloca no centro da alma e da vida de S. Filipe Neri "o zelo" pela salvação do próximo, e um zelo que tem origem no zelo de Cristo. É esse o tema do panegírico: comentário concreto do *Da mihi animas*.

(25) O diálogo nada tem de histórico, evidentemente. Dom Bosco imagina-o para dar mais relevo à situação de Filipe no início da sua missão: pobre de meios humanos, confia em Deus que o inspira. O trecho dá uma idéia do estilo popular e vivo que tornava tão atraentes os sermões de Dom Bosco.

— Consagrar-me ao bem de tantas pobres almas, de tantos pobres meninos, que por falta de instrução religiosa vão pelos caminhos da perdição.

— Tendes ciência?

— Cursei apenas os primeiros anos.

— Tendes meios materiais?

— Nada; não tenho um pedaço de pão a não ser o que o meu patrão me dá caridosamente todos os dias.

— Tendes igrejas, tendes casas?

— Nada tenho além de um quarto baixo e estreito cujo uso me é concedido por caridade. Meus armários são uma simples corda estendida de uma parede à outra, na qual coloco minha roupa e toda a minha bagagem.

— Como, então, quereis sem nome, sem ciência, sem riquezas e sem casa, empreender uma obra tão gigantesca?

— É verdade: a falta de meios e de merecimentos deveras me preocupa. Por outra parte, Deus que me inspira a coragem, Deus que das pedras suscita filhos de Abraão, esse mesmo Deus é que...

Esse pobre jovem, senhores, é Filipe Neri, que está a meditar a reforma dos costumes de Roma. Contempla essa cidade, mas ah! como a vê! Vê-a escrava há muitos anos dos estrangeiros; vê-a horripelantemente atormentada por pestilências, pela miséria; vê-a depois de ter sido por três meses sitiada, combatida, vencida, saqueada e, pode-se dizer, destruída.

O trabalho mais urgente: catequizar

Tal cidade deve ser o campo em que o jovem Filipe haverá de recolher copiosos frutos. Vejamos como se põe à obra. Com a costumeira ajuda da Divina Providência retoma os estudos; faz a filosofia, a teologia e, seguindo o conselho do seu Diretor, consagra-se a Deus no estado sacerdotal. Com a sagrada Ordenação redobra o seu zelo pela glória de Deus. Filipe, agora

sacerdote, convence-se com S. Ambrósio que: Com o zelo se adquire a fé, e com o zelo o homem é conduzido à posse da justiça. *Zelo fides acquiritur, zelo iustitia possidetur* (S. Amb. in ps. 118). Filipe acha-se convencido de que nenhum sacrifício é tão agradável a Deus quanto o zelo pela salvação das almas. *Nullum Deo gratius sacrificium offerri potest quam zelus animarum* (Greg. M. in Ezech.)⁽²⁶⁾. Movido por tais pensamentos parecia-lhe que as turbas de cristãos, especialmente de meninos pobres, estivesse com o profeta a gritar continuamente contra ele: *Parvuli petierunt panem et non erat qui frangeret eis* (Lam 4,4)⁽²⁷⁾. Mas quando pôde freqüentar as fábricas, penetrar nos hospitais e nos cárceres e viu gente de toda a idade e condição dada a rixas, blasfêmias, roubos e viver escrava do pecado, quando começou a refletir como muitos ultrajavam a Deus Criador sem quase conhecê-lo, não observavam a lei divina porque a ignoravam, então vieram-lhe à mente os suspiros de Oséias que diz (6,1-2): Por não conhecer o povo as coisas que se referem à salvação eterna, os maiores, os mais abomináveis delitos inundaram a terra. Mas quão amargurado não lhe ficou o pobre coração quando percebeu que grande parte dessas pobres almas perdiam-se miseramente, porque não eram instruídas nas verdades da fé? Esse povo, exclamava com Isaias, não teve a inteligência das coisas da salvação, por isso o inferno se alargou, abriu desmesuradamente a sua boca, e nele cairão seus heróis, o povo, os grandes e os poderosos: *Populus meus quia non habuit scientiam, propterea... infernus aperuit os suum absque ullo termino, et descendent fortes eius, et*

(26) Novo elogio do "zelo pelas almas" mediante uma das fórmulas superlativas que Dom Bosco se compraz em adotar quando fere este argumento. Mas também o pensamento merece ser posto em evidência: o serviço generoso para com o próximo é aqui apresentado como um ato *cultural e sacrificial* segundo a perspectiva de Paulo em Rom 15,16, e de acordo com o grande tema da *liturgia da vida* tão ressaltado pelo Concílio.

(27) *As crianças reclamam pão e ninguém lho dá*. Dom Bosco aborda agora um segundo tema fundamental: a causa principal de tantas calamidades é a ignorância religiosa. O povo e os meninos não são evangelizados. Obra urgente a empreender é, pois, anunciar e explicar a palavra de Deus.

populus eius, et sublimes, gloriosique eius ad eum (Is 5, 13-14).

À vista de tais males sempre crescentes, Filipe, a exemplo do Divino Salvador que, quando deu início à pregação, nada tinha no mundo a não ser o grande fogo da caridade divina que o levou a descer do Céu à terra; a exemplo dos Apóstolos que não dispunham de nenhum meio humano quando foram enviados a pregar o Evangelho às nações da terra..., Filipe faz-se todo para todos nas ruas, nas praças, nas fábricas; penetra nos estabelecimentos públicos e privados, e com seus modos educados, delicados, agradáveis, sugeridos pela verdadeira caridade para com o próximo, começa a falar de virtude, de religião a quem não queria saber nem de uma nem de outra. Imaginai os rumores que corriam a seu respeito! Quem o diz estúpido, quem ignorante, outros chamam-no de bêbedo, não faltando quem o proclamasse louco.

O corajoso Filipe deixa que cada um diga o que lhe apraz; antes, da reprovação do mundo deduz que suas obras são para glória de Deus; porque o que o mundo chama de sabedoria é estultície diante de Deus: por isso prosseguia intrepidamente na sua santa empresa⁽²⁸⁾...

O campo mais precioso: os jovens

Mas Deus enviara Filipe especialmente à juventude, por isso dedicou a ela especial atenção.

Considerava o gênero humano como um grande campo a cultivar. Se em tempo oportuno semeia-se bom trigo, haverá abundante colheita: mas se a semeadura se fizer fora da estação, recolher-se-á palha e folhelho. Sabia outrossim que nesse campo místico há um grande tesouro escondido, isto é, as almas de muitos meninos na maioria inocentes e muitas vezes perversos sem o

(28) Inconscientemente Dom Bosco interpreta os episódios e as orientações da vida do seu herói em função da sua própria experiência. Pondo "João Bosco" onde está escrito "Filipe Neri", muito pouco haveria a mudar no texto.

saberem. Esse tesouro, dizia Filipe no seu coração, é totalmente confiado aos sacerdotes, e ordinariamente deles é que depende sua salvação ou condenação.

Não ignorava Filipe que cabe aos pais o cuidado dos filhos, cabe aos patrões cuidar dos seus empregados; mas quando estes não podem, ou não são capazes, ou então não querem, devem-se deixar essas almas caminhar para a perdição? Tanto mais que os lábios do sacerdote devem ser a guarda da ciência e os povos têm direito de procurá-la em sua boca e não na de outrem.

Uma coisa pareceu à primeira vista desanimar Filipe no cuidado dos pobres meninos: a instabilidade e as recaídas no mesmo mal ou pior ainda. Mas recuperou-se desse temor pânico ao refletir que muitos perseveravam no bem, que os recidivos não eram exageradamente numerosos, e que mesmo esses com a paciência, caridade e graça do Senhor, ordinariamente acabavam por reentrar no bom caminho, e que por isso a palavra de Deus era um germe que, mais cedo ou mais tarde, produzia o fruto suspirado. A exemplo do Salvador que todos os dias ensinava o povo: *erat quotidie docens in templo* (Lc 19,47), e com zelo chamava os meninos mais rebeldes para junto de si, ia por toda a parte exclamando: Filhinhos, vinde comigo, eu vos mostrarei como vos tornardes ricos, mas de riquezas verdadeiras que nunca haverão de falhar; eu vos ensinarei o santo temor de Deus. Venite, filii, audite me, timorem Domini docebo vos (Sl 34,12).

O método: imitar a mansidão do Salvador

Essas palavras, acompanhadas da sua grande caridade e de uma vida que era o conjunto de todas as virtudes, faziam que turmas de meninos acorressem de todas as partes para junto do nosso Santo. Ele então dirigia a palavra ora a um ora a outro; com o estudante era literato, com o ferreiro ferreiro, com o carpinteiro mestre de carpintaria, com o barbeiro barbeiro, com o pedreiro mestre de obras, com o sapateiro mestre de sapataria. Desta maneira, fazendo-se tudo para todos

ganhava todos para Jesus Cristo ⁽²⁹⁾. E assim aqueles meninos, atraídos por maneiras tão caridosas, por conversas tão edificantes, sentiam-se como arrastados para onde Filipe queria. . .

Mas como interessar nas coisas referentes à igreja e à piedade meninos levianos, dados a comer, a beber e a brincar? Filipe encontrou o segredo. Ouvi: Imitando a doçura e a mansidão do Salvador ⁽³⁰⁾. Filipe conquistava-os com simplicidade. . . Toda despesa, dizia, toda fadiga, todo distúrbio, todo sacrificio é pouco, quando contribui para ganhar almas para Deus. . . graves fadigas, a gritaria e o tumulto, que a nós nos parecem suportáveis apenas por alguns instantes, foram o trabalho e a delícia de São Filipe pelo espaço de mais de sessenta anos, isto é, durante toda a sua vida sacerdotal, até à mais avançada velhice, até quando Deus o chamou para gozar o fruto de tantas e tão prolongadas fadigas.

Grave responsabilidade para todos

Há neste Servo fiel algo que não possamos imitar? Não, não há. Cada um de nós na sua condição é suficientemente rico para imitá-lo, se não em tudo, ao menos em parte. Não nos deixemos iludir pelo vão pretexto que alguma vez ouvimos: *Eu não estou obrigado; cuide disso quem tem o dever de fazê-lo*. Quando diziam a Filipe que não tendo cura de almas não era obrigado a trabalhar tanto, respondia: "O meu bom Jesus tinha alguma obrigação de derramar por mim todo o seu sangue? Ele morre na cruz para salvar almas, e eu seu ministro me recusarei a suportar uns poucos incômodos e fadigas para corresponder?". Ponhamo-nos a trabalhar. As almas correm perigo e

(29) Admirável aplicação "salesiana" da palavra de São Paulo em 1 Cor 9,20-22: *Fiz-me judeu para os judeus. . . fraco com os fracos a fim de ganhar os fracos. . . Fiz-me tudo para todos, a fim de salvar alguns deles, a todo o preço*. Método de encarnação, ditado pelo amor humilde e paciente.

(30) A referência a Cristo é constante. Mais acima tratava-se de participar de seu zelo. Agora de reproduzir o seu método.

devemos salvá-las. A tanto estamos obrigados como simples cristãos, pois Deus nos mandou cuidar *do próximo*. *Et mandavit illis unicuique de proximo suo* (Eclo 17,12). Estamos obrigados porque se trata das almas dos nossos irmãos, uma vez que somos todos filhos do mesmo Pai Celeste. Devemos ainda sentir-nos de maneira excepcional estimulados a trabalhar para salvar almas, porque esta é a mais santa das ações santas: *Divinorum divinissimum est cooperari Deo in salutem animarum* (Areopagita). Mas o que nos deve definitivamente levar a cumprir com zelo esta missão é a conta muito estrita que como ministros de J. C., deveremos prestar no seu Divino Tribunal das almas a nós confiadas ⁽³¹⁾...

E vós, ó glorioso S. Filipe..., fazei com que possamos todos no fim da vida ouvir as consoladoras palavras: Salvaste almas, salvaste a tua: *Animam salvasti, animam tua praedestinasti*.

(Arquivo 132, *Prediche F 4*; cf. MB IX 215-221)

(31) Temos aqui uma síntese das razões e motivações que justificam e alimentam o zelo apostólico segundo Dom Bosco: o exemplo de Cristo, o mandamento divino do cuidado dos outros, o sentido da caridade "fraterna", a eminente grandeza do apostolado, enfim o juízo final de Cristo.

II. AOS COOPERADORES SALESIANOS

Desde os inícios da sua obra (1841), Dom Bosco apelou para a dedicação de colaboradores leigos, homens e mulheres. Pediu-lhes serviços concretos: assistência e catecismo nos seus oratórios, alívio das misérias que ia encontrando, doações em dinheiro para acudir às suas imensas necessidades, divulgação da boa imprensa. . . Mas a sua idéia foi também ser benfeitor desses generosos colaboradores, não somente rezando por eles, mas propondo-lhes um ideal de santidade cristã conforme com o seu espírito, e convidando-os a entrar na sua "Família" para compartilharem de suas riquezas espirituais e da fraternidade. Por dez anos, de 1864 a 1874, isto é, durante todo o período de elaboração das Constituições salesianas tentou agregá-los, como "membros externos", à Sociedade de S. Francisco de Sales.

Inutilmente. O projeto era muito inovador frente às disposições canônicas do momento. Desiludido, mas não desanimado, retomou-o sob outra forma. E em 1876 fazia nascer o terceiro ramo da Família Salesiana, a Pia União dos Cooperadores salesianos⁽¹⁾. Sem mais tardar, fundava também o Bollettino Salesiano (1877), enviado gratuitamente a todos os Cooperadores como órgão de informação, promoção e união na mesma tarefa e no mesmo espírito. E durante os últimos dez

(1) Cf. E. Ceria, *I Cooperatori Salesiani. Un po' di storia*. SEI, Torino 1952. P. Stella, *Don Bosco nella storia*, I, 209-227. J. Aubry, *Una vocazione concreta nella Chiesa. Cooperatore salesiano*. Ufficio Naz. Coop., Roma 1972. pp. 221.

anos da sua vida, a maior parte dos seus esforços consagrou-se a suscitar e animar grupos de Cooperadores.

No plano da espiritualidade, este setor da tarefa de Bom Bosco tem o seu interesse. Vimos, nos textos precedentes, a sua inclinação para levar pouco a pouco todos os cristãos, adultos e jovens, a uma vida cristã ativa, decididamente voltada para o serviço do próximo. Aos seus Cooperadores não faz senão propor mais claramente esse ideal, insistindo sobre o serviço à juventude abandonada e sobre os valores salesianos que a orientam e sustentam: encontro com o Cristo nos pequenos e nos pobres, grandeza divina de todo trabalho apostólico, consciência da responsabilidade de quem tem perante o que não tem, sentido do trabalho eclesial no seio de uma família dedicada ao crescimento da Igreja e do Reino de Deus, espírito de alegria e de paz... Isso tudo, dito e repetido em fórmulas muito simples, como demonstrarão os textos aqui apresentados ⁽²⁾.

Segundo a ordem cronológica, deveríamos citar primeiramente os textos escritos para os Salesianos religiosos. Preferimos citar desde já os textos posteriores que se dirigem aos Cooperadores, porque, no plano espiritual, constituem uma espécie de caminho médio entre o tipo de santidade cristã proposto a todos e o proposto aos Salesianos consagrados. Ver-se-á que as exigências de Dom Bosco eram grandes, mas sempre movidas por uma espécie de entusiasmo da caridade, que faziam-nas aceitar de bom grado.

Por fim, uma coleção de cartas do nosso santo aos seus Cooperadores e Cooperadoras na seção seguinte permitirá completar a fisionomia espiritual desse tipo de discípulo de Dom Bosco.

(2) A última vez que recebeu um grupo de ex-alunos (dos quais um discreto número de "padres"). a 15 de julho de 1886, disse-lhes: "A proposta do cura da Gran Madre (paróquia de Turim) de estimular cada um de vós para o incremento da obra dos Cooperadores salesianos é uma proposta das mais belas, porque os Cooperadores são o sustentáculo das obras de Deus por meio dos Salesianos... A obra dos Cooperadores é feita para sacudir do torpor em que jazem tantos cristãos, e difundir a energia da caridade... Os Cooperadores é que ajudarão a promover o espírito católico" (MB XVIII 160-161).

90. Uma regra de vida cristã apostólica para leigos. O projeto dos "Associados" (1873)

Entre 1873 e 1875, Dom Bosco elaborou diversos projetos de Regulamento dos Cooperadores. O nosso Arquivo conserva três ³. Citamos aqui alguns trechos do primeiro, depois outros do Regulamento definitivo; eles permitem constatar com toda a clareza como Dom Bosco propunha aos seus Cooperadores um caminho de santidade mediante a ação apostólica e caritativa, o que, bem entendido, não excluía o desapego nem a oração.

ASSOCIADOS A CONGREGAÇÃO DE S. FRANCISCO DE SALES

Associação salesiana. — Muitos fiéis cristãos, muitas personagens autorizadas, para melhor chegar à perfeição e garantir a salvação, pediram repetidas vezes uma associação salesiana, que, segundo o espírito dos congregados, proporcionasse aos externos uma regra de vida cristã ⁴ praticando no século as regras compatíveis com o próprio estado.

Quantos se afastariam muito de boa vontade do mundo para evitar os perigos de perdição, gozar a paz do coração e assim passar a vida na solidão, na caridade de N. S. J. C.! Mas nem todos são chamados a tal estado. Muitos por idade, muitos por condição, muitos por saúde, muitíssimos por falta de vocação acham-se absolutamente impedidos. É para satisfazer esse desejo geral que se apresenta a pia associação de S. Francisco de Sales.

(3) Intitulam-se: *Associati alla congregazione di S. Francesco di Sales* (1873), *Unione cristiana* (impresso em 1874), *Associazione di opere buone* (impresso em 1875). O P. F. Desramaut publicou-os e estudou no volume 6 da *Collana Colloqui sulla vita salesiana. Il Cooperatore nella società contemporanea*, LDC, Torino 1975, pp. 23-50 (estudo) e 355-368 (texto). Os extratos do primeiro, aqui publicados, provêm de um manuscrito de Dom Bosco (8 páginas).

(4) Eis a expressão decisiva. A insistência de Dom Bosco em fazer os Cooperadores participarem nas "regras" da Congregação Salesiana não significa absolutamente que quisesse fazer deles religiosos no mundo. Simplesmente retoma a sua idéia primitiva de fazer deles membros "externos" da sua família apostólica. Oferece-lhes a "regra de vida" que corresponde à situação (à "vocação", diz mais adiante) de leigos realmente associados aos Salesianos religiosos.

Seu escopo é duplo: 1.º Propor um meio de perfeição ⁽⁵⁾ a todos os que se acham com razão impedidos de encerrar-se nalgum instituto religioso.

2.º Participar nas obras de piedade e religião que os sócios da congregação salesiana pública ou individualmente fazem, sejam quais forem, para a maior glória de Deus e vantagem das almas.

Essas duas vantagens podem-se facilmente conseguir com a observância das regras desta congregação naquilo que é compatível com o estado de cada um.

3.º Acrescenta-se ainda um motivo talvez mais essencial que os outros: a necessidade da união para fazer o bem. É um fato que os homens do século associam-se para os seus negócios temporais; associam-se para a difusão da má imprensa, para espalhar máximas malignas pelo mundo; associam-se para propagar instrução errônea, propalar falsos princípios entre a juventude incauta, e saem-se maravilhosamente bem.

E os católicos permanecerão inoperantes ou separados uns dos outros de maneira que suas obras sejam paralizadas pelos maus? Que tal não aconteça. Unamos todos com as regras da congregação salesiana, (cujos membros) formem um só coração e uma só alma com os associados externos. Sejam verdadeiros irmãos. O bem de um seja o bem de todos, o mal de um seja afastado como o mal de todos. Atingiremos por certo esse objetivo mediante a associação à congregação de S. Francisco de Sales.

Finalidade da Associação. — ... Eis agora as coisas principais a que é convidado o associado:

1. Empenhar-se-á em fazer bem a si próprio com o exercício da caridade para com o próximo, especialmente para com os meninos pobres e abandonados. Se estes forem educados no santo temor de Deus,

(5) Voltamos a encontrar aqui, enunciada com clareza, a convicção de Dom Bosco, discípulo de Francisco de Sales, de que o caminho da perfeição está aberto tanto aos leigos quanto aos religiosos. O meio original aqui proposto é a aceitação de uma regra de vida e a entrada numa família espiritual vigorosamente orientada para um apostolado específico.

diminui o número dos díscolos, a sociedade humana é reformada, e se salva um número imenso de almas para o paraíso.

2. Recolher meninos pobres, instruí-los na própria casa, avisá-los nos perigos, conduzi-los aonde possam ser instruídos na fé, tudo isso é matéria a que cada associado se pode utilmente aplicar. . .

4. Todo associado terá o máximo cuidado de impedir qualquer conversa, qualquer ação que seja contra o Romano Pontífice e a sua autoridade suprema. Observar, pois, as leis da Igreja e promover-lhes a observância, inculcar o respeito ao Romano pontífice ⁽⁶⁾, aos bispos, aos sacerdotes; promover catecismos, novenas, tríduos, exercícios e de modo geral comparecer, e animar outros a que compareçam, ouçam a palavra de Deus, são coisas próprias desta associação.

5. Como nestes tempos se espalham pela imprensa muitos livros, muitas máximas irreligiosas e imorais, assim os Salesianos ⁽⁷⁾ empenhar-se-ão com toda a solicitude em impedir a venda de maus livros e em difundir bons livros, folhetos, boletins, impressos de qualquer gênero nos lugares e entre as pessoas junto às quais parecer prudente fazê-lo. Isso a começar na própria casa, com os próprios parentes, amigos ou conhecidos, e depois em todas as partes em que for possível.

Regras para os associados salesianos

1. Qualquer pessoa pode-se inscrever nesta associação, contanto que tenha dezesseis anos, conduta honrada, seja bom católico, obediente à Igreja e ao Romano pontífice. . .

(6) Nos projetos sucessivos e no Regulamento definitivo, Dom Bosco suprimiu esta alusão explícita à adesão ao Papa, por razões de prudência, ou seja para não dar oportunidade a suspeitas fáceis de se insinuarem, dado o clima político do tempo. Concretamente, cultivou sempre nos Cooperadores um sentido vivo da Igreja e da sua hierarquia.

(7) "Os Salesianos. . .": a expressão designa os Cooperadores. Dom Bosco considerava-os salesianos autênticos. Não é a única vez que Dom Bosco lhes dá esse nome: cf. MB X 82-83.

2. Não há penitências exteriores, mas cada associado deve distinguir-se dos demais cristãos pela modestia do vestido, pela frugalidade da mesa, pelos móveis domésticos, pela correção das conversas e pelo exato cumprimento dos próprios deveres. (*Seguem outros 13 artigos*).

(Arquivo 133, *Coop.* 2,2; cf. MB X 1310-1312)

91. O Regulamento definitivo (12 de julho de 1876) ⁽⁸⁾

PIA UNIAO DOS COOPERADORES SALESIANOS

(...) III. *Finalidade dos Cooperadores Salesianos*. — Finalidade fundamental dos Cooperadores Salesianos é fazer bem a si próprios mediante um teor de vida por quanto possível semelhante ao que se observa na vida comum. Porque muitos iriam de boa mente para um mosteiro, mas pela idade, saúde ou condição, muitíssimos por falta de oportunidade vêem-se absolutamente impedidos de o fazerem. Tornando-se Cooperadores Salesianos, podem continuar em meio às ocupações ordinárias, no seio das próprias famílias, e viver como se de fato estivessem na Congregação. Por isso o Sumo Pontífice considera a Associação como uma Ordem Terceira dos antigos, com a diferença que nesta se propunha a perfeição cristã no exercício da piedade; aqui o fim principal é a vida ativa no exercício da caridade para com o próximo e especialmente para com a juventude periclitante ⁽⁸⁾.

(8) Impresso em Albenga (perto de Alassio) sob o título: *Cooperatori Salesiani. ossia un metodo pratico per giovare al buon costume e alla civile società*. A apresentação *Al lettore* traz a assinatura: *Sac. Giovanni Bosco*, e a indicação, *Torino. 12 luglio 1876*.

(9) Dom Bosco assimila os Cooperadores a terciários, mas com um estilo novo: a perfeição cristã é alcançada mediante a caridade ativa (notar o paralelismo das fórmulas "no exercício..."). É uma ordem terceira apostólica e caritativa. Mas os capítulos seguintes VII e VIII explicarão que tal não será válido sem vida de oração e sem prática sacramental. Para os seus Cooperadores Dom Bosco havia pedido (4 de março de 1876) as mesmas indulgências e graças que havia seis séculos gozavam os terciários franciscanos. Pio IX respondeu: *Querendo dar um sinal de especial benevolência aos mencionados Sócios, concedemos a eles todas as Indulgências tanto plenárias como parciais que*

Aos Cooperadores Salesianos propõe-se a mesma messe da Congregação de S. Francisco de Sales, à qual entendem associar-se...

(...) VI. *Obrigações particulares*

1. Os membros da Congregação Salesiana consideram todos os Cooperadores quais verdadeiros irmãos em J. C., e a eles se dirigirão toda vez que sua obra puder concorrer para a maior glória de Deus e proveito das almas. Com a mesma liberdade, sendo o caso, os Cooperadores se dirigirão aos membros da Congregação Salesiana ⁽¹⁰⁾.

2. Por conseguinte os Sócios, considerando-se todos como filhos do nosso Pai Celeste, todos irmãos em Jesus Cristo, com os seus próprios meios materiais ou com beneficência recolhida de pessoas caridosas, farão o que lhes for possível para promover e apoiar as obras da Associação...

VII. — *Vantagens* ⁽¹¹⁾

1. Sua Santidade, Pio IX reinante, com decreto datado de 30 de julho de 1875, comunica aos benfeitores desta Congregação e aos Cooperadores Salesianos todos os favores, graças espirituais e indulgências concedidas

os Terciários de São Francisco de Assis podem conseguir: e concedemos que possam lucrar nas festas de São Francisco de Sales e nas igrejas dos Padres da Congregação Salesiana todas as indulgências que os Terciários podem ganhar nas festas e nas igrejas de São Francisco de Assis (Breve de 9 de maio de 1876; cf. MR XI 76-77 e 547).

(10) Os Cooperadores e os seus "irmãos" religiosos são, pois, convidados a uma experiência real de fraternidade evangélica, fundada na graça batismal da filiação divina e na comunhão do mesmo carisma de serviço à juventude abandonada.

(11) Dom Bosco aderiu profundamente ao mistério da comunhão dos santos. Queria que se realizasse de maneira especial entre todos os membros da sua família apostólica. Nisso inspirava-o também um sentimento de gratidão: aos que "cooperavam" com a dedicação e com ofertas de dinheiro, oferecia por sua vez a participação nos tesouros espirituais da sua Congregação ("participação... partícipes"), do benefício das orações cotidianas, da ajuda espiritual nas horas de doença e agonia, dos sufrágios pelos defuntos. Cada número do *Bollettino Salesiano* aplicava, no decurso dos meses, o que diz globalmente este capítulo VII.

aos religiosos salesianos, com exceção dos que se referem à vida comum.

2. Participarão de todas as missas orações, novenas, tríduos, exercícios espirituais, pregações, catecismos e de todas as obras de caridade que os religiosos salesianos realizarem no sagrado ministério em qualquer lugar e parte do mundo.

3. Serão igualmente participantes da missa e orações que todos os dias se fazem na igreja de Maria Auxiliadora em Turim, a fim de invocar as bênçãos do Céu sobre os seus benfeitores, suas famílias, e especialmente sobre os que moral ou materialmente fazem algum benefício à nossa Congregação Salesiana.

4. No dia depois da festa de S. Francisco de Sales, todos os sacerdotes salesianos, e os seus Cooperadores celebrarão a S. missa pelos irmãos defuntos. Os que não são sacerdotes procurarão fazer a S. Comunhão e rezar a terça parte do Rosário.

5. Quando um Irmão adoecer, avise-se imediatamente o Superior. Ele dará logo ordem para que se façam por ele especiais orações a Deus. O mesmo se fará em caso de morte de um Cooperador.

VIII. — *Práticas religiosas*

1. Nenhuma obra exterior é prescrita aos Cooperadores Salesianos, mas para que a sua vida se possa de algum modo assemelhar à de quem vive em comunidade religiosa, recomenda-se-lhes a modéstia no vestir, a frugalidade na mesa, a simplicidade na mobília doméstica, a correção nas conversas, a exatidão nos deveres do próprio estado, esforçando-se por que as pessoas deles dependentes observem e santifiquem os dias de festa ⁽¹²⁾.

(12) Este parágrafo, já presente no projeto dos *Associados* de 1875 (cf. pp. 259-260), é importante. Os Cooperadores não professam os votos religiosos. Não estão todavia dispensados de praticar os conselhos evangélicos de uma maneira que esteja de acordo com sua condição de leigos: Dom Bosco "recomenda-lhes" formas de castidade (*modéstia, correção*), de pobreza (*frugalidade, simplicidade*), de obediência (*exatidão*). Com isso participam no espírito de desapego dos seus irmãos religiosos.

2. São aconselhados a fazer todos os anos pelo menos alguns dias de exercícios espirituais. No último dia de cada mês, ou em outro dia mais cômodo, farão o exercício da boa morte, confessando-se e comungando, como se fosse realmente o último dia da vida ⁽¹³⁾. Tanto nos exercícios espirituais, como no dia em que se faz o exercício da boa morte, lucra-se Indulgência Plenária.

3. Cada um rezará todos os dias um Pater, Ave, a S. Francisco de Sales segundo a intenção do Sumo Pontífice ⁽¹⁴⁾. Os sacerdotes, e os que rezam as horas canônicas ou o ofício da Bem-aventurada Virgem, estão dispensados dessa oração. Basta que no divino ofício acrescentem uma intenção com este fim.

4. Procurem aproximar-se com a maior frequência dos Sacramentos da Confissão e da Comunhão; pois podem todas as vezes ganhar Indulgência Plenária.

5. Essas indulgências plenárias e parciais, podem-se aplicar como sufrágio às almas do Purgatório exceto a in articulo mortis, que é exclusivamente pessoal, e somente se pode lucrar quando a alma separando-se do corpo parte para a sua eternidade.

(Arquivo 133, Coop. 2,5)

92. "Cooperadores Salesianos": que significa?

DO "BOLLETTINO SALESIANO" (SET. DE 1877)

No primeiro número do Bollettino Salesiano, Dom Bosco teve o cuidado de explicar o título oficial que havia dado ao Regulamento de 1876: Cooperadores Salesianos, ou seja Um modo prático para promover os bons costumes e a sociedade

(13) Dom Bosco "aconselha" aos seus Cooperadores alguns dias de exercícios espirituais todos os anos. Mas exige claramente tanto deles como dos seus salesianos e dos seus meninos, que façam todos os meses o "exercício da boa morte": dia de reflexão, oração, restauração espiritual, conversão, croado pelas duas práticas sacramentais da penitência e da eucaristia. Era, para ele, um meio infalível de progresso espiritual.

(14) Formulação que hoje com razão nos parece estranha. O Pater dirige-se... ao nosso Pai do céu, e o Ave à Virgem Maria! Aqui Dom Bosco cede à mentalidade da época, na qual o Pater e o Ave simbolizavam toda a "oração", mesmo a dirigida aos santos.

civil. *Pequena e preciosa síntese, na qual se manifesta o aspecto realista da espiritualidade de Dom Bosco: "Não promessas, mas fatos e sacrifícios"* ¹⁵.

Os Cooperadores. — O título do diploma ou do opúsculo apresentado aos Cooperadores explica-lhes o escopo. Apresentamos entretanto breve explicação. Dizem-se *Cooperadores Salesianos* os que desejam ocupar-se de obras de caridade não em geral, mas em particular, de acordo e segundo o espírito da Congregação de S. Francisco de Sales.

Um Cooperador de per si pode fazer o bem, mas o fruto fica assaz limitado e ordinariamente dura pouco. Pelo contrário unido a outros encontra apoio, conselho, coragem e muitas vezes com pequeno esforço alcança mais, porque as forças embora fracas se tornam fortes quando reunidas. De aí a grande sentença que a união faz a força, *vis unita fortior*.

Os nossos Cooperadores, portanto, seguindo a finalidade da Congregação Salesiana empenhar-se-ão conforme as próprias forças em recolher meninos periclitantes e abandonados nas ruas e nas praças; levá-los ao catecismo, entretê-los nos dias festivos e colocá-los junto a um patrão honesto, dirigi-los, aconselhá-los, ajudá-los quanto puderem para serem bons Cristãos e honestos cidadãos. As normas que se devem seguir nas obras, que para tal fim serão propostas aos Cooperadores, será matéria do Boletim Salesiano.

Acrescentam-se as palavras: *Modo prático* para observar que não se está criando uma Confraria, uma Associação religiosa, literária e científica, nem mesmo um jornal; mas uma simples união de benfeitores da humanidade, prontos a dedicar não promessas, mas fatos, atenções, incômodos e sacrifícios para ajudar o nosso semelhante. Colocou-se a palavra *um modo prático*: porque não entendemos dizer que seja este o

(15) Texto em *Bibliofilo Cattolico o Bollettino Salesiano mensuale*, Anno I, n. 1, setembro de 1877, Tipogr. di S. Vincenzo in Sampierdarena, pp. 1-2. O artigo não está assinado, mas sabemos que foi ditado por Dom Bosco (cf. MB XIII 261). Foi retomado num *Supplemento* ao número de maio de 1880.

único meio para fazer o bem dentro da sociedade civil; antes aprovamos e altamente louvamos todas as instituições, uniões, associações públicas e privadas que tendem a beneficiar a humanidade, e pedimos a Deus que a todos envie meios morais e materiais para se conservarem, progredirem e alcançarem o fim proposto. Nós por nossa vez entendemos propor aqui um meio de trabalhar e este meio propomo-lo na Associação dos Cooperadores Salesianos.

As palavras *promover os bons costumes* dão ainda mais claramente a conhecer o que queremos fazer e qual é o nosso comum intento.

Totalmente estranhos à política, manter-nos-emos constantemente longe de tudo quanto compete a alguma pessoa constituída em autoridade civil ou eclesiástica ⁽¹⁶⁾. O nosso programa será inalteravelmente este: Deixai-nos o cuidado dos jovens pobres e abandonados, e faremos todos os esforços para fazer-lhes o maior bem que pudermos, pois acreditamos que assim podemos concorrer para os bons costumes e para a civilização.

(pp. 1-2)

TRÊS CONFERÊNCIAS AOS COOPERADORES

Nas numerosíssimas conferências que fez aos Cooperadores ⁽¹⁷⁾ Dom Bosco tratava de hábito os mesmos temas: balanço das obras executadas, exposição dos projetos e das necessidades imediatas, apelo à dedicação generosa dos Cooperadores. Desenvolvendo este terceiro ponto, lembrava freqüentemente a obrigação de dar o supérfluo, a grandeza do serviço aos outros e o

(16) Esta frase e a seguinte respondem ao temor várias vezes manifestado por alguns ante a perspectiva de trabalhar abertamente em união com a Congregação salesiana: o medo de provocar suspeitas, acusações de "política clerical", oposições por parte das autoridades civis então em luta com a Igreja e o Papa. Dom Bosco propunha regular-se segundo a norma evangélica: dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

(17) De hábito por ocasião das festas de S. Francisco de Sales (29 de janeiro) e de Maria Auxiliadora (24 de maio). "Temos conhecimento certo de pelo menos 79 conferências dele aos Cooperadores, das quais 28 na França" (E. Ceria, *I Cooperatori Salesiani*, SEI. Torino 1952, p. 59). Os primeiros *Bollettini Salesiani* e as *Memorie Biografiche* transmitem nos a crônica de umas 50 conferências, e por vezes dão-nos também o texto.

seu valor de redenção. Sabia acordar a delicadeza para com as pessoas com a intransigência em relação à doutrina, propondo também uma solução para o problema da distribuição dos bens deste mundo. Ver-se-á até que ponto era Dom Bosco um homem evangélico.

93. Grandeza e recompensa da caridade em favor da juventude

Primeira conferência aos Cooperadores de Turim
(16 de maio de 1878) ⁽¹⁸⁾

Notai bem como é grande a graça do Senhor que vos põe na mão os meios para cooperar na salvação das almas. Sim! Está na vossa mão a salvação eterna de muitas almas. Vimos, com os fatos que até agora narrei, que, graças à cooperação dos bons, muitíssimos encontraram o caminho do céu que haviam perdido.

Seria então o caso de apresentar-vos os mais sentidos agradecimentos. Mas que agradecimentos? Não posso fazê-los. Seria recompensa muito pequena para vossas boas obras o meu agradecimento. Deixarei que o próprio Senhor vos agradeça. Sim! Nosso Senhor disse repetidas vezes que considera como feito a ele mesmo quanto se faz pelo próximo; por outra parte é certo que a caridade não puramente corporal, mas a que tem um escopo também espiritual, tem um merecimento ainda maior. E quereria dizer que não só tem maior valor, mas tem algo de divino.

Quereis fazer uma coisa boa? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa santa? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa santíssima? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa divina? Educai a juventude. Mais, entre as coisas divinas, esta é diviníssima. Os santos Padres estão de acordo em repetir a afirmação de S. Dionísio: *Divinorum divinissimum est coope-*

(18) Excepcionalmente citamos um texto que não é, talvez, de Dom Bosco palavra por palavra. Não figura entre os seus manuscritos (a conferência foi provavelmente improvisada). Existe apenas uma cópia impressa, e sem assinatura. Mas pensamos que esses apontamentos de um ouvinte (o P. Berto talvez, ou o P. Barberis) reproduzem fielmente o pensamento do santo, e em boa parte a sua formulação. Cf. Arquivo, *Docum. Lemoyne*, XIX 157-163, e MB XIII 624-629.

rari Deo in salutem animarum. E explicando esta passagem com S. Agostinho, afirma-se que essa obra divina é um penhor absoluto da própria predestinação: *Animam salvasti, animam tua praedestinasti.* Oh! concorrendo para promover os grandes bens a que aludimos, podeis estar seguros de salvar a vossa alma. Deixo portanto de apresentar-vos agradecimentos especiais. Sabei somente que na igreja de Maria Auxiliadora manhã e noite, e posso dizer todo o dia se fazem orações especiais por vós, a fim de que o próprio Senhor possa apresentar-vos os agradecimentos com as palavras que vos dirá no dia do juízo definitivo. *Euge, serve bone et fidelis, quia in pauca fuisti fidelis, super multa te constituam. Intra in gaudium Domini tui* ⁽¹⁹⁾. Vós fazeis sacrifícios, mas considerai que Jesus Cristo fez de si próprio um sacrifício bem maior, e não nos aproximaremos nunca suficientemente do sacrifício que ele fez por nós. Alegremo-nos! Os que se esforçam por imitá-lo, que fazem quanto podem para salvar almas, estejam tranqüilos quanto à sua sorte na eternidade. *Animam salvasti, animam tuam praedestinasti.* E esta sentença não é exagerada, e serão certamente coroados com o *Intra in gaudium Domini tui* que para todos vós ardentemente desejo e peço.

(MB XIII 629-630)

94. "Não tenho a ousadia de mudar a doutrina de Cristo"

Conferência aos Cooperadores de Marselha
(17 de fevereiro de 1881) ⁽²⁰⁾

... Meu Deus, eu digo, por que não me haveis criado rico, por que não me haveis dado dinheiro para

(19) *Muito bem, servo bom e fiel: foste fiel no pouco, e eu te constituirei sobre muito; entra no gozo do teu Senhor* (Mt 25,21).

(20) Dom Bosco havia aberto em Marselha, a 1.º de julho de 1878, o *Oratório São Leão* (também chamado Orfanato Beaujour), e havia logo formado um bom grupo de Cooperadores e Cooperadoras. O Arquivo salesiano possui uma cópia da sua conferência de 20 de fev. de 1880 (cf. MB XIX 423-425), e um precioso autógrafo da de 17 de fev. 1881 (Arquivo 132, *Conferenze* 5; cf. MB XV 49, e 691-695). Está escrita diretamente num mau francês. Citamos a última parte.

acolher entre nós todos os pobres meninos e fazer deles bons cristãos na terra e bons cristãos para o céu, preparando também um bom futuro para a sociedade civil!

É verdade, não tenho a sorte de possuir riquezas, mas tenho a sorte incomparável de ter cooperadores e cooperadoras, muito ricos de boa vontade, de caridade, que fizeram, fazem e farão todos os sacrifícios para ajudar a realizar e sustentar a obra de Deus, a obra amparada pela nossa grande Mãe, a Santíssima Virgem Maria.

Coragem, pois, mãos à obra, ó caridosos cooperadores, coragem, mãos à obra. Mas que fazer para encontrar o dinheiro? Deus nos disse: *Quod superest, date eleemosynam*: dai de esmola todo o supérfluo. Agora dai o vosso supérfluo para o orfanato Beaujour, e o orfanato terminará a construção ⁽²¹⁾.

Mas me direis: "Que entendeis por supérfluo?". Ouvi, meus respeitáveis Cooperadores. Todo bem temporal, todas as riquezas foram dadas por Deus; mas ao dá-las, dá-nos a liberdade de escolher tudo o que é necessário para nós. Não mais. Mas Deus que é dono de nós, das nossas propriedades, e de todo o nosso dinheiro, Deus pede contas severas de todas as coisas que não nos são necessárias, se não as dermos segundo o seu mandamento. Estou certo de que se nós, com boa vontade, pusermos de parte o nosso supérfluo, teremos sem dúvida os meios necessários para a nossa obra.

Direis: "É uma obrigação dar todo o supérfluo para boas obras?". Não vos posso dar outra resposta a não ser a que o Salvador nos manda dar: Dai o supérfluo. Ele não quis fixar limites, e eu não tenho a ousadia de mudar a sua doutrina.

Eu vos direi somente que Nosso Senhor, por receio de que os cristãos não houvessem compreendido bem

(21) Ressaltamos as etapas do pensamento do santo: 1) Deus é dono dos nossos bens necessários e supérfluos. 2) Ele nos deu um mandamento formal de pôr o supérfluo a serviço dos pobres. 3) Esse mandamento é sério: põe em jogo a vida eterna. 4) Deus mostrar-se á misericordioso nesta vida e na outra para com aquele que obedece e usa de misericórdia para com seus irmãos.

essas palavras e acreditassem que ele não lhes quer dar grande importância, acrescentou que é mais fácil que um camelo entre no buraco de uma agulha, do que um rico se salve. Isto é, é necessário um milagre e um grande milagre, diz Santo Agostinho, para que um rico se salve, se não fizer bom uso das suas riquezas dando o supérfluo aos pobres. Entremos, pois, em nossas casas, e havemos de encontrar alguma coisa supérflua nas roupas, nos móveis, na mesa, nas viagens, nas despesas e na conservação do dinheiro e nas outras coisas que não sejam necessárias.

Outro meio, ainda, para ajudar os pobres, é o de nos tornarmos esmoleres fazendo conhecer aos nossos parentes, aos nossos amigos a importância de dar esmola. Foi Deus quem o disse. Dai e vos será dado. *Date et dabitur vobis*. Quereis graças e cancelar da alma os vossos pecados? Fazei esmola. *Eleemosyna est quae purgat peccata*. Quereis a garantia de encontrar misericórdia junto de Deus? Fazei esmola. *Facit invenire misericordiam*. Queremos garantir para nós o bem eterno do Paraíso? *Eleemosyna est quae facit invenire misericordiam et vitam aeternam*⁽²²⁾. Deus nos promete o cêntuplo de todas as nossas boas obras; Deus manterá a sua palavra, com grande abundância de graças tanto temporais como espirituais.

Mas na outra vida, que havemos de ganhar com a esmola? Gozaremos o bem eterno; e as almas que houvermos cuidado, posto no orfanato, vestido, alimentado, serão poderosas protetoras junto a Deus, no momento em que nos apresentarmos ao tribunal de Deus, para prestar-lhe conta das ações da vida...

(Arquivo 132, *Conferenze* H 5; cf. MB XV 693-695)

(22) *A esmola livra da morte: ela apaga os pecados* (citado acima) e faz encontrar a misericórdia e a vida eterna (Tob 12,9, segundo o texto da Vulgata).

95. “Eu digo que quem não dá o supérfluo rouba o Senhor”

Conferência aos Cooperadores de Lucca

(8 de abril de 1882) ⁽²³⁾

... Mas desçamos um pouco à prática. Alguém terá mil francos de renda e pode viver honestamente com oitocentos; pois bem, os duzentos que sobram caem sob as palavras: *Date eleemosynam*.

— Mas uma necessidade imprevista, uma escassez na colheita, uma desgraça no comércio... — Mas estareis ainda vivos então? E Deus, que agora vos ajuda, não vos ajudará especialmente se houverdes dado por seu amor? Eu digo que quem não dá o supérfluo, rouba o Senhor e, com S. Paulo, *regnum Dei non possidebit* ⁽²⁴⁾.

— Mas a minha casa é pobre; tenho necessidade de substituir alguns móveis já muito velhos e em desacordo com o gosto corrente. — Se permitis, entro convosco em vossa casa. Vejo móveis muito elegantes, uma mesa provida de ricos serviços, um tapete ainda bom. Não se poderia evitar a troca desses objetos, e em vez de adornar as paredes e o chão, vestir tantos pobres meninos que sofrem e que são também membros de Jesus Cristo e templo de Deus? Vejo ainda prata e ouro e enfeites marchetados de brilhantes.

(23) Os Salesianos haviam fundado em Lucca, a 29 de junho de 1878, o *Oratorio della S. Croce*. Dom Bosco lá esteve três vezes para fazer a conferência aos Cooperadores (26 de fev. de 1879, 20 de abril de 1880 e 8 de abril de 1882). O *Bollettino Salesiano* deu todas as vezes uma relação. Citamos aqui o fim da última, apresentada no *Bollettino Salesiano* de maio de 1882, pp. 81-82 (cf. MB XV, 525-526). O texto foi controlado por Dom Bosco (diz o P. Ceria: “teve a possibilidade de cuidar minuciosamente do periódico até abril de 1883”. *I Cooperatori Salesiani*, p. 51). O interesse do texto resulta do fato que Dom Bosco responde às objeções espontâneas de quem tem posses e se sente chamado a usar o supérfluo em favor do próximo. Hoje as formas de tal uso são mais numerosas e diversas que no tempo de Dom Bosco.

(24) *Não possuirá o reino de Deus*. É uma referência à palavra de São Paulo na 1 Cor 6, 9-10: “Os injustos não hão de possuir o reino de Deus. Não vos enganéis: ... nem os ladrões, nem os avarentos, ... nem os salteadores hão de possuir o reino de Deus”.

— Mas são uma lembrança... — Esperais que os ladrões venham roubá-los? Não os usais, nem vos são necessários. Tomai esses objetos, vendei-os e dai o dinheiro aos pobres: vós os dais a Jesus Cristo, e adquiris uma coroa no céu. Assim não desequilibras os vossos bens, nem vos privais do necessário.

E aquela caixinha tão bem fechada? — Não é nada. — Nada? Deixai-me ver. — Eis aí: alguns milhares de napoleões de ouro; conservo-os porque pode sobrevir uma doença; além disso há um vizinho que me incomoda; queria comprar aquela propriedade; e assim o meu sítio faria mais vista. — Mas isso é supérfluo, digo eu; estais obrigado a tomar esse dinheiro que não aproveita a ninguém e fazer o que Jesus Cristo ordena. Quereis conservá-lo? Conservai-o então, mas ouvi. O demônio virá, e com esse dinheiro fará uma chave para vos abrir o inferno. Se quiserdes evitar tamanha desgraça, imitai o exemplo de S. Lourenço e socorrei os pobres. Dando aos necessitados os vossos bens, vós os colocais como na mão dos Anjos, os quais farão deles uma chave para abrir-vos o céu no dia da vossa morte ⁽²⁵⁾.

(*Bollettino Salesiano*, maio de 1882, pp. 81-82; cf. MB XV 525-526)

Essa conferência teve depois uma história. Lendo-a no Bollettino de maio de 1822, um digno arcebispo da província de Bolonha, P. Rafael Veronesi, ficou alarmado e escreveu a Dom Bosco: "Poderia dizer-se que quanto à questão de dar esmola o senhor levou as coisas talvez além dos limites da obrigação... Não saberia fazer-me seu discípulo e sequaz quando diz descer um pouco à prática. Os exemplos que aduz não parecem muito de acordo com a doutrina que nesta matéria apresentam moralistas muito acreditados, entre os quais o próprio S. Afonso" (carta de 26 de maio).

Dom Bosco respondeu a 30 de junho: "... Faltou-me o tempo (para responder) e agora em vez de uma carta, julgo

(25) Muitos Cooperadores e Cooperadoras obedeceram a tais convites que Dom Bosco repetia mais ou menos em suas conferências. Por exemplo, na de 25 de janeiro de 1883, feita na igreja de S. João Evangelista de Turim, louvava positivamente, e citando exemplos, as "muitas e industriosas obras de caridade" promovidas pelos Cooperadores "para vestir os pobrezinhos de Jesus": o texto, do qual temos a minuta autógrafa (Arquivo 132, H 6), pode-se ler nas MB XV 22-23.

ainda melhor fazer um artigo ou talvez alguns artigos a serem publicados no Bollettino Salesiano..." (Epist. IV, carta 2312). O artigo anunciado veio a lume, muito longo, no número de julho. Intitulava-se: Resposta a uma cortês observação sobre a obrigação e medida da esmola (pp. 109-116), escrito pelo P. Bonetti, diretor do periódico, mas certamente revisto por Dom Bosco. A doutrina da conferência era confirmada, apoiada em princípios e afirmações dos Padres da Igreja: 'Não deixaremos de pregar e escrever com S. Ambrósio..., com S. Agostinho..., com S. Basílio Magno..., com S. Tomás: "Os bens temporais que Deus nos concede são bens de quem os possui quanto à propriedade, mas quanto ao uso não são somente dele, mas também dos que têm necessidade'" (p. 115).

Um ano depois o mesmo arcebispo retomou a pena e escreveu a Dom Bosco uma longa carta que começava assim: "Não há muito, encontrava-me reunido com alguns respeitáveis sacerdotes, e a conversa caiu sobre a doutrina e máximas que acerca da obrigação de fazer esmola se propugnam no Boletim Salesiano, e ouvi que um dos sacerdotes, pessoa respeitada pela piedade e ciência em toda a nossa diocese e também fora, não duvidou em afirmar que neste ponto a doutrina do Boletim não é sustentável, e que se afinaria com a dos comunistas, ainda que escrita e promulgada com escopo inteiramente diverso e mediante um caminho diferente" (carta de 2 de setembro de 1883). Seguiu-se uma argumentação pormenorizada... Não sabemos se teve resposta⁽²⁶⁾.

Em todo o caso em uma das suas últimas conferências aos Cooperadores, em La Spezia, a 13 de abril de 1884, Dom Bosco fez a mesma vigorosa palestra, alertando os seus ouvintes contra o "amor ao dinheiro, o espírito de avaréza, o endurecimento do coração para com os pobres" (Bollettino Salesiano, maio de 1884, pp. 70-17; MB XVIII, 68-71).

(26) O Arquivo conserva as duas cartas do arcebispo (126. 2, Veronesi). Cf. MB XV 526-528.

III. CARTAS A SACERDOTES, RELIGIOSAS, COOPERADORES, AMIGOS...

Possuímos perto de 3.000 cartas de Dom Bosco, endereçadas na maior parte a um vasto público de "amigos", isto é, a pessoas adultas que, havendo reconhecido nele o homem de Deus, demonstram-lhe estima, admiração, afeto, vontade de ajudá-lo concretamente, desejo de alcançar por meio dele alguma luz do alto. Nada melhor do que tais cartas, escritas sempre às pressas, para manifestar a extraordinária flexibilidade da sua mente e a grandeza do seu coração, ao passo que os seus princípios de vida cristã surgem espontaneamente à tona, com as adaptações devidas a cada situação.

Um reduzido número dirige-se a seminaristas, sacerdotes, religiosos, religiosas, também a bispos e papas. Muitas vezes pede alguma coisa. E muitas vezes também dá conselhos espirituais e práticos, com firmeza, com clareza, sem comprazer-se em longas dissertações, mas estimulando à coragem e ao serviço generoso de Deus. Em suma, não é teólogo, mas pastor, amigo, guia espiritual, que, mais que ensinar, procura animar.

Numerosas cartas são dirigidas aos benfeitores, tanto para pedir como para agradecer, sem nunca deixar de elevar a mente e o coração do destinatário Àquele que conduz todas as coisas e quer ser reconhecido nos pobres. Esta série é impressionante, porque faz ver "o pobre Dom Bosco" mergulhado em mil empresas.

a debater-se "num mar de dificuldades" (carta 1.021), unindo à sua fadiga um total abandono à Providência. Põem-se aqui em evidência algumas características do seu espírito e do seu modo de tratar com os outros. Primeiramente vemos-lo em contato com o mundo dos ricos e com o mundo feminino: o camponês dos Becchi trata com príncipes, duques e duquesas, condes e condessas, marqueses, barões e baronesas, cavalheiros, . . . suas cartas são obras primas de tacto humano e sacerdotal, misto estupendo de respeito e afeto, habilidade e simplicidade, audácia pastoral e discrição. Agradece efusivamente a mais pequenina oferta, mas não receia pedir a quem pode e deve dar. Com algumas benfeitoras, fielmente generosas durante quase trinta anos, o relacionamento foi muito profundo, marcado por uma espécie de ternura infinitamente delicada, que somente a graça de Deus podia fazer florescer no coração de um santo.

Há por fim cartas a pessoas de diversas categorias: professores, ex-alunos, senhores ou senhoritas . . . que pedem conselho para o presente e para o futuro.

O que torna a leitura de todas as cartas fácil e atraente é o humor, a fineza do sorriso, a gracejo amável do "chefe dos moleques", como com muita satisfação se assinava. Não é somente um aspecto do seu caráter. Para Dom Bosco, esmagado por preocupações e trabalhos, é um ato de esperança nAquele que tudo tem em suas mãos, é uma afirmação viva de que o serviço de Deus, embora exigente, é um doce serviço que enche o coração de alegria.

Seguimos quase sempre a ordem cronológica, alterando-a alguma vez para ressaltar o conjunto das relações do santo com uma mesma pessoa.

96. "Senhor Arcipreste, não seja tão modesto assim!"

Em 1851 Dom Bosco pusera-se a construir a igreja de S. Francisco de Sales para os seus meninos, cada vez mais numerosos. Como não bastasse o dinheiro proveniente das ofertas, ideou a primeira grande rifa, contando com os presentes que esperava da generosidade dos católicos. Após as medidas preparatórias lançou um apelo para conseguir prendas, e quis difun-

di-lo mediante "promotores", entre eles o cônego Pedro José de Gaudenzi, arcebispo da Basílica metropolitana de Vercelli, seu amigo. E encontrou um modo original para conquistá-lo (Epist. I, 52-53):

Dom Bosco à porta do Sr. Arciebispo

Dim-dim-dim.

Criado. — Quem é?

B. — É Dom Bosco que precisaria falar com o Sr. Arciebispo, se não for muito incômodo.

S. — Vou avisar logo, creio que já almoçou.

Arciebispo. — Querido Dom Bosco, como, que bons ventos o trazem? Está bem? Esteja à vontade, venha.

B. — Tudo bem, fiz boa viagem, e estou contente em vê-lo com boa saúde. Trago novidades da nossa igreja. Já tem o telhado, está pronta a abóboda do coro, das duas capelas laterais, da sacristia, e agora se está preparando o necessário para a abóboda central.

A. — Já se fez muito, Deus seja louvado! Eu também havia prometido mandar alguns tijolos...

B. — É um dos motivos da minha visita.

A. — Compreendi, compreendi. Quer levá-los agora consigo?

B. — Não, Sr. Arciebispo, pode mandá-lo como melhor lhe parecer ou com um vale postal ou com uma carta com um cheque dentro; por ora não volto a casa, estou visitando os benfeitores da igreja.

A. — Que esperto! Vai "torcendo o pescoço da galinha sem que ela grite". Que traz nesse pacote?... Oh! Plano para uma rifa... e também para a igreja do Oratório. Mas... o que é isso? Colocou meu nome entre os promotores; por quê?

B. — Sr. Arciebispo, criei um ato consumado. Receava que sua modéstia procurasse motivos para eximir-se deste peso; e assim fiz sem dizer nada.

A. — Esse Dom Bosco é um moleque! Mas que é que tenho de fazer?

B. — Por agora comece distribuindo estes convites e se conseguir alguma prenda, mande-a a Turim por algum portador. Certamente conseguirá. Uma vez recolhidas as prendas, se fará um levantamento e imprimiremos os bilhetes que serão colocados ao preço de 0,50 fr. Esse é todo o seu trabalho...

A. — Já que me meteu no embrulho, procurarei arranjar-me da melhor maneira.

B. — Já dei o meu recado. *Vale in Domino*, boas festas, bom fim e santo princípio de ano. Que Deus abençoe o senhor e todos os que quiserem caridosamente tomar parte na nossa rifa. Daqui parto num Pégaso ⁽¹⁾ que me levará com a velocidade do vento. Vou fazer uma visita ao Sr. P. Goggia ⁽²⁾ em Biella.

Vigília do SS. Natal de 1851

97. A um ministro protestante: oferta de amigo sincero

Luís de Sanctis, sacerdote católico, passara à seita valdense, da qual era ministro. Rompendo em 1854 com os colegas, foi destituído. Dom Bosco não o conhecia pessoalmente. Preocupado sempre em salvar as almas por meio da caridade, julgou chegado o momento de convidá-lo a regressar ao seio da Igreja católica, e tomou a iniciativa de enviar-lhe esta carta (Epist. I, 98):

Il.mo e estimado senhor,

Já há algum tempo estou pensando no meu coração em escrever uma carta a V. S.^a Il.^{ma}, a fim de manifestar o meu vivo desejo de falar-lhe e oferecer-lhe tudo quanto um amigo sincero pode oferecer ao amigo. E isso motivado pela leitura atenta dos seus livros, nos quais parecia-me lobrigar uma verdadeira inquietude do seu coração e do seu espírito.

Ora pela leitura dos jornais parece-me que V. S.^a se acha em desacordo com os Valdenses e, eu, movido

(1) Cavallo alado da mitologia para uma imaginária viagem aérea.

(2) Superior dos Filipinos em Biella; Dom Bosco estivera pessoalmente com ele em maio. Fala aqui de ida com o pensamento, por carta, e com o mesmo escopo.

unicamente pelo espírito de afeto e caridade cristã, faço-lhe o convite para que venha à minha casa, se assim lhe aprouver. Para fazer o quê? O que o Senhor lhe inspirar. Terá um quarto para morar, partilhará comigo uma modesta mesa; dividirá comigo o pão e o estudo. E isso sem a menor despesa de sua parte.

Eis os sentimentos amigáveis que lhe manifesto do profundo do meu coração. Se o senhor puder ter conhecimento de quão leal e justa seja a minha amizade para com sua pessoa, aceitará as minhas propostas, ou pelo menos me haverá de bondosamente perdoar.

Que o bom Deus atenda os meus desejos, e faça de nós um só coração e uma só alma para aquele Senhor que dará a justa recompensa a quem o serve na vida. De V. S.^a Il.^{ma}.

Mui sinc. em J. C.

Sacerdote João Bosco

Turim-Valdocco, 17 de novembro de 1854.

Profundamente comovido, o ministro respondeu no dia seguinte: "V. S.a não poderia nunca imaginar o efeito que em mim produziu sua gentilissima carta de ontem". Temos cópia de duas outras cartas que Dom Bosco lhe enviou, convidando-o a vir discutir amigavelmente em Valdocco. Foi... e reconheceu os seus erros. Mas era muito difícil sair da sua situação (tinha mulher e filhos) (cf. MB V 139-146). Na última carta Dom Bosco lhe disse (Epist. I, 107):

... Haverá de espantar-se V. S.a por esta minha carta; mas eu sou feito assim: uma vez contraída uma amizade, desejo ardentemente continuá-la e buscar para o amigo todo o bem que me seja possível.

O bom Deus o abençoe e conserve; e eu com toda a estima ponho-me à sua disposição em tudo o que for possível. De V. S.a Il.ma e Car.ma

Af.mo amigo

Sac. João Bosco

98. Três breves cartas a um seminarista: "Comporta-te como homem!"

Tendo-se encontrado com Dom Bosco quando cursava o ginásio em Giaveno (Turim) sua terra natal, Domingos Ruffino prendeu-se a ele com afeto e confiança filial (1.ª carta). Entrando depois no seminário filosófico de Chieri, confiou a Dom Bosco as suas angústias financeiras (2.ª carta). Conquistado pela estada em Valdocco durante as férias de 1857, interrompeu os estudos de teologia no seminário de Bra (3.ª carta) para morar definitivamente no Oratório, em 1859. Foi dos 22 primeiros salesianos que professaram a 14 de maio de 1862, e também um dos membros da "comissão das fontes" sobre Dom Bosco. Morreu infelizmente em 1865 com apenas vinte e cinco anos, como primeiro diretor de Lanzo. Os três bilhetes são típicos do estilo rápido mas incisivo de Dom Bosco (Epist. I, 130, 151 e 170).

Car.mo Filho

Fizeste bem em escrever-me: se dizes com palavras o que tens no coração, terás em mim um amigo que te fará todo o bem que puder.

Oferece os teus trabalhos a Deus: sê devoto de Maria: vindo a Turim falaremos.

O Senhor te abençoe: reza por mim que sou para ti de coração

Af.mo Sac. João Bosco

Turim, 15 de junho de 1856.

Car.mo no Senhor,

Cria coragem e depõe toda a esperança no Senhor. Acho que não te pedirão mais os 24 fr. de entrada no Seminário; e se os pedissem de novo, dirás aos teus superiores que tenham a bondade de se dirigirem a mim e eu me arranjarei. Dadas as dificuldades da tua família, se for cômodo para ti passar as férias aqui comigo, vem, que ficarei contente. Escreve-me somente alguns dias antes.

De resto lembra sempre que a maior riqueza deste mundo é o santo temor de Deus; e que *diligentibus*

Deum omnia cooperantur in bonum. Se tiveres alguma grave dificuldade escreve-me.

Crê-me sempre no Senhor

Teu af.mo Sac. João Bosco

Turim, 31 de julho de 1857.

Car.mo Rufino,

Agradeço os parabéns que me dás; Deus centuplique o que por mim pediste. Procura crescer em idade e em temor de Deus. A ciência da teologia unida ao santo temor de Deus sejam o objeto das tuas preocupações.

Viriliter age; non coronabitur nisi qui legitime certaverit, sed singula huius vitae certamina sunt totidem coronae, quae nobis a Domino parantur in coelo. Ora pro me ⁽³⁾.

Tuus Sac. Bosco

Turim, 21 10bris 58.

99. “Como Deus é o patrão, devemos deixá-lo mandar”

Encontramos novamente a família dos condes De Maistre, que havíamos encontrado nas cartas aos marquesinhos Emanuel e Azelia (cf. 219-223). A duquesa Constância de Montmorency-Laval, filha de José De Maistre (e portanto irmã do conde Rodolfo), era viúva, e morava em Borgo Cornalese (município de Villastellone, Turim) onde multiplicava suas beneficências, também em favor de Dom Bosco. Não citamos a primeira parte da carta, que refere particulares da família (Epist. I, 132-133).

Benemérita senhora Duquesa,

... A Divina Providência arrebatou-nos dois insignes benfeitores: um na pessoa do doutor Vallauri, que morreu santamente a 13 de julho passado, o outro na pessoa do Cav. Moreno, irmão do Bispo de Ivrea.

(3) Comporta-te como homem; não será coroado senão quem tiver lutado de acordo com as regras (2 Tim 2,5), mas todos os combates desta vida são coroas que o Senhor tem preparadas no Céu. Reza por mim.

Veja de quantas maneiras o Senhor me quer provar. Críticos os anos passados; os atuais não são melhores; Deus leva para si grande número de benfeitores; mas como o Senhor Deus é o patrão devemos deixar que mande, porque o que faz é sempre melhor de quanto possamos desejar.

Todavia não deixo de recomendar-me à sua provada caridade para que continue a ajudar-me tanto para as despesas dos Oratórios festivos como para dar também pão aos meninos internos, e também para abrir uma escola diurna em Ognissanti. Isso tudo com o objetivo único de ganhar almas para Jesus Cristo, especialmente nestes tempos em que o demônio faz tantos esforços para arrastar as almas à perdição.

De minha parte não deixarei de pedir ao Senhor Deus que lhe conceda o dom da perseverança no bem e lhe prepare um trono de glória no Céu.

Recomendando-me às suas devotas orações, saúdo-a também em nome do meu colega P. Alasonatti e de Tomatis, enquanto me professo com gratidão de V. Ex.a

Obr.o servo
P. João Bosco

Turim, 12 de agosto de 1856.

100. "Há semanas que vivo de esperança e aflição"

Citamos logo uma das numerosíssimas cartas de Dom Bosco a uma insigne benfeitora, a marquesa Maria-Assunta Fassati, de Montemagno (prov. de Alessandria), mãe de Azelia e Emanuel, e sobrinha da duquesa Constância. Nessa época (verão de 1863), Dom Bosco vivia numa penosa incerteza quando à sorte das suas escolas de Valdocco, alvo de inspeções maldosas e ameaçadas de fechar (cf. MB VII, 477) (Epist. I, 279-280).

Benemérita senhora marquesa,

Ocupações sobre ocupações impediram-me de responder prontamente à carta que a virtuosa Azelia me escrevia em nome de V. benemérita S.ra.

... Senhora Marquesa, se houve tempo em que tenha tido necessidade das suas orações, é certamente

este. O demônio declarou guerra aberta a este Oratório, e ameaçam fechá-lo, se não o ponho à altura dos tempos para me acomodar ao espírito do Governo. A Santa Virgem garantiu que tal não acontecerá; Deus entretanto pode achar-nos dignos de castigo e permitir também isso.

Há algumas semanas que vivo de esperança e de aflição. A senhora crescente, pois, suas devotas preces às que nesta casa fazemos, e ponhamo-nos nas mãos da Providência.

Que a Santa Virgem nesta sua solenidade a presenteie com a rosa da *caridade*, Azelia com a *violeta* da humildade, Emanuel com o *lírio* da modéstia, e nos conserve a todos sob a sua poderosa proteção. *Amen*.

Com gratidão e estima professo-me de V. benemérita S.a

Obr.o servo
Sac. João Bosco

Turim, 3 de set. de 63.

101. Importância de experimentar a alegria de estar com Deus

O conde Hugo Grimaldi di Bellino, *natural de Asti, costumava encontrar-se com Dom Bosco nos exercitios espirituais de Lanzo S. Ignazio, e muitas vezes fez-lhe perguntas de direção espiritual. Na resposta de Dom Bosco, cumpre destacar a dupla alusão ao papel da experiência no progresso espiritual ("saber, experimentar..."). Os bilhetes de que fala no inicio referem-se a uma das tantas rifas de beneficência lançadas pelo santo (Epist. I, 238-239).*

Car.mo no Senhor,

A graça de N. S. J. C. esteja sempre conosco. Recebi a seu tempo as duas cartas que teve a bondade de escrever-me, e não respondi por não saber ao certo o lugar de sua residência.

Junto o bilhete vermelho, ou melhor dois a fim de que possa ganhar dois prêmios. Os bilhetes que lhe havia mandado não eram propriamente para que os

vendesse, mas para que os conservasse consigo e assim ajudasse o pobre Dom Bosco a dar pão aos seus pobres meninos.

Retomando o que diz na sua primeira carta, admiro muito o entusiasmo do seu coração em querer seguir cegamente os conselhos de um pobre padre como sou eu. A coisa é árdua para ambos; mas vamos tentar.

Como devo fazer, dizia o senhor, para viver uma vida que me desapegue do mundo e me una o coração com o Senhor de maneira a amar sempre a virtude?

R. A boa vontade coadjuvada pela graça de Deus produzirá esse efeito maravilhoso. Mas para alcançar êxito o senhor deve empenhar-se em conhecer e saborear a beleza da virtude e a alegria que experimenta o coração de quem tende para Deus.

Considere ainda a nulidade das coisas do mundo. Elas não nos podem dar a mínima consolação. Junte todas as suas viagens, tudo o que viu, gozou, leu e observou. Compare tudo com a alegria que sente um homem após haver-se aproximado dos santos sacramentos, e dar-se-á conta de que as primeiras nada são, que a segunda é tudo.

Assentada assim uma base, venhamos à prática. O senhor: 1.º Todas as manhãs, missas e meditação. 2.º À tarde um pouco de leitura espiritual. 3.º Todos os domingos pregação e bênção. 4.º ... Devagar, gritará, pouco por vez. Tem razão; comece a pôr em prática quanto de passagem lhe escrevo, e se se sentir disposto a acompanhar-me o passo, espero, com a ajuda do Senhor, poder conduzi-lo ao terceiro céu.

Quando vier a Turim falaremos de projetos um pouco maiores. Entretanto não deixe de rezar ao Senhor por mim, que de todo coração auguro-lhe todo bem da parte do Senhor e me professo de V. S. a car.ma.

Af.mo servo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 24 de set. de 62.

102. "Senhora condessa, estou cansado, mas não abatido"

Vamos conhecer uma das maiores benfeitoras e correspondentes de Dom Bosco, a condessa Carlotta Gabriella Callori (de nascimento Berton Sambury). Morava no seu castelo de Vignale (prov. de Alessandria), não longe de Montemagno, onde residia a marquesa Fassati, em cuja casa Dom Bosco a havia encontrado na festa da Assunção de 1861. Graças aos seus donativos, pôde Dom Bosco construir o pequeno seminário de Mirabello, e depois editou um manual de piedade para os adultos análogo ao Jovem Instruído (saiu em 1868, aos cuidados do P. Bonetti, com o título: *Il Cattolico provveduto per le pratiche di pietà*). Tendo experimentado muitos sofrimentos, a condessa deixava-se facilmente abater; por isso Dom Bosco procurava sempre animá-la. Mas era também mulher de grande engenho e de viva fé, e por isso Dom Bosco muitas vezes pedia-lhe conselho. A partir do fim de 1867 passará a chamá-la de Mamãe (embora fosse dez anos mais moça que ele), título "reservado" a duas ou três outras cooperadoras (lembramos que São Paulo chama de sua segunda mãe à mãe de Rufo pelo cuidado que tivera para com ele: Rom 16,13). Dos três filhos da condessa, Júlio César, Emanuel e Ranieri, o primeiro morrerá aos 20 anos de pneumonia (5 de março de 1870), o segundo aos 23 anos num acidente de queda de cavalo (11 de junho de 1876); mas um filho de Ranieri, Frederico, afilhado de crisma do P. Rua, tornar-se-á padre, e também cardeal, e será o primeiro assumir em Roma o título cardinalício da nova basilica de S. João Bosco no Tuscolano (25 de abril de 1965). Citamos algumas cartas espiritualmente mais significativas de Dom Bosco (*Epist. I, 255-256*).

Benemérita Sra. Condessa

... Não esqueci o livro; tenho-o sempre em vista; só a impossibilidade fez-me adiar a impressão. De que maneira? Cinco sacerdotes dos mais importantes caíram simultaneamente doentes. O P. Rufino fez ontem oito dias voava gloriosamente para o Paraíso; o valente P. Alassonatti está seguindo o mesmo caminho; os outros três deixam esperança remota de cura. Nestes momentos imagine quantas despesas, quantos incômodos, quantas incumbências caíram sobre os ombros de Dom Bosco.

Não se deve todavia esperar que eu esteja abatido; cansado apenas. O Senhor deu, mudou, tirou no tempo quem lhe aprouve; seja sempre bendito o seu santo nome! Consola-me a esperança que depois da tempestade fará bom tempo.

Quando se tiver estabelecido definitivamente em Vignale, espero poder fazer-lhe uma visita e ficar alguns dias.

Ó senhora Condessa, encontro-me num momento em que tenho grande necessidade de luzes e forças; ajude-me com as suas orações; e recomende-me também às santas almas que são de seu conhecimento.

De minha parte não deixarei de invocar as bênçãos do Céu sobre a senhora, sobre o senhor seu marido e sobre toda a respeitável família, enquanto tenho a honra de poder-me professar com a mais profunda gratidão de V. S. benemérita

Obr.o servidor
Sac. João Bosco

Turim, 24 de julho de 1865.

103. "Nunca deixar passar um dia sem fazer breve leitura espiritual"

Carta ao primogênito da condessa Callori, que se oferecera para traduzir alguns livros franceses para as Letture Cattoliche. Entre os conselhos dados com muita habilidade, nota-se ainda uma vez a importância que Dom Bosco dava à leitura espiritual cotidiana, também para os leigos: a fé deve ser alimentada (Epist. I, 498-499).

Car.mo Sr. César,

Desta vez não é mais César, mas Dom Bosco que confessa uma culpa. Uma coisa ou outra, não cumpri o meu dever de enviar o livro que o nosso César se oferecera para traduzir para as nossas *Lett. Catt.*

Vamos agora ajustar as coisas em família. Um fascículo para o senhor, outro para a senhorinha Gloria; e como atrasei a expedição, o senhor consertará ou melhor compensará o tempo perdido com uma diligência e solicitude especial na execução do trabalho. Que desenvoltura mostra Dom Bosco quando manda! Sorte que se tem de haver com gente dócil e obediente; de outra sorte me deixaria sozinho a cantar e a carregar a cruz.

Enquanto por outra parte me confesso culpável, quereria mandar-lhe, diria melhor, quereria recomendar-lhe duas coisas, das quais já algumas vezes discorreremos. Nas várias divisões do seu tempo estabeleça confessar-se cada quinze dias ou uma vez ao mês; não deixe passar dia sem uma breve leitura espiritual... Mas caluda: não façamos sermões! Bem, terminemos.

Dê muitas saudações a papai e a mamãe e a todos os membros da sua respeitável família. Dê-me algum bom conselho; acolha meus votos de muitas bênçãos celestes e acredite-me com a mais sentida gratidão de V. S. car.ma

Obr.o servo
P. João Bosco

Turim, 6 de set. de 67.

104. "Condessa, Maria SS. quer ser ajudada pela senhora"

A condessa Callori, numa carta dizia que se sentia enfraquecida e presa de idéias melancólicas. Dom Bosco anima-a e prediz-lhe que o ajudará na futura igreja de S. João Evangelista em Turim (que será consagrada em 1882). A Condessa viu nas palavras de Dom Bosco uma como predição de longevidade e acalmou. Morrerá aos 85 anos, 41 após a predição (1911) (Epist. II, 108).

Benemérita S.ra Condessa,

Esteja tranqüila. O P. Cagliero não está preparando nenhum trabalho fúnebre para a finalidade que a senhora indicou ⁽¹⁾.

Muitos anos atrás a senhora me escrevia, e dizia quase as mesmas coisas: e eu respondi que Maria SS. queria ser ajudada pela senhora para levar a termo uma igreja em honra de Maria Auxiliadora. A igreja existe, a senhora tomou parte nas funções que nela se fizeram. Agora lhe digo: Deus quer que a senhora ajude a fazer a igreja, as escolas e o internato de Porta Nuova ou melhor do "viale del Re". A igreja será feita, a senhora há de vê-la construir, consagrar, e caminhará ao redor dela quando estiver pronta. Compreende?

(1) Nenhuma missa fúnebre para ela.

Não pense, pois, em outra coisa senão em viver alegremente no Senhor.

Teria muita coisa ainda a tratar; vamos tratar em Vignale. . .

O Senhor Deus, riquíssimo em bondade e misericórdia, conceda à senhora, à sua família inabalável saúde e o dom da perseverança no bem. *Amen.*

Reze pela minha pobre alma e creia-me no Senhor,
Obr.o servo
Sac. João Bosco

Turim, 3 de agosto de 1870.

105. Preguiçoso, Dom Bosco? Votos de boa saúde

Muito cansado após uma viagem a Roma e Florença para tratar da questão da escolha dos bispos, Dom Bosco descansa um pouco em sua casa dos Becchi. E tenta incutir na condessa Callori, doente, um pouco de coragem e alegria (Epist. II, 183).

Excelência? Ilustríssima? Benemerita? Mamãe caríssima?

Diga-me qual prefere.

Sabia que a senhora esteve doente, mas ignorava que as coisas fossem tão graves como foram. Deus seja bendito por havê-la restituído, se não à primeira, ao menos a melhor saúde. Desejo, embora um pouco tarde, fazer-lhe uma visita na próxima semana. Desejo que me escreva algo a respeito. A Casa Fassati está em Montemagno ou não? No primeiro caso passaria por Asti, no segundo por Casale ou por Felizzano.

Assaltou-me tamanha preguiça que me vi incapaz de qualquer trabalho. Agora retirei-me a Castelnuovo d'Asti, à casa paterna, no meio dos bosques, com algumas dezenas de moleques. Aqui descansou um tanto a minha pobre cabeça, que se não se tornou poética, pôde ao menos juntar alguns pensamentos em prosa que exponho nesta carta.

Deus a abençoe, senhora Condessa, e lhe conceda a saúde que a possa fazer feliz no tempo e na eternidade.

Meus humildes obséquios ao Senhor Conde, seu marido, e a toda a família e creia-me com a mais profunda gratidão de V. S.a il.ma car.ma benemerita, etc.

Obr.o e af.mo servo filho (gastador)
Sac. João Bosco

Castelnuovo d'Asti, 3-10-71.

106. Dom Bosco convalescente agradece com uma poesia

A 6 de dezembro de 1871, Dom Bosco teve em Varazze uma espécie de ataque de apoplexia. Esteve um mês inteiro às portas da morte. A 14 de janeiro de 1872 começou a melhorar. A condessa Callori, tão logo foi informada, mandou-lhe um colete de lã vermelha, e extrato de carne. Dom Bosco respondeu com alguns versos, inseridos numa carta do P. Francesia, de 15 de janeiro (cf. MB X 289-202) (Epist. II, 191).

À minha boa mamãe que me enviou um colete vermelho e um precioso consomê.

Tanto é benefica
La mamma mia
Che a far buone opere
Tutto daría.

Madre santissima,
Per lei pregate,
Di grazie un cumulo
Dal ciel versate.

Accenti deboli
Solo dir posso,
Perchè mi sento
Tutto commosso.

Datele un secolo
Di sanità,
Abbia degli Angioli
La santità.

Or ela mandami
Un bel giubbetto
Che servir possami
Seduto in letto.

Quando poi termini
Cotesto esiglio,
Con voi chiamateli
E madre e figlio.

Di color rosso
Me l'ha mandato,
E che sia martire
Il segno ha dato.

La mia famiglia
Sia là con lei,
Tutti sian meco
Lì figli miei.

V'aggiune un recipe
Di consumé,
Buono e valevole
Per cento e tre.

Là canteremo
Dolce armonia
Per tutti i secoli,
Viva Maria.

Sac. G. Bosco

*Minha boa mãe é tão bondosa: tudo daria para boas obras.
Eu só direi poucas palavras, porque tomado de comoção.
Aggra envia lindo colete: me servirá, sentado ao leito.
Quis enflá-lo de cor vermelha: sinal que devo tornar-me mártir.
E acrescentou uma receita de consomê bem substancioso.
Ó Mãe santíssima, por ela orai: dai-lhe abundantes graças do céu.
Dai-lhe um século de boa saúde: tenha dos Anjos a santidade.
E ao deixar este exílio, juntos chamai a mãe e o filho.
Com ela esteja minha família, meus filhos todos junto comigo.
Lá cantaremos suave harmonia eternamente, Viva Maria.*

107. "Comer, dormir, passear... Assim iremos para a frente!"

Por diversas vezes Dom Bosco dirigiu-se aos seus benfeitores para pedir a pesada soma de 2.500 francos, para livrar alguns dos seus clérigos da conscrição militar (possibilidade supressa em 1876). Agradece a condessa por haver pago o resgate do clérigo Luis Rocca. A segunda parte alude à doença dos olhos que afligirá Dom Bosco nos últimos quinze anos de vida, sem todavia impedi-lo de prosseguir no seu intenso trabalho (Epist. II, 318).

Minha boa mamãe,

Recebi a carta, com o que havia dentro, da senhora condessa M. Luisa. Escrevi-lhe uma carta. À senhora profundos agradecimentos. O clérigo aí está; não sei se poderá levá-los todos ao Paraíso como me escreve, mas como é forte, sadio, robusto, como Luis Rocca, conduzirá o carro da salvação até bom trecho da estrada; certamente enquanto viver, rezará por quem lhe mudou o fuzil pelo breviário.

Os oculistas consultados sentenciaram: o olho direito dá pouca esperança; o esquerdo pode-se conservar *in statu quo*, se se abster de ler e escrever. Portanto comer, beber bem, dormir, passear etc. Assim iremos para a frente.

Deus conceda todo bem à senhora e a toda a sua família; reze por este pobre, mas em J. C. sempre

Obr.o servo
Sac. João Bosco

Borgo, por hoje, 14 de novembro de 1873.

108. Esse enteado que se diverte alegremente em Roma

Nos primeiros meses de 1874, Dom Bosco encontra-se em Roma para os últimos entendimentos referentes à aprovação das Constituições salesiana. Os jornais liberais falavam também da sua atividade entre o Vaticano e o governo. Escreve a respeito à condessa Callori com o tom faceto de costume (Epist. II, 362-363).

Minha boa Mamãe,

Se não repreende este enteado é uma demonstração da sua extraordinária bondade; de outra sorte mereço uma reprimenda.

Ficar fora de casa, abandonar os quefazeres, a família, a Mamãe, tenho uma só e muito boa, e divertir-se alegremente aqui em Roma com o que terá lido nos jornais! Tem razão: apresentarei depois a Turim algum pretexto para justificar um pouco a minha despreocupação, e é o que espero fazer perto do dia 25 do corrente.

Todavia não esqueci nunca a senhora e a sua família. E ultimamente pedi uma bênção especial para a sua saúde, para a do Sr. Conde e de modo especial para os três S do Sr. Emanuel, isto é, que seja São, Sábio, Santo.

Não escrevo mais para não ser repreendido ⁽¹⁾, digolhe apenas que rezo sempre a Deus para que a faça verdadeiramente feliz neste mundo e no outro.

Esta semana é de muita importância.

Reze muito por mim, e creia-me em J. C.

Af.mo mau filho
Sac. João Bosco

Roma, 8-3-74, via Sistina, 104.

(1) A senhora não queria que escrevesse muito, dado o estado dos olhos.

109. "Reconheço com prazer que a senhora está ainda conosco no exílio"

Uma das últimas cartas de Dom Bosco à condessa Callori (Epist. IV, 147).

Minha boa Mamãe,

São já vários dias que estou querendo escrever só para saber notícias suas. Isto é, saber se estava ainda nesta terra miserável ou se já tinha voado para o céu sem sequer informar-se de algum recado meu. Agora sei com grande prazer que está ainda conosco no exílio. Está bem. Procuraremos ajudar-nos com a oração, e todos os dias recomendá-la-ei na Santa Missa.

Fique tranqüila no monte S. Vitor; os acontecimentos dar-se-ão alhures; mas a senhora não será incomodada. Deus a abençoe, ó minha Boa Mamãe, Deus a conserve em boa saúde, e queira sempre rezar por este pobrezinho, que lhe será sempre em J. C.

Obr.o
Sac. João Bosco

Turim, 28 de junho de 1882.

110. A um sacerdote. Encorajamento a que confesse sem medo

Ao P. Rafael Cianetti, sacerdote de Lucca, assustado ante o ministério da confissão (Epist. I, 414-415).

Car.mo Sr. P. Cianetti,

Recebi a seu tempo a encomenda da sra. Caturegli e entreguei-a ao filho. Quanto ao medo de confessar não se preocupe. Dificilmente um penitente saberá mais que o senhor. Por outro lado devemos julgar nossa idoneidade pelos exames e pela vontade dos superiores. Além do mais, no trabalho pelas almas tanto vale uma onça de piedade quanto cem miriagramas de ciência. Coragem, pois, e confesse sem medo enquanto a

saúde lhe permitir. Fiz e fiz fazer em comum como pediu; antes continuaremos a recomendá-lo ao Senhor nas nossas pobres orações. Quando o movimento dos trens for regular darei um passeio a Lucca e falaremos a respeito. Apresente meus humildes obséquios ao Bispo, ao P. Bertini, à marquesa Burlamacchi e família, procure aumentar de dez mil os assinantes das *Letture Cattoliche*. A graça de Jesus Cristo esteja sempre conosco. *Amen*. Reze por nós e em nome de todos sou-lhe.

Af.mo em J. C.
Sac. João Bosco

Turim, 20 de julho de 1866.

111. **A uma religiosa. Alguns fósforos para quem anda tibia**

Irmã Maria Margarida, *religiosa dominicana do mosteiro dos SS. Domingos e Sisto, de Roma, confiara-lhe alguma inquietação, pois se achava "tibia". Dom Bosco responde com sabedoria espiritual: não se assustar, procurar reacender o coração (Epist. I, 416).*

Prez.ma Senhora,

A tibieza, quando não favorecida pela vontade, é totalmente isenta de culpa. Antes, acredito que essa tibieza, que toma o nome de aridez de espírito, é meritoria diante do Senhor.

Todavia, se deseja alguns fósforos, que provoquem centelhas de fogo, encontro-os nas jaculatórias ao SS. Sacramento, nalguma visita a ele, em beijar a medalha ou o crucifixo. Mas mais que qualquer outra coisa, o pensamento que as tribulações, as penas e a aridez do tempo são outras tantas rosas perfumadas para a eternidade.

Não deixarei de recomendá-la humildemente ao Senhor na santa missa, e, ao mesmo tempo que me recomendo a mim e aos meus pobres meninos à caridade das suas santas orações, tenho a honra de poder-me professar com sincera gratidão de V. Sa prez.ma.

Turim, 22. de julho de 66.

Obr.o servo
Sac. João Bosco

112. Uma noviça deve exercitar-se na humildade

Resposta à superiora desse mesmo mosteiro dominicano, Madre Madalena Maria Vitelleschi. Pesava naqueles anos sobre Roma a ameaça de tumultos políticos e, sobre as casas religiosas, da supressão (Epist. I, 436).

Revda. Sr.a Madre,

Tenha a certeza que rezo e também faço rezar pela senhora e por todas as filhas que Deus lhe confiou. Esteja tranqüila quanto às suas preocupações sobre o mosteiro; reze muito a Jesus Sacramentado e espere muito d'Ele.

Com relação à noviça de que fala, ponha-a ainda à prova, especialmente quanto à humildade; se resistir, admita-a à profissão.

Deus abençoe a senhora e toda a sua família religiosa; reze por mim e por estes meus pobres meninos, e a Santa Virgem nos alcance do seu Divino Filho a graça de poder perseverar no caminho que nos conduz ao Céu.

Com gratidão professo-me de V. S.a rev.da

Obr.o servo
Sac. João Bosco

Turim, 27 de nov. de 66

113. "Coragem, confiança em Deus" quanto ao trabalho e à família

Em Roma, Dom Bosco ligou-se profundamente a Pedro Marietti, tipógrafo pontifício, neto de Jacinto, o fundador da casa editora de Turim. O negócios de que se fala acha-se especificado na carta de 18 de abril, à qual se alude no P. S.: "Ontem foi decidido o negócio da Tipografia da Câmara, que apesar de minhas repetidas recusas, querem absolutamente confiada à minha direção, contemporaneamente à administração social da Propaganda Fide". Receava não poder mantê-la bem no turbulento ambiente social e político do momento. Para Dom Bosco, Deus está sempre presente mesmo nas coisas mais terrenas, e através de tudo devemos procurar servi-lo bem (Epist. I, 457).

Car.mo Sr. Cavalheiro,

Já antes devia escrever-lhe pela muita bondade e caridade que o senhor e a sua família usaram para comigo quando estive em Roma; mas uma multidão de coisas, de negócios e de pessoas mo impediram. Agradeço-lhe com esta carta e mais ainda agradeço outros favores que acrescentou mediante os dois cheques que recebi com toda a regularidade.

Quanto aos seus projetos vá em frente, procure somente ter o beneplácito do Santo Padre e depois terá consigo a bênção do Senhor.

De minha parte, querido Pedro, não deixarei de recomendar todos os dias na santa missa o senhor, seus trabalhos, a sua família a fim de que o senhor possa ter a grande consolação de vê-la *ad multos annos* feliz no tempo, e quando a Deus aprouver toda ao seu lado na glória da feliz eternidade.

Estará lá também o pobre Dom Bosco? Dê-me uma resposta clara e definitiva. Reze também o senhor por mim e por toda a minha numerosa família, a fim de que não se perca nenhum dos que vieram para esta casa.

Peço-lhe saudar e desejar boas-festas *ao senhor*, à sua família, a Dom Manacorda, ao com. Angelini, ao seu secretário, com os quais almoçamos nos Antonianos. Conserve-nos a Santa Virgem agora e sempre sob a sua eficaz proteção e nos ajude a salvar-nos a todos eternamente.

Com a mais sentida gratidão professo-me de V. S.a car.ma

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 20 de ag. de 67.

P. S. — Receberá logo a visita do Sr. Cav. Oreglia. Havia terminado a carta, quando recebo a sua de 18 em que me anuncia que o negócio pelo qual rezamos foi fechado. Coragem, confiança em Deus, e espere muita coisa boa. Rezaremos também por esse negócio.

Doçura, paciência, devagar, firmeza. O cav. e o P. Francesca saúdam.

114. A um pai de família: maior paciência e serenidade

O marquês Inácio Pallavicini, *patricio genovês, nutria havia muitos anos profunda veneração para com Dom Bosco, ajudava-o de diversas maneiras, mas confiava-lhe também coisas de consciência. Ao que parece tinha um temperamento inquieto, e era duro com a família. Uma primeira carta de Dom Bosco havia criado nele algumas dúvidas. Agora tranquiliza-o e propõe-lhe esforços muito concretos (Epist. I, 494-497).*

Excelência.

A graça de N. S. J. C. esteja sempre conosco. *Amen.*

Estou aqui a falar com V. Ex.a como faria com meu irmão. Quanto ao que lhe escrevi em agosto nada tem de ameaçador nem de premência de tempo; mas é tudo carinhoso e preventivo. Isto posto, o senhor deve fixar seu pensamento em três coisas: em si, nos seus, nas suas coisas.

Em si. Dê uma olhada nos propósitos feitos na confissão e não cumpridos; nos conselhos recebidos para evitar o mal e praticar o bem, mas esquecidos. Um grande defeito ainda na dor dos pecados. Tal se pode remediar com a meditação e com o exame de consciência à noitinha ou em outra hora que lhe for mais apropriada.

Presentemente Deus quer maior paciência nas suas ocupações especialmente na família; mais confiança na bondade do Senhor; mais tranquilidade de espírito; nem temer nunca que a morte o surpreenda de noite ou em outra ocasião inesperada. Faça um esforço para praticar a virtude da humildade e da confiança no Senhor e nada tema.

Para o futuro freqüente a confissão e a comunhão de maneira a servir de modelo a quantos o conhecem.

Nos seus. Ver que os seus dependentes cumpram e tenham tempo para cumprir os seus deveres reli-

giosos, dispor as coisas que lhes respeitam de maneira que na morte e após a morte tenham motivos para bendizer o seu patrão.

Na família, caridade e benevolência com todos; mas não deixar nunca escapar nenhuma ocasião de dar avisos ou conselhos que possam servir de regra de vida e de bom exemplo.

Nas suas coisas. Aqui seria necessário escrever muito. Segunda-feira devo ir a Alessandria e de lá darei um passeio a Monbaruzzo, onde espero escrever ou falar com laguma tranqüilidade.

O que Deus quer especialmente do senhor é que promova quanto for possível a veneração a Jesus Sacramentado e a devoção para com a B. V. Maria.

Deus nos ajude a caminhar pela estrada do Céu. Assim seja. Com gratidão professo-me de V. Ex.a

Obr.o servo
Sac. João Bosco

Turim, 9-67

115. "Um pouco de filosofia" com um querido ex-aluno

João Turco, de Montasia d'Asti, fora estudante em Valdocco, e em 1853 Dom Bosco o havia curado instantaneamente de uma forte febre (cf. MB V, 16). Conhecia a lingua francesa, e Dom Bosco pediu-lhe mais de uma vez que traduzisse opúsculos para as Letture Cattoliche. Demonstra-lhe aqui o seu afeto, sempre orientado para o bem da alma (Epist. I, 507-508).

Car.mo Turco,

A tua carta causou-me grande prazer e foi-me muito agradável por me falares da antiga confiança que havia entre nós, o que para Dom Bosco é a coisa mais querida do mundo.

Pondo tua carta sob um só ponto de vista, agradeço ao Senhor que nos anos mais difíceis da tua vida te haja ajudado a conservar os sãos princípios da religião. Pode-se dizer que a idade perigosa passou; quanto mais progredires nos anos, tanto mais haverão de desvanecer-se as ilusões que o homem alimenta sobre o mundo,

e mais se confirmará o que me disseste, que somente a religião é estável e pode em qualquer tempo e em todas as idades tornar o homem feliz no tempo e na eternidade.

Depois dessa filosofia aconselho-te a continuar a trabalhar na profissão de construtor em que te encontras, a praticar a religião especialmente com a freqüente confissão que para ti é um verdadeiro bálsamo; e a empenhar-te com todos os meios possíveis em assistir e consolar o teu bom pai na atual velhice, que, graças a Deus, pode dizer-se muito flórida.

No passado recomendei-te sempre ao Senhor na santa missa, e o farei ainda com mais gosto no futuro, porque mo pedes. Rezarás também por mim, não é verdade?

Tenho alguns livrinhos amenos para traduzir do francês; poderias traduzir algum? Seriam para imprimir nas *Letture Cattolice*.

Experimentarei sempre consolação toda a vez que me escreveres. Deus abençoe a ti e a teu pai, e vos conserve a ambos *ad multos annos com vida feliz*.

O P. Francesia, o P. Lazzero, Chiapale e muitos outros teus amigos te saúdam e eu serei sempre para ti no Senhor.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 23 de out. 67.

116. Ao conde e à condessa: plena confiança em Maria Auxiliadora

O conde Anfbal e a condessa Ana Bentivoglio, residentes em Roma, haviam-se empenhado em cobrir as despesas de uma capela na igreja de Maria Auxiliadora então em construção em Valdocco. A condessa tinha um temperamento impressionável e gozava de pouca saúde. Por diversas vezes Dom Bosco procurou tranqüilizá-la, especialmente repetindo, para ela como para outros, que quem o houvesse ajudado na construção da igreja de Turim não seria vítima da cólera que então grassava. E nada desmentiu tal afirmação. Citamos trechos de quatro cartas de 1866-67, e a carta enviada ao conde em maio de 1868 após a morte da condessa (*Epist. I*, 413, 430-431, 447, 557-558).

Benemérita senhora,

Depositamos plena confiança na bondade do Senhor e na proteção de Maria Auxiliadora. A senhora, portanto, passeie, repouse, coma, beba, toque e cante como se não tivesse doença alguma, evidentemente na maneira e medida compatíveis com sua compleição normal.

Tenho plena confiança que N. Senhora concederá a graça inteira. Esperemos.

Deus abençoe a senhora, o Sr. seu marido, e recomendando-me à caridade das suas santas orações me professo com gratidão de V. S.a benemérita.

Obr.o servidor
Sac. João Bosco

Turim, 18 de julho de 66.

Excelência,

... Compreendo que a sua posição é grave, mas, perdoe a palavra, Deus nos criou para si; e se para conseguir tão grande finalidade devemos fazer grandes sacrifícios, são grandes tesouros que preparamos para a nossa eternidade.

De resto a Santíssima Virgem invocada como Auxiliadora dos Cristãos concede graças extraordinárias; supliquemo-la, esperemos nela, que haverá de dar-lhe um futuro melhor.

Deus abençoe o senhor e toda a sua família; reze também por mim que de todo o coração me professo com gratidão

Obr.o servo
Sac. João Bosco

Turim, 29 de set. de 66.

Benemérita senhora,

Confie muito na bondade e no poder da grande Mãe de Deus; a menos que seja coisa contrária ao bem da sua alma, a graça da sua cura será concedida.

... De várias cartas que recebo de Roma parece-me que muitos se acham preocupados com tristes

acontecimentos que se podem dar proximamente em Roma. Não se inquiete, que por agora nada há a temer nem para a tranqüilidade pública, nem para pessoa do S. Padre. Não tenha nenhum medo da cólera. Nenhum dos que ajudam a construção da igreja de Maria Auxiliadora será vítima da doença mortal. Oriente para tal fim tudo quanto se fez e inclua também toda a sua família.

Espero poder cumprimentá-la pessoalmente dentro de pouco tempo.

Deus abençoe toda a sua família, reze por mim que de coração me professo de V. Sa benemérita

Obr.o servo

Turim, 29 de set. de 66.

Sac. João Bosco

Car.mo Sr. Conde,

Recebi a bela coroa de pedras preciosas com os lindos enfeites de ouro que teve a bondade de me enviar a fim de concorrer com novos meios para fazer-nos caridade. Deus lhe pague. . .

Caro Sr. Conde, o senhor nos faz tanta caridade, e recorre a tantos meios para nos beneficiar; oh! como quereria exprimir com sinais externos a gratidão que eu e todos os nossos pobres meninos lhe profesamos! . . .

Apresente por mim meus respeitosos cumprimentos à benemérita Sr.a Condessa; espero poder quanto antes cumprimentá-la em sua casa. Entretanto digo-lhe que o Senhor quer dela coragem e alegria; que não pense na morte enquanto não atingir a idade de Matusalém (969 anos), depois do que darei licença de preocupar-se.

Deus abençoe a ambos e os conserve longos anos com vida feliz, e recomendando-me à caridade das suas orações com a mais sentida gratidão tenho o prazer de professar-me de V. Sa Car.ma

Obr.o servo

Sac. João Bosco

Roma, 16 de fev. de 67.

Car.mo Sr. Conde,

Nos dias passados não julguei oportuno escrever-lhe para não acrescentar talvez outros espinhos ao seu amargurado coração, mas rezei sempre e continuo todos os dias a fazer um *memento* especial pelo senhor na santa missa.

Não esqueceremos nunca sua pranteada e benemérita esposa. Apenas chegou a notícia da sua morte reunimos os nossos jovens: rezaram o terço, fizeram várias vezes a sagrada comunhão, celebramos diversas vezes a santa missa pelo completo repouso de sua alma.

Cumpriu-se agora a vontade divina e devemos adorá-la. Mas no meio dos espinhos o senhor tem três coisas que o devem grandemente recompensar e consolar. 1.º A santa vida e a preciosa morte da senhora sua esposa, que certamente goza agora a glória do Paraíso. 2.º Depois de mais algumas tribulações Deus lhe mandará grandes consolações mesmo na vida presente. 3.º A fundada esperança de encontrar-se um dia, tão tarde como a Deus aprouver, com a chorada esposa, não mais no reino das lágrimas e dos suspiros, mas na verdadeira felicidade, onde gozaremos bens infinitos que a morte não nos pode arrebatat.

Nos primeiros dias do próximo mês de junho dar-se-á a consagração da nova igreja. Podemos aguardá-lo nessa bela ocasião? Seria para mim grande consolação.

Deus o abençoe. Dê ao senhor, aos seus parentes saúde e longos anos de vida feliz e acredite-me com a mais profunda gratidão de V. S.a car.ma

Obr.o servo
Sac. João Bosco

Turim, 3 de maio de 68.

117. "A piedade, a caridade e a cortesia dos Florentinos"

O que era para Dom Bosco a condessa Callori di Vignale em Monferrato, foi em Florença a condessa Giralama Uguccioni

Gherardi, com o seu marido, cav. Tommaso, a ponto de ser chamada pelos salesianos a nossa boa mãe de Florença. Encontraram-se rapidamente durante a primeira estada do santo em Florença em dezembro de 1865 (a carta aqui citada dá a entender que relações profundas estabeleceram-se entre Dom Bosco e os Florentinos). Mas ela foi verdadeiramente conquistada à causa salesiana durante a segunda estada, em dezembro seguinte, quando Dom Bosco sarou miraculosamente um seu afilhado quase morto (cf. MB VIII 536). De aí em diante todas as vezes que Dom Bosco passou por Florença hospedou-se em sua casa. Centenas de cartas enviadas e recebidas atestam a mútua estima e delicado afeto do santo e da benfeitora. Citamos, de Dom Bosco, as mais ricas de substância espiritual (Epist. I, 375-376).

Benemérita Sra. Condessa,

A graça de N. S. J. C. esteja sempre conosco.
Amen.

Deveria ter escrito antes a V. Benemérita S.a para agradecer-lhe a grande bondade e caridade que juntamente com a sua respeitável família usou para comigo por ocasião de minha primeira viagem a Florença. Tê-lo-ia feito, mas não querendo que outros escrevessem, pela minha doença dos olhos, tive que retardar esta carta. Graças a Deus agora estou bem. A senhora Condessa não pode imaginar a santa impressão que deixou em mim a piedade, a caridade e a cortesia dos Florentinos e especialmente da sua nobre família, chefiada pelo seu marido.

Por diversas vezes agradei a Deus haver-se dignado inspirar tamanha coragem, fé e firmeza na nossa religião católica. Não dizemos mais, porque a senhora não quer, seja tudo para a maior glória de Deus... E para a senhora? Eis aqui a sua parte.

1. Não tenha preocupação alguma quanto às coisas de consciência; está tudo no devido lugar.

2. Tenha viva fé em Jesus Sacramentado e quando precisar de alguma graça peça-lhe com confiança que certamente a alcançará.

3. Reze pelo pobre Dom Bosco para que aconselhe os outros, mas não transcure os negócios da sua salvação eterna.

De resto, como humilde sacerdote de Jesus Cristo peço ao Céu saúde, graça e dias felizes para a senhora, para a sua família e para as famílias das suas filhas, às quais todas dê Deus verdadeira riqueza, o santo temor de Deus.

Recomendo-me a mim e os meus pobres meninos à caridade de suas orações, e professo-me com sentida gratidão de V. benemerita S.a

Obr.o servo
Sac. João Bosco

Turim, 22 de 66.

**118. Afligir-se somente no caso de ofensa ao Senhor
(Epist. II, 158)**

Mãe car.ma,

Todas as manhãs ao celebrar a santa missa faço sempre um *memento* especial pela minha boa mãe, pelo querido pai e família; mas perturbava-me sempre um remorso, por não lhe escrever com maior freqüência. Perdoe-me agora; prometo-lhe continuar a rezar e emendar-me da negligência. Não: não quero mais roubar selos, e quero servir-me deles para a sua finalidade.

A senhora se aflige pelo temor que os dois irmãos Montauto não possam continuar numa só família. Não deve ser assim. Aflija-se somente no caso de ofensa ao Senhor e não por outros motivos. Seja mediadora de paz enquanto são uma só família; na separação e nas duas famílias, caso se verificassem os dois últimos casos. Abraão e Ló eram dois santos e se separaram para cuidar cada um da própria família, das suas pastagens e gado.

Fico muito satisfeito por estar o nosso caro Sr. Tomás gozando boa saúde. Não poderiam fazer-nos este ano uma visita na solenidade de Maria Auxiliadora? Se tal acontecesse, queria que o nosso sineiro repicasse como nunca. Veja lá se pode proporcionar tal consolação a este seu filho. Ele é ainda díscolo, mas, se fizer essa visita, promete tornar-se muito bom. Se por acaso vir a Sr. a Henriqueta Nerli, a condessa Digny, a Sr.a

Maria Gondi, faça-me o favor de cumprimentá-la em meu nome. Quem sabe não poderá convencê-la a fazer-nos também uma visita? Escreverei mais tarde uma carta para convidá-las...

A senhora reze pela nossa casa. Tudo vai bem quanto à moralidade, saúde etc., mas em brevíssimo tempo tivemos que livrar dez clérigos da conscrição militar com a enorme soma de 32 mil francos. Veja que flagelo! Todavia o caso está resolvido, e nos preparamos para outros desastres, se a Deus aprouver mandar-nos-los.

Deus abençoe a senhora, o Sr. Tomás, toda a sua família, reze pela minha pobre alma, e creia-me de V. S.a B.

Obr.o filho díscolo
Sac. João Bosco

Turin, 30-4-71.

119. "Espero que Deus a fará uma grande santa"

Dom Bosco põe a condessa a par de suas preocupações e projetos. Alude à grave doença de Varazze (dez. de 1872). Falando dos jovens das suas casas, arredonda o número também para agradecer a quem recebe as notícias! (Epist. II, 228-229).

Minha boa Mamãe,

Se o corpo voasse com o pensamento, a senhora receberia deste pequeno díscolo ao menos uma visita por dia; pois todas as manhãs na santa missa não deixo nunca de fazer uma comemoração especial da senhora, nomeadamente de toda a sua família e famílias. E espero que Deus na sua grande misericórdia me ouvirá e lhe concederá saúde e a fará uma grande santa.

A senhora insiste em saber notícias minhas e das nossas coisas, e eu quero satisfazê-la. A minha saúde vai bastante bem. A doença pode-se dizer desapareceu, mas deixou uma lembrança no cansaço que faz limitar muito as ocupações ordinárias. Todavia agradeço a Deus quanto me concede.

Este ano abrimos três novas casas, portanto novos trabalhos, novos incômodos, novas despesas. Em geral

temos todas as casas cheias de alunos, que somam ao todo seis mil e seiscentos. A senhora é a vovó de todos, não é? Que messe copiosa!

Temos este ano 110 candidatos que entram para o estado eclesiástico; onze deles devem ser dispensados da convocação militar, e aqui novos aborrecimentos e novas despesas. Isso não obstante temos motivos para agradecer ao Senhor, porque nada há a desejar quanto à parte moral.

... Deus a abençoe, minha boa mãe, e com a senhora abençoe toda a sua família, e lhe conceda ver os seus filhos até à quarta geração, todos virtuosos na terra, todos reunidos com a senhora no paraíso. *Amen*.

Se tiver ocasião de ver a S.ra Nerli ou a S.ra Gondi, cumprimente-as. Elas me fizeram uma grata visita, mas a minha mãe...

Procure-me alunos bons para Valsalice; reze por mim que lhe sou

Obr.o af.mo díscolo
S. J. Bosco

Turim, 9-10-72.

120. Pêsames de um santo a uma viúva

Admirável carta de participação na dor da condessa Uguccioni, tanto pela delicada afeição quanto pela lembrança das realidades da fé. Moma era a forma familiar do nome da condessa Girolama (Epist. II, 496).

Senhora Moma diletíssima em J. C.,

Há vários dias que quero escrever, mas o meu pobre coração está tão perturbado que não sei como começar nem como acabar. O Sr. Tomás, a quem eu amava como [pai], venerava como benfeitor, em quem confiava como amigo, não vive mais. Foi esse o martelo que me tem percutido nos dias passados. Celebramos missas, oramos, fizemos comunhões, rezamos terços para que Deus no-lo conservasse em vida. Deus julgou que devia levá-lo para si, e nós amargamente resignados redobramos as nossas pobres orações, e continuamos.

No tumulto desses dolorosos pensamentos um deles trazia-me algum conforto: o Tomás que tanto amaste, não morreu; ele vive e vive no seio do Criador, e a esta hora goza já o prêmio da sua caridade, da sua fé. Tu mesmo o verás talvez dentro de pouco tempo, mas o verás num estado muito melhor, que não o que tinha na terra; tu o verás mas para jamais separar-te dele. Mas embora possas com fundamento esperar que goze a glória dos justos no céu, todavia não deves esquecer o dever do amigo enquanto ainda estás na terra. Lembra-te dele, conserva o seu nome e reza todos os dias até o alcançarmos no reino da glória.

Do pensamento do pranteado defunto eu passava à senhora, Moma. Quanto não terá sofrido e sofrerá ainda agora! Sei que está resignada, sei que adora a mão do Senhor, mas o cálice será sempre amargo. Por esse motivo fiz e continuarei a fazer especiais orações também pela senhora, a fim de que Deus a console, e a faça encontrar conforto no pensamento de ter um marido no céu, e que deverá revê-lo para gozar eternamente a sua santa companhia.

Quando puder e achar bem informar-me sobre as suas últimas horas, me fará um presente, o mais querido que possa desejar.

Perdoe esta carta que é antes uma coleta de pensamentos do que um escrito ordenado. Deus a abençoe e cumule de celestes consolações e com a senhora abençoe toda a sua pequena e grande família; mas peço-lhe que me considere sempre em J. C. qual espero ser constantemente com suma gratidão de V. Sr.a am.ma

Af.mo como filho
Sac. João Bosco

Turim, 10 de agosto de 75.

121. "Irei à casa onde há tantas lembranças agradáveis"

Outra carta à condessa Uguccioni, que mostra o espirito que Dom Bosco sabia instilar nos membros da sua "Família Salesiana". O penúltimo parágrafo alude à inscrição nos Cooperadores, oficialmente fundados poucos meses antes (Epist. III, 122).

Minha boa Mãe,

Com o pensamento visito-a várias vezes ao dia e todas as manhãs lembro-a na santa Missa; as minhas ocupações cresceram a ponto de me ver constrangido a descuidar a mais querida e obrigatória correspondência. Mas a senhora, qual Mãe piedosa, perdoará este filho filho díscolo, que promete corrigir-se, não é verdade? Quem pode duvidar!

Não passei mais por Florença, mas se passar, ainda que por poucas horas, passarei por sua casa onde há muitas lembranças, e onde ainda vive a pessoa que sempre nos fez todo o bem que lhe foi possível, e da qual a Congregação Salesiana conservará incancelável lembrança face a Deus e aos homens.

Para aludir às nossas coisas digo apenas que somente neste ano abrimos vinte e uma casas novas. Acrescentem-se as Missões da América, das Índias e da Austrália, e verá que há como se divertir. Mas Deus nos abençoe para além dos nossos merecimentos.

A minha saúde, graças a Deus, é muito boa. O P. Berto, o P. Rua e outros que a conhecem, cumprimentam-na e garantem-lhe as suas orações.

Mando-lhe algumas cópias de colaboradores salesianos para entregar à Sr.a Gondi, Marquês Nerli, Digny e a outros que sabe amarem as nossas coisas. Receberá os diplomas com as *Letture Cattoliche* e me mandará somente o cartãozinho vermelho assinado.

Deus a abençoe, a toda a sua grande e pequena família, e creia-me sempre em J. C.

Humilde servo
Sac. J. Bosco

Turim, 2-12-76.

122. "Continue a rezar por este pobrezinho"

Em 1881 os Salesianos, chamados pelo arcebispo e apoiados por numerosos benfeitores, haviam aberto um oratório festivo e um internato em Florença, na Rua Fra Angelico. Na sua última viagem a Roma em 1887, Dom Bosco se hospedará pela última vez na casa da condessa (26-28 de abril) (Epist. IV, 84).

Nossa boa Mãe em J. C.,

Garanta ao Sr. Pestellini que rezaremos muito por ele no altar de Maria e que espere muito na grande bondade desta benfeitora comum do gênero humano.

Nossas coisas de Florença começaram, temos muito que fazer, mas a ajuda de Deus não faltará. Coragem. A senhora será sempre a nossa querida Mamãe e sempre a primeira das benfeitoras.

Deus a abençoe, ó bendita Sr.a Mamãe, e com a senhora Deus abençoe a sua família grande e pequena e continue a rezar por este pobrezinho que com gratidão lhe será sempre em J. e M.

Obr.o como Filho
Sac. João Bosco

Turim, 6 de outubro de 1881.

123. "Devem-se medicar, não amputar as chagas na família"

Carta a uma senhora benfeitora. O original não traz o endereço. Preciosos conselhos para a vida na família (Epist. II, 46-47).

Benemérita Senhora,

Das mãos da zelosa Ir. Filomena recebi a considerável soma de 1.000 fr., que na sua caridade oferece em honra de Maria Auxiliadora e para ser empregada nas várias e graves necessidades do novo edifício. Não pude falar com a religiosa senão de passagem e por isso não pude encarregá-la dos meus sinceros agradecimentos como queria.

Agora enquanto cumpro este meu dever de gratidão, garanto-lhe que continuarei a fazer em comum todos os dias especiais orações no altar de Maria Auxiliadora, e espero que a graça que pede lhe seja sem dúvida concedida.

Diz a senhora que até agora não foi alcançada; diz que é uma tribulação de família, que não sei qual seja, mas eis o que lhe posso dizer de positivo: Continue a

rezar e resigne-se à vontade divina. A tribulação caminha para o fim. Coisas há que agora parecem espinhos, e Deus mudará em flores. Um olhar ao Crucifixo e um *fiat voluntas tua*; é o que Deus quer da senhora.

Receba entretanto este conselho: as chagas de família devem-se medicar e não amputar. Dissimular o que desagrada, falar com todos⁽¹⁾, e aconselhar com toda a caridade e firmeza, é o remédio com que a senhora curará tudo.

Perdoe-me a liberdade; dou lições a Minerva, com-padeça-se de mim. Amanhã (12) celebrarei a santa Missa e os meus meninos farão a Comunhão segundo a sua piedosa intenção.

Deus abençoe a senhora e toda a sua família e a todos conceda longos anos de vida feliz com o precioso dom da perseverança final.

Aceite a manifestação da minha profunda e sincera gratidão com a qual tenho a honra de poder-me professar de V. S. B.

Obr.o servo
Sac. João Bosco

Turim, 11-9-69

124. "As couves transplantadas crescem mais e se multiplicam"

A uma superiora da Visitação que estava fundando uma casa em Villavernia (Alessandria) (Epist. II, 55).

Rev.da senhora Madre,

Não faça caso de ninguém e esteja segura da vontade do Senhor a respeito do que se fez para a casa de Villavernia. O que dizem os outros, aceita-se com respeito e serve de norma para o futuro. Depois do temporal será mais consolador o aparecimento do sol. As couves transplantadas crescem mais e se multiplicam. Coragem, pois, e fé na Divina Providência. Deus abençoe a senhora, os seus trabalhos e todas as suas filhas;

(1) Todos os membros da família.

reze por mim e pelos meus pobres meninos e creia-me de V. Sr.a Rev.da

Obr.o servo
Sac. João Bosco

Turim, 27 de out. de 69.

125. Três bilhetes à condessa de Camburzano

Os esposos conde Vittorio e condessa Alexandra di Camburzano, turinenses, católicos convictos, ajudaram muito a Dom Bosco. Pediam orações e conselhos. Em dezembro de 1887, a condessa oferecerá a própria vida pela cura de Dom Bosco (Epist. I, 201; II, 83; IV, 369).

Benemérita senhora,

Recebi sua venerada carta cheia de sentimentos cristãos, que me servem para infundir fé e coragem no meu pobre ânimo e no dos meus meninos.

Rezei e fiz rezar segundo a intenção do Sr. Marquês Massoni. A sua deliberação é boa em si; mas acompanhada de circunstâncias muito espinhosas. Faça assim: examine se ele vê nisso o bem da alma e a glória de Deus. Se lhe parece que sim, execute o projeto, se não, suspenda a execução.

Fizemos a nossa festa de Natal com grande consolação...

Jesus rico de graças cumule com seus bens a senhora e o Sr. conde Vittorio e toda a família e amigos, enquanto com toda a estima professo-me de V. S.a benemérita

Obr.o servo
Sac. João Bosco

Turim, 26 de dezembro de 1860.

Benemérita Sra. Condessa,

... Parece que a Santa Virgem não está muito atenta às orações que há tanto tempo fazemos pela cura de V. S.a e não saberia sair-me dessa senão refletindo que esta Mãe celeste, muito satisfeita com a sua paciência, muda a terra em ouro, concedendo graças espiri-

tuais em vez de graças temporais que estamos a pedir. Mas à força de bater deverá atender-nos.

Não deixarei de recomendar ao Senhor as outras coisas a que acena. Coloquemo-nos inteiramente nas suas santas mãos.

O testamento já está feito?

Deus nos abençoe a todos e nos conserve no caminho do paraíso e creia-me com gratidão de V. S. B.

Obr.o servo
Sac. João Bosco

Turim, 6 de ab. de 70.

Benemérita Senhora Condessa,

Sinto muito que esteja a sofrer. Rezarei e farei também rezar pela sua saúde. Compreendo muito bem que a senhora tem cruces: mas todos temos alguma, com exceção de Dom Bosco, que não tem nenhuma.

As coisas deste mundo ⁽¹⁾ parecem aproximar-se da crise; Deus é Pai infinitamente bom mas infinitamente poderoso, por isso deixemo-lo agir.

Agradeço-lhe a lembrança que envia para os nossos orfãozinhos. Amanhã eles farão a sagrada Comunhão pela senhora, e eu com a ajuda de Deus celebrarei a santa Missa. Maria seja nossa guia para o céu.

Obr.o servo
Sac. João Bosco

9-1887, Turim.

126. A uma viúva de 24 anos: "A morte não é separação, mas adiamento do encontro"

A marquesa Maria Gondi, de Florença, mãe de duas crianças, perdeu o marido aos só vinte e quatro anos. Em diversas cartas, Dom Bosco procurou consolar esta sua benfeitora. Citamos a primeira. Se a compararmos com a enviada à viúva condessa Ugoccioni, cinco anos mais tarde (cf. acima), perceberemos a diferença do modo de tratar e de falar (Epist. II, 93-94).

(1) Sublinhado por Dom Bosco. Parece uma alusão à situação política.

Ilustríssima senhora,

Recebi sua honrada carta e realmente causou-me prazer. Lendo-a descubro que o seu coração está ainda amargurado pela perda do pranteado marido, mas tranqüilizou-se um tanto para dar lugar à resignação à vontade divina, à qual, queiramos ou não, é preciso submeter-se.

Não receie que diminua o afeto do marido para com a senhora na outra vida, antes será muitíssimo mais perfeito. Tenha fé; haverá de vê-lo numa posição muito melhor do que quando se achava entre nós. A coisa mais agradável que a senhora poderá fazer por ele, é oferecer a Deus todos os sofrimentos pelo repouso de sua alma.

Deixe-me agora falar com um pouco de liberdade. É de fé que no céu se goza uma vida infinitamente melhor que a terrestre. Por que sofrer então se seu marido entrou na posse do paraíso?

É de fé que a morte para os cristãos não é separação mas adiamento do encontro. Paciência, pois, quando alguém nos precede; ele vai apenas preparar o lugar.

É ainda de fé que a cada instante, com obras de piedade e caridade, a senhora pode fazer bem à alma do falecido: não deve pois rejubilar-se em seu coração, se Deus permitiu que sobrevivesse? Mais, a assistência das crianças, o conforto do *bon père* ⁽¹⁾, a prática da religião, difundir bons livros, dar bons conselhos a quem deles tiver necessidade, não são coisas que a cada instante nos devem fazer bendizer ao Senhor pelos anos de vida que nos concede?

Há ainda outros motivos que, agora, não penso em manifestar.

Em suma adoremos a Deus em todas as coisas; nas consolações e nas aflições e estejamos seguros de que é um bom pai e que não permite aflições além das nossas forças; e é onipotente e por isso pode aliviar-nos quando quiser.

(1) Sogro.

Entretanto tenho sempre recomendado a senhora e a sua familia a Deus na S. Missa e continuarei a fazê-lo quer em particular quer nas orações em comum que se fazem no altar de Maria. . .

Deus a abençoe e aos seus trabalhos; reze por mim que com gratidão me professo de V. S. il.ma

Obr.o servo
Sac. João Bosco

Turim, 28 de maio de 70.

127. "Faz muito quem no pouco faz a santa vontade de Deus"

O Sr. Luís Consanego Merli, presidente das Conferências de S. Vicente de Paulo em Gênova, era de saúde precária e não podia ocupar-se dos pobres e doentes como queria. Receava não fazer tudo o que podia. Aconselhou-se com Dom Bosco. Vinda do incansável apóstolo, a resposta é significativa (Epist. II, 104).

Car.mo no Senhor,

Deus seja bendito em todas as coisas.

Não se preocupe por não poder fazer muitas coisas. Diante de Deus muito faz quem no pouco faz a sua santa vontade: receba, pois, das santas mãos do Senhor os incômodos a que está sujeito, faça o pouco que pode e esteja inteiramente tranqüilo.

Nestes tempos faz-se grandemente sentir a necessidade de propagar a boa imprensa. É um campo vasto; se cada um faz o que pode poder-se-á alcançar muito.

Não deixarei de rezar pelo senhor e por todos os seus companheiros.

Agradeça-lhes muito por mim no Senhor, reze também por mim que com igual afeição me professo

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 13 de julho de 70.

128. "Para a senhora a paciência de Jó, para o Conde a idade de Matusalém"

Entre os amigos de Dom Bosco contava-se a condessa Radicati di Passerano e seu marido conde Constantino, vice-prefeito, e a partir de 1868 prefeito da provincia de Turim, o qual foi sempre eficientemente bondoso para com ele. Para a festa da Imaculada de 1870, mandou estes preciosos votos aos diversos membros da familia (Epist. II, 134).

Benemerita Sr.a Condessa,

Para mostrar que me lembro da senhora e dos benefícios em tantas ocasiões recebidos, quero oferecer-lhe um presente que será por certo do seu agrado. Amanhã às sete da manhã será celebrada uma missa no altar de Maria Auxiliadora com o terço e a comunhão dos nossos meninos segundo sua piedosa intenção.

Havemos de pedir graças particulares para a sua familia, para a senhora a paciência de Jó, para o Sr. Conde Constantino a idade de Matusalém, para o Sr. Luisinho dez volumes in-fólio de poesias clássicas, para o Sr. Vicente e irmão um generalato com muitos escudos mensais para cada um.

A Sr.a Carolina a santidade e o fervor de S. Rosa de Lima.

Para todos a perseverança no bem, e por fim o paraíso.

Maria os abençoe a todos, e a todos conceda boas festas. Rezem por mim que com gratidão me professo de V. S. B.

Obr.o servo
Sac. João Bosco

Turim, 7 de dezembro de 70.

129. São João Evangelista, colega do professor

Tomás Vallauri, douto latinista, era professor na Universidade de Turim e um dos redatores do jornal L'unità Cattolica. Dom Bosco pediu-lhe um artigo para interessar o público na construção da igreja de S. João Evangelista, na região de Turim em que os protestantes propagavam ativamente a sua doutrina. Alude ao martirio do evangelista e à sua atual "condição abastada" (Epist. II, 135-136).

Ilustríssimo Sr. Cavalheiro,

Sempre que estou para começar um grande empreendimento, costumo recomendar-me à sua comprovada caridade. Encontro-me agora num desses casos. Como verá no folheto anexo a obra é gigantesca, mas de absoluta necessidade, por isso decidi levá-la a cabo. Mas preciso que o senhor me ajude com um anúncio como os que brotam da sua pena e que atingem o fundo do coração dos que o lêem.

Tal empresa deve interessá-lo de modo especial, porque se trata de um seu colega, quero dizer de um escritor corajoso, que não calou a verdade não obstante o exílio e o ólio fervente em que foi lançado. Como agora esse escritor se encontra numa condição muito abastada, o senhor pode estar certo de que não trabalhará sem salário.

Acrescenta-se ainda que esta é a última das obras recomendadas pela grata lembrança de Dom Riccardi.

Colocando tudo sob a sua alta e eficaz proteção, tenho a grande satisfação de augurar-lhe copiosas bênçãos do céu para o senhor e para a sua respeitável consorte. Com profunda gratidão, de V. S. Il.ma

Obr.o servo
Sac. João Bosco

Turim, 10 de dez. de 1870.

130. Outra "boa mamãe": a condessa Gabriella Corsi

Depois das condessas Callori e Uguccionei, eis outra condessa que mereceu logo o título de "boa mamãe" pela generosidade afetuosa e irrestrita demonstrada para com Dom Bosco: Gabriella Corsi di Bornasco. Em agosto de 1871, recebeu-o pela primeira vez na sua vila de Nizza Monferrato, il Casino, e o santo lá ficou uma semana para descansar ("fazer carnaval", isto é, divertir-se), para trabalhar tranqüilamente, e também para encontrar-se livremente com eclesiásticos a propor à Santa Sé para bispos. Durante a doença de Dom Bosco em Varazze em dezembro seguinte, a condessa quis ter notícias diárias mediante telegramas e cartas. A sua filha Maria, casada em 1872 com o conde César Balbo, foi também uma grande benfeitora. A carta seguinte foi escrita da casa de exercícios de S. Ignazio sopra Lanzo (Epist. II, 172-173).

Benemérita senhora Condessa,

A gratidão, Sr.a Condessa, é que me faz lembrá-la neste santuário; muitos e muito grandes são os benefícios recebidos, para que os possa esquecer. Com ajudar-nos a livrar bom número de clérigos da conscrição militar, a senhora fez um bem muito maior do que talvez pensava. Nossa Congregação nascente, para abrir casas, dar aulas, catecismos, pregações, tem necessidade de indivíduos idôneos, e uma parte de tais indivíduos são os que foram isentos da conscrição militar. Por isso a senhora nos ajudou decididamente a fundar a nossa congregação, e como nela se fazem todos os dias particulares preces pelos benfeitores em geral, a senhora terá nelas uma parte principal, enquanto existir esta Congregação Salesiana. Sinto o dever de dizer-lhe isso, porque além do que fez, dispôs-se a continuar a sua caridade para o futuro.

Para dar-lhe, pois, um sinal externo que lhe seja agradável determinei que terça-feira próxima, dia da Assunção de Maria ao Céu, seja celebrada uma missa no altar de Maria Auxiliadora, enquanto os nossos meninos farão a sua Comunhão com outras orações especiais segundo a sua piedosa intenção.

E qual é a festa para a senhorita Maria? Duas coisas, uma espiritual, outra temporal. *Espiritual*: celebrarei por ela a missa neste santuário e pedirei ao Senhor três grandes S, isto é que seja sã, sábia e santa. *Temporal*: a mãe procurará conservá-la alegre na mesa, no passeio, no jardim etc.

E quando iremos a Nizza? Se nada sobrevier para atrapalhar os nossos projetos, dia 20, se Deus quiser, partirei para fazer o carnaval em Nizza, no trem que parte de Turim para Alessandria às 7:40.

Mas entendamo-nos. Sou um pobre mendicante, e quero que me trate neste sentido quanto ao quarto, mesa e tudo, e o pão e a sopa que me der seja tudo por amor do Senhor. Posso ficar até sexta-feira à tarde.

Seriam estas as férias mais longas que faço desde um tempo imemorável. O Côn. Nasi está aqui, está bem

de saúde, mas receio que os anjos o levem para o céu. Tamanho é o fervor que demonstra. O contrário de mim, que caminho como as toupeiras. Sempre na terra. Queira recomendar-me ao Senhor.

Deus abençoe a senhora, sua Maria, sua Sogra e toda a família e os conserve a todos no caminho do Paraíso. *Amen.*

Com perfeita estima professo-me de V. S. Benem.

Obr.o servo
Sac. João Bosco

S. Ignazio, 12-8-71.

131. “O precioso dom da santidade e a outra graça ainda mais preciosa. . .”

Em junho de 1872, a filha da condessa Gabriela, Maria, esposava o conde César Balbo, filho do conde Próspero e sobrinho do autor de Le speranze d'Italia, também ele amigo de Dom Bosco. Ambos dispuseram-se a ajudá-lo, César num projeto de fundação de um jornal católico, Maria na tradução do francês de alguns fascículos para as Letture Cattoliche. Toca-se com a mão a preocupação fundamental de Dom Bosco: trabalhar e fazer trabalhar, mesmo os esposos para a maior glória de Deus (Epist. II, 222).

Car.mo Sr. conde César,

Recebi a seu tempo sua respeitável carta e agradeço-lhe de todo o coração. Realmente, como escrevia, partir de Turim sem fazer uma visita e despedir-me desta celeste Mãe, Maria Auxiliadora, é uma grande falta de consideração; mas esta Mãe é boa e sabe pesar as razões pelas quais algumas vezes os seus filhos não vão homenageá-la, especialmente em relação aos que ela muito ama.

Eu, porém, procurei suprir recomendando o senhor Conde, a senhora condessa Maria, a fim de que ambos alcançassem do seu Filho Jesus a graça de uma boa viagem, boas férias e a seu tempo bom retorno, mas pedi ainda de modo particular para o senhor o precioso dom da saúde e a outra graça ainda mais preciosa de poder empregar essa saúde toda e sempre em coisas

que redundem na maior glória de Deus; e espero que Nossa Senhora nos tenha ouvido. Tanto mais que deveremos enfrentar não leve fadiga quanto ao jornal de que falamos, e que havemos de decidir, quando, querendo Deus, for a Casino.

Espero que a condessa Maria goze de boa saúde e peço a Deus que a conserve ótima por longa série de anos. Peço-lhe o favor de apresentar-lhe meus respeitosos cumprimentos, pedindo-lhe que não esqueça o meu trabalho das *Letture Cattoliche*. Encontro-me com um milhar de coisas nas mãos, e tenho necessidade de luzes especiais para podê-las encaminhar no sentido que redundem na maior glória de Deus. Ajude-me a senhora com as suas santas orações, e recomende-me também às da boa condessa Maria.

Deus abençoe a ambos e os conserve por longos anos de vida feliz com a graça da perseverança no bem. *Amen*.

Com toda a estima e afeto tenho a honra de poder-me professar de V. S. car.ma

Humilde servo
Sac. João Bosco

Turim, 12-8-72.

132. "Nem sequer uma hora de férias em todo este ano"

Durante os anos 1877 e 1878, Dom Bosco tinha percorrido os trâmites para adquirir e readaptar o antigo convento dos Capuchinhos de Nizza Monferrato, e instalar lá a Casa Mãe das Filhas de Maria Auxiliadora. A família Corsi participou ativamente (cf. MB XIII, 187-217). Oito dias antes da nova bênção da igreja, Dom Bosco escreveu à condessa a respeito (Epist. III, 397-398).

Minha Boa e Car.ma Mamãe,

Malgrado tantos projetos, não pude ainda ter uma hora de férias em todo este ano e nem sequer estou seguro de ao menos ir domingo a Nizza para a festa de abertura da igreja Madonna delle Grazie.

Entre um pouco de preguiça que me prende estavelmente em casa e entre vinte casas que abrimos num breve espaço de tempo, acrescentando a iminente expedição de Missionários à América, tudo faz com que não saiba onde começar nem acabar. Malgrado isso tudo não deixei nunca de rezar pelo senhor, pelos seus filhos e netos, especialmente de manhã na santa Missa, e não deixarei de continuar para que Deus os conserve a todos em boa saúde, vida feliz e na Sua graça.

Domingo, pessoalmente ou por meio do P. Cagliero, do P. Lazzerio e de outros saberá porque não ousamos fazer muito *spatuzzo* ⁽¹⁾ na festa de domingo.

Razões principais são a falta de local para receber uma pessoa que venha visitar a igreja ou fazer funções. E depois estamos tão *desendinheirados* que não nos atrevemos a lançar-nos em outras despesas. Sei que a Boa Mamãe nos ajudou e nos ajudará. Mas nós seus filhos afeiçoados devemos contar com a sua bondade e não abusar dela.

Disseram-me que o Sr. Conde organizou uma Comissão com o fim de promover uma coleta para aliviar as nossas despesas. Agradeça-lhe em meu nome. Isto é ser realmente Cooperador Salesiano. Não quero, porém, que trabalhe por nada. Quero rezar, fazer rezar a Deus, que é muito rico, a fim de que lhe dê o cêntuplo de todas as coisas. Centupleique a saúde em sua família, nos seus interesses, nos seus campos, torne-o um verdadeiro gentil-homem e um grande santo. Nossa Senhora a seu tempo fará a sua parte. . .

Que Deus a abençoe, minha querida e boa Mamãe, a conserve, lhe dê boa permanência, feliz retorno ao seu mau filho, que entretanto muito a ama em J. C.

Recomendo-me às orações de todos e creia-me em tudo

Humilde servo e filho
Sac. João Bosco

Turim, 22 de out. 78.

(1) Palavra piemontesa: *spotuss*, magnificência, pompa, gala.

133. Pensamentos de dois peregrinos reconhecidos

Os cônjuges Alexandre e Matilde Sigismondi, cheios de admiração para com Dom Bosco, ofereceram-se para hospedá-lo em sua casa da Via Sistina 104 quando fosse a Roma. Aceitou a partir de 1874. Escrevia-lhes a 2 de fevereiro de 1876: "A primeira porta em que vou bater é certamente na Via Sistina 104, onde há tanto tempo temos uma verdadeira mina" (Epist. III, 15). Celebrava na capela doméstica que ele próprio lhes obtivera, e aproveitava tanto dos cuidados da Sra. Matilde quanto da experiência que o Sr. Alexandre, expedicionário apostólico, tinha dos dicastérios eclesiásticos. Durante a primeira estada, quis festejar o onomástico da dona da casa, Sra. Matilde: escreveu uma poesia, fê-la copiar pelo seu companheiro e secretário P. Berto, leu-a à mesa, e ofereceu-a à senhora juntamente com um quadro de S. Matilde. Conservamos no arquivo salesiano a minuta autógrafa e a cópia retocada e firmada por Dom Bosco (Arq. 132 Poesie, 3; MB X, 789).

No Onomástico da ótima Senhora Matilde Sigismondi, 14 de março de 1874, pensamentos de dois Peregrinos agradecidos.

Siam pellegrini erranti
tra il vento e la procella,
quando propizia stella,
Matilde, a te guidò.

Stanchi ambidue, famelici,
col volto dimagrìto:
Abbiam grande appetito,
lor voce risuonò.

E tu, qual Madre tenera,
col tuo Alessandro amato:
Il pranzo è preparato,
dicesti, e ben vi sta.

Arrosto, alessò, intingoli,
bottiglie con bicchieri
vin bianchi, vini neri,
tutto per voi sarà.

Allor comincia il giubilo;
non più pensier di debiti,
nemmen pensier pei crediti
recocci alcun timor.

Così la gran cuccagna
dura pel terzo mese,
né mais fèmmo palese
il grato nostro cuor.

Noi qui magiam festanti
pietanze, maccheroni,
vin scelti con bomboni,
doni che il Ciel ci diè.

Ma questo è un ben fugace
che passa come il vento,
né lascia alcun contento
al nostro afflittò cuor.

Al Ciel dunque s'innalzino
opre, pensier, desio:
diremo un dí con Dio
tua fè, tua speme, amor.

E tu, Alessandro amabile,
exempio di bontade,
che tanta caridade
a noi largisti ognor?

Su te dal Ciel ne scenda
il centuplo ogni giorno,
finché, di gloria adorno,
ten voli al tuo Signor.

Ma che per la domestica,
la buona Maddalena,
che affanno, stento e pena
tanta per noi si diè?

Oggi affidiamo il debito
a Lui che tutto può;
Egli che ci mandò
paghi coi suoi tesor.

E mentre la tua Santa,
sedendo appo il Signore,
trono d'eterno amore
prepara ancor per te,

A Lei, che l'opre unisce
di Marta e di Maria,
un dí largito sia
il premio di sua fè.

Ora, Alessandro, un brindisi
facciamo a tua Consorte
che abbiamo un dí la sorte
trovarci tutti in ciel!

Sac. Gio. Bosco
e suo compagno

*Somos peregrinos errantes em meio ao vento e à procela,
que uma estrela propicia a ti guiou, Matilde.*

*Cansados ambos, famintos, com o rosto macilento, ouviu-se-
lhes a voz: temos muito apetite.*

*E tu, qual terna Mãe, com teu amado Alexandre, disseste:
O almoço está pronto, e vos fará bem.*

*Assados, cozidos, molhos, garrafas e copos, vinhos brancos,
vinhos pretos, tudo isso é para vós.*

*Começa então a alegria; preocupações com dívidas ou com
créditos, nada disse nos assusta.*

*E assim a "mina" vai entrando pelo terceiro mês, e nunca
manifestamos a nossa gratidão.*

*Hoje confiamos a dívida a Quem tudo pode; Ele que nos
mandou, pague do seu tesouro.*

*E enquanto a tua Santa, ao lado do Senhor, prepara-te um
trono de eterno amor,*

*Nós aqui, num ambiente de festa, comemos bons pratos,
"maccheroni", vinhos escolhidos e bombons, presentes que o
Céu nos deu.*

*Mas isso tudo são bens fugazes que passam como o vento,
sem deixar nenhuma alegria em nosso aflito coração.*

*Ergam-se, pois, ao Céu obras, pensamentos, anseios: um dia
diremos a Deus da tua fé, esperança e amor.*

*E tu, amável Alexandre, exemplo de bondade, que com
grande caridade foste sempre generoso para conosco?*

*Sobre ti desça do céu todos os dias o cêntuplo, até o dia
em que, adornado de glória, voes para o teu Senhor.*

*E para a empregada, a boa Madalena, que por nossa causa
teve tanto trabalho e preocupação?*

*A ela, que une as obras de Marta e de Maria, seja um dia
concedido o prêmio de sua fé.*

*Agora, Alexandre, façamos um brinde à tua Consorte:
tenhamos um dia a sorte de encontrar-nos todos no céu!*

P. João Bosco
e seu colega

134. Como escolher um marido

Bilhete cheio de sabedoria enviado à senhorita Barbara Rostagno, que lhe havia pedido conselho e orações para o escolha de um marido (Epist. II, 391).

Prez.ma Senhora,

Não deixarei de rezar para que Deus a ilumine na escolha da pessoa que melhor poderá ajudar a salvar sua alma. De sua parte, porém, leve muito em conta a moralidade e a religião da pessoa. Não dê importância à aparência, mas à realidade.

Deus a abençoe e lhe conceda todo bem. Reze também pela minha pobre alma e creia-me em J. C.

Humil.mo servo
Sac. João Bosco

Turim, 27-6-74.

135. "Beatíssimo Padre, os Salesianos são vossos"

A 3 de junho de 1877 festejou-se em Roma o jubileu episcopal de Pio IX. Dom Bosco enviou dois Salesianos como representantes da Congregação e portadores de um álbum que continha a estatística pormenorizada da Sociedade salesiana e das Filhas de Maria Auxiliadora. Na carta de apresentação, dizia da sua dedicação aos interesses do vigário de Cristo (Epist. III, 179-180).

Beatíssimo Padre,

... Não tendo nem ouro nem prata nem dons preciosos dignos de Vós, julgamos que não vos seria desagradável um álbum em que se encontra o estado atual da nossa pia sociedade, no quarto ano da sua aprovação definitiva. Não o fazemos por vanglória, *mas unicamente para narrar as Misericórdias do Senhor, como filhos ao próprio pai...*

Aqui, Beatíssimo Padre, encontrais assinaladas as casas de educação, as pessoas que as dirigem e a condição dos que nela ingressam.

Esta, Beatíssimo Padre, é toda obra vossa, e vossos são todos os Salesianos. Sim, Beatíssimo Padre, estes Salesianos são vossos, e estão todos dispostos a ir para

onde Vos agradar, a trabalhar como a Vós agradar. Bem felizes seriam se lhes fosse dada a oportunidade de dar vida e bens por amor de Deus, de quem sois Vigário na terra.

Abençoi, pois, estes vossos filhos, e essa bênção os torne fortes no combate, intrépidos no sofrimento, constantes no trabalho, a fim de que possam todos um dia reunir-se ao vosso redor para cantar e bendizer eternamente as misericórdias do Senhor.

136. Como quebrar a ponta dos espinhos

Mons. Teodoro Dalfi estava na iminência de deixar a paróquia de Casanova para ir como vigário a Lanzo após a morte do teólogo Albert. Fora companheiro de Dom Bosco no seminário de Chieri. O santo escreve-lhe do trem que o leva a Vignale (Epist. III, 102).

Meu querido amigo,

Vai para a frente no teu trabalho. O colégio está todo à tua disposição. De minha parte então, como madeira ⁽¹⁾ carunchada, se puder de algum modo ajudar-te, estou inteiramente à tua disposição. Espero que de comum acordo poderemos fazer alguma coisa.

Alegro-me com a notícia da proposta feita e aceita; avante, Deus fará o que nós não pudermos.

Existem, é verdade, muitos espinhos, mas tu com tanta conversa não és capaz de pegar o martelo da paciência e da confiança e partir-lhes as pontas?

Até à vista, querido Vigário de Lanzo. Estamos todos inteiramente contigo, mas tu estarás inteiramente conosco, não é verdade? Deus nos abençoe a todos e crê-me

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Na estrada de ferro, 12 de outubro de 76.

(1) Dom Bosco escreve *bosco*, piemontesismo: *bosch* = madeira.

137. Conselhos a um novo pároco

P. Perino, de Biella, fora aluno do Oratório, e Dom Bosco lhe havia dito que seria pároco. De Roma, onde se encontrava para tratar dos negócios da Congregação, traça-lhe um programa todo salesiano (Epist. III, 57).

Car.mo P. Perino,

Muito contente fiquei com a tua promoção a pároco de Piedicavallo. Terás um campo mais vasto para ganhar almas para Deus. O fundamento do teu bom êxito paroquial é: cuidar dos meninos, assistir os doentes, querer bem aos velhos.

Para ti: confissão freqüente, todos os dias um pouco de meditação, uma vez ao mês exercício da boa morte.

Para Dom Bosco: propagar as *Letture Cattoliche* e almoçar no Oratório sempre que vieres a Turim. O resto direi de viva voz.

Deus te abençoe a ti, os teus trabalhos, a tua futura paróquia e reza por mim que serei sempre para ti em J. C.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Roma, 8-5-1876.

138. Conselhos a um novo bispo

D. Eduardo Rosaz fora ¹⁸⁷⁷preconizado no último concistório de Pio IX, a 31 de dezembro de ~~1877~~. Cheio de afetuosa estima para com Dom Bosco, recebeu dele estes conselhos ditados pela experiência. A carta foi enviada de Roma, precisamente no dia da morte de Pio IX (Epist. III, 293-294).

Caríssimo e Rev.mo Monsenhor,

Em devido tempo soube de Turim e depois pela sua querida carta a notícia de que o grande Pontífice Pio IX pensou no senhor e o nomeou bispo de Susa. Não foi pequena a minha maravilha, porque sei a baixa opinião que o senhor tem de si próprio, e a nova atitude *verbo*

et opere que deverá assumir. Mas imediatamente ben-
disse o Senhor, porque estava e estou convencido que
a Igreja ganhava um Bispo segundo o coração de Deus,
e que o senhor haveria de fazer muito bem à Diocese
de Susa.

Estou muito contente com isso e com todo o afeto
do meu coração ofereço-lhe todas as casas da nossa Con-
gregação para qualquer serviço que possam prestar à
sua respeitável pessoa ou à Diocese que a Divina Pro-
vidência lhe confiou.

Não pretendo fazer-me de mestre, mas acredito que
o senhor terá logo nas mãos o coração de todos:

1.º Se tiver especial cuidado dos doentes, dos
velhos e dos meninos pobres.

2.º Proceder bem devagar nas mudanças do pessoal
já colocado pelo seu antecessor.

3.º Fizer o que puder para ganhar a estima e o
afeto de algumas pessoas que ocupavam ou ocupam
postos elevados na diocese; os quais julgam haverem
sido deixados de lado e V. S. preferido.

4.º Ao tomar medidas severas contra um membro
do clero, seja quem for, proceder cautamente e por
quanto possível ouvir o imputado. De resto espero que
em março poderemos conversar pessoalmente.

Hoje, aí pelas 3 e meia h extinguiu-se o sumo e
incomparável astro da Igreja, Pio IX. Os jornais darão
particulares. Roma está toda consternada e creio que
o mesmo se dá no mundo inteiro. Dentro de muito
pouco tempo estará por certo nos altares.

Creio que V. S.a permitirá que lhe escreva sempre
com a confiança do passado; e pedindo a Deus que o
ilumine e conserve em boa saúde, recomendo-me à
caridade das suas santas orações e professo-me com a
máxima veneração

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Roma, 7 de fev. de 1878, Torre de'Specchi, 36.

139. Conselhos a um novo Papa

Logo após a eleição do card. Pecci para a sede de Pedro, a 20 de fevereiro de 1878, Dom Bosco que lhe havia prognosticado o fato (cf. MB XIII, 484), escreveu-lhe uma breve carta de homenagem (Epist. III, 302). Depois enviou-lhe alguns pensamentos redigidos em estilo profético. O manuscrito, novamente copiado pelo P. Berto, foi entregue ao card. Bartolini para que chegasse às mãos do S. Padre. Para Dom Bosco, o progresso da Igreja prende-se à qualidade dos operários evangélicos (Epist. III, 303-304).

Um pobre servo do Senhor que por vezes enviava ao Santo Padre Pio IX algumas coisas que julgava provirem do Senhor, é quem agora humildemente mas literalmente comunica a S. S. Leão XIII algumas coisas que parecem de muita importância para a Igreja.

Relação das coisas mais necessárias para a Igreja.

Diz uma voz.

Quer-se dispersar as pedras do santuário; derrubar o muro e o antemuro e assim provocar confusão na cidade e na casa de Sião. Não haverão de conseguir, mas farão muito mal.

Ao supremo governante da Igreja na terra cabe prover, reparar os danos causados pelos inimigos.

O mal começa com a deficiência de operários evangélicos.

É difícil encontrar levitas nas comunidades; por isso procurem-se com a máxima solicitude entre a enxada e o martelo sem olhar para a idade e para a condição. Reúnam-se e cultivem-se até que sejam capazes de dar o fruto que os povos aguardam.

Todo esforço, todo sacrifício feito para tal fim é sempre pouco, em comparação com o mal que se pode impedir e o bem que se pode alcançar.

Os filhos do claustro que hoje vivem dispersos sejam reunidos e se não podem mais formar dez casas, empenhem-se em reconstruir uma só que seja, mas com toda a observância regular.

Os filhos do século arrastados pela luz da observância religiosa irão crescer o número dos filhos da oração e da meditação.

As famílias religiosas recentes são convocadas pela necessidade dos tempos. Com a firmeza na fé, com as obras materiais devem combater as idéias de quem no homem vê apenas matéria. Esses tais muitas vezes desprezam quem reza e quem medita, mas serão contrangidos a crer nas obras das quais são testemunhas oculares.

Estas novas instituições têm necessidade de ser ajudadas, apoiadas, favorecidas por aqueles que o Espírito Santo pôs a reger e governar a Igreja de Deus.

Atente-se, pois, para isto: Promovendo, cultivando as vocações para o santuário;

Recolhendo os religiosos dispersos e restabelecendo a observância regular;

Assistindo, favorecendo, dirigindo as congregações recentes, haverá operários evangélicos para as dioceses, para os institutos religiosos, e para as missões estrangeiras.

140. "Corro para a frente até à temeridade"

A família Vespignani, de Lugo, deu à Igreja quatro sacerdotes salesianos (entre os quais José) e três irmãs, uma carmelita e duas Filhas de Maria Auxiliadora. Os outros membros trabalhavam também para Dom Bosco. Assim o irmão maior, Sr. Carlos que se empenhava em fundar uma obra salesiana em Lugo. Na carta que lhe envia, Dom Bosco desvela o fundo do seu prodigioso zelo (Epist. III, 166-167).

Meu caríssimo Sr. Carlos,

Nas coisas que redundam em vantagem da juventude periclitante ou servem para ganhar almas para Deus, eu corro para a frente até à temeridade. Por isso no seu projeto de iniciar alguma coisa que ajude os meninos pobres e periclitantes, o escopo que nos propomos é tirá-los do perigo de serem levados à cadeia, torná-los bons cidadãos e bons cristãos.

O senhor prepare, pois o campo e a messe e ficarei muito feliz em dar um passeio até aí para conhecer pessoalmente e agradecer a tantos irmãos ⁽¹⁾, que antes de me conhecerem pessoalmente manifestam tanta caridade para comigo.

Aceitei a sugestão que me foi feita, e pedi ao Sr. P. Carlos Cavina que aceitasse ser Decurião Salesiano e assim formar um centro. Procure portanto pôr-se em contato com ele a respeito das nossas coisas.

O P. José manda 25 diplomas de Cooperador e mandaremos outros quando for preciso.

O senhor convidou-me a iniciar a dança; aceitei o convite, mas devemos empenhar-nos com todos os sacrifícios para levá-la a bom termo.

Tenha-se bem presente que se quisermos ir para a frente é preciso que não se fale nunca de política nem pró nem contra; o nosso programa será fazer bem aos meninos pobres. O que se prende a tal princípio será sugerido e guiado por Deus à proporção que houver necessidade.

Não esquecerei as outras coisas que me escreveu. Elas serão o tema de outra carta.

Deus abençoe a sua família pequena e grande; apresente respeitosos obséquios aos nossos colaboradores; diga a todos que de bom grado recomendo-os todos os dias na santa Missa, e que me recomendo às suas orações.

A graça de N. S. J. C. esteja sempre conosco. *Amen.*

Af.mo servo e amigo
Sac. João Bosco

Turim, 11-4-77.

141. A mamãe Vespignani: "Tomo o lugar de José"

O mais ilustre dos Vespignani foi José. Apenas ordenado sacerdote aos 22 anos (1876), procurou Dom Bosco que o curou

(1) No sacerdócio, entre os quais o pároco P. Cavina, escolhido como "decurião", isto é, chefe de um grupo de Cooperadores.

e o enviou com a terceira expedição missionária à Argentina, enquanto o irmão Ernesto ("o clérigo") continuava a sua formação em Turim. Dom Bosco tranqüiliza a mãe com delicadeza extrema (Epist. III, 246).

Prezadíssima Sr.a Vespignani,

Deus nos abençoe a todos!

O P. José partiu; vai ganhar almas e assim garantir a sua e a dos seus pais. Está em Lisboa. Está muito bem e mostra-se alegre. Irá com os outros de navio a dois de dezembro. O mar está calmo. Maria Auxiliadora os conserva a todos sob sua proteção e esperamos que façam boa viagem.

O P. José vai para a América. O P. João ⁽¹⁾ tomará o seu lugar: a senhora permite? Rezarei muito pela senhora.

Temos aqui o clérigo, que está muito bem de saúde e estou muito contente com o seu procedimento. Espero que siga as pegadas do irmão mais velho.

Deus abençoe a senhora, o bom pai, e os conserve a todos na sua graça e rezem por mim que lhes serei sempre em J. C.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 30 de nov. de 77.

142. "Venha como irmão, e terá muitos irmãos mais um pai"

O P. Faustino Confortola, de Ghedi (Brescia), veio juntar-se a Dom Bosco já padre, e fez o noviciado no ano 1878-1879. Foi o primeiro diretor da casa de Florença (1881), depois da casa de Parma (1888). Em janeiro de 1878 Dom Bosco convidava-o assim, de Roma (Epist. III, 283-284).

Caríssimo no Senhor,

O oferecimento que me fez de seu trabalho no sagrado ministério é para mim uma das coisas mais agradáveis e consoladoras. *Messis multa, messis multa.*

(1) O próprio Dom Bosco.

A sua carta, a sinceridade com que escreve, dão-me grande garantia a seu respeito; por isso disponha das suas coisas, que eu o aceitarei de muito bom grado entre os meus filhos. Terá trabalho de acordo com a sua saúde e propensões.

Venha como irmão e terá muitos irmãos com um pai que muito o amarão em J. C. Uma carta ou certificado de moralidade do seu Bispo ou da Cúria, é prescrito pelos Sagrados Cânones, e basta para tudo.

Quanto à parte material eu peço o senhor e nada mais. Como, porém, a nossa Congregação vive de providência, se além da ajuda espiritual puder trazer também alguma ajuda material, nos será certamente muito vantajoso para sustentar as mil obras de caridade que todos os dias nos caem nas mãos.

Estarei em Roma até toda a segunda semana de fevereiro; para lá o senhor pode enviar qualquer escrito seu. Depois em Turim. Se, porém, quiser dar um pulo a Turim para ver-nos e para falarmos pessoalmente ou então para ficar definitivamente conosco, acho melhor que isso aconteça após haver terminado o seu mês mariano.

Deus o abençoe e nos conceda a graça preciosa de trabalhar para a sua maior glória e ganhar algumas almas para o céu no meio do grande perigo de naufrágio desta terra.

Reze também por mim, que lhe serei sempre em J. C.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Roma, 27-28
Torre Specchi 36-2.

143. A um pároco descoroado: "Cristo está vivo!"

Um pároco de Forli, ao mandar uma oferta, manifestara desânimo. Em poucas linhas, inspirando-se na palavra de Deus, e com o seu estilo nervoso, Dom Bosco o estimula a ir para a frente. Note-se o "ritornello": ocupar-se dos meninos, dos velhos e dos doentes (Epist. III, 399).

Car.mo no Senhor,

Recebi a sua boa carta e os 18 fr. nela contidos. Agradeço-lhe: Deus lhe pague. É maná que cai para aliviar as nossas aperturas. O senhor esteja tranqüilo. Não fale de deixar a paróquia. Há trabalho? Morrerei no campo de trabalho, *sicut bonus miles Christi*. Sou pouco capaz? *Omnia possum in eo qui me confortat*. Há espinhos? Com os espinhos mudados em flores os Anjos tecerão para o senhor uma coroa no céu. Os tempos são difíceis? Foram sempre assim, mas Deus não falhou nunca com o seu auxílio. *Christus heri et hodie*. Pede um conselho? Ei-lo: tenha especial cuidado dos meninos, dos velhos e dos doentes, e será dono do coração de todos.

De resto quando vier fazer-me uma visita, falaremos mais demoradamente.

Sac. João Bosco

Turim, 25 de out. de 78.

144. Como um santo responde a um adversário

Com um decreto de 23 de junho de 1879, o Provedor dos estudos da província de Turim havia ordenado o fechamento do curso ginásial de Valdocco, sob o pretexto da não conformidade com as leis dos ginásios particulares. O Provedor era apoiado por um seu irmão sacerdote, o teólogo Angelo Rho, que escrevera pesadas cartas sobre o argumento. Coisa estranha, os dois irmãos haviam sido companheiros de aula de Dom Bosco! Este enviou-lhe as seguintes linhas, repassadas de dor e amizade (Epist. III, 499-500).

Amigo sempre caríssimo,

O homem honesto, quando nele não acreditam, deve fechar-se em rigoroso silêncio. Não me atendeste e não respondes a um dos pontos expostos na minha carta. O desprezo com que falas dos padres desta casa impede-me de explicar-me com as devidas palavras. Por isso neste caso é inútil falar, como vivamente eu desejava. Nas outras coisas seremos sempre bons amigos. Contarei sempre com a tua benevolência e com a de todos os teus irmãos, especialmente do Cav.

Provedor. E me sentirei sempre feliz quando puder prestar algum serviço a ti ou aos teus. Ama-me em J. C. e crê-me inalteravelmente

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 24-7-79

145. A um melro que regressa ao ninho

Giacomo Ruffino era irmão de Domingos, o estudante ao qual Dom Bosco enviara as três cartas acima citadas (p. 278) e que foi o primeiro diretor de Lanzo. Fora aluno do Oratório. Ao sair passou por diversas aventuras, como preceptor e mestre em diversos lugares, até que a saudade o reconduziu a Dom Bosco em 1880 (Epist. III, 579-580).

Meu Car.mo Giacomo Ruffino,

Tua carta proporcionou-me verdadeira consolação. O meu afeto para contigo foi sempre grande e agora que revelas o desejo de regressar ao velho ninho, despertam-se em mim as reminiscências do passado, as confidências, a boa lembrança do passado etcetera. Por isso se resolveres fazer-te Salesiano, não tens senão que vir ao Oratório e dizer-me: Aqui está o melro que regressa ao ninho. O resto será tudo como era e como conheces.

Desejo, porém, que não causes embaraço aos teus atuais Superiores e por isso se for preciso adiar a tua vinda a Turim por algum tempo faze-o sossegadamente, contanto que não haja dano para a alma.

Estarei no Oratório pelo fim deste mês e aí te aguardo qual pai ansioso de recuperar o próprio filho. Falaremos então de quanto for preciso.

Deus te abençoe, ó car.mo Rufino, e reza por mim que fui e serei sempre para ti em J. C.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Roma, 17 de abril de 80. Torre de'Specchi 36.

146. “Marquesa, gaste de boa vontade: os juros são de cento por um”

Dom Bosco havia preparado uma nota de trabalhos a serem executados na igreja de S. João Evangelista de Turim, e enviava-a a benfeitores para que assumissem a despesa de algum deles. Este bilhete foi enviado à marquesa Mariana Zambecari, de Bolonha (Epist. III, 592-593).

Benemérita Sr.a Marquesa,

Sei que a senhora é devota de S. João Evangelista, e sei que este santo lhe reserva graças especiais; mas quer também algo da senhora. Escolha o tipo de trabalho que melhor lhe parecer conforme está escrito no folheto anexo. Gaste de boa vontade; os juros são de cento por um com um grande prêmio garantido para depois desta vida. Escrevo pouco para não cansar-lhe a vista. Perdoo a confiança com que falo. Deus a abençoe, ó benemérita Sr.a Marquesa, Deus lhe conceda o precioso dom da saúde e o ainda mais precioso da perseverança no bem.

Reze por mim que lhe serei sempre em N. S. J. C.

Servo humilde
Sac. João Bosco

Turim, 27 de junho de 1880.

147. É possível ser excessivamente afeiçoado ao próprio filho?

Restam-nos 76 cartas enviadas por Dom Bosco, no período de seis anos, ao advogado francês Luís Antônio Fleury Colle de Toulon e à sua consorte Maria Sofia, dos barões Buchet: sinal dos laços muito profundos que prenderam o santo a esses eminentíssimos benfeitores. Encontraram-se com ele quase à véspera de um grave luto doméstico. Estando Luís, o filho único, em fim de vida por consumpção, conseguiram que Dom Bosco viesse de Marselha para abençoá-lo: era do dia 1.º de março de 1881. O santo encontrou um jovem de dezesseis anos de alma inteiramente aberta à graça de Deus. Para confortar os pais não deixou de rezar pela sua cura, mas ao mesmo tempo preparou o filho para o sacrifício da vida, por amor de Deus. Quando a morte sobreveio em 3 de abril de 1881, pai e mãe com extraordinária generosidade adotaram, pode-se dizer, as obras de Dom Bosco, pondo à sua disposição sua grande riqueza (sobretudo a favor da igreja do S. Coração em Roma), ao passo que entre Dom Bosco e o filho falecido abria-se misterioso diálogo, mais celeste que

terreno, mediante aparições e sonhos que constituem um dos fatos carismáticos mais impressionantes da vida do santo (cf. MB XV 80-130).

Numa carta em francês à mãe, Dom Bosco escrevera que algumas coisas não desejava pô-las por escrito. A reticência perturbou a senhora. O santo explicou-se com o marido usando a língua italiana, talvez porque a mulher não a entendesse, e assim receberia a comunicação através de uma tradução oportunamente mitigada. Com efeito, a explicação de Dom Bosco é surpreendente: faz pairar alguma sombra sobre o afeto dos santos pais e interpreta a vontade de Deus a partir de um "talvez" problemático. A única coisa que podemos dizer é que os santos sabem mais do que nós. No fundo, Dom Bosco não faz senão aplicar a Luizinho o que diz a Sabedoria do justo que morre prematuramente: "Foi arrebatado para que a malícia não mudasse o modo de pensar, nem a astúcia lhe pervertesse a alma" (4, 11). Esta carta é a única das 76 escritas em italiano (Epist. IV, 55).

Muito estimado Sr. Adv. Colle,

Vejo que a Sra. sua esposa está um tanto inquieta por aquilo que não quis confiar ao papel. Por esse motivo dir-lhe-ei aqui em poucas palavras a substância das coisas. O coração dos pais estava muito afeiçoado ao seu filho único. Muitas caricias e requintes; mas ele conservou-se sempre bom. Se vivesse havia de encontrar grandes perigos, que talvez o arrastassem ao mal após a morte dos pais. Por isso Deus quis subtraí-lo aos perigos, levando-o consigo para o céu, donde será quanto antes o protetor dos pais e dos que rezaram ou rezarão por ele.

De minha parte rezei e faço ainda rezar em sufrágio da alma do querido Luís em todas as nossas casas. Uma vez que estão em Nizza, creio que podem dar um passeio agradável até Turim. Espero-os com grande prazer. E Maria Auxiliadora não deixará de presentear a ambos com algumas consolações.

Deus o abençoe, ó sempre querido Sr. Advogado, Deus abençoe o senhor, a sua senhora esposa e os conserve em boa saúde. Queiram também rezar por mim que lhes serei sempre em J. C.

Humilde servo
Sac. João Bosco

Turim, 22 de maio de 1881.

148. "Tive a consolação de ver e ouvir Luís"

Durante a primeira visita dos cônjuges Colle a Turim (maio de 1881), Dom Bosco comunicou-lhes ter visto por duas vezes o falecido filho Luís, e falado com ele. Em cartas escritas posteriormente à condessa, falou de outras visões. Citamos os trechos principais, traduzidos do francês.

Senhora Colle,

... Por diversas vezes rezei para que Deus nos faça saber alguma coisa. Uma só vez (desde a vossa visita), tive a consolação de vê-lo e de ouvir a sua voz. A 21 de junho passado, durante a Missa, pouco antes da consagração, eu o vi com o rosto de sempre, mas com um bellissimo cor-de-rosa, e com uma carnação esplendente como o sol. Perguntei-lhe logo se tinha por acaso algo a dizer-nos. Respondeu simplesmente: São Luís me protegeu e beneficiou muito. Então repeti: Há algo a fazer? Deu a mesma resposta, e depois desapareceu. Desde logo nada mais vi nem ouvi...
Turim, 3 de julho de 81 (*Epist. IV*, 482).

Senhora Colle,

Tenho a consolação de dizer-lhe que tive a consolação (*sic*) de ver o nosso sempre querido e amável Luís. Há muitos detalhes que espero expor-lhe pessoalmente. Uma vez vi-o a brincar num jardim com companheiros ricamente vestidos, mas duma maneira que não se pode descrever. Outra vez vi-o num jardim, onde colhia flores que depositava sobre uma magnífica mesa numa grande sala.

Quis perguntar-lhe: por que essas flores? — Estou encarregado de colher estas flores, e com elas fazer uma coroa para meu pai e minha mãe, que muito trabalharam pela minha felicidade.

Outras coisas escreverei em outro momento...
Turim, 30 de julho de 1822 (*Epist. IV*, 490).
Querido Senhor Conde

... Já comecei a novena com missas, comunhões e orações particulares pelo nosso Luís que, acredito,

rirá de nós, porque rezamos por ele a fim de sufragá-lo; na realidade ele tornou-se nosso protetor no céu e continuará a proteger-nos enquanto não nos acolher na felicidade eterna...

Turim, 23 de agosto de 1884 (*Epist. IV*, 507).

Sr. Conde e senhora Condessa Colle,

... O nosso amigo Luís levou-me a um passeio pelo centro da África, *terra de Cam*, dizia ele, e pela terra de Arfaxad, isto é, a China⁽¹⁾. Se o Senhor quiser que nos encontremos juntos, haverá muita coisa a dizer.

Turim, 10 de agosto de 1885 (*Epist. IV*, 516).

Ó Maria, nossa boa Mãe,

Neste dia em que a Igreja católica soleniza o vosso Nascimento, dai vós mesma uma bênção toda especial aos vossos dois filhos Sr. e Senhora Conde e Condessa Colle, *pelos quais com todo o meu coração* celebrei esta manhã a S. Missa, e os nossos jovens fizeram a Santa Comunhão, pela vossa felicidade espiritual e temporal.

Rezai também por este pobre que vos ama em J. C. como filho afetuosos...

Turim, 8 de setembro de 1886 (*Epist. IV*, 522).

Senhora Condessa Sofia Colle,

... Rezaremos para que Deus conserve a senhora e o Sr. Conde Colle em boa saúde, em paz, em caridade até os últimos momentos da vida. E então a S. Virgem, acompanhada de uma multidão de Anjos, vos levará consigo para o paraíso, mas junto com os vossos parentes, amigos, e com o pobre D. Bosco que muito vos ama em Deus...

(1) Sonho missionário, narrado e comentado por Dom Bosco a 2 de julho de 1885: cf. MB XVII, 643-647.

E eu, com a minha feia caligrafia, tenho a ousadia de proclamar-me para sempre afeiçoado como filho

Humilde servo
Sac. João Bosco

Turim, Valsalice, 23 de set, de 1886 (*Epist. IV*, 523).

149. "Convite para a minha missa cinquentenária"

O cavalheiro Carlos Fava, secretário emérito do Município de Turim, e a sua consorte ajudavam muito a Dom Bosco. No verão de 1881, quando estavam a refazer a saúde no Valle d'Andorno perto de Biella, recebeu esta carta cordial e lépida (Epist. IV, 67-68).

Car.mo Sr. Cav. Fava,

Alegro-me muito ao saber que V. Sr.a e toda a sua família fizeram boa viagem e tenham podido arranjar em Andorno a própria casa antes do calor intenso que chegou em poucos dias ao máximo. Iniciamos o curso regular de suor que serve de banho permanente de um meio-dia a outro. Apesar disso não chegou ainda a notícia de que alguém tenha ficado cozido.

Sinto que sua saúde não esteja ainda em perfeito estado. Espero que o repouso, o ar fresco, os cuidados e as muitas orações que todos os dias fazemos conseguirão alcançar que o senhor possa voltar em devido tempo ao nosso meio em ótima saúde.

O senhor me diz que não tem ainda vontade de morrer; mas nem eu quero que nos deixe tão depressa; temos ainda tantas obras de caridade a fazer, as quais não devem ficar incompletas; portanto deve viver ainda. O senhor aceitou o meu convite para vir à minha missa cinquentenária, que será celebrada no domingo da SS. Trindade de 1891. Quer faltar a um convite feito e aceito pelo senhor? Além do mais, tenho um trabalho a confiar à senhora sua esposa, que poderá ser ajudada pelo senhor e pela senhorita Maria Pia; devemos, pois, repetir: deve viver.

De quanto tempo dispõe D. Bosco! dirá o senhor. É verdade: mas escrevendo ao senhor, sinto-me aliviado

em meio às minhas 500 cartas ⁽¹⁾ a que vou neste momento começar a responder.

Deus o abençoe, caro Sr. Cavalheiro, e com o senhor abençoe toda a sua família, e a todos conceda saúde e santidade em abundância. Queiram também rezar por mim que com respeito e gratidão lhes sou em N. S. J. C.

Humilde servo
Sac. João Bosco

Turim, 4-7-81.

150. "O Evangelho não diz: Prometei e vos será dado..."

A marquesa Vernon Bonneuil, parisiense, havia enviado a Dom Bosco 500 francos por graça recebida, prometendo-lhe outros 25.000 se lhe alcançasse de N. Senhora um feliz matrimônio entre pessoas que lhe estavam particularmente a peito. Recebeu esta resposta (traduzida do francês) (Epist. IV, 79-80).

Senhora Marquesa,

Recebi sua ótima carta com a consoladora notícia de que a operação que lhe inspirava tantos cuidados saiu muito bem, e agora a senhora está perfeitamente curada. Bendito seja Deus, a quem agradecemos essa graça.

Na mesma carta incluiu a soma de 500 francos para a Igreja do Sagrado Coração de Roma. Maria Auxiliadora lhe pague dignamente, tanto mais que na sua caridade diz que isso é apenas o princípio das suas ofertas.

Deo gratias! Não deixarei de rezar particularmente, para que Deus faça que aconteça a união a que a senhora aludiu, contanto que seja para a glória de Deus. Mas dirá a eles que eu aceito a oferta prometida de 25.000 francos. Deve-se, porém, observar atentamente que o Evangelho diz claro: *Dai e vos será dado*, e não: *prometei e vos será dado*. Acredito, pois, que seria coisa ótima começar a dar alguma soma antecipadamente.

(1) Pela sua data onomástica.

Não esquecerei de fazer todos os dias na Santa Missa um *memento* pela senhora e por todas as suas intenções, especialmente para que a senhora, os seus parentes e os seus amigos possam caminhar pela estrada do Paraíso.

Deus a abençoe, caridosa Senhora Marquesa, e queira também a senhora rezar por mim que lhe serei sempre em J. C.

Humilde servo
Sac. João Bosco

S. Benigno Canavese, 8 de setembro de 1881.

151. A um israelita: "A caridade do Senhor não tem limites"

O senhor Augusto Calabria era um judeu de Milão. O P. Pozzan, encarregado da distribuição do Bollettino Salesiano, havia-lhe enviado por engano o diploma de Cooperador. O Sr. Augusto escreveu a Dom Bosco: "Agradeço-lhe a confiança que demonstra para comigo ao honrar-me com a inscrição entre os Cooperadores Salesianos e conservo como lembrança o relativo regulamento, e bem assim o suplemento anexo; faço-lhe entretanto observar que pertencço à religião mosaica. e com isso digo tudo. Professo-me com a máxima consideração etc". (Milão 29-11-1881). Na sua atenciosa resposta, Dom Bosco lembra que, entre judeus e cristãos, existem pontos comuns: a fé do Antigo Testamento, e a caridade "que não tem limites" (Epist. IV, 79).

Respeitadíssimo Senhor,

É coisa verdadeiramente singular que um padre Católico propunha uma associação de caridade a um Israelita! Mas a caridade do Senhor não tem limites, e não abre exceção para nenhuma pessoa, qualquer que seja sua idade, condição e crença.

Entre os nossos jovens, que são 80.000 ao todo, tivemos alguns, e temos ainda, que são Israelitas. Por outro lado o senhor me diz que pertence à religião Mosaica, e nós Católicos seguimos rigorosamente a doutrina de Moisés e todos os livros que aquele grande Profeta nos deixou. Há diferenças tão-somente na interpretação de tais escritos.

Mais, o Sr. Lattes da cidade de Nizza al Mare é Israelita, mas um dos mais fervorosos Cooperadores nossos. De qualquer maneira continuarei a enviar-lhe o nosso *Bollettino*, e acredito que não encontrará nada que ofenda a sua crença, e se porventura tal acontecesse ou desejasse que deixássemos de enviá-lo, bastar-lhe-á comunicar-mo.

Deus o abençoe, o conserve em boa saúde e queira crer-me com respeito e estima

De V. S.a Respeit.a

Humilde servo
Sac. João Bosco

Turim, 4 de dezembro de 1881.

152. Rezar, e dispor-se a dizer: "Fiat voluntas tua"

Carta enviada ao cônego Giuseppe Cavina, irmão do conde Marcello Cavina de Faenza, que Dom Bosco havia visitado duas vezes em maio de 1882 e encontrado gravemente doente (Epist. IV, 142-143).

Meu caro P. José,

Como me afligem as notícias que me dá do senhor seu irmão! Nesta nossa casa, na igreja de Maria Auxiliadora, reza-se de manhã e de tarde para alcançar a graça. Serão inúteis tantas orações? Não posso convencer-me de tal; a menos que Deus queira dar em sentido espiritual o que nós pedimos corporalmente. Diga à senhora sua Mãe a Marquesa Cavina-Durazzo, que rezamos também de modo particular por ela. Se entretanto Deus exigir de nós um sacrifício total, paciência! Deus é nosso pai e nosso patrão e faremos um esforço para dizer *fiat voluntas tua*. Muitos respeitos à senhora e a toda a sua família e creia-me em J. C.

Obr.o servo
Sac. João Bosco

Turim, 8 de junho de 82.

153. "Desejo que a senhora morra pobre e totalmente desapegada"

A senhora Bernardina Magliano Sollier, residente em Turim, rica viúva, era sempre generosa ao ajudar as obras de Dom Bosco. Passava o verão em Busca (Cuneo), onde recebia o P. Pavia, diretor do Oratório festivo, para fazê-lo descansar. Eis dois bilhetes, nos quais é lembrado o desapego cristão (Epist. IV, 148 e 173).

Estimabil.ma Sr.a Magliano,

Recomende quantos meninos quiser para fazê-los padres ou bons cristãos. Eu os aceito a todos; mas quando estiver às portas da bancarrota mandarei as promissórias para a senhora. A senhora pensará... Isso só para brincar.

Venha quando quiser...

Deus a abençoe e conserve para ver o fruto das suas obras de caridade e creia-me em N. S. J. C.

Obr.o servo
Sac. João Bosco

Turim, 3 de julho de 82.

Estimabilíssima Sr.a Magliano,

No aniversário natalício as Mães costumam dar algum presente aos filhos, embora por vezes não mereçam lá muito. Assim, por meio da senhora recorro à Madona SS. a fim de que me queira dar um presente extraordinário. Como já lhe recordava em Turim, tenho em mãos a conta da Fábrica de papel de Mathi, o saldo dos trabalhos da Igreja de S. João Evangelista, e as construções ao lado da Igreja de Maria Auxiliadora, e as nossas Missões da América. A soma absolutamente necessária neste momento é de doze mil liras, mas eu aceito com gratidão qualquer oferta, caso não possa dar tudo. Veja com que confiança recorro à senhora; e a senhora entenda-se com N. senhora. Entrementes rezarei muito à Mãe celeste pela senhora, para que a conserve em boa saúde, mas sempre no caminho do Paraíso, que lhe auguro de todo o coração, mas não tão depressa, porque desejo que morra pobre e que se

desapegue totalmente das coisas da terra para levar consigo para o Céu o fruto de todas as suas obras de caridade...

Segunda-feira, se Deus quiser, o P. Pavia partirá para Busca. Pobrezinho! Trabalhou, está cansado, e é a senhora que tem que pô-lo verdadeiramente em forma.

Deus a abençoe e queira rezar também por mim que com grande gratidão lhe serei sempre em J. C.

Obr.o servo
Sac. João Bosco

S. Benigno Canavese, Dia de anos de Maria, 1882.

154. O maior ato de obediência e de humildade de Dom Bosco

Quem leu uma vida de Dom Bosco conhece a dolorosa controvérsia que teve de suportar por doze anos (1871-1883) com a cúria de Turim, nomeadamente com o arcebispo D. Lourenço Gastaldi (até então amigo e confidente do santo, o qual o havia proposto com insistência a Pio IX para a sé de Turim). Eram diferentes as mentalidades, as idéias sobre a Igreja e sobre o modo de governar nela. Esperava o arcebispo que a Sociedade salesiana continuasse diocesana e à sua disposição... Os dois episódios mais penosos foram: a proibição feita ao P. Bonetti de confessar e pregar no Oratório de Santa Teresa de Chieri, do qual era diretor, acompanhada do seu recurso à Congregação do Concílio em Roma contra tal medida (1879); a ameaça de suspensão ao próprio Dom Bosco após a publicação anônima de opúsculos ofensivos ao arcebispo (1878-1879): este, pensando que fossem inspirados por Dom Bosco e pelo P. Bonetti, promoveu contra eles um processo diante da Congregação. Na confusão das duas questões, o papa Leão XIII pensou em poder apoiar-se na humildade de Dom Bosco para resolvê-las mediante uma acomodação. Redigiu-se em junho de 1882 uma "Concórdia" em sete artigos: o primeiro erigia que Dom Bosco, conquanto inocente, "implorasse perdão ao Bispo" pela possível intervenção de algum salesiano nos incidentes ocorridos. Dom Bosco, acreditando num primeiro momento que os artigos fossem somente uma proposta da parte adversária, recusou-se, para não parecer dar razão às acusações que lhe eram movidas. Mas depois, como escreveu ao card. Nina, prefeito do Concílio "tendo sabido que (os artigos) são a vontade explícita do Santo Padre, dei-me pressa em cumprir o 1.º artigo, que dizia respeito sobretudo a mim" (8 de julho de 1882, Epist. IV, 152). Eis a declaração de Dom Bosco ao arcebispo (Epist. IV, 151).

Excelência Il.ma e Rev.ma,

A Santidade de Nosso Senhor, considerando que as contravérsias surgidas há algum tempo entre Vossa Ex.a Il.ma e Rev.ma e a humilde Congregação dos Salesianos, eram fonte de dissabores e atritos, com detrimento da autoridade e admiração dos fiéis, dignou-se dar-me a conhecer que é sua vontade que cesse qualquer dissídio e se restabeleça entre nós uma paz verdadeira e duradoura.

Por conseguinte, aquiescendo às paternas e sábias intenções do Augusto Pontífice, que na verdade foram sempre as minhas, exprimo a V. Ex.a Rev.ma o meu desgosto por haverem alguns incidentes alterado ultimamente as relações pacíficas que existiam entre nós, e possam haver causado amargura ao espírito de V. Ex.a Rev.ma. Mais, se V. Ex.a pôde julgar que eu ou qualquer indivíduo do Instituto haja influído para que tal acontecesse, imploro perdão a V. Ex.a Rev.ma, e suplico-lhe que esqueça o passado.

Na esperança que V. Ex.a Rev.ma quererá acolher benignamente estes meus sentimentos, alegro-me em servir-me desta ocasião propícia para desejar-lhe do Sumo Deus as mais eleitas bênçãos, enquanto tenho a alta honra de professar-me com grande estima e profunda veneração.

De Ex.a Il.ma e Rev.ma

Obsequ.mo servo
Sac. João Bosco

Turim, 8 de julho de 1882.

O arcebispo respondeu concedendo o "perdão implorado" e reabilitando o P. Bonetti. Mas concretamente os atritos continuaram, como provam estes dois trechos de carta ao card. Nina, e depois ao P. Dalmazzo, procurador da Congregação em Roma (Epist. IV, 154 e 157).

Eminência Reverendíssima,

... Uma vez que estou submetendo a pobre Sociedade Salesiana a esta humilhação, pelo menos as coisas durassem! Mas receio muito. Vai-se propalando que

D. Bosco foi condenado, que o P. Bonetti não irá mais a Chieri etc.

De toda a maneira agi com seriedade, e conservando silêncio vou para a frente...

Turim, 18 de julho de 1882.

Caro P. Dalmazzo,

... As coisas com o Arcebispo sofrem diariamente alternativas. Hoje é tudo paz, amanhã tudo é guerra e eu aceito tudo e assim iremos para a frente...

Turim, 29 de julho de 1882.

155. Ao novo arcebispo: "A Congregação será sempre toda sua"

Em julho de 1883 era escolhido para arcebispo de Turim o card. Gaetano Alimonda, bispo de Albenga. Fez o seu ingresso em 18 de novembro. Para Dom Bosco e os Salesianos demonstrou logo, e sempre, afetuosa benevolência. Após os anos de sofrimento, Dom Bosco não podia deixar de agradecer-lhe calorosamente (Epist. IV, 283-284).

Eminência Rev.ma e a todos os salesianos Car.mo,

Hoje, S. Caetano, onomástico de Vossa Eminência, não quereria ir mas voar para seu lado a fim de exprimir os afetos filiais deste meu pobre coração, mas devo limitar-me a enviar-lhe dois mensageiros para fazerem as minhas vezes. Eles não podem levar-lhe tesouros materiais porque o senhor não os deseja, e a nossa condição não nos permite. Dir-lhe-ão em compensação que os Salesianos têm para com V. Em.a toda a afeição que os filhos podem ter para com o mais benévolo dos pais. Neste fausto dia todos os nossos clérigos, padres, alunos erguerão a Deus preces, comunhões, a fim de que o conserve por longos anos para o nosso amor, defesa da S. Igreja, conforto do S. Padre, e como protetor da nossa humilde congregação que será sempre toda sua. Em particular pedimos unanimemente e suplicamos que queira servir-se de nós para qualquer trabalho, qualquer serviço espiritual ou temporal de que nos julgar capazes. Não é verdade que o fará?

As graças do Céu desçam copiosas sobre o senhor e sobre toda a sua digna família, enquanto todos nós salesianos, cooperadores e alunos, espalhados pelos diversos países da Itália, da França, da Espanha e da América, nos prostramos humildemente e invocamos a sua santa bênção. Em nome de todos, o humilde servo

Sac. João Bosco

Pinerolo, 7 de agosto de 1884.

P.S. — Perdoe minha pobre letra.

**156. “Um presente de dez ou doze mil libras...
melhor a segunda cifra”**

Na parte das “cartas a jovens”, encontramos um “Francisquinho” de Pádua. Dom Bosco escreve à sua mãe, a condessa Bonmartini, generosa Cooperadora. Havia-se interessado com o bispo de Pádua para que autorizasse uma Conferência salesiana na cidade. Chama Francisquinho seu “anjo da guarda” porque em algumas ocasiões lhe servira de guia (Epist. IV, 243-244).

Estimadíssima Senhora Bonmartini Mainardi,

Pelo menos nestes dias quero cumprir um dever meu e escrever algo a V. S. B.

Antes de qualquer outra coisa agradeço-lhe querer sempre ocupar-se dos nossos pobres meninos, propondo a conferência dos Cooperadores ao Sr. Arcebispo, e mantendo vivo contacto com várias pessoas caridosas. Em tempo oportuno não deixarei de enviar uma carta ao Sr. Bispo de Pádua para penetrar bem em seus caridosos pensamentos a nosso respeito.

Tenho, porém, motivo para queixar-me com o meu Anjo da Guarda, o Sr. Francisquinho, que acredito ser bem conhecido da senhora. Ele prometeu-me escrever muitas vezes lindas cartas, mas até agora pelo que me lembro não aconteceu nada. Ele se pode desculpar dizendo que rezou por mim e isso basta. Que tenha rezado acredito, mas talvez não rezou muito bem porque o meu coração, é verdade que é um pouco duro, não percebeu nada. Quero ver como é que se vai desculpar.

Eu também fui um pouco negligente em escrever, mas não esqueci de rezar todos os dias na santa Missa pela senhora e por toda a sua família.

A última vez que falamos, não lembro precisamente a cifra, mas parece que por brincadeira queria fazer-me um presente de dez ou doze mil liras. Não lembro todavia muito bem. Mas aceito uma ou outra cifra: melhor a segunda.

Nestes dias, porém, queremos rezar muito pela senhora, pela sua perfeita saúde. Sim, ó Senhora, Deus a abençoe e conserve, e lhe dê muitos anos, mas cheios todos eles de consolações.

Apresento-lhe respeitosas saudações da parte de todos os Salesianos que a conheceram; recomendamos-nos todos à caridade das suas santas orações, ao passo que o pobre escrevedor tem em nome de todos a honra de professar-se em J. C.

Humilde servo
Sac. João Bosco

Turim, 18 de dez. de 83.

157. "É agradável a Deus servir-se de uma comida delicada por obediência"

Entre as Cooperadoras francesas devotadas a Dom Bosco nos últimos anos, enumeramos as duas senhoras Lallemand de Montauban, mãe e filha. Mulheres piíssimas, procuravam também junto ao santo diretrizes espirituais, mandando-lhe suas contas de consciência. Nesta carta (traduzida do francês), Dom Bosco manifesta ainda uma vez a sua estima pela obediência à vontade divina mediante a aceitação das penas cotidianas (Epist. IV, 422).

Senhora e Senhorita Lallemand,

Pus-me a ler com atenção as suas contas de consciência e muito agradeço a Nosso Senhor havê-las livrado de diversos perigos da vida e do mundo, e rezo continuamente pelas senhoras à SS. Virgem para que, pela sua intercessão, lhes seja alcançada completa vitória sobre todos os obstáculos que se opõem à tranquilidade e felicidade espiritual e corporal.

Quanto às penitências corporais, não são elas próprias para as senhoras. Às senhoras de certa idade basta tolerar os incômodos da velhice por amor de Deus; às pessoas doentias basta suportar tranqüilamente por amor de Deus os próprios incômodos e conformar-se ao parecer do médico ou dos parentes e em espírito de obediência: é mais agradável a Deus servir-se de um alimento delicado por obediência do que jejuar contra a obediência.

Não vejo nada a reformar em suas consciências. Frequentem na medida do possível os santos Sacramentos, e não se inquietem quando tal não for possível: façam então mais frequentemente comunhões espirituais, e conformem-se com plena conformidade (*sic*) à santa vontade de Deus, amabilíssima em todas as coisas.

Nossa Senhora Auxiliadora as proteja em todas as dificuldades e aborrecimentos, no caminho que leva ao Paraso. Assim seja...

Humilde servo
Sac. João Bosco

Turim, 5 de fevereiro de 1884.

158. "Não tem vocação para fazer-se religiosa, mas para fazer-se santa"

Depois dos condes Colle, de Toulon, a maior Cooperadora francesa é sem dúvida a senhorita Clara Louvet, de Aire-sur-la Lys (perto de Lille), filha de um oficial superior do exército. Tendo conhecido Dom Bosco em Nizza Marittima, e nutrido sempre por ele profunda veneração, abriu-lhe sem restrições o coração e a bolsa. O próprio Dom Bosco tinha-a em grande estima, e as cinquenta e sete cartas que possuímos são disto a prova (1882-1887). Por diversas vezes veio a Turim para ver o santo; e a última vez, a 24 de maio de 1887, sabendo que não mais o haveria de rever, pôs-se a chorar. Dom Bosco escreveu-lhe depois: "Isso causou-me pesar... Mas no céu não haverá mais separação". Citamos alguns trechos das cartas, traduzidas do francês (Epist. IV, 447-479 passim).

Caridosa Senhorita Louvet,

... Doze mil francos como *bouquet* de bom onomástico de S. João. Ó Senhorita, se todos os que aqui vêm neste dia preparassem *bouquet* de tal monta, eu

seria um outro Rothschild. Mas para mim existe uma única *Senhorita Clara Louvet* e com isso fico muito contente. Quero que S. João lhe pague a festa, e para induzi-lo a fazê-lo eu direi naquele dia a Santa Missa no Altar de Maria Auxiliadora...

Na sua última carta, a senhora me diz que lhe custa muito não poder colocar nada à parte para os casos imprevistos. Não é assim. Eu quero que a senhora conserve todas as suas entradas e ponha a juros de cento por cento na terra, e depois receba a verdadeira recompensa de gozá-los para sempre no Paraíso. Compreende-me? Espero. Tive sempre o intento de fazer todo o possível para desapegar o coração dos meus amigos das coisas miseráveis deste mundo e levantá-los a Deus, à felicidade eterna. A senhorita vê que procuro torná-la rica ou melhor fazer frutificar as riquezas da terra, que se conservam por muito pouco tempo, e mudá-las em tesouros eternos para sempre...

Turim, 17 de junho de 1882 (*Epist.* IV, 449).

... Eu desejo a sua paz e a sua tranqüilidade de coração. Ouça-me. A sua consciência está em bom estado; a Santa Virgem foi-lhe dada por guia; o seu Anjo da Guarda a protege dia e noite. Por isso nada tem a temer...

Turim, 9 de setembro de 1883 (*Epist.* IV, 457).

Poucas coisas, mas a observar com diligência.

Todos os anos: revisão anual da consciência, refletindo sobre o progresso e sobre o regresso do ano anterior.

Todos os meses: exercício da boa Morte, com a confissão mensal e a santa Comunhão como se fossem as últimas da vida.

Todas as semanas: a santa Confissão; grande atenção para lembrar e praticar os avisos do confessor.

Todos os dias: Sagrada Comunhão se for possível. Visita ao Santíssimo Sacramento. Meditação, leitura, exame de consciência.

Sempre: considerar cada dia como se fosse o último da vida...

Turim, 17 de setembro de 1883 (*Epist. IV*, 458).

... Até agora, a senhora não tem a vocação de fazer-se religiosa, mas tem a vocação de fazer-se santa. Continuando como faz, a senhora está no caminho do paraíso...

Turim, 6 de novembro de 1884 (*Epist. IV*, 464).

... Não a preocupe a crise agrícola. Se as entradas diminuem, a senhora diminuirá as boas obras de caridade, ou melhor aumentá-las-á, consumirá os capitais, far-se-á pobre como Jó, e então será santa como Santa Teresa. Não, não, nunca. Deus nos garante o *cêntuplo na terra; por isso dai e vos será dado!* Com os inquilinos seja generosa e paciente. Deus é onipotente. Deus é o seu Pai, Deus lhe fornecerá todo o necessário para a senhora e para eles...

Turim, 20 de dezembro de 1884 (*Epist. IV*, 466).

... Durante estes dias de quaresma a senhora não deve pensar nem em abster-se de carne nem em jejum: fica rigorosamente proibida. Deixe que os pecadores como Dom Bosco façam penitência que dê para bastar...

Turim, 21 de fevereiro de 1885 (*Epist. IV*, 468).

O futuro do mundo é muito escuro; mas Deus é Luz e a Santa Virgem é sempre *Stella Matutina*. Confiança em Deus e em Maria; e nada tema. *Eu posso tudo naquele que me dá força*, Jesus Cristo. Paciência. A paciência nos é absolutamente necessária para vencer o mundo e assegurar-nos a vitória e entrar no Paraíso...

Turim, 9 de dezembro de 1866 (*Epist. IV*, 474).

... A senhora passou alguns dias conosco. Mas à partida parecia-me aflita até às lágrimas. Isso causou-me pena. Talvez a senhora não havia compreendido bem as minhas palavras, porque sempre lhe assegurei que

as nossas relações na terra não eram duradouras, mas na vida eterna passaremos os dias na verdadeira alegria para sempre e não nos faltarão nunca as coisas desejáveis: *in perpetuas aeternitates*...

E a guerra? Esteja tranqüila; quando vir um pequeno perigo, lhe direi imediatamente, contanto que eu esteja ainda entre os vivos...

Turim Valsalice, 12 de junho de 1887 (*Epist. IV*, 477).

O seu lugar no Paraíso está preparado e creio garantido; mas deve ainda esperar algum tempo...

Lanzo, 4 de julho de 1887 (*Epist. IV*, 478).

QUARTA PARTE

UMA PROPOSTA DE SANTIDADE RELIGIOSA APOSTÓLICA

“Não relaxeis o vosso zelo. Sede fervorosos em espírito. Servi ao Senhor. Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração. Socorrei as necessidades dos fiéis” (Rom 12, 11-12).

- I. AS CONSTITUIÇÕES
SALESIANAS
- II. PREGAÇÕES, CONFERÊNCIAS,
CIRCULARES AOS
SALESIANOS
- III. CARTAS A SALESIANOS

Dom Bosco fez sempre remontar a verdadeira fundação da Sociedade salesiana à data de 1841, início do seu apostolado entre a juventude abandonada ⁽¹⁾. Essa referência significa que, como "sociedade de apóstolos dedicados aos jovens", a Sociedade salesiana nasceu em 1841; e dezoito anos mais tarde, em 18 de dezembro de 1859, tornou-se "Sociedade de apóstolos religiosos", assim caracterizada na ata da reunião "constitutiva": (Os dezoito membros reuniram-se) com a finalidade e espírito de promover e conservar o espírito de verdadeira caridade que se requer na obra dos Oratórios para a juventude abandonada e periclitante... Resolveram, pois, os Congregados erigir-se em Sociedade ou Congregação, que tendo em mira a ajuda mútua na santificação própria, propunha-se promover a glória de Deus e a salvação das almas, especialmente das mais necessitadas de instrução e educação... ⁽²⁾. *Trata-se sem dúvida de uma consagração total de si próprios a*

(1) ... a Congregação de S. Francisco de Sales iniciada em Turim em 1841, primeiro esboço das Constituições apresentado a Pio IX em 1858 (MB V 931).

(2) Cf. MB VI 335. Lembramos as etapas que assinalaram o longo esforço do fundador para dar à sua Sociedade a sua fisionomia original, a sua estabilidade, a sua liberdade de ação e de expansão: 1) a 14 de maio de 1862, os primeiros 22 salesianos professam os votos de pobreza, castidade e obediência (MB VII, 160-164). 2) A 1.º de maio de 1869, a Sociedade recebe aprovação de Roma como congregação de votos simples (MB IX. 539 e 558-560). 3) A 3 de abril de 1974, as Constituições são aprovadas (MB X 795-863). 4) A 28 de junho de 1884, são concedidos os privilégios de isenção que lhe dão a plenitude da personalidade jurídica na Igreja universal (MB XVII 136-140 e 721).

Deus, mas toda ela orientada para o serviço dos jovens, realizado em conjunto, para sua glória. Os votos não são concebidos como valores em si, mas como o melhor modo prático de realizar uma doação de "verdadeira caridade".

Os Salesianos eram 22 no ano 1862, uma centena em 1870, quase 500 em 1880, e à morte do fundador 863 (mais 276 noviços), sacerdotes, clérigos e coadjutores, divididos em 57 casas. A mesma milagrosa expansão aconteceu com as Irmãs salesianas, as Filhas de Maria Auxiliadora, fundadas a 5 de agosto de 1872 em Mornese: as 11 professoras de então são, em 1888, 390 (mais 100 noviças), distribuídas por 51 casas ⁽³⁾.

É óbvio que Dom Bosco, nos últimos trinta anos, consagrou à formação dos seus filhos e discípulos o melhor dos seus cuidados. Tanto mais que a unidade de espírito e de ação entre todas as suas casas era, em sua opinião, uma das condições essenciais para o bom êxito do trabalho educativo e pastoral. Antes de tudo, o exemplo da sua pessoa e da sua vida eram irradiantes. Mas ele próprio interveio freqüentemente:

— antes na elaboração das Constituições, que lhe custaram quinze anos de fadigas;

— depois com a pregação dos exercícios espirituais, com conferências, com circulares a todos os salesianos, com a narração dos seus sonhos, com cartas;

— por fim a nível dos responsáveis, com as reuniões do Conselho Superior, as conferências anuais aos diretores (desde 1865) por ocasião da festa de S. Francisco de Sales, e com os quatro Capítulos gerais que presidiu e que tiveram de elaborar certo número de disposições regulamentares e fazer importantes opções práticas.

Mesmo neste campo da formação espiritual dos seus filhos, encontramos o homem de Deus realista. Nota o P. Stella: "Bastante atenuados aparecem na consciência de Dom Bosco os problemas teóricos sobre

(3) Cf. MB XVIII 609-611.

a natureza da vida religiosa” (4). Ele tem certamente uma doutrina, a corrente em seu tempo, e que se inspira sobretudo em S. Afonso e no jesuíta Rodrigues; mas ela recebe a sua interpretação “salesiana” do contexto vital no qual se insere e das múltiplas normas de ascese prática que sempre a acompanham. O salesiano que Dom Bosco quer formar é aquele cristão todo impregnado de amor de Deus, da Igreja, dos jovens pobres, que procura a sua santidade no dom cotidiano de si: aceita, portanto, as formas de castidade, pobreza, obediência, vida comunitária, oração... que exprimem e favorecem a realidade desse dom, e também o espírito de simplicidade e alegria no qual deve ser vivido.

Eis, sobre esses temas, alguns textos típicos, escolhidos todos eles entre os documentos autógrafos de Dom Bosco (5).

(4) *Don Bosco nella storia*, II, 393.

(5) Cf. P. Stella, *Don Bosco nella storia*, I, 150-163; II, 377-439. É uma seleção mais vasta de textos em G. Favini, *Alle fonti della vita salesiana*, SEI, Turim 1964.

I. AS CONSTITUIÇÕES SALESIANAS

159. Juntos, plenamente disponíveis para servir aos jovens

PRIMEIRO PROJETO DAS CONSTITUIÇÕES (1858)

Em março de 1858, por ocasião da primeira viagem a Roma, Dom Bosco confiou a Pio IX a sua intenção de fundar uma sociedade apostólica: recebeu não apenas palavras de estímulo, mas conselhos precisos, de modo especial sobre a utilidade de unir tais apóstolos entre si mediante os votos ⁽¹⁾.

Retornando a Turim, aperfeiçoou o primeiro projeto de Constituições que já havia redigido e apresentado ao Papa. Apresentamos extratos do mais antigo texto que se conserva dessas Constituições, escrito entre 1857 e 1859. Sobre os aspectos doutrinários e espirituais da vida salesiana consagrada, esta primeira redação já diz todo o essencial. As correções que Dom Bosco será obrigado posteriormente a fazer, até à aprovação de 1874, dizem respeito sobretudo aos aspectos jurídicos do governo da Sociedade e da formação dos seus membros ⁽²⁾.

O documento, intitulado Congregação de S. Francisco de Sales, abre-se com uma breve exposição histórica da Origem desta congregação. A introdução visa a salientar a continuidade entre o que já existe e a Sociedade religiosa a ser fundada oficialmente; termina assim:

... Então, para conservar a unidade de espírito e disciplina, do qual depende o bom êxito dos oratórios,

(1) Cf. MB V 860.

(2) Texto (ainda inédito) no Arquivo 022 (1), caderno, pp. 5-17. É caligrafia do P. Rua, com correções e acréscimos da mão de Dom Bosco. Abrange, após a introdução histórica, nove breves capítulos, não numerados. Lê-se um texto imediatamente posterior nas MB V 933-940.

desde o ano 1844 alguns eclesiásticos reuniram-se para formar uma espécie de congregação ajudando-se com o exemplo e com a instrução. Eles não fizeram nenhum voto e se limitavam a uma simples promessa de ocupar-se do que parecesse da maior glória de Deus e proveito da própria alma. Reconheciam como superior o sac. João Bosco.

Embora não se fizessem votos, observavam-se na prática quase inteiramente as regras que aí estão expostas.

(I). Fim desta congregação

1. O fim dessa congregação é reunir os seus membros eclesiásticos, clérigos e também leigos a fim de aperfeiçoar-se a si próprios imitando as virtudes do nosso Divino Salvador, especialmente na caridade para com os jovens pobres⁽³⁾.

2. Jesus Cristo começou a fazer e a ensinar, assim os congregados começarão por aperfeiçoar-se a si mesmos com o exercício das virtudes internas e externas, com a aquisição da ciência; em seguida dedicar-se-ão ao bem do próximo.

Seguem-se quatro artigos (3-6) que indicam os quatro principais "exercícios de caridade" da Sociedade: Oratórios festivos, casas para acolher os pequenos aprendizes, casas para jovens pobres aspirantes ao sacerdócio, pregações e boa imprensa para sustentar a fé dos "adultos da classe baixa".

(3) Os quatro elementos deste primeiro artigo merecem destaque: constituição de uma comunidade, que busca a perfeição, através da imitação de Cristo Salvador, sobretudo na caridade prática para com os jovens pobres. O artigo seguinte, fundando-se sobre uma interpretação acomodaticia de Atos 1, 1, sublinha a necessidade de uma preparação pessoal para esse apostolado. Alguns anos mais tarde, a 12 de fevereiro de 1864, Dom Bosco, apresentando um projeto emendado ao papa Pio IX, comentava assim o primeiro artigo: "O escopo desta Sociedade, se considerada nos seus membros, não é outro senão um convite a quererem-se unir em espírito entre si para trabalharem para a maior glória de Deus e para a salvação das almas, levados a tanto pela palavra de S. Agostinho: *Divinorum divinissimum est in lucrum animarum operari* (a mais divina das coisas divinas é trabalhar para ganhar almas)" (MB VII 622).

(II). *Forma da congregação*

1. Todos os congregados levam vida comum, ligados unicamente pelo vínculo da caridade fraterna e dos votos simples que os fazem formar um só coração e uma só alma para amar e servir a Deus ⁽⁴⁾.

(III). *Voto de obediência* ^(4 bis)

1. O profeta Davi pedia a Deus que lhe ensinasse a fazer a sua santa vontade. O Divino Salvador nos assegurou ter vindo para fazer não a vontade própria, mas a vontade do seu Pai celeste. É para assegurar-nos de que fazemos a santa vontade de Deus que fazemos o voto de obediência.

2. Tal voto em geral visa a que não nos ocupemos de outras coisas senão daquelas que o respectivo superior julgar da maior glória de Deus e proveito da alma.

3. Em particular visa depois à observância das regras contidas no plano de regulamento da casa, da maneira como há vários anos se pratica na casa anexa ao oratório de S. Francisco de Sales. Não se entende, porém, que a observância deste regulamento obrigue *sub gravi* a não ser nas coisas que são contrárias ao direito divino, natural, eclesiástico, e são mandadas pelo superior em virtude da santa obediência.

4. A virtude da obediência assegura-nos que fazemos a vontade divina: quem vos ouve, diz o Salvador, a mim ouve, e quem vos despreza, a mim é que despreza.

(4) Definição sintética da comunidade salesiana: forma exterior; a vida comum; empenhos comuns; caridade fraterna e votos; resultado: "estreita" unidade de coração e de alma; escopo comum: o serviço amoroso de Deus. Muita substância em poucas palavras. Seguem doze artigos (2-13) de ordem sobretudo jurídica: o professo conserva os seus direitos civis, pode ser proprietário etc. O art. 12 precisa: "Os congregados enviados a abrirem uma nova casa não devem ser menos de dois, dos quais um ao menos seja sacerdote".

(4bis) Quando Dom Bosco trata dos votos, segue sempre a ordem: obediência, pobreza, castidade. Mesmo no seu comentário na *Introdução às Constituições* (v. mais adiante n. 162, 163, 164).

5. Cada um, pois, considere o superior como um pai, obedeça-lhe sem nenhuma reserva, prontamente, com ânimo alegre e com humildade.

6. Ninguém ande em cuidados para pedir ou recusar alguma coisa. Conhecendo, porém, que uma coisa lhe é nociva ou necessária, exponha isso respeitosamente ao superior, e disponha-se no Senhor a aceitar a resposta seja ela qual for.

7. Cada um tenha grande confiança no superior, não conservando nenhum segredo do coração com relação a ele. Tenha sempre aberta para ele a sua consciência sempre que lhe for pedido ou reconheça ele próprio a necessidade de tal.

8. Cada um obedeça sem nenhuma resistência nem de obras, nem de palavras, nem de coração. Quanto mais uma coisa repugna a quem a faz, tanto maior merecimento terá perante Deus se a cumprir ⁽⁵⁾.

(IV). Voto de pobreza

1. Na nossa congregação a essência do voto de pobreza consiste em levar vida comum quanto à alimentação e a roupa, e em não conservar nada debaixo de chave sem especial licença do superior.

2. Faz também parte deste voto conservar os quartos com a máxima simplicidade, procurando ornar o coração de virtudes e não a pessoa ou as paredes do quarto ⁽⁶⁾.

(5) Todo este capítulo põe em evidência o *espírito* segundo o qual Dom Bosco concebia a obediência: é um espírito de família (o superior é um *pai* ao qual se abre o próprio coração), impregnado de espírito de fé (trata-se de imitar a obediência de Cristo ao seu Pai, e isto pode levar até à aceitação de coisas repugnantes). No que se refere ao primeiro ponto, Roma obrigará Dom Bosco a deixar facultativas as contas de consciência.

(6) Estes dois artigos resumem muito bem o parecer de Dom Bosco sobre a pobreza: pôr tudo à disposição da comunidade para partilhar tudo, e pessoalmente procurar a simplicidade e o desapego. Seguem-se quatro artigos sobre o uso do dinheiro.

(V). Voto de castidade

1. Quem trata com a juventude abandonada deve por certo fazer esforços para enriquecer-se de todas as virtudes. Mas a virtude angélica, virtude tão cara ao Filho de Deus, a virtude da castidade, deve ser cultivada em grau eminente.

2. Quem não estiver seguro de conservar esta virtude nas obras, nas palavras, nos pensamentos, não se inscreva nesta congregação; porque a cada passo se exporá a perigos. As palavras, os olhares, embora indiferentes, são por vezes maliciosamente interpretados pelos jovens que já foram vítimas das paixões humanas.

3. Por isso use-se a máxima cautela conversando e tratando com jovens, qualquer que seja sua idade e condição ⁽⁷⁾.

4. Evitem-se as conversações com pessoas de outro sexo e com os próprios seculares, quando esta virtude possa perigar.

5. Ninguém vá à casa de conhecidos ou amigos sem expressa licença do superior, o qual lhe designará sempre um companheiro.

6. Meios eficazes para guardar esta virtude são a prática exata dos conselhos do confessor, mortificação e modéstia de todos os sentidos do corpo; freqüentes visitas a Jesus sacramentado, freqüentes jaculatórias a Maria SS., a S. Francisco de Sales, a S. Luís Gonzaga, que são os principais padroeiros desta congregação.

(VII). Os outros superiores

1. A vida ativa a que tende a nossa congregação, faz com que os seus membros não possam entregar-se a

(7) A castidade que se requer é a que se ajusta a educadores da "juventude abandonada". Os artigos seguintes indicam a maneira para conservá-la. Temos aqui as duas reações típicas de Dom Bosco a propósito da castidade: de um lado exalta-lhe a beleza e a necessidade, de outro multiplica as recomendações para salvaguardá-la.

(8) Note-se o ponto principal do noviciado salesiano: "fazer aprender o espírito de caridade e de zelo" para uma "vida inteiramente dedicada" aos jovens. As demais virtudes giram em torno desse eixo.

muitas práticas de piedade em comum; a isto deverão eles suprir com o bom exemplo recíproco e com o perfeito cumprimento dos deveres gerais do cristão.

2. A compostura exterior, a pronúncia clara, devota, distinta das palavras nos officios divinos, a modéstia no falar, nos olhares, no modo de andar tanto em casa como fora devem ser coisas características nos nossos congregados.

3. Todos os dias haverá ao menos meia hora de oração mental ou pelo menos vocal, a não ser que alguém esteja impedido pelo exercício do sagrado ministério.

4. Cada dia se rezará a terça parte do Rosário de Maria SS.ma.

5. Em todas as sextas-feiras haverá jejum em honra da Paixão de N. S. J. C.

6. O último dia de cada mês será dia de retiro espiritual em que cada um fará o exercício da boa (morte) dispondo as suas coisas espirituais e temporais como se tivesse que deixar o mundo e partir para a eternidade.

7. O Reitor poderá dispensar de tais práticas pelo tempo e para os indivíduos que melhor julgar no Senhor⁽⁹⁾.

160. É melhor ter falta de educadores que ter incapazes

Numa cópia dos primeiros exemplares impressos das Regulae seu Constitutiones Societatis S. Francisci Salesii approva-

(9) Este capítulo apresenta o essencial do pensamento de Dom Bosco sobre a "piedade salesiana". Os artigos 1, 2 e 7 apresentam-se com a sua descrição: praticamente nada além do que se exige de um cristão sério ("deveres gerais do cristão"), mas em compensação um modo de ser e de comportar-se que edifique sempre, com simplicidade. Os outros artigos enumeram os exercícios de cada dia, de cada semana, de cada mês (mais tarde Roma exigirá os exercícios espirituais anuais). Além disso os artigos 1, 3, e 7 mostram até que ponto a vida de piedade é concebida em função de um apostolado intenso e intensamente sobrenatural. Os dois últimos artigos do capítulo (8-9) tratam dos sufrágios pelos defuntos.

vadas em 1874, Dom Bosco escreveu preciosas notas, que usava ao explicar as Regras aos Salesianos. Eis as principais ⁽¹⁰⁾.

A propósito do art. 1 sobre o fim da Sociedade:

1. A santificação própria, a salvação das almas por meio do exercício da caridade: eis o fim da nossa Sociedade. Nisso é preciso ter o máximo cuidado (*summopere*) para que sejam encarregados de funções em favor dos outros somente os que brilham nas virtudes ou na ciência que se empenham em ensinar aos demais.

A propósito do art. 2 sobre a preparação ao apostolado:

2. Por isso, se fazem de maneira diversa da que ensinam aos demais, dir-se-á deles: *Médico, cura-te a ti mesmo.*

A propósito do artigo 3 sobre o "primeiro exercício de caridade" para os jovens:

3. A caridade é benigna, é paciente, tudo sofre, tudo suporta.

A propósito do art. 4 sobre a acolhida dos jovens abandonados:

4. Introduz em tua casa os que têm fome e os miseráveis sem teto, e não afastes os olhos dos que são da tua carne. *Era peregrino e me acolhestes, estava nu e me vestistes* ⁽¹¹⁾.

(10) Arquivo 022 (19.^a) (cópia de outra mão em 022,21). Cf. MB X 994-996. Dom Bosco escreveu estes comentários diretamente em latim. Traduzimos os que citamos.

(11) O comentário 3 cita 1 Cor 13,4.7. Nele se cita Is 58, (trecho sobre o verdadeiro jejum que agrada a Deus), e depois Jesus em Mt 25, 35-36 (juízo final). Dom Bosco emprega o texto latino da Vulgata.

A propósito do art. 5 sobre o cultivo das vocações sacerdotais:

5. Nos exercícios espirituais, nas missões, nos internatos, pensionatos e colégios, atentemos os que fazem notar pela retidão de costumes, e se o caso for julgado bom no Senhor, sejam convidados e escolhidos para enfrentarem o currículo dos estudos.

A propósito do art. 6 sobre o apostolado entre os adultos:

6. No exercício do sagrado ministério, deve-se ter o máximo cuidado: 1) de não aceitar algo que obrigue a deixar o próprio dever; 2) se alguma vez, diante de uma necessidade urgente, for preciso deixar a casa ou o próprio trabalho, procure-se escolher e providenciar alguém que garanta o trabalho do ausente.

A propósito do art. 7 sobre a defesa da fé com palavras e escritos:

7. Nisto é preciso avançar com prudência: 1) os problemas políticos (*res civiles*) não devem ser tratados nem nos livros nem nas reuniões; 2) quando se trata de gente que não procede bem, dos hereges e dos seus erros, evite-se o desprezo das pessoas; a caridade de Cristo mova a todos em tudo.

A propósito do art. 1, Cap. II, sobre a unidade comunitária para servir a Deus:

1. Eis, pois, a tarefa da Sociedade Salesiana: procurar os interesses de Jesus Cristo e renunciar aos próprios ⁽¹²⁾.

(Arquivo 022 [19a]. Cf. MB X 994)

(12) A formulação latina é incisiva: *Quaerere quae sunt Jesu Christi et quae sua sunt postponere Salesiana e Societatis officium est.* Inspira-se na queixa de S. Paulo em Filip 2, 21. Dom Bosco salienta que uma comunidade salesiana existe somente para servir ao reino de Cristo. Os comentários posteriores são precisões de caráter jurídico.

Introdução às Constituições, 1875

Na primeira edição em lingua italiana, em 1875, as Constituições enriqueciam-se com uma introdução Aos sócios Salesianos, na qual o fundador oferecia aos filhos reflexões e “últimas lembranças” sobre a vida religiosa deles. Na edição de 1877, acrescentava novos conselhos sobre a vocação, sobre a caridade fraterna e sobre a obediência (prestação de contas ao superior). Pondo tais considerações antes das Constituições, Dom Bosco visava a dar-lhes um valor particular: oferecia-as à leitura freqüente e à meditação dos Salesianos, como a primeira síntese de um “Manual apropriado” ascético (conclusão) que estava a projetar e que nunca escreveu⁽¹³⁾.

161. Mantenhamos a todo o custo esta heróica consagração

Aos sócios salesianos. — As nossas constituições, filhos amantísimos em Jesus Cristo, foram aprovadas definitivamente pela Santa Sé no dia 3 de abril de 1874.

Devemos saudar esse fato como um dos mais gloriosos para a nossa Congregação, como aquele que nos garante que, observando as nossas regras, nos apoiamos em bases estáveis, seguras e, podemos dizer, infalíveis, pois infalível é o juízo do Chefe Supremo da Igreja, que as sancionou.

Mas, apesar do seu valor, esta aprovação seria pouco abundante em frutos, se tais regras não fossem conhecidas e fielmente observadas. Precisamente para que todos as possam facilmente conhecer, ler, meditar em seguida praticar, é que julgo conveniente apresentar-vo-las traduzidas do respectivo original. O texto latino foi impresso em separado; tereis aqui as regras comuns a todos os sócios salesianos.

Julgo de utilidade apontar-vos algumas coisas práticas, que facilitarão o conhecimento do espírito que as anima. Falo-vos a linguagem do coração, e exponho

(13) O texto autógrafo que se conserva no Arquivo Central (022, 101) apresenta-se em três grupos de folhas: um primeiro de 14 páginas assinado: 24 de maio de 1875, completado por 3 páginas menores sobre o tema: *Dúvidas quanto à vocação*, depois 3 outras páginas (tinta diferente) em que se desenvolve um argumento anterior: *Vantagens espirituais da vida religiosa*. O conjunto foi impresso no opúsculo das Constituições de 1875 com a data de 15 de agosto (pp. V-XLII). É esta primeira edição que citamos quase por inteiro.

resumidamente aquilo que a experiência me faz julgar oportuno para vosso adiantamento espiritual e vantagem de toda a nossa Congregação.

(ed. 1875, pp. V-VI)

Entrada na religião. Vantagens (pp. VI-XVII) . . .

O votos. — Quando o Sumo Pontífice falou pela primeira vez da Sociedade Salesiana, disse estas palavras: Numa congregação ou sociedade religiosa são necessários os votos, para que todos os membros estejam ligados ao superior por um vínculo de consciência, e o superior conserve a si mesmo e os seus súditos em união com o Chefe da Igreja, e, portanto, com o mesmo Deus.

Por isso, os nossos votos podem dizer-se outros tantos laços espirituais, com que nos ligamos a Nosso Senhor, e resignamos nas mãos do superior a vontade própria, os bens, as nossas forças físicas e morais, a fim de formarmos todos um só coração e uma só alma, para promovermos a maior glória de Deus, segundo as nossas constituições, como precisamente nos convida a Igreja a fazer quando nos diz em suas orações: *ut una sit fides mentium, et pietas actionum* ⁽¹⁴⁾. Os votos são uma oferta heróica que aumenta muito o mérito das nossas obras ⁽¹⁵⁾. Ensina-nos S. Anselmo que

(14) Feria V post Pascha. Coleta da quinta-feira de Páscoa: (Dai aos batizados) que tenham no coração a mesma fé e na vida a mesma generosidade.

(15) Temos nesses parágrafos os elementos principais da concepção de Dom Bosco em relação aos votos. Ele os vê sob dois aspectos: teológico e comunitário. São principalmente um abandono de si mesmos à total disposição de Deus, uma "consagração", sentida como "oferta" sacrificial que Deus aceita e leva a sério. Interessante a este propósito a declaração de Dom Bosco no momento dos votos dos seus primeiros filhos, a 14 de maio de 1862: "Enquanto faziais diante de mim estes votos, eu os fazia também a este Crucifixo por toda a minha vida, oferecendo-me em sacrifício ao Senhor, disposto a qualquer coisa..." (Crônica do P. Bonetti, em MB VI, 163): a oferta atinge aqui o próprio sacrifício de Cristo. Em segundo lugar os votos criam uma ligação societária extremamente profunda entre os que os professam. Notar-se-á ainda como estas duas dimensões se articulam: com a obediência os professores, juntos, se unem ativamente ao superior e ao Papa, mediadores de Deus.

uma obra boa feita sem voto pode comparar-se ao fruto de uma árvore. Quem a faz com voto, oferece a Deus o fruto e a árvore. S. Boaventura compara a obra feita sem voto a quem oferece os juro, não, porém, o capital. Pelo voto dá-se a Deus o juro e o capital.

Se, por isso, os votos aumentam de maneira tão extraordinária os méritos das nossas obras e as tornam tão agradáveis a Deus, devemos empregar a maior solícitude em não descuidá-los. Quem não se acha com forças para observá-los não deve fazê-los, ao menos, deve protelar esse ato até que esteja em seu coração firmemente resolvido a observá-los. Se assim não procede, faz a Deus uma promessa estulta e infiel, que não pode deixar de desagradar-lhe. *Displicet enim Deo infidelis et stulta promissio* ⁽¹⁶⁾.

Portanto, preparemo-nos bem para essa consagração heróica; mas, uma vez que a tenhamos feito, procuremos mantê-la, ainda que isso nos custe longos e pesados sacrifícios: *Redde Altissimo vota tua* ⁽¹⁷⁾.

162. A obediência salesiana

Obediência. — O voto de obediência é a síntese de todas as virtudes, diz S. Jerônimo, *in obedientia summa virtutum clausa est*. Toda a perfeição religiosa está na prática da obediência. *Tota religionis perfectio in voluntatis nostrae subtractione consistit*. Assim S. Boaventura. O homem obediente, declara o Espírito Santo, consegue vitória sobre todos os vícios. *Vir obediens loquetur victoriam* ⁽¹⁸⁾. S. Gregório Magno conclui que a obediência traz consigo e conserva todas as outras virtudes. *Obedientia caeteras virtutes in mentem ingerit et custodit* (Moral. 1, 35).

(16) *Desagrada a Deus uma promessa infiel e estulta* (Quoheleth 5,3).

(17) *Cumpra os votos feitos ao Altíssimo* (Salmo 50,14). Dom Bosco não esconde as exigências da consagração religiosa: pela segunda vez qualifica-a como *heróica*. Pensa naturalmente na profissão perpétua. Ela exige reflexão e generosidade antes de se fazer, lealdade e sacrifício quando feita: deve-se ser *fiel* à própria promessa.

(18) *O varão obediente cantará vitória* (Prov. 21,28, versão da Vulgata).

Mas essa obediência deve ser como a do Salvador, que a praticou ainda nas coisas mais difíceis, até à morte; e se tanto exigir a glória de Deus, devemos também nós obedecer até darmos a própria vida. *Factus est pro nobis obediens usque ad mortem, mortem autem crucis* (19).

S. Paulo Apóstolo ao recomendar encarecidamente essa virtude, acrescenta: obedecei aos vossos superiores, e submetei-vos às suas ordens, porque os superiores, e não os inferiores, devem agir como se devessem responder diante de Deus pelo que respeita ao bem das vossas almas (20). Obedecei voluntária e prontamente, para que eles possam desempenhar o cargo de superiores com alegria e não entre gemidos e suspiros. *Obedite praepositis vestris et subiacete eis; ipsi enim pervigilant quasi rationem pro animabus vestris reddituri, ut cum gaudio hoc faciant et non gementes* (21).

Considerai bem que o fazermos só as coisas que nos agradam e dão gosto, não é a verdadeira obediência, mas apenas lisonjear a própria vontade. A verdadeira obediência, que nos torna agradáveis a Deus e aos homens, consiste em fazermos de boa vontade tudo o que nos for ordenado pelas nossas constituições ou pe-

(19) *Por nós fez-se obediente até à morte e à morte de cruz* (Flp 2,8).

(20) Notar as fontes e as referências da doutrina de Dom Bosco sobre a obediência: os Padres (dos quais colhe as sentenças em S. Afonso e em Rodrigues), o Cristo modelo supremo, S. Paulo. Na base de tal exigência, há a necessidade sentida por Dom Bosco de ter Salesianos *disponíveis*, para enviá-los aonde surgem as urgências, tanto em Marselha como em Buenos Aires, ou na tipografia de Valdocco. A obediência é condição da fecundidade apostólica da Sociedade. Os parágrafos seguintes põem em evidência o *estilo* familiar da obediência salesiana, e o seu fruto de paz e de felicidade. Segundo estas perspectivas, o papel e a responsabilidade do superior ficam por certo muito acentuados.

Na edição de 1877, Dom Bosco acrescentará aqui um capítulo. *Das contas de consciência e sua importância*. "A confiança nos próprios superiores é uma das coisas que mais concorrem para o bom andamento de uma congregação religiosa e para a paz e felicidade dos sócios" (p. 23).

(21) *Sede submissos e obedecei aos que vos guiam, pois eles velam sobre as vossas almas, e delas devem dar contas; assim eles o farão com alegria e sem se queixar* (Hbr 13,17).

los nossos superiores, que são os endossantes das nossas ações diante de Deus, *hilarem enim datorem diligit Deus* (22); consiste em que nos mostremos dóceis, mesmo nas coisas difíceis, contrárias ao nosso amor próprio, e em que as queiramos cumprir mesmo que nos causem repugnância e sofrimento. Nesses casos a obediência é mais difícil, porém muito mais meritória, e, como nos garante J. C., nos leva à posse do reino dos céus: *Regnum coelorum vim patitur et violenti rapiunt illud* (23).

(pp. XX-XXII)

163. A pobreza salesiana

Pobreza. — Se não deixamos o mundo por amor, deveremos deixá-lo um dia por força. Quem durante a vida mortal o abandona espontaneamente terá o cêntuplo na vida presente e um prêmio eterno na futura. Quem ao contrário não acaba de resolver-se a esse sacrifício voluntariamente, à hora da morte há de fazê-lo à força, mas sem recompensa, e, até com a obrigação de dar a Deus estreitas contas dos bens que porventura tiver possuído.

É verdade que as nossas constituições permitem a posse e o uso de todos os direitos civis; mas, entrando-se na congregação, já não é permitido administrar nem dispor dos próprios bens, sem consentimento do superior, e nos limites por ele estabelecidos; de modo que seja, assim, cada um considerado literalmente sem coisa alguma, tendo-se deveras feito pobre para se tornar rico em Jesus Cristo. Imita o exemplo do Salvador, que nasceu na pobreza, viveu desprovido de tudo, e morreu despojado na cruz.

Escutemos o que de fato ele nos diz: quem não renuncia a tudo o que possui, não é digno de mim, não pode ser meu discípulo. A um desses que queria segui-lo, vai, disse-lhe, vende primeiro o que tens no século,

(22) *Deus ama quem dá com alegria* (2 Cor 9,7).

(23) *O reino dos céus é arrebatado à força e são os violentos que o conquistam* (Mt 11,12). É uma máxima da Escritura que Dom Bosco citava muitas vezes.

dá-o aos pobres, depois vem, segue-me e terás assegurado um tesouro no céu.

Dizia ao seus apóstolos que não possuíssem mais que uma túnica, nem se preocupassem com o que lhes seria preciso para comer durante as suas pregações. De fato, não vemos que ele, os seus apóstolos, ou algum dos seus discípulos tenham em particular possuído campos, casas, móveis, roupas, provisões, ou coisas dessa natureza. E S. Paulo diz claramente que os seguidores de Cristo, aonde quer que vão, façam o que fizerem, devem mostrar-se satisfeitos com o alimento estritamente necessário para viver, e com roupa que baste para cobri-los. *Habentes autem alimenta, et quibus tegamur, his contenti simus* ⁽²⁴⁾.

Tudo o que passa do necessário, em questão de alimento e roupas, é supérfluo para nós e contrário à vocação religiosa. É certo que por vezes teremos de sofrer algum incômodo nas viagens, nos trabalhos, em tempo de saúde ou de doença. Outra vez, a comida, a roupa, ou coisas semelhantes não nos agradarão; mas é precisamente nesses casos que devemos recordar-nos de que somos pobres, e de que se quisermos ter merecimento devemos suportar as conseqüências. Guardemo-nos bem de uma espécie de pobreza muito censurada por S. Bernardo. Alguns há, diz ele, que se vangloriam de ser chamados pobres, mas evitam os companheiros da pobreza. *Gloriantur de nomine paupertatis, et socios paupertatis fugiunt*. Outros gostam de ser pobres, contanto que nada lhes falte. *Pauperes esse volunt, eo tamen pacto ut nihil eis desit*. (De Adv. Dom.).

Portanto, se o nosso estado de pobreza nos causa algum incômodo ou sofrimento, alegremo-nos com S. Paulo, que dizia estar no auge da alegria quando o salteavam as tribulações: *superabundo gaudio in omni tribulatione mea*. Ou, façamos como os apóstolos que saíam gozosos diante do Sinédrio, por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Jesus.

(24) *Tendo alimento e vestuário, contentemo-nos com isto* (1 Tim 6,8). Outra máxima freqüentemente citada por Dom Bosco.

Ibant apostoli gaudentes a conspectu concilii, quoniam digni habiti sunt pro nomine Iesu contumeliam pati (At 5,41). É justamente a esse gênero de pobreza que é não só prometido mas assegurado o reino dos céus. *Beati pauperes spiritu, quoniam ipsorum est regnum coelorum* ⁽²⁵⁾.

(pp. XXIII-XXVII)

164. A castidade salesiana ⁽²⁶⁾

Castidade. — A virtude sumamente necessária, virtude grande, virtude angélica, a que servem de coroa todas as outras virtudes, é a castidade. A ela se podem aplicar as palavras do Espírito Santo, que diz: Todos os bens me vieram juntamente com ela. *Venerunt autem mihi omnia bona pariter cum illa* (Sab 7,11). O Salvador assegura-nos que, ainda nesta vida mortal, se torna semelhante aos anjos de Deus quem possui este inestimável tesouro. *Erunt sicut Angeli Dei.*

Mas esse cândido lírio, essa rosa delicada, essa inestimável pérola é muito cobiçada pelo inimigo de nossas almas, porque ele sabe que se consegue roubar-no-la, pode-se dizer arruinado o negócio da nossa santificação. A luz converte-se em trevas, a chama em negro carvão, o anjo do céu transforma-se em Satanás, e perde-se toda a virtude. Nesse ponto, meus caros, julgo de grande utilidade para vossas almas indicar-vos alguns meios que, postos em prática, vos serão de grande vantagem; antes.

(25) Observemos as duas insistências de Dom Bosco. De um lado, refere a pobreza religiosa ao exemplo e às palavras de Cristo e dos seus apóstolos (São Paulo também): é a sua justificação fundamental. De outro lado, como para a obediência, afirma o seu caráter exigente e a superação do sofrimento na alegria evangélica. Especialmente aqui Dom Bosco fala de experiência, e sonhou sempre Salesianos que pessoalmente se contentam de muito pouco.

(26) Este breve capítulo é o comentário exato dos artigos das Constituições relativos à castidade. Deparamos com um Dom Bosco a louvar emocionado e poético esta virtude, entendida como sumamente necessária a um educador, e depois com um Dom Bosco pródigo em conselhos práticos a fim de salvaguardá-la. E neste campo deve-se notar que as exigências concretas de desapego e mortificação vêm antes dos convites à oração. Instintivamente Dom Bosco aplica também aqui o sistema preventivo.

parece-me poder assegurar-vos a conservação dessa e das demais virtudes. Atendei pois:

1.º Não entreis na Sociedade Salesiana sem primeiro tomardes conselho com pessoa prudente, que vos julgue com forças de poderdes conservar esta virtude.

2.º Evitai a familiaridade com pessoas de outro sexo, nem contraíais amizades particulares com os meninos que a Divina Providência confiou aos nossos cuidados. Caridade e boas maneiras com todos, mas nunca, nunca apego sensível a quem quer que seja. Ou não amar a ninguém, ou amar a todos igualmente, diz S. Jerônimo.

3.º Refreai os sentidos do corpo. Diz claramente o Espírito Santo que o corpo é o opressor da alma: *corpus enim quod corrumpitur, aggravat animam* (27). Isso levava S. Paulo a domar o seu com severos castigos, embora alquebrado de fadigas. *Castigo corpus meum et in servitatem redigo* (28).

Recomendo-vos especial temperança no comer e beber: vinho e castidade não podem coexistir.

4.º São escolhos temíveis para a castidade os lugares, as pessoas e as coisas do século. Não me lembra ter lido ou ouvido dizer que um religioso fosse à sua terra natal e voltasse mais aproveitado no espírito. Pelo contrário contam-se aos milhares os que não capacitados dessa verdade quiseram fazer experiência, mas colheram amargos desenganos, antes, não poucos tornaram-se desgraçadas vítimas da liberdade doméstica com que haviam sonhado.

5.º A observância exata de nossas regras, especialmente das práticas de piedade, far-nos-á triunfar de todos os vícios e será guarda fiel da castidade. As congregações eclesiásticas são uma espécie de pequenos postos avançados. *Urbs fortitudinis Sion, ponetur in ea murus et antemurale* (29). A grande muralha, ou os

(27) O corpo corruptível torna pesada a alma (Sab 9,15).

(28) Castigo o meu corpo e o mantenho em servidão (1 Cor 9,27).

(29) Nós vimos uma cidade forte: em que se pôs por proteção muro e antemuro (Is 26,1).

bastiões da religião, são os mandamentos de Deus e da sua Igreja.

O demônio lança mão de todas as artimanhas e enganos para nos arrastar a violá-los. Mas para induzir os religiosos a transgredi-los, trata primeiro de derrubar o parapeito, ou postos avançados, isto é, as regras e as constituições do próprio instituto. Quando o inimigo das almas quer seduzir um religioso e instigá-lo a quebrar os mandamentos divinos, começa por animá-lo a descuidar as coisas mais pequeninas, e em seguida as de maior importância, e depois disso é-lhe facilímo levá-lo à infração da lei do Senhor; verificando-se quanto diz o Espírito Santo: *Qui spernit modica, paullatim decidet* ⁽³⁰⁾.

Portanto, filhos queridos, sejamos fiéis na observância das nossas regras, se queremos ser fiéis aos mandamentos divinos. Atendamos com constante solicitude e apliquemo-nos com especial diligência à observância exata das práticas de piedade, que são o fundamento e o arrimo de todos os institutos religiosos.

(pp. XXVII-XXXI)

165. A piedade salesiana

Práticas de piedade. — Como os alimentos nutrem o corpo e o conservam, assim as práticas de piedade sustentam a alma e a tornam forte contra as tentações. Enquanto nos empenharmos na observância das práticas de piedade, o nosso coração estará em boa harmonia com todos, e veremos o salesiano alegre, satisfeito com a sua vocação. Pelo contrário, começará a duvidar da sua vocação, e até a experimentar violentas tentações quando em seu coração começar a infiltrar-se a negligência nas práticas de piedade. A história eclesiástica nos ensina que todas as ordens religiosas e todas as congregações eclesiásticas floresceram e promoveram o bem da religião enquanto a piedade se manteve em vigor entre elas; e pelo contrário vemos que muitas

(30) *Aquele que se descuida das pequenas coisas cairá pouco a pouco* (Sir 19,1).

decaíram e outras deixaram de existir, mas quando? Quando afrouxou o espírito de piedade e cada membro se deu a procurar *quae sua sunt, non quae sunt Iesu Christi* (31).

Portanto, meus filhos, se amamos a glória da nossa Congregação, se desejamos que se propague e conserve florescente para proveito de nossas almas e das de nosso próximo, procuremos com a maior solícitude não deixar a meditação, a leitura espiritual, a visita cotidiana ao SS. Sacramento, a confissão semanal, o terço de N. Senhora, a pequena abstinência das sextas-feiras. Embora cada uma dessas práticas consideradas de per si não pareça muita coisa, contribui todavia eficazmente para levantar o grande edifício da nossa perfeição e salvação. Queres crescer e tornar-te grande diante de Deus? diz S. Agostinho, começa pelas coisas mais pequenas. *Si vis magnus esse a minimo incipe*.

Mas a parte fundamental das práticas de piedade, e que em certo modo as abraça a todas são os exercícios espirituais que se devem fazer cada ano, e o exercício da boa morte, uma vez por mês. Creio possa dizer-se assegurada a salvação de um religioso, que cada mês recebe os SS. Sacramentos e põe em dia as contas da sua consciência, como se de fato devesse sair desta vida para entrar na eternidade (32). Se, pois, temos amor à nossa congregação, se desejamos salvar-nos, observemos as nossas regras, sejamos pontuais mesmo nas coisas mais comuns, porque quem teme a Deus nada

(31) ... *os próprios interesses, não os de Jesus Cristo* (Flp 2.21). A causa da decadência das ordens religiosas, segundo Dom Bosco, não é tanto o abandono das "práticas de piedade", mas mais profundamente a perda da própria piedade e do "espírito de piedade" definido como a busca ardorosa dos interesses de Jesus Cristo. É nessa luz que se devem compreender as "práticas". Dom Bosco é inimigo de todo formalismo; e por outra parte a sua pedagogia realista sabe que a fidelidade às práticas "alimenta a alma e a torna forte".

(32) Dom Bosco nunca mudou neste ponto: os tempos fortes de recolhimento, a intervalos regulares, são necessários ao apóstolo sobrecarregado de trabalho. De modo particular o exercício mensal da boa morte é, em sua opinião, fundamental: não deixou nunca de recomendá-lo aos jovens, aos Salesianos, aos Cooperadores. Na edição de 1877, o parágrafo que dele trata será desenvolvido.

deve descuidar do que pode contribuir para a sua maior glória. *Qui timet Deum nihil negligit.*

(pp. XXXII-XXXIV)

166. Não arruinar a comunidade

Cinco importantes lembranças ⁽³³⁾. — A experiência tem dado a conhecer cinco defeitos, que podem dizer-se as cinco traças da observância religiosa, e a ruína das congregações. Aponto-as brevemente.

1.º Fugamos do prurido de reforma. Esforcemo-nos para observar as nossas regras sem preocuparmo-nos em melhorá-las ou reformá-las. Se os salesianos, disse o nosso grande benfeitor Pio IX, sem pretenderem melhorar as suas constituições, se esforçarem por observá-las com fidelidade, a sua Congregação será cada vez mais florescente.

2.º Renunciemos ao egoísmo individual. Por isso, nunca busquemos nossas vantagens particulares, mas empenhemo-nos com grande zelo em conseguir o bem comum da Congregação. Devemos amar-nos mutuamente, ajudar-nos uns aos outros com o conselho e com a oração, promover a honra dos nossos irmãos, não como coisa de um só, mas como essencial e nobre patrimônio de todos.

3.º Não murmuraremos dos superiores, nem desaprovemos as suas determinações. Toda a vez que chegue ao nosso conhecimento coisa que material ou moralmente nos pareça má, exponha-se com humildade aos

(33) Estas "importantes lembranças" reduzem-se na realidade a duas, às duas formas fundamentais de desapego. Dom Bosco pede ao salesiano (ponto 5) que trabalhe verdadeiramente *para Deus e para o seu reino*, e de Deus espere "a sua mercê". E depois, suplica-lhe que mantenha em si o *espírito de família*, a preocupação da unidade da comunidade (4 primeiros pontos), o sentido do bem comum da Congregação, o sentido da própria responsabilidade de membro dentro do corpo. Melhorar as regras? Modificar algumas disposições tomadas por um superior? Por que não, se as circunstâncias o requererem, *contanto que isso se faça no clima salesiano de confiança mútua!* Na edição de 1877, Dom Bosco acrescentará um capítulo sobre a *caridade fraterna*, onde voltará ao argumento com maiores detalhes.

superiores. Eles foram encarregados por Deus de vigiar pelas coisas e pessoas. Por isso, eles, e mais ninguém, deverão dar contas da sua administração.

4.º Ninguém transcure seus deveres. Os Salesianos, considerados em conjunto, formam um só corpo, isto é, a Congregação. Se todos os membros desse corpo cumprem o seu dever, tudo caminhará com ordem e contentamento; se assim não for, nascerão desordens, deslocamentos, rupturas, dismantelamentos e por fim virá até a ruína do corpo. Por isso, execute cada um o ofício que lhe foi designado, mas faça-o com zelo, humildade, e não desanime se tiver que sujeitar-se a algum sacrifício que lhe seja penoso. Console-se com o pensamento de que suas fadigas redundam em utilidade da Congregação, a cuja vantagem todos nos consagramos.

5.º Em qualquer cargo, em qualquer trabalho, pena ou desgosto, não esqueçamos que, tendo-nos consagrado a Deus, só por ele devemos trabalhar, e só dele esperar a recompensa. Ele tem em conta muito minuciosa as mais pequeninas coisas feitas em seu santo nome, e é de fé que, a seu tempo, nos premiará superabundantemente. No fim da vida, quando comparecermos ao seu divino tribunal, olhando-nos com olhos cheios de amor, dir-nos-á: Foste fiel no pouco e eu te farei dono de muito; entra no gozo do teu Senhor. *Quia in pauca fuisti fidelis, supra multa te constituam, intra in gaudium Domini tui.*

Af.mo em J. Cristo
Sac. João Bosco

Dia de Maria assunta ao Céu, 15 de agosto de 1875.

(pp. XXXV-XXXVIII)

II. PREGAÇÕES, CONFERÊNCIAS E CIRCULARES AOS SALESIANOS

Dom Bosco pregou um número extraordinário de exercícios espirituais, sobretudo aos seus jovens, mas também aos cristãos adultos e aos seus filhos salesianos. Estes começaram a fazer os exercícios de modo regular em 1886, em Trofarello, depois em Lanzo a partir de 1870. Dom Bosco encarregava-se muitas vezes das instruções práticas, deixando as meditações a algum "teólogo". De tais instruções existem numerosos apontamentos dos ouvintes, mas poucos textos escritos, e na maior parte simples esquemas ⁽¹⁾.

Em compensação as cartas circulares enviadas em diversas circunstâncias a todos os Salesianos foram inteiramente escritas e assinadas por seu próprio punho. Temo-las todas, e a escolha será mais fácil ⁽²⁾.

Mais de uma vez nas suas instruções ou cartas, Dom Bosco narrava algum sonho tido naquela noite ou em noites precedentes. Qualquer que seja a interpreta-

(1) O manuscrito mais interessante é um grande caderno de 14 páginas intitulado *Esercizi di Trofarello* 1869, que contém o esquema de dez instruções, principalmente sobre os votos (já se acham presentes os pensamentos que serão expostos na *Introduzione alle Costituzioni* de 1875), e o de outras três instruções, de 1870 parece (Arquivo 132, E 4; cf MB IX, 985-994).

(2) As circulares de Dom Bosco às casas salesianas foram publicadas em 1896 aos cuidados do P. Paulo Albera, então Diretor espiritual da Sociedade: *Lettere Circolari di Don Bosco e di Don Rua ed altri loro scritti ai Salesiani*, Torino. Nessa coleção faltam, porém, nove circulares anteriores a 1876 (cf. MB X 1095-1110). O P. Eugenio Ceria publicou-as todas nos quatro volumes do *Epistolario*. São umas vinte. Devemos pôr de lado as circulares e recomendações enviadas especialmente aos diretores das casas.

ção que se queira dar a este aspecto da vida do santo ⁽³⁾, é inegável que pelo menos alguns sonhos têm um caráter sobrenatural (citamos o relato do sonho dos nove anos). De qualquer maneira, Dom Bosco servia-se deles para dar preciosos ensinamentos aos seus meninos e aos seus filhos salesianos. Os ouvintes tomaram nota de pelo menos cento e cinquenta sonhos por ele narrados. Possuímos por sorte uma dúzia deles em que o relato é autógrafo (quase todos remontam aos últimos dez anos da vida do santo).

Tanto ao falar como ao escrever aos seus filhos, Dom Bosco preocupa-se com ser santamente eficaz. Serve-se das fontes essenciais: a Escritura, abundantemente citada, e os Padres, conhecidos pelas suas leituras. Gosta de apresentar exemplos concretos. Insiste nas virtudes cotidianas. Apela para a responsabilidade educativa e apostólica. Tudo isso impregnado de uma fé espontânea e intensa.

Nesta série de documentos seguiremos, na medida do possível, a ordem cronológica.

167. Com que disposições entrar na Sociedade

CARTA CIRCULAR, 9 DE JUNHO DE 1867 ⁽¹⁾

Ao P. Rua e aos outros amados filhos de S. Francisco residentes em Turim,

Dentro de pouco tempo a nossa Sociedade será talvez aprovada de maneira definitiva, e por isso precisaria falar com frequência aos meus amados filhos.

(3) Cf. entre outras as reflexões do P. E. Ceria, MB XVIII, 7-13; *Don Bosco con Dio*, Colle Don Bosco 1947, cap. XVII; e de P. Stella. *Don Bosco nella storia*, II, 507-569.

(1) O autógrafo traz a data de 24 de maio; mas, depois de mandar fazer as cópias, Dom Bosco mudou a data escrevendo o nome do destinatário: "Ao P. Rua etc. — Ao P. Bonetti e aos meus filhos de S. Francisco de Sales residentes em Mirabello. — Ao P. Lemoyne e aos meus filhos de S. Francisco de Sales residentes em Lanzo". Era sua assinatura e o pós-escrito: "O Diretor leia e explique quanto necessário". É um dos escritos em que melhor se percebem a humildade do servo e a sua lealdade em aceitar as fadigas e os sacrifícios do serviço. Texto publicado em MB VIII 828-830, e em E. Ceria, Epist. I, 473-475.

Não o podendo fazer sempre pessoalmente procurarei fazê-lo ao menos por carta.

Começarei então dizendo algo da finalidade geral da Sociedade e depois passaremos a falar outra vez das observâncias particulares.

O primeiro objetivo da nossa Sociedade é a santificação dos seus membros. Por isso ao entrar deve cada um desembaraçar-se de qualquer outro pensamento ou preocupação. Quem entrasse para gozar uma vida tranqüila, prosseguir comodamente os estudos, libertar-se das ordens dos pais, ou eximir-se da obediência de algum superior, estaria objetivando um fim desvirtuado, que não seria mais o *Sequere me* do Salvador, pois visaria à própria utilidade temporal, não ao bem da alma. Os Apóstolos foram elogiados pelo Salvador e foi-lhes prometido um reino eterno, não por terem abandonado o mundo, mas porque, abandonando-o, dispunham-se a segui-lo nas tribulações, como de fato aconteceu, consumindo a própria vida nas fadigas, na penitência e nos sofrimentos, padecendo depois o martírio pela fé.

Tampouco tem um bom fim quem entra ou permanece na Sociedade convencido de ser a ela necessário. Gravem todos bem na mente e no coração: a começar pelo Superior geral até ao último dos sócios, ninguém é necessário à Sociedade. Somente Deus deve ser seu chefe, o patrão absolutamente necessário. Por isso os membros da Sociedade devem dirigir-se ao seu chefe, ao seu verdadeiro patrão, ao remunerador, a Deus, e por amor dele é que cada um se deve inscrever na Sociedade; por amor dele trabalhar, obedecer, abandonar quanto possuía no mundo, para no fim da vida poder dizer ao Salvador, escolhido como modelo: *Ecce nos reliquimus omnia et secuti sumus te; quid ergo erit nobis?* (2).

Quando se diz que cada um deve entrar na Sociedade guiado tão-só pelo desejo de servir a Deus com maior perfeição e fazer bem a si próprio, entende-se

(2) *Eis que deixamos tudo para te seguir. Que haverá então para nós?* (Mt 19,27).

fazer a si próprio o verdadeiro bem, bem espiritual e eterno. Quem busca vida cômoda, vida de conforto, não entra com bom fim na nossa Sociedade. Nós pomos como base a palavra do Salvador que diz: "Quem quiser ser meu discípulo, venda quanto possui no mundo, dê-o aos pobres e me siga". Mas aonde ir, aonde segui-lo, se não tinha um palmo de terra onde repousar a cabeça cansada? "Quem quiser ser meu discípulo, diz o Salvador, siga-me com a oração, com a penitência, e especialmente renegue a si mesmo, tome a cruz das tribulações diárias e me siga. *Abneget semetipsum, tollat crucem suam quotidie, et sequatur me*". Mas segui-lo até quando? Até à morte, e, se preciso, até à morte de cruz.

É o que faz na nossa Sociedade quem consome as suas forças ⁽³⁾ no sagrado ministério, no ensino ou outro exercício sacerdotal, até a uma morte mesmo violenta de cárcere, exílio, ferro, água, fogo, e depois de sofrer ou morrer com Jesus Cristo na terra, vai gozar com ele no Céu.

Parece-me ser este o sentido das palavras de S. Paulo quando diz a todos os cristãos: *Qui vult gaudere cum Christo, oportet pati cum Christo* ⁽⁴⁾.

O sócio que entrar com essas boas disposições deve mostrar-se sem pretensões e aceitar com prazer qualquer trabalho que lhe for confiado. Magistério, estudo, trabalho, pregação, confissão, na igreja, fora da igreja, as ocupações mais baixas devem-se assumir com alegria e prontidão de ânimo, porque Deus não olha a qualidade do cargo, mas a finalidade de quem o exerce. Portanto todos os encargos são igualmente nobres, porque igualmente meritórios aos olhos de Deus.

Meus queridos filhos, tende confiança nos vossos superiores; eles devem dar estritas contas a Deus das vossas obras; porque eles estudam a vossa capacidade, as vossas propensões e dispõem delas de maneira com-

(3) "Consumir as forças" até à morte como indica Dom Bosco traduz no seu estilo o *tollat crucem suam quotidie* (cf. Lc. 9,23).

(4) Quem quiser gozar com Cristo deve sofrer com Cristo. A frase precisa de S. Paulo é: *Se morreremos com Cristo, com ele também viveremos* (2 Tim 2,11; cf. Rom 6,8).

patível com as vossas forças, mas sempre como lhes parece ser para a maior glória de Deus e proveito das almas.

Oh! se os nossos irmãos entrarem na Sociedade com tais disposições, as nossas casas tornar-se-ão por certo um verdadeiro paraíso terrestre. Reinará a paz e a concórdia entre os membros de todas as famílias, e a caridade será a veste cotidiana de quem manda, a obediência e o respeito precederão os passos, as obras e até os pensamentos dos superiores. Ter-se-á em suma uma família de irmãos reunidos ao redor do seu pai para promover a glória de Deus na terra e para ir um dia amá-lo e louvá-lo na imensa glória dos bem-aventurados no Céu.

Que Deus vos cumule a vós e vossos trabalhos de bênçãos, e a graça do Senhor santifique as vossas ações e vos ajude a perseverar no bem.

Af.mo em J. C.
Sac. João Bosco

Turim, 9 de junho de 1867. Dia de Pentecostes.

(*Epist. I*, 473-475)

168. A oração e as orações do Salesiano

APONTAMENTOS DE PREGAÇÕES

Os três tipos de orações

(apontamentos de instr., s.d.) ⁽⁵⁾

O demônio esforça-se sempre para impedir-nos a oração. Devemos, pois, combatê-lo, rezando sempre para evitar as ciladas.

(5) Apontamentos autógrafos, numa folha volante de 4 pequenas páginas contendo o roteiro de três instruções. Está sem data, mas parece ser do período 1868-1871; provavelmente foi utilizado mais de uma vez (Arquivo 132, C 3; cf. MB IX, 997; e X 1077). Dom Bosco sintetiza aqui as três formas de oração propostas aos Salesianos. Mas a sua reflexão mais interessante diz respeito às relações estabelecidas entre elas: a oração mental sustenta a oração vocal, e ambas se juntam na oração iaculatória, espécie de oração cordial, cheia de vida, sinal de que o espírito de oração entrou na alma.

Necessidade. — *Sine intermissione orate* (1 Tes 5,17); *petite e accipietis. Qui petit acipit, qui quaerit invenit et pulsanti aperietur* (Mt 7,7-8) ⁽⁶⁾. Chamam-na os Padres a corrente de ouro com que nos elevamos ao céus; escada de Jacó. S. Agostinho chama-lhe pão da alma. Chave do céu; como calor para o corpo (diz) S. Tomás de Villanova; arma do soldado na batalha.

Orações da nossa Sociedade

Oração vocal. — Orações da manhã e da noite. Terço, ângelus, antes e depois das refeições. Missa e Breviário para os que a eles estiverem obrigados. Visita ao SS. Sacramento. Bênção nos dias comuns e festivos. — Antes e depois da comunhão.

Meditação. — Mais breve ou mais longa, fazê-la sempre, com um livro se possível; seja para nós um espelho, diz S. Nilo, para conhecer os nossos vícios, e a pouca virtude, mas não se omitta nunca. O homem que não tem oração é um homem de perdição (S. Teresa). *In meditatione mea exardescet ignis* (Sl 38,4). Oração vocal sem a mental é como um corpo sem alma. Lamento do Senhor: *Populus hic labiis me honorat: cor autem eorum longe est a me* (Mc 7,6).

Jaculatórias. — Reúnem brevemente a oração vocal e mental. S. Boaventura chama-lhes aspirações, porque partem do coração e vão a Deus como um respiro. São dardos de fogo que levam a Deus os afetos do coração e ferem os inimigos da alma, tentações, vícios etc. S. Cassiano recomenda esta: *Deus in adiutorium*.

Todos os que se entregaram ao serviço do Senhor fizeram uso constante da oração mental, vocal, e das jaculatórias.

(Arquivo 132, C 3; cf. MB IX 997)

(6) Tradução das citações em latim: *Orai sem cessar* (1 Tcs 5,17). — *Pedi e se vos dará.* Porque todo aquele que pede, recebe. *A quem bate abrir-se-á* (Mt 7,7-8). Mais adiante: *Na minha meditação o fogo se ateia (no meu coração)* (Sl 38,4; tradução como a entendia Dom Bosco). — *Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim* (Mc 7,6). — *Deus in adiutorim... Ó Deus, vinde logo em meu auxilio* (Sl 38,23 e liturgia).

Os exercícios cotidianos de piedade
(apontamentos de um ouvinte, 1868) ⁽⁷⁾

Nestes dias queria falar-vos também das práticas de piedade da nossa casa, mas vejo que nos faltou o tempo. Havia muita coisa a dizer sobre os votos e a vida religiosa. Todavia acenarei ao menos a algumas coisas. As práticas diárias são a meditação, a leitura espiritual, a visita ao SS. Sacramento e o exame de consciência.

A meditação é oração mental. *Nostra conversatio in coelis est*, diz S. Paulo; e se poderia fazer assim. Escolher o tema que se quer meditar, pondo-se antes à presença de Deus. Em seguida refletir atentamente sobre o que meditamos e aplicar a nós o que serve para nós. Chegar à conclusão resolvendo deixar certos defeitos e exercitar-se em certas virtudes, e depois pôr em prática ao longo do dia o que propusemos pela manhã. Devemos também aceitar em nós afetos de amor, agradecimento, humildade para com Deus; pedir-lhe as muitas graças de que necessitamos; e suplicar-lhe com lágrimas perdão dos nossos pecados. Lembremo-nos sempre de que Deus é pai e nós somos os seus filhos... Recomendo, pois, a oração mental ⁽⁸⁾.

Quem não pudesse fazer a meditação metódica por motivo de viagem, por algum encargo ou negócio que não se possa deixar para depois, faça pelo menos a meditação que eu chamo dos comerciantes. Estes estão sempre a pensar nos próprios negócios onde quer que se encontrem. Pensam em comprar mercadorias, em

(7) O texto anterior era apenas um esquema. Como Dom Bosco o desenvolvia, sabemos-lo pelos apontamentos de um ouvinte dos exercícios espirituais de Trofarcillo, a 26 de setembro de 1868. É uma passagem da pregação de encerramento. Excepcionalmente (pela terceira vez), transcrevemos aqui um texto que não é palavra por palavra o de Dom Bosco. Mas o P. Lemoine, que o publicou nas MB IX, 355-356, garante-nos a sua autenticidade substancial.

(8) A *oração mental* tem, pois, um duplo aspecto, uma dupla função, segundo Dom Bosco. É contemplativa e unitiva, suscitando os "afetos de amor" de um filho para com o seu Pai. Visa também à conversão prática, preparando o esforço espiritual e moral do dia, que constitui o objeto do exame de consciência de todas as noites.

revendê-las com lucro, nas perdas que poderiam sofrer, nas já sofridas e como pôr-lhes cobro, nos lucros conseguidos e nos ainda maiores que poderiam alcançar e por aí a fora ⁽⁹⁾.

Tal meditação é também o exame de consciência. A noite antes de nos deitarmos examinemo-nos se pusemos em prática os propósitos feitos em relação a algum defeito determinado: se saímos lucrando ou perdendo. Uma espécie de balancete espiritual; se verificamos haver faltado aos propósitos, renovem-se para o dia seguinte, até chegarmos a adquirir determinada virtude e extinguir ou evitar determinado vício ou defeito.

Recomendo-vos outrossim a visita ao SS. Sacramento. "O dulcíssimo Senhor Nosso Jesus Cristo acha-se lá em pessoa", exclamava o cura d'Ars; vamos ao pé do Tabernáculo para dizer um *Pater*, *Ave* e *Glória* quando não pudermos fazer mais. Basta isso para nos tornar fortes contra as tentações. Quem tem fé, faz uma visita a Jesus Sacramentado, faz a sua meditação todos os dias, se não o fizer por algum fim mundano, ah! digo eu que é impossível que peque.

Recomendo ainda a leitura espiritual especialmente a quem não fosse capaz de fazer a meditação sem livro. Ler, pois, algum trecho, refletir no que se leu, para conhecer o que devemos corrigir em nossa conduta. Servirá isso para amarmos sempre mais o Senhor e para acumularmos energias para salvar a alma ⁽¹⁰⁾.

Quem pode, faça a leitura e a visita em comum; quem não pode, faça-a privadamente. Pode fazer a meditação também no quarto.

(9) Passagem das mais interessantes para aferrar o espírito de Dom Bosco. Recomenda com razão fidelidade à meia hora de meditação explícita, sem fazer, porém, uma exigência absoluta. Ela pode mudar de forma e invadir o dia inteiro: o salesiano zeloso, todo preocupado em "ganhar almas" no santo mercado da salvação, encontra ocasiões permanentes para pensar em Deus e entreter-se com Ele. É o "espírito de oração", a verdadeira "piedade" salesiana.

(10) A leitura espiritual é concebida aqui como um prolongamento ou forma da própria meditação. Tem as suas duas características: contemplativa (*enamorarmo-nos*) e ascética (*corrigir*).

Lembrai-vos que estamos obrigados também pela regra a rezar todos os dias o terço. Quanta gratidão não devemos manifestar para com Maria SS. e quantas graças tem Ela preparadas para nós! ⁽¹¹⁾

Confessai-vos cada oito dias, mesmo não tenho nada de grave na consciência. E' um ato de humildade dos mais agradáveis ao Senhor, seja porque se renova a dor dos pecados já perdoados, seja porque se reconhece a própria indignidade nos defeitos mesmo leves, nos quais tropeçamos todos os dias. . .

169. "Argumentos para os pregadores dos nossos S. Exercícios" ⁽¹²⁾

1. Paciência em suportar os defeitos dos Irmãos; avisá-los, corrigi-los com caridade, mas prontamente.

2. Evitar as críticas, as recriminações; defender-se uns aos outros, ajudar-nos material e espiritualmente.

3. Nunca nos queixarmos das coisas mandadas, recusadas, do que é apresentado à mesa, das roupas, da escolha dos trabalhos, dos incômodos da vida, da qualidade dos ofícios.

4. Sumo cuidado em fugir e fazer fugir toda ação, palavra escandalosa, ou que se possa interpretar como tal.

5. Não lembre nunca o Salesiano as injúrias recebidas para recriminá-las ou vingá-las. — 6. As coisas esquecidas não devem mais ser lembradas para criticá-las.

(11) Salientamos que o exame de consciência à noite, a visita a Jesus Sacramentado, um pouco de leitura espiritual e o terço, eram práticas cotidianas recomendadas aos bons cristãos, e mais ainda aos jovens das casas salesianas (cf. P. Stella, *Don Bosco nella storia*, II, 283-285).

(12) Minuta de Dom Bosco, uma folha sem data (Arquivo 132, E 3), mas posterior a 1874. Traz no começo esta nota do P. Rua: "O P. Barberis distribua uma cópia a todos os pregadores dos nossos exercícios". Esses argumentos testemunham as preocupações e insistências de Dom Bosco quanto à vida comunitária e apostólica.

7. Solicitude e esforço geral para tornar os Salesianos capazes de cumprir exemplarmente os deveres do próprio estado.

(Arquivo 132, E 3; cf. BM XVIII, 861)

170. Aos primeiros missionários: "Procurai almas"

LEMBRANÇAS, 11 DE NOVEMBRO DE 1875

Na tarde de 11 de novembro de 1875, tinha lugar na Igreja de Maria Auxiliadora de Valdocco uma grandiosa celebração, a partida dos primeiros dez missionários salesianos (seis padres e quatro coadjutores) para a Argentina. Cada um deles recebeu das mãos de Dom Bosco um folheto em que estavam impressas estas "Lembranças". Nelas estão as maiores preocupações do santo: zelo ardente, sobretudo para com os pequenos e os pobres. Temperança, desapego, prudência, caridade e cortesia em todas as relações externas. Caridade fraterna, fé, oração, sacramentos⁽¹³⁾.

1. Procurai almas e não dinheiro, honras, dignidades.

2. Usai de caridade e suma cortesia para com todos, mas fugi as conversas e a familiaridade com pessoas de outro sexo ou de procedimento suspeito.

3. Não façais visitas a não ser por motivo de caridade e necessidade.

4. Nunca aceiteis convites para refeições senão por gravíssimos motivos. Nesses casos, procurai ter um companheiro.

(13) De tais lembranças possuímos uma minuta autógrafa nas últimas páginas de uma pequena agenda usada por Dom Bosco entre os anos 1874-78 (pp. 71-77). É surpreendente encontrá-los neste lugar, escritos a lápis (mas depois corrigidos à pena), depois de endereços de benfeitores, listas de alunos, diversos memoranduns... Pormenores interessantes a destacar: um título *Aos argentinos*, depois cancelado; e sobretudo parece que as lembranças foram escritas em três momentos: as lembranças 1-14, depois das quais Dom Bosco escreveu *Amen*; depois as lembranças 15-18, num primeiro momento numeradas 1-4 e terminadas com um novo *Amen*, depois também cancelado; enfim as duas últimas. A explicação é a seguinte: Dom Bosco escreveu-as no trem numa recente viagem. Citamos essa minuta (Arquivo 132, *Quaderni — Taccuini* 5; cf. MB XI, 389-390; e Epist. II, 516-517.

5. Cuidai de modo especial dos doentes, meninos, velhos e pobres, e ganhareis as bênçãos de Deus e a benevolência dos homens.

6. Sede obsequiosos com todas as autoridades civis, eclesiásticas, municipais e governativas.

7. Encontrando na rua alguma pessoa de autoridade, cumprimentai-a respeitosamente.

8. O mesmo fareis com os eclesiásticos ou com os membros de institutos religiosos.

9. Fugi do ócio e das discussões. Grande sobriedade nos alimentos, bebidas e repouso.

10. Amai, reverenciái, ⁽¹⁴⁾ respeitai as outras ordens religiosas e falai sempre bem delas. É esse o meio de vos fazerdes estimar por todos e promover o bem da congregação.

11. Tende cuidado da vossa saúde. Trabalhai, mas não além do que comportam as vossas forças.

12. Fazei que o mundo conheça que sois pobres, no alimento, na habitação, e sereis ricos diante de Deus, e sereis donos do coração dos homens.

13. Amai-vos, aconselhai-vos e corrigi-vos mutuamente, mas não haja nunca entre vós inveja nem rancor; antes, o bem de um seja o bem de todos; as penas e os sofrimentos de um considerem-se como penas e sofrimentos de todos, e procure cada um afastá-los ou ao menos minorá-los.

14. Observai as vossas Regras e nunca vos esqueçais do exercício mensal da boa morte (Amen).

15. Cada manhã recomendai a Deus as ocupações do dia, especialmente as confissões, aulas, catecismos e pregações.

16. Recomendai constantemente a devoção a Maria Auxiliadora e a Jesus Sacramentado.

(14) Temei: temor reverencial: prestai reverência. (De *vereor*, que tem as duas noções). S. Francisco de Assis na Regra (Testamento do Santo): "Aos sacerdotes todos quero *temer*, amar e honrar como meus Senhores" (nota do P. E. Ceria, Epist. II, 516).

17. Aos meninos recomendai a confissão e a comunhão frequentes.

18. Para cultivar as vocações eclesiásticas inculcai : 1.º amor à castidade; 2.º horror ao vício oposto; 3.º fuga dos maus; 4.º comunhão frequente; 5.º caridade com sinais de carinho e especial benevolência. (Amen).

19. Nas coisas contenciosas, antes de julgar, ouçam-se ambas as partes.

20. Nas fadigas e sofrimentos não nos esqueçamos de que nos aguarda um grande prêmio no Céu. Amen.

(Arquivo 132, *Taccuini* 5; cf. MB XI 389-390).

Ao chefe da expedição, P. Cagliero (mais tarde cardeal), Dom Bosco entregou, na véspera do embarque em Gênova, uma série de recomendações, entre as quais as seguintes:

... 8.º Ninguém exalte o que sabe ou o que faz; no caso prático, faça cada um quanto lhe for possível, sem ostentação.

... Fazei o que puderdes: Deus fará o que nós não pudermos fazer. Confiai em tudo em Jesus Cristo Sacramentado e em Maria Auxiliadora e vereis o que são os milagres.

Eu vos acompanho com as orações, e todas as manhãs vos lembrarei a cada um de vós na S. Missa. Deus vos abençoe aonde quer que fordes; rezai por mim e pela vossa Mãe a Congregação. *Amen.*

Sac. João Bosco
(MB XI 394-395)

Sampierdarena, 13-11-1875.

171. Jesus Salvador, Maria SS. e S. Francisco de Sales invocados para o primeiro Capítulo Geral, set. de 1877

As Constituições aprovadas em 1874 estabeleciam que cada três anos devia reunir-se um Capítulo geral. O primeiro na história da Sociedade salesiana reuniu-se em 1877, após séria preparação. Na noite de 5 de setembro, após o canto do Veni Creator, Dom Bosco abriu o Capítulo com estas palavras diri-

gidas aos seus 23 membros. Elas testemunham a intensidade da sua fé⁽¹⁵⁾.

Damos agora início ao nosso primeiro Capítulo Geral, que desde este momento declaro aberto. Estamos a empreender algo da máxima importância para a nossa Congregação. Trata-se de tomar as nossas regras, e observar o que se pode e deve estabelecer para pô-las em prática de maneira uniforme em todas as nossas casas presentes, e futuras. Todos têm já em mãos os esquemas previamente preparados e impressos: já fizestes as anotações, e recebestes também todas as observações que cada membro da Congregação pode haver-vos apresentado para que sejam propostas ao Capítulo. Não nos resta senão reunir-nos em nome do Senhor, e tratar das coisas que serão propostas.

Diz o Divino Salvador no santo Evangelho que onde houver duas ou três pessoas congregadas no seu nome, ele se encontrará no meio delas. Não temos outra finalidade nestas reuniões que não a glória de Deus e a salvação das almas redimidas pelo precioso Sangue de Jesus Cristo. Podemos, pois, estar certos de que o Senhor se encontrará no meio de nós, e guiará as coisas de modo a produzirem grande bem.

Entendemos neste momento pôr o Capítulo sob a proteção especial de Maria Santíssima; ela é o auxílio dos Cristãos, e nada lhe está tanto a peito quanto ajudar os que não só procuram amar e servir o seu divino Filho, mas se reúnem propositadamente para estabelecer a maneira de fazê-lo amar e servir também pelos outros. Maria é luz dos cegos, peçamos-lhe que se digne iluminar as nossas débeis inteligências durante todo o tempo destas assembléias. S. Francisco de Sales, que é nosso patrono, presidirá as conferências, e esperamos nos obtenha de Deus a ajuda necessária para tomar as resoluções que sejam conformes com o seu espírito. Outra coisa, que também vos recomendo, é que se conserve grande segredo de tudo quanto se tratar

(15) Citamos o texto editado nas *Deliberazioni del Capitolo Generale della Pia Società Salesiana tenuto a Lanzo torinese nel sett. 1877*, Torino 1878, pp. 10-11 (cf. MB XIII, 250-251).

nestas conferências enquanto não se concluírem e não chegar o tempo de lhes dar publicidade.

Desejo insistentemente que se proceda devagar e bem. Uma vez que estamos para isto, deixemos os outros pensamentos e atendamos com seriedade ao nosso escopo. Se não bastarem poucos dias empregaremos outros mais; empregaremos todo o tempo necessário; contanto que tudo se faça à perfeição. Agora vamos invocar a proteção de Maria SS.ma com o canto do *Ave, Maris Stella* . . .

(*Deliberazioni*. . . , pp. 10-11)

172. “A César o que é de César, a Deus o que é de Deus”

Por duas vezes, durante o primeiro Capítulo geral, ofereceu-se a Dom Bosco a oportunidade de precisar o seu pensamento sobre um ponto delicado: entrarem ou não os Salesianos em discussões políticas. Na quarta assembléia, a 7 de setembro de 1877, interveio da seguinte maneira⁽¹⁶⁾:

Sou de parecer de que se nos deixam trabalhar, é precisamente porque a nossa Congregação é de todo alheia à política. Eu queria até que houvesse um artigo nas nossas Constituições que proibisse meter-se de qualquer forma em política, e isso estava nas cópias manuscritas⁽¹⁷⁾; mas quando as nossas Regras foram

(16) As suas palavras foram inseridas na ata, redigida pelo primeiro secretário P. Júlio Barberis: Arquivo 046, *Quaderno 1*, pp. 53-55 (cm MB XIII, 265).

(17) Realmente no texto apresentado em 1864, no fim do capítulo *Scopo di questa Società*, depois do art. 6 sobre o apostolado da imprensa, havia um 7.º artigo assim redigido: “É, porém, princípio adotado e que será inalteravelmente praticado, que todos os membros desta Sociedade se manterão rigorosamente alheios a tudo quanto diga respeito à política. Portanto nem com a palavra, nem com escritos, livros ou imprensa, jamais haverão de tomar parte em questões que, embora só indiretamente, possam comprometer em questões políticas” (MB VII, 874). Para compreender essa tomada de posição e a reação de Roma, tão obstinada como o santo, deve-se lembrar o clima político da Itália nos anos do “Risorgimento”. Nos ambientes católicos, fazer política significava então opor-se globalmente com palavras e atos às autoridades anticlericais. Ora, Dom Bosco, como se vê nessas intervenções, evitava chocar-se frontalmente com o adversário: queria garantir a sua liberdade de trabalhar publicamente pelos jovens; e por outra parte tinha idéias, ao mesmo

apresentadas a Roma, e a Congregação foi pela primeira vez aprovada, o artigo foi tirado pela Congregação especialmente encarregada de examinar as nossas Regras. Quando então em 1870 se tratou de aprovar definitivamente a Congregação e foi preciso enviar novamente as Regras para serem examinadas, eu como se nada tivesse acontecido anteriormente, inseri de novo esse artigo, em que se dizia ser proibido aos Sócios entrar em discussões políticas: cancelaram-no de novo. Eu que estava persuadido da importância disso, em 1874, ano em que se tratava de aprovar cada um dos artigos das Constituições, isto é, tratava-se da última aprovação definitiva, apresentando as Regras à Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, introduzi-o ainda, e novamente foi cancelado, e desta vez o cancelamento foi motivado: É a terceira vez que este artigo é cancelado. Embora de maneira geral pareça possível admiti-lo, acontece que nestes tempos se deve em consciência entrar em política, porque muitas vezes as coisas políticas são inseparáveis da religião. Não se deve, pois, aprovar a exclusão entre os bons católicos. — Assim o artigo foi tirado definitivamente e nós em caso de utilidade e verdadeira conveniência poderemos tratar de coisas políticas; mas fora de tais casos atenhamo-nos sempre ao princípio geral de não nos imiscuirmos em assuntos políticos, e isso nos haverá de ajudar imensamente.

(Arquivo 046 *Quaderno Barberis* 1, pp. 53-55; cf. MB XIII, 265).

A segunda intervenção de Dom Bosco foi na 24.ª assembléa geral, a 4 de outubro de 1877, a propósito do Bollettino Salesiano. Desta vez, expôs de maneira muito clara o próprio pensamento:

O nosso objetivo é mostrar que se pode dar a César o que é de César, sem comprometer nunca a

tempo firmes e conciliadoras, inspiradas no evangelho: sem jamais sacrificar a verdade nem a sua adesão ao Papa e aos bispos, promovia uma atitude de lealdade cívica, e agia sobre as pessoas que estavam no governo para levá-las aos poucos a decisões não hostis e também à conversão espiritual! Cf. E. Ceria, MB XVIII, 10-13 (boa síntese); P. Stella, *Don Bosco nella storia*, II, 73-95; e G. Spalla, *Don Bosco e il suo ambiente sociopolitico*, LDC, Torino 1975.

ninguém; e isso não nos impede absolutamente que demos a Deus o que é de Deus. Nos nossos tempos diz-se que isso constituiu um problema; eu de minha parte acrescentarei que é talvez o maior dos problemas; mas que já foi resolvido pelo nosso Divino Salvador Jesus Cristo. Na prática dão-se sérias dificuldades, é verdade; procure-se então resolvê-las não só deixando intacto o principio, mas com razões e provas e demonstrações dependentes do principio e que expliquem o próprio principio. Meu grande pensamento é este: estudar a maneira prática de dar a César o que é de César ao mesmo tempo que se dá a Deus o que é de Deus.

— Mas, dizem, o governo apóia os maiores corruptos, e por vezes sustentam-se falsas doutrinas e principios errôneos. Diremos então que o Senhor nos manda obedecer e respeitar os superiores *etiam discolis*, enquanto não ordenarem coisas diretamente más ⁽¹⁸⁾. E mesmo no caso de mandarem coisa más, nos os respeitaremos. Não se fará a coisa má; continua-se, porém, a prestar obséquio à autoridade de César, como justamente diz S. Paulo, que se obedeça à autoridade porque porta a espada.

Não há quem não veja as más condições em que versa a Igreja e a Religião nestes tempos. Acredito que de S. Pedro até nós não houve tempos tão difíceis assim. A arte é refinada e os meios são imensos. Nem sequer as perseguições de Juliano Apóstata eram tão hipócritas e prejudiciais. E com isso? Com tudo isso procuraremos em todas as coisas a legalidade, e se nos impuserem taxas, pagar-se-ão, se não se admitirem mais propriedades coletivas, conservá-las-emos como individuais, e se exigirem exames, far-se-ão os exames, se títulos ou diplomas, faremos o possível por conseguí-los, e assim se irá para a frente.

— Mas isso exige fadigas, despesas, cria complicações. — Nenhum de vós pode ver tais coisas como as

(18) Dom Bosco alude ao texto de 1 Pdr 2,18: *Servos, sede obedientes aos senhores com todo o respeito, não só aos bons e moderados, mas também aos de caráter difícil.* O texto de S. Paulo lembrado logo depois é de Rom 13,4.

vejo eu. Antes, nem sequer aludo à maior parte dos imblóglis, para que não se assustem. Suo e trabalho o dia inteiro para colocá-los no devido lugar e evitar os inconvenientes. Entretanto devemos ter paciência, saber suportar e em vez de encher o ar de exclamações lamuriosas, trabalhar a mais não poder, a fim de que tudo marche para a frente.

Eis o que se pretende tornar conhecido pouco por vez e de maneira prática com o *Bollettino Salesiano*. Este princípio com a graça do Senhor, e sem dizer muitas palavras diretamente, havemos de fazê-lo prevalecer e será fonte de bem imenso para a sociedade civil e para a sociedade eclesiástica.

(Arquivo 046, *Quaderno Barberis*, 3, pp. 42-44; cf. MB XIII, 288)

173. Um sonho: S. Francisco de Sales faz-se mestre de Dom Bosco

SONHO DE 9 DE MAIO DE 1879 ⁽¹⁹⁾

Pelas vocações — Grande e longa batalha de meninos contra guerreiros de semblantes vários, diversas formas, com armas estranhas. Ao fim restaram pouquíssimos supérstites.

Outra batalha mais encarniçada e horrível aconteceu entre monstros de forma gigantesca contra homens de elevada estatura, bem armados, treinados. Tinham um estandarte muito alto e largo, em cujo centro estavam pintadas a ouro estas palavras: *Maria auxilium christianorum*. A batalha foi longa, sanguinolenta. Mas os que seguiam o estandarte eram como invulneráveis e tornaram-se donos de vastíssima planície. Juntaram-se a eles os meninos que haviam sobrado da batalha anterior e entre todos formaram uma espécie de exér-

(19) Deste sonho possuímos a minuta de Dom Bosco: seis páginas intituladas: 9 maggio 1879. *Cose future*. O relato é dividido em duas partes, com os títulos: *Per le vocazioni* (pp. 1-2). *Per la Congregazione* (pp. 2-fim) (Arquivo 132, Sogni 4, texto nas MB XIV, 123-125, com inexactidões).

cito, tendo cada um deles na dextra o SS. Crucifixo como arma, na esquerda um pequeno estandarte de Maria A. modelado como acima.

Os novos soldaos fizeram muitas manobras naquela vasta planície, depois dividiram-se e partiram uns para o Ocidente, outros para o Oriente, alguns poucos para o norte, muitos para o sul.

Quando desapareceram, travaram-se as mesmas batalhas, fizeram-se as mesmas manobras, rumando para as mesmas direções.

Conheci alguns dos primeiros recontros; os que sucederam eram-me desconhecidos, mas davam a entender que me conheciam e me faziam muitas perguntas ⁽²⁰⁾.

Pela congregação — Deu-se depois uma chuva de pequenas e esplendentes chamas que pareciam fogo de várias cores. Trovejou e depois o céu serenou e me encontrei num jardim muito ameno. Um homem que tinha a fisionomia de S. Francisco de Sales, ofereceu-me um livrinho sem dizer palavra. Perguntei quem era. — Lê no livro — respondeu.

Abri o livro e me era difícil ler. Pude entretanto notar estas precisas palavras:

Aos noviços: Obediência e diligência em tudo. Com a obediência merecerão as bênçãos do Senhor e a benevolência dos homens. Com a diligência combaterão ou vencerão as insídias dos inimigos espirituais.

Aos professos: Conservar cuidadosamente a virtude da castidade. Amar o bom nome dos Irmãos e promover o decoro da Congregação.

Aos diretores: Todo cuidado, toda fadiga para observar e fazer observar as regras com as quais cada um se consagrou a Deus.

(20) A primeira parte do sonho evoca as lutas sustentadas pelos *jovens* chamados a entrar na Congregação e pelos próprios Salcsianos, não somente quanto ao presente (em 1879, fora da Itália, havia começado a trabalhar apenas na França e na Argentina), mas também quanto ao futuro. Os *muitos ao sul* representam provavelmente a expansão em toda a América Latina.

Ao Superior: Holocausto absoluto para ganhar a si próprio e os seus dependentes para Deus.

Havia muitas outras coisas impressas no livro, mas não pude ler, porque o papel ficou azul como tinta.

— Quem sois vós? — perguntei de novo àquele homem, que me fitava com um olhar sereno.

— O meu nome é conhecido de todos os bons e fui enviado para comunicar-te algumas coisas futuras.

— Quais?

— As já expostas e as que indagares.

— Que devo fazer para promover as vocações?

— Os Salesianos terão muitas vocações com a sua conduta exemplar, tratando com suma caridade os alunos, e insistindo sobre a comunhão freqüente.

— Que se deve fazer na aceitação dos noviços?

— Excluir os preguiçosos e os gulosos.

— Na aceitação para os votos?

— Cuidar que haja garantia quanto à castidade.

— De que maneira se poderá conservar melhor o bom espírito nas nossas casas?

— Escrever, visitar, receber, e tratar com benevolência, e isso com muita freqüência por parte dos superiores.

— Como nos devemos regular nas missões?

— Mandar individuos seguros na moralidade; chamar de volta os que deixassem transparecer alguma grave dúvida; estudar e cultivar as vocações indígenas.

— A nossa congregação vai caminhando bem?

— *Qui justus est justificetur adhuc. Non progredi est retrogredi. Qui perseveraverit salvus erit* ⁽²¹⁾.

— Haverá de crescer muito?

(21) O justo continue a praticar a justiça (Apc 22,11). — Não progredir é retroceder. — Quem perseverar até o fim será salvo (Mt 10,22; 24,13).

— Enquanto os superiores fizerem a sua parte crescerá, e ninguém poder-lhe-á deter a expansão.

— Durará muito tempo?

— A vossa congregação durará até quando os sócios amarem o trabalho e a temperança. Faltando uma dessas duas colunas, o vosso edifício ruirá esmagando superiores e inferiores e os seus seguidores ⁽²²⁾.

Naquele momento apareceram quatro indivíduos portando um caixão de defunto e caminhando na minha direção.

— Para quem é isso? — disse.

— Para ti.

— Logo?

— Não perguntes, pensa somente que és mortal.

— Que queres significar com esse caixão?

— Que deves fazer praticar em vida o que desejas que os teus filhos devem praticar depois de ti. Esta é a herança, o testamento que deves deixar aos teus filhos; mas deves prepará-lo e deixá-lo bem acabado praticado.

— Aguardam-nos flores ou espinhos?

— Muitas rosas, muitas consolações, mas estão iminentes espinhos muito pungentes que haverão de causar em todos profunda amargura e pesar. É preciso rezar muito.

— Devemos ir a Roma?

(22) Em outro sonho narrado no fim dos exercícios espirituais de setcembro de 1876 em Lanzo, uma personagem misteriosa já fizera ver a Dom Bosco a expansão maravilhosa da sua Congregação e lhe havia dito: "É necessário que faças imprimir essas palavras que serão como o vosso lema, a vossa palavra de ordem, o vosso distintivo. Nota-as bem. *O trabalho e a temperança farão florescer a Congregação salesiana.* Farás explicar essas palavras, haverás de repeti-las e insistir. Farás imprimir o manual explicando-as, e que faça compreender bem que o trabalho e a temperança são a herança que deixas à Congregação, e ao mesmo tempo serão também a sua glória" (MB XII, 466; apontamentos do P. Lemoyne).

— Sim, mas devagar, com a máxima prudência e grande cautela.

— Estará iminente o fim da minha vida mortal?

— Não te preocupes com isso. Tens as regras, tens os livros, faze o que ensinas aos outros. Vigia.

Queria fazer outras perguntas, mas ribombou um trovão abafado, com relâmpagos e raios, enquanto alguns homens, ou, diria melhor, alguns monstros horrendos se atiraram contra mim para me estraçalhar. Naquele instante uma negra escuridão não me deixou ver mais nada. Julgava-me morto e pus-me a gritar freneticamente. Acordei e encontrei-me ainda vivo, e eram as 4 : 3/4 da manhã.

Se há algo que possa ser vantajoso, aceitemo-lo.

Seja tudo para honra e glória a Deus por todos os séculos dos séculos ⁽²³⁾.

(Arquivo 132, *Sogni* 4; cf. MB XIV, 123-125)

174. Não se vai de carro para o céu

Em vez de responder individualmente às cartas de boas-festas que lhe enviaram Salesianos e Irmãs Salesianas por ocasião do Natal de 1883 e do ano novo, Dom Bosco, cansado (aproxima-se dos setenta anos), recorreu a uma forma mais solene e mais prática, enviando a todos uma circular (com as devidas variantes para as Filhas de Maria Auxiliadora), cada uma assinada de próprio punho⁽²⁴⁾.

(23) Este sonho dá uma idéia do tipo de ensinamentos, muitas vezes misturados a anúncios proféticos, que Dom Bosco tirava dos seus sonhos. Poder-se-á ler o relato de outros três sonhos famosos dos quais possuímos os autógrafos: *Il giardino salesiano, dialogo con Domenico Savio*, Lanzo, 6 de dezembro de 1876 (MB XII, 586-595, e P. Stella *Don Bosco nella storia*, II, 598-526); *Sogno dei dieci diamanti*, S. Benigno, 10 de setembro de 1881 (MB XV, 183-187 e P. Stella, 526-532); *Viaggio in America del Sud con il giovane Luigi Colle*, Torino, 29 de agosto de 1883 (MB XVI, 385-394). Célebre é também o sonho narrado na carta enviada de Roma aos seus meninos de Turim, a 10 de maio de 1884 (MB XVII 107-114; Epist. IV, 261-269; cf. P. Stella ib 467-469).

(24) Texto autógrafo no Arquivo 131.03; em MB XVII, 15-17; e em Epist. IV, 248-250.

Meus queridos e amados filhos ⁽²⁵⁾,

Experimento grande consolação toda a vez que me é dado ouvir palavras de deferência e afeto que vós, meus queridos filhos, me dirigis. Mas os afetuosos sentimentos que por meio de cartas ou pessoalmente me manifestastes desejando boas-festas e bom ano-novo requerem com razão que vos faça um especial agradecimento, como resposta à vossa demonstração de afeto filial.

Digo-vos, pois, que estou muito contente convosco, pela dedicação com que enfrentais toda a espécie de trabalho, assumindo mesmo grandes fadigas a fim de promover a maior glória de Deus nas nossas casas e entre os meninos que a Divina Providência nos vai dia a dia confiando para que os guiemos pelo caminho da virtude, da honra, pelo caminho do céu.

Mas vós de tantas maneiras e com expressões tão várias me haveis agradecido o que fiz por vós, vos oferecetes para trabalhar corajosamente comigo e comigo partilhar as fadigas, a honra e a glória na terra para conseguir o grande prêmio que Deus preparou para todos nós no céu; dissestes também que não desejas outra coisa senão conhecer o que eu acho bom para vós, e que haveríeis de ouvir e pôr em prática com toda a fidelidade. Aceito com prazer essas preciosas palavras, às quais como pai respondo simplesmente que vos agradeço de todo o coração e que *me haveis de fazer a coisa mais grata do mundo se me ajudardes a salvar a vossa alma* ⁽²⁶⁾.

Bem sabeis, amados filhos, que vos aceitei na Congregação, empreguei constantemente todos os cuidados possíveis para o vosso bem, para assegurar-vos a salvação eterna; por isso se me ajudardes nesta grande empresa fareis quanto o meu coração paterno pode

(25) No texto para as Filhas de Maria Auxiliadora: *Minhas boas e amadas Filhas em J. C.* Na carta foi suprimido o penúltimo parágrafo: *Uma coisa...*

(26) Palavras sublinhadas por Dom Bosco no autógrafo. *Salvar a própria alma* é, para um religioso ou para uma religiosa, viver lealmente e até o fim a própria consagração.

esperar de vós. Podeis facilmente adivinhar as coisas especiais que deveis praticar a fim de ter bom êxito neste grande projeto. Observar as nossas regras, as regras que a Santa Madre Igreja dignou-se aprovar para nossa guia e para o bem da nossa alma e para vantagem espiritual e temporal dos nossos queridos alunos. Estas regras nós as lemos, estudamos, e constituem agora o objeto das nossas promessas e dos votos com que nos consagramos ao Senhor. Portanto recomendo com todo o meu coração que ninguém deixe escapar palavras de desgosto, pior ainda de arrependimento por se haver assim consagrado ao Senhor. Seria isso um ato de negra ingratidão. Tudo o que temos tanto na ordem espiritual como na temporal pertence a Deus; por isso quando na profissão religiosa nos consagramos a Ele, não fazemos senão oferecer a Deus o que Ele próprio por assim dizer nos emprestou, mas que é coisa de sua absoluta propriedade.

Nós portanto, afastando-nos da observância dos nossos votos, fazemos um furto ao Senhor, ao passo que diante dos seus olhos retomamos, esmagamos, profanamos o que lhe havemos oferecido e depositado nas suas santas mãos.

Alguém poderia dizer: Mas a observância das nossas regras custa fadiga. A observância das regras custa fadiga para quem as observa de má vontade, para quem as descuida. Mas nos que se mostram diligentes, em quem ama o bem da alma essa observância se torna, como diz o Divino Salvador, um jugo suave, e um peso leve: *Jugum meum suave est et onus meum leve.*

Meus caros, queremos talvez ir de carro para o céu? Nós nos fizemos religiosos não para gozar, mas para sofrer e conquistar méritos para a outra vida; consagramo-nos a Deus não para mandar, mas para obedecer; não para apegar-nos às criaturas, mas para praticar a caridade para com o próximo, por amor de Deus; não para levar uma vida confortável, mas para ser pobres com Jesus Cristo, sofrer com Jesus Cristo na terra para que sejamos dignos da sua glória no céu.

Coragem, pois, filhos queridos e amados, pusemos mão ao arado, estejamos firmes, ninguém de nós se

volte para trás para olhar o mundo falaz e traidor. Vamos para a frente. Custar-nos-á fadiga, dificuldades, fome, sede e quiçá a morte; nós responderemos sempre: se nos deleita a grandeza dos prêmios, não nos devem absolutamente desanimar as fadigas que devemos suportar para merecê-los. *Si delectat magnitudo praemiorum, non deterreat certamen laborum* (S. Gregório Magno).

Julgo interessante manifestar ainda uma coisa. De todas as partes os nossos Irmãos me escrevem, e eu seria bem feliz se pudesse responder a cada um. Como isso não me é possível, procurarei enviar-vos cartas com maior freqüência; cartas que enquanto me oferecem a oportunidade de abrir-vos o meu coração, poderão também servir de resposta, antes de guia aos que por motivos santos vivem em países distantes e por isso não podem ouvir pessoalmente a voz do pai que tanto os ama em Jesus Cristo.

A graça do Senhor e a proteção da Santa Virgem Maria estejam sempre conosco e nos ajudem a perseverar no divino serviço até os últimos momentos da vida. Assim seja.

Af.mo em J. C.

Sac. João Bosco

Turim, 6 de janeiro de 1884.

(*Epist.* IV, 248-250)

175. Carregar alegremente a cruz

O último encontro de Dom Bosco com as Filhas de Maria Auxiliadora deu-se a 23 de agosto de 1885, em Nizza Monferrato, no encerramento dos exercícos espirituais, nos quais haviam tomado parte umas trezentas Irmãs. Após a cerimônia da vestidura e da profissão, no curso da qual havia benzido os crucifixos, não obstante estivesse muito cansado, consentiu em fazer-lhes uma breve e última conferência. Apresentamo-la aqui quase por inteiro, conforme os apontamentos de uma das ouvintes. É compreensível que tenham ouvido as suas palavras com uma atenção que a emoção tornava mais intensa ⁽²⁷⁾.

(27) O valor desta última conferência nos leva a citá-la embora não tenha sido escrita por Dom Bosco. Existe sob a forma de apontamentos de diversas ouvintes, que divergem quanto a algumas expressões. Citamos a versão mais aceitável, publicada pelo P. Ceria nas MB XVII. 555-556 (uma cópia de apontamentos no nosso Arquivo 112 *Prediche*: outras no Arquivo geral das FMA).

Vejo-vos numa bela idade e desejo que vos possais tornar velhas, sem porém, os incômodos da velhice. Sempre acreditei que poderíamos envelhecer sem ter tantos incômodos; mas compreende-se bem que eles são inseparáveis da idade; os anos passam e vêm os achaques da velhice: tomemo-los como a nossa cruz.

Tive esta manhã a alegria de distribuir cruzes, e desejaria distribuir muitas ainda; mas algumas já a têm, outras a receberão depois. Recomendo-vos que queirais carregá-las todas de boa vontade, e não a cruz que nós queremos, mas a que quer a Santa Vontade de Deus; e carregá-la alegremente, pensando que como passam os anos, passa também a cruz; portanto dizemos: Oh! cruz bendita, agora pesas um pouco, mas este tempo será breve, e esta cruz será a que nos fará ganhar uma coroa de rosas durante a eternidade. Guardai bem isto na mente e no coração e dissei muitas vezes com S. Agostinho: "Oh! cruz santa, faze com que eu sue para carregar-te aqui na terra, contanto que depois de carregar a cruz venha a glória". Sim, ó filhas, carreguemos com amor a cruz e não a façamos pesar sobre os outros, antes ajudemos os outros a carregar a própria. Dissei a vós próprias: Certamente, serei cruz para os outros como os outros são muitas vezes cruz para mim; mas eu quero carregar a minha cruz e não quero ser cruz para os outros. E notai bem que dizendo cruz, não entendo dizer somente a cruz leve que distribuí esta manhã; mas entendo referir-me justamente à cruz que o Senhor manda e que, geralmente, contraria a nossa vontade e não falta nunca nesta vida, especialmente para vós, ó Mestras e Diretoras, que estais particularmente ocupadas também com a salvação dos outros. Quero suportar alegremente e de bom grado esta doença, embora leve, mas que é também cruz, porque é justamente a cruz que o Senhor me manda.

Alguma vez trabalha-se muito e se dá pouca satisfação aos outros; mas trabalhai pela glória de Deus e carregai sempre bem a vossa cruz, porque assim agrada ao Senhor. É verdade, haverá espinhos, mas espinhos que se mudarão depois em flores, e estas durarão por toda a eternidade.

Mas direis : Dom Bosco, deixe-nos uma lembrança! — Que lembrança posso deixar-vos? Eis : vou deixar-vos uma que poderia ser também a última que de mim recebeis; pode acontecer que ainda nos vejamos novamente; mas como vedes, estou velho, sou mortal como todos os outros, e, portanto, não poderei durar muito. Deixarei, pois, uma lembrança, e nunca vos arrependereis de havê-la praticado. Fazei o bem, fazei boas obras; cansai-vos, trabalhai muito pelo Senhor e todas com boa vontade. Oh! não percais tempo, fazei o bem, fazei muito bem, e nunca vos haveis de arrepender de o haverdes feito.

Quereis outra? A prática da santa Regra! Ponde-a em prática a vossa Regra, e vos repito ainda que não vos haveis de arrepender nunca...

Estai alegres, minhas queridas filhas, sãs e santas, e andai sempre de acordo umas com as outras. E aqui teria necessidade de recomeçar a falar-vos, mas já estou cansado e é preciso que vos contenteis com este pouco.

Quando escreverdes aos vossos pais, cumprimentai-os a todos em nome de Dom Bosco, e dizei-lhes que Dom Bosco reza sempre e de modo especial por eles, para que o Senhor os abençoe, faça prosperar os seus interesses e se salvem, a fim de que possam ver no céu as filhas que deram à minha Congregação, tão cara quanto a dos Salesianos, a Jesus e a Maria...

Recebi agora a minha bênção e a de Maria Auxiliadora; vo-la dou para que possais manter as promessas que fizestes nestes dias dos Santos Exercícios Espirituais.

176. Lembranças confidenciais aos diretores salesianos

Esse texto tem uma história, e ela mostra que Dom Bosco lhe deu importância muito grande, a ponto de apresentá-lo, já em 1871, "como Testamento que mando aos Diretores de cada Casa". Foi enviado antes em forma de carta particular ao P. Rua, encarregado aos 26 anos de dirigir o primeiro instituto salesiano fundado fora de Turim, em Mirabello Monferrato (outubro de 1863, cf. MB VII, 524-526, e Epist. I, 288-290). Foi posteriormente um pouco retocado e enriquecido por Dom

Bosco que o fez enviar, copiado a mão (1871, 1876) ou litografado (1876, 1886) aos diretores das obras sucessivas. Contém muitos avisos de pedagogia salesiana. Por isso, não o publicamos por inteiro, mas somente as partes de caráter espiritual; e escolhemos a última edição enviada no "45.º aniversário da fundação do Oratório", 8 de dezembro de 1886⁽²⁸⁾.

Lembranças confidenciais ao Diretor da Casa de . . .

Contigo mesmo:

1. Nada te perturbe⁽²⁹⁾.

2. Evita as austeridades na alimentação. As tuas mortificações consistam na diligência nos teus deveres e em suportar as moléstias causadas por outros. Farás todas as noites sete horas de repouso. Prescreve-se uma hora a mais ou a menos para ti e para os outros, quando houver alguma causa razoável. Isso é útil para a tua saúde e para a dos teus dependentes⁽³⁰⁾.

3. Celebra a santa Missa e reza o Breviário *pie, attente ac devote*. Isso para ti e para os teus dependentes.

4. Nunca omitir a meditação todas as manhãs, e ao longo do dia uma visita ao SS. Sacramento. O resto como está disposto nas Regras da Sociedade.

(28) A carta autógrafa enviada ao P. Rua (que a conservou pendurada à parede do seu quarto) encontra-se agora no museu Dom Bosco de Turim-Valdocco. Outros manuscritos com notas e acréscimos de Dom Bosco e exemplares litografados, no Arquivo 131.02. Edição de 1871 em MB X, 1040-1046, e em P. Braido, *Scritti sul Sistema Preventivo . . .*, Brescia 1965, pp. 282-290. O título completo da edição de 1886, enviada a 8 de dezembro, é: "*Strenna*" de Natal ou seja *Lembranças . . .*

(29) É a célebre máxima de santa Teresa, inspirada pelo evangelho: *Não se perturbe o vosso coração* (Jo 14,1,27). Mas Dom Bosco havia-a recebido do seu mestre e confessor P. Caffasso: "Era familiar para ele o dito de S. Teresa: Nada te perturbe" (G. Bosco, *Biografia del sacerdote G. Caffasso*, Torino 1860, p. 92).

(30) A ascética salesiana é a ascética do zelo incansável e da aceitação das dificuldades cotidianas. Dom Bosco, que não concedia a si próprio mais de cinco horas de sono (cf. o seu sétimo propósito da ordenação), concede sete aos seus filhos. E mostrou-se sempre preocupado com a saúde deles, necessária para o trabalho.

5. Procura fazer-te amar mais que fazer-te temer ⁽³¹⁾. A caridade e a paciência te acompanhem constantemente ao mandar, ao corrigir, e faz com que cada uma de tuas ações e palavras dêem a perceber que buscas o bem das almas. Tolerar qualquer coisa quando se trata de impedir o pecado. Tuas solitudes voltem-se para o bem espiritual, sanitário e científico dos meninos que a Divina Providência te confiar.

6. Nas coisas de maior importância faz sempre uma breve elevação de coração a Deus antes de deliberar. Quando te relatam algo, escuta tudo, mas procura esclarecer bem os fatos e ouvir ambas as partes antes de julgar. Não raro algumas coisas parecem uma trave ao primeiro relato e não passam de palha.

Com os Professores:

1. Procura que aos Professores não falte nada de quanto lhes for necessário para o alimento e a roupa. Leva em conta as suas fadigas, e quando doentes ou simplesmente indispostos, manda logo alguém substituí-los na aula.

2. Fala muitas vezes com eles separada ou simultaneamente; observa não sejam demasiadas as suas ocupações; se lhes falta roupa, livros; se têm alguma pena física ou moral; ou então se em suas aulas têm alunos que precisem de correção ou de especial atenção quanto à disciplina, ao modo e grau de ensinamento. Conhecida alguma necessidade, faz o que puderes para providenciar. (...)

Com os jovens alunos:

... Procura fazer-te conhecer pelos alunos e de conhecê-los, passando com eles todo o tempo possível, empenhando-te em dizer-lhes ao ouvido alguma palavra afetuosa, como bem sabes, à medida que fores desco-

(31) Na carta ao P. Rua e nas cópias de 1871 e de 1875, se lê: "...Faze-te amar *antes de fazer-te temer*"; e na cópia corrigida de 1876: "...*se quiseres fazer-te temer*". Em tais casos amor e temor não se contrapõem.

brindo a necessidade. Esse é o grande segredo que te fará dono do seu coração.

Com os externos:

... 3. A caridade e a cortesia sejam as notas características de um Diretor para com os internos e para com os externos.

4. Em questões de coisas materiais sê condescendente em tudo o que pudeses, mesmo com algum prejuízo, contanto que se afaste qualquer motivo de discussão ou coisa que possa fazer perder a caridade.

5. Se se trata de coisas espirituais, as questões resolvam-se sempre de modo a poderem redundar na maior glória de Deus. Empenhos, caprichos, espírito de vingança, amor próprio, razões, pretensões e também honra, tudo se deve sacrificar para evitar o pecado.

6. Nas coisas de grave importância, é bom pedir tempo para rezar e pedir conselho a alguma pessoa pia e prudente.

Com os da Sociedade:

1. A observância exata das Regras e especialmente da obediência é a base de tudo. Mas que quiseses que os outros obedeçam a ti, sê tu obediente aos teus superiores. Ninguém é capaz de mandar se não é capaz de obedecer.

2. Procura dividir as coisas de maneira que ninguém fique muito sobrecarregado de incumbências, mas faze com que cada um cumpra fielmente as que lhe são confiadas...

4. Abomina como veneno as modificações das Regras. A exata observância delas é melhor que qualquer mudança. O melhor é inimigo do bom ⁽³²⁾.

(32) Esta máxima era das mais queridas a Dom Bosco. Nela revela-se o homem realista: é mais eficiente fazer o "bom" possível hoje que não pensar num melhor "hipotético". Querer modificar as Regras pode ser um pretexto para não praticá-la.

5. O estudo, o tempo, a experiência fizeram-me comprovar que a gula, o interesse e a vanglória foram a ruína de Congregações muito flóridas e de respeitáveis Ordens religiosas. Os anos farão conhecer também a ti verdades que agora talvez te pareçam incríveis.

6. Máxima solicitude em promover com palavras e fatos a vida comum.

No mandar:

1. Nunca ordenes coisas que julgues superiores às forças dos subalternos ou quando prevês que não serás obedecido. Evita ordens inaceitáveis; antes tem o máximo cuidado em favorecer as inclinações de cada um, confiando de preferência os encargos que se sabe sabe serem de maior agrado a este ou àquele ⁽³³⁾.

2. Nunca mandar coisas prejudiciais à saúde ou que impeçam o necessário repouso ou venham a chocar-se com outras incumbências ou ordens de outro superior.

3. Ao mandar usem-se sempre maneiras e palavras caridosas e delicadas. As ameaças, a ira, sobretudo a violência, estejam sempre longe das tuas palavras e atos.

4. No caso de se dever ordenar coisas difíceis ou repugnantes ao subalterno diga-se p. ex.: Poderias fazer isto ou aquilo? Ou então: Tenho uma coisa importante, de que não te queria incumbir, porque é difícil, mas não encontro outro como tu para fazê-la. Terias tempo, saúde; não há outra ocupação que to impeça etc.? A experiência deu a conhecer que modos assim, empregados a tempo, têm muita eficácia.

5. Faça-se economia em tudo, de maneira, porém, que nada absolutamente venha a faltar aos doentes.

(33) Recomendação típica! Dom Bosco insistiu enormemente na obediência e no espírito de fé na obediência. Mas, homem realista que era, sabe muito bem que um educador ou um apóstolo sai-se melhor quando pode valorizar as próprias aspirações e capacidades. Pode por consequência ao superior que leve isso em consideração. De fato, quando a ordem resulta "difícil ou repugnante", emprega-se também o método da caridade salesiana que "ganha o coração", de modo que a coisa é realizada de boa vontade. cf. ponto 4.º.

Faça-se por outra parte notar a todos que fizemos voto de pobreza, por isso não devemos procurar nem desejar comodidades em nada. Devemos amar a pobreza e os companheiros da pobreza. Evitar, pois, toda despesa não absolutamente necessária na roupa, nos livros, na mobília, nas viagens etc.

Este é como um Testamento que mando aos Diretores das Casas particulares. Se tais avisos forem postos em prática, morrerei tranqüilo, porque estarei seguro de que a nossa Sociedade será cada vez mais florescente diante dos homens e abençoada pelo Senhor, e conseguirá o seu escopo, que é a maior glória de Deus e a salvação das almas.

Af.mo em J. C.
Sac. João Bosco

Turim, 1886, Festa da Imaculada Conceição de Maria SS., 45.º aniversário da fundação do Oratório.

(Arquivo 131.02; cf. MB X, 1041-1046)

III. CARTAS A SALESIANOS

As necessidades apostólicas levaram Dom Bosco a escrever muitas cartas aos seus colaboradores imediatos. Isso porque as numerosas viagens e as visitas às casas e aos benfeitores o afastavam de casa, e também porque seus filhos haviam sido enviados pela obediência a trabalhar fora de Turim e até na América.

Tratam em grande maioria de "questões apostólicas", repletas de ordens ou recomendações concretas e precisas. Todavia, mesmo nesse caso, aparece sempre, com a maior espontaneidade, o pensamento de Deus, a sua presença eficaz, o serviço do reino. Desta maneira podemos tocar com a mão este aspecto fundamental da espiritualidade salesiana: trabalhar com "sentido apostólico" verdadeiro, isto é, para Deus e com Deus, mesmo nas coisas mais simples e mais materiais, e no manuseio cotidiano do dinheiro.

Diversas cartas, porém, tratam de problemas de consciência, de vocação, de vida espiritual, sobretudo as escritas a jovens clérigos. Deparamos então o "mestre" de juízo rápido e seguro, que traça em poucas linhas um programa prático, ou prefere deixar maiores esclarecimentos para uma conversa direta.

E, como sempre, evidenciam-se duas riquezas inestimáveis: o carinho paterno, que sabe tocar o coração e estimular as melhores possibilidades do filho, e a alegria delicada que faz experimentar quão belo é servir a Deus como salesiano.

Nesta série de cartas, como nas duas precedentes, seguimos a ordem cronológica, exceto quando parecer mais sugestivo reagrupar algumas.

177. "Faze passar a melancolia com esta canção de S. Paulo

João Bonetti foi um dos "membros fundadores" da Sociedade salesiana (18 de dezembro de 1859) e dos mais eficazes colaboradores de Dom Bosco. Seus dotes de inteligência (polemista nato, escritor brilhante) e sua piedade e zelo puderam manifestar-se nas duas etapas da sua vida salesiana: diretor de Mirabello (1865-1870) e de Borgo San Martino (1870-1877), depois responsável pelo Bollettino Salesiano (desde 1877), diretor geral das Filhas de Maria Auxiliadora (desde 1875) e diretor espiritual da Congregação (desde 1886). Citamos juntas algumas cartas de Dom Bosco relativas à primeira etapa e à fase anterior, quando João era ainda clérigo, sofrendo algumas lutas interiores (Epist. I, 275-276).

Meu car.mo Bonetti,

O que me escreves não deve causar-te a menor inquietação. O demônio vê que lhe queres escapar definitivamente das mãos, por isso esforça-se por enganar-te.

Segue os meus conselhos, e vai para a frente com tranqüilidade. Entrementes poderás fazer passar a tristeza cantando esta canção de S. Paulo: *Si delectat magnitudo praemiorum, non deterreat multitudo laborum. Non coronabitur nisi qui legitime certaverit. Esto bonus miles Christi et ipse coronabit te* (1).

Ou então canta como S. Francisco de Assis:

*Tanto è il bene che m'aspetto
Ch'ogni pena mi è diletto,
Il dolor si fa piacere,
Ogni affanno è un bel godere,
Ogni angoscia allegra il cuor.*

(1) Se apraz a grandeza dos prêmios, não devem assustar as muitas fadigas (S. Gr. M., Hom. 37 in Evang.). Não é coroado senão quem tiver lutado segundo as regras (2 Tim 2,5). Sê bem soldado de Cristo (ib 3), e ele te dará a coroa.

De resto, reza por mim e eu não deixarei de rezar também por ti e de fazer quanto posso para tornar-te feliz no tempo e na eternidade. *Amen*.

Teu af.mo em J. C.
Sac. João Bosco

S. Ignazio, 20 de julho de 1863.

178. "Um doente deve descansar bem, para depois trabalhar"

Em novembro de 1864, o P. Bonetti era prefeito da casa de Mirabello. Dom Bosco, que numa sua visita o havia encontrado aflito e adoentado, mandou-lhe estas normas (Epist. I, 327).

Meu caro Bonetti,

Apenas receberes esta carta, vai ter imediatamente com o P. Rua e dize-lhe francamente que te deixe alegre. Não debes falar de breviário até a Páscoa: isto é, estás proibido de rezá-lo. Reza a tua missa devagar para não te cansares. Todo jejum, toda mortificação no alimento fica proibida. Em suma, o Senhor prepara o trabalho para ti, mas não quer que o comeces senão quando estiveres em perfeito estado de saúde, e especialmente não tossires uma vez sequer. Faze assim e farás o que agrada ao Senhor.

Podes compensar tudo com jaculatórias, com oferecimento ao Senhor dos teus incômodos, com o teu bom exemplo.

Ia esquecendo uma coisa. Leva um colchão para a tua cama, ajeita-o como se faria para um mandrião matriculado; abriga-te bem na cama e fora dela. *Amen*.

Teu af.mo em J. C.
Sac. João Bosco

Turim, 1864.

179. Saber conservar a paciência e saber combater

Duas cartas de encorajamento ao P. Bonetti, que se tornara diretor do colégio de Mirabello e depois de Borgo San Martino (Epist. II, 96 e 169).

Car.mo P. Bonetti,

Estou plenamente de acordo contigo. O *optime* é quanto buscamos, entretanto devemos contentar-nos como o *mediocre* em meio a tantos males. Os tempos são estes. Entretanto os resultados até aqui alcançados devem satisfazer-nos. Humilhem-nos diante de Deus, reconheçamos que tudo vem dele, rezemos e especialmente na santa missa, na elevação da hóstia, recomenda-te a ti mesmo, as tuas fadigas, os teus filhos. Não deixaremos de tomar a seu devido tempo as medidas que poderão contribuir para aumentar o número das vocações; enquanto isso, trabalho, fé, oração...

Turim, 6-6-70.

Se Deus quiser, terça-feira próxima às 11 da manhã estarei em Borgo S. Martino. Prepara, pois, um prato de lamúrias e um saquinho de dinheiro; pegarei um e outro.

Dá a Carones o bilhete incluso. Saúda Caprioglio. Coragem. Lembra-te de que neste mundo não temos tempo de paz, mas de contínua guerra. Teremos um dia a verdadeira paz se combatermos na terra. *Sumamus ergo scutum fidei, ut adversus insidias diaboli certare possimus* ⁽¹⁾.

Af.mo em J. C.
P. J. Bosco

Turim, 27-7-71.

180. "Que todos aqueles aos quais falas se tornem teus amigos"

Dois bilhetes: um para apresentar a lembrança para o novo ano, outro para pedir a revisão de um manuscrito (Epist. II, 434 e 442).

Car.mo P. Bonetti,

Para ti: Faze com que todos aqueles com quem falas se tornem teus amigos.

Deus nos abençoe a todos e crê-me

(1) Muni-vos com o escudo da fé, para que possais resistir às ciladas do demônio (de Ef 6,16 e 11).

Para o prefeito: Entesoure tesouros para o tempo e para a eternidade.

Para os professores, assistentes: *In patientia vestra possidebitis animas vestras* (1).

Para os jovens: Comunhão freqüente.

Para todos: Exatidão nos próprios deveres.

Deus vos abençoe a todos, e vos conceda o precioso dom da perseverança no bem. *Amen*.

Reza pelo teu em J. C.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 30-12-74.

Caro P. Bonetti,

Preciso que com o teu olho de lince e com o teu engenho sagaz dê uma olhada nestas páginas antes de imprimi-las.

Eu as deixo à tua responsabilidade. Faze com que a pedra-pomes não só lixe a madeira, mas a desbaste e depois limpe. Entendes?

Deus nos abençoe a todos e conserva-te muito alegre.

Reza pelo teu pobre, mas sempre teu em J. C.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 15-1875.

181. Programa de vida para um jovem Salesiano

O clérigo Júlio Barberis (que se tornará mestre dos noviços em 1874 e diretor espiritual da Congregação em 1910), por ocasião da profissão havia pedido a Dom Bosco um programa de vida. Eis a resposta (gavasso é a palavra piemontesa que designava a broa distribuída no Oratório para o desjejum) (Epist. I, 372).

(1) É pela vossa paciência que alcançareis a salvação (Lc 21,19).

Car. Júlio,

Eis a resposta que pedes:

1. No café da manhã um *gavasso*, no almoço conforme o apetite, na merenda nada, na ceia de acordo com o apetite mas com temperança.

2. Nenhum jejum, a não ser o da Sociedade.

3. Descansa de acordo com o horário da casa; acordando, põe-te logo a repassar alguma parte dos teus tratados escolares.

4. O estudo essencial é o do seminário, o resto é somente acessório; dedique-se ao primeiro toda a solicitude.

5. Faze tudo, sofre tudo para ganhar almas para o Senhor.

Deus te abençoe e reza pelo

Teu af.mo em J. C.
Sac. João Bosco

Turim, 6-XII-65.

182. Dois modos de pedir obediência

Aproximadas no tempo, as duas cartas seguintes fazem ver como Dom Bosco exigia a obediência. Os dois modos de fazer não se opõem, completam-se. Uma vez Dom Bosco exige uma obediência pronta e sem discussão, quando interesses espirituais estão em jogo: é o caso da primeira carta mandada ao P. Rua de Roma, em 1869. Outra vez não impõe, mas propõe, pedindo o livre assentimento do interessado: é o caso da segunda carta, mandada ao P. Provera, prefeito de Mirabello (Epist. II, 8 e 37).

Car.mo P. Rua,

Por motivos particulares dá ordem para que se suspenda a impressão do vocabulário latino até a minha volta. Dirás depois ao Buzzetti e a outros encarregados da tipografia, que para o futuro não quero mais que se imprima nada sem minha licença, ou então que tenhas recebido faculdade *ad hoc*.

Acho bom, todavia, que se puderes faças uma conferência insistindo na necessidade da obediência de

fatos e não de palavras, notando que não será nunca capaz de mandar quem não é capaz de obedecer.

Tem cuidado da saúde; descansa livremente, cuidado com os alimentos que podem ser nocivos; até à metade de fevereiro suspende as matinas e limita-te às horas, vésperas e completas, mas distribuídas.

(Sem assinatura e sem data)

Car.mo P. Provera

Minha cabeça corre sempre de projeto em projeto; um deles é este.

Se mandássemos Bodratto a Cherasco e tu fosses para Lanzo, que dirias no teu coração? Eu quero fazer isso, mas se 1.º te agrada; 2.º se não tens, mesmo da maneira mais confidencial, alguma observação a fazer em contrário. Faria essa mudança, porque Brodratto tem prática do cultivo da terra e das escolas elementares; em Cherasco as elementares, ao menos por este ano, estão confiadas a professores externos, e não temos ninguém que possa controlar.

Desejo que por agora isso fique só entre nós dois; escreve-me para Trofarello na volta do correio. Deus nos abençoe. *Amen.*

Af.mo em J. C.
Sac. João Bosco

183. A um jovem salesiano desanimado: perseverar

Pedro Guidazio, que viera ao Oratório com 25 anos, pertencia ao pessoal do colégio de Lanzo. Dotado de viva imaginação, sentia-se mal na nova vida e caía no desânimo... Mas teve o dom da perseverança que lhe desejou Dom Bosco, e foi diretor do primeiro colégio salesiano da Sicília, em Randazzo (1879) (Epist. II, 114-115).

Car.mo Guidazio,

Estarás sempre inquieto e diria infeliz enquanto não puseres em prática a obediência prometida e te abandonares inteiramente à direção dos teus superiores. Até agora o demônio te atormentou cruelmente levando-te a fazer o contrário. De tua carta e das conversas que

tivemos não aparece nenhum motivo para dispensar-te dos votos. Caso existissem, deveria escrever à Santa Sé, à qual são reservados. Mas *coram Domino* eu te aconselharia a considerar o *abneget semetipsum* e lembrar que *vir obediens loquetur victoriam* ⁽¹⁾.

Acredita na minha experiência. O demônio quereia enganar-me a mim e a ti; conseguiu em parte contigo; comigo falhou por completo com relação a ti. Tem plena confiança em mim como sempre tive em ti; não de palavras, mas de fatos, de vontade eficaz, de obediência humilde, pronta, ilimitada. São essas coisas que farão a tua felicidade espiritual e temporal e me proporcionarão verdadeira consolação.

Deus te abençoe e te conceda o precioso dom da perseverança no bem. Reza por mim que te sou afetuosamente pai

Turim, 13-9-1870.

Af.mo em J. C.
Sac. João Bosco

184. A um jovem professor salesiano

Hermínio Borio, *jovem inteligente, dotado de força de vontade, era muito querido de Dom Bosco, que o chamava "minha alegria e minha coroa". Aos dezoito anos, foi mandado à casa de Borgo S. Martino, mas não se sentia muito bem aí, e Dom Bosco julgou melhor chamá-lo novamente para o Oratório (primeiro bilhete, Epist. II, 145). Depois, porém, tornou a mandá-lo para Borgo onde foi excelente professor (segunda carta, Epist. II, 447-448). Foi depois diretor de diversas casas e Inspetorias.*

Car.mo Borio,

Precisando dar-te alguma ocupação, e também para que tenhas maior tranqüilidade e comodidade de estudar, acho melhor que venhas aqui à tua antiga gaiola e com o teu inalterável amigo Dom Bosco.

Vem quando quiseres; a cama está preparada.

Deus te abençoe, e tem-me como

Turim, Valdocco, 16-71.

Af.mo em J. C.
Sac. João Bosco

(1) (Quem quiser vir após mim) renegue a si mesmo (Mt 16, 24). . . O homem obediente cantará vitória (Prov 21,28).

Meu caríssimo Borio,

A tua carta muito me agradou. Com ela fazes-me ver que o teu coração está sempre aberto para Dom Bosco. Continua assim e serás sempre *gaudium meum, corona mea*.

Queres alguns conselhos; ei-los:

1. Quando fazes correções individuais, nunca o faças em presença de outrem.

2. Ao dar avisos ou conselhos procura sempre que o avisado se afaste de ti satisfeito e amigo.

3. Agradece sempre a quem te avisa, e recebe as correções com boa disposição.

4. *Lucent lux tua coram hominibus, ut videant opera tua bona et glorificent Patrem nostrum, qui in caelis est* ⁽¹⁾.

Ama-me no Senhor, pede a Deus por mim e Deus te abençoe e te faça santo.

Af.mo em J. C.
Sac. João Bosco

Turim, 28-75.

185. A um jovem salesiano: férias proveitosas

Bilhete enviado ao clérigo José Giulitto, que desejava visitar a família (Epist. II, 181).

Car.mo Giulitto,

Permito que vás de férias por uma semana, contanto que partas, estudes, voltes bom e trabalhes em procurar algum bom aluno e em santificar os teus parentes e amigos. Saúda os teus parentes e especialmente o cônego que te recomendou à casa de Valdocco.

Deus te abençoe, reza por mim que sou teu

Af.mo em J. C.
Sac. João Bosco

Lanzo, 26-9-71.

(1) Ligeira adaptação do texto de Mt 5,16: *Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem vosso Pai que está nos céus.*

186. Uma fraqueza que Dom Bosco não pode vencer

Em dezembro de 1881, Dom Bosco estivera gravemente doente. De Alassio, convalescente, escreve ao P. Rua para dizer da sua alegria ao reencontrar os seus filhos, dos quais, havia já três meses, estava separado (Epist. II, 193-194).

Meu caro P. Rua,

A graça de N. S. J. C. esteja sempre conosco. Já é tempo, car.mo P. Rua, de te escrever algo de positivo a ser comunicado aos nossos amados filhos da Congregação e do Oratório. Graças às muitas orações a minha saúde encontra-se num estado que me permite começar a fazer alguma coisa com um pouco de resguardo; por isso quinta-feira próxima, se Deus quiser, estarei em Turim. Sinto uma grave necessidade de ir. Vivo aqui com o corpo, mas o meu coração, os meus pensamentos e até as minhas palavras estão sempre no Oratório, no meio de vós. É uma fraqueza, mas não posso vencê-la.

Chegarei às 12:20 da tarde, mas desejo que não se prepare recepção nem com aclamações, nem com música, nem beija-mãos. Isso poderia fazer-me mal no estado em que me encontro. Entrarei pela porta da igreja para ir logo agradecer Aquela a quem devo a cura; depois, se puder, direi uma palavra aos jovens, de outra sorte deixaria para depois e iria ao refeitório.

Ao dar estas notícias aos nossos queridos filhos, dirás a eles que agradeço a todos, mas de coração, as orações feitas por mim, agradeço a todos os que me escreveram, e especialmente os que ofereceram a Deus a própria vida pela minha. Sei os seus nomes e não os haverei de esquecer. Quando estiver entre eles espero poder expor uma longa série de coisas, que aqui não posso expor.

Deus vos abençoe a todos, e vos conceda boa saúde com o precioso dom da perseverança no bem. Recebei

as saudações destes irmãos de Alássio, continuai a rezar por mim que com grande afeto me professo em J. C.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Alássio, 9-2-72.

PS. — Dize-me se faz muito frio; e se se faz domingo 18 a festa de S. Francisco de Sales.

187. A um jovem salesiano que venceu a hesitação

O clérigo João Tamietti aos vinte e três anos duvidava ainda da sua vocação. Finalmente decidiu-se a ficar com Dom Bosco. Laureado em letras dois anos depois, tornar-se-á diretor do colégio Manfredini de Este, depois Inspetor na Ligúria (Epist. II, 209).

Car.mo Tamietti,

A tua carta tira-me do coração um espinho, que me impediu de fazer-te o bem que até agora não pude fazer. Está bem.

Estás nos braços de Dom Bosco, e ele saberá como servir-se de ti para a maior glória de Deus e bem da tua alma. Assim que chegares veremos o que fazer. Mas em todos os casos:

1. Desejo que completes o curso de letras.
2. Fica em casa até quando exigir a tua saúde. Quanto mais depressa vieres, tanto mais depressa estarás com quem te ama muito.
3. Providenciaremos quanto à tua irmã: mas debes dizer-me se iria para um convento, ou então se devo procurar-lhe alguma boa família etc.

Deus te abençoe, meu caro, saúda os teus parentes e o teu pároco, reza por mim, que em J. C. sou teu

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 25-4-72.

188. A um noviço: "Agora és pequeno, mas te tornarás grande"

Em 1874, Luís Piscetta era ainda noviço, mas de uma inteligência de escol e apreciador do latim. Com os colegas, havia escrito a Dom Bosco nessa língua. Dom Bosco lhe responde, brincando com o seu sobrenome, como se correspondesse a pisciculus, peixinho. Tornou-se ilustre professor de teologia moral no seminário de Turim, depois membro do Conselho Superior da Congregação (1907) (Epist. II, 356).

Dilecto filio Piscetta in D. S. P.,

Epistolae, quas una cum amicis tuis ad me misisti, gratulanti animo accepi. Perge, fili mi, in sortem, qua Deus ad altiora te vocavit. Nunc parvulus es, ideo collige pisciculos: multi enim sunt apud nos. Cum autem vir factus fueris, Dominus faciet te piscatorem hominum.

Quaere Victorium Pavesio praepceptorem tuum et dic ei me valde pro eo oravisse, specialemque benedictionem pro ipso et pro fratre eius a Supremo Ecclesiae Antistite petiisse.

Vale in Domino et ora pro me ⁽¹⁾.

In Ch. I. amicus
Ioan. Bosco sacerdos

Romae, 22 feb. 1874.

189. A um professor descontente com os seus alunos

O P. José Bertello (que se tornará membro da Academia romana de S. Tomás, Inspetor na Sicília, depois membro do Conselho superior) era em 1875 diretor dos estudos e professor de filosofia no Oratório. Tinha então 27 anos. Pouco satisfeito

(1) "Ao amado filho Piscetta, muito saudar no Senhor. Recebi com prazer a carta que me mandaste juntamente com os teus amigos. Continua, meu filho, na vocação, com a qual Deus te chamou a coisas elevadas. Agora és pequeno, pescas assim somente peixinhos; há-os muitos entre nós. Quando te tornares grande, o Senhor te fará pescador de homens.

Precura o teu professor Vittorio Pavesio e dize-lhe que rezei muito por ele e que pedi ao Sumo Pontífice uma bênção especial para ele e para seu irmão.

Saúdo-te no Senhor e reza por mim".

com os seus alunos, falou com Dom Bosco, que pôs por escrito estes preciosos conselhos (Epist. II, 471).

Car.mo Bertello

Irei fazendo o que posso para despertar amor ao estudo entre os teus alunos; mas tu também faze o que podes para cooperar.

1. Considera-os como teus irmãos; carinho, tolerância, atenção, eis as chaves do coração deles.

2. Fazê-los estudar somente o que podem e não mais. Fazer ler e compreender o texto do livro sem digressões.

3. Interrogá-los com muita freqüência, convidá-los a expor, a ler, a ler, a expor.

4. Encorajar sempre, jamais humilhar; louvar quanto possível sem nunca desprezar, a menos que se queira demonstrar desgosto como — castigo.

Experimenta pôr isso em prática, e depois responde-me. Eu rezarei por ti e pelos teus e tem-me em J. C.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 9-4-75.

190. A um jovem salesiano tomado de dúvida

O clérigo Luis Nai, de vinte anos, ao aproximar-se o dia da profissão perpétua, sentiu-se tomado de uma hesitação nunca dantes experimentada. Era de indole viva. Tranqüilizado por Dom Bosco, será Inspetor na Palestina e no Chile, depois diretor da Casa-Mãe de Turim (Epist. II, 478).

Car.mo Nai,

As preocupações na terra e sobre a terra e os votos que pretendes fazer voam ao trono de Deus; por isso as primeiras não podem de maneira alguma perturbar os segundos. Por isso não temas nada e vai para a frente. Se forem necessárias observações havemos de falar dentro de não muito tempo.

Deus te abençoe, *age viriliter, ut coroneris feliciter* ⁽¹⁾. Reza pelo teu em J. C. sempre

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, Solenidade de Maria A., 1875.

191. "Um missionário deve ser capaz de suportar um pouco de antipatia"

Pouco tempo após sua chegada à América do Sul, um dos primeiros missionários, P. Domingos Tomatis, havia escrito a um amigo que não ia de acordo com um Irmão e que dentro de pouco tempo regressaria à Europa. Soube-o Dom Bosco e mandou-lhe esta carta, tão seca quão amigável. A lição valeu. (Epist. III, 26-27).

Meu caro P. Tomatis,

Tive notícias tuas e experimentei grande satisfação por haveres feito boa viagem e teres boa vontade de trabalhar. Continua. Uma carta que escreveste para Varazze mostrou que não andas às boas com algum Irmão teu. Isso causou má impressão, especialmente por haver sido lida em público.

Escuta-me, caro P. Tomatis: um Missionário deve estar pronto a dar a vida pela maior glória de Deus; e não deve então ser capaz de suportar um pouco de antipatia por um colega, ainda que tivesse grandes defeitos? Ouve, pois, o que diz S. Paulo: *Alter alterius onera portate, et sic adimplebitis legem Christi. Caritas benigna est, patiens est, omnia sustinet. Et si quis suorum et maxime domesticorum curam non habet, est infideli deterior* ⁽²⁾.

Portanto, meu caro, dá-me esta grande consolação, antes faze-me um grande favor, é Dom Bosco que te pede: para o futuro, Molinari seja teu grande amigo, e se não o podes amar porque imperfeito, ama-o por

(1) Comporta-te virilmente, para seres vitoriosamente coroado.

(2) Ajudai-vos uns aos outros a carregar os vossos fardos, e deste modo cumprireis a lei de Cristo (Gál 6,2). A caridade é benigna, é paciente... tudo suporta (1 Cor 13,4.7). Se algum não cuidar dos seus, e principalmente dos de sua casa, é pior que um infiel (1 Tim 5,8).

amor de Deus, ama-o por amor para comigo. Farás assim, não é verdade? De resto estou contente contigo, e todas as manhãs na S. Missa recomendo ao Senhor a tua alma, os teus trabalhos.

Não esqueças a tradução da Aritmética, acrescentando as medidas e pesos da R. Argentina.

Dirás ao benemérito Dr. Ceccarelli que não pude receber o catecismo dessa Arquidiocese, e desejo tê-lo, o pequeno, para inserir os atos de Fé no *Giovane Provveduto* conformes aos diocesanos.

Deus te abençoe, caro P. Tomatis; não te esqueças de rezar por mim, que serei sempre em J. C. teu

Afmo amigo
Sac. João Bosco

Alassio, 7-3-76.

192. O superior é também poeta

No outono de 1876, um grupo de Salesianos passara a dirigir o ginásio de Albano Laziale em condições difíceis. Sobrecarregados de trabalho, pediam reforços. A um deles, o clérigo João Rinaldi, Dom Bosco deu esta lépida resposta (Epist. III, 119).

Car.mo Rinaldi,

Datti pace e sta' tranquillo
Chè D. Bosco pensa a voi,
Vostri affanni sono suoi;
Pronto aita apporterà.

Manderà due campioni;
E' Gerini con Varvello,
Tanto questi quanto quello
Virtù e scienza insegnerà.

Matematico è il primo;
Letterato n'è il secondo.
Ma con volto ognor gio-
condo
Quanto occorre ognum
farà.

Andrà un prete per la Messa
In sollievo a D. Montiglio
Che sebbene sia un buon
figlio
Già comincia a borbottar.

Ma voi siate tutti buoni
Sempre allegri, veri amici,
Ricordando che felici
Rende solo il buon oprar.

Afmo. amigo
Sac. João Bosco

Turim, do Depósito da minha Musa, 27-11-76.

Conserva-te em paz e tranqüilo, porque Dom Bosco pensa em vós, as vossas preocupações são preocupações suas; enviará logo ajuda. Mandará dois campeões: Gerini e Varvello, ambos ensinarão a virtude e a ciência. O primeiro é matemático, o segundo literato. Farão com alegria o que for preciso. Irá um padre para a Missa, a fim de ajudar o P. Montiglio, que apesar de ser um bom filho, começa já a resmungar. Sejam todos bons, sempre alegres, verdadeiros amigos, lembrando que somente as boas ações nos fazem felizes.

193. "Continua, coragem, Deus está contigo"

O coadjutor José Buzzetti era, no Oratório de Valdocco, administrador das Letture Cattoliche, responsável pela livraria e mestre de canto, isso tudo com zelo humilde e sorridente. Dom Bosco chamava-o algumas vezes Romualdo por causa da longa barba que o tornava parecido ao antigo santo monge. De Roma Dom Bosco enviou-lhe este bilhete (Epist. III, 145-146).

Meu caro Romualdo,

A tua carta causou-me prazer, e como nela nada era segredo, dei-a a ler a diversos Prelados que ficaram muito satisfeitos com ela.

Continua, coragem, Deus está contigo. Cumprimenta toda a tua escola musical, e dize-lhes que ao regressar desejo ouvir boa música e lhes darei um calicezinho daquela coisa.

Deus te abençoe, meu caro Buzzetti, faze, ou melhor, fazei uma santa comunhão por mim. Na próxima semana, se Deus quiser, nos havemos de rever.

Sempre em J. C. teu

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Roma, 20-77.

194. Diversos conselhos a um missionário sacerdote

O P. Tadeu Remotti era membro da segunda expedição missionária (1876). Exerceu o seu zelo pastoral em diversas paróquias salesianas de Buenos Aires. Por diversas vezes Dom Bosco enviou-lhe bilhetes para apoiá-lo em seus trabalhos (Epist. III, 235 e 245; IV, 9-10).

Meu caro P. Remotti,

O P. Bodratto está encarregado de dar-te um beliscão, acho que cumpriu o seu dever. Que quer dizer isso? Quando o demônio quer perturbar-te nos teus afazeres, revida-lhe com uma mortificação, com uma jaculatória, trabalhando por amor de Deus. Mando-te dois companheiros que espero te deixarão contente. Tem muita caridade e paciência para com eles. Estou contente contigo. Continua. Obediência na tua conduta. Promover a obediência nos outros; eis o segredo da felicidade na nossa Congregação.

Deus te abençoe e tem-me sempre em N. S. J. C. como

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Sampierdarena, 11 de nov. de 1877.

Car.mo P. Tadeu Remotti,

Muito me agradou a franqueza com que algumas vezes me escreveste. Continua sempre assim. Mas tem como norma alguns avisos que são para ti o meu testamento.

1. Suportar os defeitos alheios mesmo quando nos causam dano.
2. Cobrir as faltas dos outros, nunca brincar com ninguém quando ele fica ofendido.
3. Trabalha, mas trabalha por amor de Jesus; sofre tudo, mas não ofendas a caridade. *Alter alterius onera portate et sic adimplebitis legem Christi* ⁽¹⁾.

Deus te abençoe, ó caro P. Remotti; até à vista na terra, se assim aprouver à vontade divina; diversamente, o Céu está preparado para nós e a Misericórdia divina no-lo concederá.

Reza por mim que agora e sempre serei para ti em J. C.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 31 de dez. 78.

(1) Ajudai-vos uns aos outros a carregar os vossos fardos, e deste modo cumprireis a lei de Cristo (Gál 6,2).

Meu caríssimo P. Remotti,

Recebi mais de uma vez as tuas cartas sempre com grande prazer. Escreve-me mais frequentemente, mas cartas longas. Sei, porém, que trabalhas, e isso serve de desculpa. Enquanto, porém, te ocupas das almas dos outros, não esqueças a tua. O exercício da boa morte uma vez ao mês não deve nunca ser esquecido.

As nossas coisas caminham aqui a passo de gigante. Quando temos um Salesiano capaz, há duas casas que o querem, e alguma vez somos constrangidos a dar duas plantas muito tenras. Por isso deves rezar muito a fim de que Deus no-las faça frutificar.

Deus te abençoe, meu caro P. Remotti, sempre pupila dos meus olhos. Trabalha, o prêmio está preparado, o céu nos aguarda. *Ibi nostra fixa sint corda, ubi vera sunt gaudia* ⁽¹⁾.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 31-81.

195. A um missionário coadjutor desanimado

Bartolomeu Scavini era um dos quatro coadjutores da primeira expedição missionária. Depois de dois anos de difícil trabalho em Buenos Aires, vacilava na vocação. Uma carta paterna de Dom Bosco restituiu-lhe calma e coragem (Epist. III, 247).

Meu caro Scavini,

Chegou-me aos ouvidos que te achas tentado a abandonar a Congregação Salesiana. Não faças isso. Tu, consagrado a Deus com votos perpétuos, tu, Salesiano Missionário, tu, dos primeiros a ir à América, tu, grande confidente de Dom Bosco, quererás agora voltar àquele mundo onde são tantos os perigos de perversão? Espero que não farás tal despropósito. Escreve as razões que te perturbam, e eu qual pai darei ao filho

(1) Estejam os nossos corações voltados para onde estão as verdadeiras alegrias (liturgia).

amado conselhos capazes de torná-lo feliz no tempo e na eternidade.

Deus te abençoe e acredita-me sempre em J. C.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 1.º de dez. de 77.

196. A um missionário tentado: Coragem, avante!

Pela delicadeza do argumento, o editor das cartas omitiu o nome (Epist. III, 271-272).

Meu caro D.,

Deus te permite uma grande prova, mas terás com ela um grande lucro. A oração superará tudo. Trabalho, temperança especialmente à noite, não fazer repouso durante o dia, não passar nunca de sete horas na cama, são coisas utilíssimas.

Principiis obsta ⁽¹⁾; por isso apenas percebes que estás tentado põe-te a trabalhar; se de dia, a rezar, se de noite, não suspendas a oração, senão quando vencido pelo sono. Põe em prática estas sugestões; eu te recomendarei na santa Missa, Deus fará o resto. Coragem, caro P...; fecha o coração ⁽²⁾, espera no Senhor e vai para a frente sem te inquietar.

Reza por mim que serei sempre para ti em J. C.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Roma, 12-78.

(1) *Lutai contra o mal desde o seu início*. Hemistíquio do poeta Ovídio (Rem. Am., 91-92). O dístico continua assim: "*Sero medicina paratur, — Cum mala per longas convaluere moras*" (Baldadamente pretendereis dar-lhe remédio, se um largo intervalo lhe tiver permitido ganhar força).

(2) Às afeições perigosas.

197. Cartas a três novos diretores

Dom Bosco, mesmo de longe, acompanhava e apoiava cada um dos diretores das suas casas, quase sempre muito jovens. P. José Bologna, de prefeito externo no Oratório de Valdocco, fora nomeado diretor do novo Oratório de S. Leão de Marselha. Assim que partiu, Dom Bosco enviou-lhe a Nizza Mare palavras paternas de despedida (Epist. III, 356).

Car.mo P. Bologna,

Incluo aqui três cartas que depois de leres fecharás e levarás ao destino.

Vai in nomine Domini.

Quando podes, economiza; se tens necessidade, pede e o papai dará um jeito de providenciar.

Vai como pai dos Irmãos, como representante da Congregação, como querido amigo de Dom Bosco.

Escreve muitas vezes o branco e o preto ⁽¹⁾. Ama-me em J. C. Deus te abençoe, os nossos Irmãos, as tuas obras e reza por mim que serei sempre teu

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 25-6-78.

O P. Bologna tinha trinta anos quando foi enviado a Marselha. O P. Pedro Perrot tinha 25 quando nomeado diretor da nova escola agrícola de La Navarre, perto de Toulon. Ficou assustado ao pensar na sua pouca experiência e nas dificuldades do momento. Como o P. Bologna, será inspetor do Sul da França (Epist. III, 359).

Meu caro P. Perrot,

Também eu sei que és jovem, e por isso precisarias ainda de estudo, de prática sob a guia de um bom mestre. Mas então? S. Timóteo chamado a pregar J. C., embora mocinho, pôs-se logo a pregar o reino de Deus aos Hebreus e aos Gentios.

Vai, pois, em nome do Senhor; vai, não como Superior, mas como amigo, irmão e pai. O teu comando

(1) Isto é. o belo e o feio, o bom e o mau.

seja a caridade que se empenha em fazer bem a todos, mal a ninguém.

Lê, medita, pratica as nossas regras. Isso é para ti e para os teus.

Deus te abençoe e contigo abençoe todos os que contigo irão a Navarra e reza por mim que serei sempre para ti em J. C.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 2-7-78.

Também o P. João Marengo não tinha mais que 25 anos quando Dom Bosco o nomeou diretor em Lucca. Contra o novo Oratório de S. Cruz a imprensa anticlerical investiu furiosamente, atirando o povo contra os Salesianos. O P. Marengo não se perturbou. Pediu, porém, ajuda de pessoal a Dom Bosco. Será procurador da Congregação em Roma, bispo de Massa Carrara e internúncio na América Central (Epist. III, 365).

Li tudo e contaram-me tudo. Alguma prova é necessária para demonstrar um pouco a fé. Mas não temas, a ajuda de Deus não nos faltará.

Receberás ajuda de pessoal e estou empenhado em que nada te falte. Se não se pode ter logo tudo, tem paciência. "Pelo caminho a mercadoria se acomoda",⁽¹⁾ dizem os Romanos.

Oração, fé, e confiança nos nossos benfeitores. Estou preparando algumas cartas, mas começa a cumprimentar em meu nome os que fazem bem, garantindo-lhes que pela manhã e pela noite fazemos por eles orações especiais no altar de Maria Auxiliadora.

Dirás a Cappellano e a Baratta que lhes quero muito bem, que nunca os esqueço na Santa Missa, mas que se mantenham muito alegres, queiram-se todos bem e rezem também por mim.

Deus te abençoe, ao Oratório nascente e a todos os nossos benfeitores e tem-me sempre em J. C. qual

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 22-7-78.

(1) Ao correr da carreta, as abóboras se ajeitam.

198. Os noviços, “alegria e coroa” de Dom Bosco

Citamos antes uma carta mandada ao P. Barberis. Encontrando-se com Dom Bosco aos 13 anos (1861), ouvira estas palavras: “Serás meu ajudante”. Escolhido aos 27 anos para mestre dos noviços (chamados então “inscritos”), trabalhou nesse encargo por vinte e cinco anos. Muitas vezes Dom Bosco pedia-lhe notícias dos “queridos inscritos” (Epist. III, 434).

Caríssimo P. Barberis,

Outras coisas para nós, à parte. Espero que os nossos caros inscritos, pupila dos meus olhos, estejam gozando de boa saúde e que porfiem com o seu fervor em extinguir o frio que naturalmente se sente nesta estação. Dirás a eles que são *gaudium et corona mea*. Coroa de rosas, não certamente de espinhos. Não haja nunca aspirante Salesiano que com o seu mau procedimento crave um espinho no coração de Dom Bosco que lhes é pai muito afeiçoado. Isso não acontecerá nunca, antes estou certo que todos porfiarão com suas orações e comunhões em consolar-me com seu procedimento exemplar...

Dirás ao P. Depert que me santifique a sacristia e todos os que nela entram; a Palestrino sacristão, que se torne bom; a Júlio Augusto⁽¹⁾, que esteja alegre; ao P. Rua, que procure dinheiro; ao Sr. Conde Cays, que tenha cuidado com a sua saúde como ele faria comigo.

Deus vos abençoe a todos e a todos conceda a graça de bem viver e bem morrer. Deus conceda essa graça especialmente àquele que não encontrarei mais na minha volta a Turim⁽²⁾. Considera-me sempre em J. C.

Teu afeiçoado amigo
Sac. João Bosco

Marselha, 10 de janeiro de 1879.

(1) O P. Depert era encarregado da sacristia, e Palestrino o sacristão-mor. Júlio era o varredor da casa. O nome sugeriu a Dom Bosco a brincadeira de acrescentar Augusto.

(2) P. Remondino, sacerdote aspirante, morto dia 1.º de fevereiro seguinte.

Outra carta ao mestre dos noviços, enviada de Roma. Nesse tempo, os noviços continuavam os estudos e deviam fazer os exames semestrais.

Car.mo P. Barberis,

Enviei uma bênção do S. Padre para todos, mas de modo especial para os nossos queridos noviços. Ele com muito gosto conversou sobre eles, e eu mesmo quero comunicar as suas palavras pessoalmente em S. Benigno. Mas tu podes garantir-lhes que o S. Padre nos quer muito bem e toma muita parte em nossas coisas.

Dirás que fiquei contente com os exames, seja dos que alcançaram boas notas, como dos que têm firme propósito de conseguí-las em outro exame.

Itaque, filioli, mei gaudium meum et corona mea, sumite omnes scutum fidei, ut contra insidias diaboli certare possitis. Sed ipse Dominus Jesus factus est pro nobis obediens usque ad mortem, ut et nos per obedientiam et mortificationem introire possimus cum ipso et per ipsum in gloriam Patris nostri, qui in coelis est. Igitur pugnate viriliter, ut omnes coronemini feliciter.

Sacrosanctam communionem ad mentem meam facite et ego in missae sacrificio quotidie vestrum recordabor.

Gratia D. N. J. Ch. sit semper vobiscum. Vale et valedic.

Amicus tuus

Joannes Bosco Sacerdos

Romae, 16 ap. 80.

Entretanto, meus queridos filhos, minha alegria e minha coroa (Flp 4,1), empunhai todos o escudo da fé (Ef 6,16) para poder combater contra as insidias do demônio. Mas o próprio Senhor Jesus se fez obediente até à morte (Flp 2,8), a fim de que nós também mediante a obediência e a mortificação Possamos entrar com ele e por ele na glória do nosso Pai, que está nos céus. Combatei, pois, virilmente para serdes merecidamente coroados. Fazei uma santa comunhão segundo a minha intenção e eu me lembrarei todos os dias de vós no sacrificio da missa. A graça de N. S. J. C. esteja sempre convosco. Saúdo-te e tu, por tua parte, saúda.

199. Bilhete a um jovem salesiano: “Se me amas. . .”

Eugênio Armelonghi, *clérigo, era professor no colégio de Borgo S. Martino. Dom Bosco enviou-lhe este delicado bilhete em latim (Epist. III, 446).*

Si diligis me, praecepta mea servabis. Praecepta mea sunt nostrae Constitutiones. Gratulor tibi eo quod valens et adolescentuli tui in scientia et pietate concrescant. Deus te benedicat. Ora pro me ⁽¹⁾.

Amicus tuus
Sac. João Bosco

Alassio, 9 fev. 79.

200. Ao diretor de Varazze: “Governa bem os teus tentilhões”

O P. José Monateri *era em 1880 diretor do colégio cívico de Varazze. Tinha 33 anos e Dom Bosco o ajudava com diretrizes precisas (Epist. III, 590).*

Car.mo P. Monateri,

É preciso responder adequadamente quando se pode, e tu tem paciência. Direi, pois:

1. Ao nosso bom amigo, futuro pároco de Varazze, não posso por enquanto conceder outro padre, senão a ajuda que os nossos padres do colégio puderem dar-lhe e o farão por certo dentro das possibilidades.

2. O jovem Fassio da 5.^a tenha a bondade de repetir a carta, porque, embora me pareça havê-la recebido, não posso encontrá-la no *mare magnum* destes papéis.

3. De todo o coração abençõe e rezo pelo menino Cirilo Corazzale e pelo seu irmãozinho de três anos, doente.

(1) Querido filho Armelonghi, se me amas, farás o que eu mandar. E o que quero são as nossas Constituições. Alegro-me por estares bem e pelo progresso dos teus jovens no saber e na piedade. Deus te abençoe. Reza por mim.

4. Peça a Deus que te dê saúde, ciência e santidade para governares bem os teus tentilhões e fazeres deles outros tantos S. Luíses, e intrépidos Salesianos.

Deus te abençoe, sempre querido P. Monateri, e contigo abençoe todos os nossos caros Irmãos e alunos e rezai também por mim que serei sempre em J. C.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 8-6-80.

201. Bilhetes a três jovens missionários

José Quaranta (*cf. n.º 68*), Antônio Paseri e Bartolomeu Parnaro eram três jovens Salesianos que haviam partido para a Argentina antes do sacerdócio. Dom Bosco anima-os afetuosamente. Tornaram-se, os três, valorosos missionários (*Epist. IV, 10-12*).

Meu caríssimo Quaranta,

Tive notícia de que estás bem de saúde e que fazes o que podes. Isso muito me agrada. Estudo e piedade farão de ti um verdadeiro Salesiano. Mas não esqueças que deves antes assegurar a tua alma e depois ocupar-te em salvar as almas do próximo. O exercício da boa morte e a comunhão freqüente são a chave de tudo.

Estás bem de saúde agora? Estás sendo bom de fato? A tua vocação se conserva? Achas que estás preparado para as ordenações? Eis o tema da carta que fico aguardando.

Deus te abençoe, meu querido 40, coragem e reza por mim que serei sempre em J. C. teu

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 31-81.

Caríssimo Paseri,

Tu, meu caro Paseri, foste sempre a delícia do meu coração, agora amo-te ainda mais, porque te dedicaste totalmente às Missões, o que equivale a dizer: abando-

naste tudo para te consagrares todo à conquista das almas.

Coragem, pois, meu caro Paseri. Prepara-te para ser um bom padre, um santo salesiano. Eu rezarei muito por ti, mas tu não esqueças este teu grande amigo.

A graça de N. S. J. C. esteja sempre conosco, nos torne fortes nas tentações e nos garanta o caminho do céu.

Reza por mim que serei sempre nos Sagrados Corações de J. e de M. teu

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 31-81

Ó meu caro Panaro, que estás fazendo? Vais avante no estudo e na piedade. Eu o espero e por isso recomendo-te que continues à custa de qualquer sacrifício. Mas não esqueças o grande prêmio que Deus já tem preparado para nós no céu.

Obediência e o exercício da boa morte constantemente. Eis tudo.

Deus te abençoe, meu sempre querido Panaro, sê o modelo dos Salesianos e reza por mim que serei em J. C. teu

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 31-81.

202. “Colocai os vossos espinhos com os da coroa de Jesus”

A 16 de julho de 1875, Madalena Martini, de 24 anos de idade, abandonando as comodidades de uma família rica, entrou na casa de Mornese, obrigando-se a viver a vida dura dos primórdios da Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora. Teve um primeiro momento de crise, da qual a ergueu a palavra forte de Dom Bosco. Quatro anos depois, partia para a Argentina como superiora. (Epist. II, 491-492).

Dileta filha em J. C.,

A vossa ida para Mornese deu tamanha bofetada no mundo, que ele mandou o inimigo das nossas almas perturbar-vos.

Mas vós escutais a voz de Deus, que vos chama para vos salvar por um caminho fácil e plano, e desprezais toda sugestão contrária. Antes deveis estar contente com as perturbações e inquietudes que experimentais, porque o caminho da Cruz é o que vos conduz a Deus. Pelo contrário, se vos tivésseis encontrado logo alegre e contente, haveria a temer algum engano do inimigo maligno. Portanto lembrai :

1. Não se vai à glória, se não com grande fadiga;
2. Não estamos sozinhos, pois Jesus está conosco e S. Paulo diz que com a ajuda de Jesus nos tornamos todo-poderosos;
3. Quem abandona pátria, parentes e amigos e segue o divino Mestre, tem assegurado um tesouro no céu, que ninguém lhe poderá roubar;
4. O grande prêmio preparado no céu deve animar-nos a tolerar qualquer pena na terra.

Coragem, pois; Jesus está conosco. Quando tiverdes espinhos, colocai-os com os da coroa de Jesus Cristo.

Eu vos recomendo a Deus na S. Missa; rezai também por mim, que sou sempre em J. C.

Vosso humil.mo servo
Sac. João Bosco

Turim, 8 de agosto de 1875.

203. Bombons a distribuir, "amaretti" a conservar

S. Maria Domingas Mazzarello morreu a 14 de maio de 1881. A 12 de agosto seguinte Irmã Catarina Daghero foi eleita Superiora Geral, em Nizza Monferrato. Dom Bosco, que havia presidido a reunião, mandou-lhe uma caixa de bombons e outra de "amaretti" (biscoito típico italiano, com sabor de amêndoa), acompanhadas de uma cartinha (Epist. IV, 76).

Rev.da Madre Superiora Geral,

Eis alguns bombons para distribuir às vossas filhas. Conservai para vós a doçura que se deve praticar sempre e com todos; mas disponde-vos a receber os "amaretti", ou melhor, os bocados amargos, quando a Deus aprouver mandar-vos.

Deus vos abençoe e vos dê virtude e coragem para vos santificardes a vós e a toda a comunidade a vós confiada.

Rezai por mim que sou em J. C. vosso

Humilde Servo
Sac. João Bosco

Nizza Monferrato, 12 de ag. de 1881.

204. "Não mando dizer, digo-o eu mesmo"

Madre Daghero havia escrito a Dom Bosco sobre certas bisbilhotices que corriam pelas sacristias de Nizza Monferrato a respeito das Irmãs. Receava haver-lhe causado desgosto. O santo esclarece sua maneira de comportar-se (Epist. IV, 244-245).

Rev.da Senhora Madre Geral,

Recebi os vossos cumprimentos e os das vossas Irmãs e educandas.

Agradeço-vos de coração e peço a Deus que vos pague largamente a caridade que tendes para comigo com as vossas orações.

Não ligueis ao que alguns andam espalhando sobre nossas casas. São coisas vagas, não compreendidas, expostas com sentido diverso. Por isso quem quer alguma coisa, que o diga e fale claro.

Ficai sossegada; quando tenho alguma coisa necessária, não vo-la mando dizer, mas eu próprio a digo, ou escrevo.

Deus vos abençoe e dê a perseverança a vós, às vossas Irmãs e a todas as educandas a vós confiadas; crede-me em J. C.

Humilde Servo
Sac. João Bosco Reit.

Turim, 25 de dez. de 83.

205. Empenhar-se como religiosa é coisa que se deve levar a sério

Eulália Bosco era sobrinha segunda de Dom Bosco, filha de Francisco, um dos filhos do irmão José. Ao encerrarem-se os exercícios espirituais de 1882 em Nizza Monferrato, encontrava-se entre as novas noviças das Filhas de Maria Auxiliadora. De Pinerolo, onde repousava, o tio mandou-lhe esta carta rica de doutrina. Eulália foi depois membro do Conselho Superior das FMA (Epist. 289-290).

Minha Boa Eulália,

Dei graças ao Senhor quando tomaste a resolução de te fazeres religiosa; agora de coração agradeço a Ele haver-te conservado a boa vontade de romperes definitivamente com o mundo e de te consagrares totalmente ao bom Jesus. Faze de bom grado essa oferta, e reflete na recompensa que é o cêntuplo na vida presente e o verdadeiro prêmio, o grande prêmio na futura.

Mas, minha boa Eulália, isso não deve ser brinquedo, mas coisa séria. E lembra-te das palavras do pai da Chantal, quando se encontrava em caso semelhante: O que se dá ao Senhor não se deve nunca retomar.

Tem em mente que a vida religiosa é vida de contínuo sacrifício, e que cada sacrifício é largamente recompensado por Deus. Somente a obediência, somente a observância das regras, somente a esperança do prêmio celeste são o nosso conforto no curso da vida mortal.

Recebi sempre as tuas cartas e com prazer. Não respondi porque me faltou tempo.

Deus te abençoe, Eulália, Maria seja a tua guia, o teu conforto até ao céu. Espero que nos veremos ainda na vida presente: senão, adeus, havemos de ver-nos a falar de Deus na vida bem-aventurada. Assim seja.

Desejo todas as bênçãos à Madre Geral e a todas as Irmãs, noviças, postulantes de Maria Auxiliadora. Sou devedor de uma resposta à Madre e o farei. Reza por mim e por toda a nossa família e tem-me sempre em J. C.

Pinerolo, 20 de agosto de 1884.

Af.mo tio
Sac. João Bosco

206. As verdadeiras penitências salesianas

O P. Nicola Fenoglio, da casa de Este, fazia penitências extraordinárias, com perigo da saúde. Dom Bosco lembra-lhe quais as verdadeiras penitências salesianas (Epist. IV, 152-153).

Car.mo P. Fenoglio,

Louvo o teu desejo de fazer e sofrer alguma coisa para a maior glória de Deus; mas antes de vir aos fatos desejo que falemos alguns instantes pessoalmente. Fá-lo-emos por ocasião dos Exercícios Espirituais que fixarás como melhor te parecer.

Entrementes procura exercitar-te na virtude da caridade, da paciência e da doçura de S. Francisco de Sales.

Toma o calor, o frio, a sede, os desgostos como outros tantos presentes que o Senhor te dá.

O resto, quando te expuser meus pontos de vista a teu respeito.

Deus te abençoe e te ajude a caminhar pelo caminho do céu. Pede ao Senhor por mim que serei sempre em J. C.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 13-7-82.

207. "A vossa partida despedaçou-me o coração"

O P. Tiago Costamagna partira em 1877 como chefe da terceira expedição missionária. Voltou a Turim em agosto de 1883 para participar do terceiro Capitulo Geral da Congregação, e em novembro tornava a partir com um novo grupo, acompanhado pelo P. Cagliero até Marselha, onde o apanhou esta carta comovente. O Sr. Bergasse e Madame Agata Jacques eram benfeitores marseheses. O sonho a que se alude no P.S. é o famoso sonho sobre o futuro das missões salesianas em toda a América do Sul, visto juntamente com o jovem Luis Colle; Dom Bosco o havia contado a 4 de setembro aos membros do Capitulo Geral, e imediatamente o P. Lemoyne o escrevera (cf. MB XVI 385-394). O P. Costamagna tornou-se depois o primeiro vigário apostólico de Mendez no Equador (Epist. IV, 240-241).

Meu caro P. Costamagna,

Vós partistes, porém me despedastes realmente o coração. Procurei animar-me, mas sofri e não me foi possível conciliar o sono toda a noite. Hoje estou mais calmo. Deus seja bendito.

Aqui estão imagens para os Irmãos da nossa ou melhor da tua Inspetoria. Para a do P. Lasagna fica para outra vez. Junto uma carta ao Sr. Bergasse. Se surgir alguma dificuldade, conta comigo sem reserva.

Cumprimenta Madame Jacques, garantindo-lhe que a primeira selvagem que à vossa chegada for batizada na Patagônia, se chamará Ágata.

Deus te abençoe, sempre querido P. Costamagna, e contigo abençoe e proteja todos os meus caros filhos que te acompanham. Maria vos proteja e vos conserve a todos no caminho do céu. Boa viagem.

Estou aqui com uma verdadeira multidão que reza por Vós. *Amen.*

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 12 de nov. de 83.

NB. — O sonho do P. Lemoyne deve ser corrigido em algumas coisas e o verás.

208. “Quero que todos os meus filhos sirvam a Deus com santa alegria”

O clérigo João Beraldi pertencia ao colégio Pio IX de Almagro (Buenos Aires). Nas suas dificuldades e angústias de espírito, dirigiu-se ao seu pai. Este, velho e cansado, mandou-lhe esta resposta (Epist. IV, 343).

Caríssimo Cl. Beraldi,

Chegou-me, muito agradável, a tua cartinha de agosto. Não te inquietes se não escrevo: já ando impossibilitado de fazê-lo pelos meus incômodos corporais. Estou quase cego e quase incapaz de caminhar, escrever, falar. Que queres? Estou velho, e seja feita a santa vontade de Deus. Porém todos os dias rezo por ti, e

por todos os meus filhos, e quero que todos sirvam de bom grado a Deus com santa alegria, mesmo em meio a dificuldades e provocações diabólicas; elas se devem afugentar com o sinal da S. Cruz, com *Jesus, Maria, misericórdia*, com *viva Jesus* e sobretudo com desprezá-las, e com o *vigilate et orate* e com a fuga do ócio e de toda ocasião próxima. Quanto aos escrúpulos, somente a obediência ao teu Diretor, aos teus Superiores, pode fazê-los desaparecer; não esqueças por isso que *vir obediens loquetur victoriam*.

Estou de acordo com que promovas a devoção ao SS. Sacramento. Procura ser e tornar os teus alunos verdadeiros filhos devotos de M. SS. e amantes de Jesus Sacramentado, e com o tempo e a paciência, *Deo iuvante*, fareis maravilhas.

Coragem, pois. Faze e suporta tudo para agradar a Deus, para fazer a sua santa vontade, e prepararás um tesouro de méritos para a tua bem-aventurada eternidade. O apoio das minhas orações não te faltará. Deus te abençoe, abençoe todos os teus alunos e Maria SS. Auxiliadora vos proteja a todos e guie no caminho do Céu.

Reza tu também pelo teu amigo e pai

Af.mo em J. e M.
Sac. João Bosco

Turim, 5 de outubro de 1885.

209. “Nada temas, Deus está conosco”

Bilhete de encorajamento enviado ao P. Estêvão Febraro, diretor havia poucos dias em Florença (Epist. IV, 344).

Meu caro P. Febraro,

Li com verdadeiro prazer a tua carta e senti-me consolado ao ver que estás contente na tua posição em Florença. Sentir-me-ei sempre feliz quando tu estiveres tranqüilo e puderes ajudar-me a salvar almas, além da tua.

Compreendes facilmente quanta coisa quereria escrever-te sobre este ponto, mas com muita dificuldade consigo segurar a pena na mão.

Nada temas, Deus está conosco; Maria nos protegerá. Eu rezarei por ti; mas tu continua a amar-me no Senhor e reza por mim. Deus te abençoe, a tua casa, os teus Irmãos, os nossos benfeitores, e tu considera-me sempre em Jesus e Maria.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 30 de out. de 85.

QUINTA PARTE

ÚLTIMAS PALAVRAS DO SERVIDOR

“Combati o bom combate, terminei a minha carreira e guardei a fé. Já não me resta senão receber a coroa da justiça, que me dará o Senhor” (2 Tim 4,7-8).

- I. CINCO ÚLTIMAS CARTAS
- II. O “TESTAMENTO ESPIRITUAL”
- III. “ÚLTIMA VERBA”

A partir de 1884, curvo ao peso dos trabalhos, meio cego, quase "gasto", Dom Bosco é obrigado a diminuir as suas suas atividades. Empreende algumas longas viagens, a preço de esforços heróicos, mas entre uma e outra deve aceitar períodos de calma e de repouso. A obra que ainda o preocupa é a construção da igreja do Sagrado Coração em Roma com o internato anexo, obra gigantesca para quem não tem nunca um tostão de reserva. Mas quanto ao resto, parece tranqüilo, e está pronto a cantar o seu Nunc dimittis. Ganhouna última batalha para a livre expansão da sua Sociedade: alcançou de Roma os privilégios canônicos das outras Congregações (28 de junho de 1884). Também a sua vida carismática se torna mais intensa: a cada momento o céu parece abrir-se-lhe aos olhos.

O patriarca pensa então em fazer o seu testamento. De fato, o Dom Bosco dos últimos anos deixou-nos diversos escritos, que redigiu precisamente nessa perspectiva. Pensamos em juntá-los nesta última parte: seu peculiar interesse salta aos olhos. Conquanto a doutrina talvez não seja nova, mostra-se melhor nos seus aspectos vivos, e exprime-se em fórmulas mais incisivas e definitivas. Sem dúvida, resume-lhe aqui os pensamentos fundamentais e nos outorga as recomendações paternas mais insistentes, o coração do seu coração.

Juntamos as suas ultima verba. Os que o assistiram durante a última doença anotaram-lhe com solicitude

as últimas reflexões, as jaculatórias, também os gracejos, porque se manteve alegre até ao fim dos sofrimentos. Dez anos depois, as irmãs de Teresa de Lisieux farão a mesma coisa com a jovem carmelita ⁽¹⁾. Embora não se trate de escritos do santo, a tradição das testemunhas parece-nos bastante segura para nos revelar as últimas feições da figura espiritual de Dom Bosco. Um santo se manifesta mediante toda a sua vida, mas certas coisas se revelam somente na sua atitude diante da morte, quando a alma deixa de lado tantas coisas de interesse secundário para entregar-se ao seu Senhor que bate à porta e convida à ceia eterna.

(1) *Derniers entretiens avec ses soeurs* (Pauline, Céline et Marie): *Novissima verba*, edição do centenário, Desclée de Brouwer, Cerf 1971. pp. 922.

I. AS ÚLTIMAS CINCO CARTAS AOS SUPERIORES MISSIONÁRIOS

Entre 6 de agosto e 30 de setembro de 1885, Dom Bosco, como se pensasse na morte próxima, enviou cartas mais longas que de costume aos cinco principais superiores das missões da América, com a intenção explícita de legar-lhes os últimos conselhos. O P. João Cagliero (47 anos) era, havia um ano, bispo, vigário apostólico da Patagônia setentrional e central. O P. Tiago Costamagna (39 anos) era Inspetor da Argentina e Diretor do colégio S. Carlos de Buenos Aires. O P. José Fagnano (41 anos) era Prefeito Apostólico da Patagônia meridional e da Terra do Fogo. O P. Domingos Tomatis (38 anos) era Diretor do colégio de S. Nicolás de los Arroyos, na Argentina. Finalmente o P. Luís Lasagna (35 anos) era Diretor do colégio Pio em Villa Colón (Montevideu) e Inspetor para o Uruguai e o Brasil.

As cartas aqui citadas são as últimas que Dom Bosco lhes enviou (ao menos das que conhecemos), exceto a dirigida a D. Cagliero, que é a penúltima (mas a última é um bilhete de caráter puramente prático). Encontramo-nos, pois, diante do testamento do santo para os seus filhos distantes. Preocupa-o a unidade de espírito e de ação na sua Família.

210. **A Dom Cagliero: "Caridade, paciência, doçura, pobreza"**

Omitimos um trecho que trata de coisas administrativas. Dom Bosco alude à sua "Sobrinha Rosina": era uma sobrinha

segunda, filha de Francisco (um dos filhos de José Bosco, irmão do santo), e irmã da Irmã Eulália à qual Dom Bosco escreveu uma carta já transcrita. Tinha 17 anos e mal chegara à Argentina como missionária. Dom Bosco escreve de Mathi, onde estava a descansar um pouco, mas data a carta de "Turim" (Epist. IV, 327-329).

Meu caro Dom Cagliero,

A tua carta causou-me grande prazer, e embora minha vista esteja muito enfraquecida, quis lê-la eu mesmo do começo ao fim, não obstante a caligrafia que dizes ter aprendido de mim, mas que degenerou da forma primitiva. Quanto à parte administrativa, outros responderão por mim. De minha parte direi o que segue.

Quando escreveres à Propagação da Fé, à Obra da S. Infância tem em consideração tudo o que em diversos tempos fizeram os Salesianos...

Preparo uma carta para o P. Costamagna, e, para tua norma, tratarei de maneira especial do Espirito Salesiano que queremos introduzir nas casas da América.

Caridade, paciência, doçura, jamais recriminações humilhantes, jamais castigos, fazer o bem a quem se pode, mal a ninguém. Valha isso para os Salesianos, para os alunos, e outros, externos ou internos. Quanto às relações com as nossas Irmãs usa de muita paciência, mas de rigor na observância das regras.

De modo geral nos nossos apertos faremos todo o sacrifício para ajudar-te; mas recomenda a todos que evitem a construção ou a aquisição de imóveis que não sejam estritamente necessários *para nosso uso*. Jamais coisas para revender; nem campos nem terrenos, casas para lucrar pecuniariamente.

Procurai ajudar-nos nesse sentido. Fazei quanto puderdes para terdes vocações tanto para as Irmãs quanto para os Salesianos, mas não vos empenheis em muitos trabalhos. Quem muito abarca pouco abraça e tudo estraga.

Tendo ocasião de falar como o Arcebispo, com Dom Espinosa ou personagens semelhantes, dirás que estou inteiramente a serviço deles para assuntos em Roma.

Dirás à minha sobrinha Rosina que tenha muito cuidado com a saúde, que não vá sozinha para o Paraíso. Vá, sim, mas acompanhada de muitas almas salvas por ela.

Deus abençoe todos os nossos filhos Salesianos, as nossas Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora. Dê a todos saúde, santidade e a perseverança no caminho do Céu.

Manhã e noite rezaremos por vós todos no altar de Maria; e tu reza também por este pobre semi-cego que será sempre em J. C. teu

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 6 de agosto de 1885.

P.S. — Uma multidão incontável pede para ser lembrada e manda saudações.

211. Ao P. Costamagna: "A todos muita liberdade e muita confiança".

Sendo Inspetor da Argentina, o P. Costamagna tem contacto com todas as comunidades. A carta é mais explicita que a precedente. O projeto de um "alter ego para a América" nunca se realizou (Epist. IV, 332, 333).

Caro e sempre amado P. Costamagna,

A época dos nossos exercícios espirituais vai-se aproximando, e eu que me vejo numa idade decadente quereria poder ter comigo todos os meus filhos e as nossas Irmãs da América. Não sendo tal possível, pensei em escrever-te uma carta que possa servir a ti, a outros Irmãos nossos, de norma para se tornarem verdadeiros Salesianos nos vossos exercícios que aliás não são lá muito diferentes dos nossos.

Antes de tudo devemos bendizer e agradecer ao Senhor que com a sua sabedoria e poder nos ajudou a superar muitas e graves dificuldades que sozinhos

seríamos verdadeiramente incapazes de superar. *Te Deum, Ave Maria* etc.

Ademais quereria fazer eu próprio uma pregação a todos, ou melhor uma conferência sobre o espírito salesiano que deve animar e guiar as nossas ações e todas as nossas conversas. O sistema preventivo seja verdadeiramente nosso; jamais castigos penosos, jamais palavras humilhantes, jamais repreensões em presença de outros. Mas nas aulas soe a palavra doçura, caridade e paciência. Nunca palavras mordazes, nunca um tapa forte ou leve. Faça-se uso de castigos negativos, e sempre de modo que os que são avisados, se tornem amigos nossos mais que antes, e não se sintam aviltados ao partirem.

Não se murmure nunca contra as disposições dos Superiores, mas tolerem-se as coisas que não são do nosso gosto, são penosas ou desagradáveis. O Salesiano faça-se amigo de todos, não procure nunca vingar-se; seja fácil em perdoar, e não lembre as coisas uma vez perdoadas.

Não se critiquem nunca as ordens dos Superiores, e cada um se esforce para dar e promover o bom exemplo. Inculque-se em todos e recomende-se constantemente a promoção das vocações religiosas tanto das Irmãs quanto dos Irmãos.

A doçura no falar, no agir, no avisar conquista tudo e todos.

Seria essa a pista para ti e para os outros que devem tomar parte na próxima pregação dos exercícios.

Dar a todos muita liberdade e muita confiança. Quem quiser escrever ao seu Superior, ou dele receber alguma carta, não seja ela absolutamente lida por ninguém, exceto se quem a recebe desejasse tal coisa. Nos pontos mais difíceis eu aconselho calorosamente os Inspectores e os Diretores que façam conferências apropriadas. Antes recomendo que o P. Vespignani esteja bem informado dessas coisas e as explique aos seus noviços ou candidatos com a devida prudência.

Por quanto me for possível desejo deixar a Congregação sem complicações. Por isso tenho a intenção de determinar um Vigário Geral que seja um *alter ego* para a Europa, e um outro para a América. Mas a tal respeito receberás a seu tempo instruções oportunas.

É muito oportuno que reúnas algumas vezes durante o ano os Diretores da tua Inspeção para sugerir as normas práticas acima indicadas. Ler e inculcar a leitura e o conhecimento das nossas regras, especialmente o capítulo que trata das práticas de piedade, a introdução que fiz para as nossas regras e as deliberações tomadas nos nossos Capítulos gerais ou particulares.

Vês que minhas palavras requereriam muitas explicações, mas estás por certo capacitado a compreender e, quando preciso, comunicar aos nossos Irmãos.

Apenas puderes apresenta-te ao Sr. Arc.o, D. Espinosa, aos seus Vigários Gerais, P. Carranza, Dr. Ferrero e outros amigos, e apresentarás a todos e a cada um humildes e afetuosos obséquios como se eu falasse com cada um deles.

Deus te abençoe, caro P. Costamagna, e contigo abençoe e conserve em boa saúde todos os nossos Irmãos e Irmãs, e Maria Auxiliadora vos guie a todos pelo caminho do Céu. *Amen.*

Vosso af.mo amigo em J. C.
Sac. João Bosco

Turim, 10 de ag. de 85.

212. Ao P. Fagnano: "A Igreja é a tua Mãe"

Carta escrita no mesmo dia que a precedente. São "as últimas palavras do amigo" ao pioneiro das zonas imensas e glaciais do Sul da Patagônia (Epist. IV, 334-335).

Car.mo P. Fagnano,

Antes que partas para a tua grande empresa da Prefeitura Patagônia, onde Deus tem preparada para ti uma copiosíssima messe, desejo também eu dirigir-te

algumas palavras, que podem ser as últimas do amigo da tua alma.

Neste teu novo Ministério Sagrado estarás mais livre de ti mesmo porque mais longe dos Irmãos postos para vigiar e ajudar-te nos perigos especialmente espirituais; por isso deves incessantemente meditar e conservar na mente e no coração o grande pensamento: *Deus me vê*. Deus te vê, ele há de julgar a mim, a ti e a todos os nossos Irmãos e a todas as almas pelas quais trabalhamos.

Nas tuas excursões mais breves ou mais longas não vises nunca a nenhum interesse temporal; mas unicamente à glória de Deus. Lembra-te bem que os teus esforços devem ser voltados para atender às necessidades crescentes de tua Mãe. *Sed Mater tua est Ecclesia Dei*, diz S. Jerônimo.

Aonde quer que fores, procura fundar escolas, fundar também Seminários Menores a fim de cultivar ou ao menos procurar algumas vocações para as Irmãs e para os Salesianos. Nessas difíceis empresas procura, todavia, entender-te bem com Dom Cagliero.

As tuas leituras cotidianas sejam: as nossas regras, especialmente o capítulo da piedade, o prefácio que eu mesmo fiz, as deliberações tomadas nos Capítulos reunidos em várias ocasiões.

Ama muito e esforça-te por apoiar os que trabalham pela fé.

Para facilitar o despacho dos negócios tenho em mente determinar um Vigário Salesiano para a América, como desejo fazer para os Salesianos da Europa. Mas sobre isso receberás cartas e instruções, se Deus misericordioso conceder ainda um pouco de tempo à minha idade decadente.

Dou-te o formal encargo de cumprimentar em meu nome tanto as nossas Irmãs quanto os meus filhos Salesianos e os seus alunos, e de comunicar-lhes as coisas escritas, e que possam referir-se à vantagem espiritual ou temporal deles.

Ainda uma coisa. Conserva ciosamente o segredo de quanto te for confiado pelos Irmãos e Irmãs, dá a eles plena liberdade e mantém reserva quanto às cartas, como prescrevem as nossas regras.

Deus te abençoe, sempre querido P. Fagnano, e contigo abençoe todos os Superiores civis e outros com os quais tens ocasião de tratar, abençoe as tuas obras; e rezaí todos por mim, que a todos espero ver na terra, se a Deus aprouver, mas com maior garantia de vos ver com Jesus e Maria na bem-aventurada eternidade. Assim seja.

Af.mo amigo em J. C.
Sac. João Bosco

Turim, 10 de agosto de 1885.

213. Ao P. Tomatis: "Não basta saber as coisas, é preciso praticá-las"

A carta é chamada: "Meu testamento para ti" (Epist. IV, 336-337).

Meu caro P. Tomatis,

O fato de receber tão raramente tuas cartas faz-me julgar que tens muito que fazer; acredito; mas dar notícias tuas ao teu caro D. Bosco merece certamente estar entre os afazeres que não se devem descuidar. Escrever o quê? dirás. Escrever sobre a tua saúde e sobre a saúde dos nossos Irmãos; se as regras da Congregação são fielmente observadas: se se fez e como se faz o exercício da boa morte. Número dos alunos e esperanças que te dão de bom êxito. Fazes alguma coisa para cultivar as vocações, tens alguma esperança quanto a elas? Dom Ceccarelli é sempre um verdadeiro amigo dos Salesianos? São respostas que espero com grande prazer.

Como a minha vida corre a grandes passos para o seu termo, assim as coisas que te quero escrever nesta carta são as que te havia de recomendar nos últimos dias de exílio. Meu testamento para ti.

Caro P. Tomatis: mantém fixa na mente a idéia de que te fizeste salesiano para te salvar; prega e

recomenda a todos os nossos Irmãos a mesma verdade.

Lembra-te de que não basta saber as coisas, mas é preciso praticá-las. Deus nos ajude a fim de que não sejam para nós as palavras do Salvador: *Dicunt enim et non faciunt* (Mt 23,3). Procura ver os teus negócios com os teus olhos. Quando alguém cometer faltas, ou negligências, avisa-o prontamente, sem esperar que os males se multipliquem.

Com a tua maneira exemplar de viver, com a caridade no falar, no mandar, no suportar os defeitos alheios, muitos serão conquistados para a Congregação. Recomenda constantemente a frequência dos Sacramentos da Confissão e Comunhão.

As virtudes que te tornarão feliz no tempo e na eternidade são: a humildade e a caridade.

Sê sempre o amigo, o pai dos nossos Irmãos; ajuda-os em tudo o que podes nas coisas espirituais e temporais, mas saibas servir-te deles em tudo o que pode valer para a maior glória de Deus.

Todo pensamento que exprimo nesta folha tem necessidade de ser um tanto explicado; podes fazer isso para ti e para os outros.

Deus te abençoe, meu sempre caro P. Tomatis, cumprimenta cordialmente todos os nossos Irmãos, amigos e benfeitores. Dize que todas as manhãs na santa Missa rezo por eles, e que me recomendo humildemente às orações de todos.

Faça Deus que possamos um dia louvar o santo nome de Jesus e de Maria na Bem-aventurada Eternidade. *Amen.*

Dentro de pouco tempo te escreverei ou farei escrever outras coisas de alguma importância.

Maria nos mantenha a todos firmes e nos guie pelo caminho do céu. *Amen.*

Vosso af.mo em J. C.
Sac. João Bosco

Mathi, 14 de ag. de 85.

214. Ao P. Lasagna: "Queremos almas e nada mais"

Também aqui, "testamento de quem te ama". Voltam os mesmos argumentos tipicamente salesianos: zelo incansável e confiante, caridade e doçura para com todos, cuidado das vocações (Epist. IV, 340-341).

Meu querido P. Lasagna,

Há já vários meses que desejava escrever-te, mas a minha velha e preguiçosa mão fez-me adiar esse prazer. Mas agora parece-me que o sol marcha para o ocaso, portanto penso em deixar-te alguns pensamentos escritos como testamento de quem sempre te amou e ama.

Obedeceste à voz do Senhor e te consagraste às Missões Católicas. Acertaste. Maria será tua guia fiel. Não te faltarão dificuldades nem maldade por parte do mundo, mas não te aflijas. Maria te protegerá. Queremos almas e nada mais. Faze soar isso ao ouvido dos nossos Irmãos. Ó Senhor, dai-nos cruces, espinhos e perseguições de todo o gênero, contando que possamos salvar almas e entre elas salvarmos a nossa.

Aproxima-se a época dos nossos exercícios na América. Insiste na caridade e doçura de S. Francisco de Sales que devemos imitar: sobre a observância exata das nossas regras, sobre a leitura constante das deliberações capitulares, meditando atentamente os regulamentos particulares das casas. Crê em mim, caro P. Lasagna, tive que tratar com certos Irmãos nossos que ignoravam completamente estas nossas deliberações, e outros que não leram nunca as partes da regra ou disciplina que dizem respeito aos deveres a eles confiados.

Outra chaga nos vai ameaçando e é o esquecimento ou melhor o descuido das Rubricas do Breviário e do Missal. Estou persuadido que os exercícios espirituais produziriam ótimos resultados se levassem o Salesiano à reza exata da Missa e do Breviário.

O que calorosamente recomendei aos que pude escrever nestes dias, é o cultivo das vocações, tanto dos Salesianos, como das Filhas de Maria Auxiliadora.

Estuda, faze projetos, não olhes a despesas, contanto que consigas algum padre para a Igreja, principalmente para as Missões.

Quando tiveres ocasião de falar ou com as nossas Irmãs ou com os nossos Irmãos, dirás a eles em meu nome que recebi com prazer suas cartas, cumprimentos, e experimentei um prazer, antes um grande conforto para meu coração ao ouvir que todos rezaram e continuam a rezar por mim.

Tenhamos todos coragem. Maria abençoa e protege a nossa Congregação; a ajuda do Céu não faltará: os operários aumentam, o fervor parece crescer, os meios materiais não são muitos, mas são suficientes.

Deus te abençoe, querido P. Lasagna, e contigo abençoe a todos os nossos filhos e filhas, religiosos e alunos, e Maria assista e proteja a família Buxareo e Jakson e outros nossos benfeitores; nos guie a todos com segurança pelo caminho do céu.

Estou aqui em Valsalice para os exercícios espirituais; todos gozam saúde e te cumprimentam.

A minha saúde não vai muito bem, mas toco para a frente. Deus nos conserve a todos na sua santa graça.

Af.mo amigo
Sac. João Bosco

Turim, 30 de setembro de 1885.

II. O “TESTAMENTO ESPIRITUAL”

Este precioso documento foi apresentado brevemente na Introdução; e já lhe citamos as primeiras páginas (3-9) inserindo-as nos extratos das Memorie dell’Oratorio, quando Dom Bosco fala da sua ordenação (texto n. 14). Devemos apresentá-lo agora de maneira mais completa.

É um livrete encadernado, de 142 mm por 97, de capa dura, cor roxa escura. Consta de 308 páginas, das quais 318 escritas, e nem todas de maneira contínua, mas com intervalos em branco⁽¹⁾. Dom Bosco deu-lhe como título: Memorie dal 1841 al 1884-5-6 pel sac. Gio. Bosco ai suoi figliuoli salesiani. Na realidade somente as páginas 3-9 são memórias. Todo o resto é feito de máximas e recomendações. Uma leitura atenta permite dizer que Dom Bosco redigiu as primeiras páginas em janeiro-fevereiro de 1884 (pp. 3-23), as seguintes em setembro... Em tempos sucessivos retomou a caderneta para anotar o que vez por vez lhe ditava a mente (a tinta é diferente e, muitas vezes, a grafia é irregular, sinal de grande cansaço). Releu-os em periodos diversos, em 1886 e 1887, para fazer correções e acréscimos. Por fim, a 24 de dezembro de 1887, entregou-o ao seu secretário P. Viglietti⁽²⁾.

(1) Arquivo 132, Quaderni-Taccuini 6. Existe uma cópia em 112, Massime 1. A parte raccomandazioni acha-se publicada em MB XVII, 257-273.

(2) Cf. MB XVIII, 492.

Não se pode folhear sem emoção o humilde livrinho, onde um pai como Dom Bosco deixou aos filhos o melhor do seu pensamento e do seu coração. O tom é de uma confiança terna e, por vezes, suplicante. Encontra-se aí aquele sentido das pessoas tão vivo em Dom Bosco: ele pensa em todos, nos seus Salesianos, nas Filhas de Maria Auxiliadora, nos seus Cooperadores, nos seus benfeitores, nos presentes e nos futuros. Os temas são diversos; mas um deles domina e transparece: o das condições da prosperidade futura da obra salesiana. Abre-se um grande futuro, contanto que os Salesianos cultivem a humildade e a confiança na Providência divina e na bondade de Maria, a caridade fraterna que é paciente e perdoa, a rejeição vigorosa de uma "vida cômoda", o respeito e o amor profundo para com os jovens, a fidelidade absoluta à Igreja e ao Santo Padre.

Apresentamos o texto quase por inteiro, omitindo as páginas de caráter puramente jurídico ou histórico, ou de pastoral diretamente prática.

O conjunto pode dividir-se comodamente em grandes blocos. Deixamos os subtítulos postos por Dom Bosco.

A) Recomendações de pastoral prática (pp. 10-14)

Confissão dos meninos; respeito e amor para com os jovens; a pureza de costumes "fundamento das vocações".

215. B) Como agir com os benfeitores (pp. 14-23)

Vivemos da caridade dos nossos benfeitores. Quando alguém nos faz alguma oferta, agradeçamos sempre e asseguremos-lhe nossas orações. Nas orações comuns e em particular estejam sempre presentes os nossos benfeitores e sempre se ponha a intenção de rezar para que Deus lhes dê o cêntuplo da caridade mesmo na vida presente com a saúde, com a prosperidade nos campos, nos afazeres, defenda-os de toda desgraça.

Faça-se-lhes notar que a obra mais eficaz para alcançarmos o perdão dos pecados e garantir a vida eterna é a caridade para com os meninos pobres: *uni ex minimis*, a um pequenino abandonado ⁽¹⁾.

Note-se também que nestes tempos, faltando os meios pecuniários para educar na fé e nos bons costumes os abandonados, a S. Virgem constituiu-se ela própria protetora deles. Alcança para tais benfeitores muitas graças espirituais e temporais, mesmo extraordinárias! Nós mesmos somos testemunhas de que muitos insignes benfeitores nossos de modesta fortuna tornaram-se bem ricos quando começaram a usar de liberalidade em favor dos nossos orfãozinhos.

(pp. 14-16)

Seguem exemplos, e uma lista dos "benfeitores insignes.. para com os quais havemos de ter perpétua gratidão diante de Deus e diante dos homens" (pp. 17-23).

216. C) Que se deverá fazer à morte de Dom Bosco (pp. 23-39).

Capítulo superior ⁽²⁾

Quando eu tiver morrido reúna-se o capítulo e esteja regularmente pronto para qualquer emergência, e ninguém se afaste a não ser por motivos absolutamente necessários. O meu Vigário de acordo com ⁽³⁾ o prefeito prepare e leia em capítulo uma carta a ser dirigida a todos os Irmãos, na qual se dê notícia da minha morte, recomendem-se orações por mim, e pela boa escolha do meu sucessor.

(1) Alusão à frase de Cristo no juízo final segundo Mt 25,40. *Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos foi a mim mesmo que o fizestes.*

(2) A partir deste ponto, o texto foi publicado pelo P. Ceria em MB XVII, 257-273, com algum erro.

(3) Quando Dom Bosco escreveu essas páginas, o P. Rua não fora ainda designado por Leão XIII Vigário geral com direito de sucessão. Isso aconteceu a 27 de nov. de 1884 (cf. MB XVII 277). Ao relê-las depois, Dom Bosco fez as correções aqui indicadas em grifo.

Estabeleça o dia para a eleição do novo Reitor-Mor e dê tempo para que os da América e de outros países distantes possam estar presentes, a não ser que graves motivos *absolutamente* os impeçam.

Noto aqui duas coisas da máxima importância.

1. Mantenham-se secretas as deliberações capitulares, e se houver qualquer coisa que se deva comunicar a outros, haja para tal um encarregado especial. Deve ele estar bem atento para não revelar o nome de nenhum membro do capítulo que tenha dado o voto afirmativo ou negativo, ou então tenha proferido tal frase ou tal palavra.

2. Tenha-se como princípio invariável o de não conservar nenhuma propriedade de coisas estáveis com exceção das casas e das adjacências que são necessárias para a saúde dos Irmãos ou dos alunos. A conservação de imóveis rendosos é uma injúria que se faz à Divina Providência que de modo maravilhoso e, diria, prodigioso nos vem constantemente em ajuda.

Ao permitir construções ou reformas de casas, use-se grande rigor para impedir o luxo, a magnificência, a elegância. No momento em que começar a aparecer luxo na pessoa, nos quartos ou nas casas, começa ao mesmo tempo a decadência da nossa congregação ⁽⁴⁾.

(pp. 23-27)

A todos os meus filhos em J. C.

Após o meu sepultamento o *meu Vigário de acordo com* o prefeito comunique a todos Irmãos estes meus últimos pensamentos da minha vida mortal.

(4) A preocupação de uma verdadeira pobreza atravessa todo o testamento espiritual. Encontramo-la aqui no começo. Havemos de reencontrá-la nas últimas páginas. Deve-se notar que Dom Bosco a une ao abandono na Providência e à disponibilidade do Salesiano à sua tarefa. Deve-se notar também as fórmulas categóricas: "Que nunca se deve mudar", "grande rigor".

Meus caros e amados filhos em J. C.

Antes de partir para a minha eternidade devo cumprir alguns deveres para convosco e assim satisfazer o grande desejo do meu coração. Antes de mais nada agradeço-vos com o mais vivo afeto do coração a obediência que me prestastes e todo o trabalho que tivestes para sustentar e propagar a nossa Congregação.

Eu vos deixo aqui na terra, mas apenas por pouco tempo. Espero da infinita misericórdia de Deus que um dia nos possamos encontrar todos na feliz eternidade. Lá vos espero.

Recomendo-vos que não choreis a minha morte. É uma dívida que todos havemos de pagar, mas depois será copiosamente recompensado todo trabalho sofrido por amor de nosso Mestre, o nosso bom Jesus.

Em vez de chorar fazei firmes e eficazes resoluções de permanecerdes fiéis à vocação até à morte. Ficai atentos e cuidai a fim de que o amor do mundo, a afeição aos parentes, tampouco o desejo de uma vida mais cômoda não vos levem ao grande despropósito de profanar os santos votos e assim transgredir a profissão religiosa, com que nos consagramos ao Senhor. Nenhum de nós tome de novo o que demos a Deus ⁽⁵⁾.

Se me amastes no passado, continuai a amar-me no futuro com a exata observância das nossas Constituições ⁽⁶⁾.

Morreu o vosso primeiro Reitor. Mas o nosso verdadeiro Superior, Jesus Cristo, não morrerá. Será ele sempre o nosso Mestre, nosso Guia, nosso Modelo. Não vos esqueçais, porém, de que a seu tempo ele mesmo será o nosso Juiz e Remunerador da nossa fidelidade em seu serviço.

(5) Quem analisa as expressões deste parágrafo compreende que conceito tinha Dom Bosco da consagração religiosa, do seu valor sagrado e definitivo. E quem analisa toda a carta-testamento vê-la-á centrada na fidelidade no serviço de Cristo segundo a própria vocação.

(6) É como um eco da palavra de Jesus aos discípulos após a última ceia: *Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor...* Vós sois meus amigos, se fizerdes o que vos mando (Jo 15,10.14). Cf. acima o texto n. 199.

O vosso Reitor já não vive, mas será eleito outro que cuidará de vós e da vossa eterna salvação. Ouvi-o, amai-o, obedecei-lhe, rezai por ele, como fizestes para comigo.

Adeus, queridos filhos, adeus. No céu eu vos espero. Lá falaremos de Deus, de Maria, Mãe e sustentadora da nossa Congregação; lá bendiremos por todo o sempre esta nossa Congregação, cujas regras por nós observadas contribuíram poderosa e eficazmente para a nossa salvação. *Sit nomen Domini benedictum ex hoc nunc et usque in saeculum. In te, Domine, speravi, non confundar in aeternum* (7).

(pp. 27-32)

O novo Reitor-Mor

1. Dirigirá algumas palavras aos eleitores, agradecer-lhes-á a confiança nele depositada e lhes assegurará seu desejo de ser de todos pai, amigo, irmão; pede-lhes a cooperação, e, quando preciso, o conselho.

2. Comunicará logo ao S. Padre a sua eleição, colocando-se a si próprio e a Sociedade Salesiana às ordens, aos conselhos do Supremo Hierarca da Igreja.

3. Em seguida enviará uma carta circular a todos os Irmãos e outra às Filhas de Maria Auxiliadora.

4. Escreverá outra carta aos nossos benfeitores, e aos nossos cooperadores, agradecendo-lhes de minha parte quanto fizeram por nós enquanto eu vivia na terra; pedindo-lhes que continuem a sua ajuda às obras salesianas. Sempre na firme esperança de ser acolhido na misericórdia do Senhor, de lá rezarei incessantemente por eles. Mas se faça observar, se diga, e se pregue sempre que Maria Auxiliadora alcançou e alcançará sempre graças particulares, extraordinárias até e miraculosas, para aqueles que concorrem para dar uma educação cristã à juventude periclitante, com obras,

(7) Dom Bosco cita em latim palavras tomadas da liturgia: *Bendito seja o nome do Senhor de agora até o século futuro (Sl 113,2). Em ti, Senhor, esperei, não serei confundido na eternidade (Sl 71,1).*

com o conselho, com o bom exemplo ou simplesmente com a oração ^(7 bis).

Cumpridos esses primeiros e importantes deveres, o novo Reitor procure com toda a solicitude conhecer bem o estado financeiro da congregação. Examine se há dívidas e quando se devem pagar. É bom que ao menos por algum tempo não [se] abram novas casas, nem se comecem novas construções, nem sequer novos trabalhos que não sejam estritamente necessários.

Quanto a mim em particular recomendo que não se publiquem dívidas deixadas pelo Reitor falecido. Isso daria a conhecer uma má administração por parte dos administradores e do próprio superior; e ocasionaria alguma desconfiança na opinião pública.

(pp. 35-39)

217. D) Recomendações várias aos superiores e aos sócios (pp. 40-48)

Lembrança importante para o Capítulo Superior

Se na eleição do novo Reitor viesse a faltar algum membro do capítulo, o Reitor use do seu direito e complete o número com conselheiros suplentes pelo tempo que deve correr antes do sexênio fixado para a eleição geral de cada conselheiro ou membro do capítulo.

Mas a lembrança importante e que eu acho fundamental é fazer com que nenhum membro tenha ocupações estranhas e não dirigidas à administração da nossa pia Sociedade. Mais: creio não exagerar se disser que haverá sempre um vazio na nossa congregação

(7bis) Este parágrafo é o esquema desenvolvido depois pelo P. Bonetti em longa "carta circular aos Benfeitores" (texto nas MB XVIII 621-623). Anunciada no *Bollettino Salesiano* de abril de 1888 (p. 51), foi impressa e distribuída em maio pelo P. Rua. Essa carta, assinada "Sac. Gio. Bosco", e algumas vezes chamada *Testamento de Dom Bosco aos Cooperadores*, é sua apenas nas linhas gerais das idéias. Cf. o parecer do P. E. Ceria em *Epist.* IV, 393 nota; e *Il Cooperatore nella società contemporanea*, LDC, Turim 1975, pp. 128-129. Cf. mais adiante o texto n. 226.

enquanto cada membro do capítulo não estiver exclusivamente ocupado nas coisas fixadas pelo regulamento aprovado nas deliberações capitulares.

Para conseguir tal fim dever-se-ão superar muitas dificuldades, mas façam-se sacrifícios e conceda-se esse grande benefício a toda a congregação.

(pp. 40-41)

Uma lembrança para o Reitor-Mor

O Reitor-Mor leia e ponha em prática os avisos que costumo dar a todos os Diretores de novas casas, especialmente quanto ao tempo de repouso e à alimentação.

(p. 42)

Ao Diretor de cada casa

O Diretor de cada casa tenha paciência e estude bem as pessoas ou melhor examine bem quanto valem os Irmãos que trabalham sob sua direção. Exija o que sejam capazes de fazer e não mais. É indispensável que conheça o regulamento que cada Irmão deve praticar no próprio encargo; por isso cada um tenha à sua disposição pelo menos a parte das regras que lhe diz respeito.

A sua solicitude dirija-se de modo especial às relações morais dos mestres, assistentes entre si e com os alunos a eles confiados.

(pp. 42-43)

Avisos especiais para todos

1. Recomendo calorosamente a todos os meus filhos que tanto ao falar como ao escrever não contem nunca nem afirmem que Dom Bosco alcançou graças de Deus ou tenha de qualquer maneira feito milagres. Cometeria assim um erro prejudicial. Embora tenha sido muito generosa a bondade de Deus para comigo, todavia não pretendi nunca conhecer nem fazer coisas

sobrenaturais. Não fiz senão rezar e fazer que almas boas pedissem graças ao Senhor. *Experimentei depois que foram sempre eficazes as orações e as comunhões dos nossos jovens.* Deus piedoso e a sua Mãe SS. nos vieram em ajuda nas nossas necessidades. Isso verificou-se especialmente toda vez que estávamos na necessidade de atender os nossos meninos pobres e abandonados, e mais ainda quando suas almas se encontravam em perigo ⁽⁸⁾.

2. A Santa Virgem Maria continuará certamente a proteger a nossa congregação e as obras salesianas, se continuarmos a depositar a nossa confiança nEla e a promover-lhe o culto. As suas festas, e mais ainda as suas solenidades, novenas, tríduos, o mês a Ela consagrado, sejam sempre calorosamente inculcados em público e em particular com folhetos, livros, medalhas, imagens, publicação ou simplesmente narração de graças e bênçãos que a nossa celeste benfeitora concede a cada momento à humanidade sofredora.

3. Duas fontes de graças para nós são: Aproveitar oportunamente todas as ocasiões de que nos podemos servir para inculcar aos nossos jovens alunos que em honra de Maria se aproximem dos santos sacramentos ou pratiquem ao menos alguma obra de piedade.

A assistência devota à Santa Missa, a visita a Jesus Sacramentado, a freqüente comunhão sacramental ou ao menos espiritual, são de sumo agrado a Maria, e um meio poderoso para alcançar graças especiais.

(pp. 44-48)

(8) Reação típica de Dom Bosco "servidor". Não pode negar ter sido ao menos ocasião de muitas graças e milagres. Mas tem a percepção viva que foram "Deus bondoso e a sua Mãe SS." que os operaram, após a sua oração e mais ainda após a oração de outros, particularmente dos jovens. Teme que, depois da sua morte, o poder generoso de Deus e o mérito dos outros venham a ser ofuscados por um louvor exagerado a ele.

218. E) Recomendações para a pastoral das vocações
(pp. 48-65)

As vocações eclesísticas

Deus chamou a pobre congregação salesiana a promover as vocações eclesísticas entre a juventude pobre ou de baixa condição.

As famílias ricas estão em geral muito mergulhadas no espírito do mundo, do qual desgraçadamente se impregnam os filhos, fazendo-lhes perder assim o princípio de vocação que Deus lhes pôs no coração. Se tal espírito for cultivado e desenvolvido, amadurece e produz copiosos frutos. Pelo contrário não somente o germe de vocação, mas muitas vezes a própria vocação, que nascera e começara sob bons auspícios, sufoca-se ou enfraquece e perde-se.

Os jornais, os maus livros, os colegas e as conversas não discretas na família são muitas vezes causa funesta da perda das vocações e não raro são infelizmente a destruição e o desvio mesmo dos que já fizeram a escolha do estado.

Lembremo-nos que presentemos a Igreja com um grande tesouro quando lhe arranjamos uma boa vocação; que tal vocação ou padre vá para a Diocese, para as Missões ou para uma casa religiosa não importa. É sempre um grande tesouro que se dá à Igreja de Jesus Cristo ⁽⁹⁾.

Mas não se dê conselho a qualquer menino se não estiver seguro de conservar a virtude angélica no grau estabelecido pela sã Teologia. Transija-se sobre a mediocridade do engenho, nunca, porém, sobre a falta da virtude de que falamos.

(9) Declaração explícita e preciosa: Dom Bosco não é nunca "ciumento" a ponto de atrair a si de maneira preferencial as vocações. Explicam-no o seu sentido de Igreja, e também o fato lembrado de início: a Congregação salesiana tem também a finalidade de "promover as vocações eclesísticas" entre a juventude pobre.

Seguem diversas recomendações sobre os seguintes temas: Obra de Maria Auxiliadora para as vocações adultas (pp. 51-52); condições para ter vocações salesianas (pp. 52-56); aspirantes (pp. 56-58), noviços (pp. 58-61). Como agir nos casos de demissão (pp. 61-63) e em certos aspectos da vida comum (pp. 63-65). Pode-se ler o texto nas MB XVII 262-265). Citamos somente esta nova insistência sobre a pobreza no tema da vida comum: "... Não esqueçamos nunca que somos pobres, e ninguém tenha exigências superiores às condições de uma pessoa que se consagrou a Deus pelo voto de pobreza" (pg. 64).

219. F) Avisos para os escritos de Dom Bosco (pp. 66-69)

Os impressos

Nas minhas pregações, nos discursos e livros impressos fiz sempre o que pude para apoiar, defender e propagar princípios católicos. Todavia se neles se encontrasse alguma frase, alguma palavra que contivesse uma dúvida que fosse, ou não estivesse bem explicada a verdade, entendo revogar, retificar todo pensamento, ou sentimento não exato. Em geral submeto todo dito, escrito, ou impresso a qualquer decisão, correção ou simples conselho da Santa Madre Igreja católica.

Quanto aos impressos ou reimpressões recomendo várias coisas:

1. Alguns dos meus opúsculos foram publicados sem a minha assistência e outros contra a minha vontade, por isso: Recomendo ao meu sucessor que faça ou mande fazer um catálogo de todos os meus opúsculos, mas da última edição de cada um, e, se for necessário, fazer uma reimpressão.

2. Onde se descobrirem erros de ortografia, cronologia, linguagem ou sentido, corrija-se para o bem da ciência e da religião.

3. Se fosse o caso de imprimir alguma das minhas cartas italianas, preste-se muita atenção ao sentido e à doutrina, porque a maior parte foi escrita às pressas e, portanto, com perigo de muitas inexatidões. As cartas francesas podem-se queimar; se alguém quisesse imprimi-

mi-las, recomendo sejam lidas e corrigidas por um conhecedor da língua francesa, a fim de que as palavras não exprimam um sentido não desejado e acarretem irrisão ou desprezo à religião em favor da qual foram escritas.

Quem tiver notícias ou fatos conservados de memória ou colhidos estenograficamente, sejam atentamente examinados e corrigidos de modo que não se publique nada que não seja exatamente conforme aos princípios da nossa santa religião católica ⁽¹⁰⁾.

220. G) Cartas a benfeitores

Na caderneta, entre as páginas 70 e 73, foram arrancadas oito folhas: continham cartas a vários benfeitores, a serem entregues a eles após a sua morte, e assim foi feito (um secretário copiou-as novamente nas pp. 117-128; texto nas MB XVIII, 839-842). Sobrou uma carta à p. 71: o fim explicará por que:

Condessa Gabriela Corsi,

Deus vos abençoe, ó nossa boa Mãe em J. C., e convosco abençoe toda a vossa família e vos ajude a conduzi-la constantemente pelo caminho do céu e a encontrá-la um dia toda convosco no paraíso. Seja esta a recompensa da caridade que teve para comigo e para com todos os vossos Salesianos.

Rezai por mim que vos aguardo na vida eterna.

Obr.o qual filho

Turim

Sac. João Bosco

Acrescentado alguns meses depois, com tinta diferente:

Requiescat in pace. Partiu para a vida eterna 1887.

(p. 71)

Nas pp. 95 e 96, ficaram ainda duas cartas à viscondessa de Sessac, de Paris, e à baronesa Scoppa, de Nápoles.

(10) Esses pedidos de Dom Bosco não são subtilezas. Exprimem as suas puríssimas intenções de escritor: servir à ciência e sobretudo à verdade religiosa, e o sentido muito vivo das suas responsabilidades de sacerdote autor. Cf. as reflexões do P. P. Stella, Don Bosco *nella storia*, I. 247-248.

221. H) Recomendações para a vida de comunidade
(pp. 73-93) ⁽¹¹⁾

O Diretor de uma casa com os seus Irmãos

O Diretor deve ser modelo de paciência, de caridade para com os Irmãos que dele dependem e por isso:

1. Assisti-los, ajudá-los, instruí-los no modo de cumprir os próprios deveres, nunca, porém, com *palavras ásperas ou ofensivas* ⁽¹²⁾.

2. Demonstre ter neles grande confiança; trate com benevolência os assuntos que lhes dizem respeito. Não faça nunca recriminações, nem dê nunca avisos severos na presença de outrem. Mas procure fazer isso sempre *in camera caritatis*, ou seja, docemente, rigorosamente em particular.

3. Se os motivos de tais avisos ou repreensões forem públicos, será também necessário avisar publicamente; mas tanto na igreja, quanto nas conferências especiais não se façam nunca alusões pessoais. Os avisos, as repreensões, as alusões feitas abertamente ofendem e não alcançam emenda.

4. Não esqueça nunca as contas de consciência mensais por quanto possível; e nessa ocasião o Diretor se torne o amigo, o irmão, o pai dos seus dependentes. Dê a todos tempo e liberdade de apresentar as suas reflexões, exprimir as suas necessidades e intenções. Ele, por seu lado, abra a todos o coração sem nunca demonstrar nenhum rancor; nem mesmo lembrar as faltas passadas se não para dar avisos paternos, ou chamar caridosamente ao dever quem se mostrasse negligente.

5. Procure não tratar nunca de coisas referentes à confissão, a menos que o Irmão o peça. Em tais casos não tome nunca resoluções que se devam expressar

(11) Todas as recomendações desta secção são feitas na lógica de uma realidade fundamental: a comunidade salesiana é uma "família" autêntica, que é feliz e eficaz na medida em que vive o "espírito de família".

(12) Sublinha de Dom Bosco.

in foro externo sem se haver entendido bem com o sócio do qual se trata.

6. Na maioria dos casos o Diretor é o confessor ordinário dos Irmãos ⁽¹³⁾. Mas com prudência procure dar ampla liberdade a quem tivesse necessidade de confessar-se com outro. Fica entretanto bem entendido que tais confessores particulares devem ser sempre conhecidos e aprovados pelo Superior segundo as nossas regras.

7. Como quem procura confessores excepcionais demonstra pouca confiança no Diretor, então ele, o Diretor, deve abrir os olhos e prestar especial atenção à observância das outras regras e não confiar a esse Irmão incumbências que parecerem superiores às suas forças morais ou físicas.

N. B. Quanto aqui estou a dizer não se refere de nenhum modo aos confessores extraordinários que o Superior, Diretor, Inspetor cuidarão de marcar em tempo oportuno.

8. De modo geral o Diretor de uma casa trate frequentemente e com muita familiaridade os Irmãos, insistindo na necessidade da observância uniforme das constituições, e por quanto possível lembre também as palavras textuais delas.

9. Em casos de doença observe quanto prescrevem as regras e quanto estabelecem as deliberações capitulares.

(13) O pensamento e a práxis de Dom Bosco sobre este ponto foram sempre muito claros: o diretor salesiano é verdadeiramente o pai espiritual dos jovens e dos Irmãos, e o seu confessor ordinário. Nas Constituições aprovadas em 1874, Dom Bosco, a um pedido formal de Roma, separa nitidamente o *rendiconto* de foro externo da *confissão e direção espiritual* considerada realidade de foro interno. Mas na prática, o mesmo diretor era o superior que recebia as contas de consciência e o confessor que recebia a plena abertura da consciência e a dirigia efetivamente: "Ninguém tinha medo de confessar-se com o diretor, dizia Dom Bosco: ele é um pai que não pode senão amar e compadecer os seus filhos". A 24 de abril de 1901, virá o decreto do Santo Ofício que proibirá de maneira absoluta o diretor de ouvir confissões dos jovens e Irmãos da sua Casa... Dom Bosco havia esperado que o espírito de família fosse capaz de superar, mesmo ordinariamente, os inconvenientes possíveis dá direção nos dois foros feita pela mesma pessoa.

10. Esqueça com facilidade ou desgostos e as ofensas pessoais e com benevolência e atenções procure vencer ou melhor corrigir os negligentes, os desconfiados e suspeitosos. *Vince in bono malum.*

Aos Irmãos que moram na mesma casa

1. Todos os Irmãos salesianos que moram na mesma casa devem formar um só coração e uma só alma com o próprio Diretor.

2. Conservem bem na memória, porém, que a pior peste que se deve fugir é a murmuração. Façam-se todos os sacrifícios possíveis, mas não se tolerem nunca as críticas em relação aos Superiores.

3. Não censurar as ordens dadas em família, nem desaprovar as coisas ouvidas nas pregações, nas conferências, escritas ou impressas em livro por algum Irmão.

4. Sofra cada um para a maior glória de Deus e em penitência dos seus pecados, mas pelo bem de sua alma fuja das críticas em assuntos de administração, roupa, alimentação e moradia etc.

5. Lembrai-vos, meus filhos, que a união entre Diretor e súbditos, e o acordo entre eles, forma nas nossas casas um verdadeiro paraíso terrestre.

6. Não vos recomendo penitências ou mortificações especiais, ganhareis muito mérito e sereis a glória da congregação, se souberdes suportar com resignação cristã as penas e os desgostos da vida.

7. Dai bons conselhos todas as vezes que se vos apresentar alguma ocasião, especialmente quando se trata de consolar um aflito e ajudá-lo a superar alguma dificuldade, ou fazer algum serviço quer em tempo de saúde quer em caso de doença.

8. Vindo-se a saber que na casa surgiu alguma coisa ou fato reprovável, sobretudo tratando-se de coisas que possam mesmo só interpretar-se contra a santa lei de Deus, comunique-se o fato respeitosamente

ao Superior. Ele saberá usar da devida prudência a fim de promover o bem e impedir o mal.

9. Com relação aos alunos atenha-se cada um aos regulamentos da casa e às deliberações tomadas para conservar a disciplina e a moralidade entre os estudantes e os aprendizes.

10. Em lugar de fazer observações sobre o que fazem os outros, empenhe-se cada um com toda a solicitude possível em cumprir os deveres que lhe foram confiados.

(pp. 80-86)

Lembrança fundamental ou seja obrigação para todos os que trabalham na Congregação

A todos é estritamente mandado e recomendado perante Deus e perante os homens que cuidem da moralidade entre Salesianos e os que de algum modo e sob qualquer título nos forem confiados pela Divina Providência.

(pp. 86-87)

Noto aqui o que deveria ter dito em outro lugar

No tempo dos exercícios espirituais, o Diretor da casa e todos os outros Superiores ordinários são aconselhados a deixar de ouvir as confissões dos seus dependentes, e na medida do possível sirvam-se de confessores e pregadores extraordinários. Se eles não bastarem chamem-se outros confessores bem conhecidos para ajudarem. E se em certos casos fosse necessária alguma exceção, o Superior saberá julgar.

Quando um Irmão entra em atrito com as autoridades eclesiásticas de uma cidade, lugar ou diocese, o seu Superior use da devida prudência e o destine a outro encargo.

De maneira semelhante, quando algum Irmão encontrasse rivalidade ou oposição dos seus Irmãos, é bom mudá-lo de família ou de ocupação.

Mas seja sempre amigavelmente avisado dos seus defeitos e se dêem as normas para melhor regular-se no futuro a fim evitar dissenções.

Seguem-se quatro páginas intituladas: Com as pessoas de fora. São recomendações sobre o modo de agir nos casos de controvérsias ou de problemas pecuniários com pessoas de fora.

I) Recomendações para as Irmãs de Maria Auxiliadora” (pp. 97-104)

Grande prudência nas relações entre as religiosas e as outras pessoas, seja religiosos, seja seculares; exigências para as noviças; avisos práticos sobre a administração dos bens (propriedades, dinheiro), e sobre o funcionamento do Capítulo superior e do Capítulo geral.

222. J) Recomendações diversas: clareza, pobreza, perdão (pp. 107-115)

Depois de duas páginas brancas, um novo grupo de recomendações: a grafia, irregular, denota muita fadiga.

Quando num país ou numa cidade se vos apresentar uma dificuldade por parte de alguma autoridade espiritual ou temporal, procurai apresentar-vos para dar explicação de quanto houverdes feito.

A explicação pessoal das vossas boas intenções diminui bastante e muitas vezes faz desaparecer as idéias nefastas que se pudessem formar na mente de alguém.

Se são coisas culpáveis mesmo face às leis, peça-se desculpas, ou pelo menos apresente-se uma respeitosa explicação, mas se for possível sempre em audiência pessoal.

Esse modo de agir é muito conciliador e frequentemente torna benévolos os próprios adversários.

Isso não é senão quanto Deus recomenda: *responsio mollis frangit iram* ⁽¹⁴⁾. Ou então a máxima de S. Paulo: *Charitas Dei benigna est, patiens est, etc.*

(14) Uma resposta branda aplaca o furor (uma palavra dura excita) (Prov 15,1).

A mesma regra devem seguir os Diretores de casas em relação aos seus inferiores. Falai-vos, explicai-vos, e facilmente vos haveis de entender sem chegar a romper a caridade cristã contra os interesses da nossa própria congregação.

E se quiserdes alcançar muito dos vossos alunos, não vos mostreis nunca ofendidos contra alguém. Tolerai-lhes os defeitos, corrigi-os, mas esquecei-os. Mostrai-vos sempre afeiçoados a eles, e dai-lhes a perceber que todos os vossos esforços são dirigidos a fazer bem às suas almas.

(pp. 107-110)

Recomendação fundamental a todos os Salesianos

Amai a pobreza se quiserdes conservar em bom estado as finanças da Congregação.

Fazei que ninguém tenha de dizer: Este móvel não é sinal de pobreza, esta mesa, esta roupa, este quarto não é de pobre. Quem oferece motivos razoáveis para se falar assim, causa um desastre para a nossa congregação, que se deve sempre gloriar do voto de pobreza.

Ai de nós, se aqueles dos quais esperamos caridade puderem dizer que temos vida mais folgada que a deles.

Entende-se sempre que isso se deve praticar rigorosamente quando nos encontramos em estado normal de saúde, porque nos casos de doença devem-se usar todos os resguardos que as nossas regras permitem.

Lembra-vos que será sempre um belo dia para vós quando conseguirdes vencer com benefícios um inimigo ou fazer um amigo.

Não se ponha nunca o sol sobre a vossa ira, nem deveis trazer nunca à memória as ofensas perdoadas, nunca recordar o prejuízo, a injúria esquecida. Digamos sempre de coração: *Dimitte nobis debita nostra sicut et nos dimittimus debitoribus nostris* ⁽¹⁵⁾. Mas com um

(15) Do Pai nosso: *Perdoai-nos as nossas ofensas como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*. É a quarta vez que Dom Bosco insiste no esquecimento das ofensas passadas e no perdão total.

esquecimento absoluto e definitivo de tudo o que no passado nos tenha causado algum ultraje. Amemos a todos com amor fraterno.

Essas coisas devem ser exemplarmente observadas por aqueles que exercem alguma autoridade sobre os outros.

(pp. 111-114)

Recomendações para mim mesmo

Ó jovens queridos, vós que fostes sempre a delícia do meu coração; recomendo-vos a comunhão freqüente em sufrágio da minha alma. Com a comunhão freqüente vós vos haveis de tornar caros a Deus e aos homens, e Maria vos concederá a graça de receber os santos Sacramentos no fim da vida.

Vós, sacerdotes, clérigos salesianos, vós parentes e amigos da minha alma, rezai, recebei Jesus Sacramentado em sufrágio da minha alma, a fim de que me abrevie o tempo do purgatório.

223. K) Últimas páginas: profissão de fé e de humildade, o futuro (pp. 267-276)

Neste ponto, Dom Bosco saltou uma centena de páginas, que ficaram em branco. Lá pelo fim da caderneta escreveu ainda dez páginas, com uma caligrafia complicada: são os últimos pensamentos (provavelmente redigidos em 1887); o tom se faz solene, suplicante e profético.

Profissão de fé e de humildade

Manifestados assim os pensamentos de um pai para com os seus amados filhos, dirijo-me agora a mim mesmo para invocar a misericórdia do Senhor sobre mim nas últimas horas da minha vida.

Entendo viver e morrer na santa religião católica que tem como chefe o Romano Pontífice, Vigário de Jesus Cristo na terra.

Creio e professo todas as verdades da fé que Deus revelou à Santa Igreja.

Peço humildemente perdão a Deus ⁽¹⁶⁾ de todos os meus pecados, especialmente de todo escândalo dado ao meu próximo em todas as minhas ações, em todas as palavras proferidas em tempo não oportuno. Peço de modo particular desculpas pelos resguardos excessivos usados com mim mesmo com o especioso pretexto de conservar a saúde.

Devo também desculpar-me se alguém observou que várias vezes fiz uma preparação muito breve ou uma muito breve ação de graças após a S. Missa. Estava de certa maneira obrigado a isso pela multidão de pessoas que na sacristia me rodeavam e tiravam a possibilidade de rezar tanto antes como depois da Santa Missa.

Sei que vós, ó amados filhos, me amais; esse amor, essa afeição não se limite a chorar depois da minha morte, mas rezai pelo descanso eterno da minha alma.

Recomendo que façam orações, obras de caridade, mortificações, santas comunhões e estas para reparar as negligências cometidas ao fazer o bem ou impedir o mal.

As vossas orações sejam dirigidas ao Céu especialmente para que eu encontre misericórdia e perdão assim que me apresentar diante da tremenda Majestade do meu Criador.

(pp. 267-270)

O futuro ⁽¹⁷⁾

A nossa congregação tem pela frente um feliz porvir preparado pela Divina Providência, e a sua glória

(16) Os parágrafos dão uma idéia da extraordinária humildade do "servidor" que foi Dom Bosco, das exigências que tinha para consigo (para com o seu pobre corpo desgastado pelas fadigas e doenças), pelo seu medo de escandalizar mesmo de maneira mínima o próximo, da sua consciência da necessidade da misericórdia de Deus. Raramente desvendou desse modo a profundidade da sua alma.

(17) É típico que as confidências da caderneta se encerram numa visão do futuro. O servidor, morrendo, fixa os olhos sobre a obra para a qual foi enviado, e aos seus continuadores anuncia um futuro imenso. Pensamos em Moisés que, do alto da montanha em que morre, entrevê a Terra prometida. Mas indicam-se outrossim claramente as exigências: "trabalho e temperança!". Nunca foram tão vigorosas as fórmulas de Dom Bosco.

será duradoura até quando se observarem fielmente as nossas regras.

Quando começarem entre nós comodidades ou riquezas, a nossa pia Sociedade terá encerrado a sua carreira.

O mundo nos receberá sempre com prazer enquanto as nossas solicitudes se dirigirem aos selvagens, aos meninos mais pobres, mais periclitantes da sociedade. Esse é o verdadeiro conforto que ninguém invejará e ninguém nos virá arrebatara.

Não se fundem casas se não houver o pessoal necessário para a direção delas.

Não muitas casas vizinhas. Se uma estiver distante da outra os perigos são bem menores.

Começada uma missão no estrangeiro, continue-se com energia e sacrifício. O esforço deve visar sempre a criar e organizar escolas e conseguir algumas vocações para o estado eclesiástico, ou algumas Irmãs entre as meninas.

A seu tempo nossas missões irão à China e precisamente a Pequim ⁽¹⁸⁾. Mas não se esqueça que nós vamos para os meninos pobres e abandonados. Lá entre povos desconhecidos e ignorantes do verdadeiro Deus ver-se-ão maravilhas não imaginadas até agora, mas que Deus poderoso manifestará ao mundo.

Não se conservem propriedades estáveis além das habitações de que temos necessidade.

(18) A alusão à presença futura dos Salesianos na China causa menos espanto quando aproximada a dois sonhos proféticos de Dom Bosco sobre o futuro das missões salesianas justamente na época em que escrevia as suas recomendações na caderneta: o de 1.º de fevereiro de 1885, narrado aos membros do Capítulo superior dia 2 de julho, e ao conde Colle em duas cartas de 10 de agosto de 1885 e 15 de janeiro de 1886: "Passeio à China com o nosso bom Luís" (o filho do conde) (MB XV, 91; XVII 643-647); e o de 10 de abril de 1886, no qual Nossa Senhora como pastorinha mostra Pequim a Dom Bosco (cf. MB XVIII 73-74). De fato, no Natal de 1946, um grupo de Salesianos chegou a Pequim para aí fundar um oratório e uma escola profissional. Quatro anos depois, foram expulsos pelo regime de Mao, e fechada a sua "Escola de N. Senhora", a última católica na China comunista.

Quando em algum empreendimento religioso vêm a faltar os meios pecuniários, suspenda-se; continuem-se, porém, as obras começadas assim que as nossas economias, os sacrifícios o permitirem.

Quando um Salesiano sucumbir e cessar de viver trabalhando para as almas, então direis que a nossa Congregação alcançou uma grande vitória e sobre ela descerão copiosas as bênçãos do Céu ⁽¹⁹⁾.

(pp. 271-276)

(19) Esta sentença se aplica primeiramente a Dom Bosco, e resume de modo admirável a sua vocação: “viver e sucumbir trabalhando pelas almas”. O *Da mihi animas, caetera tolle* recebe então o seu significado último.

III. "ULTIMA VERBA"

Dos últimos dias de Dom Bosco, do que fez e disse, do que aconteceu em torno dele, temos duas relações que se integram e entrelaçam: a do P. Viglietti retomada pelo P. Lemoyne (chamada Lemoyne-Viglietti), muito pormenorizada, e a mais sumária e eivada de lacunas do P. Berto, que não pôde acompanhar tudo de perto e com continuidade. Temos ainda lembranças escritas por outras testemunhas, como o P. Rua e Dom Cagliero, e o depoimento no processo ordinário, feito pelo coadjutor Enria, seu enfermeiro, que velou todas as noites à sua cabeceira (1).

Com exceção de alguns breves pensamentos escritos em alguma imagem sacra ou redigidos para o Bollettino Salesiano de janeiro de 1888, não apresentaremos mais "escritos" de Dom Bosco. Mas os documentos citados nos garantem a autenticidade das "palavras" que aqui reproduzimos para completar-lhe o retrato espiritual, sem que se interponha o diafragma da idealização. Não citamos todas as palavras, mas a maioria, as mais capazes de revelar o espírito de Dom Bosco.

(1) Arquivo 110 Berto (4); 110 Lemoyne-Viglietti (diário, 41 folhas grandes); 110 Viglietti (cadernetas pretas 7 e 8); 110 Cagliero 4 (cópia assinada por ele). Esses documentos e outros foram utilizados primeiramente pelo P. Ceria no relato dos últimos dias de Dom Bosco nas MB XVII, pp. 457-542. Mais de uma vez existe alguma ligeira diferença de estilo entre um relator e outro, mesmo quanto às palavras de Dom Bosco. Cf. as reflexões do P. P. Stella, *Don Bosco nella storia*, I, 249-251.

224. A ajuda mútua entre pai e filho

O P. Carlos Viglietti é o jovem salesiano que teve a sorte de ser secretário e enfermeiro assíduo e carinhoso de Dom Bosco de 20 de maio de 1884 (dia dos seus 20 anos), a 30 de janeiro de 1888. Para a festa do seu onomástico, em 4 de nov. de 1887, recebeu este bilhete de parabéns (Epist. IV, 384).

Caro P. Viglietti,

Ajuda-me como filho, eu te ajudarei sempre como pai e rezarei muito para que possas um dia voar para o céu acompanhado pelas almas que tiveres salvado. Teu onomástico de 1887.

Sac. João Bosco

225. Breves pensamentos em santinhos a serem enviados a Cooperadores

Na manhã de 19 de dezembro de 1887, o P. Viglietti, encontrando Dom Bosco mais aliviado, pediu-lhe que escrevesse alguns pensamentos em alguns santinhos que queria mandar a determinados Cooperadores. — *Com muito gosto*, respondeu Dom Bosco. E escreveu, acrescentando sempre a sua assinatura ⁽²⁾.

Ó Maria, alcançai-nos de Jesus a saúde do corpo, se for para o bem da alma, mas garanti-nos a salvação eterna.

Fazei logo boas obras, porque vos pode faltar o tempo e assim ficardes logrados.

Felizes os que se dão a Deus desde a juventude.

Quem demora em se dar a Deus corre grande perigo de perder a alma.

Se fizermos o bem, encontraremos o bem nesta vida e na outra.

No fim da vida se recolhe o fruto das boas obras.

(2) MB XVIII 481-485. Cópia do P. Berto no Arquivo 112, *Massime* 2.ª, reproduzida nas MB XVIII. 861-864.

Neste ponto, o P. Viglietti o interrompeu: "Mas Dom Bosco, escreva algo mais alegre! Essas coisas fazem sofrer". Então Dom Bosco fixou com ternura seus olhos nos do secretário, e vendo-o chorar, lhe disse sorrindo:

— Pobre Carlinhos! Que menino que és!... Não chores... Já te disse que são as últimas imagens em que escrevo.

Para agradar-lhe, mudou de tema, continuando:

Os meninos são a delícia de Jesus e de Maria.

Sagrado Coração do meu Jesus, fazei que eu vos ame sempre mais.

Quem protege os pobres será largamente recompensado por Deus no seu divino tribunal.

Quem protege os órfãos será abençoado por Deus nos perigos da vida e protegido por Maria na morte.

Ó Virgem pia, a tua ajuda forte concede à minha alma em ponto de morte.

226. Últimas recomendações escritas aos Cooperadores e Cooperadoras

No início de 1888 saiu o Bollettino Salesiano de janeiro. Publicava a costumeira carta aos Cooperadores com uma relação das obras realizadas em 1887 e com a exposição das planejadas para 1888. A carta era longa, mas sabemos que de Dom Bosco eram somente, além da assinatura, quatro pensamentos por ele mesmo ditados e que se distinguem de todo o resto por estarem em grifo (3):

1. Se quisermos fazer prosperar os nossos interesses espirituais e materiais, procuremos antes de tudo fazer prosperar os interesses de Deus, e promovamos o bem espiritual e moral do nosso próximo por meio da esmola.

(3) *Bollettino Salesiano*, janeiro de 1888: o artigo, intitulado *Lettera di D. Bosco ai Cooperatori e alle Cooperatrici*, cobre as pp. 1-6; os quatro pensamentos acham-se às pp. 5-6: *Quattro ricordi per conclusione*. Cf. MB XVIII, 508-509.

2. Se quiserdes alcançar mais facilmente alguma graça, fazei vós mesmos a graça, ou seja, a esmola aos outros, antes que Deus ou a Virgem a façam a vós. *Date et dabitur vobis.*

3. Com as obras de caridade fechamos para nós as portas do inferno e abrimos as do Paraíso.

4. Recomendo à vossa caridade todas as obras que Deus se dignou confiar-me no decorrer de quase cinquenta anos; recomendo-vos a educação cristã da juventude, as vocações ao estado eclesiástico, e as missões estrangeiras; mas de modo especialmente particular vos recomendo o cuidado dos meninos pobres e abandonados, que foram sempre a porção mais querida ao meu coração na terra, e que pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo espero serão a minha coroa e o meu gozo no Céu.

227. Palavras proferidas nas primeiras semanas de dezembro

Dom Bosco teve que ir definitivamente para o leito na noite de 20 de dezembro. Nos dias precedentes, não obstante dores e cansaço, atendeu ainda as confissões dos jovens e deu as últimas audiências. Com os seus familiares mostrava-se sempre de mente lúcida, disposto até a brincar, mais preocupado com os outros do que consigo.

Brincando com seus sofrimentos, repetia dois versos de uma canção piemontese:

— Oh schina, T'as fini d'porté bas-cina. (Ó costas, pobres costas, já não carregareis mais peso).

4 de dez. Ao P. Cerruti, conselheiro escolar, de saúde delicada:

Tem cuidado contigo. Sou eu Dom Bosco que o digo, antes, mando. Faze por ti o que farias por Dom Bosco.

E como ao P. Cerruti custava segurar as lágrimas:

— Coragem, caro P. Cerruti! No paraíso quero que estejamos alegres.

9 de dez. Na noite precedente chegara ao Oratório o bispo de Liege, Bélgica, para conseguir uma casa salesiana

na sua cidade. A escassez de pessoal forçava uma negativa. Na manhã do dia 9, Dom Bosco ditou ao P. Viglietti, chorando:

— Palavras literais que a Virgem Imaculada me disse ao aparecer-me esta noite: Praz a Deus e à Bem-aventurada Virgem Maria que os filhos de S. Francisco de Sales vão abrir uma casa em Liege em honra do SS. Sacramento. Aí começaram as glórias de Jesus publicamente, e aí deverão eles propagar-lhe as glórias em todas as suas casas, e nomeadamente entre os muitos meninos a eles confiados.

10 de dez. Ao P. Viglietti:

— Até aqui caminhamos sempre no caminho certo. Não podemos errar o caminho: Maria é quem nos guia.

19 de dez. *A ilustres visitantes chilenos que lhe prometem orações para que Deus "o Conserve ainda longamente".*

— Desejo ir logo para o céu: de lá poderei trabalhar muito melhor pela nossa Pia Sociedade e pelos meus filhos e protegê-los. Aqui já não posso fazer **nada** por eles. (4).

228. De 20 à tarde a 31 de dezembro: agrava-se a doença

Dom Bosco ficou acamado por quarenta e dois dias contínuos, mas com três fases bem distintas no processo da doença: agravamento, alívio (1-20 de janeiro), e o fim.

23 de dez. Ao P. Viglietti que sofria ao vê-lo sofrer:

— Dize à tua mãe que lhe mando uma saudação, que se ocupe em fazer crescer cristãmente a família e que reze também por mim, e para que sejas sempre um bom padre e salves muitas almas.

A Dom Cagliariro:

(4) Citado no *Bollettino Salesiano*, abril de 1888, p. 40. No céu Dom Bosco quer "trabalhar" ainda pelos seus. Nove anos mais tarde, no leito de morte, Teresa de Lisieux dirá o mesmo.

— Dirás ao S. Padre o que até agora se conservou como um segredo. A Congregação e os Salesianos têm por finalidade especial apoiar a autoridade da Santa Sé, onde quer que se encontrem e onde quer que trabalhem... Vós ireis, protegidos pelo Papa, à África... Haveis de atravessá-la... Ireis à Ásia, à Tartária e a outros lugares. Não temais nada, o Senhor vos ajudará. Fidem habete, tende fé.

Ao doutor Vignolo que, desejando experimentar a força do doente, pedia que lhe apertasse a mão com a maior força possível, disse rindo:

- Vou machucá-lo, sabe, vou machucá-lo.
- Não. Não é possível.

Dom Bosco apertou: o médico retirou apressadamente a mão dolorida, quase assustado com a força de Dom Bosco.

Ao Arcebispo de Turim, card. Alimonda, que o viera visitar:

— Faça-se em mim a santa vontade de Deus. Fiz sempre tudo o que pude... Eu o disse aos outros (que vivessem preparados para bem morrer). Agora preciso que os outros o digam a mim.

24 de dez. Pela manhã, ao P. Viglietti e ao P. Bonetti, antes antes de receber o viático:

— Ajudai-me, ajudai-me a receber bem a Jesus... Eu estou confuso. *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum!*

Por volta do meio-dia, ao P. Durando:

— Encarrego-te de agradecer em meu nome aos médicos todos os cuidados que com tanta caridade tiveram para comigo.

Tarde avançada, ao P. Viglietti, após haver-lhe pedido pegasse na sua escrivaninha a caderneta do Testamento espiritual:

— Faze-me também o favor de ver nos bolsos das minhas roupas; neles estão a carteira e o porta-níqueis. Acho que não há mais nada; caso haja dinheiro, entre-

ga-o ao P. Rua. Quero morrer de modo que se diga: Dom Bosco morreu sem um vintém no bolso.

Pelas 11, Dom Cagliero administrou-lhe a extrema unção. Depois Dom Bosco lhe disse chorando:

— Só uma coisa peço ao Senhor, que possa salvar a minha pobre alma... Recomendo que digas a todos os Salesianos que trabalhem com zelo e ardor. Trabalho, trabalho! Empenhai-vos sempre e indefessamente em salvar as almas.

25 de dez. *Durante o recreio dos meninos de Valdocco:*

— Querido Viglietti, e se fosses fazer um pouco de recreio? Não queria que ficasses doente por minha causa... Pobre Viglietti, dou-te um bom trabalho!

— Viglietti, dá um jeito de atirar todos os meus males nas pedras do Stura.

26 de dez. *Um ex-aluno (Carlos Tomatis, professor de desenho, citado na carta II p. 77) veio com o filho fazer-lhe uma breve visita. Dom Bosco abençoou-o. Depois ao P. Rua:*

— Sabes que não é de muitas posses. Paga-lhes a viagem em meu nome.

A Madre Daghero, Superiora geral das Filhas de Maria Auxiliadora, que viera de Nizza Monferrato para visitá-lo.

— Abençô-a, abençô todas as suas irmãs e todas as casas. Procurai salvar muitas almas!

27 de dez. *Ao P. Belmonte, enquanto o doutor Albertotti e outros discutiam a maneira de fazê-lo mudar de cama sem que sofresse muito:*

— Deve-se fazer assim: amarrar-me uma boa corda ao pescoço e puxar-me de uma cama à outra.

28 de dez. *Recusou-se sempre a pedir a Deus sua cura. Recusou também dizer, quando alguém lho sugeria: Maria SS., fazei-me sarar. Dizia sempre:*

— Faça-se em mim a santa vontade de Deus... Os médicos me digam claramente qual é o meu estado. Saibam que nada temo. Estou tranqüilo e preparado.

29 de dez. *A tarde, sentiu-se mal, esteve a um passo da morte. Ao P. Rua e a Dom Cagliero:*

— Arrumai os vossos negócios. Prometei amar-vos, ajudar-vos, suportar-vos como irmãos. A ajuda de Deus e de Maria não vos faltará. *Alter alterius onera portate. Exemplum bonorum operum* ⁽⁵⁾. . . Abençoção as casas da América, o P. Costamagna, o P. Lasagna, o P. Fagnano, o P. Rabagliati e os do Brasil, Dom Aneyros de Buenos Aires e Dom Espinosa, Quito, Londres e Trento. . .

Recomendai a comunhão frequente e a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora. Isso deve ser para toda a vida mas também, se quizerdes, pode servir de lembrança para o ano novo.

Noite avançada, mais sereno, a Dom Cagliero que lhe dera a bênção papal:

— Propagai a devoção a Maria Santíssima na Terra do Fogo. Se soubéssemos quantas almas Maria Auxiliadora quer ganhar para o céu por meio dos Salesianos!

Ao P. Bonetti, diretor espiritual das Filhas de Maria Auxiliadora, que lhe pedia uma lembrança para elas:

— Obediência. Praticá-la e fazê-la praticar.

Quis beber algo, mas deveram negar-lhe por causa dos vômitos muito frequentes. Disse então: Aquam nostram pretio bibimus ⁽⁶⁾. *É preciso aprender a viver e a morrer, uma coisa e outra.*

30 de dez. *Evocando a lembrança do ano novo para os Salesianos:*

— Recomendo trabalho, trabalho! . . .

(5) Citação de Gál 6,2. *Carregai os fardos uns dos outros, e início de uma citação de Tito 2,7: Apresenta-te em tudo como exemplo de boas obras.*

(6) Citação de uma frase da oração de Jeremias em Lam 5,4: *Bebemos a nossa água a preço de dinheiro.* Exprime o sofrimento extremo do momento.

229. De 1.º a 20 de janeiro de 1888: uma trégua benigna

6 de jan. Ao doutor Bestenti, ex-aluno do Oratório e empregado no departamento municipal de higiene, que de boa vontade tomava parte nas reuniões de consulta dos médicos no caso de Dom Bosco:

— Pois bem, dize-me, o teu emprego de médico municipal te dá o suficiente para viver? — Sim, bastante. — E agora que pensas? — Estou procurando uma companheira. — E eu rezarei por ti.

7 de jan. à tarde. Ao P. Viglietti, após haver comido, e pedido notícias da Papa, de Crispi, de Bismarck, da casa de Valdocco:

— Viglietti, procura o P. Lemoyne para que te explique como é que uma pessoa, depois de vinte e um dias de cama, quase sem comer, fora da razão... de repente volte a si, perceba tudo, sinta-se com forças e capaz quase de levantar-se, escrever, trabalhar, são como se nunca tivesse estado doente. Depois eu te direi o resto. É um abismo que nem eu posso compreender. A quem perguntasse, pode-se-lhe responder assim: *Quod Deus imperio, tu prece, Virgo, potes* ⁽⁷⁾.

8 de jan. Ao P. Viglietti:

— Anota estas palavras que depois transmitirás ao redator do *Bollettino*. Dom Bosco gastou até ao último vintém antes da sua doença, e agora fica sem dinheiro, ao passo que os seus orfãozinhos continuam sempre a pedir pão. Por isso quem quiser fazer a caridade faça-a, porque Dom Bosco não poderá mais ir nem vir.

15 de jan. Aos presentes, gracejando com sua dificuldade de respirar:

— Se puderdes achar um fabricante de foles para consertar os meus, me havíeis de prestar um bom serviço.

(7) Invocação de S. Bernardo a Nossa Senhora: *O que Deus pode fazer com seu domínio, tu, Virgem, podes com a tua prece.*

Lembrando-se improvisamente da data, disse, recordando o filho do seu médico Vignolo, então convallescente:

— Amanhã é S. Marcelo. Mandai a Marcelo uma cestinha daquela uva com que nos presentearam.

17 de jan. *A tarde, o P. Sala, ecónomo geral, homem robusto e de grande força, teve que levantá-lo para um pouco de higiene. Como tal operação se tornasse sempre dolorosa pelas chagas causadas pelo decúbito, disse a Dom Bosco:*

— Pobre Dom Bosco! como o faço sofrer!

— Não. Dize antes: pobre P. Sala, que teve tanto trabalho! Mas deixa comigo: em tempo oportuno te compensarei por este serviço.

18 de jan. *A Dom Cagliero:*

— Toma a peito a Congregação; ajuda os outros Superiores em tudo o que puderes... Os que desejarem graças de N. S. Auxiliadora ajudem as nossas Missões e estejam certos de alcançá-las.

230. De 21 a 31 de janeiro: o fim

22 de jan. *Os médicos resolveram amputar uma excrescência de carne na parte inferior das costas, causa de muita dor. O dr. Vignolo fez a operação de um só golpe e de surpresa: saiu muito bem, embora tenha feito Dom Bosco gritar. Ao P. Sala que mostrava compaixão:*

— Fizeram-me um corte de mestre... Acredito que aquele pedacinho de carne não sentiu nada.

24 de jan. *Ao arcebispo de Paris, card. Richard, que viera visitá-lo e pedia uma bênção:*

— Sim, abenço o senhor e abenço Paris.

25 de jan. *Muito enfraquecido por três dias de sofrimentos, falava com dificuldade, tinha sede. Adormentou-se por um instante, mas de repente sacudiu-se, bateu palmas e gritou:*

— Correi, correi depressa para salvar aqueles jovens... Maria Santíssima, ajudai-os... Mãe, Mãe!

Ao P. Sala que lhe perguntava o que queria:

— Onde estamos neste momento? — Estamos no Oratório de Turim. — E os jovens, que fazem?...

26 de jan. *A Dom Cagliero, que voltava de breve viagem, murmurou com esforço:*

— Salvai muitas almas nas Missões.

E mais tarde:

— A Congregação nada tem a temer. Tenho homens formados.

Ao P. Bonetti que o exortava a lembrar-se de Cristo a sofrer na cruz sem poder mover-se:

— Sim, é o que faço sempre.

Ao P. Sala que lhe lembrava o trabalho fecundo da sua vida:

— Sim. O que fiz, fiz pelo Senhor... Podia-se ter feito mais... Mas meus filhos farão... A nossa Congregação é guiada por Deus e protegida por Maria Auxiliadora.

28 de jan. (sábado). *Variava com muita freqüência. Repetiu algumas vezes.*

— Coragem! Para a frente! Sempre para a frente!..

Durante a manhã, umas vinte vezes:

— Mãe! Mãe!...

A tarde, juntando as mãos:

— Ó Maria! Ó Maria!...

Ao P. Bonetti:

— Dize aos jovens que os espero a todos no céu... Quando falares ou pregares, insiste sobre a comunhão freqüente e sobre a devoção a Nossa Senhora.

Ao dr. Fissore que lhe dava a esperança de uma melhora para o dia seguinte, disse a sorrir e ameaçando graciosamente com o indicador:

— Doutor, quer então fazer ressuscitar os mortos! Amanhã?... Amanhã farei uma viagem mais longa.

A noite, chamou o P. Paulo Albera, inspetor das casas da França, ao qual estava muito afeiçoado:

— Paulinho, Paulinho, onde estás? Por que não vens?

Depois de uma hora repetiu:

— Estão atrapalhados! — Esteja tranqüilo, Dom Bosco, disse Dom Cagliero, faremos tudo, tudo quanto deseja.

Erguendo com esforço a cabeça e com voz firme:

— Sim, querem fazer e depois não fazem.

29 de jan. Não reconheceu os médicos que o foram visitar. Perguntou ao P. Durando:

— Quem eram esses senhores que acabam de sair? — Não os conheceu? Eram os médicos. — Oh, sim? Dize então que hoje fiquem aqui conosco... (para o almoço).

Durante o dia, muitas vezes:

— Mãe! Mãe!... Amanhã! Amanhã!

Por volta das dezoito horas, murmurou consigo:

— Jesus... Maria... Jesus e Maria, eu vos dou meu coração e minha alma... *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum.* Ó Mãe, Mãe... abri-me as portas do paraíso!

Repetia citações da Escritura mais profundamente impressas em sua alma:

— *Diligite... Diligite inimicos vestros... Beneficite his qui vos persequuntur... Quaerite regnum Dei... Et a peccato meo... peccato meo... munda... munda me* (8).

30 de jan. *Durante a noite, rezou o ato de contrição, muito devagar. Depois, levantando os braços para o céu e juntando as mãos, várias vezes:*

— *Seja feita a vossa santa vontade!*

Durante o dia, os salesianos de Valdocco e das outras casas casas de Turim, os jovens das classes superiores e os aprendizes maiores desfilaram diante dele para beijar-lhe a mão direita, já paralizada.

As doze e três quartos, escancarou os olhos, fixou demoradamente o P. Viglietti e levantando a mão esquerda, pousou-a sobre a cabeça dele. Foi o derradeiro ato consciente percebido pelos circunstantes.

Expirou às quatro e quarenta e cinco do dia 31, enquanto o sino de Maria Auxiliadora tocava as Ave-Marias.

* * *

Na última página da sua caderneta preta, o P. Viglietti escreveu, abalado com um órfão:

"Pobre filho, a tua crônica terminou! Quem te consolará? Pobre menino... amaste tanto aquele bom pai! Certamente tudo o que pude fazer para esse adorado Pai, eu fiz. Se alguma vez causei-lhe algum desgosto, espero que me tenha perdoado... Amava-me tanto! Não me custa dizer com todos os meus superiores: sim... sim... eu era o seu predileto" (pág. 41) (9).

(8) *Amái os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam* (Lc 6,27). *Procurai o reino de Deus* (Mt 6,33). *Purifica-me do meu pecado* (Sl 51,4). O conhecimento (mesmo de cor) da Escritura era em Dom Bosco muito mais amplo e profundo do que pode parecer à primeira impressão.

(9) "Dom Bosco amava a todos de uma maneira que todos pensavam ser o mais querido" (E. Ceria, MB XVIII 490). "Dom Bosco amava a todos e a cada um como se fosse o objeto único da sua afeição" (G. B. Lemoyne, Diário, p. 12, Arquivo 110, Lemoyne-Viglietti).

ÍNDICE LÓGICO DOS TEMAS

Um índice lógico (ainda que imperfeito) dos temas pareceu-nos mais útil que um índice alfabético: põem-se assim em maior evidência os temas principais de Dom Bosco. Indicamos outrossim as referências às suas expressões mais características.

Os números referem-se às páginas: texto de Dom Bosco, texto das nossas introduções (nesse caso o número está sempre entre parêntesis) e das nossas notas mais importantes (empregamos a letra n). Os números em grifo significam que o tema é aí tratado de maneira mais direta e mais ampla.

A) DEUS E O SEU PLANO DE SALVAÇÃO

1. Deus criador, pai e juiz

Deus é nosso Criador: 101, 102; 242, 268 (todos os nossos oens lhe pertencem), 297 (criou-nos para si), 397 (senhor de tudo). — É luz: 347 — É Pai infinitamente misericordioso e onipotente: 28-29, 101; 230, 231-232, 387, (sempre pronto a perdoar); 29-30, 72, 87, 95, 96, (não permite sofrimentos excessivos), 121 (pai e senhor), 131 (dará o necessário); 472. — É providente: cf. Abandono — É o nosso juiz: 234 (não como os juizes da terra), 271 (severas contas do supérfluo); 449, 474 (tremenda Majestade); cf. mais adiante: Juízo, 66 — Fórmula trinitária: 207.

2. Cristo: redentor, modelo, companheiro-amigo

Cristo nos redimiu com a sua paixão e morte, com o seu precioso sangue: 28, 124, 140, 141, 183, 203, 232 (prova suprema de amor), 234, 241-242, 253-254, 267, 433. — É modelo perfeito de todas as virtudes: 235-237; pobre: 369; obediente até à morte: 104, 235, 358, 365, 429. — É sobretudo o Amor encarnado: 30, 102, 207, 232 (além de toda a medida), 248 (veio trazer o fogo), 249, 253; o bom pastor: 34, 55m; de Coração manso e generoso: 35, 432, 480. — Cristo ressuscitado é nosso irmão-companheiro-amigo secreto: 142 (Savio), 181 (Besucco); 234, 239 (somos os seus membros), 241 (desde o batismo), 433 (Jesus está conosco).

— Está presente nos pequenos e nos necessitados: 226, 243, 256, 267, 270, 457 e entre os que se reúnem em seu nome: 387. — “Heri et hodie”: 330 — É mestre e será juiz: 145, 202, 234, 254, 459 cf. mais adiante: juízo, 6b — cf. Imitar a Cristo, sofrer com Cristo, B 1b.

3. Maria: mãe de Cristo e nossa mãe

É mãe imaculada de Cristo (38), 132, 237-238, 243. — É nossa mãe e mestra : (29, 39), 156 (Vinde a mim); 238-240 (sustentáculo da Igreja universal, refúgio dos pecadores), 306 (benfeitora do gênero humano), 317, 347 (estrela da manhã), 457 (protetora dos abandonados). — É sede da sabedoria para os estudantes: 156-157 (Magone) 194, 201. — Está presente na morte e no juízo dos seus devotos: 166-169 (Magone); 184.

Foi de modo especial a *mestra* e o *sustentáculo* de Dom Bosco: 54-57 (sonho dos 9 anos), 63-65, 80-82, 417, 485, 487. — Foi e será o sustentáculo da obra salesiana: 167, 168, 266, 267, 327-328 (missionários), 387 (Capítulo geral), (FMA), 400, 453, 454 (será teu guia), 454, 460 (mãe e sustentáculo na nossa congregação), 463-464, 481 (não podemos errar), 483, 486, 487. — Votos para que Maria seja *guia*: 436, 438, 453. — S. José: 104, 195, 235.

4. O homem: é chamado à felicidade de filho de Deus

O homem é criatura de Deus chamada à salvação e à felicidade presente e eterna: (27-28), 101-102; mediante a conservação e uma vida santa: 121, 230-231. — No batismo adquire a imensa dignidade de filho de Deus e irmão de Cristo: (29-31), 238-240, 241-242, 253, 261 (sócios salesianos) 270, 381 (filhos). — Somente a religião torna feliz: 281, 296. — O cristão é sal da terra: 246.

Entre os homens, os *jovens* são objeto de um amor especial de Deus e de Cristo: 96, 102-103 (sois as suas delícias), 189, 252, 356, 479 (delícias de Jesus e de Maria). — No mundo, “grande campo a ser cultivado” (251), devem tornar-se bons cidadãos, depois habitantes do céu: 98, 266, 270, 326. — A sociedade será reformada pelos jovens bem educados: 225, 258, 264, 268.

5. A Igreja: é mãe dos salvos, o Papa sinal da sua união visível

“A santa Madre” Igreja: (28-29), (241), 396-397, 451; na qual somos “todos irmãos”: 127, na comunhão dos santos: 261 n, — É militante e triunfante: 165 — Os bispos dirigem-na: 324-325; Dom Bosco submete-se ao de Turim: 341, 344. — O Papa, vigário de Cristo, é centro visível da unidade: Dom Bosco adere à verdade católica: (23); 465-466 (escritos), 473; e quer os Salesianos obedientes e disponíveis ao Papa 259, 321, 460, 481.

6. Caminhamos para as realidades últimas: morte, céu

a) *Morte*. — Três exemplos em que morrer é “ir ao encontro de Nosso Senhor Jesus Cristo”: (144) 141-145; 164-170;

181-186; cf. também 473, 481, 485, 489 (Dom Bosco). — Proteção de Maria na morte 168, 479. — Havemos de morrer todos 202. — É separação do corpo e da alma: 167, 186, 263; arrebatamos os bens: 301, 369; é passagem na vida, “não separação, mas adiamento de um novo encontro”: 182, 304, 311. — “Bem viver e bem morrer”: 430. — Não temê-la: 142, 295, 297; mas “considerar todos os dias como o último”: 346 — Melhor morrer, que pecar: 117n, 121, 139, 142, 184. — Cf. *Exercício da boa morte*, E Gb

b) *Juizo*. — Seremos todos julgados: 81, 202. — Deverão prestar rigorosas contas os que possuem bens: 369; os padres: 254 os superiores: 367, 374. — Quem trabalhou por Deus e pelos pobres será bem acolhido: 145, 166, (assistido por Maria); 267, 270, 374, 479, 473.

c) *Céu-paraiso*. — Fomos criados para a felicidade do paraíso: 102; Jesus abriu-o: 241. — Caminhar com perseverança no caminho do céu: 190, 202, 212, 214, 216, 295, 313, 316, 337, 341, 437; sob a guia de Maria: 198, 336, 436, 449, 453, 488. — Nas fadigas pensar no grande prêmio preparado por Deus: 15, 204, 281, 331, 353, 388, 396, 411, 424-425, 432, 433, 436, 459. — Para ser coroado, é preciso sofrer com Cristo e combater: 131, 195, 202, 237, 280, 347, 348, 399, 400, 401, 409, 420, 438; fazer boas obras e a esmola: 267, 270, 271, 272, 331, 341, 346-347; obedecer e ser desapegado: 277, 369. — Desejar ir para paraíso: 166, 181. — Morrer é voar para o paraíso, entrar na alegria do Senhor: 143, 267, 284, 290; na Igreja triunfante: 165. — Iremos para o céu com as almas salvas por nós: 71, 216, 289, 447, 478, 480.

A comunhão é pregustação do céu: 130 — Quem entra no céu vê e ajuda os que ficaram na terra: 140, 180, 181, 334, 335, 481. — Os nossos parentes e amigos gloriosos *nos esperam*: 167, 168, 459, 460, 466, 488. — No céu estaremos todos juntos, jamais separados, em alegria perfeita, para louvar e amar a Deus, Jesus e Maria como merecem: 137, 141, 167, 168, 182, 185, 288, 294, 301, 305, 320, 321, 347, 379, 400, 436, 450, 453, 459, 460, 466, 480. — Os anjos: 144, 330, 336, 359; o anjo da guarda: 345.

d) *Purgatório*. — 167, 183, 473.

e) *Inferno*. 71, 102, 241, 271, 480.

B) O ESFORÇO PARA A SANTIDADE CRISTA

1. A vocação cristã: tornar-se santo, seguindo a Cristo, fazendo a vontade do Pai

a) *Santificar-se e salvar-se*. — Dom Bosco é mestre de perfeição (17). — Todos devem tender à perfeição-santidade: os jovens: 96, 121-124, 126, 136, 142, 161, 217, 313, 315, 433; os Cooperadores e benfeitores: 257 (mediante uma regra de vida) 257n, 260, 303, 320, 348, os Salesianos e FMA: 351, 352, 361, 362, 379, 431, 432. — Os três S (são, sábio, santo): 216, 314, 432. — Salvar-se (salvar a alma): 123, 180, 257 431, 451, “ajudai-me a

salvar a vossa alma": 181, 396-397, 438; Também Dom Bosco quer salvar a própria alma; 213, 301, 482. — Quem salva os outros salva-se a si mesmo: 127, 214, 254, 261, 268, 327. — É difícil para o rico salvar-se: 243, 271. — Viver em graça: 96, 189, 211 (na amizade com Deus; 236 (estado de graça), 318, 454. — A graça de Deus sempre nos ampara: 81, 119, 167, 283, 320, 348, 432; mas devemos corresponder: 148, 242. — Crescer espiritualmente e em méritos: os jovens: 128, 129, 137, 140, 148, 155, 165, 191, 280; os Salesianos: 361, 364-365 (valor dos votos), 393 (non progredi est retrogredi). — Tibieza: 206, 292. — Importância de servir a Deus desde a juventude: 15, 96-97, 251, 478.

b) *Imitar-seguir Cristo. Imitar os santos.* A santidade é amor de amizade para com Jesus salvador: caso típico de Sávio: 117, 120, 139, 142n, 143; e de Besucco: 181, 182n, 184-185; convite a todos: 240, aos Salesianos: 425, 459 (trabalhar por amor de Jesus), 479. — Seguir a Cristo: 115, 148; dois textos fundamentais: 235-236, 379-380, 433, 458. — Imitar a Cristo: 69n; a sua caridade: 361 (escopo da Congregação Salesiana), obediência e pobreza: 367, 369. — Participar na sua paixão e morte: 162, 178, 179n, 180 (sofrer por amor), 182, 227, 269, 397, 420 (aos aprendizes), 433 (espinhos); 486.

Imitar também os santos. Valor estimulante dos exemplos vivos: 62, 67, 69, 105, 116, 125, 126, 133n, 144, 148, 196, 201.

c) *Procurar-aceitar-fazer a vontade do Pai.* — Dom Bosco na escolha do seu caminho: 76n, 77n-78, 81-82; 86 (Mãe Margarida). — Com Sávio e Magone: 120, 131, 143; 166 — Adorar a vontade divina no sofrimento: 299, 304, 307, 311-312, 339, 398-400; no pouco: 312; nas coisas agradáveis: 344, 409. — Mediante o voto de obediência: 357-358; 438 (Faz tudo para agradar a Deus). — Dom Bosco diz *Fiat*: 303, 438, 481, 484, 489 (última palavra). Cf. Abandono à providência, mais adiante 2b.

d) *Cumprir com exatidão o próprio dever.* — Os jovens sejam diligentes e pontuais no estudo e na piedade: 67; 123, 133, 135, 139; 154, 163; 189, 192, 194, 195, 206, 211, 214. — Os Cooperadores, exatos nos deveres do próprio estado: 259, 261. — Os Salesianos: 383, 392, 401 (superiores), 411, 470. — Fidelidade nas coisas pequenas: 161 (coisas fáceis, mas com perseverança), 165, 371, 372-373, 374. Nunca perder tempo: 72, 134, 154-155; 399. — Importância da ciência: 55, 179, 197, 209; 357, 362.

2. Crer, esperar, amar

Trilogia 137 (Sávio). 225, 227, 231.

a) *Viva fé em Deus*: 161, 192; 301, 308, 310; 382, 410, 427, 429, 481. (Não temais. Tende fé!).

b) *Esperança em Deus, confiança, abandono à sua providência*: 52 (Mãe Margarida); 60, 95 (Dom Bosco jovem); DB convida a esperar: 279, 295, 299, 301, 308, 309, 321, 330, 346; DB espera: 224, 280-281, 283, 284; 459; a Congregação vive de providência: 329, 458; esperar em N. S. Auxiliadora: 300, 347.

— *Não inquietar-se*, permanecer sereno nas dificuldades: 35, 292, 295, 297, 301, 312; 401, 409, 410, 420, 426, 429, 435, 436, 440, 487. — *Aceitar com resignação e paciência* os incômodos e provas da vida, e oferecê-los a Deus: 131, 136, 140, 142; 236-237, 307, 311, 313, 339, 345, 392, 401, 409, 436, 438, 470; cf. acima: aceitar a vontade do Pai. — Exemplos de serenidade mesmo diante da morte: 142, 165, 167, 170, 181.

c) *Amor e santo temor para com Deus*. — Amar a Deus sobre todas as coisas: 102-103, 116. — Exemplos de grande amor: 121, 139, 156 (Maria mestra); 180, 182-182n — Crescer em amor: 161, 206, 383. — Ser um só coração e uma só alma para amar — servir a Deus: 116, 189, 200, 277, 357, (469). — Agir, enfrentar fadigas “por amor de Deus”: 180, 316, 344, 380, 399, 421, 424. — “A maior riqueza: o *santo temor de Deus*”: 101, 156, 189, 190, 192, 211, 217, 252, 279, 280, 301. — Fazer a vontade do Pai, supra lc. — Amar a *Jesus Cristo*, supra lb.

d) *Amor ao próximo* (expresso de modo global): 225, 226; finalidade dos Cooperadores e dos Salesianos: 258, 260; 361, 363, 399; “a caridade não tem limites”: 338; respeita cada pessoa: 362. — Cf. n. seguinte.

3. Ser bom e humilde, forte e alegre

a) *Bondade, doçura paciente com o próximo*. — Dom Bosco aprende a mansidão: (34-35); 55, 62, 72, 78. — Modelos de “amabilidade”: 129, 161-163, 235, (Cristo); 251, 252-253 (Filipe Neri). — “A caridade é *paciente e benigna*”: 295, aos salesianos: 362, 384, 420-421, 424, 425, 436; aos superiores: 405, 406, 434, 445, 446-447, 451, 467, 472, cf. *Vida comum fraterna*, C3; Espírito e método salesiano, — Não vingar-se, *perdoar* e esquecer as ofensas: 62, 68, 224, 246, 330, 384, 448, 467, 469, 471, 472, 488-489. — Cortesia, boas maneiras: 128, 300, 385, 401. — Gratidão, reconhecimento: 120, 163-164, 211, 275, 248, 307, 460, 486, 488.

b) *Humildade e simplicidade*. — Humildade de Dom Bosco: (38-41), 55, 72, 343-344, 465, 473-474, 498. — Sua *franqueza*: 436; sua sinceridade de escritor: 115, 148, 465. — Ser humilde, humilhar-se: 72, 191, 235-236 (como Cristo), 283, 292, 295, 374, 410, 413, 453; fugir a vanglória: 64, 388, 403 — Ser sincero: 104-105, 424.

c) *Coragem, energia, perseverança*. — Modelos de coragem: 141, 249, 251. — “Não estou abatido”: 55, 284, 310, 343, 454 (vou para a frente) — “*Firmeza*!”: 295, 301, 307. — “*Coragem, para a frente!*”: 268, 300, 322, 330, 397, 409, 410, 420, 422, 426, 434, 488. — “O precioso dom da perseverança no bem”: 153, 161, 191, 201, 203, 252, 281, 287, 292, 307, 312, 317, 321 (constantes), 331, 380, 397, 411, 415, 417, 432, 447. — Cf. *Combater*, mais adiante 5; *Audácia apostólica*: D 2d.

d) *Alegria-gozo e paz do coração*. — Momentos de alegria: 74, 83, 87. — Santidade e serviço de Deus na alegria: 96, 97-98, 135, 172, 224, 225, 283, 438. — Jovens santos alegres: 121-122, 127, 129, 130, 135, 144-145, 150, 167, 173, 180, 183. — “Esteja alegre no

Senhor!": 190, 196, 211 (contentes pela paz), 215, 216, 274, 287, 299, 315, 327, 345, 348 (paz); 409, 411, 422, 429, 430, 480 (no paraíso). — Trabalhar e sofrer conservando-se alegres: 227, 368, 369, 371, 378, 400-401. — Cf. Esperança, supra 2b.

4. Aceitar um constante esforço ascético

a) *Renúncia de si próprio, espírito de sacrifício.* — Cf. 1b *Imitar a Cristo* (sentido da cruz); *Aceitar a vontade do Pai; Paciência nas provas.* — Ascética de Dom Bosco: (33, 52-53), 62-65, 72, 346. — Ascética salesiana: 379-381, 395-397, 414.

b) *Obediência cristã* (ob. religiosa: cf. C3). — Aos pais e mestres: 53, 55, 58 (J. Bosco); 96, 103-105 (fonte de santidade); 132 (melhor penitência); 189 (respeito), 193, 194, 211, 235; ao sacerdote-guia: 191, 284 (cf. *Vocação*, C1) ao médico: 345 — *Obediência à Igreja e à sua hierarquia:* cf. A5. — Respeito-obediência às autoridades civis, sem fazer política: 265-265n (Cooperadores), 327, 364, 386, 388-390, 471.

c) *Temperança, disciplina dos sentidos, castidade cristã.* Cuidai da vossa própria saúde e da dos outros: 213, 215, 387, 401, 403, 404, 409, 412, 418, 430, 447, 451, 474, 480. — Não fazer penitências rigorosas inadequadas: 59, 68, 124, 131, 157-158, 184, 204, 345, 347, 409, 469. — Como regular-se quanto à alimentação: 64, 65, 72, 236, 245, 259, 262, 271, 272 (coop.); 316, 369, 370, 384, 387, 393, 401, 402, 403, 409, 412, 462, 469; quanto ao jejum: 67, 84-85, 246, 347, 409, 412; jejum da sexta-feira: 351, 372; o sono e o repouso: 62, 72, 387, 401, 405, 412, 413, 426, 461; em caso de doença: 72, 405, 406, 409, 468-469, 472.

Pureza, castidade cristã libertadora (castidade religiosa: cf. C4). Castidade de Dom Bosco: 36-38, 62. — Pureza dos jovens: 121n, 157-161 (sete guardas), 191, 209, 213-214 ("moralidade"); 283, 387, 464, 470. Cf. Fuga dos maus companheiros e livros, mais à frente 5b.

d) *Desapego dos bens e pobreza cristã* (pobreza religiosa: cf. C4). — 58, 86-87, 236, (como Cristo); 259, 261, 271 (Cooperadores); 284, 341, 345-346, 482. — Como regular-se quanto ao quarto e à roupa: 242, 243, 244; 259, 261, 269, 361, 369, 384, 387, 402, 404, 469. — Cf. *Esmola*, D 4g.

5. Vigiar e combater inimigos e obstáculos

a) *A vida cristã e apostólica é uma luta* de bom soldado: (33), 227, 280, 321 (fortes no caráter) 330, 347, 382, 391-392 (sonho) 409, 410 (*continua guerra*), 430.

b) *Fugir e combater o pecado.* — É coisa feia: 55 a fugir: 96, 102, 135, 136, 153, 189, 203 (maior inimigo); com Maria: 153, 240 até à morte: 117, 120, 139 142, 184. — *Principais vícios* a fugir e combater: a blasfêmia: 54, 124-125, 240; o ócio: 159, 206, 387, 393, 438; a mentira: 104-105; a gula: 393, 404; o escândalo: 103, 202, 213, 384; os maus companheiros e más conversas: 58, 159,

160, 189, 191, 192, 195, 206, 213, 246, 464; os maus livros e leituras: 160, 246, 258, 259, 465. — Conversão do pecador: 149-152, 230-235; chorar os pecados cometidos: 151, 166-167, 182, 234, 242, 295, 383, 384. — Impedir a ofensa de Deus: 42 (Sávio); 186, 187, 470, 474.

c) *Vigiar: defender-se da própria fraqueza e das tentações* com meios apropriados: 159, 206, 215, 371, 380, 383, 432; corrigir os próprios defeitos: 136, 211, 383-384, 471; como comportar-se nas tentações: 159-160, 197, 428; a comunhão, pão que dá força: 176.

d) *Vigiar: defender-se do mundo e das suas atrações*: 64-65 (Dom Bosco); deixa-nos insatisfeitos: 283, 296; e oferece perigos: 258, 329, 334, 345, 454, sobretudo para a castidade; 359, 370; o religioso seja fiel às rupturas aceitas: 379, 425, 433, 436, 459.

e) *Vigiar: defender-se do demônio, "inimigo" enganador* do cristão: 241; dos jovens: 103, 105, 141, 159, 193, 209, 210, 281, 283; do religioso: 371, 380, 409, 410, 413, 424, 430, 433, 438; do rico que se recusa a dar: 271.

C) A VIDA RELIGIOSA E AS SUAS EXIGENCIAS

1. A vocação religiosa (e eclesiástica)

Escolha e preparação para o compromisso. — A vocação é "plano da providência para o cristão": 192 — Etapas da vocação de Dom Bosco: 61n, 64-65, 70n-71. — "É difícil encontrar levitas nas riquezas": 108, 325, 410, 464-465. — Exigência de temperança e castidade: 387, 393, 465 — *Sustentáculos* da vocação: o padre que aconselha: 61n, 68, 70, 78, 249, 370; a amizade; 68, 136; "o recolhimento e a comunhão frequente" 67, 68-69, 70, 388.

2. A consagração religiosa e a fidelidade

Consagração, oferta total a Deus pelos jovens, por meio dos votos: não se deve retomar o que foi dado: 351-353; 360, 361, 362, 364n-365 (heróica), 374, 378, 392, 398, 425, 431, 436, 459, (não profanar os votos sagrados), 458, 460. — Dúvidas na vocação: 371, 414, 419-420, 425. Cf. *Perseverar no bem*: B 3c.

Fidelidade mediante a observância exata das regras: 325, 365-366, 372-373, 387, 389, 392, 395, 396, 401, 429, 445, 448, 450 (leitura cotidiana), 451, 454, 459, 468, 469. — Garantia da castidade: 370; do amor a Dom Bosco: 430, 459; do futuro da Congregação: 474-475. — *Não reformá-las*: 373n, 402 (base de tudo). — Observância das deliberações capitulares: 448, 450, 454, 461, 469, 470.

3 Vida comum fraterna. Obediência e autoridade

Formar uma família de irmãos que sejam um só coração e uma só alma (= paraíso): 328, 361, 366, 380, 468-469, 471, 484. — Vida comum: 361, 402. — "Suportai-vos! Ajudai-vos": 384, 386, 401, 402. (fugir as discussões) 420-421, 424, 471. — Irmãos doentes: cf. B 4c. — Não lamentar-se, não murmurar dos superiores: 373-374 (cinco defeitos), 384, 448, 469. — *Querer o bem da*

Congregação, mãe, e único corpo: 372, 373, 374, 388, 393, 459, 471 (ninguém é necessário: 377). — *A família salesiana*: 259, 262.

Obediência salesiana aos superiores 361-362, 367-368 (toda a perfeição) — *Obediência humilde, corajosa, pronta*: 376, 377, 381, 384, 399, 414, 424, 431, 432, 436, 438 (faz desaparecer os escrúpulos), 448, 449, 459, 485. — *Quem manda deve obedecer*: 405, 412. — *Aceitar qualquer encargo*: todos são igualmente nobres: 380. — *Obediência ao diretor espiritual*, cf. E 3.

Papel e comportamento do superior: 358, 393, 401-404 (lembranças confidenciais, como mandar); 434, 448, 450, 451, 461-462, 467-469 (modelo de caridade, guia espiritual), 472. — *"Pai, amigo, irmão"*: 362, 380, 401 (fazer-te amar) 429, 453, 459, 467. — *"Holo-causto absoluto"*: 393, 399. — *Favorecer as inclinações dos Irmãos*: 328, 379, 404n, 412, 415 — *Deverão prestar contas a Deus*: 367-368, 374, 378. — *Deus "único chefe e patrão"*, Cristo *"verdadeiro superior"*: 378, 459. — *Contas de consciência mensais*: 467. — *Prudência do superior*: cf. D 2d.

4. Pobreza e castidade religiosa

Pobreza salesiana: 361-362, 369. — *Amar a pobreza e evitar vida de comodidades, nossa ruína*: 377, 387, 397, 405-406 (economia) 472, 475. — *Só os imóveis necessários*: 445-446, 458, 475. *Dom Bosco morre pobre*: 482.

Castidade salesiana: *"Moralidade"*: (36-38) 142-143, 152-154, 176, 177, 462, 470. — *Que fazer na tentação*: 426. *Nenhuma familiaridade com as mulheres*: 72, 361, 370, 387. — Cf. também *Castidade cristã*: B 4c; *Vocação C 1*.

D) O SERVIÇO DE DEUS E DOS IRMAOS

1. Deus fonte e fim do apostolado

a) *Fonte*. — *O apostolado é cooperar com Deus, é "a mais divina das coisas divinas"*: (30-32, 38-39), 124, 226, 254, 256, 257-268. — *Deus é o mestre de todo apostolado*: 51, 76, 377. — *Deus apóia e anima os seus enviados*: 80-81, 227, 249-251, 253, 305, 306, 321, 327, 330, 388 (*Deus fará o que não pudermos fazer*), 422 (*Deus está conosco*), 448, 458, 463, 474, 484, 487. — *Maria nos protege*, cf. A 3.

b) *Fim*. — *Apostolado é procurar em tudo o Reino e "a maior glória" de Deus*: (28, 34, 38-41, 42), 224, 249, 251, (zelo pela glória). — *É o escopo da Sociedade salesiana*: 351, 356, 389, 405, 459; *da comunidade salesiana*: 366, 380; *dos Cooperadores*: 258, 261. — *Decidir, fazer e suportar tudo a fim de promovê-la*: 100, 124, 302, 310, 317, 329 (*carga preciosa*), 367, 373, 374, 377 (*servir a Deus somente*), 395, 396, 401, 416, 420, 436, 449, 469. — *O superior julga e dispõe segundo este critério*: 362, 378, 401, 418, 453. — *Quaerite regnum*: 489 (*penúltima palavra de Dom Bosco*).

O apostolado é também *oferta* de caráter litúrgico a Deus: (40), 129, 249. — É também procurar os *interesses de Cristo*: 227, 362, 372, 424; a exemplo dos apóstolos: 249-251, 369-370, 379-380.

2. O apóstolo trabalha com zelo para salvar e ganhar almas

a) *Salvar* as almas é também a finalidade da Sociedade salesiana: (28, 31-32), 351, 361, 389, 405, 454; (queremos almas, nada mais); e dos Cooperadores: 258, 259, 262, 267-268 (na vossa mão). — A característica do Salesiano é o "zelo" pela salvação descrito em 248-257 (Filipe Neri); feito de vivo desejo: 203, 215, 294 (ninguém se perca!); e de empenho total: 72, 74n, 385 (procurai somente almas) 430, 438; "Salvai muitas almas!": 484, 486, 487. — É também zelo em "fazer o bem": 125, 361, 471. — O salesiano vai acompanhado para o céu: 71, 447, 478.

b) Salvar equivale também a fazer "tudo" para "ganhar" almas *para Deus, para Jesus Cristo, para o céu*: 78, 124-128, 134 (Sávio), 214, 240 (ganhar para Maria), 253, 281 (Neri), 322, 325 (temeridade, 327, 329, 412, 432. Até Maria quer ganhar almas: 485. — Síntese: "Da mihi animas": 223.

c) Pelas almas *trabalha-se* com um zelo realista e feito de renúncia: (31-33), 72, 292, 321, 390, 395. — "Trabalhai muito, mas pelo Senhor!": 227, 330, 380-381, (consumir as forças), 387, 399, 424, 450, 451 (fazer), 475 (até sucumbir); 482, 485, 486-487 (fazer). — Síntese: "Trabalho e temperança!": 394n, 426.

d) O apóstolo salesiano é preparado e *capaz*: 360-361; 362, 384, 486. — *Audaz*: (33), 249, 252, 325. — *Prudente*: (33), 324, 388, 394, 402, 403, 448, 469, 471.

3. A quem servir, a quem salvar

a) *Os necessitados*: (29-30), 225, 235, 246, 361, 479.

b) *Os meninos e os jovens*, sobretudo os *pobres e abandonados*, "a idade mais perigosa e mais bonita": 195; "tesouro escondido": 251 "membros de Cristo e templo de Deus" 270 (cf. Cristo presente, A 2). Escolha de Dom Bosco: (35), 76, 77, 79-81, 251-254; objeto do trabalho dos Salesianos: 326-327, 351, 360, 362, 396, 402, 475-476, 480, 485; dos Cooperadores: 259, 260, 264-265, 267-268, 269-270, 457. — A trilogia: "meninos pobres, velhos e doentes: 322, 323, 330, 386.

c) *o povo ignorante*: (221), 250, 357.

d) *Os não ainda evangelizados*. Espírito de serviço missionário: 125, 214 (vinde salvar-nos) 217, 246, 326, 386-388 (lembranças), 393, 432, 474, 480, 481, 487.

4. Como salvar os irmãos

a) *Com o bom exemplo*: 126, 134, 136, 202, 203, 295, 354, 361, 409, 448, 460.

b) *Com serviços humildes*: 71, 129, 152n-163.

c) *Com amizade espiritual e correção fraterna*: Bosco-Collo: 61-62, 67-68 Savio-colegas: 128 132-137; outros casos: 150, 153, 189, 236 (Cristo modelo), 277-278. — Ideal: formar um só coração e uma só alma para amar a Deus: 116, 189, 200, 277. — Amizade do educador para com os jovens: cf. mais à frente 5d.

d) *Com palavras edificantes e bons conselhos*: entre companheiros: 106, 124, 128-129 (Savio), 133-134, 162; em famílias: 57, 246, 295, 302, 307; outros casos: 60, 62, 246, 311, 460, 470;

e) *Catequizando os meninos, pregando aos adultos*: 75n, 76, 126-128, 163, 247, 249-252, 259-264 (Cooperadores), 387. — Defender a fé contra o erro: 78, 100, (221), 258, 325. — Propagar a boa imprensa: 225, 226, 240, 245, 246, 259, 292, 311, 312, 317, 322, 360. — *Evangelizar*: cf. acima 3d.

f) *Suscitando vocações e cuidando delas*: 325, 360, 362, 387-388, 410, 448, 449, 451, 454, 464-465, (grande tesouro dado à Igreja), 475, 480.

g) *Com o bom uso do supérfluo e com a esmola* (cf. sentido largo da palavra em 243), preceito evangélico explícito, com graves conseqüências: 224, 227, 242-243, 246-247, 261 269, 271, (Cooperadores), 337, 341, 480. Cf. Desapego dos bens B 4d; e Boas obras, abaixo.

h) *Globalmente mediante boas obras* (caridade ativa): cristãos e Cooperadores: 224, 225, 228, 246-247, (lista); 260, 263, 264 (fatos, não apenas promessas), 267-268, 269 (Coragem! mãos à obra!); 311, 478, 479; Salesianos e FMA: 329, 336, 416, 460. — Deus (Maria) *recompensa* quem faz boas obras: 267-268, 271; 320, 341, 347, 457, 466, 479-480.

4. Operário do plano de salvação

a) *Todos*: (31-32), 253-254. *Unir-se para fazer o bem*: 227, 258-259, 266-267.

b) *Pais e educadores*: 53, 57-58, 108, 178; 252, 333, 335 (Colle); 481. — Responsabilidade dos patrões: 261, 295, 346.

c) O *sacerdote* consagrado a Deus como seu ministro: grandemente responsável: 63, 70n, 71, 74n, 79, 105, (108), 251-254; pai, amigo, guia das almas: 271-272 (Calosso), 283 (Borel), 70n, 75-76 (Cafasso); 108, 156 (alfaiate), 120, 187, 304; disponível para confessar: 73, 153-154, 291-292. Cf. Sacramento da penitência, E 3a.

d) *Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora*. — Dom Bosco e S. Francisco de Sales: (17, 27-28, 34, 36, 42), 72, 78, 390, 391-393 (sonho), 436, 454, 480. — *Espírito e método salesiano*: (17), 78, 252-253, 266, 351-353, 361, 366, 373n, 379, 391, 394, 445, 448-449; afeto especial pelos jovens (*amorevolezza*); 100, 115, 188, 190, 199, 202, 203, 204, 207-208, 211, 212, 213, 215, 216-217, 232n, 388, 393, 402

(palavra ao ouvido), 419, 471, 473, 480, 489n confiança mútua: 59-60, 119, 214, 296, 414; "amizade" para com os jovens: 188-189, 211, 279, 370 (prudência), 411, 416. Cf. Bondade-doçura, B 3a.

e) *Cooperadores* (além de 255-271): 326, 344, 345, 456-457, 461n, 466, 479-480.

f) *Jovens*: sobretudo D. Sávio: 124-129, e os membros da Companhia da Imaculada: 132-134. Cf. Amizade espiritual, acima 4c.

E) PALAVRA DE DEUS, SACRAMENTOS, ORAÇÃO

1. A "piedade". A oração em geral

Textos globais sobre a piedade e sobre a oração — Dom Bosco jovem: 53, 57, 59n-60 (gosto pela vida espiritual), 63-64; oração perseverante dos primeiros jovens: 84-85; aos jovens: 79; 119-120 (cf. 462); Sávio: 137-140; Magone: 158-161, 165; Besucco: 177-178 (espírito e gosto pela oração). — Trinômio alegria-estudo-piedade, binômio estudo-piedade: 172n, 430, 431, 432. — Oração dos Salesianos: 361-362, 371-373, (espírito de piedade), 379-381: 370, 448, 450. — Rezar como Cristo: 235. — Uma onça de piedade vale mais: 292 (cf. 40-41).

2. Os sacramentos. A Eucaristia

a) "Os sacramentos", isto é, a *confissão e a comunhão*. — Para os jovens, são os mais válidos sustentáculos e a base mais segura da sua educação: 59, 117, 129-131, 160, 173-192, 196, 206; recomendá-los constantemente: 387, 453, 464 (inculcar). — Para os adultos e para os Cooperadores: 262 (maior frequência); 295, 345 (na medida do possível), 347 Cf. Exercício da boa morte, mais adiante 6a.

b) *A Eucaristia*. — *Doutrina* eucarística: 130, 174-177, (comunhão freqüente, pão cotidiano); 206 (coluna que sustenta o mundo); importância decisiva da *primeira comunhão*: 57-58, 116-118, 121n. (Sávio); 192 (programa de preparação). — A comunhão *freqüente*, feita com as devidas disposições, produz diversos frutos: 69, 70, 130, 174, 209, 211, 388, 431, 464, 473; recomendá-la, pois: 207, 387, 411, 484, 486 (cf. acima a). — A frequência seja progressiva, segundo o conselho do confessor, até à comunhão cotidiana: exemplos do seminário: 66-67 dos jovens santos: 117, 135n, 131, 160, 174-175, convite a adultos: 283, 346. — Missa e comunhão exigem preparação e ação de graças: 57, 68, 72, 73, 131, 138-139 (agradecimento sem limites, êxtase de Sávio); 382, 474. — *Comunhão espiritual*: 345, 464. — *Viático*: 142, 181, 470, 481. — Outras alusões à missa: 60, 62, 63, 68, 73-74, 283, 410, 464 nos domingos e festas: 117, 261, 295.

"Devoção a *Jesus Sacramentado*" e *visita cotidiana* ao Santíssimo: praticada e fortemente recomendada aos jovens: 62, 68, 69, 85, 128, 131, 138, 160, 177, 195-196, 438; aos adultos: 292, 292,

295, 301, 347, 387; aos Salesianos: 360, 372, 380, 383, 383-384, 388, 401, 438, 464, 480. *Bênção eucarística*: 246, 283, 379.

3. O sacramento da penitência (cf. 2a)

a) *Doutrina* sobre o sacramento: recebido "com freqüência e devidas disposições" (sinceridade, escolha de um confessor estável), é apoio na prática constante da virtude e fonte de paz; o confessor é pai-amigo, guia seguro, médico: 53, 57, 68, 70n-71 (Dom Bosco jovem); 120, 144n (Savio); 150-154 (Magone); 173-174 (Besucco); 296; cf. *Vocação*, C 1; o Padre, D 5c. — *Freqüência* recomendada: todos os meses, cada 15 dias, 8 dias: 67, 72 (Dom Bosco padre); 117 (muitas vezes), 129n-130, 144n (progresso de Domingos Sávio); 285, 322, 346; Salesianos: 372, 383 (ato de humildade). — *Oportunidade da confissão geral*: 70, 120, 155. — *Pôr em prática os avlso do confessor e os propósitos*: 153, 295, 345, 361. — *Prática do exame de consciência regular*: 151, 295, 346, 383, 384. — *Indulgências*: 142, 217, 261, 263.

b) *O sacramento dos enfermos*: 143, 166, 182.

4. Escuta da palavra de Deus. Leitura espiritual. Meditação

a) *Doutrina global*: 105-106n (a palavra alimento da alma); 241 (guia), 252 (germe); 383; palavras "do Espírito Santo": 156, 367, 369, 370, 371 (cf. Índice das citações das Escrituras). — *Ouvir as pregações* para tirar proveito: 58, 106-107, 206, 246, 261, 283. — *Ler livros espirituais*: 57, 105-106 (Imitação de Cristo: 69-70, 105n); 160, 225, 226, 246, fazer todos os dias um pouco de *leitura espiritual*: 59, 62, 63, 72, 76, 283, 346 (adultos); 372, 383, 384 (salesianos).

b) *Oração mental e meditação*: necessidade, sentido e método: 240, 295, 381, 383-385 (med. dos negociantes); fazê-la todos os dias: 59, 62, 63, 72, 76, 283, 322, 346, 372, 401.

5. As diversas formas e intenções da oração

a) O ofício divino: 73, 265, 380 401, 409, 412, 454.

b) *Oração da manhã e da noite*: 53, 104, 105, 128, 206, 268, 380; à noite: 178, 426.

c) *As jaculatórias*: sentido e fruto: 380-381, 403, usá-las: 168, 186, 198, 292, 361, 409, 424; exemplos: 143, 157, 159, 160, 170, 186, 383, 439, 487.

d) A *Via Sacra*: 178; o sinal da cruz: 128, 159, 192, 438; olhar ou beijar o crucifixo: 159, 170, 183, 186, 292, 307, 393.

e) *Atitude* devota na oração: 142, 178, 192, 200, 206, 359, 401, 454.

f) *Intenções* da oração. Louvar-agradecer a Deus: 75, 85, 125, 143 144, 145, 192, 232, 304, 320, 321, 381, 448, 453. Pedir perdão: cf. Fugir o pecado, B 5b. — Rezar na tentação: 159-160. — Rezar pelos próprios alunos: 410; pelos pecadores: 246; pelo confessor:

152 (e estes pelos penitentes) 153, 168; pelo Cooperador doente: 251; pelos benfeitores: 60, 74, 164, 261, 268, 456-457, 460, passim: *pelos defuntos*, pelas almas do purgatório: 52, 67, 137, 178, 246, 261, 262, 301, 335.

6. Os tempos fortes

a) *Retiro espiritual mensal*: no "exercício da boa morte", com confissão e comunhão, deve-se dispor tudo como se se devesse morrer: "parte fundamental e sintética das práticas de piedade": 165n, 372. De regra para os Salesianos: 361, sobretudo missionários: 387, 424, 431, 432, 451; e para os Cooperadores: 262, 322, 346.

b) *Exercícios espirituais anuais*: são fundamentais: 68-69, 136, 155, 196, 361; de regra para os Salesianos e FMA: 378, 400, 448, 471; aconselhados aos Cooperadores: 262, 346.

7. A devoção a Nossa Senhora (cf. Maria, nossa mãe: A 3)

a) *Modelos de grande devoção*: 66 (Mamãe Margarida); 84-85 (súplica atendida); 117, 120-121 (Savio se consagra) 132-133 (os membros da Companhia da Imaculada); 155n-161, 167-168 (Magone); 178, 209, 184 (Besucco). — Convites a *confiar* muito em Maria Auxiliadora e a ser ativamente devotos: aos jovens: 192, 193, 201-202, 206; aos adultos: 239-240, 295, 298-299; aos Salesianos: 388 (vereis milagres), 391. — Recomendai-propagai a devoção a Maria: 387, 464, 485; o binômio "comunhão frequente e devoção a Nossa Senhora Auxiliadora": 387, 388, 425 (as duas colunas do mundo), 438, 464, 484, 487. — Supremo apelo filial de Dom Bosco: 485-487.

b) *Expressões da devoção*: o *rosário*: 53, 63, 67, 83, 84, 246, 261; para os Salesianos todos os dias: 359, 372, 382; o *ofício* de Nossa Senhora: 67, 100, 261; o *ângelus*: 55, 86n, 382, (489); o *sábado santificado*: 69, 182.

ÍNDICE DAS CITAÇÕES BÍBLICAS

Os números indicam as páginas. Indicamos entre parêntesis as citações que inserimos nas nossas introduções ou notas. As citações estão aqui ligeiramente resumidas.

Antigo Testamento

PENTATEUCO

Gén 14,21	Dai-me as almas,	223
Êx 20,12	Honra teu pai: terás vida dilatada,	104
— 25,40	Conforme o modelo dado por Deus,	235
Dt 15,11	Socorrei o pobre,	226

TOBIAS

4,88	Se tens muito, dá muito	246
4,10	A esmola salva das trevas,	244
12,9	(Vulg.) A esmola purifica e dá a vida,	244, 269

SALMOS

34,12	Vinde, filhos, escutai-me	156, 252
38,23	Vem em meu socorro,	380
39,4	Na meditação acende-se o fogo,	380
50,14	Cumpra os teus votos ao Altíssimo,	365
51,4	Purificai-me do meu pecado,	489
69,4	Estou cansado de tanto gritar	230
71,1	Esperei em ti,	460
78,70-71	Escolheu o seu servo para apascentar,	(47)

100,2	Servi o Senhor na alegria,	97, 135,	225
113,2	Bendito o nome do Senhor,		460

LIVROS SAPIENCIAIS

Prov 3,9-10	Honra a Deus com teus haveres,	224,	246
— 8,21	(e Sir 24,4) A Sabedoria enriquece quem a ama,		240
— 8,31	As minhas delicias entre os filhos do homem,		102
— 9,4	Que for pequeno venha!		155
— 15,1	Resposta delicada acalma a cólera,		471
— 21,28	O homem obediente cantará vitória,	365, 414,	438
— 22,6	O jovem bem educado será fiel,	97,	226
Qo 3,12	Alegrear-se e agir bem,		224
— 4,12	Cordel triplicado não se rompe facilmente, 226	(264)	
— 5,3	Desagrada a Deus a promessa estulta,		365
Cant 5,2	Abre-me, minha irmã		230
Sab 3,11	Quem despreza a sabedoria é infeliz,		226
— 7,11	Com ela me vieram todos os bens,		359
— 9,15	O corpo torna pesada a alma		370
Sir 4,1-5	Não recuses o sustento do pobre		224
— 5,14	Se não sabes, cala,		224
— 10,6	Saber perdoar um procedimento injusto		224
— 17,12	Deveres para com o próximo,		254
— 19,1	Quem despreza as coisas pequenas, cairá pouco a pouco		371

LIVROS PROFÉTICOS

Is 1,18	Justifiquemo-nos! Perdoarei os vossos pecados, ..	233
— 5,13-14	O desconhecimento de Deus traz desgraça,	250
— 6,8	Eis-me aqui, enviai-me!	(32)
— 26,1	Sião, cidade forte com muro e antemuro,	370
— 30,18	O Senhor se gloria de ter piedade,	234
— 58,7	Acolhe os famintos e os miseráveis,	361
Jer 3,12	Volta! Acolher-te-ei!	233
Lam 4,4	As crianças reclamam pão,	250
— 5,4	A preço de dinheiro nos dão de beber,	484
Ez 18,21-22	Se o mau se arrepender, perdoarei,	233
— 33,11	Não me comprazo com a morte do pecador,	230

Os 4,1-3	O desconhecimento de Deus acarreta desgraça,	250
Na 1,17	O Senhor é asilo seguro	224
Zac 1,3	Convertei-vos e voltar-me-ei para vós,	233

Novo Testamento

MATEUS

5,3	Bem-aventurados os pobres,	359
5,8	Bem-aventurados os puros,	(37)
5,16	Brilhe nas obras a vossa luz,	226
5,44	Amai os vossos inimigos,	489
6,12	Perdoai as nossas dívidas,	472
6,33	Procurai o reino de Deus,	489
7,7-8	Pedi, e vos será dado,	380
10,22	Quem perseverar será salvo,	393
11,12	O reino de Deus sofre violência,	367
11,28	Vinde a mim, eu vos aliviarei,	176, 232
11,30	Meu jugo é suave,	397
18,5	Quem recebe um menino é a mim que recebe,	225
18,14	Que não se perca um só destes pequeninos, .. (29),	293
18,20	Reunidos no meu nome, estou no meio deles,	387
19,21	Vende o que possuis,	367, 378
19,24	É difícil um rico salvar-se,	245, 269
19,27	Deixamos tudo para seguir-te,	377
22,30	Como os anjos no céu,	369
23,3	Dizem e não fazem,	452
25,21	Servo fiel, entra no gozo,	144, 267, 374
25,35-36.40	Todas as vezes o tereis feito a mim, 244, 247, 361,	457
26,42	Seja feita a tua vontade! .. (482, 483),	489
26,50	Amigo, então para isso é que vens aqui?	231

MARCOS

7,6	Honram-me com os lábios,	380
10,30	Receberá o cêntuplo na terra,	347

LUCAS

1,28	Ave, cheia de graça!	238
3,11	Quem possui duas tûnicas, dê uma,	243

6,38	Dai e dar-se-vos-á,	226, 269, 336, 347,	480
8,23	Renegue-se a si mesmo e siga-me!	378,	414
10,21	Dou-te graças, porque as revelastes aos pequeninos,	(89,	137)
11,41	Dai aos pobres o supérfluo, ..	226, 243, 244, 246, 270,	271
12,49	Vim trazer o fogo,		248
15,5	Alegrai-vos, encontrei...,		233
15,20	Comovido, beijou-o,		233
16,9	Fazei-vos amigos com as riquezas,		226
19,10	Veio salvar o que estava perdido,		234
19,47	Ensinava todos os dias,		252
21,19	Com a paciência vos haveis de salvar,		231
23,34	Perdoai, não sabem,		231
23,46	Nas vossas mãos entrego o meu espírito, ..	482,	488

JOÃO

6,53	Se não comerdes, não tereis a vida,		177
14,1	Não se perturbe o vosso coração!		(401)
14,15	Se me amais, observai...,	430,	(459)
15,14	Sois os meus amigos,		234
16,33	Tende fé!		482
17,6.12-24	Vós mos destes, eu os conservei,	(40,81,	183)
19,26	Mulher, eis aí o teu filho!		239
19,28	Tenho sede!		231

ATOS DOS APÓSTOLOS

1,1	Jesus fez e ensinou,		365
5,21	Contentes por sofrerem por Cristo,		369
20,25	Há mais alegria em dar,		(44)

PAULO

Rom 8,17	Sofrer e ressuscitar com Cristo		227
— 8,28	Tudo concorre para o bem de quem ama, .. (227),		278
— 9,3	Queria ser anátema,		248
— 12,21	Vence o mal com o bem,		469
— 13,4	Obedecer às autoridades,		390

— 15,16	Tornem-se uma oblação agradável,	(40, 250)
— 16,13	Mãe de Rufo, e minha mãe,	(283)
1 Cor 6,9.10	O avarento não terá o reino,	270
— 9,21-22	Feito tudo para todos,	253
— 9,27	Castigo meu corpo, para não ser desqualificado,	370
— 12,11-12	Sede fervorosos, alegres, solícitos,	(349)
— 13,4.7	A caridade é paciente, tudo suporta,	227
— 15,33	As más companhias corrompem,	203
— 16,13	Comportai-vos como homens,	204, 279
2 Cor 5,10	Cristo dará recompensa das obras,	224
— 5,14	O amor de Cristo nos impulsiona,	227
— 7,4	Transbordante de gozo na tribulação,	227, 368
— 9,7	Deus ama quem dá com alegria,	227
Gál 2,20	Cristo vive em mim,	237
— 5,6	Vale a fé que age pela caridade,	(222), 227
— 6,2	Carregai os pesos uns dos outros,	227
— 6,10	Façamos o bem enquanto pudermos,	227
Ef 5,3	Nem se fale de coisas impuras,	206, 208
— 6,11	Resisti às insídias do diabo,	227, 410, 429
— 6,16	Tende na mão o escudo da fé,	227, 410, 429
Flp 1,21	Para mim o viver é Cristo,	(181)
— 1,23	Tenho desejo de ir-me,	179
— 2,8	Cristo obediente até à morte,	235, 366, 429
— 2,21	Procurar os interesses de Cristo,	227, 362, 372
— 4,1	Sede minha alegria e minha coroa,	204, 415, 428, 429, 480
— 4,4-7	Alegrai-vos na paz de Deus,	(41)
— 4,13	Tudo posso nAquele que me dá força,	227, 329, 347, 433
1 Tes 4,3	Deus quer a vossa santificação,	121
— 5,17	Rezai incessantemente,	380
2 Tes 3,10	Quem não trabalha não tem o direito de comer,	227
1 Tim 4,12	Bom exemplo nas palavras e obras,	228
— 4,13	Dedica-te à leitura, à instrução,	225
— 5,8	Tem cuidado dos teus,	420
— 6,8	Contentemo-nos com a comida e a roupa,	368
2 Tim 2,3	Como um bom soldado de Cristo, ..	227, 329, 408

— 2,5	Recebe a coroa quem houver combatido,	227, 279, 408
— 4,2	Adverte, admoesta, exorta,	227
— 4,7-8	Combati o bom combate,	(441)
Ti 2,6-7	Jovens sóbrios. Sê de exemplo,	203, 484
Hbr 13,7	Obedecei aos que vos guiam,	366
— 9,27	Todos morrem. Depois, o juízo,	202
— 13,8	Cristo ontem e hoje,	329

CARTAS CATÓLICAS. APOCALIPSE

Tg 1,27	Religião pura: socorrer,	(219)
— 2,20	A fé sem obras é fé morta,	228, 246
1 Pdr 1,18	Libertados pelo sangue precioso de Cristo, Cf. 124, 140, 202, 242,	387
— 2,18	Obedecer aos senhores de caráter difícil,	390
— 4,8	A caridade cobre muitos pecados,	228, 243
I Jo 3,1.16-18	Filhos de Deus. Amemos como ele, (29, 31, 33)	
— 4,16	Deus é Amor,	234
3 Jo	Difundir a verdade,	225
Apc 22,11	O justo continue,	393

ÍNDICE GERAL

Siglas e abreviações	7
Dados biográficos	9
Cronologia dos principais escritos de Dom Bosco citados nesta antologia	13

INTRODUÇÃO

I. Um mestre espiritual	15
Dom Bosco mestre espiritual	15
Mas não é um autor espiritual	18
II. As obras escritas que oferecem um conteúdo espiritual	20
As obras publicadas por Dom Bosco	20
Os documentos manuscritos deixados por Dom Bosco	23
O que Dom Bosco disse mas não escreveu	24
III. As fontes da doutrina espiritual de Dom Bosco ..	26
IV. As convicções doutrinárias	28
Deus Pai dá a todos os homens uma prodigiosa vocação	28
Quem estiver mais desprevenido diante da sua vocação merece ser mais ajudado	29
É coisa divina ajudar o irmão a realizar sua vocação	30
V. As atitudes práticas	32
O realismo do construtor	32
A ternura do bom Pastor	34

A humildade do servidor	38
VI. O espírito desta antologia	42
Nota bibliográfica	45
PRIMEIRA PARTE	
UM SERVO ESCOLHIDO E PREPARADO POR DEUS	47
MEMÓRIAS DO ORATÓRIO DE S. FRANCISCO DE SALES DE 1815 A 1855	49
1. Introdução. Finalidade das Memórias: mostrar que "foi Deus que conduziu tudo"	51
2. Órfão aos dois anos o futuro pai dos órfãos	52
3. Mãe que era serva de Deus	53
4. Aos 9 anos. Um sonho considerado como uma comunicação divina	54
PRIMEIRA DÉCADA: 1825-1835	
5. Aos 11 anos. Primeira Comunhão. "Deus toma posse do seu coração"	57
6. Aos 14 anos. Um sacerdote idoso abre-lhe os caminhos da vida espiritual	59
7. Aos 19 anos. Um santo amigo leva-o ao fervor ..	61
SEGUNDA DÉCADA 1835-1845	
8. Aos 20 anos. Programa de vida nova em prepa- ração ao sacerdócio	63
9. A palavra de fé de Mamãe Margarida	63
10. O pão da alma preferido ao do corpo	66
11. João reencontra o "maravilhoso amigo"	67
12. Duplo encontro: um sacerdote zeloso, um livro sublime	68
13. Últimos meses no seminário (1840-41)	70
14. Aos 26 anos. Novos propósitos para o sacerdócio	71
15. Junho de 1841. As primeiras missas: recolhimento, agradecimento, alegria	73
16. Novembro de 1841. "Recuse... e venha"	75
17. Outubro de 1844. "Não o que eu quero, mas o que Vós quereis"	77
18. Por que Oratório "de São Francisco de Sales" ..	78
19. Fim de março de 1846. A escolha definitiva dos pobres	79
20. 5 de abril de 1846, tarde. A resposta de Deus	82

21. Julho de 1846. A oração dos pobres a Nossa Senhora 84
22. 3 de novembro de 1846. "Eu sou a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a Sua palavra" 85

SEGUNDA PARTE

UMA PROPOSTA DE SANTIDADE JUVENIL	89
I. O JOVEM INSTRUÍDO NA PRÁTICA DOS SEUS DEVERES RELIGIOSOS	95
23. Prólogo. "A juventude". O nosso Deus é o Deus da alegria	97
De que precisa um jovem para se tornar virtuoso	
24. Art. I. Conhecimento de Deus	101
25. Art. II. Deus tem um amor especial à juventude	102
26. Art. IV. A primeira virtude de um jovem é a obediência aos seus pais	103
27. Art. VI. Leitura e palavra de Deus	105
II. DOMINGOS, MIGUEL, FRANCISCO: TRÊS FIGURAS DE SANTOS ADOLESCENTES	107
Vida do jovem Domingos Sávio, aluno do Oratório de São Francisco de Sales, pelo Sacerdote João Bosco	113
28. Prefácio. Um modelo "maravilhoso"	114
Dificuldades da publicação	115
Por que Domingos	115
Um modelo a imitar	116
29. Aos 7 anos. Primeiro encontro decisivo: Cristo na Eucaristia	116
Importância da primeira comunhão	117
30. Aos 12 anos e meio. Segundo encontro decisivo: Dom Bosco	118
31. Terceiro encontro decisivo: Maria Imaculada	120
32. Aos 13 anos. "A grande resolução: tornar-se santo"	121
33. "Para tornar-se santo, empenhar-se em ganhar almas para Deus"	124
Reparar e corrigir o blasfemo	124
Espírito missionário	125
Catequista no desejo e na ação	126

De férias em Mondônio	127
O apostolado do sorriso e do serviço	128
34. Os sacramentos, fontes de força e alegria	129
35. A melhor penitência: obedecer e aceitar as provações diárias	131
36. Aos 14 anos. Leva um grupo de amigos a viver o próprio ideal: a Companhia da Imaculada	132
37. Maravilhosas amizades entre adolescentes	134
Com Gávio: Santidade e alegria	135
Com Massaglia: "Ajude-mos mutuamente a fazer o bem"	135
38. A vida mística e carismática de um adolescente	137
Êxtase eucarístico	138
39. O último diálogo entre mestre e discípulo	140
40. "Com Jesus não se teme a morte"	141
41. Conclusão prática. "Jovem, confia no sacerdote, ministro de Cristo e teu amigo!"	144
ESBOÇO BIOGRÁFICO DO JOVEM MIGUEL MAGONE, ALUNO DO ORATÓRIO DE SÃO FRANCISCO DE SALES, PELO P. JOÃO BOSCO	
42. Prefácio. Um outro tipo de santidade juvenil ..	148
43. Um bravo rapaz à beira da delinquência	149
44. O primeiro passo da verdadeira conversão: abrir-se ao sacerdote	149
45. Confiança absoluta no confessor, fidelidade ao guia espiritual	152
Diretrizes para os confessores dos jovens	153
46. Gritar, saltar... mas também trabalhar com seriedade	154
47. Abril-maio de 1858. Maria torna-se uma mestra de sabedoria e de pureza	155
Um voto mudado em promessa	157
Um programa de práticas fáceis para conservar a pureza	158
48. Amável bondade de coração para com os com- panheiros e para com Dom Bosco	161
49. 21 de janeiro de 1859. A morte: "um sono de alegria que leva à bem-aventurada eternidade" ..	164
Retrato de Miguel após um ano de fidelidade à graça	164

A última confissão	165
A presença de Maria torna suave a morte	166
Últimos momentos e preciosa morte	166
O PASTORZINHO DOS ALPES, OU A VIDA DO JOVEM FRANCISCO BESUCCO, PELO SAC. JOÃO BOSCO ..	171
50. "O grande programa" em três pontos	172
51. A ventura de um confessor "guia seguro" e médico informado	173
52. Cumpre dar à alma o Pão de quem tem fome ..	174
53. Duas graças particulares: o "gosto" pela oração e pelo sofrimento por amor	177
54. Sua última carta. A sua mãe	179
55. Palavras de quem espera entrar no céu	180
56. "Pai, quero que, onde eu estou, estejam comigo aqueles que me deste, para que vejam a minha glória"	183
III CARTAS A JOVENS	187
57. "Lembras o contrato que nós dois firmamos?" (a Zezinho Roggeri, 8.10.59)	188
58. "Cobra ânimo, Faze-te rico... da verdadeira riqueza" (a otávio Pavia, 29.1.60)	189
59. "Mesmo como soldado continua corajoso cristão" (a Otávio Pavia, 15.7.67)	189
60. Conselhos a um aluno do Oratório em férias (a Estêvão Rossetti, 25.7.60)	190
61. "Faze-te amigo da humildade, da caridade e da castidade" (a Domingos Parigi, 25.7.60)	191
62. "Grande consolação pelo momento em que estivemos juntos" (a Severino Restagno, 5.9.60)	191
63. O marquesinho prepara-se para a primeira comunhão (a Emanuel Fassati, 8.9.61)	192
64. A marquesinha: "Sê a consolação de papai e de mamãe" (a Azelia Fassati, 15.8.62)	193
65. "Os outros estão preocupados. Tenho confiança em ti" (a Emanuel Fassati, 1.6.66)	194

66.	Em Roma, não esquece o sapateiro Bernardo (a Bernardo Musso, 2.70)	195
67.	"Fica sossegado. Sê bom. Quanto ao resto deixa por minha conta" (a Agostinho Anzini, 20.7 e 22.8.73)	196
68.	"Meu filho, não te assustes com as tentações" (a José Quaranta, 4.2.75)	197
69.	"Com a mesma consolação te aceito entre os meus filhos salesianos" (a Pedro Radicati, 24.5.78)	198
70.	"Chiquinho, Dom Bosco quer ser teu pai" (a Francisco Bonmartini, 15.12.85)	198
71.	"Filhos, sois a minha delícia e a minha consolação" (aos meninos do Oratório de S. Ignazio sopra Lanzo, 23.7.61)	199
72.	"Maria, sede para os nossos estudantes a sede da verdadeira sabedoria" (aos estudantes do Oratório de Mirabello, 6.8.63)	200
73.	Dom Bosco comenta S. Paulo para os seus aprendizes (aos aprendizes do Oratório e ao P. Lazzero, 20.1.74)	202
74.	"Caríssimos estudantes, sois donos do meu coração" (aos estudantes do Oratório e ao P. Cinzano, 7.3.74)	203
75.	Boas-festas de ano novo "aos amados filhos de Mirabello" (aos jovens do seminário S. Carlos de Mirabello, 30.12.63)	205
76.	"Dai-me o vosso coração para que possa oferecê-lo a Jesus" (aos jovens do seminário S. Carlos de Mirabello, 30.12.64)	207
77.	"Estarei entre vós como pai, amigo e irmão" (aos jovens de Mirabello, sem data)	209
78.	"Prolongados aplausos a todos os meus queridos filhos de Lanzo" (aos jovens de Lanzo, 25.6.66)	211
79.	Um programa para o ano: saúde, estudos sérios, bom procedimento (a todos os membros do colégio de Lanzo, começo de 75)	212
80.	"Vós me roubastes o pobre coração" (a todos os membros do colégio de Lanzo, 3.1.76)	215

81.	“O paraíso terrestre e o paraíso celeste juntos” (ao P. Borio e alunos do colégio de Lanzo, 16.1.83)	216
82.	Também aos filhos da América: “Tornar-vos-eis todos santos?” (aos jovens do colégio S. Nicolas de los Arroyos — Argentina, 16.7.77)	216

Siglas e abreviações

TERCEIRA PARTE

UMA PROPOSTA DE SANTIDADE CRISTÃ APOSTÓLICA		219
83.	Citações e máximas mais freqüentes	223
I. A TODOS OS CRISTÃOS		229
84.	Deus é Amor misericordioso. Exercício de Devo- ção à misericórdia de Deus (1846)	229
85.	Cristo é o nosso modelo vivo	234
	A chave do paraíso (1856)	234
	O mês de maio (1858)	237
86.	Maria é a Mãe que nos conduz ao seu Filho	238
87.	Ser filho de Deus significa amar ativamente os irmãos	241
88.	Programa de cristianismo ativo. Esquema de pregação	246
89.	Retrato de apóstolo: confiança somente em Deus, zelo, amabilidade. Panegírico de São Filipe Neri maio de 1868)	247
II. AOS COOPERADORES SALESIANOS		255
90.	Uma regra de vida cristã apostólica para leigos. O projeto dos “Associados” (1873)	257
91.	O Regulamento definitivo (12 de julho de 1876) da Pia União dos Cooperadores Salesianos	260
92.	“Cooperadores Salesianos”: que significa? Do “Bollettino Salesiano” (set. de 1877)	263
93.	Grandeza e recompensa da caridade em favor da juventude. Primeira conferência aos Cooperado- res de Turim (16 de maio de 1878)	266
94.	“Não tenho a ousadia de mudar a doutrina de Cristo”. Conferência aos Cooperadores de Marse- lha (17 de fevereiro de 1881)	267

95.	"Eu digo que quem não dá o supérfluo rouba o Senhor." Conferência aos Cooperadores de Lucca (8 de abril de 1882)	270
III.	CARTAS A SACERDOTES, RELIGIOSAS, COOPERADORES, AMIGOS	273
96.	"Senhor Arcipreste, não seja tão modesto assim!" (ao cônego Pedro José De Gaudenzi, natal de 51)	274
97.	A um ministro protestante: oferta de amigo sincero (a Luís De Sanctis, 17 de nov. de 54)	276
98.	Três breves cartas a um seminarista: "Comportate como homem!" (a Domingos Ruffino, 15.6.56, 31.7.57, 28.12.58)	278
99.	"Como Deus é o patrão, devemos deixá-lo mandar" (à duquesa Constância de Montmorency-Laval, 12.8.56)	279
100.	"Há semanas que vivo de esperança e aflição" (à marquesa Maria Assunta Fassati, 3.9.63)	280
101.	Importância de experimentar a alegria de estar com Deus (ao conde Hugo Grimaldi de Bellino, 24.9.62) ..	281
102.	"Senhora condessa, estou cansado, mas não abatido" (à condessa Carlota Gabriela Callori, 24.7.65) ...	283
103.	"Nunca deixar passar um dia sem fazer breve leitura espiritual" (ao conde César Callori, 6.9.67)	284
104.	"Condessa, Maria SS. quer ser ajudada pela senhora" (à condessa Callori, 3.8.70)	285
105.	Preguiçoso, Dom Bosco? Votos de boa saúde (à condessa, 3.10.71)	
106.	Dom Bosco convalescente agradece com uma poesia (à condessa, 15.1.72)	287
107.	"Comer, dormir, passear... Assim iremos para a frente!" (à condessa, 14.11.73)	288
108.	Esse enteado que se diverte alegremente em Roma (à condessa, 8.3.74)	289
109.	"Reconheço com prazer que a senhora está ainda conosco no exílio" (à condessa, 28.6.82)	290

110.	A um sacerdote. Encorajamento a que confesse com entusiasmo (ao P. Rafael Cianetti, 20.7.66)	290
111.	A uma religiosa. Alguns fósforos para quem anda tibio (à Irmã Maria Margarida, 22.7.66)	291
112.	Uma noviça deve exercitar-se na humildade (à Madre Madalena Maria Vitelleschi, 27.11.66)	292
113.	“Coragem, confiança em Deus” quanto ao trabalho e à família	292
114.	A um pai de família: maior paciência e serenidade (ao marquês Inácio Pallavicini, set. de 67)	294
115.	“Um pouco de filosofia” com um querido ex-aluno (a João Turco, 23.10.67)	295
116.	Ao conde e à condessa: plena confiança em Maria Auxiliadora (aos condes Bentivoglio, 18.7 — 29.9.66 — 30.9.66 — 16.2.67 — 3.5.68)	296
117.	“A piedade, a caridade e a cortesia dos Florentinos” (à condessa Jerônima Ugucioni Gherardi, 22.1.66)	299
118.	Afligir-se somente no caso de ofensa ao Senhor (à mesma condessa, 30.4.71)	301
119.	“Espero que Deus a fará uma grande santa” (à mesma condessa, 9.10.72)	302
120.	Pêsames de um santo a uma viúva (à mesma condessa, 10.8.75)	303
121.	“Irei à casa onde há tantas lembranças agradáveis” (à condessa, 2.12.76)	304
122.	“Continue a rezar por este pobrezinho” (à condessa, 6.10.81)	305
123.	“As chagas na família se devem medicar, não amputar” (a uma benfeitora, 11.9.69)	306
124.	“As couves transplantadas crescem mais e se multiplicam” (a uma superiora da Visitação, 27.10.69)	307
125.	Três bilhetes à condessa de Camburzano (à condessa Alexandra di Camburzano, 26.12.60 — 6.4.70 — 9.1.87)	308
126.	A uma viúva de 24 anos: “A morte não é separação, mas adiamento do encontro” (à marquesa Maria Gondi, 28.5.70)	309

127.	"Faz muito quem no pouco faz a santa vontade de Deus". (ao Sr. Luis Casanego Merli, 13.7.70)	311
128.	"Para a senhora a paciência de Jó, para o Conde a idade de Matusalém) (à condessa Radicati de Passenano, 7.12.70)	312
129.	São João Evangelista, colega do professor (a Tomás Vallauri, 10.12.70)	312
130.	Outra "boa mamãe": a condessa Gabriella Corsi de Bornasco (12.8.72)	313
131.	"O precioso dom da santidade e a outra graça ainda mais preciosa..." (ao conde César Balbo, 12.8.72)	315
132.	"Nem sequer uma hora de férias em todo este ano" (à condessa Corsi, 22.10.78)	316
133.	Pensamentos de dois peregrinos reconhecidos (aos cônjuges Alexandre e Matilde Sigismondi, 14.3.74)	318
134.	Como escolher um marido (à Sr.ta Bárbara Rostagno, 27.6.74)	320
135.	"Beatíssimo Padre, os Salesianos são vossos" (ao Papa Pio IX, 3.6.77)	320
136.	Como quebrar a ponta dos espinhos (a Mons. Teodoro Dalfi, 12.10.76)	321
137.	Conselhos a um novo pároco (ao P. Perino, 8.5.76)	322
138.	Conselhos a um novo bispo (a D. Eduardo Rosaz, 7.2.78)	322
139.	Conselhos a um novo Papa (ao Papa Leão XIII, 20.2.78)	324
140.	"Corro à frente até à temeridade" (ao Sr. Carlos Vespignani de Lugo, 11.4.77)	325
141.	A mamãe Vespignani: "Tomo o lugar de José" (30.11.77)	326
142.	"Venha como irmão, e terá muitos irmãos mais um pai" (ao P. Faustino Confortola, 27.1.78)	327
143.	A um pároco descoroçoado: "Cristo está vivo!" (a um pároco de Forli, 25.10.78)	328
144.	Como um santo responde a um adversário (ao teólogo Angelo Rho, 24.7.79)	329

145.	A um melro que regressa ao ninho (a Giacomo Ruffino, 17.4.80)	330
146.	"Marquesa, gaste de boa vontade: os juro são de cento por um" (à marquesa Mariana Zambeccari, 27.6.80)	331
147.	É possível ser excessivamente afeiçoado a um filho? (ao advogado Luís Antonio Fleury Colle, 22.5.81)	331
148.	"Tive a consolação de ver e ouvir Luís". (aos condes Colle, 3.7 — 30.7.82 — 23.8.84 — 10.8.85 — 8.9.86 — 23.9.86)	333
149.	"Convite para a minha missa cinquentenária" (ao cavalheiro Carlos Fava, 4.7.81)	335
150.	"O Evangelho não diz: Prometei e vos será dado..." (à marquesa Vernon Bonneuil, 8.9.81)	336
151.	A um israelita: "A caridade do Senhor não tem limites" (ao Sr. Antônio Calabria, 4.12.81)	337
152.	Rezar, e dispor-se a dizer: "Fiat voluntas tua" (ao cônego José Cavina, 8.6.82)	338
153.	"Desejo que a senhora morra pobre e totalmente desapegada" (à Sra. Bernardina Magliano Sollier, 3.7 — 8.9.82)	339
154.	O maior ato de obediência e de humildade de D. Bosco (ao arcebispo D. Lourenço Gastaldi, 8.7.82)	340
155.	Ao novo arcebispo: "A Congregação será sempre toda sua". (ao card. Gaetano Alimonda, 7.8.84)	342
156.	"Um presente de dez ou doze mil liras... melhor a segunda cifra" (à condessa Bonmartini, 18.12.83)	343
157.	"É agradável a Deus servir-se de uma comida delicada por obediência". (às Sr.as Lallemand, 5.2.84)	344
158.	"Não tem vocação para fazer-se religiosa, mas para fazer-se santa" (à Sr.ta Clara Louvet, 17.6.82 — 9.9.83 — 17.9.83 — 6.11.84 — 20.12.84 — 21.2.85 — 9.12.86 — 12.6.87 — 4.7.87)	345

QUARTA PARTE

UMA PROPOSTA DE SANTIDADE RELIGIOSA APOSTÓLICA	349
I. AS CONSTITUIÇÕES SALESIANAS	335

159.	Juntos, plenamente disponíveis para servir aos jovens. Primeiro projeto de Constituições (1858)	355
160.	É melhor ter falta de educadores que ter incapazes	360
161.	Mantenhamos a todo o custo esta heróica consagração	363
162.	A obediência salesiana	365
163.	A pobreza salesiana	367
164.	A castidade salesiana	369
165.	A piedade salesiana	371
166.	Não arruinar a comunidade	373
II.	PREGACÕES CONFERÊNCIAS E CIRCULARES AOS SALESIANOS	375
167.	Com que disposições entrar na Sociedade. Carta circular, 9.6.67	376
168.	A oração e as orações do Salesiano	379
	Apontamentos de pregações	379
	Os três tipos de orações	379
	Oração da nossa Sociedade	380
	Os exercícios cotidianos de piedade	381
169.	"Argumentos para os pregadores dos nossos S. Exercícios"	383
170.	Aos primeiros missionários: "Procurai almas". Lembranças, 11.11.75	384
171.	Jesus Salvador, Maria SS. e S. Francisco de Sales invocados para o primeiro Capítulo geral, set. de 1877	386
172.	"A César o que é de César, a Deus o que é de Deus". Duas intervenções no Capítulo geral, set. e out. de 1877	388
173.	Um sonho: S. Francisco de Sales faz-se mestre de Dom Bosco. Sonho de 9 de maio de 1879	391
174.	Não se vai de carro para o céu. Carta circular aos Salesianos e às FMA, 6.1.84	395
175.	Carregar alegremente a cruz. Última conferência às FMA, 23 de agosto de 1885	398
176.	Lembranças confidenciais aos diretores salesianos	400
III.	CARTAS A SALESIANOS	407
177.	"Faze passar a melancolia com esta canção de S. Paulo" (a João Bonetti, 20.7.63)	408

178.	"Um doente deve descansar bem, para depois trabalhar" (ao P. Bonetti, 11.64)	409
179.	Saber conservar a paciência e saber combater (ao P. Bonetti, 6.6.70 — 27.7.71)	409
180.	"Que todos aqueles aos quais falas se tornem teus amigos" (ao P. Bonetti, 30.12.74 — 15.1.75)	410
181.	Programa de vida para um jovem Salesiano (ao clérigo Júlio Barberis, 6.12.65)	411
182.	Dois modos de pedir obediência (ao P. Rua, sem data — ao P. Provera, sem data)	412
183.	A um jovem salesiano desanimado: perseverar (a Pedro Guidazio, 13.9.70)	413
184.	A um jovem professor salesiano (a Hermínio Borio, 16.1.71 — 28.1.75)	414
185.	A um jovem salesiano: férias proveitosas (ao clérigo José Giulitto, 26.9.71)	415
186.	Uma fraqueza que Dom Bosco não pode vencer (ao P. Rua, 9.2.72)	416
187.	A um jovem salesiano que venceu as suas tentações (ao clérigo João Tamiatti, 25.4.72)	417
188.	A um noviço: "Agora és pequeno, mas te tornarás grande". (a Luís Piscetta, 22.2.74)	418
189.	A um professor descontente com os seus alunos (ao P. José Bertello, 9.4.75)	418
190.	A um jovem salesiano tomado de dúvida (a Luís Nai, 24.5.75)	419
191.	"Um missionário deve ser capaz de suportar um pouco de antipatia" (ao P. Domingos Tomatis, 7.3.76)	420
192.	O superior é também poeta (ao clérigo João Rinaldi, 27.11.76)	421
193.	"Continua, coragem, Deus está contigo" (ao coadjutor José Buzzetti, 20.1.77)	422
194.	Diversos conselhos a um missionário sacerdote (ao P. Tadeu Remotti, 11.11.77 — 31.12.78 — 31.1.81)	422
195.	A um missionário coadjutor desanimado (a Bartolomeu Scavini, 1.12.77)	424
196.	A um missionário tentado: Coragem, avante! (O editor da carta omitiu o nome, 12.1.78)	425

197.	Cartas a três novos diretores (Ao P. José Bologna, 26.6.78 — ao P. Pedro Perrot, 2.7.78 — ao P. João Marenco, 22.7.78)	426
198.	Os noviços, “alegria e coroa” de Dom Bosco (ao P. Barberis, mestre dos noviços, 10.1.79 — 16.4.80)	428
199.	Bilhete a um jovem salesiano: “Se me amas...” (ao clérigo Eugênio Armelonghi, 9.2.79)	430
200.	Ao diretor de Varazze: “Governa bem os teus tentilhões” (ao P. José Monateri, 8.6.80)	430
201.	Bilhetes a três jovens missionários (a José Quaranta, 31.1.81 — a Antônio Paseri, 31.1.81 — a Bartolomeu Panaro, 31.1.81)	431
202.	“Colocai os vossos espinhos com os da coroa de Jesus” (à Ir. Madalena Martini, 8.8.75)	432
203.	Bombons a distribuir, “amaretti” a conservar (à Madre Daghero, 12.8.81)	433
204.	“Não mando dizer, digo-o eu mesmo” (à Madre Daghero, 25.12.83)	434
205.	Empenhar-se como religiosa é coisa que se deve levar a sério (à Ir. Eulália Bosco, 20.8.84)	435
206.	As verdadeiras penitências salesianas (ao P. Nicola Fenoglio, 13.7.82)	436
207.	“A vossa partida despedaçou-me o coração” (ao P. Tiago Costamagna, 12.11.83)	436
208.	“Quero que todos os meus filhos sirvam ao senhor com santa alegria” (ao clérigo João Beraldi, 5.10.85)	437
209.	“Nada temas, Deus está conosco” (ao P. Estêvão Febraro, 30.10.85)	438

QUINTA PARTE

ÚLTIMAS PALAVRAS DO SERVIDOR	441
I. AS CINCO ÚLTIMAS CARTAS AOS SUPERIORES MISSIONÁRIOS	445
210. A Dom Cagliari: “Caridade, paciência, doçura, pobreza” (6.8.85)	445
211. Ao P. Costamagna: “A todos muita liberdade e muita confiança” (10.8.85)	447
212. Ao P. Fagnano: “A Igreja é a tua Mãe” (10.8.85)	449

213.	Ao P. Tomatis: "Não basta saber as coisas, é preciso praticá-las" (14.8.85)	451
214.	Ao P. Lasagna: "Queremos almas e nada mais" (30.9.85)	453
II.	O "TESTAMENTO ESPIRITUAL"	455
	A) Recomendações de pastoral prática	456
215.	B) Como agir com os benfeitores	456
216.	C) Que se deverá fazer à morte de Dom Bosco	457
217.	D) Recomendações várias aos superiores e aos sócios	461
218.	E) Recomendações para a pastoral das vocações	464
219.	F) Avisos para os escritos de Dom Bosco	465
220.	G) Cartas a benfeitores (à condessa Gabriela Corsi, 87)	466
221.	H) Recomendações para a vida de comunidade	467
	D) Recomendações "para as Irmãs de Maria Auxiliadora"	471
222.	J) Recomendações diversas: clareza, pobreza, perdão	471
223.	K) Últimas páginas: profissão de fé e de humildade, o futuro	473
III.	"ULTIMA VERBA"	477
224.	A ajuda mútua entre pai e filho (ao P. Viglietti, 4.11.87)	478
225.	Breves pensamentos em santinhos a serem enviados a Cooperadores	478
226.	Últimas recomendações escritas aos Cooperadores e Cooperadoras	479
227.	Palavras proferidas nas primeiras semanas de dezembro	480
228.	De 20 à tarde a 31 de dezembro: o mal piora	481
229.	De 1.º a 20 de janeiro de 1888: uma trégua benigna	485
230.	De 21 a 31 de janeiro: o fim	486
	ÍNDICE LÓGICO DOS TEMAS	491
	ÍNDICE DAS CITAÇÕES BÍBLICAS E PATRÍSTICAS	505

